



**PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DO PARANÁ (PUCPR)  
ESCOLA DE EDUCAÇÃO E HUMANIDADES  
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM TEOLOGIA – PPGT PUCPR**

**ALCEU LUIZ ORSO**

**AS RELAÇÕES DE JESUS COM “OS DOZE”, A PARTIR DA  
PREGAÇÃO NA GALILEIA, NO CAMINHO, ATÉ A CHEGADA EM  
JERUSALÉM, CONFORME O EVANGELHO DE MARCOS 1,14 – 10,52**

**CURITIBA  
2018**



**ALCEU LUIZ ORSO**

**AS RELAÇÕES DE JESUS COM “OS DOZE”, A PARTIR DA  
PREGAÇÃO NA GALILEIA, NO CAMINHO, ATÉ A CHEGADA EM  
JERUSALÉM, CONFORME O EVANGELHO DE MARCOS 1,14 – 10,52**

Tese de Doutorado apresentada ao programa de Pós-Graduação em Teologia, na área; Bíblia e Evangelização na Escola de Educação e Humanidades da Pontifícia Universidade Católica do Paraná (PUCPR), como requisito parcial para obtenção do título de Doutorado em Teologia.

Orientador  
**Prof. Dr. VICENTE ARTUSO**

**CURITIBA  
2018**

Dados da Catalogação na Publicação  
Pontifícia Universidade Católica do Paraná  
Sistema Integrado de Bibliotecas – SIBI/PUCPR  
Biblioteca Central

O76r  
2018

Orso, Alceu Luiz

As relações de Jesus com "os Doze", a partir da pregação na Galileia, no caminho, até a chegada em Jerusalém, conforme o Evangelho de Marcos 1,14 – 10,52 / Alceu Luiz Orso ; orientador: Vicente Artuso. – 2018.  
288 f. ; 30 cm

Tese (doutorado) – Pontifícia Universidade Católica do Paraná, Curitiba,  
2018

Bibliografia: f. 262-288

1. Teologia. 2. Evangelização. 3. Pregação. 4. Evangelho.  
I. Artuso, Vicente. II. Pontifícia Universidade Católica do Paraná. Programa de Pós-Graduação em Teologia. III. Título

CDD 22. ed. - 230



ATA DA SESSÃO PÚBLICA DE EXAME DE TESE Nº. 16  
DEFESA PÚBLICA DE TESE DE DOUTORADO DE  
ALCEU LUIZ ORSO

Aos vinte e oito dias, do mês de fevereiro de dois mil e dezoito, às nove horas reuniu-se na sala 7 de pós-graduação - Segundo andar da Escola de Educação e Humanidades da Pontifícia Universidade Católica do Paraná, a banca examinadora constituída pelos professores: Vicente Artuso, Luiz Alexandre Solano Rossi, Luiz José Dietrich, Valmor da Silva e Jaziel Guerreiro Martins, para examinar a tese do candidato Alceu Luiz Orso, ingressante no Programa de Pós-graduação em Teologia - Doutorado, no primeiro semestre de dois mil e quatorze. Linha de pesquisa: Bíblia e Evangelização. O doutorando apresentou a Tese intitulada: "AS RELAÇÕES DE JESUS COM "OS DOZE", A PARTIR DA PREGAÇÃO NA GALILÉIA, NO CAMINHO, ATÉ A CHEGADA EM JERUSALÉM NO EVANGELHO DE MARCOS (1,14-10,52). "O Candidato fez uma exposição sumária da Tese, em seguida procedeu-se à arguição pelos Membros da Banca e, após a defesa. O Candidato foi aprovado pela Banca Examinadora. A sessão encerrou-se às 11 h 15 min. Para Constar, lavrou-se presente Ata, que vai assinada pelos Membros da Banca Examinadora.

Prof. Dr. Vicente Artuso Vicente Artuso

Presidente/Orientador

Prof. Dr. Luiz Alexandre Solano Rossi Luiz Alexandre Solano Rossi

Convidado Interno

Prof. Dr. Luiz José Dietrich Luiz José Dietrich

Convidado Interno

Prof. Dr. Valmor da Silva Valmor da Silva

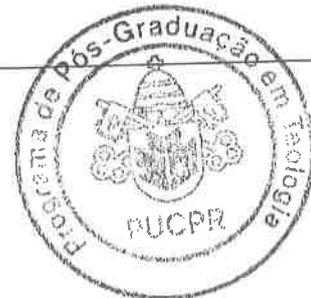
Convidado Externo

Prof. Dr. Jaziel Guerreiro Martins Jaziel Guerreiro Martins

Convidado Externo

CIENTE

Prof. Dr. Alex Vicentim Villas Boas  
Coordenador do Programa de Pós-Graduação em Teologia- *Stricto Sensu*  
PPGT - PUCPR





## ABREVIATURAS

### Abreviaturas remissivas

apud.	citado por (citação de segunda mão)
AT	Antigo Testamento
cap.	capítulo
cf.	confira, compare
ed.	edição, editor
et al.	e outros (obras com vários autores)
ev.	evangelho
ibid.	no mesmo lugar
id.	o mesmo autor
in.	dentro da obra, artigo
NT	Novo Testamento
op.cit.	o mesmo autor, mesma obra, mesmo ano.
org.	organizador
p. (pp.)	página(s)
ss.	seguintes
TCC	trabalho de conclusão do curso
trad.	tradução
v. (vv.)	versículo(s)
vol.	volume

### Abreviaturas dos livros Bíblicos Ex

	Êxodo
Nm	Números
Dt	Deuteronômio
Is	Isaías
Dn	Daniel
Ez	Ezequiel
Mc	Marcos
Mt	Mateus
Lc	Lucas
Jo	João
At	Atos dos Apóstolos
1Cor	Primeira Carta aos Coríntios
Ap	Apocalipse



## **BANCA EXAMINADORA**

Dr. VICENTE ARTUSO  
Presidente e Orientador - PUCPR

### **Professores internos**

Dr. LUIZ JOSÉ DIETRICH  
PUCPR

Dr. LUIZ ALEXANDRE SOLANO ROSSI  
PUCPR

### **Professores externos**

Dr. JAZIEL GUERREIRO MARTINS  
FABAPAR - Curitiba

Dr. VALMOR DA SILVA  
PUC - Goiás

## RESUMO

Esta pesquisa é um estudo e uma análise dos textos bíblicos do Evangelho de Marcos que narram as relações de Jesus com “os Doze” a partir do início da vida pública na Galileia até a chegada em Jerusalém (Mc 1,14 – 10,52). A tese de Doutorado tem por objetivo analisar os textos de Marcos em que aparece a expressão “os Doze” e o nome de alguns de “os Doze” a partir da Galileia até a chegada em Jerusalém. Desta forma, procurando entender o sentido e o significado destas relações. A pesquisa valorizou as publicações realizadas sobre “os Doze” no Evangelho de Marcos. A importância deste grupo “os Doze” na vida pública de Jesus que prega na Palestina. A expressão “os doze” nos livros do Novo Testamento.

Os resultados alcançados foram uma melhor compreensão dos relatos, evidenciando o fato de Jesus com sua palavra constituiu e em seguida enviou “os Doze” (Mc 3,13-19; Mc 6,6b-13), as relações de Jesus com “os Doze” e “os Doze” para com Jesus. No início da vida pública, Jesus chama quatro primeiros discípulos. A constituição do grupo dos Doze, é possível fazer um paralelismo com os doze patriarcas e as doze tribos de Israel. Aqui existem doze homens que têm um papel especial para o anúncio do Evangelho. Trata-se de responder estas duas perguntas: Quais foram as relações de Jesus para com este grupo e deste grupo para com Jesus?

No caminho de Jesus para Jerusalém surgem por parte de “os Doze” incompreensões, dúvidas, incertezas e interrogações. Há nos lábios dos Doze perguntas a respeito da pessoa e da missão de Jesus. Jesus propõe um novo ensinamento a respeito do Messias que deve sofrer, morrer e ressuscitar. Jesus está a caminho *“Jesus partiu..... para as aldeias de Cesareia de Filipe”* (Mc 8,27). *“Tendo partido dali, caminhava através da Galileia”* (Mc 9,30). *“Chegaram a Cafarnaum”* (Mc 9,33). É o caminho da Cruz. A cruz faz parte deste caminho. Sem a cruz é impossível entender quem é Jesus e o que significa seguir a Jesus. Caminho de sofrimento – morte – ressurreição. Nesta caminhada as incompreensões por parte dos Doze se tornaram mais intensas.

Os Doze seguem a Jesus nesta caminhada da Galileia para Jerusalém. É o caminho da entrega, da compaixão, do serviço, da disponibilidade, da aceitação do conflito, da humanização, do amor, sabendo que há ressurreição. A compreensão plena do seguimento a Jesus se dá pelo compromisso prático, caminhando com Jesus no caminho do serviço desde a Galileia até Jerusalém.

**Palavras-chave:** Relações, os Doze, seguimento, caminho, da GALILEIA para Jerusalém.

## ABSTRACT

This research is a study and an analysis of the texts of Mark's Gospel that narrate the relationship between Jesus and "The Twelve." from the beginning of the public life in Galilee to the arrival in Jerusalem (Mc 1,14 - 10, 52) The purpose of this doctoral thesis is to analyse the texts of Mark's Gospel in which the expression "The Twelve" and the name of some of "The Twelve" appear; from the beginning in Galilee until the arrival in Jerusalem. Thus, trying to understand the essence and meaning of these relationships. Our research values the publications about "The Twelve." in Mark's Gospel, the importance of this group of twelve in the public life of Jesus during his ministry in Palestine and the expression "The Twelve" in the New Testament books.

The results achieved were a better understanding of the narratives which evidence that Jesus' preaching formed "The Twelve" as missionaries (Mc 3,13-19; Mc 6,6b-13), Jesus' relationship with "The Twelve" and "The Twelve" towards Jesus. At the beginning of his public life, Jesus calls the first four disciples. Through the formation of the group of twelve, it is possible to make a parallelism with the twelve Patriarchs and the twelve tribes of Israel. Here there are twelve men, who have the special role to announce the Gospel. This answers two questions: What were the attitudes of Jesus towards this group and of this group towards Jesus?

During Jesus journey to Jerusalem, misunderstandings, doubts, uncertainties and questions appear for the "Twelve". There are on the lips of the Twelve questions that arose about the person and mission of Jesus. Jesus proposes a new preaching about the Messiah, who must suffer, die and be resurrected. Jesus is on his way: "*Jesus departed... to the villages of Caesar Philip*" (Mc 8,27); "*Having departed from there, he walked across Galilee*" (Mc 9,30). "*They arrived in Cafarnaum*" (Mc 9,33). It is the way of the Cross. The Cross is part of this way. Without the Cross it is impossible to understand who Jesus is and what it means to follow Jesus: The suffering-death-resurrection Way. On this journey, the misunderstandings on the part of the Twelve became more intense.

"The Twelve" follow Jesus on this journey from Galilee to Jerusalem. It is the path of surrender, compassion, service, availability, acceptance of conflict, humanization, love, knowing that there is resurrection. The full understanding of following Jesus is through practical commitment, walking with Jesus on the journey of service from Galilee to Jerusalem.

Keywords: Relationships, The Twelve, Following, Way, From Galilee to Jerusalem

## SUMÁRIO

TEMA DA TESE .....	01
ABREVIATURAS.....	03
RESUMO.....	05
ABSTRACT.....	06
INTRODUÇÃO À TESE .....	17
PRIMEIRO CAPÍTULO.....	24
SEGUNDO CAPÍTULO .....	100
TERCEIRO CAPÍTULO .....	183
CONCLUSÃO DA TESE .....	254
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS .....	262

## **PRIMEIRO CAPÍTULO**

### **FUNDAMENTAÇÃO E DELIMITAÇÃO DA TESE**

<b>1. REVISÃO BIBLIOGRÁFICA.....</b>	<b>24</b>
<b>2. HISTORICIDADE “OS DOZE” .....</b>	<b>34</b>
1. Diversos estudos sobre os critérios de historicidade.....	34
2. Aplicação de alguns dos critérios da historicidade do grupo “os Doze“ (τοῦς δώδεκα).....	35
<b>3. ANÁLISE DO GRUPO “OS DOZE” CONSTITUÍDO POR JESUS.....</b>	<b>42</b>
1. Os lugares em que aparece a expressão “os Doze” no Novo Testamento, referindo-se ao grupo constituído por Jesus.....	42
2. Quadro sinótico da presença de “os doze” (τοῦς δώδεκα) no Novo Testamento.....	42
3. Uma antiga tradição da fonte Quelle.....	59
4. A expressão “os Onze” .....	60
<b>4. ANÁLISE COMPARATIVA DOS QUATRO ELENÇOS DOS NOMES DE “OS DOZE” .....</b>	<b>63</b>
1. As quatro listas dos nomes de “os Doze” .....	63
2. A lista dos nomes de “os Doze” no Evangelho de João .....	71
3. Análise comparativa do elenco das quatro listas de “os Doze” nos Evangelhos Sinóticos e no Livro dos Atos dos Apóstolos.....	73
4. Quadro sinótico da presença “os Doze”, “o nome de alguns dos Doze”, “apóstolos” “discípulos”, “eles” no Evangelho de Marcos (1,14 – 10,52).....	76
<b>5. “OS DOZE”, “OS APÓSTOLOS”, “OS DISCÍPULOS” .....</b>	<b>84</b>
<b>6. VÁRIAS ESTRUTURAS DO EVANGELHO DE MARCOS.....</b>	<b>91</b>
<b>7. DELIMITAÇÃO DA TESE.....</b>	<b>95</b>
1. A partir do critério geográfico.....	95
2. A partir do critério “os Doze” .....	97

## **CAPÍTULO SEGUNDO**

**AS RELAÇÕES DE JESUS PARA COM OS DOZE, E “OS DOZE” PARA COM JESUS, A PARTIR DA PREGAÇÃO NA GALILEIA, NO CAMINHO, ATÉ A CHEGADA EM JERUSALÉM, CONFORME O EVANGELHO DE MARCOS 1,14 – 10,52**

<b>1. CONSTITUIÇÃO DO GRUPO DE “OS DOZE” (τοῦς δώδεκα) (Mc 3,13-19).....</b>	<b>102</b>
1. Contexto anterior, posterior e delimitação da perícopes (Mc 3,13-19).....	104
2. Estrutura da perícope da constituição dos Doze (Mc 3,13-19).....	108
3. A lista dos Doze.....	110
4. Relação entre os relatos da constituição dos Doze (Mc 3,13-19) com o relato do envio em missão (Mc 6,6b-13).....	114
5. As relações de Jesus para com os Doze (Mc 3,13-19).....	134
<b>2. “OS DOZE” (τοῦς δώδεκα) PERGUNTARAM SOBRE AS PARÁBOLAS (Mc 4,10-12).....</b>	<b>123</b>
1. Delimitação do discurso em parábolas (Mc 4,1-34).....	124
2. Estrutura da narrativa do discurso em parábolas (Mc 4,1-34).....	125
3. “ <i>Os que estavam junto dele com os Doze</i> ”, o interrogaram sobre as parábolas (Mc 4,10).....	126
4. As relações entre os personagens da perícope (Mc 4,10-12).....	130
<b>3. “OS DOZE” (τοῦς δώδεκα) SÃO ENVIADOS EM MISSÃO (Mc 6,6b-13)...</b>	<b>134</b>
1. Introdução.....	134
2. Contexto anterior, posterior e delimitação da perícope “Os Doze” eem missão (Mc 6,6b-13).....	137
3. Estrutura da perícope do envio dos Doze em missão (Mc 6,6b-13).....	141
4. As relações de Jesus para com os Doze no envio em missão (Mc 6,6b-13).....	143
<b>4. O RETORNO DE “OS DOZE” (τοῦς δώδεκα) EM MISSÃO (Mc 6,30-34)...</b>	<b>146</b>
1. Introdução.....	146
2. Delimitação da perícope do retorno dos Doze em missão (Mc 6,30-34).....	148
3. A estrutura da perícope do retorno dos Doze em missão (Mc 6,30-34).....	148
4. Relações dos Doze para com Jesus (Mc 6,30).....	149
5. Relações de Jesus para com os Doze (Mc 6,31-34).....	150
<b>5. A PRIMEIRA MULTIPLICAÇÃO DOS PÃES (Mc 6,35-44).....</b>	<b>152</b>
1. Breve recapitulação: As atitudes de Jesus.....	152
2. Os “discípulos” em (Mc 6,35) são os Doze?.....	152
3. A primeira multiplicação dos pães (Mc 6,35-44).....	153
4. Delimitação da perícope da primeira multiplicação dos pães (Mc 6,35-44).....	155
5. Estrutura da perícope da primeira multiplicação dos pães (Mc 6,35-44).....	156
6. Relações dos Doze para com Jesus na primeira multiplicação dos pães (Mc 6,35-44).....	156

<b>6. AS INCOMPREENSÕES DE “OS DOZE” (τοῦς δώδεκα) A PARTIR DA CURA DO CEGO DE BETSAIDA À CURA DO CEGO DE JERICÓ (Mc 8,22 – 10,52).....</b>	<b>160</b>
1.Introdução.....	160
2. Delimitação do texto bíblico da secção (Mc 8,22 – 10,52).....	165
3. Uma possível estrutura a partir do critério dos três anúncios da paixão.....	166
4. As incompreensões dos Doze após o segundo anúncio da paixão (Mc 9,33-37) e no terceiro anúncio da paixão (Mc 10,32-34).....	168
5. Uma possível comparação nos três anúncios da paixão no Evangelho de Marcos....	171
<b>7. AS ATITUDES DOS DOZE APÓS O SEGUNDO ANÚNCIO DA PAIXÃO (Mc 9,33-37).....</b>	<b>172</b>
1. Introdução.....	173
2. “Os seus discípulos” em (Mc 9,31) são os Doze em (Mc 9,35)?.....	173
3. Estrutura da perícopre Mc 9,33-37.....	173
4. Relações de Jesus com os Doze (Mc 9,33-37).....	174
5. Relações dos Doze para com Jesus (Mc 9,33-37).....	176
<b>8. AS RELAÇÕES DOS DOZE NO TERCEIRO ANÚNCIO DA PAIXÃO (Mc 10,32-34).....</b>	<b>178</b>
Introdução.....	178
2. Delimitação e estrutura do terceiro anúncio da paixão (Mc 10,32-34).....	179
3. Relações de Jesus com os Doze (Mc 10,32-34).....	179
4. Relações dos Doze para com Jesus (Mc 10,32-34).....	180

## **TERCEIRO CAPÍTULO**

**AS RELAÇÕES DE JESUS COM ALGUNS DOS DOZE A PARTIR DA PREGAÇÃO NA GALILEIA, NO CAMINHO, ATÉ A CHEGADA EM JERUSALÉM (Mc 1,14 – 10,52)**

<b>1. INTRODUÇÃO .....</b>	<b>184</b>
<b>2. SIMÃO E ANDRÉ, TIAGO E JOÃO. O CHAMADO DOS QUATRO PRIMEIROS DISCÍPULOS PARA O SEGUIMENTO (Mc 1,16-20).....</b>	<b>186</b>
1. Introdução.....	186
2. Delimitação da perícopes (Mc 1,16-20).....	191
3. Estrutura da perícopes (Mc 1,16-20).....	193
4. Aspectos literários da perícopes (Mc 1,16-20).....	194
5. Uma possível análise pelo método da crítica literária (Mc 1,16-20).....	198
6. Relações de Jesus para com os quatro primeiros discípulos (Mc 1,16-20).....	199
7. Relações dos quatro primeiros discípulos para com Jesus (Mc 1,16-20).....	202
<b>3. LEVI É CHAMADO PARA O SEGUIMENTO (Mc 2,13-17).....</b>	<b>204</b>
1. Introdução.....	204
2. Delimitação da perícopes (Mc 2,13-17).....	204
3. Estrutura da perícopes do chamado de Levi (Mc 2,13-17).....	207
4. Possíveis análises do chamado de Levi (Mc 2,13-17).....	208
5. Relações de Jesus para com Levi (Mc 2,13-17).....	211
6. Relações de Levi para com Jesus (Mc 2,13-17).....	213
<b>4. PEDRO, TIAGO E JOÃO ESTÃO PRESENTES NO MILAGRE DA RESSURREIÇÃO DA FILHA DE JAIRÓ (Mc 5,35-43).....</b>	<b>215</b>
1. Introdução.....	215
2. Delimitação da perícopes do milagre da ressurreição da filha de Jairo (Mc 5,35-43).....	217
3. Estrutura da perícopes do milagre da ressurreição da filha de Jairo (Mc 5,35-43).....	217
4. Atitudes de Jesus na perícopes (Mc 5,35-43).....	218
5. A presença de três dos Doze na perícopes (Mc 5,35-43).....	219
<b>5. PEDRO CONFESSA: “TU ÉS O CRISTO” (Mc 8,27-30).....</b>	<b>220</b>
1. Introdução.....	220
2. Delimitação da perícopes (Mc 8,27-30).....	222
3. Estrutura da perícopes (Mc 8,27-30).....	222
4. Relações de Jesus para com os Doze (Mc 8,27-30).....	223
5. Relações de Pedro para com Jesus (Mc 8,27-30).....	224
<b>6. AS INCOMPREENSÕES NO PRIMEIRO ANÚNCIO DA PAIXÃO (Mc 8,31-33).....</b>	<b>227</b>
1. Introdução.....	227
2. Delimitação da perícopes do primeiro anúncio da paixão (Mc 8,31-33).....	227
3. Estrutura da perícopes do primeiro anúncio da paixão (Mc 8,31-33).....	228

4. Relações de Jesus no primeiro anúncio da paixão (Mc 8,31-33).....	228
5. Relações de Pedro no primeiro anúncio da paixão (Mc 8,31-33).....	229
<b>7. A PERÍCOPE DA TRANSFIGURAÇÃO DE JESUS (Mc 9,2-8). .....</b>	<b>232</b>
1. Delimitação da perícope da transfiguração (Mc 9,2-8).....	232
2. Estrutura da perícope da transfiguração (Mc 9,2-8).....	233
3. Relações de Jesus com Pedro, Tiago e João (Mc 9,2-8).....	235
4. Relações dos três, Pedro Tiago e João para com Jesus (Mc 9,2-8).....	236
<b>8. JOÃO PROIBE O USO DO NOME DE JESUS (Mc 9,38-40).....</b>	<b>239</b>
1. Introdução.....	339
2. Delimitação da perícope (Mc 9,38-40).....	239
3. Estrutura da perícope (Mc 9,38-40).....	240
4. Relações de João para com Jesus (Mc 9,38-40).....	241
5. Relações de Jesus para com João (Mc 9,38-40).....	242
<b>9. PEDRO FAZ O PEDIDO SOBRE A RECOMPENSA NO SEGUIMENTO (Mc 10,28-31).....</b>	<b>244</b>
1. Delimitação da perícope (Mc 10,28-31).....	244
2. Estrutura da perícope (Mc 10,28-31).....	244
3. Relações de Pedro para com Jesus (Mc 10,28-31).....	246
4. Relações de Jesus para com Pedro (Mc 10,28-31).....	246
<b>10. TIAGO E JOÃO, FILHOS DE ZEBEDEU, FAZEM UM PEDIDO A JESUS: O ENSINAMENTO DE JESUS SOBRE O TEMA DA AUTORIDADE COMO SERVIÇO (Mc 10,35-45).....</b>	<b>248</b>
1. Delimitação da perícope (Mc 10,35-45).....	248
2. Estrutura da perícope (Mc 10,35-45).....	249
3. Relações de Tiago e João para com Jesus (Mc 10,35-45).....	249
4. Relações de Jesus para com Tiago e João (Mc 10,35-45).....	251
<b>CONCLUSÃO DA TESE.....</b>	<b>254</b>
1. O Evangelho de Marcos .....	254
2. Da revisão bibliográfica.....	254
3. Da análise literária: a estatística sobre “os Doze” (τοῦς δώδεκα) no Novo Testamento.....	255
4. Da anaálise literária: a estatística sobre “os Doze” e o nome de alguns deles no Evangelho de Marcos.....	256

5. As relações de Jesus com os quatro primeiros discípulos .....	256
6. As relações de Jesus com “os Doze” (τοῦς δώδεκα) .....	258
7. As incompreensões “os Doze” (τοῦς δώδεκα) .....	259
8. Questões abertas.....	260

## **REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....262**

1. Fontes. Sinopses. Concordâncias .....	262
2. Dicionários e Manuais.....	263
3. Comentários ao Evangelho de Marcos.....	267
4. Temáticas gerais nos Evangelhos.....	275
5. Introduções gerais e comentários do Novo Testamento.....	280
6. Teologias do Antigo Testamento e do Novo Testamento .....	282
7. Artigos de Revistas .....	283

# INTRODUÇÃO À TESE

## 1. Apresentação

A presente pesquisa tem por objeto analisar e investigar as relações de Jesus para com “os Doze” (τοῦς δώδεκα), e de “os Doze” (τοῦς δώδεκα) para com Jesus, no Evangelho de Marcos, a partir da pregação de Jesus na Galileia, no caminho, até a chegada em Jerusalém (Mc 1,14 – 10,52). Estas relações ocorrem desde o começo da narrativa do Evangelho de Marcos.

Na leitura do Evangelho de Marcos, constata-se de uma forma clara que Jesus começa com uma atividade intensa. Ele é admirado por todos (Mc 1,22.27) e todos o procuram (Mc 1,45). Isto fica evidente na atividade na cidade de Cafarnaum (Mc 1,21-45). Em determinado momento da vida pública, Jesus rodeou-se de doze homens (Mc 3,13-19) que aparecem com muita insistência no Evangelho de Marcos, enquanto a expressão “os Doze” (τοῦς δώδεκα) aparece em menor proporção nos de Mateus, Lucas e João.

Quando nos defrontamos com as perícopes do Evangelho de Marcos em que aparece a expressão “os Doze” (τοῦς δώδεκα), é possível descobrir o significado teológico que emerge das suas construções literárias? Portanto, colocamo-nos diante da seguinte questão: *Quais são as relações de Jesus para com o grupo “os Doze” (τοῦς δώδεκα), e de “os Doze” (τοῦς δώδεκα) para com Jesus, no Evangelho de Marcos?*

Fazendo uma análise comparativa da expressão “os Doze” (τοῦς δώδεκα) no Novo Testamento, constata-se que no Evangelho de Marcos está presente maior número de vezes, num total de onze. Nos outros três Evangelhos, aparece em menor proporção: em Mateus, oito vezes; em Lucas, sete; e em João, quatro. Nos demais livros do Novo Testamento, constata-se: duas vezes no Livro dos Atos dos Apóstolos; uma vez em Paulo, na primeira Carta aos Coríntios, e uma vez no livro do Apocalipse.

O ponto de partida é Jesus constituir Doze “*para que ficassem com ele, para enviá-los a pregar e para eexpulsar demonios* (Mc 3,14). Este movimento entre o tomar a iniciativa de constituir e de responder, afeta a vida da pessoa. O chamado é convidado a viver conforme a vida de Jesus, e fazer dele o sentido da própria existência. Nesta dinâmica de comunhão, de relações, o constituído é enviado para ser uma presença profética na história.

Emergem perguntas: há estudos publicados sobre “os Doze” (τοῦς δώδεκα) nas suas relações para com Jesus e de Jesus para com eles? O tema das relações entre os personagens é de suma importância na narrativa dos

Evangelhos<sup>1</sup>. Os personagens dão vida à narrativa bíblica. Como são caracterizadas as relações de Jesus com o grupo dos Doze? Como elas acontecem? Em que momento da vida pública de Jesus, em que contexto, elas emergem?

Para finalizar um elemento constitutivo e essencial da condição humana, ou seja, de nossa humanidade, é a alteridade. Em outras palavras, é o conjunto de nossas relações humanas. Essas relações têm algo específico, próprio da condição humana, que é a alteridade. Os seres humanos se relacionam com quem querem e como querem. Essa condição de nossas relações humanas com os outros seres é o que nos proporciona tanta felicidade ou, pelo contrário, tanto sofrimento. Por isso, compreende-se que a coisa mais necessária que nos podem proporcionar as relações humanas e o que mais esperamos delas é a felicidade.

## 2. Estrutura da Tese

Apresentamos a seguir uma panorâmica da estrutura desta tese, seguida pelo resumo de cada um dos capítulos

O primeiro capítulo, é a apresentação das publicações realizadas até este momento sobre “os Doze” (τοῦς δώδεκα) no Evangelho de Marcos. É a revisão bibliográfica. Serão apresentados os principais autores e suas respectivas obras literárias, fazendo uma avaliação sobre o desenvolvimento do tema “os Doze” no Evangelho de Marcos. Tudo isto tem como objetivo apresentar a novidade da pesquisa, que se tornará o fundamento da tese. Várias questões serão abordadas

A primeira questão, é a historicidade de “os Doze” (τοῦς δώδεκα). Num determinado momento da vida pública Jesus realmente constituiu um grupo de Doze pessoas para que estivessem com Ele e o acompanhassem para depois serem enviados a pregar? Jesus constituiu mesmo um grupo de Doze homens? É o tema da historicidade “dos Doze” (τοῦς δώδεκα). Este fato é histórico ou é teologia do evangelista Marcos, como também de Mateus e Lucas? Qual a finalidade da Constituição dos Doze? Qual a importância deste grupo “os Doze” (τοῦς δώδεκα) na vida de Jesus? Há um papel fundamental deles na vida de Jesus? Por que foram constituídos “os Doze”? Os autores que procuraram demonstrar a existência histórica do grupo dos Doze, são PUIG, Armando, no livro *Jesus, uma biografia*, Lisboa, Paulus editora, 2006, pp. 269-271. BAUCKHAM, Richard no livro *Jesus e as testemunhas oculares. Os Evangelhos como testemunhos de testemunhas oculares*, São Paulo, Paulus,

---

<sup>1</sup> Por exemplo, o Evangelho de João é possível denominá-lo de Evangelho das relações, dos encontros, por exemplo: 1) Bodas de Caná( Jo 2,1-12); 2) Nicodemos (Jo 3,1-21); 3) O diálogo com a samaritana (Jo 4,1-42); 4) O diálogo com o paralítico (Jo 5,1-18); 5) Os diálogos com cego de Nascença (Jo 9,1-41); 6) A ressurreição de Lázaro (Jo 11,1-44), etc..

2011, pp 135-149. e MEIER, John P. *Um Judeu marginal. Repensando o Jesus histórico, Volume três, livro Um*, Rio de Janeiro, Editora Imago, pp. 208-267. LATOURELLE, René, *Jesus existiu? História e Hermenêutica*, Editora Santuário, Aparecida, São Paulo 1989.

A segunda questão: analisar os autores que trabalharam o Evangelho de Marcos fazendo uma análise do texto bíblico. Estes estudiosos são os que se pautaram numa análise exegética do texto bíblico do Evangelho de Marcos. Estes autores não fizeram um estudo sobre “os Doze” (τοῦς δώδεκα) separadamente. Nesta linha estão situados: GAMELEIRA SOARES, Sebastião Armando; CORREIA JUNIOR, João Luiz e OLIVA, José Raimundo *Marcos*, São Paulo, Editora Santuário, 2013. Outros da mesma linha, GNILKA, Joaquim *El Evangelio segun san Marcos Vol. I e II*, Salamanca, Ediciones Sígueme, 1986. TAYLOR, Vicent *Evangelio según San Marcos*, Cittadella, Assis, 1977. PESCH, Rudolf, *Il Vangelio di Marco* Comentário teológico del Nuovo Testamento, III/1 Parte prima I; Paideia Editrice Brescia, 1976. SCHNACKENBURG, R. *O Evangelho segundo Marcos*, Petrópolis, Editora Vozes, 1º Volume 1983, 2º volume em 1985. MYERS, Ched, *O Evangelho de São Marcos*, Grande Comentário Bíblico, São Paulo, Edições Paulinas, 1992. FOCANT, Camille, *Il Vangelo secondo Marco*, Cittadella Editrice, Assisi, 2015. MARCUS, Joel, *El Evangelio según Marcos*, Volumes I e II, Ediciones Sígueme Salamanca, 2011.

A terceira questão, merece destaque é STOCK, Klemens, que fez um estudo sobre “os Doze” no Evangelho de Marcos com o título *Le pericopi sui dodici nel vangelo di san Marco*, Roma, Pontificium Institutum Biblicum, 1975. O autor analisou todas as vezes em que aparece a expressão “os Doze” no Evangelho de Marcos, num total de onze vezes. Neste estudo fez uma análise exegética de duas perícopes, a Constituição dos Doze (Mc 3,13-19) e o envio dos Doze em missão (Mc 6,6b-13).

Ainda neste primeiro capítulo, faz-se necessário analisar os textos em que aparece a expressão “os Doze” (τοῦς δώδεκα) no transcorrer da narrativa dos livros do Novo Testamento. Será apresentado um quadro sinótico e um estudo de todas as vezes em que a expressão “os Doze” (τοῦς δώδεκα) aparece nos Evangelhos, nos Atos dos Apóstolos, na Primeira carta aos Coríntios e no livro do Apocalipse. É frequente o uso da expressão “os Doze” (τοῦς δώδεκα) no Novo Testamento? Depois desta análise da estatística torna-se necessário fazer uma análise comparativa dos quatro elencos dos nomes “os Doze” (τοῦς δώδεκα), que aparecem nos Evangelhos de Marcos, Mateus e Lucas, bem como no livro dos Atos dos Apóstolos. Também é necessário fazer algumas observações sobre o nome dos Doze no Evangelho de João. Será apresentado de uma forma especial um quadro sinótico do elenco dos Doze no Evangelho de Marcos, desde o início da vida pública de Jesus a partir da GALILEIA, no caminho, até a chegada em Jerusalém (Mc 1,14 – 10,52).

O segundo capítulo da nossa Tese terá como objetivo analisar as perícopes na narrativa do Evangelho de Marcos em que aparece a expressão “Os Doze” (τοῦς δώδεκα), a partir da pregação de Jesus na GALILEIA, no caminho, até a chegada em Jerusalém, e mais a expressão “os Apóstolos”, que são os Doze no retorno da missão. As perícopes em estudo são: 1) A constituição do grupo “os Doze” (Mc 3,13-19); 2) “Os Doze” (τοῦς δώδεκα) perguntaram sobre as parábolas (Mc 4,10-12); 3) “Os Doze” são enviados em missão (Mc 6,6b-13); 4) O retorno “dos Doze” em missão, que são denominados de apóstolos (Mc 6,30-34); 5) A primeira multiplicação dos pães (Mc 6,35-44); 6) As incompreensões dos Doze, partindo da cura do cego de Betsaida à cura do cego de Jericó (Mc 8,22 – 10,52); 7) As atitudes dos Doze após o segundo anúncio da paixão (Mc 9,33-37); 8) As atitudes dos Doze no terceiro anúncio da paixão (Mc 10,32-34).

Nestas perícopes serão analisadas as relações de Jesus com o grupo dos Doze e dos Doze para com Jesus. Pergunta-se: Por que, num determinado momento da Sua vida pública, Jesus rodeou-se de “doze homens”? “Os Doze” (τοῦς δώδεκα) sempre estiveram presente na vida pública de Jesus, no transcorrer da pregação, anunciando o Reino de Deus na GALILEIA? Qual o vínculo de Jesus para com “os Doze” (τοῦς δώδεκα)? Que atitudes Jesus teve para com este grupo “os Doze” (τοῦς δώδεκα) e eles para com Jesus?

Quais são as funções dos Doze? Receberam de Jesus uma missão? Que missão é esta? Eles tiveram uma função diretiva? Quais as relações de Jesus para com “os Doze” (τοῦς δώδεκα) no transcorrer da narrativa, na vida pública de Jesus, na pregação da GALILEIA? Qual o vínculo de Jesus para com “os Doze” (τοῦς δώδεκα)? Que atitudes Jesus teve para com este grupo de “os Doze”? Quais as relações de “os Doze” (τοῦς δώδεκα) para com Jesus? Qual o comportamento? Quais as atitudes? As dificuldades? As compreensões? As incompreensões?

A análise de cada uma das perícopes segue a mesma estrutura, na medida do possível, quando o texto bíblico permitir: Uma introdução; Contexto da perícopes; Estrutura; As relações de Jesus com os Doze e dos Doze para com Jesus.

No terceiro capítulo da Tese, serão analisadas as perícopes das relações de Jesus quando aparece o nome de alguns dos Doze e deste(s) para com Jesus, a partir da Galileia até a chegada de Jesus em Jerusalém (Mc 1,14 – 10,52). Quais as relações de Jesus para com eles? Nestas perícopes há um vínculo de relações de Jesus com o nome de alguns dos Doze e este ou estes para com Jesus? A análise de cada uma das perícopes segue o mesmo esquema: Uma introdução; Delimitação da perícopes; Estrutura da perícopes; Análise da perícopes nas relações entre os personagens, Jesus e o nome de alguns dos Doze.

As perícopes a serem analisadas são: 1) Simão e André, Tiago, filho de Zebedeu e João, no chamado dos quatro primeiros seguidores a Jesus (Mc 1,16-20); 2) Levi é chamado para o seguimento (Mc 2,13-17); 3) Pedro, Tiago e João estão presentes no relato do milagre da ressurreição da filha de Jairo (Mc 5,35-43); 4) Pedro faz a confissão de fé em Jesus (Mc 8,27-30); 5) A incompreensão de Pedro, no primeiro anúncio da Paixão (Mc 8,31-33); 6) Na transfiguração de Jesus estão presentes Pedro, Tiago e João (Mc 9,2-8); 7) João no relato do exorcista estranho (Mc 9,38-40); 8) Pedro pergunta a Jesus pela recompensa no seguimento (Mc 10,28-31); 9) Tiago e João, filhos de Zebedeu, fazem um pedido a Jesus e o ensinamento de Jesus sobre a autoridade como serviço (Mc 10,35-45).

### **3. Justificativa: relevância da pesquisa**

O tema escolhido para esta Tese possui uma incidência bíblica, teológica e pastoral. É um particular interesse da Ecclesologia. Percebe-se que o seguimento nasce de um chamado, que acontece na normalidade da vida. Todos são surpreendidos a deixarem o que estavam realizando, obedecer à Palavra de Deus e percorrer o seu caminho numa total confiança. Discipulado é seguir uma pessoa, ou melhor, como diz o texto bíblico, é um estar com Jesus e acompanhá-lo, para partilhar da sua vida e ser enviado para testemunhar essa vivência.

Procuramos nesta Tese de doutorado aprofundar as relações de Jesus com o grupo de “os Doze” (τοῦς δώδεκα) no Evangelho de Marcos, a partir da pregação na GALILEIA, no caminho, até a chegada em Jerusalém (Mc 1,14 – 10,52), apresentando o tripé: relações – seguimento – missão, com isso fornecendo elementos para uma vida autêntica dos valores evangélicos, vendo e ajudando a reforçar as diversas pastorais através de uma evangelização profunda: na sua dimensão social, movimentos eclesiais, grupos e movimentos da sociedade civil organizada que estão empenhados na construção de uma sociedade mais justa, solidária e fraterna.

É importante integrar “os Doze” na vida de Jesus e a missão deste grupo. Diante da estatística a ser apresentada sobre “os Doze” (τοῦς δώδεκα), nos livros do Novo Testamento fica claro que “os Doze” (τοῦς δώδεκα) desempenharam um papel fundamental, para não dizer central, na narrativa do Evangelho de Marcos.

### **4. Hipótese**

Os estudos advindos sobre “os Doze” (τοῦς δώδεκα), no Evangelho de Marcos, permanecem uma lacuna que não foi desenvolvida suficientemente até este momento. É o das relações de Jesus com o grupo de

“os Doze” e de “os Doze” para com Jesus no Evangelho de Marcos. E, também, as relações de Jesus com alguém do grupo dos Doze e deste(s) para com Jesus.

A proposta da tese será analisar as perícopes em que aparece a expressão “os Doze” (τοῦς δώδεκα) ou o nome de alguns deles, na narrativa do Evangelho de Marcos. Nesta análise das perícopes, serão focalizadas a dimensão das relações de Jesus com o grupo dos Doze e destes para com Jesus, sendo que os estudos estatísticos e narrativos sobre “os Doze” (τοῦς δώδεκα) já realizados (*cf. status quaestionis*) nos auxiliam a confirmar esta hipótese.

Diante disto, as hipóteses deste trabalho são: 1) Por que Jesus constitui “os Doze” (τοῦς δώδεκα)? Qual a sua finalidade? Por que Jesus constituiu “Doze” (τοῦς δώδεκα)? 2) Qual a posição de autoridade indiscutível de “os Doze” (τοῦς δώδεκα)? Em relação a este grupo, pergunta-se: como este grupo aparece no transcorrer da vida pública de Jesus? 3) Quais as relações de Jesus para com este grupo dos Doze no Evangelho de Marcos, a partir da pregação na Galileia até a chegada em Jerusalém? 4) Os Doze sempre estiveram presentes na vida pública de Jesus? 5) Nestas relações houve dificuldades? Incompreensões? Questionamentos? Dúvidas por parte de “os Doze” (τοῦς δώδεκα)? 6) Quais são as suas funções? Que missão receberam de Jesus? Qual o resultado de tal missão? Eles tiveram uma função diretiva?

## 5. Delimitação da Tese

A delimitação da Tese será feita a partir de dois critérios: 1) O primeiro é o geográfico, a partir da pregação de Jesus na Galileia (Mc 1,14), no caminho, até a chegada em Jerusalém (Mc 10,1; 11,1). 2) O segundo é a presença dos personagens, “os Doze” (τοῦς δώδεκα), da Galileia até a chegada em Jerusalém (Mc 1,14 – 10,52).

## 6. Fundamentos metodológicos da Tese

Para a análise e interpretação das perícopes em que aparecem “os Doze” (τοῦς δώδεκα), nas suas relações para com Jesus no Evangelho de Marcos, foram utilizados elementos do método histórico-crítico<sup>2</sup>. Considerando o texto bíblico em sua forma final, as abordagens foram aplicadas de acordo com os consolidados manuais e subsídios de investigação do Evangelho de Marcos e também dos outros Evangelhos: Mateus, Lucas e João.

---

<sup>2</sup> SCHNELLE, U. *Introdução à Exegese do Novo Testamento*; EGGGER, W. *Metodologia do Novo Testamento*; BERGER, K. *As formas literárias do Novo Testamento*; WEGNER, U. *Manual de exegese do Novo Testamento*.

Por outro lado, será usado o método da leitura transversal, fazendo comparações, semelhanças e diferenças das perícopes que falam de “os Doze”.

Quanto à metodologia a ser seguida, será uma pesquisa bibliográfica através da análise das perícopes e dos versículos em que aparecem as relações de Jesus com os Doze e de os Doze para com Jesus. Também serão analisados outros textos em que não aparece a expressão “os Doze”, mas que mostram um vínculo de relações de Jesus com “os Doze” e de “os Doze” para com Jesus, que às vezes, são chamados de apóstolos e de discípulos.

## **7. Revisão bibliográfica (*Status quaestionis*)**

O *status quaestionis* que apresentamos limita-se às obras sobre o Evangelho de Marcos, e mais especificamente sobre os estudos das relações nas perícopes em que aparecem “os Doze” (τοῦς δώδεκα) publicados nas últimas décadas. Foram selecionadas todas as perícopes em que aparecem “os Doze” (τοῦς δώδεκα), e nas perícopes em que aparecem o nome de alguns dos Doze, dentro da delimitação geográfica da Galileia até a chegada em Jerusalém.

Pela importância do tema das relações de Jesus com os Doze (τοῦς δώδεκα) no Evangelho de Marcos, o assunto deveria merecer mais atenção por parte dos comentadores deste Evangelho. Não encontramos uma obra sequer que trate especificamente deste tema. Análises e comentários das perícopes em que aparece a expressão os Doze são encontrados nas obras sobre o Evangelho de Marcos, mas com enfoques diferentes. São muitos os artigos abordando a análise das perícopes sobre “os Doze”, mas sem o enfoque das relações.

Como aparece este grupo “os Doze” (τοῦς δώδεκα) nos comentários realizados no Evangelho de Marcos? Na pesquisa e na análise exegética do texto do Evangelho de Marcos, qual o enfoque dado pelos pesquisadores e estudiosos da Sagrada Escritura? Qual a ênfase dada a este grupo “os Doze” (τοῦς δώδεκα) nos diversos comentários sobre o Evangelho de Marcos?

## CAPÍTULO PRIMEIRO

### FUNDAMENTAÇÃO E DELIMITAÇÃO DA TESE

#### 1. REVISÃO BIBLIOGRÁFICA

O procedimento a ser seguido nesta revisão das principais publicações sobre os Doze no Evangelho de Marcos segue esta metodologia:

1 Análise do texto bíblico do Evangelho de Marcos. São diversas obras, de vários autores que seguiram esta linha.

GNILKA, Joachim. *El evangelio según san Marcos*, Salamanca, Gráfica Ortega, S.A., 1986. São dois volumes no comentário ao Evangelho de Marcos. Segue a linha da análise exegética do texto bíblico. Nos dois volumes encontramos quinze excursos, mas não há ninguém que fale sobre os Doze. Os Doze somente aparecem na análise do texto onde se encontra a expressão “os Doze”. Este comentário percorre três objetivos: 1) Informar ao leitor sobre o estado atual da investigação sobre o Evangelho de Marcos. Por isso, dá grande ênfase à bibliografia, nas páginas 13 - 19. 2) Transmitir a compreensão do texto bíblico levando em consideração a sua origem, o objetivo pretendido pelo autor e a intenção de sua mensagem. 3) Perceber a influência que este Evangelho teve como fonte na composição dos outros dois Evangelhos Sinóticos, Mateus e Lucas, e na investigação pelo “Jesus histórico”. Procura afrontar o comentário em perspectiva ecumenica <sup>3</sup>. Como já foi afirmado, a estrutura da obra está composta por dois volumes. O primeiro volume analisa o texto de Mc 1,1 – 8,26, através de perícopes. O segundo volume começa analisando o texto do Evangelho de Marcos 8,27 – 16,20. Este comentário segue o mesmo esquema em todas as perícopes, na análise em seis pontos nos dois volumes: a) A citação do texto bíblico do Evangelho de Marcos que vai ser comentado. b) Bibliografia sobre estas perícopes. c) Tradução. d) Análise do texto. e) Explicação, comentário. f) Juízo histórico do texto comentado, terminando com um breve resumo.

TAYLOR, Vicent. *Marco*, Cittadella Editrice, 1977. O comentário está estruturado em duas partes. A primeira tem como título Introdução, das páginas 1-126. Desenvolve dez temas gerais sobre o Evangelho de Marcos. Os temas são: 1) A história do evangelho na Igreja primitiva; 2) A história do

---

<sup>3</sup> GNILKA, Joachim, *El evangelio segund san Marcos, vol I – Mc 1,1 – 8,26*. No verso da capa final do livro.

evangelho na crítica moderna; 3) Autor, data e lugar da redação; 4) As fontes de Marcos; 5) O material de Marcos; 6) Vocabulário, sintaxe e estilo. O substrato semítico do Evangelho; 7) A estrutura literária do Evangelho; 8) Plano e sistematização do Evangelho; 9) A teologia de Marcos; 10) O valor histórico do Evangelho. Na segunda parte, das páginas 126-710, é feita análise do texto bíblico do Evangelho de Marcos, dividido em sete capítulos. O comentário sobre os Doze está situado dentro da perícopes em análise. Não há análise dos Doze separadamente em que apareça esta expressão no Evangelho de Marcos. Não há análise das relações de Jesus com os Doze nem dos Doze com Jesus em separado. O autor analisa o texto bíblico sem dar ênfase às atitudes de Jesus com os Doze nem dos Doze para com Jesus.

PESCH, Rudolf, *Il Vangelo di Marco, (Coleção comentário Teológico Del Nuevo Testamento)* Brescia, Paideia Editrice, primeiro volume em 1980, com 658 páginas, e o segundo volume em 1982, com 838 páginas. O objetivo do livro, no primeiro momento, é apresentar uma série de questões introdutórias que são próprias de uma introdução do estudo de um livro bíblico. No primeiro momento apresenta uma ampla bibliografia em alemão, que vai das páginas 9-27. Em seguida, a introdução aborda uma série de questões, tais como: Evangelho como novo gênero literário; A questão do autor; O lugar e a data em que o Evangelho foi sendo formado; Desenvolvimento literário do evangelista Marcos; A estrutura do Evangelho; O desenvolvimento teológico do Evangelho de Marcos; A tradição pré-marciana no Evangelho de Marcos. A estrutura do comentário que irá desenvolver no livro. Tudo isso nas páginas 33-131. Num segundo momento, a partir da página 135, são apresentados o texto, tradução e comentário. Neste primeiro volume, a partir da página 135, começa a ser feita uma análise do texto bíblico do Evangelho de Marcos de Mc 1,1 – 8,26. Este comentário é dividido em três partes. A primeira parte tem como título O início da atividade pública de Jesus, onde analisa o texto de Mc 1,1 – 3,6. A segunda parte tem como título A atividade didática e taumaturgica de Jesus, e analisa o texto de Mc 3,7 – 6,29. A terceira parte tem como título Jesus se volta para os judeus e pagãos (Mc 6,30-8,26). Em cada parte há uma bibliografia especial. No transcorrer do comentário não há excursus. Deduz-se desta análise, em primeiro lugar, que não analisa separadamente os Doze nas diversas passagens em que eles aparecem, no transcorrer da narrativa bíblica do Evangelho de Marcos. Em segundo lugar, não analisa as relações de Jesus com os Doze nem dos Doze com Jesus, no Evangelho em análise. Neste comentário desenvolvido em perícopes, Pesch não fala separadamente dos discípulos. Simplesmente analisa o texto do Evangelho de Marcos seguindo a estrutura apresentada na página 130 do livro.

SCHNACKENBURG, R. *O Evangelho Segundo Marcos (Coleção Novo Testamento: comentário e mensagem)*, Petrópolis, Editora Vozes. O primeiro volume é de 1983 e o segundo volume de 1985. Estes três autores seguem no aspecto geral a mesma linha que o comentário do texto bíblico do Evangelho de Marcos.

SOARES, CORREIA JUNIOR e OLIVA. *Marcos*. Coleção comentário Latino Americano, São Paulo, Editora Santuário, 2013. Não trabalham separadamente “os Doze” (τοῦς δώδεκα). Fizeram um comentário exegético de perícopes por perícopes do texto de Marcos. O livro está estruturado em duas grandes partes, tendo como critério de estruturação a confissão de fé de Pedro em Mc 8,27-30. A primeira parte abrange o texto de Mc 1,14 – 8,26, que tem como título “*Refazer a casa – a nova prática das mãos*”: A segunda parte do comentário abrange Mc 8,27 – 16,8, tem como título: “*Refazer o caminho – A nova prática dos pés*”. Os autores usam de duas imagens bonitas em cada uma das partes. Na primeira parte a imagem é da casa como lugar geográfico do fazer, da prática. Na segunda parte é usada a imagem do caminho, como algo a ser percorrido. Os autores têm como objetivo fazer um comentário do texto do Evangelho de Marcos de perícopes por perícopes na ótica latinoamericana. Na análise das perícopes em que aparece a expressão “os Doze” (τοῦς δώδεκα), ou o nome de alguns dos Doze, os autores não dão ênfase às relações entre os personagens. Não estudam separadamente as relações de Jesus para com os Doze e nem estes para com Jesus. Não há comentário isolado, separado, de destaque, do grupo dos Doze, nem dos discípulos, mas simplesmente o comentário do texto bíblico do Evangelho de Marcos, que é ótimo na análise das perícopes sob a ótica latino-americano, que é o objetivo da coleção.

FABRIS, Rinaldo. *O Evangelho de Marcos*, São Paulo, Loyola, 1990. LÉGASSE, *Marcos*, Edizioni Borla, Roma, 2000. MARCUS, *Il Evangelio según Marcos, Mc 1,1 – 8,21*, Ediciones Sígueme, Salamanca, 2010 e *Mc 8,22 – 16,8*, 2011.

2) Há outro grupo de autores que trabalharam o tema da historicidade dos Doze. Nesta linha citam-se três autores analisadas com as suas obras.

BAUCKHAM, Richard. *Jesus e as testemunhas oculares. Os Evangelhos como testemunhos de testemunhas oculares*, São Paulo, Paulus, 2011. O quinto capítulo desta obra trabalha sobre “os Doze”. Para focalizá-los, desenvolve estes temas: a importância para a formação das narrativas sobre Jesus que aparece nos Evangelhos. Faz uma análise da lista dos Doze e em seguida analisa os nomes das três listas contidas nos Evangelhos Sinóticos. Não analisa a lista presente no livro dos Atos dos Apóstolos, At 1,13. A tese central de Richard é apresentar a importância e a historicidade dos doze como testemunhas oculares de Jesus.

MEIER, *Um Judeu marginal. Repensando o Jesus histórico*, Rio de Janeiro, Imago Editora, Volume três, livro um, 2003. No livro Um, volume três, os capítulos 26 e 27 trabalham o tema dos doze. O capítulo 26 desenvolve o tema dos Doze e tem como título “*Jesus em relação a seus seguidores. A existência e a Natureza dos Doze*”, páginas. 137 – 208. O

capítulo 27 tem como título “*Jesus em relação a seus seguidores. Os componentes dos Doze*”, páginas 209 -296.<sup>4</sup> São três enfoques: a) A problemática da terminologia: Discípulos. Apóstolos. Os Doze. b) O tema da existência, da historicidade dos Doze durante o ministério de Jesus. Para defender esta tese da existência e da historicidade dos doze, apresenta três critérios: Múltipla confirmação, Constrangimento e Corrente geral da tradição. c) O tema da natureza e a função dos Doze. O autor aborda três ideias: a) Os Doze como modelos de discipulado. b) Os Doze como símbolos proféticos da reunião das doze tribos de Israel c) Os Doze como missionários proféticos. No capítulo 27, o título é “Os componentes dos Doze”. Aqui o autor analisa nome por nome dos doze. Há um terceiro autor analisado: Armando Puig desenvolve o tema dos Doze com o título “*O pequeno círculo: os Doze*”. Toda a reflexão do autor procura fundamentar-se na historicidade, fala no momento da escolha dos Doze, apresenta a lista do nome dos Doze e a identidade deles. Divide a lista dos Doze em três grupos e os analisa por grupo. O primeiro grupo: Simão Pedro, Tiago, João e André. O segundo: Filipe, Judas Tomé, Natanael, Bartolomeu e Mateus. O terceiro grupo é representado por Tiago de Alfeu, Simão, o Zelota, Judas Tadeu e Judas Iscariotes.

PUIG, Armando, *Jesus. Uma biografia*, Lisboa, Paulus Editora, 2006. No transcorrer da exposição, o autor Armando Puig afirma que “*um dos dados mais seguros sobre a história de Jesus é que se quis rodear de doze homens que desde os primeiros passos de sua atividade pública, participassem de sua vida*”<sup>5</sup>. O autor procura dar uma resposta às principais questões que são levantadas em torno da vida e da morte de Jesus de Nazaré, tais como: Quem foi? Onde nasceu? Como viveu? Por que razão só começou a pregar depois dos trinta anos? Qual é o verdadeiro significado de sua mensagem? Que sentido deu ao seu trabalho de cura? Quem foram os responsáveis pela sua crucificação? Como enfrentou a sua morte? O que se pode dizer da ressurreição de Jesus a partir de uma perspectiva histórica? O autor procura dar respostas às várias interrogações mencionadas. Portanto, o objetivo do livro é dar resposta a uma série de questionamentos sobre Jesus na dimensão histórica. Assim, o autor estrutura a sua obra em cinco capítulos, distribuídos desta forma: a) As fontes, das páginas 24-64. b) O contexto, das páginas 65-146. c) A personagem, das páginas 147-336. d) A mensagem, das páginas 337-485. 5) Finalmente, da morte à vida, nas páginas 487-659.

---

<sup>4</sup> O quinto livro tem como título “Um Judeu Marginal, volume três, livro Um. É este volume que interessa para o estudo dos Doze. Contém os capítulos de 24 a 27. No capítulo 24 tem como título *Jesus em relação a seus seguidores. As multidões*. No capítulo 25 tem como tema, “*Jesus em relação a seus seguidores. Os discípulos*. No capítulo 26 tem como tema *Jesus em relação a seus seguidores. A existência e a natureza dos Doze*. No capítulo 27 tem como tema *Jesus em relação a seus seguidores. Os componentes dos Doze*. Portanto, o que interessa ao estudo dos Doze são os capítulos 26 e 27, abrange as pp. 137 - 296.

<sup>5</sup> PUIG, Armando, *Jesus. Uma biografia*, Paulus, Editora, Lisboa, 2006, pp. 269.

3) Um terceiro grupo, composto por três autores, apresenta o tema dos Doze com destaque:

DELORME, J. *Leitura do Evangelho segundo Marcos*, São Paulo, Paulinas, 1982. Delorme propõe no seu livro três tipos de estrutura e de leituras do Evangelho de Marcos. Na terceira estrutura, o título é: “Jesus e os discípulos”. Nela é feita uma análise da forma simples das três perícopes que falam de Jesus e os discípulos: Mc 1,16-20; 3,13-19; 6,6b-13. Nesta obra não há uma análise das relações de Jesus com os Doze e nem dos Doze com Jesus. O autor aborda o tema “os Doze” na terceira leitura que propõe para o Evangelho de Marcos, com o título “Jesus e os discípulos”. Ele analisa de uma forma simples as perícopes do chamado dos quatro primeiros discípulos (Mc 1,16-20), a instituição dos Doze (Mc 3,13-19) e a missão dos Doze (Mc 6,6b-13), mas não faz a análise de forma clara, pontual e explícita das relações de Jesus com os Doze e nem dos Doze para com Jesus.

MARTINI, Carlos M. *O itinerário espiritual dos Doze*, São Paulo, Edições Loyola, 1988. São oito meditações desenvolvidas num retiro espiritual. Na terceira meditação, o autor trabalha o tema da vocação junto ao lago (Mc 1,16-20) e a vocação no monte (Mc 3,13-19). Na meditação quinta fala da crise do ministério galilaico de Jesus. Cita como exemplo as parábolas, em Marcos capítulo 4. Aqui teríamos um aspecto das relações dos doze para com Jesus. Esta crise se traduz na incompreensão que aparece no discurso em parábolas. Por outro lado, Carlos Maria Martini não trabalha toda a narrativa de Marcos nas duas dimensões da tese, uma de Jesus para com os Doze e dos Doze para com Jesus. O autor propõe como objetivo específico do livro meditar sobre o itinerário dos Doze no Evangelho de Marcos, e diz: “*neste itinerário cada um de nós poderá rever, refletir, repensar o próprio caminho interior*”<sup>6</sup>. Neste itinerário catecumenal desenvolvido ao longo de todo o Evangelho de Marcos, os Doze desempenham papel importante. A segunda indicação que permeia a série das oito meditações são os *atores* que atuarão nestes dias de retiro. São apresentados três atores: a) O Espírito Santo. É Ele quem conduzirá o retiro. E faz a pergunta: “*que quer de mim o Espírito Santo neste retiro*”? b) O segundo ator são os participantes do retiro, que devem ser guiados pelo Espírito Santo. Então a pergunta é: “*o que eu desejo, o que estou pretendendo, a que me proponho*”? c) O terceiro ator é a pessoa mesma que participa do retiro e que entra em ação. É o “eu mesmo”<sup>7</sup>.

A estrutura do livro. O livro inicialmente apresenta um prefácio sobre o Evangelho de Marcos, nas páginas 13 a 16. Começa com duas perguntas: “*existe um itinerário dos Doze no Evangelho de Marcos? “Os Doze têm importância suficiente, que nos permita seguir com certo rigor exegético seu caminho*”?<sup>8</sup>. Em seguida apresenta oito meditações sobre os Doze no

<sup>6</sup> MARTINI, Carlos Maria, *O itinerário espiritual dos Doze*, São Paulo, Edições Loyola, 1988, p. 10.

<sup>7</sup> MARTINI, Carlos Maria, *O itinerário espiritual dos Doze*, São Paulo, Edições Loyola, 1988, pp. 10-11.

<sup>8</sup> MARTINI, Carlos Maria, *O itinerário espiritual dos Doze*, São Paulo, Edições Loyola, 1988, pg. 13.

Evangelho de Marcos, tendo como base cada uma das meditações um texto em que aparece a menção a “os Doze”. O tema da primeira meditação é “O mistério de Deus”, e tem como fundamento os textos (Mc 1,2; 1,3; 1,10-22; 1,14; 1,15; 1,35; 2,7), nas páginas 17-25. A segunda meditação tem como tema “A ignorância dos discípulos” (Mc 4,11-12; 6,52; 8,17), nas páginas 27-37. A terceira meditação tem como tema “o chamamento de Jesus” (Mc 1,16-20; 2,13-14; 3,13-19), nas páginas 39-49. A quarta tem como tema “a crise do ministério galilaico de Jesus” (Mc 8,17-21). A quinta tem como tema “Jesus em Ação” (Mc 9,14-34), nas páginas 61-67. A sexta meditação tem como título “o mistério do Filho do Homem” (Mc 8,31-37; 9,31-32; 10,32-34), nas páginas 69-78. O tema da sétima meditação é a paixão de Jesus, nas páginas 79-85, e a oitava tem como tema a Ressurreição, nas páginas 87-97.

MATEOS, Juan. *Los “Doce” y otros seguidores de Jesús en el Evangelio de Marcos*, Madrid, Ediciones Cristiandade, 1982. O objetivo do autor neste livro é esclarecer com muitas informações lingüísticas e exegéticas a existência de diversos grupos de seguidores de Jesus. São enumerados três grupos: os Doze, os discípulos e os que estão em torno dele, a multidão. O autor mostra as relações entre estes três grupos. Os dois tipos de relações são: 1) relação de identidade, isto é, os Doze, os discípulos e a multidão que estão ao redor de Jesus, apresentados como seguidores de Jesus; 2) relação de distância, pois não acompanham Jesus. Também é apresentada a resposta de cada grupo à pregação de Jesus.

O autor parte de uma antiga tradição entre a *Ecclesia ex circumcissione*, que o identifica como o Israel Messiânico, representado pelos Doze. E uma *Ecclesia ex gentibus*, que engloba os pecadores e os pagãos. A partir desta colocação podemos distinguir duas classes de seguidores de Jesus, sendo uma a dos israelitas e a outra dos não-israelitas. A primeira classe é formada pelos Doze, às vezes chamados de discípulos. Estes formam o Israel Messiânico. É um grupo ligado às instituições judaicas com concepções nacionalistas do Messias e com apego às tradições. Isto vai impedir o seguimento e a compreensão da novidade de Jesus, que pede ruptura, distanciamento do centro: Jerusalém e o Templo. Esclarecendo, “os Doze” relembra o número simbólico de Israel, indicado que constituem o Israel escatológico-Messiânico. Como dizem os discípulos, expressam o vínculo com Jesus, fundado na decisão de segui-lo. A segunda classe é formada pelos pecadores, os arrecadadores de impostos e os pagãos. Formam o grupo dos que estão ao redor de Jesus. Também se associam a este grupo as comunidades periféricas, dentro e fora da Palestina. São comunidades que estão fora das tradições judaicas. A este grupo associam-se também as crianças, simbolizando os últimos e os servidores. O autor não desenvolve o tema dos doze, mas de outros grupos que estão ao redor de Jesus, os discípulos e a multidão. No livro não é trabalhada a dimensão da tese das Relações de Jesus com os Doze e dos Doze com Jesus.

#### 4) Cita-se um quarto grupo de autores de modo especial.

STOCK, Klemens. *Le pericopi sui dodici nel vangelo di San Marcos*, Roma, Pontificium Institutum Biblicum, 1975/1983. O texto está estruturado em sete partes ou capítulos. São eles: 1) A constituição do grupo dos Doze (Mc 3,13-19); 2) A missão dos Doze (Mc 6,7-13); 3) A instrução de Jesus aos doze, onde são analisados dois textos (Mc 9,35-50; 10,32-45); 4) A menção dos Doze em Marcos (Mc 4,10; 11,11; 14,10.20.43); 5) A última ceia de Jesus com os Doze (Mc 14,17-50); 6) Os textos sobre os Doze na estrutura do Evangelho de Marcos; 7) A intenção de Marcos na apresentação dos Doze. A apostila está estruturada em sete partes. Percebe-se que o autor se detém longamente na análise de duas perícopes que falam dos Doze <sup>9</sup>. Em seguida, na terceira parte, analisa o tema das instruções aos Doze (Mc 9,35-50; 10,32-45), nas páginas 79-84. A quarta parte analisa a menção dos Doze em (Mc 4,10;11,11/ 14,10.20.43), nas páginas 84-88. A quinta parte trata da última ceia de Jesus com os Doze (Mc 14,17-50), nas páginas 88-92, enquanto a sexta apresenta os textos sobre os Doze na estrutura do Evangelho de Marcos, nas páginas 92-95. Por fim, a sétima e última, aborda a intenção de Marcos na apresentação dos Doze, nas páginas 96-98.

Na introdução da apostila, Stock apresenta três dados, nas páginas 1 a 7. O primeiro dado na página 01 apresenta o tema dos Doze, mostrando o objetivo do estudo deles, que é saber ou conhecer o que estas perícopes afirmam sobre os Doze. Em seguida apresenta a delimitação do trabalho proposto: a) Limita-se simplesmente aos Doze no Evangelho de Marcos. b) Não procura reconstruir os eventos históricos sobre os Doze. O segundo dado encontra-se nas páginas de 2 a 5, nas quais o autor apresenta o método utilizado na elaboração do texto: delimitação das perícopes; estrutura interna da perícope; os paralelos nos Evangelhos Sinóticos; os versículos em particular; a forma da perícope; os elementos tradicionais e redacionais; o contexto imediato; o contexto global. O terceiro dado passa para a análise exegética das perícopes que mencionam “os Doze”, conforme a apresentação da estrutura da apostila.

Finalizando, Klemens Stock dá ênfase à análise exegética de duas perícopes mais importantes do Evangelho de Marcos que falam dos Doze. A constituição do grupo dos Doze (Mc 3,13-19) e a missão dos Doze (Mc 6,7-13). Esta apostila é de suma importância para o estudo e análise dos Doze no Evangelho de Marcos, para conhecer quem são eles. É um excelente trabalho, mas falta a análise minuciosa e detalhada das relações de Jesus com os Doze e dos Doze para com Jesus. Portanto, a apostila não aborda o tema das relações. Ou seja, na apostila o autor não aborda o tema das relações de Jesus com os Doze e dos Doze para com Jesus.

---

<sup>9</sup> Estas perícopes são : 1) A constituição do grupo dos Doze Mc 3,13-19, nas pp. 7-57. 2) A missão dos Doze 6,7-12 nas pp. 58-78.

SCHLOSSER, Jacques. *Il grupo dei dodici. Ritorno alle origini*, Torino, Edizioni San Paolo, 2013. O autor analisa os testemunhos bíblicos e patrísticos, e desta forma recupera o sentido original da escolha decisiva de Jesus na constituição do grupo dos Doze. Somente qualificados como apóstolos mais tarde, a sua instituição constitui por parte de Jesus um gesto profético, respondendo à expectativa do povo de Deus e reunindo todas as tribos de Jacó. Desta forma, inicialmente os Doze representam o novo povo de Deus. As doze tribos transformaram-se em nações. Alguns do grupo dos Doze lançaram-se no trabalho missionário. Justifica-se, assim, a identificação sistemática dos Doze com os apóstolos, como desenvolvida por Lucas, e a missão de testemunhas universais que o Ressuscitado confiou a eles.

O livro está estruturado em quatro capítulos. O primeiro apresenta o testemunho fundamental de São Paulo. O segundo apresenta o testemunho dos Evangelhos sob o ponto de vista literário (e aqui o autor analisa os “*Doze discípulos*” nas páginas 21-25; “*os Doze apóstolos*”, nas páginas 25-31; e “*os Doze*”, nas páginas 31-34). O terceiro capítulo tem como título “*os Doze e a história*”. O autor trabalha sobre a constituição do grupo dos Doze (Mc 3,13-19) e os seus paralelos. Apresenta os dados principais deste elenco dos Doze: os Doze e a sua radicação histórica, além dos dados biográficos sobre cada um. O quarto capítulo apresenta o desenvolvimento e o significado profundo dos Doze. Tem dois tópicos: um, Jesus, os Doze e a esperança de Israel; o outro tópico aborda “os Doze e a Igreja”.

O autor procura voltar às origens, como diz o título do livro “*Grupo dos Doze. Volta às origens*”. O primeiro capítulo apresenta o testemunho fundamental de São Paulo. Aqui se analisa o texto (1Cor 15,5) em que aparece a expressão “os Doze”. Situa-se esta carta aí pelo ano de 54. Paulo propõe neste capítulo (1Cor 15,1-58) uma reflexão muito bem articulada e desenvolvida sobre o tema da ressurreição dos mortos. O autor analisa a perícopie (1Cor 15,1-11), apresenta a sua estrutura da perícopie e analisa a preposição *hoti*, que aparece nos vv. 3.4.5. O segundo capítulo desenvolve primeiramente a expressão “os doze discípulos”. Começa apresentando uma estatística. Nas cartas do Novo Testamento e no livro do Apocalipse não aparece. Nos Atos dos Apóstolos aparece várias vezes, indicando os seguidores de Cristo, e apresenta o texto “*os discípulos foram chamados de cristãos*” (At 11,26). Quanto aos Evangelhos, apresenta a estatística das vezes em que aparecem na página 21.

A expressão “os Doze apóstolos”. No transcorrer da história esta expressão contradistingue a identidade da aproximação dos Doze companheiros mais próximos de Jesus. No entanto, este modo indica que longamente se impôs na linguagem comum. Em seguida analisa esta expressão nos Evangelhos de Marcos, Mateus e Lucas. Neste livro “O grupo dos Doze. Volta às origens”, o autor procura analisar os padres da Igreja primitiva. Analisa três expressões: “os doze discípulos”, os doze apóstolos” e “os Doze” como aparecem nos Evangelhos. Depois faz uma análise da perícopie Mc 3,13-19 sobre o grupo dos Doze.

KUNZ, Claiton André, *A ação parabólica da escolha dos doze (Mc 3.13-19)*, Revista Batista Pioneira, v. 3, n. 1, junho 2014, pg. 09-33. O artigo tem como finalidade analisar a escolha dos doze por Jesus, na narrativa do Evangelho de Marcos, “dentro da perspectiva de uma ação parabólica, procurando encontrar respostas à questão do significado desta ação”. A estrutura do artigo desenvolve quatro temáticas: Texto bíblico da escolha dos Doze, nas páginas 10-15. Aqui o autor do artigo apresenta uma visão geral do texto; a delimitação do texto; crítica textual; tradução do texto, tudo isto nas páginas 10-15. O contexto da escolha dos Doze está nas páginas 15-17. A análise do texto da escolha dos Doze consta das páginas 17-25, e a síntese do texto da escolha dos Doze, das páginas 25-30.

No primeiro momento, o texto analisa a perícopie em si, fazendo a delimitação, a crítica textual, e a tradução do texto bíblico. Depois analisa o contexto da perícopie dos Doze no Evangelho de Marcos. No terceiro momento, analisa o texto da constituição dos Doze. Nesta análise dá ênfase ao estudo do número doze a partir do Antigo Testamento, com dos Doze filhos de Jacó, na página 20, onde apresenta um quadro sinótico, em que aparecem os nomes dos doze filhos de Jacó: (Gn 29-30; Gn 49; Nm 13; Dt 33; Js 13-21; Ez 48; Ap 7).

Quanto à avaliação sobre o desenvolvimento do tema “os Doze” no artigo em questão, faço duas observações. Primeira: o termo “escolha” não é ideal. A expressão grega é καὶ ἐποίησεν δώδεκα (Mc 3,14). O mesmo verbo grego reaparece em καὶ ἐποίησεν ποῦς δώδεκα (Mc 3,16), onde está conjugado no indicativo, aoristo, ativo, terceira pessoa no singular. O mesmo verbo reaparece em καὶ ποιήσω (Mc 1,17), onde está no indicativo, futuro, ativo, na primeira pessoa do singular. Este verbo ἐποίησεν também tem o significado de “fazer”, “constituir”. A segunda observação é a respeito do ato de Jesus ser designada como “ação parabólica” da escolha dos Doze (Mc 3,13-19), na página 9 da revista. O autor poderia ter usado os verbos “fazer” ou “constituir”, “escolher”.

### **Avaliações da revisão bibliográfica.**

Diante da análise dos doze livros apresentados, e mais vários artigos, ficam claras quatro teses: 1) A preocupação pela historicidade dos Doze, com a conclusão de que a constituição do grupo dos Doze realizada por Jesus é histórica. 2) A análise das diversas listas dos Doze apresentadas pelos Evangelhos Sinóticos, com semelhanças e diferenças. 3) Estudo crítico literário, exegético e teológico dos textos bíblicos da narrativa do Evangelho de Marcos que falam dos Doze. 4) Um estudo exegético teológico em separado das duas grandes perícopes dos Doze, a constituição (Mc 3,13-19) e o envio em missão (Mc 6,6b-13).

No entanto, ficam claros dois temas: 1) Nenhum autor trabalhou exaustivamente as relações de Jesus com os Doze. Simplesmente eles analisaram as perícopes que falam dos Doze. Qual foi a postura de Jesus com os Doze? Não foi somente constituí-los como grupo, mas enviá-los em missão. Há muitas outras atitudes de Jesus para com os Doze. Exemplos: 1) O chamado dos quatro primeiros (Mc 1,16-20), que em seguida no Evangelho de Marcos farão parte do grupo dos Doze; 2) O chamado de Levi, que fará parte do grupo dos Doze em seguida (Mc 2,13-14); 3) A constituição dos Doze (Mc 3,13-19); 4) O envio dos Doze em missão (Mc 6,6b-13); 5) O retorno em missão (Mc 6,30-34). Outro tema, que não foi desenvolvido: qual foi a resposta deste grupo dos Doze para com Jesus? O estudo das perícopes que mencionam algum nome dos Doze não foram estudadas e analisadas à parte. Fica uma coluna em aberto para este tema ser aprofundado. A proposta da tese são as relações de Jesus com os Doze e destes para com Jesus, a partir da pregação na Galileia até a chegada em Jerusalém no Evangelho de Marcos.

## 2. HISTORICIDADE DE “OS DOZE” (τοῦς δώδεκα)

É de suma importância neste momento demonstrar a existência histórica do grupo dos Doze, seguidores de Jesus durante o seu ministério público. Ao longo destes XXI séculos, formaram-se duas correntes de pensadores sobre a historicidade do grupo dos Doze. Um grupo de estudiosos da Sagrada Escritura é o grande defensor da tese da não historicidade pelos Doze<sup>10</sup>, por consider provável que o grupo dos Doze surgiu na Igreja primitiva, sendo mais tarde retrojetado para o ministério público de Jesus. Por outro lado, há um grande grupo de estudiosos da Sagrada Escritura que afirma a existência histórica dos Doze durante o ministério de Jesus. Os principais defensores desta tese encontram-se elencados abaixo, na nota do rodapé<sup>11</sup>.

### 1. Diversos estudos sobre os critérios de historicidade

A primeira pergunta: quantos são e quais são? Não há entre os estudiosos da Sagrada Escritura um consenso comum de quantos nem quais são estes critérios. Há muitas opiniões. Serão apresentados quatro estudos.

O primeiro é de MEYER, John P. *Um Judeu marginal. Repensando o Jesus histórico*. Imago Editora Ltda, Rio de Janeiro, 2003, 2ª Edição, nas páginas 170-186. Meyer apresenta dois grupos de critérios aplicados ao Jesus histórico: 1) Critérios primários, que são: a) O critério do Constrangimento; b) O critério da Descontinuidade; c) O critério da Múltipla Confirmação; d) O critério da Coerência; e) O critério da Rejeição e da Execução. Depois de ter analisado estes cinco critérios, passa a analisar o segundo grupo. 2) Os chamados critérios secundários: a) O critério dos Traços de Aramaico; b) O critério da Ambientação Palestina; c) O critério da Vividez da Narração; d) O critério das Tendências do Desenvolvimento da Tradição Sinótica; e) O critério da Suposição Histórica.

Em um segundo estudo, outra vez o mesmo autor, MEYER, 2003, pp. 140-161, apresenta três critérios da historicidade aplicados ao grupo dos Doze: a) Critério da Múltipla Confirmação; b) Critério do Constrangimento; c) Critério Coerente Geral da Tradição.

<sup>10</sup> MEIER, John P. *Um Judeu marginal. Repensando o Jesus histórico. Volume três Livro Um*. Editora Imago, Rio de Janeiro 2003 na página 183, nota 18 apresenta o elenco: “Entre os que, com variados graus de probabilidade negam a historicidade dos Doze”: Julius Wellhausen; Friedrich Schleiermacher, Johannes Weiss; Emmanuel Hirsch; Philipp Vielhauer; Günter Klein; Walter Schmithals; Herbert Braun.

<sup>11</sup> MEIER, John P. *Um Judeu marginal. Repensando o Jesus histórico. Volume três. Livro Um*. Editora Imago, Rio de Janeiro 2003 na página 183, nota 18 apresenta o elenco: “Entre os que afirmam a existência dos Doze durante o ministério de Jesus temos”: Julius Wagenmann; Werner Heorg Kümmel; Lucien Cerfaux; Jacques Dupont; Birger Gerhardsson; Béda Rigaux; Günter Bornkamm; Ulrich Wilckens; Jürgen Roloff. Anton Vögtle; Heinz Schürmann; Rudolf Schnackenburg; Martin Hengel; Helmut Merklein; E.P. Sanders. Joachim Gnilka; Raymond E. Brown e Joseph A. Fitzmyer.

Um terceiro estudo encontra-se em LATOURELLE, René e FISICHELLA, Rino, no *Dizionario di Teologia Fondamentale*, Tradução, Co-Edição, Vozes, Petrópolis e Editora Santuário, Aparecida, São Paulo, 1994. No verbete “Milagre”, elaborado por René Latourelle, nas páginas 624-640. Nas páginas 628-630 apresenta sete critérios de historicidade: 1) Critério de atestação múltipla; 2) Critério de descontinuidade; 3) Critério de conformidade; 4) Critério dos relatos; 5) Critério da inteligibilidade interna do relato; 6) Critério da interpretação diferente; 7) Critério de explicação necessária.

Um quarto estudo é de LATOURELLE, René: *Jesus existiu? História e Hermenêutica*, Editora Santuário, Aparecida, São Paulo 1989. Nas páginas 183-203, apresenta os critérios de autenticidade histórica dos Evangelhos. Neste estudo, na página 183, no segundo parágrafo diz: “O estudo dos critérios de historicidade é empreendimento recente, datando de 1954 com Käsemann. Em seguida, apresenta o elenco dos primeiros estudiosos pelos problemas de criteriologia<sup>12</sup>, e, continuando, apresenta outro elenco: que a partir de 1964 começaram as primeiras tentativas de sistematização<sup>13</sup>.”

Fazendo análise comparativa de todos estes estudos, percebe-se que não há acordo sobre o número de critérios, sobre a nomenclatura, sobre a classificação, e nem sobre o respectivo valor desses critérios. São enumerados aproximadamente uns quinze critérios. Faz-se necessário mencionar aqui mais dois grandes estudos sobre esta temática. Um é THEISSEN<sup>14</sup> e outro de FREYNE<sup>15</sup>.

## **2. Aplicação de alguns dos critérios da historicidade ao grupo “os Doze” (τοῦς δώδεκα)**

Faz-se necessário aplicar os critérios de historicidade aos dados do Novo Testamento, para verificar se os Doze existiram como grupo durante o ministério da vida pública de Jesus.

Os critérios de historicidade normalmente levarão à conclusão de que são apenas mais ou menos prováveis. A função dos critérios é passar do meramente possível para o realmente provável, examinando as várias

---

<sup>12</sup> R. Bultmann, F. Mussner, R. Rigaux, H. Schürmann, H. Conzelmann, W. Trilling, X. Leon-Dufour.

<sup>13</sup> N. Perrin, I. de la Potterie, L. Cerfaux, J. Jeremias, M. Lehmann, J. Caba, E. Schillebeeckx, F. Lambiasi, F. Lentzen-Deis.

<sup>14</sup> THEISSEEN, Gerd e MERZ, Annette. *O Jesus histórico, um manual*, São Paulo, Edições Loyola, 2002, Coleção Bíblica Loyola, número 33.J

<sup>15</sup> FREYNE, Sean. *A Galileia, Jesus e os Evangelhos. Enfoques literários e investigações históricas*, São Paulo, Edições Loyola, 1996, Coleção Bíblica número 18.

probabilidades e decidindo qual das alternativas é a mais provável. Neste contexto, há necessidade de esclarecer dois conceitos: “critérios” e “indícios”<sup>16</sup>.

## **2.1. O critério da múltipla confirmação de fontes e formas literárias<sup>17</sup>**

A força deste critério aumenta quando um determinado motivo ou tema é encontrado tanto em diferentes fontes literárias quanto em diferentes formas literárias. A existência histórica dos Doze durante o ministério de Jesus tem a seu favor o critério da múltipla confirmação das fontes e formas.

1) Referindo-se à expressão “os Doze”, ela aparece em várias fontes do Novo Testamento:

No Evangelho de Marcos, a expressão “os Doze” aparece onze vezes: (Mc 3,14.16; 4,10; 6,7; 9,35; 10,32; 11,11; 14,10.17.20.43).

No Evangelho de Mateus a expressão referida aparece oito vezes: (Mt 10.1.2.5.; 11,1; 20,17; 26,14.20.47).

No Evangelho de Lucas, sete vezes: (Lc 6,13; 8,1; 9,1.12; 18,31; 22,3.47).

No Evangelho de São João, quatro vezes: (Jo 6,67.70.71; 20,24).

No Livro dos Atos dos Apóstolos, duas vezes: (At 1,26; 6,2).

Na primeira carta aos Coríntios, aparece uma vez: (1Cor 15,5).

No livro do Apocalipse aparece uma vez: (Ap 21,14).

Portanto, temos várias fontes: Evangelhos Sinóticos, Evangelho de João, Atos dos Apóstolos, Paulo e Apocalipse. Este primeiro argumento justifica a historicidade dos Doze na vida pública de Jesus.

2) A lista do nome dos Doze lança mais luz sobre a questão da historicidade dos Doze na vida pública de Jesus. Temos quatro listas de nomes: (Mc 3,16-19; Mt 10,2-4; Lc 6,14-16; At 1,13). Embora haja pequenas diferenças entre elas, as variações não são muito grandes. As quatro listas confirmam a existência do grupo durante a vida pública de Jesus.

<sup>16</sup> Faz-se necessário esclarecer dois termos: “critérios” e “indícios”. Critérios significa aquilo que permite um julgamento razoavelmente certo. Indícios sugere a ideia de menor grau de probabilidade.

<sup>17</sup> Este critério dirige o seu foco sobre os atos ou palavras de Jesus que são atestados em mais de uma fonte literária independente, por exemplo, em Marcos, Paulo, João e Quelle; ou em mais de uma forma de literatura, por exemplo, em parábolas, milagres, e história de debates.

3) Outra tradição é a Joanina. O quarto Evangelho não apresenta uma lista formal dos Doze. A tradição Joanina nos proporciona confirmação dos Doze durante o ministério público de Jesus. O fato de Pedro, Tomé e Judas serem nomes mencionados como membros do grupo dos Doze no Evangelho de João é muito significativo, porquanto João não mostra interesse especial no grupo, no elenco chamado “os Doze”. No relato do Quarto Evangelho sobre o ministério público de Jesus, as referências aos Doze estão agrupadas no final do discurso sobre o Pão da Vida, no capítulo seis<sup>18</sup>. Com estas referências apresentadas na nota do rodapé, esgotam-se as referências diretas aos Doze no relato joanino do ministério público.

4) Há uma referência indireta aos Doze na fonte *Quelle*<sup>19</sup>. Na fonte *Quelle* a expressão “os Doze” encontra-se em dois Evangelhos (Mt 19,28 e Lc 22,30). A fonte *Quelle* foi inserida por estes dois evangelistas em contextos marcadamente diferentes. Mateus colocou o *lógion* na pregação de Jesus sobre os perigos da riqueza e a recompensa que espera os discípulos que deixam casa e família por causa dele. Lucas, por sua vez, coloca este *lógion* (Lc 22,30) no pequeno discurso pronunciado por Jesus na Última Ceia. Fazendo-se uma comparação entre os dois *lógion*, percebem-se diferenças e semelhanças. As diferenças aparecem no início da fala de Jesus e as semelhanças aparecem no final quase idêntico da frase<sup>20</sup>.

Este *lógion* de Mateus 19,28 e de Lucas 22,30 da fonte *Quelle* sobre os Doze pertence ao estágio mais antigo da tradição. “É um dito arcaico”<sup>21</sup>. Nos dois Evangelhos não é dito que os tronos eram doze. Eles simplesmente falam de tronos, sem dizer quantos. Pode-se deduzir de forma indireta que são doze, porque o texto fala de doze tribos de Israel, tanto em

<sup>18</sup> Diante da deserção de muitos de seus discípulos, Jesus pergunta a os Doze se eles também o deixarão (Jo 6,67). Pedro, como porta-voz, proclama sua fé em Jesus como o Santo de Deus (Jo 6,68-69). Jesus responde com uma pergunta retórica (Jo 6,7) “*Não vos escolhi, eu, aos Doze? No entanto um de vós é um diabo*”. Em seguida temos a explicação do evangelista à concisa profecia (Jo 6,71): “*Falava de Judas, filho de Simão Iscariotes. Este, um dos doze, o haveria de trair*”.

<sup>19</sup> A fonte *Quelle*, ou fonte *Q*, faz parte do problema sinótico. É uma hipótese criada para explicar os relatos que se encontram somente em dois Evangelhos Sinóticos, os de Mateus e Lucas. Esta teoria hoje está sendo questionada.

<sup>20</sup> Fazendo uma análise comparativa sobre este dois *lógion* (Mt 19,28 e Lc 22,30), pode-se fazer duas grandes observações. A primeira: no início do *lógion* há uma grande diferença entre os dois textos. Em Mateus, começa por uma fala direta de Jesus, em forma de discurso: “*Em verdade vos digo, quando as coisas forem renovadas, o Filho do Homem se assentará no seu trono de glória*”. Em Lucas, a fala de Jesus é: “*a fim de que comais e bebais à minha mesa em meu Reino*”. São dois contextos diferentes. Talvez a necessidade de adaptar a fala a cada um dos contextos seja a preocupação redacional dos respectivos evangelistas. A segunda: o final da fala é basicamente semelhante nos dois Evangelhos, quando Jesus faz uma promessa escatológica. Mateus diz: “*vos sentareis em doze tronos para julgar as doze tribos de Israel*”. Lucas diz: *vos senteis em trono para julgar as doze tribos de Israel*.

<sup>21</sup> BARBAGLIO, Giuseppe, *Jesus, Hebreu da Galileia. Pesquisa histórica*, São Paulo, Paulinas, 2011, página 381.

Mateus como Lucas. Este pequeno detalhe nos favorece pela autenticidade histórica da frase.

5) Outra fonte independente. Outra fonte independente, do ponto de vista da composição literária e da história da tradição que é a mais antiga, é a breve menção de Paulo aos Doze (1Cor 15,5).

Portanto, através destas cinco múltiplas fontes independentes: a expressão dos Doze, a lista do nome dos Doze, a tradição Joanina, a fonte *Quelle* e a de Paulo, fica clara a existência dos Doze como grupo identificável durante o ministério público de Jesus. Faz-se necessário mencionar a múltipla confirmação das fontes destes textos, que nos apresentam a confirmação das diversas formas, e que são: os Doze são mencionados em diversas narrativas. Nas falas aparece a fonte *Quelle* e João, e a lista dos nomes dos Doze nos Evangelhos Sinóticos e Atos dos Apóstolos, e uma fórmula do credo (1Cor 15,3-5).

## 2.2. O critério do Constrangimento<sup>22</sup>

O ponto central deste critério é que, em seus primórdios, a Igreja dificilmente ter-se-ia afastado de sua linha para criar material que pudesse constranger seu criador, ou enfraquecer sua própria posição nas discussões com os adversários. O material constrangedor, originário de Jesus, poderia ser suprimido em cópias ou traduções nos estágios posteriores da tradição do Evangelho. Este critério esclarece que não existe razão convincente para a Igreja primitiva ter-se dado ao trabalho de inventar uma tradição tão incômoda quanto a da traição de Jesus por Judas, um de seus Doze escolhidos.

Depois da morte de Jesus pela crucificação, uma das mais horríveis formas de execução no mundo antigo, o que mais causou choque seria o fato de Ele ter sido “entregue” por Judas, seu discípulo presente, que em todos os quatro Evangelhos apresentado como distintivo de “um dos Doze” (Mc 14,10; Mt 26,14; Lc 22,3; Jo 6,71).

A crucificação de Jesus situa-se em claro paralelo com a sua entrega por Judas. O fato de Judas ter entregado Jesus às autoridades é confirmado pela tradição sinótica e por João. Não existe razão convincente para a Igreja Primitiva ter-se dado ao trabalho de inventar uma tradição tão incômoda quanto a da traição de Jesus por Judas, um de seus Doze escolhidos.

---

<sup>22</sup> Este critério recebeu dois nomes: o do Constrangimento, por Schillebeeckx, e da Contradição, por MEYER, John P. Este critério do Constrangimento enfoca os atos ou as palavras de Jesus que poderiam ter constrangido ou criado dificuldades para a Igreja primitiva.

Portanto, pela análise dos textos podemos concluir: 1) Judas era membro dos Doze, e este fato histórico tem o apoio do critério da múltipla confirmação de fontes. 2) Jesus foi entregue às autoridades por Judas, e este fato histórico tem o apoio da múltipla confirmação. 3) A entrega de Jesus por Judas tem, além disso, o respaldo do critério do constrangimento. Enfim, o fato de Judas, um dos Doze, ter entregado Jesus às autoridades tem firmes raízes no fato histórico, assim com, a existência do grupo chamado os Doze, ao qual Judas pertencia.

### 2.3. O critério da Tradição

O modo ou maneira pela qual a tradição sobre os Doze “fluiu e refluiu” no período do Novo Testamento é um argumento a favor da origem do grupo ainda durante a vida pública do Jesus histórico. A origem do grupo dos Doze deu-se durante a vida pública de Jesus. Os Doze são mencionados nos quatro Evangelhos. Na fórmula primitiva pré-paulina (1Cor 15,3-4). Paulo afirma παρέλαβον “recebi” (1Cor 15,3). O que Paulo diz vem de uma tradição anterior aos Evangelhos. Não é criação dele. Esta carta foi escrita por Paulo pelos anos de 55 a 56. Logo a seguir “*apareceu a Cefas, e depois aos Doze*” (1Cor 15,5). Os Doze são mencionados também nos primeiros capítulos do Livro dos Atos dos Apóstolos<sup>23</sup>.

Paulo é o único escritor da primeira geração cristã que nos apresenta alguns nomes dos Doze e fatos detalhados na carta aos Gálatas. Nesta carta há vários testemunhos do contato de Paulo com alguns dos Doze. Em Gálatas, ele afirma: “*Em seguida, após três anos subi a Jerusalém para avistar-me com Cefas e fiquei quinze dias com ele*” (Gl 1,18). Em seguida, na mesma carta, diz: “*Não vi nenhum outro apóstolo, mas somente Tiago, o irmão do Senhor*” (Gl 1,19). Logo a seguir: “*subi novamente a Jerusalém com Barnabé, tendo tomado comigo também Tito*” (Gl 2,1). Diz ainda: “*Conhecendo a graça a mim concedida, Tiago, Cefas e João, tidos como colunas, estenderam a mão a mim e a Barnabé, em sinal de comunhão. Nós pregaríamos aos gentios e eles para a circuncisão*” (Gl 2,9). Por estas citações da carta aos Gálatas, Paulo menciona várias vezes o seu contato com o nome de alguns dos Doze. Duas vezes menciona Pedro (Gl 1,18; 2,9), e depois menciona Tiago, Cefas e João como colunas da Igreja<sup>24</sup>. Por outro lado, é ausente em Paulo nas suas cartas a menção aos Doze. A única exceção é a referência ao credo primitivo, uma fórmula pré-paulina (1Cor 15,5).

<sup>23</sup> O grupo dos Doze não é mais mencionado na narrativa depois de At 6,2. Aqui se esgotam todos os registros supostamente históricos sobre os Doze no Novo Testamento. No entanto, volta a aparecer no livro do Apocalipse, em Ap 21,14, na visão apocalíptica de Jerusalém celestes no fim dos tempos: ... *dos Doze apóstolos do Cordeiro*”.

<sup>24</sup> FERREIRA, Joel Antônio. *Gálatas. A epístola da abertura de fronteiras*, Edições Loyola, São Paulo 2005. RUIZ, José María González, *O Evangelho de Paulo*, Editora Vozes, Petrópolis, 1999. COTHENET, E. *A epístola aos Gálatas*, São Paulo, Edições Paulinas, 1985. BOSCH, Jordi Sánchez, *Escritos Paulinos*, São Paulo AM Editora Ave-Maria, 2002.

É curioso que Paulo descreve detalhes sobre as suas relações ou disputas com Pedro, Tiago, João, Barnabé, Apolo e outros das igrejas de Jerusalém, da Antioquia, da Galácia e de Corinto durante os anos de 40, 50, mas nunca menciona as suas relações ou contatos com os Doze como grupo.

Também é espantoso que Lucas, autor de uma obra em dois volumes, Evangelho e Atos dos Apóstolos, apesar de toda a ênfase que dá aos Doze como um elo vivo entre o tempo de Jesus e o tempo da Igreja, tenha cada vez menos a dizer a respeito dos Doze, à medida que os capítulos dos Atos dos Apóstolos vão passando.

Também é curioso o silêncio da expressão “os Doze” nos demais livros do Novo Testamento, como as cartas deutero-paulinas, Cartas Católicas, Hebreus. As razões para o rápido desaparecimento ou total ausência dos Doze na maior parte dos livros do Novo Testamento não são claras.

Como explicar todo este silêncio? Há alguns argumentos que procuram explicar, mas o bom senso para este silêncio deve predominar. 1) Os Doze foram importantes no período do Jesus histórico, durante a sua vida pública, que foi o momento em que estes Doze tiveram um papel significativo. 2) A função dos Doze continuou até os primeiros anos da Igreja primitiva, mas aos poucos foi diminuindo e desaparecendo o uso da expressão os Doze. 3) É interessante observar com o martírio de Tiago, irmão de João (At 12,2)<sup>25</sup>, não se fez nenhuma tentativa de completar de novo um grupo funcional que não era visto como atuante na Igreja<sup>26</sup>. 4) Um outro fator importante a ser mencionado é que o poder do grupo dos Doze foi eclipsado, diminuindo pela ascendência de líderes individuais como Pedro, Tiago, João e outros, aos Judeus da Diáspora no Oriente ou no Ocidente, assim não restando mais um grupo visível de Doze líderes em cena.

A primeira conclusão é um fato curioso e surpreendente que chama a atenção nos Evangelhos e em Atos dos Apóstolos, depois da ressurreição de Jesus e das aparições do Ressuscitado, no Cristianismo primitivo, os Doze como grupo não aparecem muito tempo juntos. O que aconteceu? Aqui estamos no campo das hipóteses. Quais? a) Eles tomaram caminhos diferentes longe de Jerusalém, movidos pelo desejo de anunciar, pregar a Boa Nova, o Evangelho. b) Três deles, Pedro, Tiago e João <sup>27</sup>

<sup>25</sup> O texto bíblico diz “Naquele tempo, o rei Herodes se pôs a maltratar alguns membros da Igreja. Executou à espada Tiago, irmão de João”.

<sup>26</sup> Neste contexto histórico faria sentido falar de indivíduos influentes como Pedro, Tiago e João, mas faria pouco sentido à lembrança da atividade dos Doze na vida de Jesus ou nos primórdios da Igreja.

<sup>27</sup> Estes três participam de um momento importante na vida de Jesus, a Transfiguração. “Jesus tomou consigo a Pedro, Tiago e João...” (Mc 9,2; Mt 17,1; Lc 9,28). Há outro dado narrado na Carta aos Gálatas, Gl 1,18-19; 2,9. Paulo vai para Jerusalém e se encontra com estes três. Eles são chamados “colunas” (Gl 2,9). O texto diz por que Paulo foi encontrar-se com as colunas da Igreja: a) “estenderam-

continuaram em Jerusalém. Segundo a tese de Armand Puig, “até pelo ano de 44 d.C., quando Tiago será decapitado por ordem de Agripa I. Pedro deve ter ido a Antioquia, depois a Roma”<sup>28</sup>.

Uma segunda conclusão: o desaparecimento progressivo é motivo suficiente para considerar autêntica a notícia de que o próprio Jesus tinha constituído o grupo de Doze. Com efeito, é difícil que, alguns decênios mais tarde, se sentisse a necessidade de apelar a Jesus para a instituição de um grupo que não ocupasse uma posição de destaque na Igreja.

Uma terceira conclusão é que “os Doze” evidentemente estavam presentes e ativos durante a vida pública de Jesus e nos primeiros dias da caminhada das comunidades<sup>29</sup>. Sua presença e atividade tão cedo foi declinando. Desapareceram, saíram de cena rapidamente, e a maioria dos nomes das listas dos Doze são apenas nomes, de agora em diante.

---

nos a mão”; b) tudo isto em “sinal de comunhão”; c) “Paulo e Barnabé pregariam aos Gentios e as colunas da Igreja aos Circuncisos”( Fl 2,9).

<sup>28</sup> PUIG, Armand, *Jesus. Uma biografia*, Lisboa, Paulus, Editora, 2006, p. 271.

<sup>29</sup> FABRIS, Rinaldo, no livro *Problemas e perspectivas das ciências bíblicas*, São Paulo, Edições Loyola 1993, na p. 333, diz: “No início da vida da Igreja os Doze são lembrados novamente em At 1,13 e se narra a substituição de Judas, o traidor; mais adiante, porém, essa solicitude desaparece e, depois da morte de Tiago, não se pensa de forma alguma em substituí-lo (At 12,2).

### 3. ANÁLISE DO GRUPO “OS DOZE” (τοῦς δώδεκα) CONSTITUÍDO POR JESUS

#### 1. Os lugares em que aparece a expressão “os Doze” (τοῦς δώδεκα), referindo-se ao grupo constituído por Jesus

Ampliando o estudo dos vinte e sete livros que compõem o Novo Testamento, percebe-se que a expressão “os Doze” (τοῦς δώδεκα), designando o grupo constituído por Jesus no início de sua vida pública,<sup>30</sup> aparece com bastante frequência nos quatro Evangelhos. “Os Doze” aparecem assim distribuídos<sup>31</sup>:

No Evangelho de Marcos a expressão “os Doze”, aparece onze vezes (Mc 3,14.16; 4,10; 6,7; 9,35; 10,32; 11,11; 14,10.17.20.43)<sup>32</sup>.

No Evangelho de Mateus a expressão “os Doze” aparece oito vezes (Mt 10,1.2.5; 11,1; 20,17; 26,14.20.47).

No Evangelho de Lucas aparece sete vezes (Lc 6,13; 8,1; 9,1.12; 18,31; 22,3.47).

No Evangelho de São João aparece quatro vezes (Jo 6,67.70.71; 20,24)<sup>33</sup>.

No livro dos Atos dos Apóstolos esta expressão aparece claramente (At 6,2) no contexto da instituição dos “sete”. Também aparece uma outra vez (em At 1,26), quando Matias foi escolhido no lugar de Judas e é inserido no grupo. O texto bíblico fala de Doze e diz: “lançaram sorte sobre eles, e a sorte caiu em Matias, que foi colocado no número dos Doze apóstolos” (At 1,26).

Nas cartas de Paulo<sup>34</sup>, aparece somente uma vez a expressão “os Doze”, na primeira Carta aos Coríntios: “Apareceu a Cefas, e depois aos

<sup>30</sup> Esta é a tese de PUIG, *Jesus. Uma biografia*, 2006. Na p. 269 “um dos dados mais seguros sobre a história de Jesus é que se quis rodear de doze homens que, desde os primeiros passos da sua atividade pública, partilhassem a sua vida e O acompanhassem de forma estável e continuada”. Na mesma linha situa-se BAUCKHAM, em *Jesus e as testemunhas oculares. Os Evangelhos como testemunhos de testemunhas oculares*, 2011, pp. 125-149.

<sup>31</sup> A expressão *os Doze* (τοῦς δώδεκα), às vezes recebeu um qualificativo de apóstolos ou discípulos, como em Mt 10,2 “os Doze apóstolos” ou “os doze discípulos” (Mt 10,1; 11,1; 20,17 ou Lc 6,13).

<sup>32</sup> Fazendo-se análise minuciosa deste elenco é possível perceber nesta lista de onze vezes três grupos diferentes. O primeiro, aquelas em que estão ligados à constituição dos Doze e ao envio em missão (Mc 3,14; 3,16; 6,7). O segundo grupo são aquelas que abrangem as fórmulas introdutórias aos ditos de Jesus (Mc 4,10; 9,35; 10,32). O terceiro grupo são aquelas que estão ligadas à história da paixão e à traição por Judas, um dos Doze (Mc 11,11; 14,10; 14,17; 14,20; 14,43).

<sup>33</sup> TAYLOR, *Marco*, 1977, na p. 243 diz: “Os Doze não é a mesma coisa que “os discípulos”, não é o mesmo que “apóstolos”. Representa uma aproximação mais ampla que os Doze”.

*Doze*” (1Cor 15,5). Esta carta é proto-paulina, isto é, Paulo é o autor. Aqui estamos num dos textos mais importantes da teologia de Paulo sobre o tema da Ressurreição. Os doze são colocados como testemunhas da ressurreição de Jesus. O texto (1Cor 15,3-4) contém o tema do *kerigma*, que consiste: Cristo morreu. Foi sepultado. Ressuscitou e Apareceu<sup>35</sup>.

Somente uma vez aparece a expressão “os Doze” (Ap 21,14), referindo-se ao grupo dos Doze constituídos por Jesus.

Os demais livros do Novo Testamento não mencionam “os Doze” (τοῦς δώδεκα), como grupo constituído por Jesus, no início de sua vida pública na Galileia.

## 2. Quadro sinótico da presença de “os Doze” (τοῦς δώδεκα) no Novo Testamento

CONTEXTO	Evangelho de Marcos	Evangelho de Mateus	Evangelho de Lucas	Evangelho de João	Atos dos Apóstolos	Primeira Carta aos Coríntios	Apocalipse
1. Constituição “os Doze”	3,14. 16	10,1. 2.	6,13				
2. “Os Doze” no ensino em parábolas	4,10						
3. “Os Doze” seguem a Jesus			8,1				
4. Envio em missão com recomendações	6,7	10,5; 11,1	9,1				
5. Multiplicação dos pães			9,12				
6. Discurso de Jesus sobre o pão da vida				6,67. 70			
7. No segundo anúncio da paixão	9,35						
8. No terceiro anúncio da paixão	10,32	20,17	18,31				

<sup>34</sup> Nas cartas de Paulo, distinguimos dois grupos: Proto-Paulinas, que são as cartas: Romanos, 1 e 2 Coríntios, Gálatas, 1 Tessalonicenses, Filipenses, Filemon e talvez 2 Tessalonicenses. Estas são as cartas que Paulo escreveu. O outro grupo são deuterio-paulinas, que são cartas das quais Paulo não é o autor: Efésios, Colossenses, 1 e 2 Timóteo, Tito e Hebreus.

<sup>35</sup> BOSCH, *Escritos Paulinos*.2002. FERREIRA, *Primeira Epístola aos Coríntios*,2013. MAZZAROLO, *Primeira carta aos Coríntios. Exegese e comentário*, Rio de Janeiro, Mazzarolo editor, 2008.

9. Jesus chega em Jerusalém	11,11						
10. Planejamento de Judas de entregar Jesus	14,10	26,14	22,3	6,71			
11. Celebração da última Ceia	14,17. 20	26,20					
12. Prisão de Jesus	14,43	26,47	22,47				
13. O Jesus ressuscitado aparece a Tomé.				20,24			
14. Eleição de Matias.					1,26		
15. Escolha dos sete diáconos.					6,2		
16. Diversas aparições de Jesus						15,5	
17. Livro do Apocalipse							21,14

## 2.1. Constatação da ocorrência de “os Doze” no texto bíblico grego

É preciso fazer uma análise da construção gramatical do texto bíblico grego em que aparece a expressão “os Doze”. No texto grego aparecem várias formas de construção gramatical:

No Evangelho de Marcos temos: δώδεκα, sem nenhum outro complemento (Mc 3,14). Na segunda forma, a expressão τοῦς δώδεκα aparece (Mc 3,16; 6,7; 9,35; 10,32). Na terceira, aparece a expressão τοις δώδεκα (Mc 4,10). Na quarta forma, aparece a expressão των δώδεκα (Mc 11,11; 14,10.17.20.43). Por esses dados estatísticos no Evangelho de Marcos encontramos várias construções diferentes.

No Evangelho de Mateus temos, primeiramente, τοῦς δώδεκα (Mt 10,1; 10,5; 20,17), e também a expressão τοις δώδεκα (Mt 11,1). Finalmente, a expressão των δώδεκα (Mt 10,2; 26,14; 26,20; 26,47). Portanto, são usadas três formas diferentes na apresentação dos Doze.

No Evangelho de Lucas temos αυτον δώδεκα (Lc 6,13). A segunda expressão é τοῦς δώδεκα (Lc 9,1; 18,31). A expressão τοις δώδεκα não aparece em nenhum lugar no Evangelho de Lucas. A terceira citação traz a expressão των δώδεκα (Lc 22,3; 22,47). Aparece outra construção que não

apareceu em Marcos, mas somente em Lucas (os Doze): a fórmula οι δώδεκα (Lc 8,1; 9,12). Portanto, em Lucas aparecem duas construções diferentes para apresentar “os Doze”, que são αυτον e οι.

No Evangelho de João aparece a expressão τοῦς δώδεκα (Jo 6,67). Aparece a expressão τοις δώδεκα (Jo 6,70). Também aparece a expressão των δώδεκα (Jo 6,71; 20,24).

Diante destas seis formas de apresentar “os Doze”, vamos agrupá-las:

1) O termo grego δώδεκα (Mc 3,14), sem nenhum outro complemento. É só aqui que aparece esta forma da construção gramatical grega.

2) A expressão τοῦς δώδεκα aparece (Mc 3,16; 6,7; 9,35; 10,32. Em Mt 10,1; 10,5; 20,17; Lc 9,1; 18,31; Jo 6,67). Esta expressão, τοῦς δώδεκα, encontra-se no caso acusativo, masculino, plural.

3) A expressão τοις δώδεκα (Mc 4,10; Mt 11,1; Jo 6,70). Esta construção está no caso dativo, masculino, plural.

4) A expressão των δώδεκα (Mc 11,11; 14,10.17.20.43; Mt 10,2; 26,14; 26,20; 26,47; Lc 22,3; 22,47; Jo 6,71; 20,24). Esta construção gramatical está no caso genitivo, masculino, plural.

5) A expressão αυτον δώδεκα (Lc 6,13). Está no caso genitivo, masculino, plural. É um pronome demonstrativo.

6) A expressão οι δώδεκα (Lc 8,1; 9,12). Está no caso nominativo, masculino, plural.

## 2.2. Análise do quadro sinótico “os Doze” (τοῦς δώδεκα)

O método a ser utilizado é considerar o Evangelho de Marcos como parâmetro, pela razão de aparecer nele maior número de vezes a expressão “os Doze”, num total de onze vezes. Outra razão: o Evangelho de Marcos é o mais antigo de todos, isto é, o primeiro dos Evangelhos a ser escrito. Em seguida, seguir o critério dos textos em paralelo.

Pela análise da estatística percebe-se que, à medida que o tempo passa, vai diminuindo o uso do termo “*dodeka*” (Doze) nos quatro Evangelhos. Isto percebe-se no quadro estatístico apresentado anteriormente. O Evangelho de Marcos foi o primeiro a ser escrito e aparece maior número de vezes. No Evangelho de João, o último a ser escrito, aparece somente quatro vezes.

### 2.2.1. A constituição “os Doze”: (Mc 3,14. 16; Mt 10,1. 2; Lc 6,13)

A expressão “os Doze” aparece na narrativa dos três Evangelhos Sinóticos no momento da constituição do grupo “dos Doze”. Em cada evangelista o verbo usado é diferente. Temos três construções diferentes.

No Evangelho de Marcos, duas vezes em 3,14.16, é usado o mesmo verbo grego, ἐποίησεν (“constituiu”, “fez”). Em Mc 3,14, após ser dito “*Constituiu Doze*”, é descrita a razão, o porquê desta constituição. Em Mc 3,16, é usado outra vez o mesmo verbo ἐποίησεν (*constituiu Doze*) para poder continuar impondo o nome deles.

O Evangelho de Mateus usa o verbo προσκαλεσάμενος, que pode ser traduzido como “*tendo convocado*” (Mt 10,1). Convocar tem o sentido de chamar. É um verbo diferente em relação a de Marcos. O sentido é chamar, convocar. No Evangelho de Mateus “*chamou os doze discípulos*” (Mt 10,1), dizendo que Jesus chamou Doze discípulos. No mesmo Evangelho, “*estes são os nome dos doze apóstolos*” (Mt 10,2), o texto é “*Doze apóstolos*”, e em seguida passa a denominá-los. Mateus usa duas expressões neste chamado: “*Doze discípulos*” e “*Doze apóstolos*”.

O Evangelho de Lucas usa outro verbo, ἐκλεξάμενος, participio aoristo “*tendo convocado*” (Lc 6,13), que é escolher. Portanto, o texto é “*tendo convocado os discípulos dele, e escolhendo dentre eles Doze*”. Isto passa a ideia de que havia ali um grupo grande (maior) e dentre eles escolheu Doze.

### 2.2.2. “Os Doze” no ensino em parábolas (Mc 4,10)

A expressão “os Doze” aparece no contexto de ensino em parábolas (Mc 4,1-34)<sup>36</sup>. São três grupos de pessoas presentes neste ensino de Jesus através das parábolas. Um grupo é “*uma multidão, muito numerosa*” (Mc 4,1). O outro grupo, “*todo o povo*” (Mc 4,1), quer dizer “*todas as pessoas*”. Todos estavam lá para ouvir Jesus. Um terceiro grupo são “os Doze” (Mc 4,10).

<sup>36</sup> Duas observações gerais sobre este texto. A primeira é o conteúdo, isto é, o ensino em parábolas. Há três parábolas. A primeira é a do semeador (Mc 4,3-9). Segue a incompreensão por parte dos doze (Mc 4,10-12) e segue a explicação desta parábola (Mc 4,13-20). Seguem dois ditos: um é o da lâmpada (Mc 4,21-23); o outro, o da medida (Mc 4,24-25). A segunda parábola que aparece na narrativa é a da semente que cresce e germina por si só (Mc 4,26-29). Esta parábola é única em Marcos. Não há paralelismos nos outros dois Sinóticos. Finalmente aparece a terceira parábola, a do grão de mostarda (Mc 4,30-32). Por fim, encerra-se este discurso, do ensino em parábolas (4,33-34). A segunda observação é o público que está presente neste ensino em parábolas. No início do texto diz “*multidão muito numerosa*” (Mc 4,1). Há uma característica desta multidão: ela é grande, “*numerosa*”. Em seguida é dito: “*E todo o povo estava na terra, junto ao mar*”. Quer dizer, é passada a ideia de muitas pessoas ali, à beira mar, para ouvir Jesus. O grupo “os Doze” aparece como um grupo à parte (Mc 4,10).

Eles são apresentados como aqueles que interrogam a Jesus sobre as parábolas, passando a ideia de que eles não entenderam a parábola do semeador, embora o texto falando no plural, “as parábolas” (Mc 4,11).

No texto paralelo, em Mateus (13,11), temos justamente o contrário: “os doze” entendem as parábolas. Em Mateus (13,1-52) também temos dois grupos de pessoas: uma grande multidão (Mt 13,2) e os discípulos (Doze) (Mt 13,10). Tanto Marcos como Mateus, no início da narrativa, seguem a mesma estrutura: a presença de dois grupos de pessoas, sendo o lugar onde é proclamada a parábola do semeador “*junto ao mar*”. Jesus demonstra duas atitudes: uma, entrou num barco; outra, sentou-se. No conjunto da narrativa, tanto em Marcos como em Mateus, há o mesmo esquema: uma parábola; o porquê de Jesus falar em parábolas; explicação da parábola.

### 2.2.3. “Os Doze” seguem a Jesus (Lc 8,1)

Na narrativa do Evangelho de Lucas nos situamos no contexto da pregação de Jesus na Galileia, que vai de (Lc 4,14 – 9,50). O texto bíblico diz “os doze” (Lc 8,10). Este versículo deve ser situado no contexto maior (Lc 8,1-3).

Esta perícopete contém duas grandes partes. A primeira é um sumário introdutório (Lc 8,1). A segunda descreve os companheiros: os doze, algumas mulheres que tinham sido curadas e outras que *διηκόνουν* serviam com os seus bens (Lc 8,1d-3).

É uma perícopete exclusiva do Evangelho de Lucas. O centro da perícopete está em mencionar as mulheres, que seguem a Jesus. Estas mulheres foram designadas por Jesus com o papel de discípulas, colaboradoras e evangelizadoras. Elas se tornaram protagonistas no anúncio da ressurreição. O texto de Lucas diz: “*bem como as mulheres que o haviam acompanhado desde a GALILEIA*” (Lc 23,39).....” “*Eram Maria Madalena, Joana e Maria, mãe de Tiago. As outras mulheres que estavam com elas* (Lc 24,10).

Esta perícopete de Lc 8,1d-3 apresenta um Jesus com algumas características: aceita as mulheres como seguidoras, discípulas (Lc 8,2-3). Estas mulheres serviam com seus bens: “*muitas outras que os serviam com seus recursos*” Lc 8,3). Jesus anda de um lugar para outro anunciando o Reino de Deus: “*Ele andava por cidades e aldeias, pregando e anunciando a Boa Nova do Reino de Deus*” (Lc 8,1). É um Jesus com característica de itinerante.

Para finalizar, o texto menciona “os Doze” (Lc 8,1). Eles são mencionados como aqueles que seguem a Jesus. Não é descrita nenhuma ação destes Doze. Eles são mencionados como primeiros no elenco dos que seguem a Jesus, antes de mencionar as mulheres. No momento da constituição

estes Doze são chamados de apóstolos. Diz o texto bíblico: “*escolheu Doze, aos quais deu o nome de apóstolos*” (Lc 6,13).

#### **2.2.4. “Os Doze” são enviados em missão (Mc 6,7; Mt 10,5; Lc 9,1)**

O envio em missão aparece nos três Evangelhos Sinóticos, isto é, a presença da expressão “os Doze”. “Os Doze” são enviados em missão por Jesus com algumas recomendações. Para esta missão os evangelistas usam dois verbos diferentes.

Marcos e Lucas usam o verbo convocar, chamar, προσκαλείται. Em Marcos, Jesus convocou os Doze (Mc 6,7). Lucas diz: “convocando os Doze” (Lc 9,1). Mateus usa o verbo enviar, ἀπέστειλεν: enviou os doze (Mt 10,5). Para Mateus, este capítulo 10 se situa no segundo discurso de Jesus<sup>37</sup>. Nesta perícopie, Mateus une duas dos outros dois Evangelhos Sinóticos: a da eleição (Mc 3,13-19; Lc 6, 12-16) e o elenco normativo para a missão (Mc 6,7-13; Lc 9,1-6). Explicando melhor, Marcos e Lucas têm a constituição dos doze (Mc 3,13-19 e Lc 6,12-16). Em outro contexto da narrativa temos o envio em missão (Mc 6,7-13 e Lc 9,1-6). Estes dois momentos de Marcos e Lucas, o da constituição e do envio em missão, o evangelista Mateus situa tudo num só capítulo (Mt 10,1-42).

#### **2.2.5. Multiplicação dos pães (Lc 9,12)**

No conjunto da narrativa do Evangelho de Lucas estamos no final da pregação de Jesus na Galileia, que culmina em (Lc 9,50). Ao fazer análise literária de (Lc 9,12-17), fazem-se necessárias algumas observações: o contexto em que antecede o milagre (Lc 9,10-11), e o regresso dos Doze, após sua missão (Lc 9,1-6). Os termos “doze” e “multidão” abrem e encerram a narrativa dos milagres. “Os doze” aparece (Lc 9,12) e em seguida temos “a multidão”: “*todos ficaram saciados*” (Lc 9,17).

Este milagre é narrado pelos quatro Evangelhos, embora João o apresente não com o termo milagre, mas como “sinal”. Este milagre, o da multiplicação dos pães, é o mais importante de todos, por estas razões: 1) Pelas inúmeras vezes em que é narrado, num total de seis vezes, sendo duas

---

<sup>37</sup> O Evangelho de Mateus apresenta cinco discursos proclamados por Jesus: O primeiro, (Mt 5,1 – 7,29) é o Sermão da Montanha, no qual Jesus proclama o Reino dos céus e suas exigências, apresentando as condições para entrar-se no Reino dos céus. O segundo (Mt 9,35 – 10,42) é o missionário, cujo tema é anunciar o Reino. O terceiro (Mt 13,3b-52) é o das parábolas. É o mistério do Reino e procura esclarecer o Reino dos Céus. Consta de sete parábolas. O quarto (Mt 18,3-34) é o eclesiológico, cujo tema é a comunidade que aceita o Reino dos céus. É a comunidade dos seguidores. Finalmente, o quinto (Mt 13,1 – 25,46) é o escatológico: estarem preparados para a vinda do Reino dos céus. É estarem vigilantes.

vezes por Marcos, duas por Mateus, uma por Lucas e uma por João<sup>38</sup>. 2) Recebeu as mais diversas interpretações. 3) A primeira reação dos Doze é pragmática: *“despede a multidão”* (Lc 9,12). Estes doze não perceberam que algo de extraordinário estava para acontecer. 4) O grande número de pessoas saciadas, *“cinco mil homens”* (Lc 9,14), exprime a importância deste milagre na vida pública de Jesus. O anúncio da Boa Nova, o Evangelho, não pode estar dissociado da vida concreta, cotidiana, do dia a dia de quem recebe a pregação do Evangelho.

### 2.2.6. Discurso de Jesus sobre o pão da vida (Jo 6,67. 70)

O capítulo 6 do Evangelho de São João começa uma nova unidade, através da expressão *“depois disso”* (Jo 6,1). Nesta nova unidade temos o relato da multiplicação dos pães e da caminhada de Jesus sobre o mar (Jo 6,1-21). Após estes dois sinais, há dois discursos de Jesus. O primeiro, o pão como revelação (Jo 6,22-48) e o segundo, sobre o pão como Eucaristia 6,49-58. Neste capítulo temos o mesmo esquema do capítulo 5. Um sinal seguido do discurso que esclarece o sinal realizado. No final encontramos uma cena dramática: a opção a favor ou contra Jesus (Jo 6,59-71). E, no final do capítulo, aparece três vezes a menção *“os Doze”* (Jo 6,67.70.71).

No Evangelho de João aparece quatro vezes a menção a *“os Doze”* (Jo 6,67.70.71; 20,24). Destas quatro vezes aparece em dois contextos bem diferentes. Estes dois contextos são significativos. Nas três primeiras vezes (Jo 6,67.70.71), o contexto está no capítulo 6, no discurso sobre o pão da vida. Este capítulo pode ser designado de *“mini-evangelho”*. *“Contém a mensagem essencial de Jesus a respeito de Jesus”*<sup>39</sup>.

Situamo-nos no tema do seguimento a Jesus. Este seguimento torna-se difícil para os Doze. Muitos discípulos provavelmente estavam presente no sinal dos pães (Jo 6,8.12.16) e agora mostram o seu ceticismo para com Jesus, diante de sua revelação e do discurso sobre o pão da vida, como a Eucaristia (Jo 6,60.66). No final é dito: *“a partir daí, muitos discípulos voltaram atrás e não andavam mais com ele”* (Jo 6,66). Os versículos 60 e 61 apresentam dois motivos deste ceticismo por parte dos discípulos: as palavras de Jesus são duras e não podem ser escutadas. E tais palavras geram escândalo.

A partir daqui, Jesus se dirige *“aos Doze”* (Jo 6,67) e faz a pergunta: *“não quereis também vós partir?”* Pedro responde, e nesta resposta

<sup>38</sup> Estas seis narrativas são assim distribuídas: na primeira multiplicação (Mc 6,35-44), em 6,43 é dito que sobraram *“doze cestos de pão e de peixes”*; (Mt 14,13-21) em 14,20, que *“sobraram doze cestos cheios dos pedaços que sobraram”*; (Lc 9,12-17) em 9,17, *“doze cestos”*; (Jo 6,1-15) em 6,13 diz: *“encheram doze cestos com os restos”*. Por outro lado, Mateus e Marcos narram uma segunda multiplicação dos pães, na qual sobraram sete cestos. Mc 7,1-10 (8,8) e Mt 15,32-39 (15,37).

<sup>39</sup> Konings, Johan, *Evangelho segundo João. Amor e fidelidade*, São Paulo, Edições Loyola, 2005, p. 147.

há uma verdadeira profissão de fé em três momentos, quando diz: a) “*Só tu tens palavras de vida eterna*” (Jo 6,68). b) “*Nós cremos*” (Jo 6,69). c) Nós “*reconhecemos que tu és o Santo de Deus*” (Jo 6,69).

No segundo texto em que aparece “os Doze” (Jo 6,70), há certo paralelismo com os Evangelhos Sinóticos. Jesus fala da escolha: “*respondeu-lhes Jesus: Não vos escolhi, eu, aos Doze?*” (Jo 6,70). Aqui somos remetidos ao contexto da constituição de “os Doze” (Mc 3,13-19; Mt 10,1-4; Lc 6,12-16).

### **2.2.7. No segundo anúncio da paixão (Mc 9,35)**

Há nos Evangelhos Sinóticos três anúncios da paixão. No Evangelho de João não há <sup>40</sup>. Em Marcos aparece a expressão “os Doze” (Mc 9,35) e isto se dá no contexto do segundo anúncio da paixão. Em seguida há o tema, “quem é o maior?”

Fazendo-se um paralelismo entre os Evangelhos Sinóticos, percebemos que em Marcos Jesus se senta, no estilo de um rabino que ensina, chama os Doze e fala (Mc 9,35). Em Mateus, o tema de quem é o maior é deslocado para o quarto discurso de Jesus (Mt 18,1-5). Aqui não se fala de “os Doze”, e sim de “os discípulos”. O Evangelho de Lucas, depois do segundo anúncio da paixão (Lc 9,46), usa o pronome grego “*autois*” (eles), não “os Doze”. Para finalizar, deduz-se que somente o Evangelho de Marcos fala dos Doze no segundo anúncio da paixão. No contexto do primeiro anúncio da paixão, a expressão “os Doze” não aparece nos Evangelhos sinóticos.

### **2.2.8. No terceiro anúncio da paixão (Mc 10,32; Mt 20,17; Lc 18,31)**

Nos Evangelhos Sinóticos, o terceiro anúncio da paixão é descrito no momento da subida de Jesus para Jerusalém, “*partindo dali, ele foi para o território da Judeia, além do Jordão*” (Mc 10,1). Mateus afirma: “*quando Jesus terminou essas palavras, partiu da Galileia e foi para o território da Judeia, além do Jordão*” (Mc 19,1). No Evangelho de Lucas, “*quando se completaram os dias de sua assunção, ele tomou resolutamente o caminho de Jerusalém*” (Lc 9,51). Nos três Evangelhos aparece a expressão “os Doze” (Mc 10,32; Mt 20,17; Lc

<sup>40</sup> O primeiro anúncio da paixão (Mc 8,31-33; Mt 16,21-23; Lc 9,22). O segundo anúncio (Mc 9,30-32; Mt 17,22-23; Lc 9,43-45). O terceiro anúncio da paixão (Mc 10,32-34; Mt 20,17-19; Lc 18,31-33). Fazendo uma análise comparativa, percebe-se que no Evangelho de Marcos os três anúncios estão seguidos, isto é, um após o outro, um em cada capítulo, e logo após o anúncio há em Marcos um ensinamento de Jesus. O primeiro ensinamento (Mc 8,34-38) apresenta as condições do caminho para o seguimento de Jesus. O segundo (9,33-37) discute o tema do maior e responde a pergunta “quem é o maior?” No terceiro (Mc 10,35-45), temos somente o pedido dos filhos de Zebedeu (Tiago e João) e o tema da autoridade como serviço.

18,31). Esta caminhada da Galileia para Jerusalém em Marcos é descrita (Mc 10,1-52). Em Mateus nos capítulos (19,1 – 20,34). Em Lucas começa (9,51) e termina (19,44). Percebe-se que em Lucas é descrita longamente, em quase dez capítulos. Esta é a grande característica deste Evangelho.

É interessante observar dois dados: 1) É usada a mesma expressão, *“tomando os Doze”*. O verbo grego é o mesmo nos três Evangelhos, mas conjugado de três formas diferentes: *καί παραλαβών πάλιν τοὺς δώδεκα* “*e tomando consigo novamente os Doze* (Mc 10,32). Em Mateus, *παρέλαβεν τοὺς δώδεκα* “*tomou os Doze*” Mt 20,17). Em Lucas *παραλαβών δέ τοὺς δώδεκα* “*tomando os Doze*” Lc 18,31). 2) Os Evangelhos Sinóticos afirmam o mesmo acontecimento. Marcos diz: “*Estavam no caminho, subindo para Jerusalém* (Mc 10,32); Mateus diz: “*quando estavam para subir a Jerusalém* (Mt 20,17); e Lucas diz: “*estamos subindo a Jerusalém*” (Lc 18,31). Nos três textos, percebe-se que estavam a caminho de Jerusalém, visto que os três mencionam a mesma meta – Jerusalém.

### 2.2.9. Jesus chega a Jerusalém (Mc 11,11)

Jesus aproxima-se de Jerusalém e Marcos diz: “*Ao se aproximarem de Jerusalém...*” (Mc 11,1). Neste texto afirma que Jesus entra em Jerusalém, montado num jumentinho, depois entra no Templo. Ali, o texto afirma a presença dos “Doze” com Jesus: “*tendo observado tudo e como já era tarde, saiu e foi para Betânia com os Doze*” (Mc 11,11). Aqui a narrativa de Marcos se estende por três dias da atividade de Jesus<sup>41</sup>.

Esta atividade de três dias é descrita deste modo:

No primeiro dia Jesus se aproxima de Jerusalém (Mc 11,1) e à tarde vai para Betânia (Mc 11,11). Portanto temos: Betfagé - Betânia – caminho - Jerusalém – Templo - Betânia, ao entardecer.

No segundo dia, “*no dia seguinte*” (Mc 11,12-19), Jesus sai de Betânia e chega a Jerusalém, onde expulsa os vendilhões (Mc 11,15-19). Ao entardecer, dirige-se para fora da cidade (Mc 11,19). Portanto, temos no segundo dia este percurso: Betânia – caminho – Jerusalém - Tempo, com saída da cidade ao entardecer.

No terceiro dia, “*passando por ali de manhã*” (Mc 11,20 – 12,37). De manhã – caminho - Jerusalém – Templo - monte das Oliveiras. A partir

<sup>41</sup> Primeiro dia, aproxima-se de Jerusalém (Mc 11,1). A tarde via para Betânia (mc 11,11). O primeiro dia é narrado (Mc 11,1-11). Segundo dia, no dia seguinte (Mc 11,12), sai de Betânia chega a Jerusalém. (Mc 11,19) ao entardecer, ele se dirige para fora da cidade. Este seria o segundo dia (Mc 11,12-19). O terceiro dia, (Mc 11,20) passando por ali de manhã. Portanto, o terceiro dia seria (Mc 11,20 – 13,37).

daqui se desencadeia uma série de cinco controvérsias (Mc 11,27 – 12,37)<sup>42</sup>. Esta menção dos Doze não tem paralelismo nos outros três Evangelhos: Mateus, Lucas e João.

### **2.2.10. Judas planeja entregar Jesus: (Mc 14,10; Mt 26,14; Lc 22,3; Jo 6,71)**

Aqui nos situamos numa tríplice tradição (Mc 14,10; Mt 26,14; Lc 22,3). Há alguns dados comuns. Quem vai entregar Jesus é Judas Iscariotes, conforme aparece em Marcos e Mateus. Lucas só diz Judas e, mais, afirma que satanás entrou em Judas. Marcos e Mateus silenciam sobre este dado. Os três Sinóticos afirmam que Judas se dirigiu “*aos sumos sacerdotes*” para entregar Jesus. E, por fim, Judas é identificado como “*um dos Doze*”. Portanto, ele faz parte dos Doze; faz parte do grupo que Jesus constituiu (Mc 3,13-19; Mt 10,1-4; Lc 6,12-16). Há um paralelismo entre os Evangelhos Sinóticos e o texto do Evangelho de João (Jo 6,71). Judas Iscariotes é o que entregará Jesus e é identificado com um “dos doze”.

### **2.2.11. A celebração da última Ceia (Mc 14,17. 20; Mt 26,20)**

No Evangelho de Marcos aparece duas vezes a menção a “os Doze” (Mc 14,17.20). Em Mateus somente uma vez (Mt 26,20), e em Lucas nenhuma vez. Aqui é preciso fazer algumas observações sobre o uso da expressão “os Doze”.

Em Marcos, nas duas menções a “os Doze” (14,17.20), observa-se que a primeira indica o sentido de grupo, o elenco, os doze. Na segunda menção da expressão “os Doze” (Mc 14,20), o sentido é o de referir-se a uma pessoa: “*aquele que coloca a mão no mesmo prato comigo*”. Aqui é preciso unir com o texto (Mc 14,10) para identificar quem é. É Judas.

Em Mateus, a expressão “os Doze” só aparece uma vez (Mt 26,20). Refere-se ao grupo, ao elenco, aos doze, como em Marcos (Mc 14,17). Em Lucas o texto paralelo diz: “*Eis, porém, que a mão do que me trai está comigo, sobre a mesa*” (Lc 22,21). Fica no anonimato. Não usa a expressão “os Doze” e nem menciona o nome de Judas.

---

<sup>42</sup> Há no Evangelho de Marcos dois blocos de controvérsias. O primeiro (Mc 2,1 – 3,6). É um dos agrupamentos temáticos de Marcos, com cinco discussões entre Jesus e os Escribas e Fariseus. Estas controvérsias se situam no debate da lei de Moisés. No segundo bloco (Mc 11,27 – 12,27), o tema situa-se no âmbito do “saber”: Jesus sabe ou não? Por que ele se comporta desta forma? Por que age assim? Também há cinco discussões com o Sinédrio (sumos sacerdotes, escribas e anciãos), com os Fariseus, com os Herodianos e com os Saduceus.

### 2.2.12. Prisão de Jesus (Mc 14,43; Mt 26,47; Lc 22,47)

Os três Evangelhos Sinóticos são unânimes em fazer algumas afirmações: Neste momento Jesus se encontrava “*falando*” (Mc 14,43; Mt 26,47; Lc 22,47). O texto diz “Judas, um dos Doze”, portanto há uma identificação. O texto identifica quem é, e diz que chegou uma multidão; fala da identificação de Jesus através do beijo que Judas dará.

### 2.2.13. Jesus ressuscitado aparece a Tomé (Jo 20,24)

Uma quarta vez, a expressão “*os Doze*” aparece logo após a ressurreição de Jesus, mais exatamente na segunda aparição, conforme a narrativa do Evangelho de João. Na segunda aparição sem a presença de Tomé, o dídimo, ele é apresentado como um dos Doze <sup>43</sup>. Observa-se que Tomé aparece outra vez no Evangelho de João. Isto acontece em Jo 11,16, no sinal (“*semeion*”) da ressurreição de Lázaro. Aqui não aparece a expressão “*os Doze*”.

Tomé, um “dos Doze” quer acreditar no Jesus ressuscitado do jeito dele, do seu modo. Ele se afasta do testemunho da comunidade, que diz: “*nós vimos o Senhor*” (Jo 20,25). Tomé acredita somente nos seus padrões já estabelecidos, quando diz: “*se eu não vir a marca dos pregos nas mãos de Jesus, se eu não colocar o dedo na marca dos pregos, se eu não colocar a minha mão no lado dele, eu não acreditarei*” (Jo 20,25).

Desta declaração de Tomé deduzimos várias ideias: Tomé deseja uma manifestação pessoal e especial do Jesus ressuscitado. Talvez Tomé queira o controle e a manipulação de Jesus, ou talvez queira um Jesus ressuscitado à sua imagem e semelhança. Talvez Tomé queira individualizar a experiência comunitária, quando diz “*se eu não vir a marca*”; “*se eu não colocar o meu dedo*”; “*se eu não colocar a minha mão*” (Jo 20,25). Tomé manifesta uma atitude egoísta. Ele reduz a experiência comunitária do ressuscitado “*nós vimos.....*” (Jo 20,25) à sua própria experiência. Não sabemos, o texto não diz, se Tomé chegou a tocar no Jesus ressuscitado.

A partir do momento em que Tomé passou a acreditar no Jesus ressuscitado, faz uma das grandes declarações públicas de fé: “*Meu Senhor e meu Deus*” (Jo 20,28). A fé não exige nenhuma demonstração.

Para finalizar, há um dado comum entre os dois blocos de textos que fazem menção a “os doze” (Jo 6,67; 20,24). Tanto em Jo 6,67-70 como em

---

<sup>43</sup> No Evangelho de João, as aparições do Jesus ressuscitado são narradas: na primeira, a Maria Madalena (Jo 20,11-18); depois ao grupo, sem a presença de Tomé (Jo 20,19-25); uma terceira vez, com a presença de Tomé (Jo 20,26-29).

20,24, Pedro e Tomé são reconhecidos como os grandes do testemunho de fé. Pronunciam a decisiva confissão de fé. Pedro diz: “*Senhor, a quem iremos? Tens palavras de vida eterna e nós cremos e reconhecemos que és o Santo de Deus*” (Jo 6,68-69). Tomé diz “*meu Senhor e meu Deus*” (Jo 20,28).

### 2.2.14 A eleição de Matias (At 1,26)

Além dos quatro Evangelhos, aparece no livro dos Atos dos Apóstolos duas vezes a expressão “os doze”, referindo-se ao grupo constituído por Jesus. Seguindo a narrativa, a primeira vez aparece no relato da escolha de Matias, no lugar de Judas (At 1,26), quando Matias foi escolhido e inserido no grupo dos Doze: “*Lançaram sorte sobre eles, e a sorte caiu em Matias, que foi colocado no número dos Doze apóstolos*” (At 1,26). Os doze são qualificados de apóstolos, o mesmo que aparece em (Mt 10,2 e Lc 6,13). Fazendo uma reflexão sobre o relato da escolha de Matias, aparecem várias constatações (At 1,15-26):

Primeira: este texto de Lucas no livro dos Atos dos Apóstolos não responde a uma série de perguntas que podem ser feitas, tais como: Qual era a organização que tinha a Igreja das origens? Era uma Igreja dirigida por uma assembleia ou por uma hierarquia? Qual era a relação entre os Doze e os outros discípulos? Diante destas perguntas é inútil e fora de lugar pedir respostas ao texto bíblico. “*Lucas não nos dá informações de carácter jurídico, nem estabelece quais devam ser as estruturas da Igreja*”<sup>44</sup>.

Segunda: há uma pergunta aberta: Quem participa da escolha de Matias? É toda a comunidade? São somente os apóstolos, aqui no sentido dos onze? Todas estas questões brotam porque Lucas, na sua narrativa, usa os verbos no plural, sem explicitar quem são os personagens. Pode-se afirmar com certeza que os únicos que atuam na cena são os apóstolos, isto é, os Onze (At 1,13). O número de cento e vinte só aparece aqui na narrativa dos Atos dos Apóstolos e nunca mais são lembrados.

Terceira: o critério da escolha dos candidatos. A narrativa da escolha do substituto de Judas é preparada pelo citação do Salmo “*um outro receba o seu cargo*” (Hebraico Sl 109,8). O texto bíblico apresenta o critério chave dos candidatos para o lugar de Judas (At 1,21-22). O texto de Atos diz: “*destes homens que nos acompanharam*”.... (At 1,21)<sup>45</sup>.

<sup>44</sup> BARBAGLIO, Giuseppe, *Jesus, Hebreu da Galileia. Pesquisa histórica*, São Paulo, Paulinas, 2011, p. 58.

<sup>45</sup> A eleição daquele que deve ser o substituto de Judas dá-se no âmbito da comunidade representada por Pedro e pelos “*cento e vinte*” (At 1,15). Qual o significado do número cento e vinte? a) Em recordação histórica do grupo inicial, observa-se que o texto diz “*mais ou menos*” (At 1,15). Portanto, indica que o número não é exato. b) Indica que a comunidade é bem organizada e assim oficialmente está capacitada, habilitada, para o ato que está para se cumprir.

Quarta: a forma da escolha dos dois candidatos apresentados. O primeiro é apresentado com três nomes: a) José, corresponde ao seu nome corriqueiro; b) Barsabás, que seria filho de Sabás; c) o justo (At 1,23). O segundo candidato é apresentado como Matias<sup>46</sup>. Depois da apresentação dos dois candidatos, segue-se a oração dirigida a Deus<sup>47</sup>. Há um apelo a Deus que “*conhece o coração de todos*” (At 1,24). Segue-se um pedido a Deus para mostrar quem ele escolheu<sup>48</sup>. Com isso, Lucas destaca que a comunidade deixa a Deus a decisão.

Uma quinta observação: o texto dá ênfase ao papel dos Doze. Está bem claro que a escolha de Matias exigiu condições: “*que nos acompanham durante todo o tempo em que o Senhor Jesus viveu no meio de nós...*” (At 1,21). Com isso, Lucas enfatiza a sua concepção hierárquica da comunidade primitiva. Assim, este número representa o verdadeiro Israel na comunidade da história da salvação. Matias foi o escolhido de Deus e completou assim o quadro “*os Doze*”. Desta forma, a comunidade está pronta; tudo está preparado para receber o dom do Espírito Santo (At 2,1-13).

### 2.2.15. A escolha dos sete diáconos (At 6,2)

A expressão “os Doze” aparece pela segunda vez (At 6,2). O contexto aqui é da instituição dos “sete”, que são comumente chamamos de diáconos, embora no texto (At 6,1-7) não apareça o termo diácono. A partir de 6,1 começam a surgir tensões<sup>49</sup>.

Havia um problema na comunidade primitiva que precisava ser solucionado: “*como aumentasse o número dos discípulos, surgiram murmurações entre os helenistas contra os hebreus*” (At 6,1). É apresentado

<sup>46</sup> Destes dois candidatos sabemos quase nada. Provavelmente foram beneficiados pelas aparições do Jesus ressuscitado quando se encontravam no cenáculo com os apóstolos (Lc 24,9-33). Quanto ao seu seguimento de Jesus durante a vida pública, a começar pelo batismo de João Batista, nada sabemos.

<sup>47</sup> Lucas escreveu uma obra em dois volumes: o Evangelho e Atos dos Apóstolos. O Evangelho apresenta Jesus rezando nos grandes momentos da vida pública. Jesus reza no momento do batismo (Lc 3,21-22); antes de iniciar a sua vida pública (Lc 4,16ss); durante a pregação no deserto (5,15-16); antes da escolha dos Doze passou a noite inteira em oração (Lc 6,12-13); antes do anúncio da paixão, reza (Lc 9,18-20); na transfiguração reza (Lc 9,28-35); antes de ensinar o Pai Nosso deu o exemplo: rezou (Lc 11,1-4); na paixão, reza por Pedro (Lc 22,32); na cruz reza pelos inimigos (Lc 23,34); no momento da morte reza (Lc 23,46, citando o Sl 31,6). O livro dos Atos dos Apóstolos menciona inúmeras vezes a oração das primeiras comunidades (At 1,14. 24; 2,25-35. 42. 46. 47; 3,1. 8; 5,12; 6,4. 6; 7,59. 60; 8,15. 22. 24; 9,11. 40; 10,2. 4. 9. 13. 30. 31; 11,5; 12,5. 12; 13,2. 3. 48; 14,23; 16, 13. 16. 25; 18,9. 18; 19,27. 18; 20,7. 32. 36; 21,5. 14. 20. 16; 22,7. 17. 18s; 23,11; 27,23. 35.; 28, 8. 15).

<sup>48</sup> A expressão “*lançaram a sorte sobre eles*” (At 1,26) é um ato que goza de particular dimensão jurídico-religiosa. Este gesto se encontra inúmeras vezes no Antigo Testamento (Lv 16,8; Nm 26,55; 33,54; 36,2; Js 18,6; Jz 20,9; Pr 1,13).

<sup>49</sup> A primeira tensão se encontra (At 6,1-7): é a primeira vez, na narrativa dos Atos dos Apóstolos, que a comunidade de Jerusalém é atormentada pelo conflito. Em seguida, aparecem outras dificuldades, como a prisão e morte de Estevão (At 6,8 – 7,60). A Igreja vê-se perseguida e obrigada a dispersar-se “*pelos regiões da Judeia e Samaria*” (At 8,1-3).

um segundo problema: “*não nos convém abandonar a Palavra de Deus para servir às mesas*” (At 6,2). São “os Doze” que tomam a iniciativa para solucionar o problema: “*convocaram, então, a assembleia dos discípulos*” (At 6,2). A proposta é apresentada pelos Doze (At 6,3), a comunidade a acolheu (At 6,5) e os Doze executaram a proposta (At 6,6). O texto central da narrativa é quando são apresentadas as qualidades dos futuros diáconos, “*boa reputação, repletos do Espírito e de sabedoria*” (At 6,3). A escolha dos sete diáconos dá-se em dois momentos: o primeiro, a proposta em si (At 6,3); o segundo, na sua execução (At 6,5). Pela primeira vez, a comunidade primitiva é composta diversificadamente, compreendendo hebreus e helenistas.

### **2.2.16. Diversas aparições do ressuscitado na primeira carta aos Coríntios (1Cor 15,5)**

A primeira carta aos Coríntios em 15,1-58 desenvolve o tema da ressurreição de Jesus Cristo. É um capítulo muito bem estruturado<sup>50</sup>. Conforme a estrutura apresentada na nota do rodapé anterior, o texto base é o querigma cristão (1Cor 15,1-11). A narrativa é estruturada desta forma: a transmissão do Evangelho (1Cor 15,1-3a); o credo da Igreja primitiva (1Cor 15,3b-8); a confissão do Apóstolo Paulo (1Cor 15,9-11)<sup>51</sup>.

O texto propõe uma citação literal do Evangelho em torno do anúncio e da tradição. Em termos de anúncio: “*vos anunciei*”, “*recebestes*”, “*se permaneceres*”, “*sereis salvos*”. Em termos de tradição: “*vos transmiti o que recebi*” (1Cor 15,1-3<sup>a</sup>).

O texto apresenta o credo da Igreja primitiva (1Cor 15,3-4). Este credo Paulo recebeu e estava anunciando. É um texto muito antigo, anterior a Paulo. A sua origem provavelmente se deu nas comunidades da Palestina<sup>52</sup>. Quanto à estrutura desta narrativa (1Cor 15,3b-8), é desenvolvida por FERREIRA, a partir do método da crítica das formas<sup>53</sup>.

É tese comum entre estudiosos<sup>54</sup> que o credo da Igreja Primitiva continha duas partes. A primeira seria a fase essencial (15,3b-5a). Esta fase se dá pela separação grega das expressões *καί*, *οτί*, traduzindo “e que”. Contém: “*Cristo morreu*” (15,3b); “*Foi sepultado*” (15,4<sup>a</sup>); “*Ressuscitou*” (15,4b);

<sup>50</sup> Existem várias formas propostas pelos estudiosos para estruturar este capítulo. FERREIRA, Joel Antônio, *Primeira Epístola aos Coríntios*, Comentário Bíblico Latinoamericano, São Paulo, Fonte Editorial, 2013, pp. 172-188. BOSCH, Jordi Sánchez, *Escritos Paulinos, coleção Introdução ao Estudo da Bíblia, Volume 7*, São Paulo, AM Edições, 2007, p. 191. BOSCH, Jordi Sánchez estrutura desta forma: O querigma cristão (1 Cor 15,1-11); Questões sobre a ressurreição (1Cor 15,12-19); Afirmação cristológica (1Cor 15,20-28); Posições ilógicas (1Cor 15,29-34); O corpo ressuscitado (1Cor 15,35-49); f) Peroração final (1Cor 15,50-58).

<sup>51</sup> Esta estrutura é desenvolvida por FERREIRA, 2013, pp. 172-177.

<sup>52</sup> Esta é a tese da origem deste credo, defendida por FERREIRA, p. 173.

<sup>53</sup> Esta estrutura se encontra detalhadamente pp. 173-174.

<sup>54</sup> Cito FERREIRA, 2013, pp 174-176. BOSCH, 2007, p. 192.

“Apareceu a Cefas” (15,5a). A segunda parte seria complementar. Temos a partícula “e depois”, em grego έπειτα (15,5b), que aparece duas vezes (15,6.7). Aparece para “os Doze” (15,5b) e segue os demais que foram privilegiados pela aparição do Senhor ressuscitado (15,5b-8). Todo este elenco de testemunhas é a confirmação da fé na ressurreição. O aspecto central e fundamental da fé cristã está no fato de que Jesus ressuscitou e foi visto e sua ressurreição é a garantia da nossa fé <sup>55</sup>.

O texto “apareceu a Cefas e depois aos Doze” (1Cor 15,5a). Na análise deste versículo ficam bem claro alguns aspectos: Pedro era o coordenador da Igreja primitiva reunida em Jerusalém. Esta Igreja reafirmava a missão de Pedro. É a menção dos Doze. O texto bíblico não visa a defender o sentido cronológico. O importante é que estes doze têm o papel, o aspecto teológico da colegialidade. Naquele momento histórico deveria ser dito os onze.

### 2.2.17. “Os Doze” no livro do Apocalipse (21,14)

Sobre o livro do Apocalipse, existem respeitados livros publicados em português<sup>56</sup>. Antes de trabalhar o texto em que aparece a expressão “os Doze Apóstolos”, no livro do Apocalipse faz-se necessário sintetizar algumas ideias: Para interpretar corretamente o livro do Apocalipse é preciso situá-lo dentro da corrente da literatura apocalíptica. Esta floresceu entre os séculos II aC. até o I dC. Sobre este contexto histórico, é bom consultar bibliografia<sup>57</sup>. O uso muito frequente da linguagem simbólica é um dos aspectos mais específicos da literatura apocalíptica. Além de ser muito sugestiva e atraente, tem a vantagem de universalizar as mensagens pela presença de inúmeros símbolos, tais como cores, números, elementos da natureza, mundo animal, coisas da vida, corpo e vida humana, Jerusalém, e assim por diante.<sup>58</sup>

<sup>55</sup> MAZZAROLO, Isidoro, *Primeira Carta aos Coríntios. Exegese e comentário*, Mazzarolo Editor, Rio de Janeiro, 2008, pgs. 193-205. O autor trabalha longamente o tema da ressurreição. Faz menção dos autores que afirmam que a ressurreição não é um fato histórico, e portanto não pode ser objeto de investigação histórica. Neste capítulo 15, Izidoro não trabalha a estrutura do texto bíblico.

<sup>56</sup> Cito as principais publicações em português: CORSINI, Eugênio, *O Apocalipse de São João. Grande comentário Bíblico*, Edições Paulinas, São Paulo, 1984, p. 398. MESTERS, Carlos e OROFINO, Francisco. *Apocalipse de João, Comentário Bíblico Latinoamericano*. São Paulo, Fontal Editorial e Santuário, 2013, p. 366. MESTERS, Carlos e OROFINO, Francisco. *Apocalipse de João: Esperança, Coragem e Alegria*, São Paulo, Paulus e Cebi 2002, p. 271. PRIGENT, Pierre. *O Apocalipse*. São Paulo, Edições Loyola, 1993, p. 455. TUÑI, Josep-Oriol e ALEGRE, Xavier. *Escritos Joaninos e cartas Católicas*, São Paulo, AM Edições, 2007, pp 191-260. RICHARD, Pablo, *Apocalipse. Reconstrução da Esperança*. Petrópolis, Editora Vozes, 1996, pp. 293. STRABELI, Mauro, *O Apocalipse. Explicação e atualização*. São Paulo, AM Edições, 1992, p. 195.

<sup>57</sup> COLLINS, John J. *A imaginação Apocalíptica. Uma introdução à literatura apocalíptica judaica*. São Paulo, Paulus, 2010. NICKELSBURG, George W. E. *Literatura judaica, entre a Bíblia e a Misna. Uma introdução histórica e literária*. São Paulo, Paulus, 2011. PAUL, A. *O que é o intertestamento*, São Paulo, Edições Paulinas, 1981. ROWLEY, H. H. *A importância da Literatura Apocalíptica*. São Paulo, Edições Paulinas, 1980. RUSSELL, D. S. *Desvelamento divino*. São Paulo, Paulus, 1997.

<sup>58</sup> Para melhor aprofundamento dos símbolos no livro do Apocalipse, consultar: MESTERS, Carlos e OROFINO, Francisco. *Apocalipse de João, Comentário Bíblico Latinoamericano*. São Paulo, Fontal

O texto bíblico fala de “os Doze Apóstolos”, diz “*A muralha da cidade tem doze alicerces, sobre os quais estão os nomes dos doze Apóstolos do Cordeiro*” (Ap 21,14). O contexto está no penúltimo capítulo do Apocalipse. Os dois últimos capítulos (Ap 21 e 22)<sup>59</sup> são os capítulos onde desemboca nos grandes roteiros, duas grandes estradas. A primeira é o caminho do Êxodo, da saída, do ir para fora; “*é a liberdade plena, com a Aliança renovada*”<sup>60</sup>; é o texto do Livro do Apocalipse (cap. 4 a 11). A segunda é a do julgamento, que termina no estabelecimento completo da justiça, nos capítulos 12 a 20 do Apocalipse.

Fazendo uma análise de (Ap 21,9-14), o autor do texto bíblico procura descrever as partes da cidade Santa, Jerusalém, comunicando a ideia de perfeição. A descrição é algo extraordinário, sendo apresentada no texto com três descrições: ela desce do céu, é a noiva e é a esposa do Cordeiro.

“*A glória de Deus*” (Ap 21,11). Sabe-se que a glória (doxa), a *shekina*<sup>61</sup>, é a presença de Deus. É a habitação de Deus. É a manifestação da presença de Deus. O texto esclarece que esta glória luminosa é vida, a presença direta de Deus e do Cordeiro. No Antigo Testamento dois livros proféticos, do profeta Isaías (Is 60,1ss; 65,17ss) e do profeta Ezequiel (cap. 40 – 48), afirmam que a glória de Deus é a sua presença. É a irradiação da divindade. O seu esplendor é como “*uma pedra preciosíssima*” ( Ap 21,11).

O texto fala da cidade toda cercada por uma muralha. É apresentada como cumprimento da promessa de Deus. Esta muralha é apresentada com duas características: “*muralha grossa e alta*” (Ap 21,12).

A presença do número doze na descrição da muralha. O número doze aparece seis vezes no texto, sob diversas expressões: “*doze portas*”; “*doze anjos*”; “*doze tribos*”; “*doze alicerces*”; “*doze nomes*”; “*doze apóstolos do Cordeiro*” (Ap 21,12-14)<sup>62</sup>. A muralha tem doze portas e, sobre elas, doze anjos, com os nomes das doze tribos de Israel. A muralha está assentada sobre doze pedras (alicerces), com o nome dos doze apóstolos. O que significa toda esta descrição apresentada em Ap 21,12-14?

---

Editorial e Santuário, 2013, pp. 349- 357. MESTERS, Carlos e OROFINO, Francisco. *Apocalipse de João: Esperança, Coragem e Alegria*, São Paulo, Paulus e Cebi 2002, pp. 265-271.

<sup>59</sup> Para aprofundamento, consultar o artigo de ADRIANO FILHO, José, *A nova Jerusalém. Um estudo de Apocalipse 21,9 – 22,9*, in revista Estudos Bíblicos, número 101, Petrópolis, Editora Vozes, 2009, pp 81-92.

<sup>60</sup> MESTERS, Carlos e OROFINO, Francisco. *Apocalipse de João, Comentário Bíblico Latinoamericano*. São Paulo, Fontal Editorial e Santuário, 2013, pp. 321.

<sup>61</sup> Sobre o tema da SHEKINÁ, há vários artigos na revista de Estudos Bíblicos, número 101, Petrópolis, Editora Vozes, 2009.

<sup>62</sup> O artigo de ADRIANO FILHO, 2009, pp 81-92. O autor apresenta duas ideias sobre o texto. A primeira faz uma apresentação da Novo Jerusalém e a segunda traz o significado da Nova Jerusalém. Infelizmente o autor não trabalhou, não desenvolveu, o tema “dos Doze Apóstolos” que aparece no texto. No texto (Ap 21,12-14) aparece seis vezes a expressão “os Doze” com diversos aspectos.

Temos aqui uma reconstrução simbólica do povo de Deus. As portas estavam marcadas com o nome das doze tribos de Israel, assim indicando que o povo que deve entrar é verdadeiramente o povo de Deus, qualquer que seja a variedade de suas origens. Os alicerces (pedras) levam o nome dos doze apóstolos, com isso querendo realçar o carácter do novo povo. É o Israel escatológico, aquele que o Cordeiro, Cristo, chama e constitui. O número doze expressa a totalidade, a perfeição. O nome das doze tribos simboliza o povo de Deus em suas origens. O nome dos doze apóstolos simboliza o povo de Deus, reconstruído pela morte e ressurreição de Jesus<sup>63</sup>.

Há uma concepção similar apresentada no Evangelho de Mateus: “*vos sentareis em doze tronos para julgar as doze tribos de Israel*” (Mt 19,28). Os Doze são escolhidos por Jesus, conforme os Evangelhos Sinóticos, para manifestar a unidade do plano da salvação que Deus realiza desde as origens, particularmente desde que toma como povo as doze tribos de Israel, presentes nos livros do Gênesis e no início do Êxodo. Tudo isto é para anunciar a realização deste plano em uma comunidade messiânica da mesma estrutura. É a presença de Deus que faz que a Igreja brilhe e se renove constante e totalmente.

### 3. Uma antiga tradição da fonte *Quelle*

Outra observação a ser feita está numa antiga tradição chamada fonte *Quelle*<sup>64</sup>. Através desta tradição, a fonte *Quelle*<sup>65</sup> parece vir confirmar que

<sup>63</sup> O texto afirma: “*os nomes do doze Apóstolos do Cordeiro*”. Os cristãos são chamados de “*santos, apóstolos e profetas*” (Ap 18,20), portanto apóstolos. As doze tribos de Israel e os doze apóstolos do Cordeiro representam todos os que se comprometeram com a justiça e com o projeto de Deus.

<sup>64</sup> Ao falar da fonte *Quelle* (da palavra alemã “*Quelle*”, que significa fonte) está inserida a sua origem para resolver dois problemas: 1) Qual a origem da tradição dos Evangelhos? 2) Qual a importância da fonte *Quelle*. Para que serve? A primeira pergunta é a partir dos trabalhos críticos de C. H. Weise (1801-1866), que escreveu dois volumes, e de C. G. Wilke. Estes dois autores chegaram de forma independente, mas ao mesmo tempo, isto é, não simultaneamente, ao mesmo resultado: “*na base da tradição evangélica há dois documentos: o Evangelho de Marcos e a fonte Quelle*”. A segunda pergunta é: qual a importância da fonte *Quelle*? Para que ela serve? Onde ela entra, do que faz parte, nos estudos dos Evangelhos Sinóticos? Aqui entramos no problema Sinótico. O termo “sinótico” foi aplicado aos textos de Mateus, Marcos e Lucas a partir de edições em colunas paralelas, chamada de Sinopse. O problema ou questão sinótica provém de que esses três Evangelhos têm muito em comum para terem sido concebidos independentes um do outro. São muito diferentes para concluir por uma simples dependência entre si. Portanto, há concordâncias muito grandes entre eles e ao mesmo tempo grandes diferenças. Como explicar isso? Quais as relações existentes entre estes três Evangelhos, de modo que se possam explicar essas semelhanças, e também tais diferenças? Dependem de uma fonte comum? Pode-se explicar somente pela tradição oral? Os Evangelhos de Mateus e Lucas não tiveram somente como fonte única o Evangelho de Marcos. Tiveram uma outra fonte comum aos dois, chamada fonte *Quelle*, que deveria ser uma coletânea dos ensinamentos de Jesus. Portanto, a hipótese da fonte *Quelle* se justifica para explicar os relatos que somente aparecem nestes dois Evangelhos: Mateus e Lucas. Estes relatos não se encontram em Marcos. É evidente que os Evangelhos de Mateus e Lucas, além da fonte do Evangelho de Marcos, além da fonte *Quelle*, tiveram cada qual as suas próprias fontes, escritas ou orais.

<sup>65</sup> Fazendo uma retrospectiva histórica sobre a teoria das duas fontes, temos muitos testemunhos. Começamos por H. J. Holtzmann. Ele se influenciou muito na teoria da fonte *Quelle*. A partir desse

“os Doze” pertencem a um estágio redacional mais antigo. Isto se encontra em dois Evangelhos: Mateus e Lucas. Mateus diz: “o Filho do Homem se assentará no seu trono de glória, também vós, que me seguistes, vos sentareis em doze tronos para julgar as doze tribos de Israel” (Mt 19,28). Lucas diz “e vos senteis em tronos para julgar as doze tribos de Israel” (Lc 22,30). Fazendo uma análise dos dois textos bíblicos, percebe-se<sup>66</sup>:

Somente Mateus fala da existência de doze tronos, e diz quantos: são doze. Lucas só fala de tronos, sem mencionar a quantidade. Os dois textos dizem que vão assentar-se nos tronos. Quem? São os Doze? São os discípulos em geral? Os Doze têm uma missão, a de julgar. Tanto Mateus quanto Lucas falam da missão de julgar. Este julgamento é das “doze tribos de Israel”<sup>67</sup>. Estas doze tribos designam o novo Israel, a Igreja.

Pelo texto se deduz que é uma promessa que se refere “ao julgamento escatológico só de Israel, beneficiário da missão de Jesus e daquela, dos Doze”. Aqui o autor Giuseppe Barbaglio joga a favor da autenticidade histórica da frase, quando diz “um particularismo que joga a favor da autenticidade histórica da frase”<sup>68</sup>.

#### 4. A expressão “os Onze” τοις ενδεκα

Antes de fazer análise do quadro estatístico e contexto em que se encontra a expressão τοις δώδεκα, são necessárias algumas observações sobre a expressão τοις ενδεκα, “os Onze”. Esta expressão aparece uma vez no Evangelho de Marcos (16,14) duas vezes no Evangelho de Lucas (24,9. 24,33), em dois contextos diferentes, e também uma vez no Evangelho de Mateus (28,16) e outra no livro dos Atos dos Apóstolos, no discurso proclamado por Pedro logo após a narrativa do acontecimento do Pentecostes (2,14).

Fazendo uma análise desta estatística, deduz-se claramente que a expressão “os Onze” é empregada depois da ressurreição de Jesus, para

---

momento, publicaram-se vários estudos sobre o Evangelho de Marcos e a fonte *Quelle*. Mais tarde, A. Harnac, pertencente à escola liberal, em sua obra “*La esencia del cristianismo*”, de 1900, não dá muita confiança como fonte ao Evangelho de Marcos, mas prefere fundamentar-se na fonte *Quelle*. Nesta obra o autor apresenta Jesus como mestre de moral racional. Mais tarde ainda outros dois autores, Albert Schweitzer e A. Loisy, pertencentes à escola escatológica, fundamentam os seus estudos nas duas fontes, Marcos e *Quelle*. A sua tese é: “a essência do cristianismo não é uma moral, mas uma grande esperança, porque Jesus considerava iminente a irrupção da plenitude definitiva do Reino de Deus”.

<sup>66</sup> Para uma análise crítica literária do texto, indica-se: VOIGT, Emílio, *Contexto e surgimento do movimento de Jesus. As razões do seguimento*. São Paulo, Edições Loyola, 2014, pp. 327-328.

<sup>67</sup> Para um maior aprofundamento sobre o tema do “julgar”, sugere-se VOIGT, Emílio, *Contexto e surgimento do movimento de Jesus. As razões do seguimento*. São Paulo, Edições Loyola, 2014, pp 329-331.

<sup>68</sup> BARBAGLIO, Giuseppe, *Jesus, Hebreu da Galileia. Pesquisa histórica*, São Paulo, Paulinas, 2011, p. 381.

significar o grupo dos apóstolos, que são os Doze, aos quais Jesus apareceu, e do qual Judas se exclui por sua traição e seu enforcamento (Mt 27,3-10). Este dado da traição de Judas Iscariotes aparece nos três elencos “os Doze”, no momento da sua constituição nos Evangelhos Sinóticos, e aparece como último na estatística. Marcos diz: “*Judas Iscariotes, aquele que o traiu*” (Mc 3,19). Mateus diz: “*Judas Iscariotes, aquele que o traiu*” (Mt 10,4). Lucas diz: “*Judas Iscariotes, que se tornou o traidor*” (Lc 6,16).

A expressão τοις ενδεκα, “os Onze”, aparece no texto final do Evangelho de Marcos (16,14)<sup>69</sup>. Diz o texto bíblico: “*ele se manifestou aos onze, quando estavam à mesa*”. Estamos no contexto após a ressurreição de Jesus. Esta expressão “os Onze” significa sem a presença de Judas Iscariotes. Aqui o Jesus ressuscitado censura a incredulidade e a dureza de coração dos Onze.

O primeiro texto do Evangelho de Lucas em que aparece a expressão “os Onze” se dá no testemunho das mulheres, que encontraram o túmulo vazio e regressaram e os Onze não acreditaram nelas (Lc 24,10-11). Este episódio é narrado pelos quatro Evangelhos, mas somente Lucas faz a menção de “os Onze”, dizendo: “*ao voltarem do túmulo, anunciaram tudo isso aos Onze, bem como a todos os outros*” (Lc 24,9). Os Onze aqui são claramente distintos dos discípulos. O texto diz: “*aos Onze e a todos os outros*” (Lc 24,9). Nos outros três Evangelhos, fazendo um paralelismo, não aparece a expressão “os Onze”.

O outro texto de Lucas situa-se no contexto dos dois discípulos de Emaús. Eles, após a experiência do encontro com o ressuscitado (Lc 24,32-33), voltaram para Jerusalém (Lc 24,33). O texto descreve de uma forma detalhada o acontecimento dos discípulos de Emaús, ao dizer: “*naquela mesma hora, levantaram-se e voltaram para Jerusalém. Acharam aí reunidos os Onze e seus companheiros*” (Lc 24,33). Os dois textos (Lc 24,33 e Mc 16,14) estão num contexto paralelo. O acontecimento dos discípulos de Emaús. O evangelista Marcos faz um resumo (Mc 16,14), enquanto que o evangelista Lucas desenvolve a narrativa com maiores detalhes.

Na missão universal descrita somente pelo Evangelho de Mateus (Mt 28,16-20) aparece outra vez a expressão “os Onze”, no início da narrativa. Diz o texto: “*Os Onze discípulos caminharam para a Galileia, ao monte que Jesus lhes determinara*” (Mt 28,16). Seguem-se no texto as instruções dadas pelo Jesus ressuscitado aos Onze e a narrativa do Evangelho com a promessa de estar com eles até a “*consumação dos séculos*”. O contexto aqui é após a

---

<sup>69</sup> Não vou entrar na problemática do texto final do Evangelho de Marcos (16,9-20). Simplesmente faço duas afirmações. Primeira: é um texto de acréscimo posterior ao texto original do Evangelho de Marcos. O autor deste texto, que não sabemos quem foi, simplesmente faz uma síntese dos relatos das aparições de Jesus narradas por Mateus, Lucas e João. Portanto, podemos deduzir que foi escrito depois dos outros três Evangelhos. Segunda: este texto faz parte da Escritura Inspirada, portanto o texto é tido como Canônico.

ressurreição de Jesus, que aparece na Galileia e os envia em missão – missão universal.

Finalmente, uma quarta observação sobre “os Onze” se encontra no livro dos Atos dos Apóstolos. É necessário fazer três esclarecimentos. Primeiro: é empregada no momento da escolha de Matias, como substituto de Judas: *“foi colocado no número dos Doze apóstolos”* (At 1,26). Aqui aparece a ideia da existência de Onze e Matias ao ser inserido, completa o número para Doze. Segundo: após o Pentecostes, Pedro proclama o primeiro discurso (At 2,14-41). Diz o texto: *“Pedro, de pé com os Onze, ergue a voz, e assim lhes falou”* (At 2,14). Terceiro: o outro texto que menciona “os Doze” diz: *“os Doze convocaram, então, a assembleia dos discípulos e disseram...”* (At 6,2).

Diante da questão “os Onze”, brotam duas questões. Primeira: Paulo nos diz: *“Apareceu a Cefas, e depois aos Doze”* (1Cor 15,5). Este versículo chama-nos a atenção, quando Paulo deveria ter escrito “os Onze” e não “os Doze”. Qual o significado? Como resposta, pode-se dizer que *“O termo Doze significa aqui um nome próprio, os Apóstolos”*.<sup>70</sup>

Diante disto brota a segunda pergunta: por que é preciso completar esse quadro do número Doze após a morte de Judas? Sabemos que isto não aconteceu com a morte de Tiago: *“Assim, mandou matar à espada Tiago, irmão de João”* (At 12,2).

Devemos dar como resposta quatro orientações: a) Judas exclui-se do grupo sem ter cumprido a sua missão de “testemunha”, e assim criou uma lacuna no colégio dos Doze. b) Com a morte dos outros apóstolos não diminuiu o colégio, que subsiste em sua missão de colunas sobre as quais repousa a Igreja. c) Os Doze são os fundamentos. A morte de um dos Doze não suprime estes fundamentos. A sua morte termina com a missão de testemunhar até os extremos da terra (At 1,8). d) Outros preencherão a vaga, mas eles não são os Doze em sentido estrito, pois não podem ser testemunhas da ressurreição de Jesus, porque não acompanharam Jesus durante a vida pública. Foi este o critério utilizado na eleição de Matias para o lugar de Judas (At 1,21-22).

---

<sup>70</sup> AA. VV. *Dicionário Enciclopédico da Bíblia*, São Paulo, Coedição: Edições Loyola, Paulus, Paulinas, Academia Cristão, 2013, verbete “Onze”, p. 980.

#### 4. ANÁLISE COMPARATIVA DOS QUATRO ELENCOS DOS NOMES “OS DOZE” (τοῦς δώδεκα)

Fazendo a análise do texto bíblico dos Evangelhos Sinóticos não fica claro em que momento da vida pública de Jesus se deu a constituição do grupo dos Doze. Pela narrativa dos Sinóticos, antes da constituição dos Doze Jesus teve uma longa atividade pública na Galileia.

Na análise do elenco do nome dos Doze, há muitos estudos realizados e estão traduzidos para o português. Citam-se, por exemplo, três deles<sup>71</sup>. Os autores MEIER, BAUCKHAM e PUIG, trabalham o elenco dos Doze na tese da sua historicidade. Argumentam e defendem que, no início de sua vida pública, Jesus “constituiu um grupo de doze homens que, desde os primeiros passos de sua atividade pública, partilhassem a sua vida e o acompanhassem de forma estável e continuada”<sup>72</sup>.

Além da tese da historicidade dos doze, estes autores fazem uma análise dos “nomes e epítetos dos Doze”. O autor que desenvolve abundantemente esta temática é BAUCKHAM<sup>73</sup>.

O que será apresentado de novo nesta tese sobre os Doze? Como estas quatro listas apresentam o nome dos Doze? Como as quatro narrativas bíblicas estão construídas no contexto de cada um dos Evangelhos Sinóticos e no livro dos Atos dos Apóstolos? Aparece esta lista e os Doze no Evangelho de São João? Faz-se necessária uma análise comparativa das quatro listas do texto bíblico dos Doze, em Marcos, Mateus, Lucas e Atos dos Apóstolos, mostrando semelhanças e diferenças.

##### 1. As quatro listas dos nomes “os Doze” (τοῦς δώδεκα)

O objetivo deste ponto é apresentar o texto grego das quatro listas dos Doze com a sua tradução em português.

Marcos 3,13-19	Mateus 10,1-5a	Lc 6,12-16	At 1,13
Καί ἀναβαίνει εἰς τό ὄρος καί προσκαλεῖται οὓς ἠθελεν αὐτός, καί ἀπήλθον πρός αὐτόν. καί ἐποίησεν	Καί προκαλεσάμενος τοὺς δώδεκα μαθητάς αὐτοῦ ἔδωκεν αὐτοῖς ἐξουσίαν	Ἐγένετο δέ ἐν ταῖς ἡμέραις ταύταις ἐξελθεῖν αὐτόν εἰς τό ὄρος προσεύξασθαι, καί ἦν	καί ὅτε εἰσήλθον εἰς τό ὑπερώον ἀνέβησαν οὐ ἦσαν καταμένοντες, ὁ τε Πέτρος καί Ἰωάννης καί

<sup>71</sup> BAUCKHAM, 2011, pp 129-135. MEIER, 2003, pp. 139-154. PUIG, 2006, pp. 269-288.

<sup>72</sup> PUIG, Armand, *Jesus. Uma biografia*, Lisboa, Paulus, Editora, 2006, páginas 269.

<sup>73</sup> BAUCKHAM, 2011, pp. 135-149.

<p>δώδεκα [οὓς καὶ ἀποστόλους ὠνόμασεν] ἵνα ὡσιν μετ' αὐτοῦ καὶ ἵνα ἀποστέλλῃ αὐτοὺς κηρῦσσειν καὶ ἔχειν ἐξουσίαν ἐκβάλλειν τὰ δαιμόνια [καὶ ἐποίησεν τοὺς δώδεκα] καὶ ἐπέφηκεν ὄνομα τῷ Σίμωνι Πέτρον καὶ Ἰάκωβον τὸν τοῦ Ζεβεδαίου καὶ Ἰωάννην τὸν ἀδελφὸν τοῦ Ἰακώβου καὶ ἐπέφηκεν αὐτοῖς ὄνομα τα Βοαηργῆς ὁ ἔστιν Υἱοὶ Βσοντης. Καὶ Ἀνδρέαν καὶ Φίλιππον καὶ Βαρθολομαῖον καὶ Μαθθαῖον καὶ Θωμάν καὶ Ἰάκωβον τὸν τοῦ Ἀλθαίου καὶ Θαδδαῖον καὶ Σίμωνα τὸν Καναναῖο καὶ Ἰούδαν Ἰσκαριώθ ὃς καὶ παρέδωκεν αὐτόν</p>	<p>πνευμάτων ἀκαθάρτων ὥστε ἐκβάλλειν αὐτὰ καὶ θεραπεύειν πάσαν νόσον καὶ πάσαν μαλακίαν. Τῶν δὲ δώδεκα ἀποστόλων τὰ ὀνόματά ἐστιν ταῦτα πρῶτος Σίμων ὁ λεγόμενος Πέτρος καὶ Ἀνδρέας ὁ ἀδελθὸς αὐτοῦ καὶ Ἰάκωβος ὁ τοῦ Ζεβεδαίου καὶ Ἰωάννης ὁ ἀδελφὸς αὐτοῦ, Φίλιππος καὶ Βαρθολομαῖος, Θωμάς καὶ Μαθθαῖος ὁ τελώνης Ἰάκωβος ὁ τοῦ Ἀλθαίου καὶ Θαδδαῖος Σίμων ὁ Καναναῖος καὶ Ἰούδας ὁ Ἰσκαριώτης ὁ καὶ παραδούς αὐτόν</p>	<p>διανυτερεύων ἐν τῇ προσευχῇ τοῦ θεοῦ. καὶ ὅτε ἐγένετο ἡμέρα προσεφώνησεν τοὺς μαθητὰς αὐτοῦ, καὶ ἐκλεξάμενος ἀπ' αὐτῶν δώδεκα, οὓς καὶ ἀποστόλους ὠνόμασεν, Σίμωνα ὃν καὶ ὠνόμασεν Πέτρον, καὶ Ἀνδρέαν τὸν ἀδελθὸν αὐτοῦ, καὶ Ἰάκωβον καὶ Ἰωάννην καὶ Φίλιππον καὶ Βαρθολομαῖον καὶ Μαθθαῖον καὶ Θωμάν καὶ Ἰάκωβον Ἀλθαίου καὶ Σίμωνα τὸν καλούμενον Ζηλωτὴν καὶ Ἰούδαν Ἰακώβου καὶ Ἰούδαν Ἰσκαριώθ, ὃς ἐγένετο προδότης.</p>	<p>Ἰάκωβος καὶ Ἀνδρέας, Φίλιππος καὶ Θωμάς, Βαρθολομαῖος καὶ Μαθθαῖος, Ἰάκωβος Ἀλθαίου καὶ Σίμων ὁ ζηλωτὴς καὶ Ἰούδας Ἰακώβου</p>
<p>13 E, Jesus subiu ao monte e chamou a si os que ele queria. E foram até ele. 14 Instituiu Doze, [os quais também denominou apóstolos,] para que estivessem com ele, para enviá-los a pregar 15 e para</p>	<p>1 E, chamando a si os seus doze discípulos, deu-lhes autoridade sobre os espíritos impuros, para expulsá-los, e curar toda doença e toda enfermidade. 2 Os nomes dos doze apóstolos são estes: primeiro, Simão,</p>	<p>12 Ora, aconteceu que, naqueles dias, ele saiu ao monte para rezar, passando a noite em oração a Deus. 13 Quando amanheceu, convocou seus discípulos, escolhendo Doze</p>	<p>13 Quando entraram na cidade, subiram ao andar superior da casa em que estavam alojados. Eram Pedro e João, Tiago e André, Filipe e Tomé, Bartolomeu e</p>

<p><i>terem poder de expulsar os demônios. 16 [E instituiu os doze] e impôs a Simão o nome de Pedro; 17 Tiago, filho de Zebedeu, e João, irmão de Tiago, aos quais impôs o nome de Boanerges, isto é, Filhos do Trovão; 18 André e Filipe, Bartolomeu e Mateus, Tomé e Tiago, filho de Alfeu, Tadeu e Simão o cananeu, 19 e Judas Iscariotes, que o entregou.</i></p>	<p><i>chamado Pedro, e André, seu irmão; também Tiago, filho de Zebedeu, e João, seu irmão; 3 Filipe e Bartolomeu; Tomé e Mateus, o coletor de impostos; Tiago, filho de Alfeu, e Tadeu; 4 Simão, o cananeu, e Judas Iscariotes, aquele que o entregou.</i></p>	<p><i>deles, os quais também denominou apóstolos: 14 Simão, que chamou também de Pedro; André, seu irmão; Tiago e João, Filipe e Bartolomeu, 15 Mateus, Tomé e Tiago, filho de Alfeu, Simão, apelidado “Zelota”, 16 Judas, filho de Tiago, e Judas Iscariotes, que se tornou traidor.</i></p>	<p><i>Mateus, Tiago, filho de Alfeu, o zelota Simão, e Judas, filho de Tiago.<sup>74</sup></i></p>
<p><b>Impôs a Simão o nome de Pedro; Tiago, filho de Zebedeu, e João, irmão de Tiago. Aos quais impôs o nome de Boanerges, isto é, Filhos do Trovão.</b></p>	<p><b>Simão, chamado Pedro, e André, seu irmão e também Tiago, filho de Zebedeu, João, seu irmão</b></p>	<p><b>Simão, que chamou de Pedro; André, seu irmão; Tiago e João</b></p>	<p>Pedro e João, Tiago e André</p>
<p>André e Filipe, Bartolomeu e Mateus, Tomé e Tiago, <b>filho de Alfeu, Tadeu e Simão, o cananeu</b> E</p>	<p>Filipe e Bartolomeu; Tomé e Mateus, <b>o coletor de impostos; Tiago, filho de Alfeu e Tadeu; Simão, o cananeu</b> e</p>	<p>Filipe e Bartolomeu, Mateus, Tomé e <b>Tiago filho de Alfeu, Simão, apelidado “Zelota”, Judas, filho de Tiago</b></p>	<p>Filipe e Tomé, Bartolomeu e Mateus <b>Tiago, filho de Alfeu, o zelota Simão e Judas, filho de Tiago</b></p>

<sup>74</sup> A tradução da constituição dos Doze foi tirada de “*Evangelhos e Atos dos Apóstolos*. Novíssima tradução dos originais, São Paulo, Edições Loyola, 2011. Esta tradução foi feita por Cassio Murilo Dias da Silva e Irineu J. Rabuske.

Judas Iscariotes, <b>que o entregou.</b>	Judas Iscariotes, <b>aquele que o entregou.</b>	Judas Iscariotes, <b>que se tornou traidor</b>	
---------------------------------------------	----------------------------------------------------	---------------------------------------------------	--

Agora será feita uma análise do contexto da narrativa de cada um dos Evangelhos Sinóticos em que aparece o elenco dos Doze e, depois, do Livro dos Atos dos Apóstolos<sup>75</sup>.

### 1.1. O contexto da constituição de “os Doze” na narrativa do Evangelho de Marcos

O contexto mais amplo que antecede a constituição dos doze é o bloco da intensa atividade de Jesus em Cafarnaum “*chamado dia de Cafarnaum*”, com a realização de vários milagres (Mc 1,21-45)<sup>76</sup>. Em seguida temos o primeiro bloco de controvérsias de Jesus com os grupos judaicos (Mc

<sup>75</sup> Sobre os quatro elencos dos Doze nos Evangelhos Sinóticos e no livro dos Atos dos Apóstolos, há uma tabela em BAUCKHAM, 2011, pp. 148-149. Um estudo completo sobre a lista dos Doze se encontra nas pp. 125-148. Outra lista sobre os Doze se encontra em MEIER, 2003, p. 142, e BARBAGLIO, 2011, p. 382.

<sup>76</sup> Jesus inicia a sua atividade missionária. O dia de Jesus em Cafarnaum. A cena inaugural dá-se na sinagoga em dia de sábado. Jesus participa do culto sabático Mc 1,21. Jesus está junto ao povo. Vai na sinagoga como qualquer judeu. Neste bloco (Mc 1,21-45) salientam-se vários aspectos. Destaco três: a) A presença do conteúdo de milagres: Libertação de um endemoninhado (Mc 1,21-28); Cura da sogra de Pedro (Mc 1,29-31); Diversas curas à tarde (Mc 1,32-34); Cura de um leproso (Mc 1,40-45). Estes milagres são milagres de cura de doenças. Eles acontecem na sinagoga, na casa, na porta da casa. São lugares onde as pessoas se reúnem, encontram-se. b) O ensino de Jesus, “*ali ele ensinava*” (Mc 1,21). O ensino de Jesus tem duas características. Primeira: “*ensinava com quem tem autoridade e não como os escribas*” (Mc 1,21). Esta é a grande característica do ensino de Jesus: com autoridade (ἐδίδασκεν). É um ensino diferente dos escribas. A segunda: “*um novo ensinamento*” (Mc 1,27). O ensino de Jesus é novo, no sentido de inaugurar uma realidade nova. Jesus tem algo novo a dizer, a propor; algo que não se ouvia antes: é a chegada do Reino de Deus. c) Quem é Jesus? Como aparece na narrativa do Evangelho de Marcos? É um Jesus muito atarefado, de intensa atividade. Observem-se os verbos de movimento: “*Dirigiram-se para...*” (Mc 1,21); “*Jesus entrou...*” (Mc 1,21); “*Jesus saiu da... e dirigiu-se à casa de...*” (Mc 1,29); “*Aproximando-se ele...*” (Mc 1,31); “*De manhã, tendo se levantado muito antes de amanhecer, Ele saiu e foi para um lugar deserto...*” (Mc 1,35); “*Jesus disse; vamos às aldeias vizinhas para que Eu pregue também lá, pois para isso foi que vim...*” (Mc 1,38); “*Ele retirou-se dali, pregando em todas...*” (Mc 1,39). Por outro lado, temos um Jesus de grande sucesso: “*todos então se admiraram, perguntando uns aos outros: Que é isto?*” (Mc 1,27). “*Imediatamente o seu nome se espalhou por toda a região, por toda a redondeza da Galileia*” (Mc 1,28). É um Jesus que reza: “*de madrugada, estando ainda escuro, ele se levantou e retirou-se para um lugar deserto. E ali orava*” (Mc 1,35). Este versículo apresenta alguns detalhes, o momento em que Jesus reza: “*de madrugada*”; e dá detalhe: “*ainda estava escuro*”. Também diz o lugar onde reza: “*no deserto*”, que é lugar de silêncio. Tudo isto é antes do início do dia, antes do início de uma jornada de trabalho.

2,1 – 3,6)<sup>77</sup>. A seguir, Marcos narra a secção do contexto dos Doze (Mc 3,7 – 6,6<sup>a</sup>). São vários autores que seguem esta estrutura. Exemplos: SOARES, CORREIA JÚNIOR e OLIVA, como também MONASTERIO e CARMONA <sup>78</sup>.

Há uma continuidade do tema com os dois blocos anteriores. Jesus continua revelando-se. No texto (Mc 3,7 - 6,6a) surge um novo tema: a reação do povo diante da revelação de Jesus. O texto começa com um sumário (Mc 3,7-12)<sup>79</sup>. Jesus é rodeado pelos discípulos e pelo povo, aludindo o seguimento.

Nesse contexto é narrada a constituição dos Doze (Mc 3,13-19). Após este fato, a narrativa segue em três momentos: O primeiro momento descreve a reação negativa dos familiares de Jesus e dos escribas hierosolimitanos (Mc 3,20-35). O segundo é um discurso dele em parábolas, com a incredulidade predominando (Mc 4,1-34). Apresenta o cenário, “à beira-mar” (Mc 4,1) e conclui o discurso quando ordena: “*atravessemos para a outra margem*” (Mc 4,35). Há mudança de lugar e o texto diz quem está presente durante o discurso: “*uma multidão muito numerosa*” (Mc 4,1)<sup>80</sup>. “*Deixando a multidão*” (Mc 4,36). É mais um argumento para a delimitação do discurso em parábolas. Neste discurso em parábolas há um fio condutor da narrativa a que Marcos dá ênfase: o termo “*parábolas*” aparece (Mc 4,2.10.13) duas vezes. (vv. 33. 34). Outro dado literário é o aparecimento da expressão “*dizia-lhe*” ou “*disse*” (Mc 4,2b.9.11.13.21.24.26.30.35). Um terceiro dado é a presença frequente do verbo “*ouvir*”: ouvir a Palavra de Jesus, ter ouvidos atentos, obedecer (Mc 4,3.9.15.16.18.20.23.33.34).

No terceiro momento (Mc 4,35 – 5,43) há uma secção de quatro milagres ao redor do lago, e todos são realizados num dia. “*ao cair da tarde*”

<sup>77</sup> O texto forma um bloco de unidade. O seu eixo está no conflito, na polémica com os escribas e fariseus. Aqui temos um resumo do que aconteceu em toda a trajetória da pregação de Jesus. A sua atividade é marcada pela tensão. Há forte oposição, que culmina com a morte de Jesus (Mc 3,6; Jo 5,18). Jesus defronta-se com aspectos do tema da “*lei de Moisés*”. São cinco conflitos, polémicas ou controvérsias. Os adversários de Jesus são os escribas (Mc 2,6); os escribas dos fariseus (Mc 2,16); os discípulos de João e os fariseus (Mc 2,18); os fariseus (Mc 2,24) e os fariseus com os herodianos (Mc 3,6). Os temas de tais controvérsias são: cura de uma pessoa doente, parálitica (Mc 2,1-12); Jesus faz refeições com os pecadores (Mc 2,13-17); um debate sobre o jejum (Mc 2,18-22); o tema do sábado, quando discípulos colhem espigas (Mc 2,23-28); Jesus realiza a cura de um homem com uma das mãos atrofiada em dia de sábado (Mc 3,1-6). Em cada uma destas polémicas e conflitos há uma novidade apresentada por Jesus (Mc 2,10; 2,17; 2,19; 2,27; 3,4), e a cada uma delas há uma reação dos adversários de Jesus (Mc 2,6-7; 2,26; 2,28; 2,24; 3,6).

<sup>78</sup> SOARES, CORREIA JUNIOR, e OLIVA, 2013, pp. 139-209. MONASTERIO, e CARMONA, 2006, pp. 109-110.

<sup>79</sup> É nota característica do Evangelho de Marcos a presença de vários sumários. Por exemplo (Mc 1,14-15), Jesus é apresentado como missionário itinerante com o seu programa. Em (Mc 1,39), atividade de Jesus de pregar e expulsar demônios. Em (Mc 3,7-12), Jesus se apresenta rodeado pelos discípulos e pelo povo. Em (Mc 6,6b), Jesus proclama o Reino na Galileia e se admira da incredulidade deste povo. Em (Mc 10,1), Jesus se levanta e toma o caminho para a Judeia. É a caminhada da Galileia para Jerusalém.

<sup>80</sup> Na sua narrativa, o Evangelho de Marcos menciona frequentemente que Jesus se encontra ou está junto com a multidão (Mc 1,33.37.45; 2,2.15; 3,7.8.10.20.32; 4,1.36.....).

*passemos para a outra margem*” (Mc 4,35). Durante a travessia, desencadeia-se a tempestade (Mc 4,37-41). Ao chegar a outra margem *“chegaram do outro lado do mar”* (Mc 5,1), há um homem possesso de um espírito impuro que vai até Jesus, e Jesus o liberta (Mc 5,1-20). Em seguida Jesus *“e de novo, atravessando Jesus de barco para o outro lado”* (5,21) ali Jesus encontra Jairo (chefe da sinagoga), suplica que a sua filha está morrendo, pede que a salve (Mc 5,21-24. 35-43). Enquanto está a caminho, isto é, indo para a casa de Jairo, encontra uma mulher que sofre de hemorragia e a cura (Mc 5,25-34).

Fazendo uma observação sobre estes quatro milagres, percebe-se que Jesus aparece com várias características: Um Jesus está em contínuo movimento: vai de uma margem a outra do lago (Mc 4,35; 5,1; 5,2). Outro Jesus é vencedor da dor (a mulher com hemorragia – Mc 5,25-34) e da morte (a filha de Jairo – Mc 5,22-24. 35-43). Pode-se dizer que o poder de Jesus vai crescendo sempre mais. Estende-se desde os elementos naturais, como o mar, até a morte da filha de Jairo. Jesus revela-se primeiro sobre o poder caótico, o mar; depois, sobre o adversário, um espírito impuro; depois sobre a doença, e, finalmente, sobre a morte (da filha de Jairo).

## 1.2. O contexto da constituição “os Doze” na narrativa do Evangelho de Mateus

A constituição dos Doze situa-se no Evangelho de Mateus, no capítulo dez (Mt 10,1-4)<sup>81</sup>. É o segundo discurso proclamado por Jesus no Evangelho de Mateus. Em Mateus há cinco discursos: o primeiro discurso, o Sermão da Montanha, situa-se nos capítulos (Mt 5,1 – 7,29). Podemos afirmar que é a carta magna cristã. Depois encontramos uma parte narrativa, elencando dez milagres, nos capítulos (Mt 8,1 - 9,38)<sup>82</sup>. A introdução do segundo discurso (Mt 9,35-38) apresenta a razão da constituição dos Doze e de sua missão: *“a colheita é grande, mas poucos os operários”* (Mt 9,37). É a misericórdia de Jesus pelo povo. Os materiais contidos neste discurso do capítulo dez, chamado discurso missionário, originam-se de diversas procedências<sup>83</sup>.

O contexto posterior da constituição dos Doze (Mc 10,1-4), são os capítulos 11 e 12, pertencem ao gênero literário narrativo. Transcorrem nestes

<sup>81</sup> GALIZZI, Mario. *Evangelio según Mateo, Comentario exegético-espiritual, Madrid, San Pablo 2005.* MATEOS, Juan e CAMACHO, Fernando. *O Evangelho de Mateus*, São Paulo, Edições Paulinas, 1993. CARTER, Warren. *O Evangelho de São Mateus. Comentário sociopolítico e religioso a partir das margens*, São Paulo, Paulus 2002.

<sup>82</sup> O Evangelho de Mateus caracteriza-se pela presença de dois grandes gêneros literários: discursos e narrativas. Há cinco grandes discursos proclamados por Jesus, como também cinco grandes narrativas, com a exceção das narrativas da infância de Jesus (Mt 1,1 – 2,23) e do relato do processo da condenação, morte e ressurreição, e aparições (Mt 26,1 – 28,20).

<sup>83</sup> Neste capítulo é possível distinguir três partes: a) Jesus dá autoridade, a lista dos Doze e o envio (Mt 10,1-5a); b) Há uma série de instruções referentes à missão no contexto da atividade pública de Jesus (Mt 10,5b-16); c) Novamente há uma série de instruções referentes ao contexto de missão (Mt 10,17-42).

dois capítulos várias reações suscitadas pelo ministério da vida pública de Jesus. Esse ministério seriam os capítulos de cinco a dez (5,1 – 10,42). No início do capítulo 11, temos a pergunta dos enviados de João Batista a Jesus “*És tu aquele que há de vir, ou devemos esperar outro?*” (Mt 11,3). Jesus responde aos enviados de João Batista: “*Ide contar a João o que estais ouvindo e vendo...*” (Mt 11,4). Jesus não repete meramente as obras que ele já realizou, mas sim as obras que segue realizando: “*os cegos recuperam a vista, os coxos andam, os leprosos são purificados e os surdos ouvem, os mortos ressuscitam e os pobres são evangelizados*” (Mt 11,5).

Há ainda nestes dois capítulos, Mt 11 e 12, uma oposição por parte dos representantes do judaísmo. Por outro lado, há duas perícopes com reações positivas. Na primeira (Mt 11,25-30), Jesus expressa sua intimidade com o Pai e dá graças por ter concedido a sua revelação aos pequeninos. Jesus apresenta-se manso e humilde, e nele encontram descanso todos os fatigados pelas cargas impostas pelos representantes do judaísmo. Na segunda (Mt 12,46-50), aparece o grupo dos discípulos cumpridores da vontade do Pai.

### **1.3. O contexto da escolha de “os Doze” na narrativa do Evangelho de Lucas**

Está situado no contexto da pregação de Jesus na Galileia (Lc 4,14 – 9,50). Isto acontece também em Marcos e Mateus. Temos o discurso programático de Jesus, na sinagoga de Nazaré (Lc 4,14-30). Depois Lucas segue de perto a estrutura do Evangelho de Marcos, em dois momentos. O primeiro é a atividade de Jesus em Cafarnaum (Lc 4,31-44), e depois as controvérsias de Jesus com os grupos Judaicos (Lc 5,12 – 6,11). Só mais tarde Lucas narra a convocação dos Doze (Lc 6,12-16). Comparando-se esta ação de Jesus em Lucas e Marcos, há uma diferença. Em Marcos duas vezes aparece o mesmo verbo grego *ἐποίησεν*, que significa constituir, fazer (Mc 3,14.16). Em Lucas, o verbo grego usado é outro. São usados dois verbos, *προσεθώνησεν* convocou, e o outro, *ἐκλεξαμενος*, escolhendo. Logo após a constituição dos Doze, temos o sermão da planície (Lc 6,17-49). Em Mateus temos o Sermão da Montanha (Mt 5,1 – 7,29).

### **1. 4. O contexto do elenco de “os Doze” na narrativa no Livro dos Atos dos Apóstolos**

Aqui nos situamos no contexto da apresentação da primeira comunidade Cristã (At 1,13-14). É o único relato do livro dos Atos dos Apóstolos que menciona nome por nome do elenco dos Onze. Diz quem estava presente neste grupo: “*Todos, unânimes, eram assíduos à oração, com algumas mulheres, entre as quais Maria, mãe de Jesus, e os irmãos dele*” (At 1,14). Temos a presença de outros personagens: algumas mulheres, Maria, a mãe de Jesus e os irmãos dele. É um grupo bem coeso em torno do Jesus

ressuscitado. Dentro desta lista (At 1,13), a maioria deles não será mais mencionada no transcorrer da narrativa do Livro dos Atos dos Apóstolos. Aos poucos este grupo começa a diluir-se e eles passam a ser denominados simplesmente como apóstolos, e o próprio termo apóstolo vai desaparecer por completo (depois de At 16,4).

### 1. 5. Considerações finais

O primeiro dado comum entre os Evangelhos Sinóticos é que o contexto da constituição dos Doze se dá no contexto da pregação de Jesus na Galileia, critério geográfico tanto para Marcos quanto para Mateus e Lucas<sup>84</sup>. Jesus já tinha iniciado a sua vida pública na Galileia. Marcos declara que Jesus antes chamou quatro discípulos (Mc 1,16-20). Depois da atividade de Jesus em Cafarnaum (Mc 1,21-45), aparecem na narrativa cinco controvérsias com os fariseus e escribas (Mc 2,1 – 3,6). Na análise da perícopé da constituição dos Doze nos Evangelhos Sinóticos, é preciso fazer algumas observações:

1) O lugar em que acontece o fato é a montanha (Mc 3,13; Lc 6,12). Mateus não diz, e Lucas dá mais um detalhe, dizendo que Jesus sobe à montanha para rezar: “*Ele foi à montanha para orar, e passou a noite inteira em oração a Deus*” (Lc 6,12). Esta é a finalidade de ele ir para a montanha: rezar. A oração é um costume de Jesus na narrativa do Evangelho de Lucas<sup>85</sup>.

<sup>84</sup> Os Evangelhos Sinóticos apresentam um esquema narrativo da vida de Jesus inserida dentro de um mesmo contexto cronológico e geográfico. Para maiores detalhes consultar, TERRA, J. E. Martins, *Jesus de Nazaré nos Evangelhos Sinóticos*, São Paulo, Edições Loyola, 1991, pp 16-17. Também pode ser consultada esta estrutura obedecendo ao critério geográfico em MONASTERIO, e CARMONA, 2006, pp. 59-61.

Ministério de Jesus	Evangelho de Marcos	Evangelho de Mateus	Evangelho de Lucas
1. Preparação para o ministério. Jesus se prepara para a sua vida pública.	1,1-13	3,1 – 4,11	3,1 – 4,13
2. Atividade de Jesus na Galileia.	1,14 – 9,50	4,12 – 18,35	4,14 – 9,50
3. Viagem para Jerusalém.	10,1-52	19,1 – 20,34	9,51 – 19,27
4. Em Jerusalém: paixão, morte, ressurreição, aparições.	11,1 - 16,8	21,1 – 28,20	19,28 – 24,53.

<sup>85</sup> Podemos denominar o Evangelho de Lucas como Evangelho da oração. Jesus aparece rezando nos grandes momentos da vida pública. Ele reza no momento do batismo (Lc 3,21-22); antes de iniciar a sua vida pública (Lc 4,16ss); durante a pregação (em Lc 5,15-16); antes da escolha dos Doze, quando passou a noite inteira em oração (Lc 6,12-13); antes do anúncio da paixão (Lc 9,18-20); na transfiguração (Lc 9,28-35); antes de ensinar o Pai Nosso deu o exemplo, rezando (Lc 11,1-4); na paixão, reza por Pedro (Lc

2) É um grupo específico, determinado, fechado, exato: são Doze. É mencionado nome por nome. Eles têm nome.

3) Quanto à forma da constituição, foram constituídos de forma pessoal pelo próprio Jesus. A iniciativa parte de Jesus, e não dos Doze que vão até Jesus. Não se trata de voluntários nem de empregados, mas de escolhidos por alguém, e este alguém é Jesus.

4) Não há tempo de validade determinado para esta escolha. Ela é para sempre. Não foram escolhidos por determinado período de atividade ou para cumprir determinada missão temporária. Foram escolhidos, preparados e enviados em missão. Depois da morte e ressurreição de Jesus, são continuadores da obra de Jesus. Isto aparece claro na narrativa do Livro dos Atos dos Apóstolos<sup>86</sup>. Os Doze acompanharão o mestre Jesus de forma constante, contínua, ininterrupta, enfim, para sempre, da Galileia até a chegada na Judeia, em Jerusalém (Mc 1,14 - 10,52). Este vínculo não se rompe.

5) Estes Doze no ato da constituição recebem uma missão. Esta missão não aparece em Lucas. Aparece em Marcos (Mc 3,14-15), desta forma: a) Para ficar com Ele; b) Para enviá-los a pregar; c) Para terem autoridade para expulsar os demônios. Em Mateus (Mt 10,1), os Doze recebem de Jesus autoridade: a) sobre os espíritos impuros, para expulsá-los; b) para curar toda doença e toda a enfermidade.

## 2. A lista dos nomes de “os Doze” no Evangelho de João

Após uma leitura do texto bíblico do Evangelho de São João sobre “os Doze”, comparando com os Evangelhos Sinóticos, faz-se necessário propor a pergunta: por que o quarto Evangelho não tem esta lista dos Doze como aparece nos Evangelhos Sinóticos? Não há no quarto Evangelho um elenco dos Doze como aparece nos Evangelhos Sinóticos. Jesus não constitui os Doze, num determinado momento da vida pública, na pregação da Galileia, como acontece nos Evangelhos Sinóticos.

---

22,32); na cruz, pelos inimigos (Lc 23,34); no momento da morte também reza (Lc 23,46), citando o Sl 31,6.

<sup>86</sup> Lucas, ao escrever o seu segundo livro, Atos dos Apóstolos, deixa bem claro que os Doze são continuadores da missão de Jesus. Em primeiro lugar, completa-se o quadro dos Doze com Matias (At 1,26). Depois, recebem o Espírito Santo (At 2,1). Em seguida, Pedro e João fazem o mesmo que Jesus fez durante a sua vida pública: pregam realizam milagres e são convocados pelo Sinédrio para prestarem conta de suas ações. São alguns aspectos que Jesus realizou durante a sua vida pública (At 3,1 – 4,22).

A expressão “os Doze” aparece no Evangelho de João em dois momentos e contextos diferentes (Jo 6,67-71; 20,24). O primeiro é durante a vida pública de Jesus. Esta referência a “os Doze” aparece no final do discurso sobre o Pão da Vida (Jo 6,67-71).

Diante do fato, “*muitos discípulos voltaram atrás e não andavam mais com ele*” (Jo 6,66). Jesus pergunta aos Doze se eles também deixarão o mestre. “*Jesus disse aos Doze: não quereis também partir?*” (Jo 6,67). Pedro, como porta-voz, proclama a sua fé em Jesus (Jo 6,68-69). Jesus responde a Pedro num tom de pergunta: “*não vos escolhi, eu, aos Doze?*” (Jo 6,70). O autor explica em forma de profecia (Jo 6,71), que já apareceu: “*no entanto, um de vós é um demônio*” (Jo 6,70). A resposta é “*falava de Judas, filho de Simão, o Iscariotes*” (Jo 6,71). E o identifica como um dos Doze. Aqui termina a referência aos Doze no ministério público de Jesus narrado pelo Evangelho de São João.

Fazendo análise da estrutura da narrativa do Evangelho de Marcos e comparando com João, constata-se que o capítulo 6,1-71 de João faz parte de um paralelismo com os Evangelhos Sinóticos. Em Marcos são os capítulos de 6 a 8. É o “*ciclo do pão*”. Aqui Marcos narra duas multiplicações dos pães. A primeira (em Mc 6,34-44) e a segunda (em Mc 8,1-10). Tudo isto culmina com a profissão de fé de Pedro a Jesus (Mc 8,27-30).

Há mais uma referência “aos Doze” que está ligada ao ministério público de Jesus, mas aparece somente depois da ressurreição de Jesus. Construamos o caminho (Jo 11,16). No contexto da ressurreição de Lázaro, aparece “*Tomé, chamado Dídimos (que significa Gêmeo)*”. Há um quadro triste: “*vamos também nós, para morrermos com ele*”. Reaparece outra vez Tomé, no contexto dos discursos de despedida no Evangelho de João. Tomé pergunta a Jesus pelo caminho: “*Senhor, não sabemos para onde vais. Como podemos conhecer o caminho?*” (Jo 14,5).

Depois da morte de Jesus, numa das aparições do Cristo ressuscitado, Tomé é apresentado como uma identificação específica: “*Um dos Doze, Tomé, chamado Dídimos*” (Jo 20,24). Observa-se que a apresentação de Tomé como Dídimos aparece em dois textos anteriores (Jo 11,16 e 14,5) e agora aqui (Jo 20,24). São três os textos em que aparece Tomé.

Para finalizar, fica claro que no Evangelho de João não há uma lista formal dos Doze com o nome de cada um deles. No entanto, Pedro (Jo 1,42; 6,68; 13,6-9; 13,24; 13,36-38; 18,15-17; 20,2-10), Judas (Jo 6,71; 13,26-30) e Tomé (Jo 11,16; 14,5; 20,24-28), que aparecem no Evangelho de João, são identificados como membros do grupo dos Doze pelos Evangelhos Sinóticos.

### 3. Análise comparativa do elenco das quatro listas de “os Doze” (τοῦς δώδεκα) nos Evangelhos Sinóticos e no livro dos Atos dos Apóstolos

#### 3.1. O contexto do texto na narrativa bíblica

Comparando as três listas dos Evangelhos Sinóticos, percebe-se que o Evangelho de Marcos é a mais longa e desenvolvida com mais detalhes, contendo sete versículos. Mateus contém quatro versículos e Lucas cinco. No elenco dos Doze, há várias informações de cada relato com muitas diferenças. Por exemplo:

Marcos menciona: lugar da constituição dos Doze; a iniciativa é de Jesus; a razão da constituição dos Doze; o nome dos Doze. Vários outros destes detalhes não aparecem em Mateus nem em Lucas.

Mateus menciona que a iniciativa é de Jesus e passa a ideia de que só havia doze pessoas. Não escolhe, e diz “Doze discípulos”. Jesus dá autoridade aos doze discípulos e diz o porquê dessa autoridade.

Lucas menciona o lugar, dizendo o porquê de Ele ter ido a este lugar, quanto tempo passou ali. e diz em que momento do dia chamou os Doze. Apresenta um quadro maior de seguidores, e dentre este quadro maior, escolhe Doze, dando a estes doze o nome de apóstolos, detalhe este que não aparece em Marcos nem em Mateus.

No final dos três relatos há um dado comum sobre Judas Iscariotes. Ele é apresentado nas três listas, o último dos Doze, com a explicação de que foi ele quem traiu (entregou) Jesus às autoridades. Em Mc 3,19 *“aquele que o traiu”*. Em Mt 10,4 *“aquele que o traiu”*. Em Lc 6,16 *“que se tornou o traidor”*. Observa-se que há uma diferença nos três relatos quanto ao uso do verbo para indicar a ação de Judas. Marcos e Mateus usam o mesmo verbo, παρέδωκεν traiu (trair)<sup>87</sup>. Isto fica claro no processo da redação do texto bíblico: primeiro aparece o fato e depois se escreve sobre este fato. Isto demonstra que é uma visão retrospectiva, a partir da perspectiva após a morte de Jesus. Lucas, no entanto, passa a ideia de futuro: “que se tornou o traidor” parece ser um processo a ser executado.

Nestas três listas dos Evangelhos Sinóticos, percebe-se o estilo de uma genealogia, pois são apresentados os nomes dos Doze. No Evangelho de Marcos percebe-se a existência de outras pessoas. Marcos diz: *“Jesus chamou*

<sup>87</sup> Quanto a tradução a Bíblia de Jerusalém usa o verbo trair, diz “traiu”. Na Novíssima Tradução da Bíblia usa-se o verbo entregar: “entregou”. Os dois verbos, “traiu” ou “entregou”, estão no passado. Isto passa a ideia de um fato já acontecido.

*a si os que ele queria*” (Mc 3,13). Há uma escolha feita por Jesus. No Evangelho de Mateus constata-se no texto que Ele tem somente doze discípulos. Em Lucas são escolhidos doze dentro de um grupo maior de discípulos presentes naquele momento.

Na montagem do relato há uma diferença. Em Marcos temos o verbo constituir: a constituição dos Doze (Mc 3,13-19). O verbo que Marcos usa duas vezes (Mc 3,14.16) é ἐποίησεν “e fez”. Depois vem o envio em missão dos Doze (Mc 6,6b-13). Lucas segue a mesma estrutura: chamou os Doze (Lc 6,12-16). O verbo grego é ὠνόμασεν. Depois os enviou em missão (Lc 9,1-6). Em Mateus, no entanto, é feita a junção dos dois temas: constituição e missão. Mateus usa o verbo “tendo convocado os Doze” (Mt 10,1-4). É um longo discurso, com detalhes sobre a missão.

### **3.2. Análise comparativa entre estas quatro listas “os Doze”**

Sobre o nome dos Doze, há três listas, uma em cada Evangelho Sinótico (Mc 3,16-19; Mt 10,2-4; Lc 6,14-16). Há uma quarta lista, sem a presença de Judas Iscariotes. Portanto, nela são onze (At 1,13).

Para uma análise detalhada de cada um dos Doze, como aparecem na narrativa dos Evangelhos, nomes e epítetos dos Doze, Mateus e Levi, remete-se a três estudos<sup>88</sup>. Não há grandes variações nas listas dos Doze. As variações são pequenas e isto nos leva a deduzir a existência do grupo durante a vida pública de Jesus.

Algumas observações sobre a lista dos nomes dos Doze:

1) Estas quatro listas dos Doze são compostas por três grupos e cada grupo contém quatro pessoas, menos no terceiro grupo no Livro dos Atos dos Apóstolos. Em cada um dos grupos o nome que encabeça é sempre o mesmo nas quatro listas dos nomes:

O primeiro grupo é encabeçado por Simão Pedro, vindo em seguida Tiago, João e André, com as variantes em Mateus, Lucas e Atos dos Apóstolos.

O segundo grupo é encabeçado por Filipe, seguido de Bartolomeu, Mateus e Tomé, com a variante em Mateus e Atos dos Apóstolos. Lucas segue Marcos.

O terceiro grupo é encabeçado por Tiago, depois Tadeu, Simão, o cananeu, e Judas Iscariotes. Mateus segue Marcos. As variantes encontram-se em Lucas e nos Atos dos Apóstolos. Atos dos Apóstolos não menciona Judas

<sup>88</sup> BAUCKHAM, 2011, pp. 130-149. PUIG, 2006, pp 269-288. MEIER, 2003, pp. 137-178.

Iscariotes. Observa-se que também no Evangelho de Lucas 6,15 e nos Atos dos Apóstolos 1,13, Simão é apresentado como zelota, enquanto em Marcos e Mateus é apresentado como o cananeu.

A ordem dentro de cada grupo de quatro não é a mesma, na narrativa de cada um dos Evangelhos Sinóticos. Parece refletir a posição de cada apóstolos na Igreja primitiva depois do Pentecostes. A posição de Pedro é sempre no primeiro lugar; a de Judas, sempre no último. Tais posições exprimem sem dúvida um juízo de valor.

2) Judas Iscariotes é apresentado pelos Evangelhos Sinóticos como aquele que traiu Jesus. Sempre aparece por último na lista dos Doze.

3) Há outra diferença nos nomes. Tadeu é mencionado em décimo lugar em Marcos e Mateus e traz simplesmente o nome de Tadeu. Por outro lado, em Lucas (Lc 6,16 e At 1,13) traz o nome de Judas, filho de Tiago, e aparece no décimo primeiro lugar.

4) O nome dos outros onze é igual nas quatro listas, como também a ordem básica dos três grandes blocos. Os quatro nomes que compõem cada bloco são os mesmos.

Deve-se observar a estima que a Igreja primitiva teve para com três deles, chamados “as colunas”: Pedro, Tiago e João. Na Carta aos Gálatas, Paulo diz: *“conhecendo a graça a mim concedida, Tiago, Cefas e João, tidos como colunas, estenderam-nos a mão, a mim e a Barnabé, em sinal de comunhão”* (Gl 2,9).

Na lista temos dois Judas, mas o autores dos Evangelhos fazem questão de distingui-los. O traidor é sempre apresentado como Judas Iscariotes, enquanto o outro Judas é claramente distinguido do traidor. Marcos e Mateus falam simplesmente de “Tadeu”, e o Evangelho de João diz: *“Judas, não o Iscariotes”* (Jo 14,22).

Duas observações. Primeira: deduz-se claramente que esta lista de Doze homens foi transmitida oralmente durante a primeira e possivelmente a segunda geração de cristãos. O que nos surpreende, em sentido positivo, é que apenas um nome varia em todas as quatro listas: Tadeu, sem nenhuma especificação para Marcos e Mateus. Enquanto no Evangelho de Lucas e nos Atos dos Apóstolos não aparece Tadeu, aparece como novidade Judas, filho de Tiago. Por outro lado, em Lucas e nos Atos dos Apóstolos aparece Judas, filho de Tiago, que não aparece em Marcos e Mateus

A segunda observação é o conjunto destas quatro listas dos Doze: parece ser uma listagem bem elaborada para mostrar a continuidade do ministério de Jesus, tanto antes da morte e ressurreição quanto depois. Isto é, quer mostrar os Doze com Jesus e os Doze na Igreja primitiva. Sobre esta ideia

do antes e depois, há uma explicação feita por Davies e Allison: “Na genealogia de Mateus 1,2-17, os nomes mostram a pré-história de Jesus repensada em Israel, nos descendentes de Abraão, ao passo que a lista dos doze, em Mateus capítulo dez, mostra a pós-história, que se encontra na Igreja e que tem Pedro como cabeça”<sup>89</sup>.

#### 4. Quadro sinótico da presença de “os Doze” (τοῦς δώδεκα), “o nome de alguns dos Doze”. “Apóstolos”, “Discípulos”, “Eles”..... no Evangelho de Marcos (Mc 1,14 - 10,52)

Será apresentado um quadro sinótico dos seguidores de Jesus denominados com diversas expressões no Evangelho de Marcos, da pregação de Jesus na Galileia (1,14 – 10,52) a presença da expressão: 1) “os Doze”; 2) “o nome de alguns dos Doze”; 3) “os seus discípulos”; 4) e outros textos que falam de forma “indireta dos discípulos”:

Ev. Marcos	Os Doze	O nome de alguns dos Doze	A expressão “os seus discípulos”	Expressa de forma indireta dos discípulos
1,16		Simão e André		
1,19		Tiago e João		
1,21				<b>Eles</b> ingressaram em Cafarnaum
1,29		Casa de Simão e André com Tiago e João		
1,36		Simão		
2,3				Trazendo um parálítico carregado por <b>quatro homens</b>
2,14		Levi		
2,15			<b>Os seus discípulos</b>	
2,18			<b>Os teus</b> discípulos não jejuam?	
2,23			<b>Os seus</b> discípulos começaram	
2,24			Porque <b>eles</b> fazem em dia	

<sup>89</sup> DAVIES, W. D. e ALLISON, D. C., *A critical and Exegetical Commentay on the Gospel according to Saint Matthew*, vol. 2, 1991, p. 150.

			de sábado o que não é permitido?	
3,7			Jesus com <b>seus discípulos</b> retirou-se a caminho do mar.	
3,14	Instituiu Doze			
3,16	Os Doze			
4,10	Com os Doze			
4,34			Em particular explicava tudo aos próprios <b>seus discípulos</b>	
4,35				E Jesus disse a <b>eles</b> , naquele dia
4,38				<b>Eles</b> o despertaram e lhe disseram
5,1				<b>Chegaram</b> à outra margem do mar (4,35)
5,31			E <b>os seus discípulos</b> lhe diziam	
5,37		A não ser Pedro, Tiago e João, irmão de Tiago.		
6,1			E <b>os seus discípulos</b> o seguiram	
6,7	Os Doze			
6,30			Os <b>apóstolos</b> se reuniram com Jesus	
6,31				Vinde somente <b>vós...</b> descansai um pouco
6,32				<b>Foram</b> de barco a um lugar deserto
6,35			Os <b>seus discípulos</b>	
6,37				Dai-lhe <b>vós</b> mesmo de comer. <b>Eles</b> lhe disseram
6,38				Disseram cinco

				pães e dois peixes
6,41			E os dava aos <b>seus discípulos</b>	
6,45			Ele obrigou <b>os seus discípulos a</b> entrarem no barco	
6,48				E vendo que <b>remavam</b> com muita dificuldade Jesus foi até eles.
6,49				<b>Eles</b> , vendo-o caminhando sobre o mar. Gritaram
6,50				Falou <b>com eles</b> e disse-lhes: coragem
6,51				Subiu até eles no barco e o vento parou. <b>Eles</b> estavam foram de si
6,52				<b>Não tinham</b> compreendido, o coração <b>deles</b> estava endurecido
6,53				<b>Foram</b> a Genesaré
6,54				Quando <b>eles</b> saíram do barco
7,2			Vendo que alguns dos <b>seus discípulos</b> comiam	
7,5			Por que os <b>teus discípulos</b> não andam	
7,17			Quando entrou em casa, <b>os seus discípulos</b> perguntaram	
8,1			Jesus chamou a si <b>os discípulos</b> e lhe disse	

8,4			<b>Os seus discípulos</b> lhe responderam	
8,5				E ele <b>lhes</b> perguntou. <b>Eles</b> então disseram
8,6			Partiu-os e os dava <b>aos seus discípulos</b>	
8,7				<b>Disseram</b> que também os distribuíssem
8,10			Entrando no barco com <b>os seus discípulos</b>	
8,14				<b>Eles</b> tinham se esquecido de levar pães
8,15				Insistia com eles, dizendo
8,22				Eles chegaram a Betsaida
8,27			Jesus saiu com <b>os seus discípulos</b> para as aldeias. Perguntou <b>aos seus discípulos</b>	
8,28				<b>Eles</b> , então, disseram-lhe
8,29				E Ele <b>lhes</b> perguntou. <b>E vós</b>
8,29		Pedro		
8,30				Então repreendeu- <b>os</b> para que
8,31				E começou a ensinar- <b>lhes</b> que o
8,32		Pedro		
8,33			Voltando-se e vendo <b>os seus discípulos</b>	
8,33		Pedro		
8,34			Com os seus discípulos	
9,2		Pedro, Tiago e João		
9,5		Pedro		

9,8				Jesus com <b>eles</b> (Pedro, Tiago e João)
9,9				Ele recomendou- <b>lhes</b> que não contassem (Pedro, Tiago e João).
9,10				<b>Eles</b> guardaram a palavra (Pedro, Tiago e João)
9,11				E <b>perguntavam-lhe</b> dizendo. Ele então <b>lhes</b> afirmou
9,14			E, voltando para junto <b>dos discípulos</b>	
9,28			Quando Jesus entrou em casa, <b>seus discípulos</b> lhe perguntaram	
9,29				E Ele <b>lhes</b> disse
9,30				E, saindo dali, atravessaram a GALILEIA
9,31			Ele ensinava <b>aos seus discípulos</b> e <b>lhes</b> dizia	
9,32				Mas <b>eles</b> não compreenderam... e <b>tinham</b> medo de perguntar-lhe
9,33				Estando em casa, Jesus <b>lhes</b> perguntou. Que <b>discutíeis</b> no caminho?
9,34				<b>Eles</b> se calavam
9,35	Os Doze			
9,36				Disse- <b>lhes</b> (os Doze)
9,38		João <b>lhes</b> afirmou		
10,13			Os <b>discípulos</b>	
10,23			Aos seus <b>discípulos</b>	
10,24			Os <b>discípulos</b>	
10,26				Mas <b>eles</b> ficaram
10,27				Para <b>eles</b> , Jesus

				disse
10,28		Pedro		
10,32				<b>Eles</b> estavam no caminho
10,32				Jesus ia à frene <b>deles</b>
10,32				<b>Eles</b> estavam espantados
10,32	Os Doze			
10,33				Eis que <b>estamos</b>
10,35		Tiago e João, os filhos de Zebedeu		
10,36				Ele então <b>lhes</b> disse
10,37				E <b>eles</b> lhe
10,38				Não sabeis <b>o que pedis</b>
10,39				<b>Eles</b> , então lhe disseram
10,41		Os dez começaram a indignar-se com Tiago e João		
10,43				<b>Entre vós</b>
10,43				<b>Entre vós</b>
10,44				<b>Entre vós</b>
10,46			Os <b>seus</b> discípulos	

### Observações sobre este quadro sinótico

O texto analisado é o início da pregação de Jesus na Galileia até a chegada na Judeia somente na narrativa do Evangelho de Marcos (1,14 – 10,52). Este quadro sinótico é apresentado sob quatro temáticas através das expressões: 1) Os Doze; 2) O nome de alguns dos Doze; 3) A expressão “os seus discípulos”; 4) Textos que falam de uma forma indireta dos Doze através de pronomes. A partir deste quadro sinótico, é possível fazer várias afirmações:

1) “Os Doze” aparece seis vezes em contextos diferentes: duas vezes na constituição dos Doze (Mc 3,14.16); uma vez no contexto do ensino em parábolas (Mc 4,10); outra vez no envio dos Doze em missão (Mc 6,7); a quinta menção ocorre no segundo anúncio da paixão e é seguida por um ensinamento sobre o tema “*quem é o maior*” (Mc 9,35). A sexta e última vez dá-se no terceiro anúncio da paixão (Mc 10,32).

2) A menção do nome de Pedro aparece em maior número, no total de dez vezes (Mc 1,16; 1,29; 1,36; 5,37; 8,29; 8,32; 8,33; 9,2; 9,5; 10,28). Elas são distribuídas no Evangelho de Marcos em diversos momentos, como no momento do chamado, com o nome de Simão (Mc 1,19). Depois menciona a casa e a sogra (Mc 1,29). Quando Jesus sai de madrugada para um lugar deserto, e lá rezavam, Simão com seus companheiros, provavelmente André, Tiago e João, foram atrás dele (Mc 1,36).

Ele aparece na constituição dos Doze, quando são mencionados nome por nome os Doze. Ele aparece por primeiro na lista, como está dito: *“impôs a Simão o nome de Pedro”* (Mc 3,16).

O Evangelho de Marcos descreve uma coleção de quatro milagres (Mc 4,35 – 5,43). No milagre da menina que morreu (Mc 5,37), lá está Pedro, mais dois dos Doze: Tiago e João.

Depois aparece com bastante ênfase a partir da confissão de fé que Pedro faz a Jesus (Mc 8,29), e em seguida no primeiro anúncio da paixão (Mc 8,32). Na narrativa da Transfiguração de Jesus, Pedro está presente com mais dois do grupo dos Doze (Tiago e João), e apresenta a Jesus a sugestão de fazer três tendas (Mc 9,5). Finalmente, Pedro faz um questionamento a Jesus sobre a recompensa do seguimento (Mc 10,28).

3) Merece atenção o texto: *“vieram trazer-lhe um paralítico, transportado por quatro homens”* (Mc 2,3). Quem são eles? Pela leitura do texto é possível deduzir que são os quatro discípulos chamados: Simão e André, Tiago e João (Mc 1,16-20). Eles estão presentes na cura da sogra de Simão que estava de cama com febre, *“e logo ao sair da sinagoga foi à casa de Simão e de André com Tiago e João”* (Mc 1,29). Em seguida o texto bíblico diz: *“Simão e os seus companheiros o procuraram ansiosos”* (Mc 1,36). É possível deduzir que estes quatro que carregaram o paralítico são os quatro que foram chamados no mar da Galileia.

4) Observa-se a presença de grupos. O nome deles faz parte do elenco dos Doze. Temos dois grupos de dois: Simão e André, (Mc 1,16), depois Tiago e João (Mc 1,19). Mc 1,36 fala de Simão e seus companheiros, que são, sem dúvida, André, Tiago e João. O texto menciona quatro homens que trazem um paralítico (Mc 2,3). No contexto da narrativa pode-se dizer que são Simão, André, Tiago e João. No contexto do milagre da menina morta (Mc 5,37), aparecem três deles: Pedro, Tiago e João. O mesmo número e nome aparece no relato da transfiguração de Jesus (Mc 9,2). Depois aparece a ambição pelos lugares dos dois filhos de Zebedeu (Mc 10,35).

5) João aparece várias vezes, primeiramente no relato vocacional (Mc 1,19), depois na casa de Simão Pedro (Mc 1,29). Numa forma indireta, pode-se deduzir em (Mc 2,3) quem são os quatro homens, e, pelo contexto, ele

estaria ali presente. Depois aparece no grupo dos que estão presentes na ressurreição da filha de Jairo (Mc 5,37).

Finalmente aparece um ensinamento sobre quem é o maior e em seguida faz a afirmação *“mestre, vimos alguém expulsando demônios em teu nome e o proibimos, porque ele não é dos nossos”* (Mc 9,38). João aparece junto com Tiago (Mc 10,35 e 10,41), quando fazem o pedido a Jesus de um sentar à direita e o outro à esquerda.

6) É preciso observar que este grupo de três (Pedro, Tiago e seu irmão João) está junto em três relatos no Evangelho de Marcos. A primeira vez: *“não deixou ninguém seguir com eles, senão Pedro, Tiago e João, o irmão de Tiago”* (Mc 5,37). Estes três são os mais próximos de Jesus e também estão presentes com Ele no momento da Transfiguração (Mc 9,2), e na mesma ordem dos nomes, com exceção da afirmação de que João é irmão de Tiago. E, pela terceira vez, aparecem no Jardim do Getsêmini (Mc 14,33), mais uma vez em igual ordem dos nomes. Estes três, pela narrativa do texto bíblico, são os únicos dos Doze que Jesus renomeou. Simão (Mc 1,16) tornou-se Pedro: *“impôs a Simão o nome de Pedro”* (Mc 3,16). Enquanto Tiago e João, que aparecem em (Mc 1,19.29), foram chamados de *“Tiago, o filho de Zebedeu, e João, irmão de Tiago, aos quais impôs o nome de Boanerges, isto é, filhos do trovão”* (Mc 3,17).

7) Através deste quadro sinótico da presença dos Doze, desde o início da pregação de Jesus na Galileia até a chegada na Judeia, em Jerusalém Mc 1,14 – 10,52, é possível deduzir que os Doze sempre estiveram presentes com Jesus. Isso é possível deduzir através de vários argumentos: o uso da expressão *“os Doze”*, a citação do nome de alguns dos Doze: Pedro, Tiago e João, os pronomes *“seus”* (Mc 2,23; 7,17; 10,37; 10,39), *“eles”* (Mc 2,24; 4,38; 8,5; 8,14; 9,34; 9,36), e os verbos no plural (Mc 4,38; 5,1; 6,32; 10,32).

## 5. “OS DOZE”, “OS APÓSTOLOS”, “OS DISCÍPULOS”

### 1. “Os Doze”, τοῦς δώδεκα

Retomando a estatística apresentada anteriormente, nos vinte e sete livros do Novo Testamento ocorrem 34 vezes a expressão “os Doze”, τοῦς δώδεκα<sup>90</sup>. São distribuídos desta forma: no Evangelho de Marcos (3,14.16; 4,10; 6,7; 9,35; 10,32; 11,11; 14,10.17.20.43), num total de 11 vezes; No Evangelho de Mateus (Mt 10,1.2.5; 11,1; 20,17; 26,14.20.47), perfazendo um total de 8 vezes; no Evangelho de Lucas (Lc 6,13; 8,1; 9,1.12; 18,31; 22,3.47), perfazendo um total de 7 vezes; no Evangelho de João (Jo 6,67.70.71; 20,24), 4 vezes; no livro dos Atos dos Apóstolos (At 1,26; 6,2), duas vezes; na primeira Carta aos Coríntios (1Cor 15,5), uma vez; e, no Livro do Apocalipse (Ap 21,14), uma vez. Por esta estatística pode-se concluir que, dentre os Evangelhos, é Marcos que mais usa. Com o passar do tempo, na redação dos livros do Novo Testamento, diminui o número de vezes nos Evangelhos, sendo em João somente quatro vezes. Nos demais livros do Novo Testamento aparece poucas vezes.

Vou deter-me no estudo somente no elenco do Evangelho de Marcos<sup>91</sup>. A expressão “os Doze”, *“diversos autores como B. Rigaux, W. Trilling, R. Schnackenburg, J. Ernst colocaram em evidência que esta denominação aparece na maioria das vezes nas partes redacionais de Marcos”*<sup>92</sup>. Do ponto de vista temático parece que a expressão “os Doze” é introduzida de preferência quando Marcos se defronta com uma exortação sobre a autoridade. Em Marcos há dois textos que estão ancorados na tradição. Um é o caso da constituição dos Doze (Mc 3,13-19). Marcos usa a fórmula no singular: καὶ ἐποίησεν δώδεκα “e fez Doze” (Mc 3,14). A outra é o texto em que o traidor Judas é indicado como ἰούδας εἰς τῶν δώδεκα “Judas, um dos Doze” (Mc 14,43-47).

A expressão “os Doze”, τοῦς δώδεκα, indica um grupo especial de Doze homens que formavam um círculo íntimo em torno de Jesus. Em textos no Evangelho de Marcos e de João, esta expressão é usada de modo absoluto. Por exemplo *“chamou a si os Doze e começou a enviá-los”* (Mc 6,7). Também no Evangelho de João: *“Jesus disse aos Doze”* (Jo 6,67). O que se sabe sobre o nome de cada um dos Doze não são muitas afirmações<sup>93</sup>.

<sup>90</sup> A estatística completa, e como aparece esta expressão, encontra-se no quadro sinótico da presença dos Doze no Novo Testamento, nesta tese.

<sup>91</sup> Há o elenco do grupo “os Doze”, em MEIER, 2003, p. 142; e também em BAUCKHAM 2011, pp. 148-149. REID, Daniel G., *Dicionário Teológico do Novo Testamento*, São Paulo, Editora Vida Nova e Edições Loyola, 2012, pp 417-420.

<sup>92</sup> Esta é a tese de SCHLOSSER, Jacques, *Il gruppo dei dodici. Ritorno alle origini*, Torino, Edizioni San Paolo, 2013, nas pp 31-32.

<sup>93</sup> MEIER, John P. no livro *Um Judeu Marginal. Repensando o Jesus histórico. Volume três Livro um*, Rio de Janeiro, Imago Editora 2003, pp 210-259.

Nos Evangelhos encontramos que estes Doze são chamados de apóstolos. Aparece a expressão “os Doze apóstolos” no Evangelho de Mateus: “estes são os nomes dos Doze apóstolos” (Mt 10,2). Na introdução da lista dos Doze, Lucas afirma: “chamou os seus discípulos e dentre eles, escolheu Doze, aos quais, deu o nome de apóstolos” (Lc 6,13).

Mateus diz: “chamou os doze discípulos” (Mt 10,1), e em seguida aparece outra vez a expressão “os doze discípulos” (Mt 11,1) O texto diz: “quando Jesus acabou de dar instruções a seus doze discípulos”. Na atualidade os “estudiosos concordam com o fato de que Mateus e Marcos, pelo menos em (Mc 3,13.14) e no texto paralelo (Mt 10,1), identificam mutuamente os termos “discípulos” e “os Doze”<sup>94</sup>. Não, porém, a ponto de deixar implícito que o termo “discípulo” deve limitar-se aos Doze.

Um dado fica claro pela crítica histórica: Jesus, durante a sua vida pública, constituiu um número de doze homens para segui-lo. Isto fica claro pelos dados estatísticos sobre “os Doze”. Os quatro Evangelhos dão testemunho unânime de um núcleo constituído pelos Doze, os quais foram designados por Jesus para terem um relacionamento especial com Ele. Este grupo de Doze foi constituído por Jesus.

Jesus deu a este grupo de Doze a missão de “ficar com Ele”, e de “de proclamarem o Reino de Deus”, e “de expulsarem os demônios” e “de curarem os doentes”. Aqui caberia uma pergunta. Como esses Doze viveram? Fazendo uma leitura dos Evangelhos provavelmente é possível traçar alguns pontos comuns: Todos viveram no século I; cada qual passou por fases normais de infância e de idade adulta; cada um teve um encontro com Jesus que mudou a sua vida e fez com que se tornassem seguidores de Jesus; cada um viveu os efeitos da crucificação e a fé em sua ressurreição. Cada um foi figura importante para a igreja de Jerusalém no início dos anos 33 (ou 30), após a ressurreição de Jesus.

Poderíamos fazer outra pergunta: qual a importância do grupo “dos Doze”? Como primeira afirmação, podemos dizer que eles formavam “um colegiado autorizado”<sup>95</sup>. Como os Evangelhos Sinóticos afirmam, foram companheiros íntimos de Jesus durante o seu ministério, da GALILEIA à chegada na Judeia. Eles foram os primeiros líderes da Igreja mãe de Jerusalém e de outras partes, no seu envolvimento inicial. Foram os transmissores autorizados, acreditados, das tradições sobre Jesus. Tinham algo de oficial na formulação das tradições e dos relatos sobre Jesus que aos poucos vão sendo escritos e que mais tarde são utilizados na redação final dos Evangelhos.

<sup>94</sup> REID, Daniel G., *Dicionário Teológico do Novo Testamento*, São Paulo, Editora Vida Nova e Edições Loyola, 2012, p. 416.

<sup>95</sup> Esta expressão é apreendida por BAUCKHAM, 2011, p. 126.

## 2. “Os apóstolos”, τοῦς αποστόλους

O termo “apóstolo” é derivado do verbo ἀποστέλλω, que significa enviar. Designa pessoas enviadas com uma missão especial, que se dedicam ao anúncio do Evangelho. Esse grupo é maior que “os Doze” (1Cor 15,5.7). O título “apóstolo” originalmente vai mais além do círculo dos Doze, mas está sempre mais estreitamente ligado a ele. Lucas fala sempre dos doze apóstolos. A palavra tornou-se praticamente adicionada ao termo Doze.

No Novo Testamento este termo aparece com maior número de vezes nas cartas de Paulo<sup>96</sup>. As comunidades paulinas aplicam o termo “apóstolo” como enviados das comunidades com uma missão específica: *“julguei necessário enviar-vos Epafródito, meu irmão e colaborador e companheiro de lutas e vosso mensageiro, para atender às minhas necessidades”* (Fl 2,25). Paulo expõe neste texto a noção de que apóstolo é um missionário enviado pelas igrejas locais para tarefas particulares. Na primeira Carta aos Tessalonicenses conhecemos o testemunho redacional mais antigo. Ele é importante pela antiguidade do testemunho. Situamo-nos aproximadamente em torno do ano de 51. Paulo se auto-apresenta como “apóstolo de Cristo”: *“ainda que nós, na qualidade de apóstolo de Cristo...”* (1Ts 2,7), que tem a missão de anunciar o Evangelho: *“apresentamo-nos, no meio de vós, cheios de bondade, como uma mãe que acaricia os seus filinhos”*. Na carta aos Gálatas, afirma: *“Paulo, apóstolo, não da parte dos homens, nem por intermédio de um homem, mas por Jesus Cristo e Deus Pai que o ressuscitou dentre os mortos”* Gl 1,1). Paulo recebeu do Cristo ressuscitado a missão de ser apóstolo: *“Paulo, apóstolo de Cristo Jesus pela vontade de Deus”* (2Cor 1,1).

Durante o ministério público de Jesus, provavelmente o termo “apóstolo” não era usado por Ele como um termo fixo para um grupo particular de seus seguidores. Provavelmente este termo poderia ter sido usado no sentido “ad hoc”, quando Jesus enviou os Doze para uma missão temporária. Este é o sentido provável que aparece quando os Doze retornam da missão *“os apóstolos reuniam-se a Jesus e contaram-lhe tudo o que tinham feito e ensinado”* (Mc 6,30). Aqui o sentido deve ser *“os enviados em missão que dela estão retornando”*<sup>97</sup>. No Evangelho de Marcos esta expressão não aparece mais, uma vez que a missão foi concluída. No Evangelho de Mateus é a única vez que se usa no seu evangelho a expressão *“estes são os nomes dos doze apóstolos”* (Mt 10,2). A expressão “os Doze apóstolos” parece resultar da fusão

<sup>96</sup> A crítica atual é de opinião que o termo “apóstolos” se origina em Antioquia e designa missionários itinerantes. É com este sentido que se aplica a Pedro e a Paulo. Esta informação se encontra em LATOURELLE, René, *Jesus existiu? História e Hermenêutica*. Aparecida, São Paulo, Editora Santuário 1989 na p. 163.

<sup>97</sup> MEIER, John P. no livro *Um Judeu Marginal. Repensando o Jesus histórico. Volume três Livro um*, Rio de Janeiro, Imago Editora 2003, nas pp. 210 a 259 o autor apresenta uma pequena “biografia” sobre nome por nome deste grupo dos Doze.

de duas expressões: os “Doze” e os “apóstolos”, em uso na Igreja primitiva<sup>98</sup>. Estamos aqui no começo do segundo discurso de Jesus, chamado de discurso missionário. Jesus prepara-se para enviar os Doze em sua missão limitada a Israel. A missão plena aparece no final do Evangelho (Mt 28,19).

Para Lucas, nos dois livros, Evangelho e Atos dos Apóstolos, a noção de “apóstolo está intimamente ligado à de testemunha”. A expressão “os apóstolos” foi aplicada ao grupo dos Doze no momento da escolha por Jesus durante a sua vida pública: “*depois que amanheceu, chamou os discípulos e dentre eles escolheu Doze, aos quais deu o nome de apóstolos*” (Lc 6,13). Por este texto fica clara a conexão íntima ou a identificação entre os Doze e os apóstolos no pensamento cristão posterior. Isto se deve principalmente à teologia de Lucas. Na versão da escolha dos Doze por Jesus em (Lc 6,13), este chamou os *discípulos* (grupo maior) e *dentre eles escolheu Doze*, aos quais deu o nome de *apóstolos*. Para Lucas, os apóstolos são homens que assumem funções, especialmente a de testemunhas qualificadas da vida pública e da ressurreição de Jesus.

Aqui nos caberia perguntar: durante a sua vida pública Jesus deu aos seus seguidores o título de apóstolos? É uma questão debatida e que não tem resposta definitiva. Um dado fica claro pela crítica histórica: durante a sua vida pública, Jesus chamou e constituiu um número de homens para segui-lo. Também deu a este grupo a missão de “ficarem com ele”, e “de proclamarem o Reino de Deus” e “de expulsarem os demônios” e “de curarem os doentes”.

O importante é sabermos o sentido que a Igreja primitiva deu a este termo. Na linguagem e na mentalidade da Igreja primitiva, este título recebeu um significado para Paulo (“representante de Cristo”) e para Lucas (“testemunha da vida de Jesus”). Assim, há uma relação de fidelidade para com aquele que o delegou, a fim de representá-lo, como também de prestar testemunho de Jesus.

É na igreja primitiva que o termo “apóstolo” é usado como mensageiro e como designação fixa para um grupo específico. Nas primeiras décadas do cristianismo, este termo possuía uma grande gama de significados que iam além dos Doze. Na Primeira Carta aos Coríntios, Paulo designa-se de apóstolo e dá a si este título: “*em último lugar, apareceu também a mim, o abortivo. Pois sou o menor dos apóstolos; nem sou digno de ser chamado apóstolo, porque persegui a Igreja de Deus*” (1Cor 15,8-9)<sup>99</sup>

---

<sup>98</sup> LEMAIRE, A. *Les ministères aux origines de l'Église*, Paris, 1971, pp. 179-180. O mesmo dado aparece em DEESCAMP, A. “Aux origines du ministère. La pensée de Jésus”, in *Revue théologique de Louvain* 2, 1971, pp. 19-24

<sup>99</sup> Paulo adota como seu o título de apóstolo, e defende com ardor o direito de ser reconhecido como tal (Gl 1,1.17; 2,8; 1Cor 9,1-2; 15,8-9; 2Cor 1,1; 11,5; 12,11-12; Rm 1,1.5).

### 3. “Discípulos”, μαθητής

O substantivo “discípulo” ocorre com muita frequência nos quatro Evangelhos – Marcos, Mateus, Lucas e João. Em Marcos, 46 vezes; em Mateus, 72 vezes; em Lucas, 37 vezes; e, em João, 78 vezes. No livro dos Atos dos Apóstolos aparece 28 vezes, mas nunca com referência aos discípulos de Jesus durante o seu ministério da vida pública<sup>100</sup>. Fazendo uma leitura do texto do Evangelho de Marcos do início da pregação de Jesus na Galileia, (Mc 1,14) até a chegada na Judeia, em Jerusalém (Mc 10,52), aparece com frequência a expressão “os seus discípulos” (Mc 2,15; 2,23; 3,7; 4,34; 5,31; 6,1; 6,35; 6,41; 6,45; 7,2; 7,17; 8,6; 8,10; 8,26 (2x); 8,33; 8,34; 9,28; 9,31; 10,46); “os teus discípulos” (Mc 2,18; 7,5); “os discípulos” (Mc 8,1; 10,13; 10,24); “dos discípulos” (Mc 9,14).

Nos anúncios da paixão em Marcos, temos no primeiro (Mc 8,33-34) e no segundo (Mc 9,31) a presença de discípulos. No terceiro anúncio, temos a presença dos Doze (Mc 10,32).

É importante observar que o termo “discípulo” está ausente nas cartas de Paulo, nas outras cartas do Novo Testamento, na Carta aos Hebreus e no livro do Apocalipse. Desta ausência pode-se deduzir que não era forma usual dos cristãos da primeira ou segunda geração<sup>101</sup>. Quanto ao livro dos Atos dos Apóstolos, aparece 28 vezes nele, e deve ser explicado que o “*desejo de Lucas de criar elos entre o tempo de Jesus e o tempo da Igreja o levou a adotar o termo “discípulos”, da tradição dos Evangelhos, e aplicá-lo aos membros da Igreja primitiva. Nos Atos, sempre aparece na narração de Lucas, e não nas palavras de qualquer dos personagens da história*”.<sup>102</sup>

No início da narrativa do Evangelho de Marcos os discípulos são apresentados com características positivas. São chamados, obedecem, seguem imediatamente, e não há hesitação diante da ordem de Jesus para segui-lo (Mc 1,16.20; 2,13-14). Este grupo de cinco pessoas logo a seguir passar a fazer parte do grupo dos Doze (Mc 3,13-19).

O estudo do termo “os discípulos” é muito difícil, porque o grupo tem carácter ambíguo. Os “Doze” não são sempre claramente distintos dos discípulos. Os dois grupos têm o mesmo desenvolvimento na narrativa. Nos textos são os Doze (Mc 9,35; 10,32) e são os discípulos (Mc 4,34; 7,17; 9,28; 10,10). Estamos no mesmo contexto. Geograficamente Jesus está caminhando

<sup>100</sup> Esta referência da estatística foi tirada do livro de MEIER, 2003, p. 54. A mesma estatística se encontra no livro SCHLOSSER, Jacques, *Il gruppo dei dodici. Ritorno alle origini*, Torino, Edizioni San Paolo, 2013, na p. 21.

<sup>101</sup> MEIER, 2003, p. 54, diz: “O termo “discípulos” nos Evangelhos não deve ser explicado como uma retrojeção anacrônica da forma de falar dos membros da igreja primitiva para o tempo do ministério público de Jesus.

<sup>102</sup> MEIER, 2003, p. 54

para Jerusalém e teologicamente estamos no contexto dos três anúncios da paixão, que começam em (Mc 8,31). Mais adiante, na narrativa de Marcos, estão juntos. No processo da condenação de Jesus, temos discípulos (Mc 14,12.13.14.16) e os Doze (Mc 14,17.20). Nos anúncios da paixão, temos o mesmo problema no primeiro (Mc 8,33-34) e no segundo (Mc 9,31) temos a presença dos discípulos e no terceiro anúncio da paixão (Mc 10,32) temos a presença dos Doze.

Este termo é importante na integração pessoal ao discipulado de Jesus. Nos Evangelhos Sinóticos, a expressão “os discípulos de Jesus” refere-se geralmente aos homens e às mulheres que o acompanharam em sua peregrinação. Este grupo não pode ser reduzido aos Doze ou aos Apóstolos, mas os inclui<sup>103</sup>. Nos Atos dos Apóstolos, “os *discípulos*” são todos os membros das comunidades (At 6,1; 9,1.10.19 etc). No Evangelho de João, discípulo significa cada pessoa cristã (Jo 8,31; 13,35; 15,8). No Evangelho de Mateus (Mt 28,19), exige-se que todas as nações se tornem discípulos μαθητεύω.

É bem provável que, durante a sua vida pública, Jesus tenha tido “*discípulos*”. Este fato é pouco questionável na sua historicidade<sup>104</sup>. É possível aplicar dois argumentos pela sua historicidade. O primeiro critério é o de descontinuidade. Aplicando este critério, podemos afirmar que o termo “discípulo” não era a forma usual com que a maioria dos primeiros cristãos falava de si ou entre si. Este julgamento é favorecido pela total ausência em grande parte dos livros do Novo Testamento. A presença de discípulos aparece em Marcos (Mc 1,16-20), quando Jesus chama os quatro primeiros seguidores. É um relato da tríplice tradição (Mt 4,18-22 e Lc 5,1-11). Há um segundo texto de Marcos (Mc 2,13-14) no chamado de Levi, que é da tríplice tradição. Os dois textos falam do chamado “*segue-me*” (Mc 1,17; 2,14) e da resposta (Mc 2,18.20; 2,14).

Na barca os discípulos são tomados de medo (Mc 4,35-41) e a pergunta “*Mestre, não te importas que pereçamos?*” (Mc 4,38) é impertinente. Jesus interpreta esta pergunta como um sinal da falta de fé no seu poder. Na multiplicação dos pães, os discípulos sugerem a Jesus despedir a grande multidão para que pudesse comprar alimentos. São os discípulos (Mc 6,35) que apresentam a Jesus a difícil situação da grande multidão: primeiro, “*a hora já estava avançada*” (Mc 6,35); segundo, “*o lugar é deserto*” (Mc 6,35). Os discípulos não imaginam que o seu Mestre é capaz de resolver todo o problema. Neste diálogo com Jesus, não conseguem perceber os objetivos do Mestre. Recebem de Jesus o encargo de dar-lhes de comer.

---

<sup>103</sup> BERLEJUNG, Angelika e FREVEL, Chistian, “*Dicionário de termos teológicos fundamentais do Antigo e do Novo Testamento*, São Paulo, coedição, Paulus e Edições Loyola 2011, no verbete *Apóstolo / Discípulos*, Na p. 114 diz sobre os discípulos “*Muitas pessoas que participam desse grupo apenas temporariamente podem ser designadas de discípulos,*( Lc 6,17; 19,37; Jo 6,60.66).

<sup>104</sup> Quem afirma isto é MEIER, 2003, pp. 54-60.

Na segunda multiplicação dos pães aparece a expressão “*os seus discípulos*” (Mc 8,1.4.6). O texto exprime a mesma incompreensão dos discípulos que já apareceu na primeira multiplicação dos pães. Nas duas multiplicações dos pães, os discípulos não aparecem como aqueles que confiam no poder de Jesus. Mas, ao contrário, nos anúncios da paixão em Marcos, temos no primeiro (Mc 8,33-34) e no segundo (Mc 9,31) a presença dos discípulos, reagem sob o ponto de vista meramente humano, quando não aceitam o caminho do sofrimento. Querem fazer com que Jesus desista de sua missão de sofrimento e morte. Há a compreensão de um messianismo triunfante.

Junto a Jesus, o discipulado significava participação da mesma missão. A vocação para ser discípulo tinha frequentemente a consequência de uma ruptura radical com a vida que estava sendo vivida, com a profissão e com a família (Mc 1,17. 20). Ela exigia disposição para suportar as reações hostis a essa mensagem, até o martírio, se fosse preciso (Mc 8,34-38).

A título de conclusão. É possível chegar a uma dedução geral: “*os Doze*” não é a mesma coisa que “*os apóstolos*”, e também não é a mesma coisa que “*os discípulos*”. Tanto “*os apóstolos*”, quanto “*os discípulos*” representam uma aproximação mais ampla que o grupo dos Doze. O emprego de “*os Doze*” como equivalente a “*os discípulos*” não reflete a situação histórica do ministério da vida pública de Jesus.

## 6. VÁRIAS ESTRUTURAS DO EVANGELHO DE MARCOS

É importante descobrir e conhecer a estrutura de um livro bíblico para obter uma visão de conjunto da narrativa do livro em estudo.

Entrando no estudo do Evangelho de Marcos, é possível descobrir várias estruturas, cada qual com o seu critério. Nos diversos comentários, percebe-se que não há uma unanimidade entre os estudiosos do Evangelho de Marcos. Nestes estudos se sobressaem três grandes estruturas do Evangelho de Marcos:

### 1. Uma estrutura a partir do critério da geografia

Este critério caracteriza o movimento do caminhar de Jesus da Galileia para Jerusalém. Este movimento acontece em três momentos. No primeiro, Jesus prega na Galileia Mc 1,14 – 9,50. No segundo, Jesus caminha da Galileia para a Judeia, em Jerusalém Mc 10,1-52. No terceiro momento, Jesus se aproxima de Jerusalém e passa o resto de sua vida pública em Jerusalém Mc 11,1. A partir deste critério geográfico, a estrutura é<sup>105</sup>:

Mc 1,1-13 = As margens do rio Jordão;

Mc 1,14 – 9,50 = Ministério de Jesus na Galileia e fronteiras;

Mc 10,1-52 = Caminhada da Galileia para a Judeia, em Jerusalém;

Mc 11,1 – 16,8 = Em Jerusalém.

### 2. Outra estrutura a partir do critério do drama

Outro critério que aparece entre os comentadores do Evangelho de Marcos quando abordam a estrutura é o desenvolvimento do drama<sup>106</sup>. O

<sup>105</sup> Os autores que desenvolvem este critério nos seus estudos do Evangelho de Marcos são: BOGAERT, Pierre Maurice – DELCOR, Matthias – JACOB, Edmond – LIPINSKI, Édouard – MARTIN-ACHARD, Robert – PONTHOT, Joseph. *Dicionário Enciclopédico da Bíblia. Coedição: Edições Loyola, Paulinas, Paulus, Academia Cristã, São Paulo, 2013, verbete Marcos, p. 857.* DELORME, J., *Leitura do Evangelho segundo Marcos.* Coleção Cadernos Bíblicos, número 11, São Paulo, Paulinas, 1985, pp. 13-15. AUNEAU J. – BOVON, F. – CHARPENTIER, E. – GOUARGUES, M. – RADERMAKERS, J. *Evangelhos Sinóticos e Atos dos Apóstolos,* São Paulo, Edições Paulinas, 1986, p. 66.

<sup>106</sup> SOARES, COREIA JUNIOR e OLIVA, 1985, pp. 17-31. GALAZZI, Mario, *Evangelio según Marcos. Comentário exegético-espiritual,* Madrid, 2007, pp. 353-358. GNILKA, Joachim, *El evangelio según san San Marcos,* Ediciones Sígueme. Salamanca, 1986. MONASTERIO, Rafael Aguirre e CARMONA, Antonio Rodrigues, *Evangelhos Sinóticos e Atos dos Apóstolos,* Coleção Introdução ao estudo da Bíblia. Volume 6. São Paulo, Editora Ave-Maria, 2006, p. 105. AUNEAU J. – BOVON, F. – CHARPENTIER, E. – GOUARGUES, M. – RADERMAKERS, J. *Evangelhos Sinóticos e Atos dos Apóstolos,* São Paulo, Edições Paulinas, 1986, p. 66.

Evangelho de Marcos é dividido em duas grandes partes. Cada parte procura responder uma pergunta. A primeira (Mc 1,14 – 8,26) responde à pergunta “Quem é Jesus”. A segunda parte (Mc 8,31 – 16,8) responde a esta: “Como Jesus se revela, de que forma?” Jesus se revela como servo sofredor, Messias e Filho de Deus. O que une as duas partes é a confissão de fé de Pedro (Mc 8,27-30). É como uma dobradiça que une as duas partes. Assim temos:

Mc 1,1-13 = Jesus é apresentado pela voz celeste como “*meu Filho amado*”.

Mc 1,14 – 8,26 = Primeira parte. Quem é Jesus? Jesus é o Filho de Deus.

Mc. 8,27-30 = Confissão de fé de Pedro. É a dobradiça que une a primeira com a segunda parte.

Mc 8,31 – 16,8 = Jesus revela-se como Messias. Que tipo de Messias é Jesus?

Mc 16,9-20 = Conclusão. Acréscimo posterior.

### **3. A terceira estrutura, a partir do critério das relações das pessoas**

Outro critério que aparece na narrativa do Evangelho de Marcos é o das relações entre as pessoas. O fundamento desta estrutura está pautado em várias dimensões de relações: a) as relações que se estabelecem entre Jesus e “os Doze” e nos relatos em que aparece o nome de alguns dos Doze; b) as relações de Jesus e “os discípulos”; c) as relações entre Jesus e a multidão; d) Jesus entre os seus adversários. A partir deste critério, há quatro pontos formados por relações complexas entre estes quatro polos: “os Doze”, “os discípulos”, “a multidão” e os adversários de Jesus.

As relações entre os quatro grupos permitem organizar o Evangelho de Marcos em várias partes. Cada parte está subdividida em etapas, perfazendo o total de seis etapas<sup>107</sup>. A partir deste critério, a estrutura do Evangelho de Marcos seria:

Mc 1,1-13 = Jesus e João Batista

**Primeira parte: Mc 1,14 – 6,6<sup>a</sup>** Jesus e seus discípulos diante da multidão e de seus adversários;

<sup>107</sup> BOGAERT, Pierre Maurice - DELCOR, Matthias - JACOB, Edmond - LIPINSKI, Édouard - MARTIN-ACHARD, Robert - PONTHOT, Joseph. *Dicionário Enciclopédico da Bíblia. Coedição: Edições Loyola, Paulinas, Paulus, Academia Cristã, São Paulo, 2013, verbete Marcos, p. 858.* DELORME, J. *Leitura do Evangelho segundo Marcos.* Coleção Cadernos Bíblicos, número 11, São Paulo, Paulinas, 1985, pp. 37-139. AUNEAU J. - BOVON, F. - CHARPENTIER, E. - GOURGUES, M. - RADERMAKERS, J. *Evangelhos Sinóticos e Atos dos Apóstolos,* São Paulo, Edições Paulinas, 1986, p. 66.

Primeira etapa: Mc 1,14 – 3,6 = Formação do triângulo dos personagens. Primeiro bloco das polêmicas, controvérsias;

Segunda etapa: Mc 3,7 – 6,6<sup>a</sup> = Ruptura com os adversários e com os parentes de Jesus.

**Segunda parte: Mc 6,6b – 10,52** = Falta de sintonia entre Jesus e seus discípulos;

Terceira parte: Mc 6,6b – 8,26 = A incompreensão dos discípulos sobre a missão de Jesus;

Quarta parte: Mc 8,27 – 10,52 = A incompreensão dos discípulos sobre o caminho de Jesus.

**Terceira parte: Mc 11,1 – 16,8** = Jesus e os seus discípulos enfrentam os adversários em Jerusalém;

Quinta etapa: Mc 11,1 – 13,37 = Vários confrontos em Jerusalém. Segundo bloco das controvérsias, polêmicas.

Sexta etapa: Mc 14,1 – 16,8 = Jesus prepara os seus discípulos para o drama da paixão, morte. Jesus está sozinho diante de seus juízes. As mulheres e o túmulo vazio.

A mesma estrutura é apresentada por MARCUS, 2010 e 2011. A estrutura é apresentada desta forma:

O prólogo de Marcos, Mc 1,1-15

Primeira seção principal, Mc 1,16 – 3,6;

Segunda seção principal, Mc 3,7 – 6,6a;

Terceira seção principal, Mc 6,6b – 8,21;

Quarta seção principal, Mc 8,22 - 10,52;

Quinta seção principal, Mc 11,1 – 13,37;

Sexta seção principal, Mc 14,1 – 15,47;

O epílogo, o túmulo vazio, Mc 16,1-8.

Estas são algumas estruturas do Evangelho de Marcos, cada qual obedecendo a um critério, quer geográfico quer do drama ou das relações. Todos estes critérios apresentados têm sua validade e seus limites. Objetivo desta três estruturas é que tem a ver com a delimitação da tese. A primeira relação está no critério geográfico, que é um dos critérios usados para a delimitação da tese: a pregação de Jesus a partir da GALILEIA até a sua chegada em Jerusalém. Outro critério da estrutura do Evangelho de Marcos são as relações entre os personagens que aparecem na narrativa do livro. Outra estrutura é a do drama entre os personagens. Quando se fala de relações entre as pessoas, muitas vezes o drama está presente nestas relações. Assim, justifica-se a apresentação das três formas de estruturar o Evangelho de Marcos.

## 7. DELIMITAÇÃO DA TESE

A tese a ser desenvolvida será delimitada a partir de dois critérios na narrativa do Evangelho de Marcos (Mc 1,14 – 10,52): o primeiro critério é o geográfico; o segundo, a presença da expressão “Os Doze” (τοῦς δώδεκα). Serão analisadas as perícopes em que aparece a expressão “Os Doze” (τοῦς δώδεκα) nas relações de Jesus com eles e de “os Doze” para com Jesus, no contexto da pregação de Jesus na Galileia até a chegada na Judeia, em Jerusalém (Mc 1,14 – 10,52).

### 1. A partir do critério geográfico

O primeiro argumento situa-se: *“Depois que João foi preso, veio Jesus para a Galileia, proclamando o Evangelho de Deus”* (Mc 1,14). Do ponto de vista geográfico, a unidade (Mc 1,14 – 10,52) se passa na Galilaeia até a chegada na Judeia, em Jerusalém. A Galileia será o centro da vida pública de Jesus ao pregar o Reino de Deus (Mc 1,14; 1,16; 1,28; 1,39; 2,13; 3,7; 4,1; 4,35; 4,41; 5,1; 5,21; 6,45; 6,52; 8,13; 8,21). Temos como início um aspecto introdutório muito claro, que é a anotação de tempo: *“depois...”* (Mc 1,14).

Outro ponto importante a ser observado é a apresentação de Jesus. Em Marcos, antes de Jesus ser batizado, Ele veio de Nazaré da Galileia e foi batizado no rio Jordão por João Batista (Mc 1,9). Outro dado, que já foi mencionado anteriormente, é: *“Depois que João foi preso, veio Jesus para a Galileia, proclamando...”* (Mc 1,14). Assim se fecha o círculo literário geográfico: Jesus veio de Nazaré da Galileia. Agora Jesus retorna à Galileia. A proclamação da Boa Nova só começa depois de João Batista ter sido preso e de Jesus ter retornado à Galileia.

O Evangelho de Marcos dá ênfase na sua narrativa à dimensão geográfica. Nos primeiros capítulos, é mencionada continuamente a geografia: *“passando ao longo do mar da Galileia”* (Mc 1,16); em seguida, *“entraram em Cafarnaum”..... e foram à sinagoga* (Mc 1,21); *“E logo ao sair da sinagoga, foi à casa de Simão e André, com Tiago e João”* Mc 1,29); *“de madrugada, estando ainda escuro, ele se levantou e retirou-se para um lugar deserto”* (Mc 1,35); *“e saiu pregando em suas sinagogas por toda a Galileia”* (Mc 1,39); *“estando de novo em Cafarnaum”* (Mc 2,1); *“e tornou a sair para a beira-mar”* (Mc 2,13); *“entrou outra vez na sinagoga”* (Mc 3,1); *“Jesus retirou-se com os seus discípulos a caminho do mar”* (Mc 3,7); *“e subiu ao monte”* (Mc 3,13). Por todos estes dados estatísticos aparece um Jesus em intensa atividade, em contínuo movimento. É um ir e vir de um lugar a outro, na região da Galileia. Jesus vai a Cafarnaum (Mc 1,21; 2,1), na sinagoga (Mc 1,21; 1,39; 3,1); no mar da Galileia (Mc 1,16; 2,13; 3,7; 4,1; 4,35; 5,1; 5,21). A este lugar do mar da Galilaeia está

associado ao lugar do encontro de Jesus com a multidão, (Mc 1,33; 1,37; 1,45; 2,2; 2,15; 3,7; 3,8; 3,10; 3,20; 3,32; 4,1; 4,36; 5,21; 5,24; 5,27; 5,30; 5,31).

O segundo argumento geográfico situa-se: *“Partindo dali, ele foi para o território da Judeia, além do Jordão”* (Mc 10,1). Fica claro que Jesus conclui a sua atividade na Galileia (Mc 9,50) e, a partir daqui, começa uma nova etapa geográfica quando se dirige para a Judeia, além do Jordão (Mc 10,1).

São duas ideias como argumento do texto final da tese em (Mc 10,52). O primeiro argumento é o geográfico (Mc 10,1). Jesus continua seu movimento itinerante para Jerusalém. Jesus caminhava através da Galileia *“Tendo partido dali, caminhava através da Galileia, mas não queria que ninguém soubesse”* (Mc 9,30) . Estamos no contexto do segundo anúncio da paixão (Mc 9,30-32). Agora percorre *“o território da Judeia, além do Jordão”* (Mc 10,1).

O texto de Marcos começa dizendo: *“partindo dali”* (Mc 10,1). De onde? Encontramos a resposta em (Mc 9,33): *“E chegaram a Cafarnaum”*. Jesus continua o seu caminho. Mas aqui temos dois dados novos que não apareceram até agora, *“território da Judeia, além do Jordão”* (Mc 10,1). Portanto, atravessa o Jordão e entra numa região pertencente à Judeia. Assim Marcos vai paulatinamente conduzindo a narrativa para o sul. O destino final de Jesus é Jerusalém, como diz explicitamente: *“Estavam no caminho, subindo para Jerusalém”* (Mc 10,32). Marcos confirma isto quando a narrativa diz: *“Ao se aproximarem de Jerusalém, diante de Betfagé e de Betânia, perto do Monte das Oliveiras.....”* (Mc 11,1).

Agora Jesus se encontra em Jerusalém, onde desenvolve o seu ministério nos últimos momentos de sua vida pública. O centro da narrativa de Marcos está construída (Mc 11,27 – 12,37) *sobre as narrações de conflito com as autoridades locais, políticas, econômicas e religiosos, sediada no Templo, matriz do Judaísmo, as quais, são apresentadas como preparação para o desfecho violento, com a paixão e a morte de Jesus*<sup>108</sup>.

Jesus vai a Jerusalém, e esta ida significa o fim do seu ministério, no Templo, em Jerusalém, como lugar do sistema de dominação, da riqueza e da opressão ao povo de Israel. Jesus vai a Jerusalém não como um devoto da tradição judaica, como o povo ia por ocasião das festas religiosas, para realizar diversos sacrifícios, mas vai para revelar às multidões de fiéis peregrinos que dali converge a sua mensagem libertadora para outros lugares. É a tese de Lucas no Livro dos Atos dos Apóstolos: *“recebereis uma força, a do Espírito Santo que descerá sobre vós, e sereis minhas testemunhas em Jerusalém, em toda a Judeia, Samaria e até os confins da terra”* (At 1,8).

<sup>108</sup> SOARES, CORREIA JÚNIOR, 2013, p. 345.

Outro argumento conclusivo da pregação na Galileia está em (Mc 9,49-50). Alargando um pouco o texto (Mc 9,43-50), encontramos três ditos de Jesus sobre o escândalo (Mc 9,43; 9,45; 9,47). Fazendo uma análise comparativa dos três ditos, percebe-se que a estrutura é a mesma<sup>109</sup>.

A menção do fogo, através da imagem da Geena (Mc 9, 43. 45. 47), pode dar motivo a uma associação com (Mc 9, 49), onde o fogo em conexão com o sal (Mc 9,50) simboliza e faz referência à perseguição que os cristãos estão sofrendo: “*perseguições*” (Mc 10,30).

A imagem positiva do sal como algo que conserva (Mc 9,50) é uma aguda contraposição ao sal do sacrifício (Mc 9,49). O mandato “*vivei em paz*” (Mc 9,50) é a última palavra de Jesus em resposta à discussão sobre quem é o maior (Mc 9,34).

Esta imagem do fogo e do sal encontra-se no Evangelho de Mateus (Mt 5,13-16), logo após as bem-aventuranças, e pode ser utilizada de diversas formas. É muito difícil determinar com segurança o sentido deste anúncio. Ele tem função de passagem.

Provavelmente as imagens do sal e do fogo tinham algo a ver com a purificação durante o período de sofrimento. Portanto, são imagens que aludem às provas e sacrifícios a que o discípulo pode estar submetido em sua vida terrena. Estas provas e sacrifícios devem purificar e animar a existência do cristão, seguidor de Cristo.

Estes dois argumentos, o geográfico e o do conteúdo, como imagens do fogo e do sal (Mc 9,43-50), servem de conclusão da pregação de Jesus do anúncio do Reino na Galileia. Fica bem claro que a narrativa (Mc 9,43-50) tem a tonalidade e a função conclusiva de uma seção do Evangelho de Marcos, principalmente: “*O sal é bom. Mas se o sal se tornar insípido, como retemperá-lo? Tende sal em vós mesmos e vivei em paz uns com os outros*” (Mc 9,50). Mas Jesus continua ainda a sua missão, em primeiro lugar o percurso, a caminhada da Galileia para Jerusalém (Mc 10,1-52). Em segundo, a missão de Jesus continua em Jerusalém (Mc 11,1 – 13,37).

## **2. A partir do critério “os Doze”**

A proposta da tese são as relações das pessoas, especificamente de Jesus para com os Doze e dos Doze para com Jesus. Também serão analisadas as perícopes em que aparece o nome de alguns dos Doze, nas

<sup>109</sup> A estrutura é esta: 1) Três membros do corpo humano: se mão, pé, olho te escandalizar. 2) Atitude: corta-o (vv. 43 e 45) e no v. 47 “*atira-o fora*”. 3) Melhor é entrar mutilado – com um só pé – com um só olho. 4) A recompensa: a Vida. O texto apresenta a Vida com letra maiúscula. O v. 47 fala do Reino de Deus. 5) A consequência: ir para a Geena, para o fogo inextinguível. Ser atirado à Geena.

relações de Jesus para com eles e deles para com Jesus. Diante deste enunciado, torna-se necessário fazer uma delimitação dos personagens. É o grupo dos Doze e o nome de alguns dos Doze.

Tomo como fundamento o Evangelho de Marcos por duas razões: a primeira é que aparece maior número de vezes a expressão “os Doze” em relação aos outros três Evangelhos, Mateus, Lucas e João e aos demais livros do Novo Testamento. O segundo critério é que Marcos é o Evangelho primeiro a ser escrito, o mais próximo do Jesus histórico. É o primeiro a ser escrito dentre os quatro Evangelhos.

Em Marcos, a partir do início da vida pública de Jesus, na pregação na Galileia até a chegada na Judeia, em Jerusalém, a expressão “os Doze” (τοῦς δώδεκα) aparece seis vezes no Evangelho de Marcos (Mc 3,14; 3,16; 4,10; 6,7; 9,35; 10,32). Uma perícopos (Mc 6,30-34) menciona os apóstolos. Estes apóstolos são o grupo dos Doze que retornaram do envio em missão quando foram enviados (Mc 6,6b-13). Há outra perícopos, a da primeira multiplicação dos pães (Mc 6,35-44), e quem está presente com Jesus são “os Doze” (τοῦς δώδεκα). Não aparece a expressão “os Doze” (τοῦς δώδεκα), e sim a expressão “os discípulos” (Mc 6,35.41). Estes discípulos são os Doze, o que será justificado na análise desta perícopos.

As perícopos no Evangelho de Marcos em que aparece a expressão “Os Doze” (τοῦς δώδεκα) e mais duas, uma aparece a expressão “os Apóstolos” (Mc 6,30). São os Doze no retorno da missão. Outra a perícopos da primeira multiplicação dos pães. As perícopos a serem estudadas: 1) A constituição do grupo dos Doze (Mc 3,13-19); 2) “Os Doze” (τοῦς δώδεκα) perguntaram sobre as parábolas (Mc 4,10-12); 3) Os Doze são enviados em missão (Mc 6,6b-13); 4) O retorno dos Doze em missão, que são denominados de apóstolos (Mc 6,30-34); 5) Na primeira multiplicação dos pães, quem está presente são os Doze (Mc 6,35-44); 6) Após o segundo anúncio da paixão, o texto bíblico apresenta o ensinamento de Jesus aos Doze (Mc 9,33-37); 7) No terceiro anúncio da paixão, quando Jesus ensina a eles (Mc 10,32-34).

Na análise destas perícopos, há um vínculo das relações de Jesus com o grupo “os Doze” (τοῦς δώδεκα) e de “os Doze” (τοῦς δώδεκα) para com Jesus? Na análise de cada uma das perícopos, na medida do possível, e quando a perícopos possibilitar, segue-se a mesma estrutura: Delimitação da perícopos. Estrutura da perícopos. As relações de Jesus para com os Doze e destes para com Jesus.

Há no Evangelho de Marcos várias perícopos em que aparece o nome de alguns dos Doze ou somente o nome de um deles. Esta será a análise do terceiro capítulo da tese, procurando mostrar as relações de Jesus com eles e deles para com Jesus, que foram constituídos Doze (Mc 3,13-19).

As perícopes a serem analisadas: 1) A narrativa do chamado dos quatro primeiros seguidores de Jesus: Simão e André, o irmão de Simão; Tiago, filho de Zebedeu, e João seu irmão (Mc 1,16-20); 2) Levi é chamado para o seguimento (Mc 2,13-17); 3) Pedro, Tiago e João estão presentes no relato do milagre da ressurreição da filha de Jairo (Mc 5,35-43); 4) Pedro faz a confissão de fé em Jesus (Mc 8,27-30); 5) Pedro no primeiro anúncio da Paixão (Mc 8,31-33); 6) Na transfiguração estão presentes Pedro, Tiago e João (Mc 9,2-8); 7) João está no relato do exorcista estranho (Mc 9,38-40); 8) Pedro faz o pedido pela recompensa no seguimento a Jesus (Mc 10,28-31); 9) Tiago e João, filhos de Zebedeu fazem um pedido a Jesus (Mc 10,35-45)..

Serão estas as perícopes a serem analisadas no terceiro capítulo. A análise de cada perícopa segue a mesma estrutura, na medida do possível, quando a perícopa do texto bíblico permitir: Delimitação da perícopa. Estrutura da perícopa. As relações de Jesus com alguns dos Doze, e destes para com Jesus.

## **SEGUNDO CAPÍTULO**

**AS RELAÇÕES DE JESUS PARA COM O GRUPO  
“OS DOZE” (τοῦς δώδεκα) A PARTIR DA PREGAÇÃO NA GALILEIA  
NO CAMINHO ATÉ A CHEGADA EM JERUSALÉM EM MARCOS 1,14  
– 10,52**

Neste segundo capítulo da tese, serão estudadas as perícopes em que aparecem a expressão “Os Doze” (τοῦς δώδεκα) na narrativa do Evangelho de Marcos, a partir do início da vida pública de Jesus na Galileia até a chegada na Judeia, em Jerusalém (Mc 1,14 – 10,52). Na análise das relações de Jesus com o grupo de “os Doze” (τοῦς δώδεκα) e destes para com Jesus. Neste contexto do Evangelho de Marcos aparece seis vezes a expressão “os Doze”, formando cinco perícopes. Serão inseridas mais duas perícopes, uma quando eles retornam da missão (Mc 6,30-34). A outra é a primeira multiplicação dos pães (Mc 6,35-44), quando os Doze estão presentes nas duas perícopes, embora não apareça a expressão “os Doze”. Portanto, serão estudadas oito perícopes no Evangelho de Marcos:

- 1) A constituição do grupo “os Doze” (τοῦς δώδεκα) (Mc 3,13-19);
- 2) “Os Doze” (τοῦς δώδεκα) perguntaram sobre as parábolas (Mc 4,10-12);
- 3) “Os Doze” (τοῦς δώδεκα) são enviados em missão (Mc 6,6b-13);
- 4) O retorno “dos Doze” (τοῦς δώδεκα) em missão, que são denominado de apóstolos (Mc 6,30-34);
- 5) A primeira multiplicação dos pães (Mc 6,35-44);
- 6) As incompreensões de “os Doze” (τοῦς δώδεκα) a partir da cura do cego de Betsaida até à cura do cego de Jericó (Mc 8,22 – 10,52).
- 7) As atitudes dos Doze (τοῦς δώδεκα) após o segundo anúncio da paixão (Mc 9,33-37);
- 8) No terceiro anúncio da paixão aparece a expressão “os Doze” (τοῦς δώδεκα) (Mc 10,32-34).

## 1. CONSTITUIÇÃO DO GRUPO “OS DOZE” (τοῦς δώδεκα) (Mc 3,13-19)

Fazendo uma leitura retrospectiva da narrativa do Evangelho de Marcos até este momento da primeira secção (Mc 1,14 – 3,6) da primeira parte do Evangelho de Marcos (Mc 1,14 – 6,6<sup>a</sup>). Aparece no texto bíblico um resumo do anúncio da Boa Nova de Jesus (Mc 1,14-15); em seguida Jesus caminha ao longo do mar da Galileia, chama quatro discípulos, dois grupos de duplas (Mc 1,16-20). Jesus vai para a cidade de Cafarnaum, onde realiza vários milagres (Mc 1,21-45)<sup>110</sup>. Em seguida Marcos narra um bloco de cinco controvérsias (Mc 2,1 – 3,6), e no final aparecem as atitudes dos fariseus e herodianos que querem matar Jesus: “os fariseus com os herodianos imediatamente conspiraram contra Ele sobre como o destruiriam” (Mc 3,6).

A partir de (Mc 3,7) abre-se uma nova etapa do ministério de Jesus na Galileia<sup>111</sup>. Na primeira secção, caracteriza-se por dois cenários: um pelos agrupamentos temáticos, que são: o dia de Cafarnaum (Mc 1,21-45); e cinco controvérsias (Mc 2,1 – 3,6); e o segundo por diversos cenários geográficos da atuação de Jesus: “*mar da Galileia- 3,6*”; “*Cafarnaum*”; “*a cidade*”; “*a casa*”; “*sinagoga*”; “*os campos*”<sup>112</sup>.

O início da vida pública de Jesus no Evangelho de Marcos, começa pelo cenário “*do mar da Galileia*” (Mc 1,16)<sup>113</sup>. Em seguida Jesus aparece novamente à beira do mar, no chamado de Levi (Mc 2,13-14), e termina o primeiro grande espaço geográfico da primeira secção, em que se desenvolve a atividade missionária de Jesus, e que é “*o mar da Galileia*”. Como dimensão geográfica, a região da Galileia é muito importante. Várias ações de

<sup>110</sup> É o dia de Cafarnaum. É uma intensa atividade missionária de Jesus. É um dia típico da vida de Jesus. A cena inaugural de Jesus dá-se na sinagoga, quando realiza a libertação de um endemoninhado (Mc 1,21-28); em seguida, na casa, cura a sogra de Pedro (Mc 1,29-31); depois, na porta da casa, há diversas curas numa tarde (Mc 1,32-34) e, enfim, a cura de um leproso (Mc 1,40-45).

<sup>111</sup> A estrutura da segunda secção é apresentada de modo diferente pelos estudiosos da Sagrada Escritura. Há quem apresente este bloco abrangendo o texto (Mc 3,13 – 6,6<sup>a</sup>). Esta é a tese de DELORME, J. *Leitura do Evangelho segundo Marcos*, São Paulo, Edições paulinas, 1985, p. 47. Outro grupo faz a divisão 3,7 – 6,6a. É a tese de FERNANDES, Leonardo Agostini e GRENZER, Matthias, em *Evangelho segundo Marcos. Eleição, partilha e amor*, São Paulo, Paulinas 2012, p. 23. É da mesma tese SOARES, CORREIA JUNIOR, e OLIVA, 2013, p. 139. Também esta é a tese de BROWN, Raymond E. – FITZMYER, Joseph A. – MURPHY, Roland E. *Novo comentário Bíblico. São Jerônimo. Novo Testamento e artigos sistemáticos*. São Paulo. Paulus e Academia Cristã. 2011, p. 79.

<sup>112</sup> O cenário deste primeiro bloco do Evangelho de Marcos se caracteriza por: 1) O mar da Galileia (Mc 1,16; 2,13; 3,7); 2) Cafarnaum (Mc 1,21; 2,1); 3) A cidade (Mc 1,33); 4) A casa (Mc 1,29; 2,1; 3,20); 5) A sinagoga (Mc 1,23; 1,39; 3,1); 6) Os campos (Mc 2,23). É a totalidade da região da Galileia. É neste mundo regional que se transforma num espaço geográfico da revelação de Jesus.

<sup>113</sup> Quanto a este cenário geográfico, “*mar da Galileia*”, é apresentado nos quatro Evangelhos com três denominações diferentes (Mc 1,16; 3,13; 3,7), como também em Mateus “*mar da Galileia*” (Mt 4,18). No Evangelho de São João é o “*mar de Tiberíades*” (Jo 6,1; 21,1). Lucas designa como “*lago de Genesaré*” (Lc 5,1). São três denominações diferentes para designar o mesmo lugar geográfico.

Jesus ocorrem ali (Mc 1,14; 1,16; 1,28; 1,39; 2,13; 3,7). Nesta região geográfica menciona-se com destaque a cidade de Cafarnaum (Mc 1,21; 2,1).

Há outro cenário, o da Sinagoga. Aparece pela primeira vez na narrativa do Evangelho de Marcos: *“logo no sábado, foram à sinagoga”* (Mc 1,21); depois é mencionado de novo: *“pregando em suas sinagogas e expulsando os demônios”* (Mc 1,39). Aqui é a descrição de um pequeno sumário da atividade de Jesus<sup>114</sup>. *“Entrou outra vez na sinagoga”* (Mc 3,1). Esta menção, *“outra vez”*, é uma referência clara à menção anterior. Aqui temos, portanto, uma inclusão em (Mc 1,21 com Mc 3,1) sobre o tema da sinagoga.

Há dois episódios acontecidos na Sinagoga. O primeiro é *“ensino e exorcismo em Cafarnaum”* (Mc 1,21-28). Ali se inicia o ministério público de Jesus junto ao povo. O segundo está em Mc 3,1-6: *“a cura do homem da mão seca”* (Mc 3,1-6). Os dois textos estão ligados pelo mesmo termo grego *“um homem”* (*anthropos - άνθρωπος*) (Mc 1,23; 3,1). Nos dois percebe-se que há um confronto com os adversários de Jesus na sinagoga. No primeiro caso são os espíritos impuros (Mc 1,23), e o segundo é com os fariseus e herodianos (Mc 3,6).

O tema do sábado aparece também com destaque e marca profundamente a narrativa. O primeiro dia da atividade pública de Jesus se deu em dia de sábado (Mc 1,21). No contexto das controvérsias das espigas arrancadas em dia de sábado, este termo aparece quatro vezes (Mc 2,23; 2,27 (2x) e 2,28). No milagre do homem da mão seca aparece mais duas vezes a menção do sábado (Mc 3,2; 3,4). Portanto, o sábado adquire toda uma força especial quando é colocado em relação com o texto (Mc 2,27-28), que afirma dois grandes princípios: primeiro: *“o sábado foi feito para o homem e não o homem para o sábado”* (Mc 2,27); segundo: *“o Filho do Homem é senhor também do sábado”* (Mc 2,28).

Não se pode esquecer do espaço das ações de Jesus. O Evangelho de Marcos menciona na sua narrativa diversos espaços geográficos em que se desenvolve a ação da vida pública de Jesus. A primeira ação é no *“mar da GALILEIA”* (Mc 1,16). Em seguida ingressa em Cafarnaum em dia de sábado *“na sinagoga”* (Mc 1,21). Depois vai para a *“casa de Simão e André”*, com Tiago e João. Jesus se retira *“de madrugada para o deserto”* (Mc 1,29), ali rezava (Mc 1,35). Retira-se para *“lugares desertos”* (Mc 1,45) por causa da grande quantidade de pessoas que de toda parte vinham até Ele. As ações de Jesus com os discípulos acontecem na sinagoga em Cafarnaum: *“foram”* (Mc 1,21), e também acontece na casa de Simão, *“e foram à casa de irmão”* (Mc

---

<sup>114</sup> O Evangelho de Marcos caracteriza-se pela presença de inúmeros pequenos sumários, que são importantes, porque através deles surgem os grandes agrupamentos. Por exemplo: *“Jesus filho de Deus”* (Mc 1,1) juntamente como *“Messias”* (Mc 8,29) e *“Filho de Deus”* (Mc 15,39). Estes títulos dão unidade a todo o Evangelho.

1,29). “Ele estava em casa” (Mc 2,1). “Estando à mesa na casa dele” (Mc 2,15). “Jesus foi para casa” (Mc 3,20).

Faz-se necessário formular algumas perguntas. Por que foram escolhidos Doze entre os seguidores de Jesus? Por que não foram um número maior ou menor do que doze? Por que aqueles homens com seus nomes e não outros? France, R. T., afirma que doze pessoas formavam um grupo cuja logística seria facilmente administrada, podendo inclusive viajar num pequeno barco de pesca<sup>115</sup>. Aqui fica a pergunta, será que este seria o motivo da constituição do número doze? Qual o sentido, o significado da escolha destes Doze? Carlos Bravo afirma que a decisão de Jesus era um “*gesto simbólico de profundo sentido messiânico, no qual todos os que compreendessem Jesus começariam algo novo*”<sup>116</sup>.

Muitas pessoas seguiram a Jesus durante o seu ministério da Galileia à Judeia, Jerusalém. Algumas o faziam pela fé que tinham no Mestre Jesus, outros apenas por interesse pessoal, buscando alguma vantagem. Sobre esta ação de Jesus na constituição dos doze, Mateos e Camacho afirmam: “*Jesus toma uma iniciativa radical*”<sup>117</sup>. Mulholland afirma que “*a decisão de Jesus de constituir um grupo de Doze é uma das decisões mais cruciais da história*”<sup>118</sup>. Esta ação de Jesus de constituir um grupo de Doze revolucionou a história. Bruce, A. B., no seu livro “The training of the twelve”, também concorda que a escolha deste grupo, os Doze, constituiu-se num marco histórico dos Evangelhos.

## **1. Contexto anterior, posterior e delimitação da perícope (Mc 3,13-19)**

### **1.1 O contexto literário anterior da constituição dos Doze (Mc 3,7-12)**

Em (Mc 3,6) conclui-se o grande bloco das cinco controvérsias (Mc 2,1 – 3,6)<sup>119</sup> e, no final, há a decisão de matar Jesus por parte dos fariseus e dos herodianos (Mc 3,6). A perícope (Mc 3,7-12) tem o seu caráter de sumário da atividade de Jesus até este momento e se pode afirmar um sumário

<sup>115</sup> FRANCE, R. T. *The gospel of Mark: a commentary on the Greek text*. Grand Rapids; Eerdmans, 2002, p. 159

<sup>116</sup> GALLARDO, Carlos Bravo. *Galileia ano 30: para ler o Evangelho de Marcos*. São Paulo, Paulinas, 1996, p. 44.

<sup>117</sup> MATEOS e CAMACHO, 1998, p. 117.

<sup>118</sup> MULHOLLAND, Dewey M. *Marcos: Introdução e comentário*. São Paulo, Vida nova, 1999, p. 70.

<sup>119</sup> Este bloco do Evangelho de Marcos (Mc 2,1 – 3,6) se caracteriza pela presença de cinco controvérsias: A primeira, cura do paraplético (Mc 2,1-12); a segunda, o banquete com os pecadores (Mc 2,13-17); a terceira, o jejum; a quarta (Mc 2,18-22); a quarta o dia de sábado (Mc 2,23-28); a última também em dia de sábado quando Jesus realiza milagre (Mc 3,1-6).

bem completo, sobre a pregação e a fama taumatúrgica de Jesus<sup>120</sup>. As pessoas acorrem a Jesus. Temos Jesus “*passando ao longo do mar da Galileia, chama quatro primeiros discípulos (Mc 1,16-20): “vinde” (Mc 1,17) e “os chamou” (Mc 1,20). Agora é o povo que vai, que corre a Jesus como centro de atração. “Toda a multidão ia até ele e ele os ensinava” (Mc 2,13); “uma grande multidão vinda da Galileia o seguiu (Mc 3,7); “de novo a multidão se reuniu” (Mc 3,20)*”<sup>121</sup>.

“*Jesus se retirou*” (Mc 3,7). Não deve ser interpretado como se fosse uma fuga, como se fosse uma reação normal e humana de Jesus diante da hostilidade de seus inimigos, fariseus e herodianos que querem matá-lo (Mc 3,6), e sim deve ser interpretada no sentido de que Jesus deixou Cafarnaum (Mc 1,21; 2,1) para dirigir-se a um lugar mais próximo do mar da Galileia (Mc 4,1). Agora se inicia uma nova etapa do ministério de Jesus na Galileia (Mc 3,7 – 6,6<sup>a</sup>).

A perícopé (Mc 3,7-12) é, por um lado, o texto que antecede a constituição dos Doze (Mc 3,13-19). Por outro lado, prepara a perícopé seguinte (Mc 3,20-35). Jesus se encontra com seus discípulos a caminho do mar da Galileia: “*Jesus retirou-se com os seus discípulos a caminho do mar*” (Mc 3,7). A fama de Jesus inicialmente se havia espalhado pela Galileia (Mc 1,28.39.45). Agora (em Mc 3,8) somos informados de que, além das pessoas procedentes da Judeia, também estavam se achegando pessoas de Jerusalém, da Iduméia, das regiões do outro lado do Jordão e dos arredores de Tiro e Sidônia. Pessoas de muitas regiões se dirigem a Jesus (Mc 3,7-8). E o segue “*grande multidão vinda da GALILEIA, da Judeia, de Jerusalém, da Iduméia, da Transjordânia, dos arredores de Tiro e de Sidônia*”. Devido ao aumento de todas estas pessoas de diversos lugares, mais colaboradores ajudantes para atender as necessidades das multidões se fazem necessários.

Este influxo de pessoas de diversos lugares e de povos tem carácter de universalidade<sup>122</sup>. Esta perícopé (Mc 3,7-8) nos mostra que Jesus teve de tomar providências devido à “*grande multidão*” (Mc 3,7) que o acompanha. Ele “*disse aos seus discípulos que deixassem um pequeno barco à sua disposição*” (Mc 3,9). Esta descrição da presença da grande multidão prepara os destinatários de seu ensino em parábolas, o que se encontra logo a seguir (em Mc 4,1-34).

<sup>120</sup> BROWN, Raymond E. – FITZMYER, Joseph A. – MURPHY, Roland E. *Novo comentário Bíblico. São Jerônimo. Novo Testamento e artigos sistemáticos*. São Paulo, Paulus e Academia Cristã. 2011, afirma: “*é um resumo transicional de Marcos, pois narra a recepção entusiástica conferida a Jesus, o curador, aponta para adiante o ensino em parábolas Mc 4,1-34 e para os exorcismos Mc 5,1-20. É um resumo na medida em que apresenta uma tendência generalizante, não uma narrativa de acontecimentos específicos*”.

<sup>121</sup> SOARES, CORREA JUNIOR e OLIVA, 2013 p. 143, podem ser feitas duas observações. A primeira: “*é muito possível que seja da redação do próprio Marcos*”. A segunda: “*seriam lembranças guardadas pela tradição*”. Portanto, aqui se tem um resumo da atividade de Jesus.

<sup>122</sup> Um aprofundamento desta temática encontra-se em BARBAGLIO, Giuseppe, *Jesus, Hebreu da Galileia. Pesquisa histórica*. São Paulo, Paulinas, 2011, pp. 106-114.

Por outro lado, há a presença dos espíritos impuros que gritavam: “*tu és o Filho de Deus*” (Mc 3,11-12). É a proclamação da identidade de Jesus. Jesus os repreendeu para que ficassem quietos. Aqui temos o tema do segredo messiânico<sup>123</sup>. É um tema teológico característico do Evangelho de Marcos<sup>124</sup>

Comparando (Mc 3,1-6) com (Mc 3,7-12), percebe-se que há um contraste. No texto anterior há um conflito a respeito de vida e morte de Jesus, por parte das autoridades judaicas “fariseus e herodianos”. Por outro lado, temos aqui um resumo do movimento popular imenso de Jesus, pois chegam pessoas de diversos lugares (Mc 3,7-8).

## 1.2. O contexto literário posterior da constituição dos Doze (Mc 3,20-35)

É a perícopes após a constituição dos Doze. A narrativa se caracteriza por uma série de conflitos de Jesus. São três conflitos. Começa com “os seus” (Mc 3,20-21). A acusação é: “*Ele ficou fora de si*”, isto é, enloqueceu; A segunda acusação, com os escribas, é de que ele está “*possuído por Beelzebu* e expulsa demônios pelo chefe dos demônios (Mc 3,22). A terceira, sobre a verdadeira família de Jesus, é sobre quem é “*sua mãe e seus irmãos*” (Mc 3,31-35).

Entram em cena diversos grupos no relato, que começa dizendo: “*Jesus foi para casa*” (Mc 3,20). A casa é Cafarnaum (Mc 1,21; 2,1). Em seguida entram em cena “os seus” (Mc 3,20). Logo a seguir, entra em cena outro grupo, “os escribas”(Mc 3,22), e, finalmente, chega a família de Jesus, “*sua mãe e seus irmãos*” (Mc 3,31).

---

<sup>123</sup> O Evangelho de Marcos elabora um conceito teológico importante, o segredo messiânico. Este é um conceito importante da teologia de Marcos. Percebe-se na leitura do texto um esforço por parte de Jesus de ocultar a sua messianidade, isto é, quer esconder a sua verdadeira identidade, a identidade de Messias. Há um clima de mistério. A ordem do silêncio é dada aos demônios (Mc 1,24-25; 1,34; 3,11-12). A ordem do silêncio é dada aos discípulos (Mc 8,29-30; 9,9). A quatro pessoas beneficiadas por milagre pede silêncio ,para não divulguem quem Ele é. Pelo leproso o pedido de silêncio não é respeitado (Mc 1,44-45). Na ressurreição da filha de Jairo, o silêncio é respeitado (Mc 5,43). O silêncio também não é respeitado pelo surdo gago (Mc 7,36). No caso do cego de Betsaida, não sabemos se é respeitado ou não (Mc 8,26). Dois destes milagres, o leproso e o surdo mudo não respeitam o segredo pedido por Jesus. É isto o que a comunidade de Marcos deve fazer. Proclamar Jesus como Messias após a morte e ressurreição. Sobre esta temática, a do segredo messiânico, ver GNILKA, Joachim, *El Evangelio segun san Marcos*, Ediciones Sígueme, Salamanca, 1986, nas pp 195-198.

<sup>124</sup> Neste tema do segredo messiânico aparecem quatro milagres: o leproso (Mc 1,40-45), a ressurreição (Mc 5,35-43), o surdo gago (Mc 7,31-37) e o cego (Mc 8,22-26). São quatro tipos de curas que eram esperadas nos tempos messiânicos (Mt 11,5): “*os cegos recuperam a vista, os coxos andam os leprosos são purificados, os surdos ouvem, os mortos ressuscitam e os pobres são evangelizados*”. Ao fazer tais milagres, Jesus manifestou-se como Messias. Jesus revela a sua verdadeira identidade de ser filho de Deus somente perante o Sinédrio, quando o Sumo Sacerdote o interroga: “*És tu o Messias, o Filho de Deus bendito*”? Jesus respondeu: “*Eu sou*” (Mc 14,61-62).

### 1.3. Delimitação da perícopes da constituição dos Doze (Mc 3,13-19)

A perícopes da constituição dos Doze pode ser delimitada a partir de (Mc 3,13 a 3,19). Ela começa em (Mc 3,13) por vários indicadores. O primeiro: há uma mudança de espaço geográfico. Jesus retirou-se para o mar (Mc 3,7). Agora vai para outro lugar: “*subiu ao monte*” (Mc 3,13)<sup>125</sup>. Esta mudança de espaço mostra que há um novo tema a ser desenvolvido. Outro indicador são os personagens. Na perícopes anterior (Mc 3,7-12) temos: “*uma grande multidão*” (Mc 3,7) e temos “*os espíritos impuros*” (Mc 3,11). Estes personagens desaparecem e dão lugar para Jesus com a constituição de seus Doze. O final da narrativa apresenta o nome do traidor e completa a listagem dos nomes dos Doze (Mc 3,19). Assim a perícopes se encerra, pois logo a seguir há mudança de lugar: “*Jesus foi para casa*” (Mc 3,20). Muda o lugar geográfico. Do monte (Mc 3,13), agora, em seguida, vai para casa (Mc 3,20). A multidão que havia estado ausente na narrativa da escolha dos Doze reaparece: “*e de novo a multidão se reuniu*” (Mc 3,20). Assim mostra que o tema muda novamente. Com esta informação geográfica, conclui-se a narrativa da constituição dos Doze (Mc 3,13-19). Portanto, temos o mar (Mc 3,7), depois o monte (Mc 3,13), e agora a casa (Mc 3,20). Com estas informações geográficas e dos personagens, fica clara a delimitação da narrativa. Com isso, o relato da constituição dos Doze passa-se no monte. Assim parece estar claro que a narrativa (Mc 3,13-19) contem um único tema.

Quanto ao contexto geográfico, (Mc 3,7) informa-nos que Jesus estava próximo do mar da Galileia, quando diz: “*a caminho do mar*”. Em (Mc 3,13), Ele sobe a uma montanha, na qual ocorre a constituição dos Doze. Nenhum dos Evangelhos Sinóticos nos informa qual é o nome desta montanha. Mateus não fala da montanha. Em Mateus “*Jesus subiu à montanha*” (Mt 5,1). Depois é dito: “*ao descer da montanha*” (Mt 8,1). Lucas afirma: “*Ele foi à montanha para orar e passou a noite inteira em oração a Deus*” (Lc 6,12). Assim, pelos textos não há nenhuma informação sobre o nome da montanha.

Quanto à montanha, εἰς τό ὄρος, Anderson sugere que a tradução deveria ser “*para dentro da montanha*”<sup>126</sup>. A partir desta leitura, não deveríamos pensar na montanha como lugar determinado, específico, mas no sentido de “*lugar onde Deus revela a si mesmo e apresenta os seus mandamentos*”. Pode-se afirmar do contexto geográfico que tem um sentido mais teológico do que especificamente como localização geográfica. Assim preanuncia a importância do evento da Constituição dos Doze.

<sup>125</sup> “No monte” indica o movimento local de um lugar baixo para um lugar mais elevado. Longe da comunicação, Jesus e os Doze podem encontrar refúgio propício à fundação de uma nova comunidade.

<sup>126</sup> ANDERSON, Hugh, *The gospel of Mark*. Grand Rapids, Eerdmans, London, 1994, p. 116.

## 2. A estrutura da perícopa da constituição dos Doze (Mc 3,13-19).

Na perícopa da constituição dos Doze, temos algumas observações prévias a serem feitas. Duas vezes aparece a expressão “*constituiu Doze*” (Mc 3,14.16)<sup>127</sup>, dando desta forma possibilidade de dividir a perícopa em duas partes. Também, nestes dois versículos aparece duas vezes o termo “Doze” (δώδεκα) (Mc 3,14.16)<sup>128</sup>. Portanto, há um antes e um depois no texto:

O texto (Mc 3,13-15) apresenta o objetivo da constituição dos Doze, que se encontra em (Mc 3,14). Deste objetivo é triplo: o primeiro, “*para que estivessem com ele*”; o segundo, “*para enviá-los a pregar*”; e o terceiro, “*para terem poder de expulsar demônios*”.

O verbo grego ποιῆσω significa constituir, instituir, instalar, fazer<sup>129</sup>. Neste sentido, Jesus fez um novo povo que esperava realizar a plenitude anunciada pelos profetas. É uma ação criadora de Deus, que através deste novo povo coloca as bases do Israel renovado. Sugere também a criação de um grupo fundamental, a comunidade da nova aliança. Jesus aparece claramente como instituidor deste grupo<sup>130</sup>.

Depois aparecem os nomes do elenco dos Doze (Mc 3,16-19). O que muda em relação a (Mc 3,13-15), é o objetivo da constituição dos Doze, e agora temos o elenco do nome dos Doze.

As expressões “*chamou a si*” (Mc 3,13) e “*que o entregou*” (Mc 3,19) são duas expressões que têm Jesus como centro. Na primeira, Ele é o sujeito ativo, que faz, que atua; na segunda, é sujeito passivo. A partir destas observações, usando critério literário, é possível elaborar uma estrutura.

<sup>127</sup> A expressão grega é καὶ ἐποίησεν δώδεκα (Mc 3,14). O verbo encontra-se no imperativo ativo acusativo no plural. O mesmo verbo reaparece em (Mc 3,16) καὶ ἐποίησεν τοῦς δώδεκα. Aqui o verbo está conjugado no indicativo, aoristo, ativo, terceira pessoa do singular. O mesmo verbo reaparece também em (Mc 1,17) καὶ ποιήσω. O verbo está no indicativo, futuro, ativo, na primeira pessoa do singular. Este verbo ἐποίησεν tem igualmente o significado de fazer.

<sup>128</sup> O número Doze é escolhido em referência às Doze tribos de Israel. É o número dos doze filhos de Jacó (Gn 29,31 – 3024; 35,22b-26; 46,8-25; 49,1-27) e das tribos das quais são os ancestrais epônimos.

<sup>129</sup> Jesus constituiu Doze. O verbo ποιήσω é usado pela LXX para a instituição dos sacerdotes (1Rs 12,31; 13,33; 2Cr 2,18), de Moisés e Aarão (1Sm 12,6).

<sup>130</sup> As traduções desta expressão na Bíblia em Português encontramos: na Bíblia de Jerusalém, Paulus, tanto em (Mc 3,14 como 3,16), onde usa o verbo “*constituiu*”; na Bíblia Evangelhos e Atos dos Apóstolos, Novíssima tradução dos originais, Edições Loyola, que usa nos dois versículos o mesmo verbo “*instituiu*”; na Bíblia, Novo Testamento, Paulinas, que usa o verbo “*constituiu*”; na Bíblia TEB, Tradução Ecumênica da Bíblia, Edições Loyola, que usa o mesmo verbo para os dois versículos: “*constituiu*”. Desta estatística se deduz que todas traduzem o verbo como “constituir”, menos o texto Evangelhos e Atos dos Apóstolos, da Edições Loyola, que usa o verbo instituir. O sentido de constituir é fazer, criar, formar.

No elenco o nome dos Doze aparecem três grupos.

No primeiro grupo temos os três que aparecem maior número de vezes no livro dos Atos dos Apóstolos: Simão Pedro, Tiago filho de Zebedeu e João seu irmão (Mc 3,16-17). Estes três nomes desempenharam papéis importantes, conforme a narrativa bíblica: Pedro, Tiago e João<sup>131</sup>.

No segundo, temos: André e Filipe, Bartolomeu e Mateus, Tomé e Tiago filho de Alfeu, Tadeu e Simão (Mc 3,18).

No terceiro, por fim: Judas Iscariotes, *"aquele que o traiu"* (Mc 3,19).

#### Apresentando uma estrutura mais clara:

Primeira parte (Mc 3,13-15): constituição dos Doze com três finalidades. Duas vezes aparece a partícula *ἵνα* no sentido de finalidade: para ficarem com Ele; para Ele enviá-los a pregar; para terem autoridade para expulsar os demônios.

Segunda parte (Mc 3,16-19): apresenta a lista do nome dos Doze, em três partes. Subdividindo:

1) Em (Mc 3,16-17), os três que aparecem maior número de vezes no Evangelho de Marcos e no livro dos Atos dos Apóstolos e na Igreja primitiva: Pedro, Tiago e João.

2) Em (Mc 3,18), os outros: André e Filipe, Bartolomeu e Mateus, Tomé e Tiago filho de Alfeu, Tadeu e Simão

3) Em (Mc 3,19): Judas Iscariotes, *"aquele que o traiu"*<sup>132</sup>

<sup>131</sup> Estes três apareceram pela primeira vez quando Jesus os chamou: Simão e André, Tiago e João (Mc 1,16-20). Eles reaparecem novamente na casa de Simão: *"E logo ao sair da sinagoga foi à casa de Simão e André com Tiago e João"* (Mc 1,29). Depois reaparecem no relato da ressurreição da filha de Jairo: *"e não permitiu que ninguém o acompanhasse exceto, Pedro, Tiago e João, o irmão de Tiago"* (Mc 5,37). Depois, no relato da Transfiguração: *"seis dias depois, Jesus tomou consigo a Pedro, Tiago e João"* (Mc 9,2). Em seguida, reaparecem novamente no discurso escatológico: *"Sentado no monte das Oliveiras, frente ao Templo, Pedro, Tiago e João e André"* (Mc 13,3). No Getsemani reaparecem novamente (Mc 14,33). Na Igreja primitiva, Paulo teve um encontro especial com eles: *"Conhecendo a graça a mim concedida, Tiago, Cefas e João, tidos como colunas, estenderam a mão, a mim e a Barnabé, em sinal de comunhão"* (Gl 2,9).

<sup>132</sup> LENTZEN-DEIS, Fritzleo, *Comentário ao Evangelho de Marcos. Modelo de Nova Evangelização*. São Paulo, Editora Ave-Maria, 2003, p. 126 Segue a mesma estrutura..

### 3. A lista dos Doze

Na narrativa do Evangelho de Marcos, até este momento Jesus chamou dois grupos. O primeiro, um grupo de duas duplas, formando um total de quatro (Mc 1,16-20). Em seguida o segundo grupo, uma pessoa sozinha: Levi (Mc 2,13-14). No total são cinco discípulos<sup>133</sup>. O nome destes cinco se encontra nas quatro listas dos Doze, três apresentadas pelos Evangelhos Sinóticos e uma no livro dos Atos dos Apóstolos (At 1,13).

#### 3.1. As expressões: “Os Doze”, “Os apóstolos”, “Os seus discípulos”, e “os que estão com Ele”

No Evangelho de Marcos, há um texto que identifica “os Doze” com a expressão “os apóstolos (Mc 6,30)<sup>134</sup>”.

Pode-se concluir por uma identificação entre “os Doze” e os apóstolos, no texto Mc 6,30. É o único texto em que aparece esta expressão no Evangelho de Marcos. Por outro lado, é muito difícil fazer uma fronteira divisória clara entre os Doze e discípulos. Em algumas passagens não se percebe claramente que “os discípulos” seja uma designação exclusiva dos Doze.

Há alguns textos em que é possível ver uma clara relação entre “os Doze” e “os discípulos”, por exemplo no relato da primeira multiplicação dos pães (Mc 6,35-44).

Na análise do texto narrativo do Evangelho de Marcos constatam-se alguns dados:

- a) A presença do possessivo “*dele*” aparece inúmeras vezes. Numa estatística, é a maior parte das citações (Mc 2,15.16.23; 33,7.9; 6,1.35.45 etc).
- b) A expressão “*um*” ou *dois de seus discípulos*” (Mc 11,1; 13,1;14,13).
- c) A expressão “*os teus discípulos*” (Mc 7,5; 9,18).
- d) A fórmula “*aos discípulos dele*” (Mc 16,7).
- e) A fórmula “*com os meus discípulos*” (Mc 14,14)

<sup>133</sup> No Evangelho de Mateus, estes dois grupos aparecem em (Mt 4,18-22 e 9,9). No Evangelho de Lucas aparecem em (Lc 5,8-11 e 5,27-28).

<sup>134</sup> Mateus menciona “*Doze discípulos*” (Mt 10,1; 11,1). Fala de “*os Doze apóstolos*” (Mt 10,2). Em Lucas “*ele escolheu doze, aos quais deu o nome de apóstolos*” (Lc 6,13).

- f) Em relação a “Doze” sem artigo, só aparece uma vez (Mc 3,13).
- g) Há também a referência de Judas como “*um dos Doze*” (Mc 14,10.20.43).
- h) Também a expressão “*um de vós*” (Mc 14,18).

Destas grandes variedades de fórmulas, pode-se concluir: É impossível uma definição clara em relação ao alcance das designações “Doze” e “discípulos”. Os “Doze” sugere um relacionamento particular, íntimo, estreito com Jesus. Em Marcos não aparece claro se são dois grupos distintos, um “os Doze” e o outro “os discípulos”, mas pode ser em momentos diferentes, em razão de uma missão específica. A pergunta, então, é: a partir de (Mc 3,13-19), as referências aos “Doze” e aos “discípulos” designam os mesmos personagens? Ao abordar a questão da diferença entre “os Doze” e “os discípulos”, não se trata de uma diferença de conteúdo histórico ou de posição ou de dignidade, mas uma diferença funcional.

### 3.2. A lista do nome dos Doze <sup>135</sup>

A lista dos Doze sofre pequenas alterações de acordo com cada uma das quatro narrativas. O nome de cada um dos Doze encontra-se em Marcos (Mc 3,16-19), em Mateus (Mt 10,2-4), em Lucas (Lc 6,14-16) e no livro dos Atos dos Apóstolos (At 1,13).

Os Doze são designados pelo nome. Jesus os conhece pelos nomes e os chama pelo nome. Não é objeto aqui esboçar nome por nome deste grupo dos Doze, a partir da Bíblia e da tradição. O importante é a composição do conjunto.

Marcos 3,16-19	Mateus 10,2-4	Lc 6,14-16	At 1,13
Impôs a Simão o nome de Pedro; Tiago, filho de Zebedeu, e João, irmão de Tiago. Aos quais impôs o nome de Boanerges, isto é Filhos do Trovão	Simão, chamado Pedro, e André, seu irmão e também Tiago, filho de Zebedeu, João, seu irmão;	Simão que chamou de Pedro; André, seu irmão; Tiago e João	Pedro e João, Tiago e André,

<sup>135</sup> Esta lista com vários detalhes sobre a importância dos Doze, diferenças entre as listas, nomes e epítetos dos Doze, e a lista dos Doze, encontram-se no livro, BAUCKHAM, 2011, pp. 125-149.

André e Filipe, Bartolomeu e Mateus, Tomé e Tiago, <b>filho de Alfeu</b> , Tadeu e Simão, <b>o cananeu</b> , e Judas Iscariotes, <b>que o entregou.</b>	Filipe e Bartolomeu; Tomé e Mateus, <b>o coletor de impostos</b> ; Tiago, <b>filho de Alfeu e</b> Tadeu; Simão, <b>o cananeu</b> , e Judas Iscariotes, <b>aquele que o entregou.</b>	Filipe e Bartolomeu, Mateus, Tomé e Tiago <b>filho de Alfeu</b> , Simão, <b>apelidado “Zelota”</b> , Judas, <b>filho de Tiago, e</b> Judas Iscariotes, <b>que se tornou traidor</b>	Filipe e Tomé, Bartolomeu e Mateus Tiago, <b>filho de Alfeu, o zelota</b> Simão e Judas, <b>filho de Tiago</b>
------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------	--------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------	-------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------	-------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------

Numa análise comparativa percebe-se que a lista sofreu algumas alterações, tomando por base Marcos. A ordem dos nomes não é a mesma nas quatro listas. Tudo isto indica características específicas dos autores de cada um dos quatro livros bíblicos<sup>136</sup>.

Algumas observações somente a partir do texto do Evangelho de Marcos, deixando de lado os elencos de Mateus, Lucas e Atos dos Apóstolos:

1) Dois deles, um negador (Pedro) e um traidor (Judas Iscariotes), fazem a moldura do texto. Pedro, no início do elenco; Judas, o último<sup>137</sup>.

2) Os três primeiros recebem um nome novo, que supõe uma nova função: *“Impôs a Simão o nome de Pedro”* (Mc 3,16), Tiago e João receberam uma qualificação nova: *“filhos do trovão”* (Mc 3,17). É muito difícil saber o que Marcos na boca de Jesus quis dizer com isso. As outras três listas, em Mateus, Lucas e Atos dos Apóstolos, silenciam sobre isto.

3) Há dois Tiago. Um é filho de Zebedeu e irmão de João (Mc 3,17). O outro é filho de Alfeu (Mc 3,18)<sup>138</sup>;

<sup>136</sup> Na maioria dos casos, as quatro listas concordam entre si, mas há algumas discrepâncias. MAZZAROLO, Isidoro, *Lucas, a antropologia da Salvação*, Rio de Janeiro, Mazzarolo editor, 2004 p. 73-74

<sup>137</sup> No Evangelho de São João estes dois, Pedro e Judas, aparecem juntos nas narrativas com atitudes opostas (Jo 6,67-71). Pedro faz uma confissão de fé a Jesus Jo 6,68: *“tu tens palavra de vida eterna”*. Em seguida *“tu és o Santo de Deus”* (Jo 6,69). Judas é apresentado como aquele que faz parte do grupo dos Doze (Jo 6,67.70.71) e como [aquele que] *“este iria entregá-lo”* (Jo 6,71). Mais adiante, na narrativa do Evangelho de João, em (Jo 13,21-30), Judas é apresentado: *“Jesus disse, um de vós em entregará”* (Jo 13,21). Em (Jo 13,26) é identificado o traidor, que é Judas, filho de Simão Iscariotes. Pedro (Jo 13,36-38) aparece como aquele que segue e dá a vida por Jesus. *“Disse-lhe Pedro: Senhor, darei a minha vida por ti”* (Jo 13,37).

<sup>138</sup> Este Tiago aparece várias vezes no Novo Testamento (At 15,13). No Concílio de Jerusalém, toma a palavra, citando o profeta (Am 9,11-12). Em (1Cor 15,7) é citado no elenco das aparições do Jesus

4) Dois deste grupo vem do partido dos zelotas. Simão, o qual o chama de “o zelota” (Lcc 6,15). Marcos e Mateus chamam de “cananeu”. As duas designações significam o mesmo. O outro é Judas, a palavra “Iscariotes” pode significar “o homem de Chariot”, mas pode ser caracterizado como sicário, uma variante radical dos zelotas. O fervor pela lei, zelotas, deu o nome a este movimento.

5) Há dois Simão. Um é Pedro (Mc 3,16). O outro Simão é qualificado como cananeu, o zelota<sup>139</sup> e assim se distingue de Pedro<sup>140</sup>;

6) Judas Iscariotes é apresentado como “aquele que o traiu”<sup>141</sup>.

7) Seis deles não apresentam nenhuma qualificação: André, Filipe, Bartolomeu, Mateus, Tome, Tadeu;

8) Fica um pouco estranho que Mateus no texto do seu Evangelho, não diz que se chamava Levi, e nem “o coletor de impostos” como é apresentado em (Mc 2,13-14). Mateus (Levi) trabalhava como coletor de impostos em íntima ligação com a potência ocupante, e portanto, por causa do seu estado devi ser classificado como um pecador público.

9) O grupo principal dos Doze é constituído por pescadores do mar da Galileia, Simão que Jesus devia chamar Cefas-Pedro-Pedra, fazia parte de uma cooperativa de pescadores (Lc 5,10), na qual, ele trabalhava com o seu irmão mais velho, André e com os Zebedeus João e Tiago, que Jesus chamou de Boanerges, “filhos do trovão”.

### 3.3 O número doze

Uma análise precisa ser feita é o significado do número doze. Há uma série de explicações sobre este número de diversos ângulos de visão, a partir do contexto extrabíblico, do contexto judaico, da vida cotidiana, e através da numerologia. Algumas destas explicações:

No contexto bíblico o número doze constantemente se relaciona com as doze tribos de Israel. Doze era o número simbólico de Israel, o número dos filhos de Jacó. Deles vieram as doze tribos de Israel, das quais, depois do

---

ressuscitado. Em Gl 1,19 Paulo registra que em Jerusalém encontrou-se com Tiago. Neste texto é qualificado “o irmão do Senhor”. Em (Gl 2,9) Paulo menciona as três colunas da Igreja, e uma delas é Tiago.

<sup>139</sup> Simão é apresentado como cananeu. Isto não significa que pertencia aos antigos cananeos, habitantes de Israel, nem que fosse de Caná da Galileia (Jo 2,1ss). Talvez fosse um zelota. .

<sup>140</sup> Pedro, *Kefas*, em grego *Petros*. É usado no sentido de ser o fundamento de um edifício.

<sup>141</sup> Nas três listas que se encontram nos Evangelhos Sinóticos é apresentado como o último, com o qualificativo “aquele que o traiu”. Na lista dos Atos dos Apóstolos (At 1,13-14) não aparece.

Exílio da Babilônia, só restou a tribo de Judá. O número doze é um retorno às origens de Israel, mas ao mesmo tempo uma imagem da esperança. Em Israel serão restabelecidas as doze tribos. Elas serão reunidas.

No livro do Gênesis o número doze aparece (Gn 35,22-26) quando são mencionados os filhos de Jacó. No livro do Gênesis (Gn 17,20 e 25,16) é relatado que Ismael teria uma descendência de doze filhos. A designação das tribos de Israel como sendo doze aparece várias vezes nos livros do Pentateuco: em Gênesis (Gn 49,28, Êxodo 24,4; 28,21; 39,14); no livro dos Números (Nm 1,44); e no livro do Deuteronômio (Dt 1,23), em que é mencionado o desígnio de doze espias para a missão de reconhecimento da terra.

#### **4. Relação entre o relato da constituição dos Doze (Mc 3,13-19) com o relato do envio dos Doze em missão (Mc 6,6b-13)**

É interessante observar a relação que existe entre a perícopa da Constituição dos Doze com a missão dos Doze. Há uma grande correspondência entre estas duas narrativas. Em primeiro lugar a constituição do grupo dos Doze e este mesmo grupo é enviado em missão .

As outras correspondências aparecem: As duas narrativas iniciam com um chamamento expresso pelo mesmo verbo προσκαλεῖται (Mc 3,13; 6,7). Um dos objetivos desta constituição dos Doze é a missão ἀποστέλλη (Mc 3,14), que em seguida se realiza (Mc 6,7). Eles executam justamente o objetivo da constituição, na montanha os Doze. Os Doze são convidados a pregar κηρύσσειν (Mc 3,14) e em seguida irão pregar (Mc 6,12), para que o povo se arrependesse e para expulsarem muitos demônios com autoridade. Recebem por parte de Jesus um poder ἐξουσίαν (Mc 3,15; 6,7). Este poder tinha a finalidade de “*expulsar os demônios*” e “*expulsavam muitos demônios*” (Mc 3,15. e Mc 6,7). Portanto, a narrativa do envio dos Doze é uma confirmação da Constituição dos Doze.

#### **5. As relações de Jesus para com os Doze (Mc 3,13-19)**

##### **5.1. Jesus subiu à montanha (Mc 3,13)**

Os acontecimentos anteriores tinham-se passado no mar, e agora Jesus sobe à “montanha”, que designa o lugar da sua comunhão com Deus. É um lugar elevado, acima da ação e do fazer de todos os dias. O texto paralelo do evangelista Lucas reforçou mais este aspecto, quando diz: “*naqueles dias, ele foi à montanha para orar e passou a noite inteira em oração a Deus. Depois*

*que amanheceu, chamou os discípulos e dentre eles escolheu doze, aos quais, deu o nome de apóstolos” (Lc 6,12-13) <sup>142</sup>.*

Este é o terceiro grupo constituído por Jesus na narrativa do Evangelho de Marcos para formar uma nova família, uma nova comunidade com Jesus. O primeiro é (Mc 1,16-20); o segundo, o de Levi (Mc 2,13-17); e o terceiro, a constituição dos Doze (Mc 3,13-19).

Agora, estamos num momento solene do Evangelho de Marcos. Jesus sobe a um monte para fazer aquilo que Deus fez no monte Sinai. Naquela ocasião, Deus fez das doze tribos de Israel um só povo. Agora, neste momento, Jesus começa chamando um por um, nome por nome. Ele constituiu Doze. Com este número significa que Jesus está acolhendo ao seu redor o início de um novo povo de Israel.

O lugar onde acontece este ato da ação de Jesus é numa montanha, *“Jesus subiu à montanha”* (Mc 3,13). É o lugar do encontro com Deus. Jesus acolhe este grupo de homens que se tornarão, em primeiro lugar, seus amigos íntimos, em segundo lugar dará a autoridade de serem os novos líderes de Israel. No Antigo Testamento, na tradição judaica, a montanha ocupa um lugar central da comunicação entre Deus e o povo <sup>143</sup>.

Fazendo uma comparação entre a montanha do Antigo Testamento com o nosso texto há uma grande diferença. No Antigo Testamento a montanha é o lugar onde Moisés subiu, o povo não pode se aproximar, pois ficaria fulminado. Aqui no Evangelho de Marcos, quando Jesus sobe ao monte, todos puderam subir juntos, sem restrições. Os Doze estão ali. O mesmo acontece no sermão da montanha, *“vendo então as multidões, ele subiu ao monte. Quando sentou, seus discípulos aproximaram-se dele”* (Mt 5,1-2). E concluída a fala e o ensinamento desce *“quando ele desceu do monte, grandes multidões o seguiram (Mt 8,1)”* <sup>144</sup>.

<sup>142</sup> A constituição deste grupo dos Doze é um produto da oração. Eles são, por assim dizer, gerados na oração, na intimidade com o Pai. Assim este grupo alcança um profundo sentido teológico, que vai além do que seja simplesmente funcional. Esta constituição vem do diálogo do Filho com o Pai.

<sup>143</sup> No Evangelho de Marcos, existem algumas cenas que se referem à montanha, como a constituição dos Doze (Mc 3,13-19) e a transfiguração (Mc 9,2-8). onde é dito: *“Jesus tomou consigo Pedro, Tiago e João, e os levou, sozinhos, para um lugar retirado sobre uma alta montanha”* (Mc 9,2), e: *“ao descerem da montanha”* (Mc 9,9).

<sup>144</sup> Portanto, o monte apresenta alguns aspectos: 1) Não é lugar só de Jesus e dos Doze (para Mateus, “discípulos”, em 5,1 e 10,1), é lugar também para as multidões (Mt 5,1; 8,1). É lugar para todos. 2) É lugar sagrado e se torna lugar comunitário (Jesus – Doze – multidão), com todos comprometidos pela causa do Reino. 3) O monte, aqui, no Evangelho de Marcos, não é determinado. Há muitos montes. O de Sião, o de Gerizim; é espaço que representa um caminho para Deus.

## 5.2. Chamou a si (Mc 3,13)

Esta é a primeira relação de Jesus com os Doze. Ninguém pode fazer-se discípulo. Isto é um acontecimento da eleição, uma decisão da vontade de Jesus. Para a expressão “*chamou a si*” προσκαλείται, a tradução melhor seria convocar: “convocou para si”. Com este ato temos a constituição dos Doze. O mesmo verbo προσκαλείται aparece quando os Doze são convocados e enviados para a missão (Mc 6,7) e reaparece mais uma vez quando Jesus convoca a multidão (Mc 7,14) para apresentar o tema do puro e do impuro<sup>145</sup>. Quem está presente neste ensino do puro e do impuro é a multidão, que Jesus chama para junto de si. O mesmo aconteceu na Constituição dos Doze e o mesmo verbo reapareceu, quando Ele envia os Doze em missão. O texto passa a ideia de que além dos Doze que são enviados em missão também a multidão é convocada para isso.

προσκαλείται, “*chamou a si*”. Quem convoca é Jesus. A iniciativa é dele. Com isso, Jesus revela a sua soberania e a sua liberdade. É Ele que chama a si os que ele mesmo quer<sup>146</sup>. Portanto, a iniciativa parte de Jesus. Aqui há uma relação pessoal. As pessoas fazem parte dos elementos de entendimento, de liberdade, de expectativa e de aceitação do convite.

Este “chamar a si”, ou “junto a si”, engloba duas ideias. Na primeira, os Doze devem estar unidos a Jesus. É um grupo íntimo com Jesus, e é desse encontro, companhia e intimidade com Ele que procederá a mensagem a ser anunciada logo a seguir, quando são enviados em missão (Mc 6,6b-13). É aprender o modo próprio de viver de Jesus, fazê-lo e transformá-lo em modo de ser deles. A segunda ideia é funcional. É a missão. A mudança de vida dos Doze exigiu mudar de profissão: alguns deixaram de ser pescadores e outro saiu da coletoria de impostos, passando à vocação e missão de evangelizadores.

“*Chamou a si*” é mais do que simples convocação. Representa interdependência das pessoas convocadas, no caso os Doze, em relação a quem convoca. Há uma relação entre Jesus e os Doze<sup>147</sup>. Fica estabelecida uma relação de aproximação, de convivência e de conhecimento.

---

<sup>145</sup> Há aqui um diálogo didático sobre o tema do puro e do impuro. O texto mostra claramente o que torna impuro o ser humano (homem e mulher). Não são as transgressões rituais e sim os vícios e os pecados. Marcos enumera uma série de ações que contaminam o homem, pois saem do coração (Mc 7,21).

<sup>146</sup> Esta soberania de Jesus aparece de forma clara quando vemos entre os nomes escolhidos o de Judas, que acaba sendo o próprio traidor de Jesus. Nos Evangelhos e no livro dos Atos dos Apóstolos, aparece inúmeras vezes a menção a Judas. No Novo Testamento o nome dele aparece 24 vezes, 23 das quais apresentando-o como aquele que traiu Jesus. A descrição de Judas é curta e breve: “*aquele que o traiu*” (Mc 3,19).

<sup>147</sup> Esta convocação se situa no período pré-pascal, e sua finalidade e razão de ser é destinada a cumprir a missão no tempo pós-pascal. Com isso estou afirmando que a constituição dos Doze é um fato histórico.

Jesus os “*chamou a si*”. Isto revela uma primazia neste grupo dos Doze. Esta primazia de Jesus não considera os Doze como escravos, mas como servos. O Evangelho de João mostra muito bem esta relação: “*já não vos chamo de servos, pois o servo não sabe o que faz o seu senhor. Antes, eu vos tenho chamado de amigos, porque tudo o que ouvi da parte do meu Pai eu vos fiz conhecer*” (Jo 15,15). Não é uma relação de superioridade entre servo e senhor. “*Em verdade, em verdade eu vos digo: o servo não é maior do que seu senhor, nem o enviado maior do que aquele que o mandou*” (Jo 13,16).

Neste chamar a si, a pergunta a ser feita é: quais os critérios que Jesus utilizou? E mais: que qualidades Jesus encontrou nestes Doze homens? “*O principal critério é a capacidade de Jesus de observar o modo de ser e de agir dos que ele chamou*”<sup>148</sup>. Isto se percebe no chamamento dos quatro primeiros, como também de Levi. Jesus passa, vê e observa o que estão fazendo. Eles estão trabalhando.

### 5.3. Os que Ele queria (Mc 3,13)

Esta frase está unida à frase anterior, que é a primeira relação de Jesus com os Doze: “*chamou a si*”. A expressão “*os que*” ou “*aqueles que*” está no meio de dois verbos: o chamar e o querer. Com isso o texto indica a absoluta soberania e autoridade de Jesus. A convocação e constituição é soberana e definitiva. Aqui aparece claramente a vontade soberana de Jesus. A frase “*e chamou a si os que ele queria*” (Mc 3,13), Isto expressa claramente esta dimensão de Jesus. É Ele que chama a si os que Ele mesmo quer. No Evangelho de João, Ele afirma: “*Não fostes vós que me escolhestes, mas fui eu que vos escolhi e vos designei*” (Jo 15,16). Esta soberania de Jesus aparece ainda mais claramente quando entre os nomes dos constituídos por Jesus aparece o de Judas que acabou sendo o próprio traidor. Indica que aqueles que são constituídos, convocados ou chamados situam-se em posição privilegiada. Explica o motivo de chamar estes e não outros. Estes Doze homens constituídos se colocaram num espaço de vínculo, intimidade, predileção e afeto no coração de Jesus, que os convocou e os constituiu.

A frase “*os que Ele queria*” (Mc 3,13) contém dupla insistência: uma sobre o sujeito que chama e outra sobre a sua decisão pessoal. Este chamar é uma convocação προσκαλείται. No entanto, o nosso texto não fala de seguir a Jesus, algo que aparentemente já aparece, deixando. (Mc 1,18.20) Recebem de Jesus uma função particular, nela o grupo se distingue dos outros grupos de discípulos.

Esta ação de Jesus de constituir Doze, na afirmação “*chamou a si os que ele queria*” (Mc 3,13) denota algumas características: A primeira, a

<sup>148</sup> FERNANDES e GRENZER, 2012, p. 87.

atitude de Jesus de independência das estruturas vigentes, das instituições, a não respeitar as tradições judaicas, colocando no grupo um publicano, Levi, “*sentado na coletoria de impostos*”. Isto tornaria o grupo impuro, contaminado. A segunda: Jesus tem plena autoridade sobre o grupo dos Doze. Quer que o grupo preencha um espaço importante na missão (Mc 6,6b-13). A terceira: Jesus não aceita interferências ou desvios, como a sugestão de Pedro no primeiro anúncio da paixão: “*Pedro, levando-o à parte, começou a repreendê-lo*” (Mc 8,32).

#### 5.4. Eles foram até Ele (Mc 3,13)

A constituição é feita com autoridade e provoca uma resposta. Ela é positiva: “*foram até Ele*”, ἀπήλθον πρὸς αὐτόν. O verbo está no aoristo. Significa dirigir-se na direção de quem chama. Envolve uma decisão. Eles cumprem a vontade de Jesus, o que revela que ouviram o chamado.

Também da parte do primeiro grupo do chamado (Mc 1,16-20) há uma resposta positiva: “*eles o seguiram*” (Mc 1,18) e “*foram atrás dele*” (Mc 1,20). No segundo grupo, Levi respondeu ao chamado positivamente: “*levantando-se, ele o seguiu*” (Mc 2,14).

Cada um dos Doze faz uma opção pessoal, separa-se da multidão e se coloca no caminho com Jesus. Os convocados, instituídos, iniciaram um processo de conhecimento de identidade de Jesus. “*Daqui em diante eles estarão com Jesus. Os Doze são levados à doação de si à pessoa de Jesus e a participação no trabalho que ele iniciou*”<sup>149</sup>. Esta resposta implica “*na adesão a Jesus e, ao mesmo tempo, no afastamento da instituição judaica, com a qual Jesus rompeu*”<sup>150</sup>. Ir até Jesus e ficar com ele, e participar de sua missão, é a definição de um discípulo.

#### 5.5. Ele os constituiu Doze (Mc 3,14)

Duas vezes, em (Mc 3,14; 3,16) aparece o mesmo verbo em grego καί ἐποίησεν δώδεκα (o verbo ποιέω) que pode ser traduzido pelos verbos nomear, fazer, designar e constituir. O significado básico é fazer<sup>151</sup>. Os escolhidos são nomeados cada um pelo seu nome, o que nos liga aos profetas de Israel, que Deus chama pelo nome, de tal modo que o serviço apostólico aparece como a combinação da missão profética com a missão sacerdotal. Duas vezes, em (Mc 3,14), aparece partícula grega ἵνα, “*para que*” no sentido

<sup>149</sup> COLAVECCHIO, Ronaldo L. *O caminho do Filho de Deus. Contemplando Jesus no Evangelho de Marcos*. São Paulo, Paulinas, 2005, p. 58

<sup>150</sup> MATEOS e CAMACHO, 19998, p. 118.

<sup>151</sup> O verbo constituiu vem do grego ἐποίησεν, que significa fazer, envolver-se diretamente com a obra, transformar algo. Aqui o evangelista Marcos retoma a terminologia do Antigo Testamento para a instituição no sacerdócio (1Rs 12,31; 13,33).

de finalidade, finalidade da constituição: “*para que estivessem com ele*”; “*para enviá-los a pregar*” e “*terem autoridade para expulsar os demônios*.”

Os Doze foram constituídos oficialmente como uma obra prima de Jesus, com várias finalidades: de serem os seus companheiros próximos, de serem os seus mensageiros, e de serem comprometidos com o seu ser e o seu agir. “*Desse modo e deste momento em diante, o conteúdo de vida dos Doze é Jesus, por esta vida serão orientados*”<sup>152</sup>.

### 5.6. Para que ficassem com Ele (Mc 3,14)

Este versículo (Mc 3,14) se inicia apresentando duas finalidades da constituição dos Doze. Por que estes Doze foram chamados? Cada uma das finalidades começa pela partícula *iva*, “*para que*”, no sentido de finalidade, de objetivo.

Esta é a primeira finalidade da constituição dos Doze: “*estar, ficar com Ele*”. Eles precisam “*ficar com Ele*”. Antes de “*fazer*” qualquer coisa, eles precisam “*estar*” com Jesus. Eles devem estar com Ele para conhecê-LO, para alcançarem conhecimento mais íntimo e profundo sobre Jesus. Os Doze devem estar com Ele para que conheçam Jesus na sua unidade com o Pai e assim possam serem testemunhas do seu mistério. Eles devem chegar da mais exterior até à mais íntima comunhão com Jesus.

A ideia de estar com Jesus é a base para o Evangelho de Marcos quanto ao discipulado. Esta é a exigência mais forte da convocação. Todo o trabalho da constituição dos Doze tem como finalidade “*para que estivessem com Ele*” (Mc 3,13). A constituição dos Doze tem sentido quando cria relações antropológicas, de afetividade, de proximidade, de companhia, de convivência, de compromisso, de sintonia e de presença.

O texto de (Mc 3,14) deixa claro que Jesus os escolheu “*para que ficassem com Ele*”. Assim se cria uma comunhão forte e estreita. A comunhão e a identificação com Jesus devem ser profundas, vivas e sentidas. Jesus não constituiu um grupo de Doze para ocuparem cargos, nem para tomarem parte em alguma instituição, nem para ficarem com ele um tempo predeterminado. Ele os chama para si mesmo, para sempre.

Estar com Jesus equivale a conhecê-lo, entrar numa relação pessoal com Ele, aprender o seu estilo de vida, compartilhar os seus ensinamentos. Assimilar o modo de pensar e viver do mestre, compartilhar o seu destino. Nisto será fundamental a solidariedade com o mestre e com o próprio grupo dos Doze. O estar com ele significa a busca do aprendizado, de sintonia, de compromisso e de conhecer a sua mensagem.

<sup>152</sup> FERNANDES e GRENZER, 2012, p. 85.

### 5.7. Para enviá-los a pregar (Mc 3,14)

Aqui aparece pela segunda vez a partícula grega *ίνα*, “para quê”, com o sentido de finalidade da constituição dos Doze. Depois de criarem esta intimidade com Jesus, agora precisam tornar-se de recebedores em doadores. Os Doze são convidados a pregar κηρύσσειν (Mc 3,14), e em seguida irão executar esta pregação (Mc 6,12). Nos dois textos aparece o mesmo verbo, pregar. Depois de conhecer Jesus, o seu projeto e a sua mensagem, e fazer a experiência com o mestre, comprometendo-se com Ele, agora são enviados, concretamente isto irá acontecer logo a seguir em (Mc 6,6b-13).

Eles estão ali para serem enviados em missão por Jesus, precisamente “apóstolos”, para levarem o anúncio de Jesus pelo mundo, em primeiro lugar às ovelhas perdidas da casa de Israel, e depois em Mt 28,19: “fazerem que todas as nações se tornem discípulos”. O estarem com Jesus e serem enviados a pregar são dois aspectos teológicos interligados. Eles devem aprender a estar de unidos com Ele, mesmo quando vão para os confins do mundo. Estar com Ele leva em si a dinâmica da missão, porque todo o ser de Jesus já é missão.

Para serem enviados há uma exigência prévia: “estar com ele”. Há todo um processo: serem constituídos; conhecer Jesus, o seu ensinamento, a mensagem, a convivência e a experiência; serem enviados em missão. Antes de serem enviados, eles precisam estar com o mestre Jesus, servindo de ponte entre ele e a comunidade, que virá depois.

O texto diz o porquê do envio: “para pregar” anunciar <sup>153</sup>. Pregar significa levar aos outros uma notícia. Anunciar e pregar são sinônimos de falar e dizer. Aqui temos uma ação própria dos profetas do Antigo Testamento. Ao anunciar e pregar são postos em contacto com outras pessoas. O grupo teve a responsabilidade de transmitir com vivacidade o que ouviu de Jesus à comunidade posterior. É o contato entre um “eu e um tu”. Há um comunicador e um ouvinte (um transmissor e um receptor). Este ouvinte pode ser uma pessoa individual ou um grupo. O anúncio de alguma coisa pelo mensageiro sempre é feito para outras pessoas, quer uma pessoa particular quer um povo.

O texto bíblico não diz qual o objeto de sua pregação, mas podemos imaginar ou deduzir que estes homens, os Doze, irão fazer e dizer de modo subordinado aquilo que Jesus mesmo cumpre. Devem pregar e proclamar o Evangelho de Deus, que é o Evangelho de Jesus: “*convertei-vos e crede no Evangelho*” (Mc 1,15). Eles recebem de Jesus uma função particular, pela qual o grupo dos Doze se distingue dos outros discípulos.

---

<sup>153</sup> Jesus não constituiu um grupo de Doze para ocupar cargos, nem para tomar parte de alguma instituição, nem para ficar com Ele determinado tempo. Ele os constituiu para si mesmo, para sempre.

Em Marcos, na constituição dos Doze há uma sequência de três passos: a constituição propriamente dita dos Doze (Mc 3,13-19); o envio em missão deste grupo dos Doze (Mc 6,6b-13); e o retorno da missão e sua avaliação com Jesus (Mc 6,30-34).

### **5.8. Para terem autoridade para expulsar os demônios (Mc 3,15)**

Temos pela terceira vez a finalidade da Constituição dos Doze. Foram constituídos para *“terem autoridade para expulsar os demônios”*<sup>154</sup>. O Evangelista Mateus descreve o conteúdo da missão: *“E ele lhes deu autoridade de expulsar os espíritos imundos e de curar toda a sorte de males e enfermidades”* (Mt 10,1). Os Doze foram designados para terem autoridade para expulsar demônios e curar toda a sorte de males e enfermidades. Receber autoridade significa ter o direito e o poder, no caso em pauta para expulsar demônios. O verbo expulsar ἐκβάλλειν tem o significado de expulsar, lançar para fora, jogar para trás de si, expelir ou extirpar algo de algum lugar. O texto diz o que expulsar: os demônios. É a mesma missão de Jesus. Esta finalidade reaparecerá mais adiante na missão dos Doze (Mc 6,13). Em (Mc 3,15) o verbo é ἐκβάλλειν, que significa expulsar, expelir. Este mesmo verbo reaparece em (Mc 6,13). Em (Mc 6,12-13) vemos o cumprimento dessa missão dada por Jesus no momento da constituição em (Mc 3,15).

A primeira missão é a pregação: oferecer aos homens a luz da palavra, a mensagem de Jesus. Os Doze são “apóstolos”, enviados, evangelistas que anunciam o Reino de Deus e assim reúnem os homens para a nova família de Deus. A pregação do Reino de Deus não é uma simples palavra, nem uma simples instrução. Ela é acontecimento, tal como Jesus mesmo é acontecimento, palavra de Deus em pessoa. Diz Rudolf Pesch: *“Aos mensageiros de Jesus trata-se, no seu equívoco, de uma exorcização do mundo da fundação de uma nova forma de vida no Espírito Santo, que cura das possessões”*<sup>155</sup>

A missão será acompanhada de *“terem autoridade para expulsar demônios”* (Mc 3,15). Esta missão recebe uma interpretação, que afirma: *“da atividade de expulsar os representantes das ideologias do ódio e da violência que são incompatíveis com o Reino de Deus”*<sup>156</sup>

<sup>154</sup> MULHOLLAND, Dewey M. *Marcos*, 1998 na p. 70 diz: *“a autoridade que é colocada à disposição daquele que estivessem com Jesus nunca se torna uma possessão deles, mas permanece sempre autoridade delegada”*.

<sup>155</sup> PESCH, Rudolf, *Il vangelo di Marco, Commentario Teologico del Nuovo Testamento*, Paideia Editrice Brescia 1980, pg 334.

<sup>156</sup> MAZZAROLO, 2012, p. 124.

O que significar expulsar demônios? É procurar afastar do caminho todos os obstáculos ao Reino de Deus. São todos os entraves à nova pedagogia do Reino. Não é ter privilégio de senhorio, mas uma diaconia.

A partir da constituição dos Doze, Jesus formou uma nova família. Ele congregou este grupo por meio da sua ação e pregação. Este grupo não se baseia na descendência, mas sim na comunhão com Jesus. É um núcleo mais íntimo, num sentido muito especial, escolhido por Ele, o qual continuará a sua missão. É neste sentido que Jesus constituiu o grupo dos Doze.

Todo o grupo dos Doze era de judeus crentes e observantes, que esperavam a salvação de Israel. Nas suas posições concretas, na sua maneira de pensar acerca da redenção e da salvação, eram homens muito diferentes. É possível imaginar como era difícil introduzi-los lentamente no novo caminho misterioso de Jesus. Quantas tensões tinham de ser superadas! Quantas purificações, por exemplo, precisava o fervor dos zelotas para finalmente ser um só com o “fervor” de Jesus! Justamente nesta diversidade de origens, de temperamentos e de atitudes, os doze corporizam a Igreja de todos os tempos e a dificuldade da sua missão.

Sobre a constituição dos Doze, Gallardo afirma: “*é claramente um simbólico gesto profético*”<sup>157</sup>. A principal associação que podemos fazer da Constituição dos Doze é com o povo de Deus. Os Doze não somente olham para trás, para as doze tribos de Israel, mas para a frente, para o futuro, para o povo escatológico. A ideia da constituição dos Doze não é apenas um grupo de homens, mas sim um povo, um novo povo de Deus. Jesus constituiu um novo povo das doze tribos, um novo Israel, o novo povo de Deus. Por trás dos Doze, a partir de agora deve-se concentrar os 120 que aparecem em (At 1,15), os 3.000 que aparecem em (At 2,41) e os 5.000 que estão em (At 4,4). A multidão incontestável de 144.000 em (Ap 7,4.9).

---

<sup>157</sup> GALLARDO, Carlos Bravo, *Galileia ano 30: para ler o Evangelho de Marcos*. São Paulo, Paulinas, 1996, p. 44.

## 2. “OS DOZE” (τοῦς δώδεκα) PERGUNTARAM SOBRE AS PARÁBOLAS” (Mc 4,10-12)

Chegamos ao capítulo quatro, o capítulo do discurso em parábolas proclamadas por Jesus<sup>158</sup>. Interrompe-se a sucessão de pequenas cenas narrativas e agora aparece um longo discurso. Jesus começa a ensinar novamente (πάλιν) (Mc 4,1). É uma nova atividade. Esta expressão “de novo” ou “novamente” já apareceu inúmeras vezes até este momento na narrativa do Evangelho de Marcos (Mc 2,1.13; 3,20)

O cenário agora é “à beira-mar” para ensinar (Mc 4,1). Jesus volta outra vez (πάλιν) para este lugar. Neste lugar aconteceu o chamado dos quatro primeiros discípulos “passando ao longo do mar da GALILEIA” (Mc 1,16-20). Em seguida estes quatro, Simão e André, Tiago e João, encontram-se no elenco dos Doze (Mc 3,13-19). Logo a seguir o chamado de Levi acontece “a beira do mar” (Mc 2,13-14), e ele também passa a fazer parte do grupo dos Doze (Mc 3,13-19). A beira-mar é o lugar dos ensinamentos, de uma grande multidão da GALILEIA “a caminho do mar, e uma grande multidão vinda da GALILEIA o seguiu” (Mc 3,7). Jesus está de novo (πάλιν) “à beira do mar” para ensinar (Mc 4,1). Duas vezes aparece o termo mar θάλασσαν. Jesus “subiu e sentou-se num barco”. Jesus assume a atitude de mestre e ensina a partir do barco, enquanto uma multidão numerosa permanece à beira do mar. Aparecem claramente dois grupos como destinatários do discurso de Jesus. Um é mais amplo e exterior: “multidão muito numerosa” (Mc 4,1)<sup>159</sup>; o outro é mais íntimo: os Doze (Mc 4,10-12).

A narrativa de Marcos apresenta um Jesus que vai e vem, um contínuo movimento, observa-se pelos verbos de movimento: “passando (Mc 1,16); “ingressaram” (Mc 1,21); “saindo da sinagoga” (Mc 1,29); “de madrugada, ainda bem cedo, tendo-se levantado, Jesus saiu e foi para um lugar deserto” (Mc 1,35); “entrando de novo em Cafarnaum” (Mc 2,1); “saiu de novo para a beira-mar” (Mc 2,13); “enquanto ele atravessava as lavouras” (Mc 2,23); “Jesus entrou de novo na sinagoga” (Mc 3,1); “Jesus retirou-se” (Mc 3,7); “Jesus subiu ao monte” (Mc 3,13); “Ele foi para casa” (Mc 3,20); “Ele de novo começou a ensinar junto ao mar” (Mc 4,1).

Agora temos uma pausa, “uma espécie de intervalo”, e Jesus ensina longamente através de um discurso em parábolas (Mc 4,1-34). À

<sup>158</sup> Neste discurso narrado por Marcos temos três parábolas: a do semeador (Mc 4,3-9; da tríplice tradição); a da semente que cresce por si só (Mc 4,26-29; esta parábola é exclusiva de Marcos); a do grão de mostarda (Mc 4,30-32; da tríplice tradição). São três parábolas do ambiente da agricultura. Duas delas fazem parte da tríplice tradição, a do semeador e a do grão de mostarda, enquanto outra, da semente que cresce por si só, é exclusiva de Marcos.

<sup>159</sup> Em grego ὄχλος πλείστος. É um superlativo. Significa numerosíssima multidão. A narrativa de Marcos vem insistindo até este momento a presença da multidão junto a Jesus (Mc 1,33.37.45; 2,2.15; 3,7.8.10.20.31; 4,1.36; 5,21.24.27.30.31). Fazendo-se análise comparativa nos textos acima, acrescenta-se agora o fato de que é numerosa, e mais dá um detalhe, usando o superlativo: é numerosíssima.

primeira parábola do ensino é dado o nome tradicional de “a do semeador”. Este título não é muito apropriado. O melhor seria chamar de “*parábola das sementes*”. Na narrativa aparecem diversos tipos de solo que poderia ser chamada também de “*os quatro tipos de solo*”. Ou também, “*a parábola dos diversos terrenos*”.<sup>160</sup>

### 1. Delimitação do discurso em parábolas (Mc 4,1-34)

A delimitação do texto é fácil. Emergem dois critérios. O primeiro é o geográfico: Jesus está “à beira-mar” (Mc 4,1). Em seguida, está dito: “*subiu numa barca e sentou-se*”. Então a narrativa muda de lugar. Jesus disse: “*atravessemos para a outra margem*” (Mc 4,35). Há aqui a delimitação do texto: Jesus está parado num barco que estava no mar, e depois uma mudança de movimento para a outra margem (Mc 4,35).

O segundo argumento da delimitação é o conteúdo da narrativa. Jesus ensina em parábolas (Mc 4,1-34). “*Ensinava-lhes muitas coisas em parábolas e lhes dizia em seu ensinamento*” (Mc 4,2). A última frase inspira a ideia de conclusão do discurso (Mc 4,34): *A seus discípulos, “explicava tudo em particular*”. Em (Mc 4,35) começa a descrição do milagre da tempestade acalmada. O conteúdo muda de discurso em parábolas para a narrativa de um milagre, e da fala de Jesus passa-se para uma ação de Jesus.

Há um fio condutor que percorre todo o discurso. Os dados que unem toda a narrativa são: o termo “parábola” παραβολαίς aparece cinco vezes (Mc 4,2.10.13.33.34), todas no plural, menos uma (Mc 4,13). Na expressão “*dizia-lhes*” ἔλεγεν o verbo está no tempo passado imperfeito (Mc 4,2b.9.11.21.24.26.30.35). O verbo é ouvir ἀκούειν a palavra de Jesus, ter ouvidos atentos (Mc 4,3.9.12.15.16.18.20.23.24.33).

O verbo “ouvir” é um tema importante deste capítulo. O início (Mc 4,3) e o fim (Mc 4,33) do discurso estão marcados pela presença deste verbo ακούετε, que pode ser traduzido por “ouvi” ou “escutai”. Tudo isto significa ouvir com intensa participação interior, decidir-se pela proposta de escutar Jesus, estar pronto a executá-la. Forma-se assim a figura de linguagem chamada de inclusão. Com isso, encerra-se a narrativa do início e do fim com o mesmo verbo.

<sup>160</sup> Conforme BROWN, Raymond E. – FITZMYER, Joseph A. – MURPHY, Roland E. *Novo comentário Bíblico, São Jerônimo, Novo Testamento e artigos sistemáticos*, São Paulo, Paulus e Academia Cristã, 2011, p. 82.

## 2. Estrutura da narrativa do discurso em parábolas (Mc 4,1-34)

Este capítulo é um verdadeiro mosaico de peças. Há várias parábolas<sup>161</sup> e vários enxertos feitos pelo redator final<sup>162</sup>.

Jesus ensina em (Mc 4,1) como em (Mc 1,21). Ensina na sinagoga. Em (Mc 4,1) ensina junto ao mar. Menciona o lugar, “à beira do mar”<sup>163</sup>. O grupo de pessoas, “*uma multidão muito numerosa*”, estava lá. O início da narrativa (Mc 4,1ss) não menciona os Doze, mas em (Mc 4,10-12) temos a presença dos Doze. Este grupo foi constituído por Jesus em (Mc 3,13-19). O Evangelho de Marcos descreve em seguida a pedagogia do ensinamento de Jesus, através de “parábolas”.

A este lugar do mar está associado o lugar da multidão, lugar do encontro de Jesus com a multidão (Mc 1,33. 37. 45; 2,2. 15; 3,7. 8. 10. 20. 32; 4,1. 36; 5,21. 24. 27. 30. 31).

A narrativa apresenta duas comparações: a da lâmpada (Mc 4,21-23), e a da medida (Mc 4,24-25). No meio, entre a parábola do semeador com a sua explicação, há a perícopé (Mc 4,10-12) que explica o porquê de Jesus ensinar em parábolas. Temos a presença dos Doze (Mc 4,10).

O discurso em parábolas parece ter sido um texto bem construído. Jaques Dupont percebe neste capítulo uma figura de linguagem chamada de quiasmo<sup>164</sup>. A partir deste critério se estrutura desta forma. A vantagem deste critério está em colocar no centro a explicação da parábola do semeador, oferecendo a chave de todas as parábolas (Mc 4,13).

A Mc 4,1-2 Introdução da narrativa

B Mc 4,3-9 Parábola do semeador

<sup>161</sup> Não há consenso de quantas parábolas há neste capítulo (Mc 4,1-34). MAZZAROLO, Isidoro, *Evangelho de Marcos. Estar ou não com Jesus*. Mazzarolo editor, Rio de Janeiro, 2012, pp. 135-142. Elenca cinco parábolas: Semeador; da lâmpada; da medida; da semente; do grão de mostarda. Por sua vez, GNILKA, Joachim, *El Evangelio segun San Marcos Mc 1,1 – 8,26 Vol I*. Ediciones Sigueme – Salamanca 1986, afirma que são três parábolas. Na página 182 há “*La parábola del sembrador - Mc4,3-9*”. Na página 211 apresenta “*La parábola de la semilla Mc 4,26-29*”. Na página 216, “*La parábola del grano de mostaza Mc 4,30-32*”.

<sup>162</sup> O redator final, Marcos, fez cinco enxertos ou acréscimos ao núcleo central das três parábolas: a) Introdução da narrativa (Mc 4,1-2); b) Por que Jesus fala em parábolas (Mc 4,10-12); c) Explicação da parábola do semeador (Mc 4,13-20); d) Duas comparações: a da lâmpada e a da medida (Mc 4,21-25); e) Conclusão do discurso (Mc 4,33-34).

<sup>163</sup> Jesus começa a sua atividade num cenário chamado mar e especifica o da Galileia (Mc 1,16). Agora estamos novamente no mar (Mc 4,1). Este dado aparece inúmeras vezes no Evangelho de Marcos (Mc 1,16; 2,13; 3,7; 4,1. 35. 41; 5,1. 21).

<sup>164</sup> Quiasmo é uma construção com estrutura em forma de ABC, de maneira que se forma um esquema cruzado.

- C Mc 4,10-12 Afirmação geral
- D Mc 4,13-20 Explicação da parábola
- C' Mc 4,21-25 Afirmação geral
- B' Mc 4,26-32 Parábolas das sementes
  
- A' Mc 4,33-34 Conclusão

### 3. “Os que estavam junto dele com os Doze” (τοῦς δώδεκα) o interrogaram sobre as parábolas (Mc 4,10)

#### 3.1. A parábola do semeador (Mc 4,3-9)

Esta parábola é descrita em (Mc 4,3-9)<sup>165</sup>. Começa por um imperativo ακούετε “escutai”. A semeadura é a imagem dominante. No seu livro sobre as parábolas de Jesus, Joachim Jeremias sugere que a preposição “para semear” σπείραι deve ser traduzida como sobre, encima. A parábola descreve um método típico de semear na antiga Palestina, onde primeiro se semeava e depois se arava. Insiste nas dificuldades oferecidas pelo solo (Mc 4,4-7). Descreve três insucessos dessa semeadura, dos condicionamentos negativos. “Semente no caminho” desaparece (Mc 4,4); “Semente no solo pedregoso” é consumida pelo calor do sol assim que aparece o bruto (Mc 4,5); “Semente entre os espinhos”, em que a planta é sufocada (Mc 4,7). A ação do fracasso é repetida três vezes. As imagens do tríplice fracasso ocupam a maior parte da narrativa, pois são quatro versículos<sup>166</sup>.

Nesta parábola há duas relações feitas por Jesus. A primeira é “o semeador e o solo”. É uma comparação tomada da Palestina e do mundo agrícola não mecanizado. A segunda é “o semeador e a semente”. Toda a semente é boa e tem condições de produzir bons e muitos frutos. Ela se encontra em (Mc 4,8-9). Há três perdas, por um lado; e, por outro, há o efeito

<sup>165</sup> Fazendo uma estrutura da parábola do semeador temos: introduz o discurso em parábolas (Mc 4,1-2); menciona o lugar duas vezes (“o mar”); menciona quem está presente (um grupo, a “multidão muito numerosa”). O adjetivo πλεῖστος significa “muito grande”, a “maior”. A multidão numerosa aparece inúmeras vezes no Evangelho de Marcos (Mc 3,7.8; 5,21; 6,34; 8,1; 9,14; 12,37). Provavelmente os Doze, mas o texto não diz. São mencionados após ter relatada a parábola do semeador. Menciona o lugar de onde Jesus está falando: “num barco”. Temos a forma pedagógica que Jesus usa para ensinar: através de “parábolas”. O ponto de partida da narrativa da parábola (Mc 4,3) relaciona Jesus com a figura do semeador. Descreve três terrenos nos quais a semente caiu e nada produziu (Mc 4,4-7), exceto a semente que caiu em terra boa (Mc 4,8). Conclusão da parábola (Mc 4,9).

<sup>166</sup> Fazendo uma interpretação na ótica da comunidade (Mc 4,13-20) pode-se afirmar que há três condicionamentos negativos da comunidade: a) a superficialidade, a inconsistência e a falta de persistência ou de decisão; b) o medo de enfrentar as dificuldades ou tribulações; c) a ambição e o apego às riquezas.

positivo: há três ganhos. Em cada ganho há sempre um crescente, sempre a mais a que no anterior: *“trinta por um, sessenta por um e cem por um”*<sup>167</sup>. A produção era calculada comparando a quantidade de trigo que era semeada com a quantidade que era colhida.

### 3.2. O contexto da perícopre (Mc 4,10-12)

A parábola do semeador é concluída com a frase: *“aquele que tem ouvidos para ouvir, ouça”* (Mc 4,9). A partir de (Mc 4,10) há uma ruptura na narrativa. Depois de ter dirigido à multidão a parábola do semeador, Jesus se separa sozinho com os que estavam com ele e os Doze. A perícopre (Mc 4,10-12) se encontra logo após a parábola do semeador e antes da explicação da referida parábola por Jesus. Jesus está com *“os Doze”*, e mais um grupo, *“os que estavam junto dele”*. Provavelmente seria a *“multidão muito numerosa”* (Mc 4,1).

Até este momento no Evangelho de Marcos aparece pela terceira vez a expressão *“os Doze”*, sendo as duas primeiras em (Mc 3,14.16). No início do discurso em parábolas não aparece a menção dos Doze nem o termo discípulos, mas podemos deduzir do texto (Mc 4,10-12) que os Doze estavam presentes no começo do ensino em parábolas. Depois da constituição dos Doze (Mc 3,13-19), eles sempre estiveram juntos com Jesus. No texto bíblico (Mc 3,13-19) e (Mc 4,10-12) não há nenhuma menção de separação.

### 3.3. Estrutura da perícopre do ensino aos Doze (Mc 4,10-12)

Agora Jesus se retira sozinho com os dois grupos, *os que estavam junto dele* e *“os Doze”* (Mc 4,10) a um lugar particular, e oferece a estes seguidores uma oportunidade para eles perguntarem a Jesus sobre a parábola que acabara de pronunciar. A perícopre está composta por três partes. Cada versículo contém uma delas:

A primeira parte (Mc 4,10) é a pergunta sobre o sentido mais profundo do ensinamento em parábolas. Estão presentes dois grupos de pessoas: *“os que estavam junto dele”* e o outro, que são *“os Doze”*. Os dois grupos fazem a pergunta sobre as parábolas. O verbo está no plural, interrogaram, significa eles, os dois grupos (Mc 4,10).

Na segunda parte (Mc 4,11), diante do anúncio de Jesus estão dois grupos: um que já apareceu em Mc 4,10, representado pela expressão *“a vós”* (*Υμῖν*), que são *“os que estavam à sua volta, e os Doze”*. O segundo grupo

<sup>167</sup> A média de produção por espiga era em média de 35 grãos. Por isso, 30 grãos já era compensador. A colheita de 100 grãos é extraordinária. É uma grande bênção. *“Naquele ano, Isaac semeou nessa terra e colheu o centuplo. O Senhor o abençoou”* (Gn 26,12).

são “aqueles de fora” (ἐκείνοις) (Mc 4,11). O texto descreve dois ensinamentos. Um é dado ao grupo de (Mc 4,10) “o mistério do Reino de Deus”, o outro ao grupo “aqueles de fora” (ἐκείνοις), por parábolas.

Na terceira parte (Mc 4,12), Jesus usa de uma argumentação do Antigo Testamento baseada no profeta Isaías (Is 6,9-10). Apresenta o tema que tem por base dois verbos fundamentais no texto de Isaías e que estão muito presentes neste discurso em parábolas. Os verbos “ver” e “ouvir”<sup>168</sup>.

### 3.4. Comparação (Mc 4,10-12) com (Mt 13,10-15) e (Lc 8,9-10)

	Ev. Marcos 4,10-12	Ev. Mateus 13,10-15	Ev. Lc 8,9-10
1. Contexto	Se encontra no discurso em parábolas. Parábola do semeador 4,3-9 e antes da explicação da mesma parábola 4,13-20	É o discurso (capítulo) das parábolas. Depois da parábola do semeador 13,3b-9 e antes da explicação da mesma parábola. A mesma estrutura do Ev. de Marcos.	É a mesma estrutura de Marcos e Mateus. Depois da parábola do semeador 8,4-8 e antes da explicação da parábola do semeador 8,11-15.
2. Quanto aos Doze	Em 4,10 aparece a expressão “com os Doze”	Não aparece a expressão os Doze, mas a expressão 13,10 “os discípulos”	Não aparece a expressão os Doze, mas a expressão 8,9 “seus discípulos”.
3. Quem estavam presente	Dois grupos, um “os que estavam à sua volta e o outro os Doze”. Fazem a pergunta sobre as parábolas 4,10.	Dois grupos. Um “os discípulos” que fazem a pergunta, 13,10 “por que falas em parábolas”. O outro grupo são apresentados pelas expressões 13,11 “a eles” e 13,14 “para eles”.	Dois grupos. Um “seus discípulos”, que fazem a pergunta pelas parábolas 8,9. O segundo grupo usa a expressão 8,10 “aos demais”.
4. Resposta de Jesus	Encontra-se em 4,11. Há duas formas de ensino conforme cada um dos grupos. O primeiro aos Doze, “é dado o mistério do Reino de Deus”. Ao segundo grupo “aqueles de fora”.	Encontra-se em 13,11 “conhecer os mistérios do Reino dos Céus”. Comparando com Marcos temos aqui dois dados novos: o verbo conhecer. E o outro o termo	Encontra-se em 8,10 “conhecer os mistérios do Reino de Deus”. É igual a de Mateus. Diferente de Marcos que não tem o verbo “conhecer” e nem o termo mistérios no plural.

<sup>168</sup> O verbo “ouvir” é um dos verbos-chave deste discurso em parábolas. Ele forma uma inclusão na parábola do semeador (Mc 4,3-9). Aparece inúmeras vezes neste discurso (Mc 4,3.9.15.16.18.20.23.24.33). Significa ouvir com intensa participação interior, decidir-se pela proposta que está ouvindo no ensino, estar pronto para executá-la. O texto do Shemá Israel começa com este verbo: “ouve” (Dt 6,4).

	Tudo acontece em parábolas.	mistérios no plural.	
5. A citação do texto do Antigo Testamento	Em 4,12 usa a conjunção ἵνα, “a fim de que” ou “para que”. É a finalidade.	Em 13,14 simplesmente afirma ἡ λέγουσα, “a que diz”. Para apresentar o texto como cumprimento da profecia de Isaías. Não usa a expressão de Marcos e Mateus, ἵνα. Quanto ao texto é completo de Is 6,9-10.	Em 8,10 apresenta a conjunção ἵνα. Quanto ao texto de Isaías são apresentadas somente duas frases: “ <i>vendo não vejam</i> ”. A outra, “ <i>ouvindo, não compreendam</i> ”.
6. O primeiro grupo	É apresentado em 4,10 por duas expressões: “ <i>os que estavam à sua volta</i> ”, e a outra pelos “ <i>os Doze</i> ”.	É apresentado pela expressão 13,10 “ <i>os discípulos</i> ”.	É apresentado pela expressão 8,9 “ <i>seus discípulos</i> ”
7. O segundo grupo	É representado pela expressão 4,11 “ <i>àqueles de fora</i> ”	É apresentado por diversas expressões em 13,11 “ <i>a eles</i> ”. Em 13,13 “ <i>eles</i> ”. Em 13,14 “ <i>para eles</i> ”.	É apresentado pela expressão 8,10 “ <i>os demais</i> ”.

Em Marcos “*os que estavam junto dele com os Doze*” (Mc 4,10) o interrogam sobre as parábolas. Observa-se o plural “*parábolas*”, quando até este momento no capítulo quatro do Evangelho de Marcos Jesus contou somente uma parábola, a do semeador. Isto é um pouco estranho. No discurso (Mc 4,1-34) o termo parábolas aparece várias vezes no plural (Mc 4,2.10.11.33.34), e no singular somente em (Mc 4,13).

No texto (Mc 4,11) há, a priori, uma separação em dois grupos por Jesus. Um entre “*a vós*” (os Doze) e “*os de fora*”.

Aparece a expressão “*os de fora*” (Mc 4,11). Quem são? Dentro do contexto deste capítulo, é a multidão, uma multidão muito numerosa (Mc 4,1). O texto do Evangelho de Marcos insistiu até este momento na presença da multidão junto a Jesus <sup>169</sup>

Cada um dos Evangelhos Sinóticos faz a sua interpretação do texto do profeta Isaías. Cada um tem a sua finalidade e intencionalidade. Marcos apresenta o texto de Isaías de uma forma mais dura quando o cita: “*vendo, vejam e não percebem; ouvindo, ouçam e não entendam, para que não se convertam e não sejam perdoados*” (Is 6,9-10).

<sup>169</sup> Até este momento a multidão junto a Jesus apareceu inúmeras vezes no relato do Evangelho de Marcos (Mc 1,33. 37. 45; 2,2. 15; 3,7. 20. 32). A multidão não é rejeitada por Jesus. Ele ensina à multidão e às vezes ela serve de testemunha para Jesus.

A multidão nunca é hostil a Jesus, salvo em Jerusalém. Aqui duas observações se fazem necessárias. A primeira é sobre a multidão da Galileia. Jesus até este momento se encontra na Galileia quando iniciou a sua atividade pública “*veio Jesus para a Galileia proclamando o Evangelho de Deus*” (Mc 1,14). A outra é sobre a multidão de Jerusalém. Em Jerusalém a multidão é favorável a Jesus, está ao seu lado até o momento em que ela é manipulada pelas autoridades. A partir da manipulação, é contra Jesus. Pede a sua morte, a crucificação.

#### 4. As relações entre os personagens da perícope (Mc 4,10-12)

##### 4.1. Introdução

Nos relacionamentos de amizade há uma reciprocidade. Quanto aos Doze para com Jesus, estão penetrando e se aprofundando no segredos e mistérios do Reino de Deus. Por outro lado, Jesus está se doando a ensinar.

Aparecem claramente dois grupos em torno de Jesus (Mc 4,10). Um é o grupo de “*os que estavam junto dele*”; o outro, “*os Doze*”. Eles estavam reunidos ao redor de Jesus no relacionamento de aprendizagem. Um é o mais íntimo, menor, que são os Doze, e o outro, mais amplo e exterior, é a multidão. Destes dois grupos de pessoas, “*os que estavam junto dele*”, ou que estavam em torno dele (Mc 4,10), seriam a multidão muito numerosa que é mencionada em (Mc 4,1). A multidão aperta Jesus. Jesus sobe a um barco, toma uma certa distância, e de lá fala à “*multidão muito numerosa*” que ficou na margem do mar. O segundo grupo são “*os Doze*”. A pergunta sobre as parábolas<sup>170</sup> é feita pelos Doze? Ou é feita pelos dois grupos juntos? A pergunta fica em aberto. O verbo está no plural ἤρώτων – “perguntavam”.

O outro ensinamento é dirigido aos Doze. Recebem uma instrução adicional, em particular. “*Aos Doze*” (Mc 4,10). “*A vós*” (Mc 4,11). “*E disse-lhes*” (Mc 4,13-20), explicando a eles a parábola do semeador<sup>171</sup>. “*Explicava tudo aos próprios discípulos*” (Mc 4,34). Os Doze são apresentados em contraste com a multidão, pois eles já participam da sua intimidade, desde o momento de sua constituição (Mc 3,13-19).

<sup>170</sup> Marcos fala de parábolas (Mc 4,10). Observa-se que usa o termo no plural. Até este momento na narrativa do Evangelho de Marcos, Jesus contou somente uma parábola, a do semeador (Mc 4,3-9).

<sup>171</sup> Há um texto paralelo com a mesma estrutura, pergunta e resposta, só que estamos no contexto do tema do puro e impuro (Mc 7,14-23). Esta mesma estrutura aparece em (Mc 7,17-18). “*Seus discípulos interrogaram sobre a parábola*” (Mc 7,17). O texto aqui fala de discípulos e não os Doze. E a resposta de Jesus é: “*E ele disse-lhes: Então, nem vós tendes inteligência*” (Mc 7,18).

Um dos temas das relações que aparece nestes grupos seria o de amizade<sup>172</sup>. É pela amizade que se penetra no coração de alguém para descobrir os segredos mais profundos. No relacionamento de amizade há uma reciprocidade. Os Doze para com Jesus estão penetrando e aprofundando nos segredos do Reino. Por outro lado, Jesus está se doando a ensinar.

#### 4.2. A pergunta feita a Jesus

A pergunta é uma das formas de relacionamento. A pergunta é feita pelo fato de Jesus retirar-se sozinho, “*quando ficaram sozinhos*” (Mc 4,10), com os dois grupos. Segue um grupo que inclui tanto os Doze quanto outro de um conjunto de pessoas “[os] *que estavam junto dele*” (Mc 4,10). Esta inclusão do último grupo faz-nos lembrar o relato de que “*havia uma multidão sentada em torno dele*” (Mc 3,32). Aparece uma multidão que formava a verdadeira família de Jesus, sentada ao seu redor, para ouvir a sua palavra.

A partir do que foi dito, “*os que estavam junto dele*” (Mc 4,10), podem ser membros da numerosa multidão descrita em (Mc 4,1), estimulados pela parábola de Jesus, e assim querem conhecer e converter-se em seus discípulos, como aparece em (Mc 4,34). Assim o grupo que fala em Mc 4,10 parece ser designado como “seus próprios discípulos”.

Algo semelhante à pergunta apresentada por Jesus em (Mc 4,11) aparece em outros lugares, no Evangelho de Marcos. São várias perguntas que representam um estágio vital no processo de aprendizagem, por exemplo em Mc 7,17: “*e quando, ao deixar a multidão, entrou numa casa, seus discípulos o interrogaram sobre a parábola*” (Mc 7,17). “*E perguntaram-lhe*” (Mc 9,11). “*E, em casa, os discípulos voltaram a interrogá-lo*” (Mc 10,10). “*Eles ficaram muito espantados e disseram uns aos outros: Então, quem pode ser salvo?*” (Mc 10,26)

#### 4.3. A resposta de Jesus

A resposta da pergunta dirigida a Jesus aparece em (Mc 4,11). A resposta apresenta uma espécie de antítese simétrica entre o efeito que o ensinamento de Jesus produz em seus discípulos e o que produz “*nos de fora*”. J. A. Baird esquematizou desta forma a antítese:

<i>o mistério do reino de Deus</i>	<i>todas as coisas</i>
<i>se vos foi dado</i>	<i>acontece</i>
<i>a vós</i>	<i>aos de fora</i>
<i>(com explicações)</i>	<i>em parábolas</i> <sup>173</sup>

<sup>172</sup> Esta temática da amizade aparece no nosso texto de forma indireta. O tema aparece com destaque no Evangelho de São João, na segunda parte, a partir do capítulo 13, quando se inicia a cena do lava-pés e em seguida os discursos de despedida.

<sup>173</sup> MARCUS, Joel, *El Evangelio según Marcos*, Ediciones Sígueme, Salamanca, 2010, p. 345.

A parábola do semeador trata do “mistério do reino de Deus”, porque expressa a forma inesperada na qual chegou a nova realidade. A diferença entre os dois grupos não está em um ouvir as parábolas e o outro não, mas em que uns ouvem as parábolas e as compreendem, enquanto que os outros as escutam/ouvem, mas ficam endurecidos pela sua falta de fé.

#### 4.4. “Os Doze”

Aparece aqui pela terceira vez a expressão “os Doze” na narrativa do Evangelho de Marcos (Mc 3,14.16; 4,10). No início do discurso em parábolas não aparece a menção dos Doze, mas se pode deduzir que estavam presentes desde a sua constituição (Mc 3,13-19), pois não há nenhuma informação de que os Doze se separaram de Jesus. Em (Mc 4,1) aparece simplesmente a multidão muito numerosa. Podemos deduzir a partir do texto (Mc 4,10-12) que eles, os Doze, estavam presentes no começo do ensino por parábolas. Não há mudança de cenário no relato bíblico.

#### 4.5. “Os de fora”

Quem são *os de fora*? (Mc 4,11) É a multidão. O texto bíblico até agora insistiu na presença da multidão junto a Jesus (Mc 1,33.37.45; 2,2.15; 3,7.20.32). A multidão não é rejeitada por Jesus. Ele ensina a multidão, e às vezes ela serve de testemunha para Jesus. A multidão nunca é hostil a Jesus, salvo em Jerusalém. Aqui é preciso fazer duas observações. A primeira é a multidão da Galileia (Jesus está na Galileia) e a outra é a multidão em Jerusalém. Em Jerusalém a multidão é favorável a Jesus até o momento em que é manipulada pelos chefes dos sacerdotes. A partir da manipulação, torna-se contra e pede a sua crucificação.

#### 4.6. A incompreensão

A partir de (Mc 4,12) no texto do profeta Isaías, quando diz “*vendo, não enxergam*” e “*ouvindo, não compreendem*”, relacionando com (Mc 7,17-18), Jesus se afasta da multidão. São os discípulos que perguntam sobre a parábola (no singular).

Jesus responde: “*então, nem vós tendes inteligência?*” (Mc 7,18).<sup>174</sup> O não entendimento, a não compreensão do nosso texto é do grupo dos Doze (Mc 4,11). Aqui temos o grupo de dentro: “*estavam à sua volta*” com “*os Doze*” (Mc 4,10). Há outro grupo: “*aqueles de fora*” (Mc 4,11). Portanto, a

<sup>174</sup> A expressão grega *ὅτι οὐκ ἔχετε σύνεσιν* tem várias traduções, tais como: “*sois sem entendimento?*”. “*Sois assim ignorantes?*” “*não tendes inteligência?*” “*não tendes discernimento?*”

não compreensão, o não entendimento, não é só do grupo “os de fora”, mas também “os de dentro”.

Estes dois versículos (Mc 4,33-34) concluem o discurso em parábolas. Ao mesmo tempo, servem de transição para o tema seguinte, que são os milagres. Após Jesus ter ensinado pela palavra (as parábolas) a partir de (Mc 4,35) ensina pela ação, por gestos, pelos milagres (Mc 4,35 – 5,43).

Ao concluir o discurso em parábolas, agora o texto (Mc 4,33-34) destaca: 1) Jesus ensina tudo em parábolas. A linguagem metafórica das parábolas tinha três objetivos: a) falar sobre Deus; b) falar da vinda do Reino de Deus; c) envolver os ouvintes. 2) Há a existência de dois grupos. 3) Os discípulos são os que estão ao seu redor, e a eles tudo era explicado em particular: “*em particular, explicava tudo aos próprios discípulos*” (Mc 4,34b). Jesus explica as parábolas quando os discípulos não conseguiam discernir de forma concreta a prática da missão. Jesus tomava em separado os discípulos e fazia a aplicação prática das parábolas. 4) Os que se fecham de uma forma obstinada à mensagem não encontrarão nada nas parábolas. 5) Quem são estes discípulos? São os Doze. Desde (Mc 4,10) aparece a expressão “os Doze. Eles não se separaram de Jesus e aqui os discípulos seriam os Doze. Como (Mc 4,10-12) afirma que Jesus dava explicação aos Doze, o texto coincide com (Mc 4,34), que se referindo aos discípulos, que são os Doze.

O centro está na resposta que Jesus apresenta diante da pergunta sobre as parábolas: “*o interrogaram sobre as parábolas*” (Mc 4,10). Como resposta, Jesus toma o texto de (Is 6,9-10). Neste texto se destaca um dos temas fundamentais. Os do verbo “ver” são: “*vendo*”, e “*vejam*”, e os do verbo “ouvir” são: “*ouvindo*” e “*ouçam*”. São duas vezes cada verbo (Mc 4,1-34). Se os Doze são incluídos entre os mais próximos de Jesus, isso deveria caracterizar o comportamento de quem ouvem, veem e compreendem claramente.

O texto de (Is 6,9-10) aparece nos três Evangelhos Sinóticos, e cada qual faz a sua interpretação do texto. Cada um tem o seu objetivo ao usar este texto (Mc 4,12; Mt 13,14-15; Lc 8,10)<sup>175</sup>

---

<sup>175</sup> Comparando os três Sinóticos, percebe-se que Mateus usa o texto para exprimir uma finalidade escriturística, isto é, para cumprir-se a profecia de Isaías: “*para eles se cumpre a profecia de Isaías que diz...*” Marcos usa a conjunção “*a fim de que*” (Mc 4,12). O mesmo faz Lucas (Lc 8,10). Mateus não usa a conjunção. Ao usar a citação de Isaías, Lucas usa somente duas frases: “*para que (a fim de que) vendo, não vejam; e ouvindo, não compreendam*”.

### 3. “OS DOZE” (τοῦς δώδεκα) SÃO ENVIADOS EM MISSÃO (Mc 6,6b-13)

#### 1. Introdução

Agora inicia-se a terceira seção do Evangelho de Marcos (Mc 6,6b – 8,26), que é a última da primeira parte do Evangelho de Marcos<sup>176</sup>. Esta seção começa com a mesma temática das duas seções anteriores. É a temática do envio. Foram escolhidos para serem enviados em missão (Mc 1,16-20; 3,13-19; 6,6b-13). A primeira diz respeito ao chamado dos quatro primeiros discípulos e ao seu envio: “*eu vos tornarei pescadores de homens*” (Mc 1,17); “*deixaram as redes e o seguiram*” (Mc 1,20). O segundo texto trata do envio: “*para enviá-los a pregar*” (Mc 3,14). Antes do chamado e do envio há um sumário de transição que descreve o movimento e as atividades de Jesus (Mc 1,14-15; 3,7-12; 6,6b).

Este último sumário descreve a atividade de Jesus: “*Ele percorria as aldeias circunvizinhas, ensinando*” (Mc 6,6b)<sup>177</sup>. Ele apresenta Jesus como um missionário itinerante. Termina com a cura de um cego em Betsaida (Mc 8,22-26)<sup>178</sup>.

A diferença em relação às duas narrativas anteriores (Mc 3,13-19 e Mc 4,10-12) está no fato de que no nosso texto os Doze são enviados de fato e atuam realmente. Isto é, são enviados em missão, proclamam a conversão, expulsam demônios e curam enfermos (Mc 6,12-13).

<sup>176</sup> É quase unânime entre os estudiosos da Sagrada Escritura estruturar o Evangelho de Marcos em duas grandes partes: introdução (Mc 1,1-13); a primeira parte (Mc 1,14 – 8,26); gancho que une a primeira com a segunda parte (Mc 8,27-3). A segunda parte (Mc 8,31 – 16,8), e finalmente um acréscimo posterior (Mc 16,9-20). A primeira parte está subdividida em três seções. A primeira, com a atuação de Jesus através da palavra e curas e a resposta dos fariseus (Mc 1,14 – 3,6). A segunda, com a atuação de Jesus aos seus sobre o mistério do Reino e a resposta do povo (Mc 3,7 – 6,6<sup>a</sup>). A terceira, com a atuação de Jesus, a resposta dos discípulos e as incompreensões (Mc 6,6b – 8,26). Esta estrutura é adotada por SOARES, CORREA JUNIOR e OLIVA, 2013, pp. 65. 139. 211. DELORME, 1985, p. 35. LENTZEN-DEIS, 2003, p 213. MONASTERIO, Rafael Aguirre e CARMONA, Antônio Rodriguez, *Evangelhos Sinóticos e Atos dos Apóstolos*, São Paulo, AM Edições 2006, pp. 105-114. FARMER, William R. e LEVORATTI, Armando J. e MCEVENUE, Sean e DUNGAN, David L. *Comentário internacional. Comentário católico e Ecumênico para o século XXI*. Editorial Verbo Divino. Estella (Navarra), 1999. p 1225. FOCANT, Camille, *Il vangelo secondo Marco*. Cittadella Editrice, Assisi, 2015, p. 249. LÉGASSE Simon, *Marco*, Edizioni Borla, 2000, p. 304.

<sup>177</sup> Observa-se na leitura do texto do Evangelho de Marcos (Mc 1,14 – 8,26) que em cada uma das três seções na sua abertura aparece um sumário. Primeira seção: o sumário se encontra em (Mc 1,14-15). Na segunda, o sumário se encontra em (Mc 3,7-12). Na terceira seção, o sumário se encontra em (Mc 6,6b).

<sup>178</sup> Alguns comentaristas do Evangelho de Marcos apresentam esta terceira seção em (Mc 6,6b – 8,21), estando a outra seção em (Mc 8,22 – 10,52). Tem grande temática: a seção começa por um milagre de cura de cegueira (Mc 8,22-26) e termina com outro, também com cura de cegueira, que agora é do cego de Jericó (Mc 10,46-52). Quem segue esta estrutura é LEVORATTI, Armando J. *Comentário bíblico latino-americano*. Editorial Verbo Divino. Estella (Navarra, 2003 pp. 426 e 435. BROWN, Raymond E. – FITZMYER, Joseph A. – MURPHY, Roland E. *Novo comentário bíblico São Jerônimo. Novo Testamento e artigos sistemáticos*. São Paulo. Academia cristã e Paulus, 2011, p. 89. MARCUS, Joel, *El vangelo según Marcos*, Vol 1. Ediciones sígueme Salamanca, 2011, p. 441.

Fazendo-se uma retrospectiva da narrativa do Evangelho de Marcos, temos o chamado de quatro discípulos que depois fazem parte do grupo dos Doze (Mc 1,16-20; Mc 3,13-19). Em seguida, temos o chamado de um quinto, Levi, cujo nome vai aparecer na lista dos Doze (Mc 2,13-14). E logo a seguir temos a constituição do grupo dos Doze (Mc 3,13-19). Em (Mc 3,14-15) são indicadas as finalidades da constituição dos Doze, sendo uma delas “*enviá-los a pregar*” (Mc 3,14). A narrativa do Evangelho de Marcos logo a seguir descreve a realização dessa promessa, que é o envio em missão os Doze (Mc 6,6b-13)<sup>179</sup>.

O verbo ensinar διδάσκων (ensinando) aparece em (Mc 6,6b) e o retorno dos Doze repete o mesmo verbo ἐδίδαξαν (ensinaram) em (Mc 6,30). Deste modo, forma-se uma figura de linguagem chamada inclusão. Forma-se uma unidade literária, pelo uso de uma mesma palavra ou de palavras semelhantes no começo e no final da unidade.

Os Doze são enviados em missão. Esta ação é a continuação e a consequência da sua constituição feita por parte de Jesus (Mc 3,13-19). Jesus convocou “os Doze” e os reuniu ao seu redor para que ficassem com Ele e para enviá-los a pregar munidos de poder para expelir os demônios. Agora, nesta perícopie (Mc 6b-13), são convocados novamente. Jesus os envia munidos de poder sobre os demônios e a narrativa mostra que eles exerceram tal poder no decurso de sua pregação (Mc 6,12-13). O que une estas duas narrativas (Mc 3,13-19 com 6,6b-13) tem como fundamento os mesmos termos. Está claro também, pelo texto bíblico, o relato do envio dos Doze que corresponde àquele do retorno da missão (Mc 6,30-33).

A narrativa é precedida pelo desprezo de Jesus por parte dos seus convidados. Segue-se uma breve descrição do ensinamento de Jesus realizado em sua região (Mc 6,1-6a) e um relato extenso do envio dos Doze em missão (Mc 6,6b-13). Entre o envio em missão e o seu retorno, é intercalado o relato sobre a morte de João Batista (Mc 6,14-29), e, na sequência, Marcos descreve o retorno dos Doze da missão (Mc 6,30-34). Este retorno serve como transição para a primeira multiplicação dos pães (Mc 6,35-44).

Esta terceira secção (Mc 6,6b – 8,26) se caracteriza pelos pães. São duas multiplicações. Há várias simetrias bem claras: fome, incompreensão e enfermidade.

---

<sup>179</sup> A mesma estrutura (um sumário e em seguida uma perícopie sobre os Doze) aparece nas duas seções anteriores. Na primeira, o sumário está em (Mc 1,14-15) e a perícopie aborda o chamado / vocação dos quatro primeiros discípulos (Mc 1,16-20). Na segunda, o sumário está em (Mc 3,7-12), ocorrendo em seguida a constituição oficial do grupo dos Doze (Mc 3,13-19). O grupo é constituído num ato único. O número doze não é realizado lentamente, um após o outro, nem progressivamente. E, também, esta constituição não é orientada a um privilégio pessoal.

A primeira: fome (Mc 6,35-44) – incompreensão (Mc 6,45-52) – enfermidade (Mc 6,53-56).

A segunda: enfermidade (Mc 7,24-37) – fome (Mc 8,1-10) – incompreensão (Mc 8,14-21).

Fazendo-se uma leitura do texto bíblico desta terceira secção, é possível fazermos algumas observações:

1) O relato do envio em missão (Mc 6,6b-13) com o retorno (Mc 6,30-34). O relato está intercalado pelo martírio de João Batista (Mc 6,14-29). Há um enfoque especial em Herodes e uma insistência no verbo ἤκουσεν “ouvir” (Mc 6,14.16.20.29).

2) O grande foco desta secção é o tema dos pães (Mc 6,6b - 8,21). está na capacidade de Jesus oferecer comida. Ele alimenta uma grande multidão: *“Ele desembarcou, viu uma grande multidão e ficou tomado de compaixão por eles”* (Mc 6,34). Duas vezes aparece na narrativa a multiplicação dos pães (Mc 6,34-44; 8,1-9). Duas vezes Jesus discute a comida com os seus discípulos (Mc 7,17-23; 8,14-21), e uma vez com uma mulher pagã sem nome (Mc 7,24-30). O texto insiste no fato de que os discípulos não entenderam os milagres dos pães, *“pois não tinham entendido nada a respeito dos pães”* (Mc 6,52). O mesmo versículo revela o porquê: *“o seu coração estava endurecido”*.

Ao longo desta seção, o pão parece ser uma voz que deixa o seu eco na narrativa de Marcos. Os termos “pão” e “comer” são o fio condutor de toda a narrativa. O tema da comida domina toda esta seção desde o início até o final. Jesus oferece por duas vezes pão em um lugar deserto: *“o lugar é deserto e a hora já muito avançada”* (Mc 6,35); e *“seus discípulos lhe responderam, como poderia alguém, aqui num deserto, saciar com pão a tanta gente?”* (Mc 8,4) O texto descreve os pães que sobraram e põe em destaque questões de plenitude e de superabundância: *“recolheram doze cestos cheios de pedaços de pão e de peixes”* (Mc 6,43). *“Dos pedaços que sobraram, recolheram sete cestos”*.

Termos relacionados aos pães (Mc 8,8):

a) O termo pão aparece inúmeras vezes: (Mc 6,8.37.38.41.43.52; 7,2.27.28; 8,4.5.6.8.14.16.17.19.20).

b) O termo comer: (Mc 6,21.31.36.37.42.44; 7,2.3.4.5.28; 8,1.2.3.8).

c) O termo banquete: (Mc 6,21).

d) Há outros termos que aparecem com bastante frequência: “alimento”, “saciar-se”, “migalhas”, “pedaços” e “fermento”.

3) O tema “das idas e vindas” de Jesus. É um Jesus itinerante. Desloca-se de um lugar ao outro. Vai de uma margem a outra do mar da GALILEIA. E vai além (Mc 7,24-37), “no território de Tiro” (Mc 7,24). O Evangelho de Mateus acrescenta “e de Sidônia” (Mt 15,21).

4) A narrativa de Marcos ocupa um lugar importante da narrativa desta terceira secção (Mc 7,1-23). Aqui predominam conceitos opostos: “puro” e “impuro”; “vossa tradição” e “a Palavra de Deus”; entre o “exterior” (de fora) e o de “dentro” (coração).

## 2. Contexto anterior, posterior e delimitação da perícopre do envio de “os Doze” (τοῦς δώδεκα) em missão (Mc 6,6b-13).

### 2.1. O Contexto anterior Mc 6,1-6a)

A narrativa começa apresentando um Jesus que vai de um lugar para outro. Quando foi reanimar a filha de Jairo (Mc 5,21-24.35-43), Jesus estava em Cafarnaum, e agora vai para a sua terra natal (Mc 6,1). Há uma passagem entre os dois ambientes. Ele sai de onde se encontrava (Cafarnaum) e vai para a sua cidade, Nazaré. Os discípulos (os Doze) estavam com Ele: “*Ele saiu dali e foi para sua terra natal, e os seus discípulos (os Doze) o seguiram*” (Mc 6,1).

Esta perícopre (Mc 6,1-6a) **se** inicia quando há mudança de lugar geográfico: “*saindo dali*”. Jesus retorna à sua terra natal. Ali não é bem recebido pelos compatriotas. Há um contraste com a narrativa anterior (Mc 4,35 – 5,43), que descreve quatro milagres realizados por Jesus.

A colocação desta perícopre dentro dos Evangelhos Sinóticos encontra-se em lugares diferentes na narrativa de cada um dos evangelistas. Em Mateus, encontra-se no final do terceiro discurso da narrativa do Evangelho, que tem como tema as parábolas (Mt 13,53-58)<sup>180</sup>. Em Lucas, este incidente em Nazaré, na sua pátria, ocorreu no início do ministério de Jesus na Galileia (Lc

<sup>180</sup> O terceiro discurso de Jesus, neste Evangelho (Mt 13,1-52), tem como tema as parábolas. Pode ser estruturado desta forma; 1) Introdução (Mt 13,1-3), que situa o discurso das parábolas: Jesus sai de casa, senta-se junto ao mar. Entra na barca e senta-se, enquanto a multidão estava de pé. 2) Na primeira parte (Mt 13,4-23), temos a parábola do semeador (Mt 13,4-9); o porquê do uso das parábolas (Mt 13,10-17); e a explicação da parábola do semeador (Mt.13,18-23). 3) A segunda parte é constituída por três parábolas do crescimento (Mt 13,24-43): parábola do joio e do trigo (Mt 13,24-30); do grão de mostarda (Mt 13,31-32); do fermento (Mt 13,33); o porquê do discurso em parábolas (Mt 13,34-35); a explicação da parábola do joio e do trigo (Mt 13,36-43). 4) Terceira parte (Mt 13,44-50), temos mais três parábolas: parábola do tesouro (Mt 13,44), parábola da pérola (Mt 13,45-46) e parábola da rede (Mt 13,47-50). Finalmente a conclusão (Mt 13,51-52), mostrando um diálogo entre Jesus e os seus discípulos (os Doze).

4,16-30). Em Marcos, depois dos sucessos de Jesus<sup>181</sup>, agora temos a rejeição de Jesus quando retorna à sua pátria, isto é, em Nazaré, vilarejo no interior da Galileia. Há um clima de rejeição e incredulidade. Isto limita a ação de Jesus, que realiza apenas alguns milagres de cura.

Por causa desta diversidade de colocação entre os Evangelhos, emergem as perguntas: são motivos redacionais? Cronologia? Ambos? Nenhum deles? As questões ficam em aberto.

A estrutura desta narrativa (Mc 6,1-6a) é simples, podendo ser estruturada em duas partes: A primeira (Mc 6,1-3) descreve Jesus com os seus discípulos (os Doze) ensinando na sinagoga de sua cidade natal. Começa a ser questionado e finalmente acaba sendo rejeitado. Na segunda (Mc 6,4-6a), Jesus reage. Explica através de um provérbio: *“Não há profeta sem honra, a não ser em sua terra natal, entre os seus parentes e em sua casa”* (Mc 6,4). Reconhece que ali não pode fazer nenhum milagre por causa da incredulidade deles: *“apenas curou alguns poucos doentes, impondo-lhes as mãos”* (Mc 6,5b).

O tema central da narrativa é a *“falta de fé deles”* τὴν ἀπιστίαν αὐτῶν. São os habitantes da cidade natal de Jesus de Nazaré que têm esta postura de incredulidade. O texto identifica o quando: *“sábado”* (Mc 6,2); e o motivo: *“começou a ensinar”* (Mc 6,2a)<sup>182</sup>. O efeito está em Mc 6,5: *“não podia fazer nenhum milagre”*.

Há uma manifestação cheia de tensões (Mc 6,2-3). Isto aparece através das várias perguntas endereçadas a Jesus por parte dos ouvintes: 1) A primeira põe em dúvida Jesus como mestre: *“de onde lhe vêm estas coisas?”* (Mc 6,2d) 2) A segunda tem como endereço a sabedoria de Jesus: *“e qual é esta sabedoria que lhe foi dada?”* (Mc 6,2e) 3) A terceira refere-se aos milagres realizados por Jesus, em outras palavras, como se operam em suas mãos tão grandes milagres: *“e [como] tais milagres que acontecem por suas mãos?”* (Mc 6,f). 4) Há mais duas perguntas (Mc 6,3). A quarta: *“acaso não é este o carpinteiro, o filho de Maria, irmão de Tiago, de José, de Judas e de Simão?”* (Mc 6,2g). 5) A quinta pergunta: *“não estão as suas irmãs aqui entre nós?”* (Mc 6,2h).

<sup>181</sup> O início da atividade de Jesus com o anúncio do Reino, em Marcos, suscita admiração do povo (Mc 1,22.27). Em seguida suscita, sempre mais fortemente, uma progressiva hostilidade por parte dos grupos judaicos (Mc 2,1 – 3,6). Esta atividade foi caracterizada por sucesso e expansão mais crescentes através da Palavra, com o discurso em parábolas. Depois são narrados quatro milagres (Mc 4,35 - 5,43).

<sup>182</sup> Jesus ensina (Mc 6,2a) em dia de sábado na sinagoga. Esta é a praxe de Jesus. Frequentar a sinagoga é algo muito comum (Mc 1,21; 1,39; 3,1). O motivo central que originou a reação negativa por parte dos ouvintes deve-se ao ensinamento de Jesus, mas o evangelista Marcos não apresenta nenhum dado sobre o conteúdo de tal ensinamento.

Estas perguntas têm como finalidade explicar a origem e a identidade de Jesus<sup>183</sup>.

Esta perícopre precede o envio dos Doze em missão (Mc 6,1-6a). Os habitantes de Nazaré, embora impressionados pela sabedoria e a força dos milagres operados por Jesus, permanecem ainda na incredulidade.

## **2.2. O contexto posterior da perícopre do envio dos Doze em missão (Mc 6,14-29)**

Esta narrativa é situada depois do envio dos Doze em missão e antes do seu retorno missionário. Não relata nada sobre a atividade de Jesus, mas simplesmente relata várias opiniões de Herodes sobre a identidade de Jesus (Mc 6,14-29). Elas provocaram certa crise em Herodes<sup>184</sup>. Depois é descrita a morte do precursor, João Batista (Mc 6,17-29)<sup>185</sup>.

Neste íterim, do envio dos Doze até o seu retorno, há um grande silêncio sobre a atividade missionária de Jesus, e a narrativa só recomeça após o retorno dos Doze em missão (Mc 6,30-34). Por outro lado, deve-se notar que o silêncio continua. Não há uma apresentação paralela, ou paralelismo entre o agir de Jesus e o agir dos Doze (Mc 6,14-29). Há aqui uma interrupção entre o relato do envio em missão os Doze com o seu retorno, quando apresentam o resultado do seu trabalho missionário. Este é o tempo da missão dos Doze.

## **2.3. Delimitação da perícopre do envio dos Doze em missão no Evangelho de Marcos (Mc 6,6b-13)**

Esta narrativa encontra-se no capítulo sexto, e aqui entramos numa nova fase do ministério de Jesus no anúncio do Reino de Deus na Galileia. Esta fase abrange a seção terceira da primeira parte do Evangelho de Marcos (Mc 6,6b – 8,26). Na perícopre que precede a terceira seção (Mc 6,1-6<sup>a</sup>),

<sup>183</sup> Há uma nota característica (Mc 6,5) e aparece com destaque nos Evangelhos Sinóticos. Os milagres têm como pressuposto a fé, tanto por parte do ambiente quanto daqueles que são beneficiados pelo milagre, ou por outras pessoas próximas, por exemplo, no caso da cura do paralítico (Mc 2,1-12). Ele é trazido por quatro homens (Mc 2,3-4).

<sup>184</sup> É o Herodes Antipas, filho de Herodes Magno (o Grande). Por testamento, seu pai lhe atribuiu a tetrarquia, e não a realeza (rei) da Galileia e da Peréia. Administrou a região do ano 4 aC. até o ano 39 dC. Devido à sua insistência, por ser ganancioso, impulsionado por Herodíades, foi a Roma reivindicar o título de rei. Tornou-se suspeito aos olhos dos romanos. O imperador Calígula o destituiu e ele foi deportado para a Gália. O Evangelho de Marcos (Mc 6,26) o chama de rei. Esta denominação de rei é imprópria. O seu verdadeiro título era o de tetrarca (Mt 14,1; Lc 3,19; 9,7).

<sup>185</sup> Entre o envio dos Doze em missão e o retorno deles, Marcos inseriu o relato do martírio de João Batista (Mc 6,14-29). Herodes sintetiza o poder opressor. É um líder político que trai as expectativas e as esperanças do povo sofrido, matando a voz dos sem voz. Herodes celebra a festa da vida (seu aniversário) com os poderosos, mas, para ele, viver significa condenar a morte de quem defende o povo. Ele celebra a festa da vida, matando as esperanças e as lideranças populares.

Jesus encontra-se em Nazaré. O que vem depois é o envio dos Doze em missão. Neste capítulo sexto há sete perícopes: a) Jesus em Nazaré (Mc 6,1-6a); b) A missão dos Doze (Mc 6,6b-13); c) Martírio de João Batista (Mc 6,14-29); d) O retorno da missão e Jesus se retira para “*um lugar deserto*”, com eles (Mc 6,30-34); e) A primeira multiplicação dos pães (Mc 6,35-44); f) Jesus caminha sobre o mar (Mc 6,45-52); g) Várias curas em Genesaré (Mc 6,53-56).

A preocupação desta perícopa é: onde começa e onde termina? Onde começa? Aqui reside o maior problema entre os estudiosos da Sagrada Escritura, isto é, o início da perícopa. O problema está no v. 6b: “*Ele percorria as aldeias circunvizinhas, ensinando*”. Este versículo faz parte da conclusão de (Mc 6,1-6a) ou do início de (Mc 6,7-13)?

Para alguns, como MAZZAROLO<sup>186</sup>, faz parte de Mc 6,1-6. Por outro lado, vários autores situam o texto em (Mc 6,6b) como fazendo parte da missão dos Doze. Portanto, o texto da missão seria Mc 6,6b-13. Os autores desta tese são: PESCH<sup>187</sup>; SOARES, CORREA JUNIOR e OLIVA<sup>188</sup>; GNILKA<sup>189</sup>; LENTZEN-DEIS<sup>190</sup>; STOCK<sup>191</sup>. Para eles, faz parte da perícopa da missão. Assim, a perícopa será (Mc 6,6b-13).

Na opinião de STOCK, o v. 6b não conclui a perícopa de (Mc 6,1-6a), mas, se une à perícopa (Mc 6,7-13). As razões seriam: A perícopa (Mc 6,1-6a) tem a sua conclusão; Há um certo contraste entre a ação de Jesus (Mc 6,1-6<sup>a</sup>) e em (Mc 6,6b); No texto (Mc 6,1-6) Jesus termina o seu ensinamento na sinagoga, e não se fala mais disto<sup>192</sup>.

Portanto, o texto (Mc 6,6b) é o elo que une (Mc 6,1-6a) com (Mc 6,6b-13). As razões seriam: 1) há certa semelhança entre a ação de Jesus, que percorria as aldeias e circunvizinhas, ensinando (Mc 6,6b), e a ação descrita, o envio dos Doze (Mc 6,7-13); 2) No entanto, o verbo “*proskaleitai*” προσκαλται, convocou, está no presente histórico, e isto indica um novo começo, algo que se inicia de novo (Mc 6,7)., o que está em correspondência e harmonia com o conteúdo de (Mc 6,7-13). Concluindo, o texto (Mc 6,6b) deve ser lido junto com o relato do envio dos Doze em missão.

O outro aspecto a ser considerado é que o final da perícopa termina em (Mc 6,13), pois se inicia algo totalmente diferente, com pessoas diferentes e temáticas diferentes (Mc 6,14). Os Doze são enviados e recebem a “*autoridade sobre os espíritos impuros*” (Mc 6,7), e nos versículos seguintes

<sup>186</sup> MAZZAROLO, 2012, p. 156.

<sup>187</sup> PESCH, Rudolf, *Il vangelo di Marco. Parte prima*. Paideia Editrice Brescia, 1980, p. 509

<sup>188</sup> SOARES, CORREA JUNIOR e OLIVA, 2013, p. 215.

<sup>189</sup> GNILKA, Joachim, *El Evangelio segun san Marcos*, Salamanca, Ediciones Sígueme, 1986, p. 276.

<sup>190</sup> LENTZEN-DEIS, 2003, p. 213.

<sup>191</sup> STOCK, Klemens. *Le pericope sui dodici nel Vangelo di San Marco*, P.I.B., Roma, 1975/1983, p.58.

<sup>192</sup> STOCK, Klemens. *Le pericope sui dodici nel Vangelo di San Marco*, P.I.B., Roma, 1975/1983, p.58.

fazem uso de tal poder ou autoridade, pois “*expulsavam muitos demônios*” (Mc 6,12-13).

### 3. Estrutura da perícopes do envio dos Doze em missão (Mc 6,6b-13).

Para poder perceber melhor a perícopes nas suas relações internas é de suma importância apresentar a estrutura. Na análise da forma literária da perícopes faz-se necessário apresentar algumas opiniões de autores, tais como: 1) Stock diz: “*trata-se de uma forma aberta que não é possível posteriormente ser caracterizada*”<sup>193</sup>. 2) Bultman não se ocupa da forma literária, fazendo simplesmente uma análise da estrutura da perícopes e dividindo-a desta forma: introduz os apotegmas (Mc 6,7); fazem parte da regra da comunidade (Mc 6,8-11), não se ocupa (Mc 6,12-13)<sup>194</sup>; 3) Nos seus escritos sobre este assunto, Dibelius não indica a forma literária específica desta perícopes<sup>195</sup>. Portanto, parece que a perícopes não possui uma forma literária especial<sup>196</sup>.

A estrutura será pautada tendo como fundamento os sujeitos das ações, os verbos e os seus complementos. Depois da análise da estrutura, o texto fica bem mais claro para compreensão. Na narrativa percebe-se:

O texto de Marcos é uma nota (Mc 6,6b). Um sumário da atividade de Jesus<sup>197</sup>. A partir de (Mc 6,7-13) há claramente dois sujeitos dos verbos principais. Um é Jesus (Mc 6,7-11) e o outro são os Doze (Mc 6,12-13).

É necessário fazer uma observação (Mc 6,7). O texto pode ser dividido em duas partes bem claras: uma, onde aparecem três verbos principais de natureza bem diferente: “convocar”, “começar” e “enviar”; outra parte, em que os Doze recebem a missão com autoridade: “*dando-lhes a autoridade*”.

Para uma melhor compreensão, se faz necessário estruturar o texto. Será adotada a estrutura feita por Stock, K.<sup>198</sup>. Nesta leitura deixa-se de

<sup>193</sup> STOCK, Klemens. *Le pericope sui dodici nel Vangelo di San Marco*, P.I.B., Roma, 1975/1983, p. 69.

<sup>194</sup> BULTMANN, R. *Die Geschichte der synoptischen tradition*, pg. 155s

<sup>195</sup> DIBELIUS, M. *Die Formgeschichte des Evangeliums*, p. 226

<sup>196</sup> Vários estudiosos do Evangelho de Marcos não se ocupam da forma literária. MAZZAROLO, Isidoro, *Evangelho de Marcos. Estar ou não com Jesus*. Mazzarolo editor, Rio de Janeiro, 2012. LENTZEN-DEIS, Fritzleo, *Comentário ao Evangelho de Marcos. Modelo de novo Evangelização*. São Paulo, AM Edições, 2003. SOARES, Sebastião Armando Gameleira, JUNIOR, João Luiz Correa e OLIVA, José Raimundo, *Marcos, Comentário Bíblico Latinoamericano* São Paulo, Editora Santuário e Fonte Editorial, 2013.

<sup>197</sup> Ao fazer uma leitura retrospectiva do Evangelho de Marcos sobre a atividade de Jesus, pode-se fazer algumas observações: a) primeira; é um Jesus de intensa atividade e deslocamentos de um lugar para o outro (Mc 1,14; 1,39; 1,45; 3,7; 4,35; 5,1; 5,21; 6,1). b) a segunda é a sua fama, que é consequência do seu andar, do deslocar-se de um lugar para outro. A fama é como um eco que proclama as suas ações (Mc 1,28; 1,33; 1,45; 2,1-2; 2,12; 3,8; 5,20). c) A terceira é a ação típica de Jesus, que é a de ensinar. (Mc 1,21; 1,27; 2,2; 2,13; 2,15-18; 3,22-35; 4,1; 4,33-34).

lado o texto (Mc 6,6b). Ele não faz parte do envio em missão. Divide em três partes:

Primeira parte: o envio dos Doze com especiais poderes (Mc 6,7)

1. convocou a si os Doze
2. e começou a enviá-los dois a dois
3. e deu-lhes autoridade sobre os espíritos impuros

Segunda parte: há várias instruções dadas por Jesus aos missionários que são enviados sobre o seu comportamento no exercício do mandato missionário recebido (Mc 6,8-11).

1. As recomendações (Mc 6,8-9)
2. O comportamento (Mc 6,10-11)

Terceira parte: há execução da missão com um breve aceno à penitência e descreve o êxito da missão (Mc 6,12-13).

1. A pregação (Mc 6,12)
2. Os fatos de poder (Mc 6,13) <sup>199</sup>

Esta mesma estrutura é apresentado por um outro autor <sup>200</sup>. Nesta estrutura, numa análise, percebe-se que a primeira parte (Mc 6,7) com a terceira (Mc 6,12-13) são paralelas. Este paralelismo se dá com Jesus, o ensinamento de lugar em lugar no início da vida pública corresponde a pregação missionária dos Doze. O fato de Jesus dar o poder aos Doze para que expulsem os espíritos impuros corresponde aos exorcismos e curas que Jesus mesmo realizava.

A segunda parte contém as instruções missionárias, elas podem ser divididas em duas partes. A primeira as orientações para o caminho. A segunda orientações para a casa.

A estrutura se torna lógica, primeiro Jesus diz aos Doze como eles devem estar preparados quando se dispõem para irem em algum lugar. Depois se diz o que devem fazer quando estiveram ali.

<sup>198</sup> STOCK, Klemens, *Le pericope sui dodici nel Vangelo di San Marco*, P.I.B., Roma, 1975/1983, p. 58.

<sup>199</sup> Há uma outra estrutura apresentada por SOARES, CORREA JUNIOR e OLIVA, 2013, p. 215. E também, LENTZEN-DEIS, 2003, p. 214. Os dois autores, nos seus livros apresentam uma estrutura diferente, em quatro partes, nela inserem o texto (Mc 6,6b) que consiste: 1) Missão, envio e autoridade dada por Jesus aos Doze (Mc 6,6b-7); 2) As regras para as provisões de viagem (Mc 6,8-9); 3) Instruções em relação à permanência em um lugar e o comportamento em casa de rejeição do anúncio (Mc 6,10-11); 4) Informação sobre o cumprimento da missão (Mc 6,12-13).

<sup>200</sup> FOCANT, 2015, p. 252.

#### 4. As relações de Jesus para com os Doze no envio em missão (Mc 6,6b-13)

O texto de (Mc 6,6b) deve ser lido junto com (Mc 6,7-13), esta perícopes marca um novo período do ministério de Jesus na Galileia. Jesus compartilha à sua pregação e as suas curas com os Doze. A missão dos Doze, as suas diversas atividades é uma extensão do ministério próprio de Jesus de ensinar e curar<sup>201</sup>. Há no texto uma ênfase e uma subordinação dos interesses materiais e físicos em prol da tarefa missionário da pregação

Os elementos essenciais que aparecem no início do texto (Mc 6,7), são: A iniciativa parte de Jesus, é ele quem convoca<sup>202</sup>, e diz quantos, “Doze”, sem mencionar as características, as qualidades dos convocados; É Jesus quem dá a autoridade a este grupo dos Doze, e a sua finalidade é sobre os espíritos impuros; Jesus convoca “os Doze”, e são enviados e a saída para a missão é feita em grupo “de dois a dois”.

As relações de Jesus com os Doze estão expressas pelo verbo convocar. Exprime a autoridade de Jesus sobre os Doze e a sua preferência por eles. Nos mostra quem convoca e qual é a relação entre Jesus e os convocados. Ele é o seu Senhor. Esta convocação exprime não só uma relação de subordinação, mas principalmente de preferência e de predileção. Os convocados de forma direta, são convocados a escutar e a obedecer, mas também de estar junto, perto de quem convoca. Aquele que aceita a convocação se coloca a disposição e entra em comunhão com aquele que convoca. Há uma reciprocidade entre Jesus e os Doze<sup>203</sup>.

A relação ἀποστέλλειν δύο δύο “enviou de dois a dois” (Mc 6,7)<sup>204</sup>. O envio dos Doze em duplas, aparece também no texto do Evangelho de Mateus (Mt 10,2-4), embora Mateus chame os Doze de apóstolos, “estes são os nomes dos doze apóstolos” (Mt 10,2). Esta prática aparece na Igreja

<sup>201</sup> SOARES, CORREA JUNIOR e OLIVA, 2013, na p. 215 afirma “aqui os Doze é princípio do novo povo, são os novos patriarcas das 12 tribos do povo de Deus e são os personagens representativo de todo esse povo, são encarregados do anúncio da Boa Nova.

<sup>202</sup> Merece atenção o verbo convocar, “convocou” προσκαλείται. Na sua forma no infinito ocorre duas vezes, uma na constituição dos Doze (Mc 3,13) e a outra no nosso texto (Mc 6,7), o envio em missão deste grupo. Pode-se deduzir que a convocação mesma tenha um significado próprio e não uma mera preparação.

<sup>203</sup> Recordando. O verbo convocar apareceu (Mc 3,13 e14), duas vezes. A partícula, ἵνα no sentido de finalidade, de objetivo também apareceu duas vezes (Mc 3,14).

<sup>204</sup> Fazendo uma análise comparativa entre os três Sinóticos se constata: Este tipo de composição em grupos de dois a dois não aparece (Mt 10,5) e nem (Lc 9,1-2), mas se refere a um outro lugar (Lc 10,1), fala da missão dos setenta e dois discípulos. Há outras citações onde se fala do envio por parte de Jesus um grupo para uma determinada missão (Mc 11,1; 14,13). Esta prática é usada por João Batista que envia dois discípulos (Jo 1,37; Lc 7,18-20). Na igreja primitiva também faz uso deste costume: 1) Pedro e João (At 8,14); 2) dois homens (At 9,38); 3) Paulo e Barnabé (At 13,2.4); 4) Judas e Silas (At 15,27); 5) Paulo e Marcos (At 15,39); 6) Timóteo e Erasto (At 19,22). Portanto, a missão de dois a dois é um dado muito forte e fundamental no livro dos Atos dos Apóstolos, na vida da Igreja Primitiva.

posterior (At 13,1-3) <sup>205</sup>. Esta prática de viajar em grupo “*de dois a dois*” é judaica. No Antigo Testamento são necessárias duas ou três testemunhas para que uma declaração tenha valor e seja definitiva. A palavra de uma única pessoa não é suficiente <sup>206</sup>. Duas ou três testemunhas servem para fundamentar e confirmar um fato, ou acontecimento que até o momento não é imediatamente aceitável. Os grupos de “*dois a dois*” mostram e explicam que são enviados por Jesus e dão testemunho da verdade da sua mensagem. A companhia é importante para uma mútua integração, para a proteção, para o intercâmbio de experiências e de trabalho. Não devem trabalhar sozinhos, mas sair e pregar em grupo.

A relação de autoridade (Mc 6,7) ἐδίδου αὐτοῖς ἐξουσίᾳ “*dava a eles autoridade*”. Os Doze recebem autoridade. Aqui emerge a pergunta, esta autoridade foi dada separadamente no grupo de dois a dois ou foi dada num único ato de Jesus a todo o grupo dos Doze? Como resposta tomo a opinião de STOCK, “*provavelmente o sentido é que Jesus confere separadamente, isto é, cada grupo recebe esta poder, autoridade, eles não receberam todos juntos mediante um único ato de Jesus*”<sup>207</sup>. Quanto ao exercício da autoridade ἐξουσίαν, os Doze são os senhores dos “*espíritos impuros*”, tem autoridade indeterminada. Dois textos falam da autoridade (Mc 3,15 e 6,7).

A ação dos Doze é a mesma de Jesus. A sua ação não consiste somente pela palavra, anunciar, proclamar, falar, mas também pelo poder, “*expulsavam demônios e curavam muitos enfermos, ungiendo-os com óleo*” (Mc 6,13). Deve-se ter em mente que a ação dos Doze é um agir mandado e autorizado e dependente de Jesus, e nunca algo espontâneo, sem serem autorizados e enviados.

No momento da missão os Doze recebem do seu mestre uma série de recomendações, isto é, instruções sobre o seu comportamento de viagem. Portanto, as relações de Jesus com os Doze se dá por uma série de recomendações. Estas recomendações são introduzidas por um comando de Jesus, καὶ παρήγγειλεν αὐτοῖς “*e ordenou a eles*” (Mc 6,8). Quais são as ordens ou recomendações? Nada levar pelo caminho: não pão, nem sacola, nem dinheiro no sinto, não duas túnicas (aqui se deduz pelo texto que podem levar uma). Podem levar um bastão (cajado), andar calçados de sandálias<sup>208</sup>.

<sup>205</sup> MARCUS, Joel, *El Evangelio según Marcos*, Volume I, Ediciones sígueme Salamanca, 2011, na p. 443 diz: “*Não sabemos se a Igreja seguiu observando uma prática que tinha sido própria de Jesus ou se é uma prática posterior da Igreja que foi projetada para trás, para o ministério de Jesus*”.

<sup>206</sup> Através de vários textos do Antigo Testamento (Dt 17,6; 19,15; Nm 35,30) é possível estabelecer que na história do povo de Israel, os fatos, acontecimentos eram confirmados pelo menos por duas testemunhas.

<sup>207</sup> STOCK, 1975/1983, p. 64.

<sup>208</sup> Cabe uma pergunta. Qual o sentido destas instruções, orientações do levar e não levar para a missão? Os enviados (os Doze) devem estar totalmente orientados e preocupados com a sua atividade, que é a pregação. Da mesma forma, por ocasião de sua vocação deixaram tudo (Mc 1,18.20; 3,14) também, agora devem estar inteiramente livres para a sua missão, devem ir ao encontro dos ouvintes de mãos vazias, sem

Portanto, o texto especifica o que não devem levar e também o que podem. Os Doze precisam partir com grande desapego, com muita simplicidade, com sobriedade e pobreza.

A relação dos Doze para com Jesus. Eles executam o mandato do Mestre. Colocam logo em execução o pedido do Mestre. O evangelista Marcos não detalha os dados. O território, isto é, o lugar onde se desenvolveu o trabalho é possível supor que eles não andaram além da GALILEIA. A duração do seu trabalho, não diz nada. Mas no mesmo capítulo Mc 6,30 fala do regresso. Assim deixa supor que entre a partida e o retorno passou-se algum tempo.

Em Marcos *“eles proclamaram que se convertessem”* (Mc 6,2) é um resumo da pregação dos Doze e lembra o resumo da pregação de Jesus (Mc 1,14-15). Aqui aparece o conteúdo da pregação dos Doze, ele é limitado, consiste simplesmente que μετανοώσιν *“se convertessem”*, ou se arrependessem. Este versículo salienta também que os Doze compartilham a mesma missão de Jesus. No entanto, faziam de modo diferente de Jesus, ήλειθον έλαιώ *“ungiam com óleo muitos doentes”*. Eles usavam o óleo, que era um medicamento comum na época. Ungir com óleo, normalmente com óleo de oliveira, era uma prática muito ampla na antiguidade com uma finalidade medicinal (Lc 10,34). Durante a vida pública Jesus nunca aparece curando mediante a unção com óleo que aparece na missão dos Doze (Mc 6,13). Mas na Igreja primitiva praticava esta ação como aparece na Carta de Tiago (Tg 5,14-15).

---

grande aparato. Devem estar perfeitamente convictos que eles tem somente uma coisa, o anúncio e a autoridade.

## 4. O RETORNO DOS APÓSTOLOS (“OS DOZE” τοῦς δώδεκα) EM MISSÃO (Mc 6,30-34)

### 1. Introdução

Esta perícopé separa o relato do martírio de João Batista (Mc 6,14-29) do relato da primeira multiplicação dos pães (Mc 6,35-44). No texto desta perícopé não aparece a expressão “os Doze”, mas fala de “os apóstolos” (Mc 6,30). O texto afirma “os apóstolos reuniram-se com Jesus” (Mc 6,30), poderíamos traduzir “os que foram enviados reuniram-se com Jesus. Através da informação breve do retorno dos apóstolos com o relato do envio fica claro que esta perícopé se refere aos Doze (Mc 6,31). Os Doze que foram enviados, agora retornam em missão. Diz Légasse “É igualmente claro que o relato do envio dos Doze corresponde aquele do seu retorno (Mc 6,30-33), e os dois textos (Mc 6,6b-13 e 6,30-34) contribuem dessa forma a uma primeira unidade literária na secção (Mc 6,6b – 8,26)”<sup>209</sup>. O texto (Mc 6,30) em primeiro lugar retoma a narrativa que foi interrompida na cena do envio dos Doze em missão (Mc 6,6b-13). É o reinício, volta em cena os Doze com Jesus. Em segundo lugar conclui a narrativa da missão dos Doze, todo grupo retorna da missão e volta à Jesus.

Os Doze, enviados antes por Jesus, agora voltam da sua atividade muito satisfeitos, “contaram tudo quanto tinham feito e ensinado”. A atuação e o ensinamento dos enviados “tudo o que haviam feito e ensinado” (Mc 6,30) há uma relação imediata (Mc 6,12-13). Os Doze, aqui são chamados de apóstolos<sup>210</sup>, se reúnem ao redor de Jesus para anunciar *tudo o que tinham feito e ensinado*” (Mc 6,30), no transcorrer da missão que fora confiada a eles<sup>211</sup>. Os apóstolos continuam, prolongam o ensinamento de Jesus e o objeto de sua proclamação, isto é, a conversão, já anunciada anteriormente (Mc 6,12). É importante observar o pronome “tudo”, se insiste sobre o fato que o relato apresentado a Jesus é completo, não há outro. Neste intervalo, durante a missão dos Doze, Marcos (Mc 6,14-29) narra a morte do precursor, João Batista<sup>212</sup>.

A última vez, que foi mencionado o nome Jesus foi em Nazaré, “e Jesus lhes dizia” (Mc 6,4). Agora com o retorno da missão dos Doze coloca em destaque o nome de Jesus. “Reuniram-se com Jesus” (Mc 6,30). “E ele (Jesus)

<sup>209</sup> LÉGASSE, Simon. *Marco, Edizioni Borla*, Roma, 2000, p. 306.

<sup>210</sup> O termo Apóstolo aparece no Evangelho de Mateus no momento da constituição dos Doze, diz “estes são os nomes dos doze apóstolos” (Mt 10,2). E, também no Evangelho de Lucas na constituição dos Doze, eles são designados de apóstolos diz *chamou os discípulos e dentre eles escolheu Doze, aos quais deu o nome de apóstolos*” (Lc 6,13).

<sup>211</sup> FOCANT, Camille, *Il vangelo secon do Marco*, Cittadella Editrice, Assisi, 2015, na p. 272 diz, *no Evangelho de Marcos é o único relato em que a ação de ensinamento é atribuída a alguém que não seja o próprio Jesus*”.

<sup>212</sup> Marcos, aqui usa de um procedimento literário. Enquanto os Doze são enviados e estão em missão, narra a morte de Joao Batista (Mc 6,17-29). Agora os Doze retornam da missão e contam a Jesus o que fizeram e ensinaram.

*lhe disse*. “eles (Jesus e os Doze) não tinham tempo para comer” (Mc 6,31). “E foram (Jesus e os Doze) de barco” (Mc 6,32). “Os (Jesus e os Doze) viram partindo” (Mc 6,33). “Jesus viu uma grande multidão” (Mc 6,34). Destaca-se a insistência de apresentar Jesus em cada um dos versículos. Com o retorno “os Doze” em missão são convidados por Jesus, a um repouso, “*vinde somente vós, em particular, para um lugar deserto, e descansai um pouco*” (Mc 6,31). A expressão “*um lugar deserto*” é característica do Evangelho de Marcos e expressa duas temáticas. Uma Jesus se retira, separa, isola com seus discípulos (Mc 4,10.34). A outra é a residência de Jesus no deserto (Mc 1,23-13. 35. 45). Estas frases reaparecem “*a um lugar deserto*” (Mc 6,32) e, “*o lugar é deserto*” (Mc 6,35).

Esta narrativa (Mc 6,30-34) tem como primeira finalidade descrever o retorno dos Doze, o resultado de sua primeira experiência missionária que viveram: “*Se reuniram com Jesus e lhe contaram tudo quanto tinham feito e ensinado*” (Mc 6,30). A segunda finalidade contém vários elementos e todos eles preparam o ambiente da primeira multiplicação dos pães e dos peixes (Mc 6,35-44). A saída dos Doze com Jesus a um lugar deserto e a chegada “*de uma grande multidão e teve compaixão deles, pois eram como ovelhas que não tem pastor*” (Mc 6,34). Esta retirada a um lugar deserto já apareceu na narrativa, “*Jesus saiu e foi para um lugar deserto*” (Mc 1,35) e “*ficava fora, em lugares desertos*” (Mc 1,45). Prepara o relato a seguir da multiplicação dos pães e dos peixes assim se torna urgência de uma realidade. Esta observação serve no contexto presente para preparar a comida que virá logo a seguir. O retorno dos Doze da missão está intimamente relacionada com a presença da multiplicação dos pães e dos peixes. Esta perícopos faz ver que os Doze depois do retorno da missão são os companheiros e convidados de Jesus. Eles estão presentes na primeira multiplicação dos pães e dos peixes<sup>213</sup>.

Jesus é apresentado nesta narrativa como o bom pastor. Ele se preocupa com o descanso dos Doze “*vinde somente vós, em particular para um lugar deserto e descansai um pouco*” (Mc 6,31) No início do Evangelho de Marcos o deserto é apresentado como lugar característico de Jesus (Mc 1,12-13; 1,35; 1,45). Agora, Ele se preocupa para que os Doze tenham “*um tempo para comer*” (Mc 6,31). Preocupa-se pela grande multidão *ἐσπλαγχνίσθη ἐπ' αὐτούς*, “*compadeceu-se deles*” (Mc 6,34). Significa comover-se até as entranhas. Solidarizar-se de um modo profundo. Sentir a partir do outro. É sofrer com. Jesus se identifica com a multidão abandonada “*ovelhas que não tem pastor*”.

<sup>213</sup> Esta é a tese de FERNANDES, GRENZER, 2012, pp. 109-114

## 2. Delimitação da perícopes do retorno dos Doze em missão (Mc 6,30-34)

Na passagem (Mc 6,29 com 6,30) há uma mudança radical no conteúdo narrado. Descreve o enterro de João Batista, “*vieram buscar o seu corpo e o depositaram num túmulo*” (Mc 6,29). Os apóstolos (os Doze) se reúnem com Jesus (Mc 6,30).

O texto de (Mc 6,30) retoma a ideia de (Mc 6,7) do envio, e também de pregarem, no final da perícopes da missão dos Doze (Mc 6,12-13). Em “*Convocou os Doze e começou a enviá-los*” (Mc 6,7), podemos substituir “os apóstolos” pela expressão “*os que tinham sido enviados*” (Mc 6,30)<sup>214</sup>.

Por estes dados literários e do conteúdo da narrativa bíblica, a nova perícopes começa em (Mc 6,30) e termina em (Mc 6,34)<sup>215</sup>, quando descreve que Jesus foi tomado de compaixão pela grande multidão (Mc 6,35) e começa a descrever a primeira multiplicação dos pães e dos peixes (Mc 6,35-44).

## 3. A estrutura da perícopes do retorno dos Doze em missão (Mc 6,30-34).

Observa-se a frequência da ocorrência de alguns termos: a) “deserto” (Mc 6,31b. 32<sup>a</sup>). b) “ensinar” (Mc 6,30b. 34d). c) “comer” (Mc 6,31e). e) “a sós” (Mc 6,31b.32<sup>a</sup>).

A perícopes do retorno dos Doze em missão pode ser estruturada em duas partes. A primeira em (Mc 6,30-31), com dois versículos devem ser entendido como encerramento da primeira missão dos Doze. Contaram a Jesus o que fizeram e ensinaram. Jesus reconhece o esforço dos Doze e lhe faz a proposta de irem para um lugar deserto e descansar um pouco. Ao regressarem da missão a que foram enviados (Mc 6,6b-13), Jesus apresenta-se preocupado com os Doze e faz a eles o convite para irem a um lugar deserto descansar. O lugar deserto ao qual Jesus conduz os apóstolos (os Doze) (Mc 6,31-32) é o

<sup>214</sup> O texto grego apresenta o termo “os apóstolos” οἱ ἀπόστολοι (Mc 6,30). Na tradução em português as Bíblias usam o termo apóstolos, mas em alguns comentários do Evangelho de Marcos o termo apóstolo é substituído pela expressão “*os que tinham sido enviados*”. É o caso de SOARES, CORREIA JUNIOR e OLIVA, 2013, na p. 226. O mesmo acontece com GNILKA, 1986, p. 296.

<sup>215</sup> Esta é a tese de LÉGASSE Simon, *Marcos*, Edizioni Borla, Roma 2000, na p. 327: “*a narrativa da multiplicação dos pães começa em Mc 6,35, em consideração da autonomia suficientemente evidente do primeiro relato da multiplicação dos pães ao longo do diálogo de Jesus com os seus apóstolos. Outro argumento é que Mc 6,30-34 forma uma unidade literária.* Esta mesma tese da delimitação da perícopes é defendida por MARCUS, Joel, *El evangelio según Marcos*, Volume I, Ediciones Sígueme, Salamanca 2010, nas pp. 471 e 484.

mesmo lugar onde em seguida realizará a primeira multiplicação dos pães (Mc 6,35).

A segunda parte (Mc 6,32-34). Há a chegada da multidão (Mc 6,31). Há mudança de lugar, “*foram de barco*” (Mc 6,32) e “*saindo do barco*” (Mc 6,34). Há partida e chegada de barco. E: “*desde todas as cidades correram para lá e chegaram antes deles*” (Mc 6,33). Há uma necessidade do povo: “*Jesus viu uma grande multidão e teve compaixão*” (Mc 6,34). Aqui o próprio Jesus não pôde descansar, porque percebeu a necessidade do povo. Diante deste contexto, segue-se a realização da primeira multiplicação dos pães<sup>216</sup>.

#### 4. Relações dos Doze para com Jesus (Mc 6,30)

Os Doze concluem a sua missão (Mc 6,30). O texto bíblico narra o retorno da missão. Contam a Jesus como tinha sido a sua primeira experiência missionária. Na narrativa do Evangelho de Marcos, aqui é a primeira vez que os Doze são designados com o nome de apóstolos<sup>217</sup>: “*e os apóstolos se reuniram com Jesus*”. O fato de eles retornarem a Jesus significa que eles foram enviados por Ele. Com este regresso recomeça o relato das ações por parte de Jesus, e os Doze são os destinatários principais destas ações e dos ensinamentos de Jesus.

O texto grego καί συνάγονονται πρὸς τὸν ἰησοῦν “*eles se reuniram com Jesus*” (Mc 6,30). Trata-se de um novo começo. Marcos traz de volta os Doze a Jesus. A narrativa tinha sido interrompida ao mencionar pela última vez o nome Jesus (Mc 6,4). E também tinha sido interrompida ao mencionar os Doze (Mc 6,6b-13). Isto significa que eles (os Doze) devem estar sempre junto a Jesus. Significa também que Jesus desenvolve plenamente a sua ação com a presença deles. Há uma reciprocidade.

No texto bíblico “*contaram tudo quanto fizeram e ensinaram*” (Mc 6,30), eles informaram a Jesus sobre a atuação deles na missão. Isto mostra a natureza de enviados: reuniram-se com aquele que os enviou e relataram tudo

<sup>216</sup> LÉGASSE Simon, *Marco*, Edizioni Borla, Roma, 2000, apresenta na p.327 outra estrutura do texto de Mc 6,30-34. Ele afirma que “*é possível distinguir dois elementos. Um está em Mc 6,30-32, falando o retorno dos apóstolos da sua viagem missionária, do convite de Jesus para descansar e da partida para um lugar deserto. O outro, em Mc 6,33-34, anuncia o que acontecerá em seguida, mostrando a multidão que se une a Jesus para receber dele compaixão e ensinamento. Mas as duas partes são inseparáveis, porque estão entrelaçadas em um movimento.*”

<sup>217</sup> O texto diz: “*os apóstolos se reuniram com Jesus*” (Mc 6,30). O termo apóstolo é aplicado ao grupo dos Doze. Quem se reúne com Jesus? São os Doze que foram enviados em missão (Mc 6,6b-13). Portanto, o termo apóstolo aqui é aplicado ao grupo dos Doze. É Lucas quem cunha, ou “*carimba*” os Doze como apóstolos: “*os doze apóstolos*” (Lc 6,13; At 1,26). O termo grego “os apóstolos” οἱ ἀπόστολοι significa enviados. No nosso texto (Mc 6,30), apóstolos seriam os Doze. “Os apóstolos” e “os Doze” não é a mesma coisa. Não equivale aos Doze. “Os Doze” é um grupo determinado, específico (Mc 3,13-19), formado por testemunhas oculares de Jesus. No seio do grupo bem mais amplo se encontram os apóstolos.

o que aconteceu. Fazem uma avaliação do trabalho missionário e prestam contas do que fizeram e ensinaram. Este relato feito por parte dos Doze se refere às suas ações e ensinamento: *“tudo quanto fizeram”* πάντα ὅσα ἐποίησαν. Esta fórmula aparece no contexto dos grandes feitos de Jesus (Mc 3,8; 5,19-20).

### 5. Relações de Jesus para com os Doze (Mc 6,31-34)

Jesus usa a metodologia de um grande mestre. Ele reúne os apóstolos (os Doze) e decide fazer um balanço a sós, num lugar deserto. Nesta revisão, Jesus não faz nenhuma pergunta a respeito de como tinha sido o trabalho missionário, como se sentiram, as possíveis dificuldades, alegrias e tristezas na missão.

A reação de Jesus *“vinde vós, sozinhos, a um lugar deserto”* (Mc 6,31a) é um convite e ao mesmo tempo uma ordem aos apóstolos (os Doze) para fazerem aquilo que Jesus mesmo havia feito no passado: *“levantou-se e retirou-se para um lugar deserto”* (Mc 1,35). Como Jesus fez a si mesmo, fez com eles.

Jesus convida os Doze para um lugar deserto, não para pregar, mas para descansar. Apresenta-se, pois, como bom pastor. Este convite por parte de Jesus pode ter duas interpretações: uma: como sinal de um trabalho cansativo, para que pudessem descansar; a outra, como sinal de carinho e atenção de um Jesus preocupado com os Doze, um Jesus com a dimensão humana de afeto pelo trabalho realizado pelos apóstolos (os Doze).

O texto de (Mc 6,31) destaca três elementos. Primeiro: a situação dos Doze é de intensa atividade: *“eles nem tinham tempo para comer”*. A mesma situação é enfrentada por Jesus: *“de novo a multidão se reuniu, a tal ponto de eles não poderem nem mesmo comer pão”* (Mc 3,20). Segundo: o convite para descansar foi feito ao grupo dos Doze de maneira exclusiva: *“vinde somente vós”*. Terceiro: o texto enfatiza que Jesus diz com clareza acentuada que quer distanciar-se da multidão com o grupo dos Doze: *“vinde somente vós”*.

*“Assim que ele desembarcou, viu uma grande multidão”* (Mc 6,34). Jesus viu. Aqui se fala somente de Jesus diante da multidão: *“ficou tomado de compaixão por eles, pois estavam como ovelhas sem pastor”* (Mc 6,34). Esta situação provoca em Jesus uma emoção interior: *“foi tomado de compaixão pela multidão”*.

A situação tanto dos Doze quanto de Jesus não é tranquila: *“Jesus viu uma grande multidão e teve compaixão deles”* (Mc 6,34). E mais: *“eram como ovelhas que não tem pastor”*. Diante desta situação e constatação, há em seguida a primeira multiplicação dos pães e dos peixes (Mc 6,35-44). Assim se

conclui a narrativa do envio em missão e compõe-se um novo cenário para o que vai acontecer em seguida. A multidão invade o espaço, Jesus tem compaixão<sup>218</sup>, e apresenta o motivo da situação “*como ovelhas sem pastor*”.

Nesta perícope do retorno dos apóstolos (os Doze) da missão há dois detalhes importantes. Um deles (Mc 6,30) é neste versículo, o único lugar no Evangelho de Marcos onde são chamados de “apóstolos”, que retornam da missão. O outro é o único lugar onde se diz que alguém distinto de Jesus ensinava. Os Doze foram capazes de ensinar e de realizar obras milagrosas precisamente porque foram enviados por Jesus, dotados da mesma autoridade.

Fazendo uma análise detalhada (Mc 6,30-34), percebe-se que emerge uma carência de quatro temas: a) O repouso (Mc 6,31); b) Há necessidade de um tempo para comer (Mc 6,31); c) De um lugar de deserto, afastado (Mc 6,32) e d) De organização da multidão (Mc 6,34).

Esta perícope salienta diversos aspectos: a participação dos Doze no ministério de Jesus: “*contaram-lhe tudo o que tinha feito e ensinado*” (Mc 6,30); o entusiasmo popular em relação a Jesus: há “*uma grande multidão*” (Mc 6,34); a atitude de Jesus para com esta multidão: “*ficou tomado de compaixão por eles*” (Mc 6,34). Depois do retorno do envio missionário por Jesus, agora os Doze são acompanhadores e convidados por Jesus, e estão presentes na primeira multiplicação dos pães e dos peixes (Mc 6,35-44). Em (Mc 6,35) eles são identificados como discípulos. Em (Mc 6,7) os Doze aparecem. Em (Mc 6,30) são identificados como apóstolos. Em (Mc 6,35) são identificados como discípulos. Em Marcos (Mc 6,7) não há mudança de auditório em relação ao grupo. Os Doze são identificados como apóstolos e discípulos.

---

<sup>218</sup> A expressão “*compadeceu-se deles*”(Mc 6,34) aparece em outros lugares no Evangelho de Marcos, “*movido de compaixão e estendendo a própria mão, Jesus o tocou e lhe disse: quero*” (Mc 1,41). Em Marcos “*tenho compaixão da multidão*” (Mc 8,2). Outro lugar “*ajuda-nos, tem compaixão de nós*” (Mc 9,22). Nestes quatro textos sobressai a ideia comum em relação ao tema da “*compaixão*”. A compaixão é por alguém, e está relacionada às pessoas.

## 5. A PRIMEIRA MULTIPLICAÇÃO DOS PÃES (Mc 6,35-44)

### 1. Breve recapitulação: As atitudes de Jesus

O ponto de partida é quando Jesus constituiu “os Doze” para “*enviá-los a pregar*” (Mc 3,14). Em seguida este grupo dos Doze foram “*enviados dois a dois*” (Mc 6,7) para executarem a missão do envio. Depois os Doze retornam das atividades e relatam a Jesus tudo o que acontecera (Mc 6,30). Portanto, temos o envio em missão, seu efeito, o retorno a Jesus.

A partir de (Mc 6,34) o texto bíblico começa a descrever a situação de abandono da “grande multidão” que corria ao encontro de Jesus. Neste versículo temos uma série de atitudes de Jesus: desembarca; vê uma grande multidão; fica tomado de compaixão; a multidão estava como ovelhas sem pastor; Jesus começou a ensinar-lhes muitas coisas.

As atitudes de Jesus diante desta “grande multidão” são o sentimento mais profundo que se aplica a Deus e a Jesus nos Evangelhos. O verbo original grego é *ἐσπλαγγίσθη ἐπ' αὐτούς*: “compadeceu-se deles”<sup>219</sup>. Este verbo expressa uma comoção das entranhas, que representam a sede do amor, da misericórdia e da vida<sup>220</sup>. Jesus sentiu compaixão, comoveu-se todo o seu ser, sua alma e seu corpo, pela dor e abandono de suas ovelhas. A misericórdia-compaixão está sempre precedida de um “ver” que leva a um “atuar”. Não é um mero sentimento de lástima, de ficar com dó. A compaixão nunca fica no dolorismo ou na queixa, mas leva à decisão de libertar quem está oprimido pelo mal. É isto o que caracteriza a natureza divina das obras de Jesus. Ao reagir dessa maneira, o pai, o samaritano, e Jesus, o rei, tornam presente a misericórdia divina, conforme as duas notas de rodapé anteriores.

### 2. Os “discípulos” em Mc 6,35 são os Doze?

Em Marcos Jesus “*chamou a si os Doze*” (Mc 6,7). Os que se reuniram com Jesus são οἱ ἀπόστολοι “os apóstolos” (Mc 6,30). O texto bíblico poderia ser traduzido como “*os que foram enviados se reúnem junto a Jesus*”<sup>221</sup>. Estes apóstolos são os Doze. Não há mudança entre o envio e o

<sup>219</sup> Esta temática da compaixão aparece em vários lugares nos Evangelhos. Em Lucas, na parábola do filho pródigo (15,11-32): “*ele estava ainda longe, quando o pai viu-o, encheu-se de compaixão*” (Lc 15,20). Em Lucas, na parábola do bom Samaritano (Lc 10,29-37): o samaritano “*chegou junto dele, viu-o e moveu-se de compaixão*” (Lc 10,33). Na ressurreição do filho da viúva de Naim (Lc 7,11-17), ao ver a viúva de Naim, Jesus “*ficou comovido*” (Lc 7,13). Também em Mateus, na parábola do devedor implacável, o rei se compadece do servo endividado (Mt 18,23-35) e “*o senhor, compadecendo-se do servo*” (Mt 18,27).

<sup>220</sup> Este verbo significa entranhas. É um sentimento emocional forte, que poderia ser traduzido por “*sentiu uma ternura vinda das entranhas*”. É uma comoção íntima que afeta o centro da pessoa.

<sup>221</sup> Esta é a tradução feita por GNILKA, na p. 296. A mesma ideia na tradução é feita por SOARES, CORREIA JUNIOR e OLIVA, 2013, p. 226.

retorno deste grupo dos Doze. Aparece οί μαθηταί “os discípulos que se aproximam de Jesus e disseram” (Mc 6,35). Retomando, o texto (Mc 6,34) apresenta Jesus com várias reações. A primeira: “desembarcou”; a segunda diante da “grande multidão”: “ficou tomado de compaixão”. Aqui é revelado o porquê: “estavam como ovelhas sem pastor”. A terceira “começou a ensiná-lhes muitas coisas”. Sobressai um relacionamento envolvente entre Jesus, os Doze, e a grande multidão (Mc 6,34).

No Evangelho de Marcos fala “os discípulos” (Mc 6,35). Quem são eles? São os Doze ou um grupo maior? DENIS, diz: “a multiplicação dos pães é um milagre destinado aos Doze, a multidão não é o ponto alto”<sup>222</sup>. AZEVEDO, diz “Este milagre da multiplicação dos pães parece querer indicar aos Doze o nível e o alcance de seu comprometimento nesse referencial que provoca em Jesus compaixão e dele recebe um tratamento especial”<sup>223</sup>. Há mais um argumento. Lendo o relato do milagre, percebe-se que é muito forte a ordem dada por Jesus: “dai-lhe vós mesmos de comer” (Mc 6,37).

O autor do texto bíblico, no caso Marcos, ou a comunidade de Marcos, quer unir/ligar o retorno dos Doze com a primeira multiplicação dos pães<sup>224</sup>. Jesus faz com que os Doze entrem no grande cenário no qual Ele é o pastor. Os Doze são instruídos acerca de como se desempenha o papel de pastor. Assim há riquíssima perspectiva do relacionamento Jesus com os Doze. Eles foram convocados por Jesus “para estar com Ele e enviá-los a pregar” (Mc 3,14). É a grande multidão que define com profundidade o relacionamento de Jesus com os Doze (Mc 6,34). Portanto, οί άπόστολοι os “apóstolos” são os Doze (Mc 6,30). Em Marcos οί μαθηταί “os discípulos” são os Doze (Mc 6,35).

### 3. A primeira multiplicação dos pães (Mc 6,35-44)<sup>225</sup>

A partir do momento do envio dos Doze em missão (Mc 6,6b) até (Mc 8,21) Jesus é incompreendido pelos Doze e pelos discípulos. É possível

<sup>222</sup> DENIS, A. M. “La section des pains selon S. Marc (6,30 – 8,26) une théologie de l’Eucharistie”, em *Studia Evangelica IV*, TU 102, Berlin, 1968, página 173.

<sup>223</sup> AZEVEDO DE, Dom Walmor Oliveira, *Comunidade em missão no Evangelho de Marcos*, São Paulo, Edições Loyola, 2002, p. 184.

<sup>224</sup> Alguns autores, nos seus comentários ao Evangelho de Marcos, unem as duas perícopes, a do retorno em missão com a da multiplicação dos pães. O texto seria um só, sem divisão (Mc 6,30-44). Alguns dos defensores desta tese são: FOCANT, Camille, *Il vangelo secondo Marco*, Cittadella Editrice, Assisi, 2015, p. 270, quando diz “Jesus e os discípulos dão a comer a cinco mil homens” (Mc 6,30-44). Outro é GNILKA, Joachiim, *El Evangelio segun San Marcos Vol. I*, Ediciones sikueme, Salamanca, 1986., p. 296, tem como título “o limento dos cinco mil” (Mc 6,30-44). Outro, FERNANDES, e GRENZER *Evangelho segundo Marcos. Eleição, partilha e amor*, mês da Bíblia 2012, São Paulo, Paulinas 2012, p. 107: o título é a multiplicação dos pães (Mc 6,30-44).

<sup>225</sup> GNILKA, Joachiim, *El Evangelio Segun San Marcos, Vol. I*. desenvolve um juízo histórico da primeira multidplicação milagrosa dos pães. O autor apresenta uma série de opiniões. pp. 305-309.

estruturar estes capítulos em três seções: a primeira enfoca os Doze enviados em missão e o seu retorno (Mc 6,6b-34); a segunda caracteriza-se por milagres de Jesus e uma controvérsia com os fariseus (Mc 6,35 – 7,23); a terceira seção caracteriza-se por milagres e mais uma controvérsia com os fariseus (Mc 7,24 – 8,21) <sup>226</sup>.

Os capítulos (Mc 6,6b – 8,21) caracterizam-se pela grande quantidade de narrativas tendo como tema as relações dos Doze e dos discípulos para com Jesus. Estas relações denotam incompreensão, o não entendimento por parte dos Doze e dos discípulos. Vamos enumerar as relações: 1) o envio dos Doze em missão (Mc 6b-13) e *“chamou a si os Doze e começou a enviá-los dois a dois”* (Mc 6,77). 2) o retorno em missão dos Doze (Mc 6,30-34), e *“vinde vós, sozinhos, a um lugar deserto e descansai um pouco”* (Mc 6,31). 3) São os Doze que estão presentes na primeira multiplicação dos pães (Mc 6,35-44), e *“o lugar é deserto e a hora já muito avançada”* (Mc 6,35). E *“iremos nós e compraremos duzentos denários de pão para dar-lhes de comer?”* (Mc 6,37). 4) Jesus caminha sobre o mar (Mc 6,45-52) e *“Eles, porém vendo-o caminhar sobre o mar, pensaram que fosse um fantasma e começaram a gritar, pois todos o viram e ficaram apavorados”* (Mc 6,49). 5) O tema do puro e do impuro (Mc 7,14-23) e *“E ele lhe disse: Assim também vós sois insensatos? Não sabeis que tudo o que de fora entra no homem não pode contaminá-lo”* (Mc 7,18). 6) A segunda multiplicação dos pães (Mc 8,1-10) e *“Como alguém conseguirá saciá-los com pães, aqui neste lugar deserto?”* (Mc 8,4). 7) Fermento dos fariseus e de Herodes (Mc 8,14-21) e *“por que discutis que não tendes pães? Ainda não compreendeis, nem entendeis? Tendes o coração endurecido?”* (Mc 8,17).

Neste bloco de capítulos (Mc 6,35 – 8,22) há um esquema estrutural idêntico dividido em duas seções. Uma seção (Mc 6,35 – 7,23) e a outra (Mc 7,24 - 8,21). Há um paralelismo em cada uma das seções:

Mc 6,35 – 7,23	Mc 7,24 - 8,21
Mc 6,35-44 Primeira multiplicação dos pães.	Mc 8,1-9 Segunda multiplicação dos pães
Há um milagre Mc 6,45-52 Jesus caminha sobre o mar	Há dois milagres. Um Mc 7,24-30 a mulher siro-fenícia. O Mc 7,31-37 Cura do surdo-gago
Mc 6,53-56 Curas na região de Genesaré	Mc 8,10b Foi para a região de Dalmanuta

<sup>226</sup> Esta estrutura se encontra em BROWN, Raymond E. – FITZMYER Joseph A. – MURPHY, Roland E. *Novo comentário bíblico São Jerônimo. Novo Testamento e artigos sistemáticos*. São Paulo, Paulus e Academia Cristã, 2011 pp. 89-99. Esta mesma estrutura se encontra em MARCUS Joel, *El Evangelio Según Marcos Mc I – 8, Volume I*, Ediciones Sígueme, Salamanca, 2010, p. 441.

Mc 7,1-23 Controvérsia com os fariseus sobre a pureza ritual.	Mc 8,11-13 Controvérsia com os fariseus sobre os sinais
	Mc 8,14-21 A incompreensão dos discípulos é apresentada por Jesus através de uma série de perguntas.

Desta análise comparativa fica evidente que há alguns fatos com a mesma temática que se destacam em cada uma das partes: 1) Multiplicação dos pães em cada uma das seções. 2) Há milagres em cada uma das seções. 3) Há controvérsias com os fariseus. Portanto, os temas presentes nas seções são: a multiplicação dos pães – milagres – controvérsias.

#### 4. Delimitação da perícopa da primeira multiplicação dos pães (Mc 6,35-44)<sup>227</sup>

Entre os versículos (Mc 6,34) e (Mc 6,35) há mudança de situação. No 6,34 são apresentadas várias atitudes de Jesus para com a grande multidão: “*teve compaixão*” e “*ensinava muitas coisas*”. Começa falando da mudança de tempo cronológico: “*a hora já muito adiantada*” (Mc 6,35). Há a fala dos “*seus discípulos*” (os Doze)<sup>228</sup>. Os Doze falam a Jesus das condições daquele momento. São dois problemas: um é mencionado duas vezes e com um qualificativo “muito” “*hora já muito adiantada*” e o “*lugar deserto*”. Por esses dados se deduz que a narrativa da multiplicação dos pães começa em (Mc 6,35).

Quanto ao final da narrativa da primeira multiplicação dos pães, ela termina em (Mc 6,44). Este versículo fala do comer e de quantas pessoas estavam presentes. Há uma série de informações. A frase começa por um advérbio εὐθύς “*imediatamente*”, “*logo*” (Mc 6,35), que também apareceu em (Mc 1,18), quando os dois primeiros discípulos deixaram as redes. Em seguida há uma ordem dada por Jesus aos Doze: “*embarcarem e seguirem antes dele para Betsaida*”. Há mudança de lugar geográfico “*para Betsaida*”. A partir de (Mc 6,45) há mudança de temática: agora o gênero literário parece ser uma epifania<sup>229</sup>.

<sup>227</sup> FERNANDES, GRENZER 2012, pp. 107-127. É um excelente comentário sobre a multiplicação dos pães (Mc 6,30-44), mas os autores não trabalham as relações dos Doze para com Jesus nem as relações de Jesus para com os Doze.

<sup>228</sup> Na narrativa do texto não aparece a expressão “*os Doze*” nem o nome de alguns dos Doze. Aparece sim, duas vezes, a mesma expressão “*os discípulos*” (Mc 6,35.41). Aparecem os pronomes “*vós*” e “*eles*”, e também os verbos na primeira pessoa do plural “*disseram*” e “*responderam*” (Mc 6,37-38). Por esses dados pode-se interpretar que eram os Doze que estavam presentes desde o envio em missão (Mc 6,6b-13) e o retorno (Mc 6,30), e agora estão presentes na primeira multiplicação dos pães. A partir de agora, no estudo desta perícopa, a primeira multiplicação dos pães, sempre vai ser usada a expressão “*os Doze*”.

<sup>229</sup> LÉGASSE, Simon, *Marco*, Edizioni Borla, Roma, 2000, p. 334, adota a mesma delimitação, que se encontra também em BROWN, Raymond E. – FITZMYER Joseph A. – MURPHY, Roland E. *Novo*

## 5. Estrutura da perícopre da multiplicação dos pães (Mc 6,35-44)

É possível estruturar a narrativa da primeira multiplicação dos pães<sup>230</sup> (Mc 6,35-44) em três partes<sup>231</sup>.

Primeira parte da narrativa (Mc 6,35-38): Os Doze apresentam a difícil situação em que se encontrava a grande multidão: “*a hora já muito adiantada*” e o “*lugar deserto*”. Eles ficam preocupados e pedem a Jesus para despedir a grande multidão. No diálogo com Jesus, não conseguem perceber os objetivos do Mestre. Eles pensam que no deserto não é possível conseguir comida para a grande multidão, mas recebem de Jesus o encargo: “*dai-lhes vós mesmos de comer*” (Mc 6,37). Diante desta ordem de Jesus levam um susto, pois dizem: “*iremos nós e compraremos duzentos denários de pão para dar-lhe de comer?*” (Mc 6,37).

Na segunda parte (Mc 6,39-41), Jesus pede aos Doze que acomodem a multidão em grupos. É a especificação da ordem dada por Jesus aos Doze em relação à grande multidão. Jesus dá de comer à grande multidão com o pouco de alimento que havia.

Na terceira parte (Mc 6,42-44), é a apresentação do êxito do milagre. Os Doze comprovam o que aconteceu através das sobras de doze cestos cheios dos pedaços de pão e de peixes e das pessoas que estavam presentes: “*cinco mil homens*”<sup>232</sup>.

## 6. Relações dos Doze para com Jesus na primeira multiplicação dos pães (Mc 6,35-44)

O retorno οί άπόστολοι “*os apóstolos*”. Estes apóstolos são os Doze (Mc 6,30). O texto pode ser traduzido como “*os que foram enviados em*

*comentário bíblico São Jerônimo. Novo Testamento e artigos sistemáticos.* São Paulo, Paulus e Academia Cristã, 2011 página 92. É a mesma em TAYLOR, 1977 p. 365, onde está dito: A multiplicação dos pães para cinco mil.

<sup>230</sup> Este relato da primeira multiplicação dos pães é narrado pelos quatro Evangelhos. Encontramos seis narrativas: a primeira (Mc 6,35-44), a segunda (Mc 8,1-9). Em Mateus a primeira (Mc 14,15-21) e a segunda (Mc 15,32-39). Em Lucas, a primeira (Lc 9,12-17). Em João primeira (Jo 6,1-15). Daqui se deduz que há uma segunda narrativa da multiplicação dos pães, esta é narrada somente por (Mc 8,1-9 e Mt 15,32-39). Lucas e João só tem uma aquela que sobre doze cestos.

<sup>231</sup> No entanto, CAMILLE, Focant, p. 273, divide a perícopre em duas partes. A primeira (Mc 6,35-38) é um diálogo entre Jesus e os Doze, e a segunda é a narrativa que descreve o milagre (Mc 6,39-44). A mesma estrutura em duas partes é adotada pelos autores MESTERS Carlos e LOPES Mercedes, *Caminhando com Jesus. Círculos Bíblicos do Evangelho de Marcos, Primeira parte, Mc 1,1 – 8,21.* Série “A Palavra na vida”, número 182/183. Cebi, 2003, pp.108-109 divide o texto da primeira multiplicação dos pães em duas partes. A primeira tem como título “*as diferentes atitudes diante do mesmo problema*” (Mc 6,35-38). Na segunda parte, o título é “*a solução do problema*” (Mc 6,39-44).

<sup>232</sup> LENTZEN-DEIS, 2003. Esta estrutura em três partes é adotada. p. 231.

*missão* (Mc 6,6b-13). O autor do Evangelho de Marcos demonstra a intenção de unir esse retorno com a multiplicação dos pães e à grande experiência de saciar a fome “*da grande multidão*” (Mc 6,34). Esta narrativa apresenta algumas incompreensões dos Doze:

A primeira relação dos Doze é de incompreensão: eles pedem a Jesus que suspenda o ensinamento, pois ensinava muitas coisas<sup>233</sup>. Há um diálogo dos Doze com Jesus acerca das condições daquele momento (Mc 6,35.41). Eles pedem a Jesus que suspenda o ensinamento e despeça a grande multidão por duas razões: primeira: “*a hora já [é] muito avançada*” (Mc 6,35). Duas vezes, neste mesmo versículo, esta expressão é repetida. É tarde, é preciso regressar à cidade. Segunda: “*o lugar é deserto*” (Mc 6,35)<sup>234</sup>. É preciso despedir a grande multidão para que possa comprar alimento. Neste diálogo os Doze não conseguiram entender nem perceber os propósitos de Jesus. Há entendimento errôneo dos Doze acerca de Jesus: não compreendem a situação ao apresentarem a Jesus os problemas implicados na alimentação da multidão.

Há um diálogo que trata da questão do aconselhamento feito pelos Doze a Jesus (Mc 6,35-36). Aqui temos a segunda incompreensão por parte dos Doze. Eles sugerem “*despedir a grande multidão*”. Os Doze querem determinar o que Jesus deve fazer: “*despedir a multidão para que vão aos campos e aldeias comprar alimentos*” (Mc 6,36). É para eles providenciarem para si algum alimento. Esta proposta dos Doze demonstra que eles não compreenderam quem é Jesus, nem a sua autoridade nem a sua missão. Esta reação dos Doze é meramente pragmática. Eles não perceberam que está algo de extraordinário para acontecer, que é o milagre.

A terceira relação dos Doze para com Jesus também é de incompreensão. Eles não entendem a ordem dada por Jesus “*dai-lhes vós mesmo de comer*” (Mc 6,37), que é uma ordem desafiadora. Eles não compreendem a autoridade de Jesus nem o sentido pleno de sua missão. Os Doze reagem à ordem dada por Jesus com uma pergunta: “*iremos nós e compraremos duzentos denários de pão para dar-lhes de comer*”? Em (Mc 6,37) eles pensam primeiro na quantidade de dinheiro que seria preciso

<sup>233</sup> É mais uma ação de Jesus. Diante da “grande multidão” (Mc 6,34), Jesus se põe a ensinar muitas coisas. Mais uma vez, o evangelista Marcos não nos transmite, não relata, o conteúdo do ensinamento de Jesus. Talvez a concepção do Evangelho de Marcos seja de que o ensinamento de Jesus deve levar as pessoas a atos, a ações. Só na segunda parte do Evangelho, depois da confissão de fé de Pedro (Mc 8,27-30) aparece o conteúdo do ensinamento de Jesus, principalmente após cada um dos três anúncios da paixão.

<sup>234</sup> A descrição do lugar como deserto ερημός (Mc 6,35) pode ter alguma relação com o Antigo Testamento. Assim parece que em Marcos tem um sentido teológico. O deserto é o lugar do povo de Deus, a sua libertação, e por onde caminhou durante quarenta anos. Tem relação com o maná (Ex 16,1-36). Foi o lugar da Aliança e do encontro com Deus. Ali constituiu a assembleia de Israel, que se chamou em hebraico *qahal* e que foi traduzido para o grego ἐκκλησία. Agora Jesus, junto com os Doze, volta a preparar a nova Igreja de Deus. As primícias são este povo, a “grande multidão” que irá comer o pão multiplicado por Jesus.

arrecadar. Por este questionamento dos Doze percebe-se que a *“solução apresentada por eles é fora do povo e para o povo. Jesus não busca solução fora, mas dentro do povo a partir do povo”*<sup>235</sup>. Esta pergunta feita pelos Doze já contém a proposta de solução<sup>236</sup>. Há outra ordem dada por Jesus, uma nova incumbência (Mc 6,38): *“Quantos pães tendes?”* Os Doze respondem: *“cinco pães e dois peixes”*. Ele *“ordenou-lhes então que fizessem todos se acomodarem em grupos de convivas, sobre a grama verde”* (Mc 6,39). Ao distribuírem, *“deu-os aos discípulos para que lhes distribuíssem”* (Mc 6,41) o pão e os peixes, e, ao fazerm este gesto, acontece nas suas mãos a multiplicação do alimento. Depois disso, as atitudes dos Doze de reunirem as sobras experimentaram o contrário do que eles haviam esperado no início, pois participaram da ação poderosa de Jesus.

Jesus não aceita as propostas oferecidas pelos Doze. A primeira foi: *“despede-os”* (Mc 6,36); a segunda: *“iremos nós e compraemos duzentos denários de pão para dar-lhes de comer?”* (Mc 6,37)<sup>237</sup>. Jesus não aceita a proposta dos Doze. Pergunta quantos pães e peixes eles tinham consigo. A resposta foi: *“cinco pães e dois peixes”* (Mc 6,38). Jesus exige que ponham confiantemente à disposição dele o pouco que aparentemente possuem e ordena que a grande multidão se assente em grupos de forma organizada. Há um grande desafio que Jesus coloca nas mãos dos Doze. Ele aparece dizendo: *“dai-lhe vós mesmos de comer”* (Mc 6,37). Esta é a proposta de Jesus aos Doze, naquele contexto.

Jesus antes forma e educa o povo através do ensinamento: *“e começou a ensinar-lhes muitas coisas”* (Mc 6,34). Agora realiza a solução dos problemas da fome por intermédio dos Doze. Jesus transforma os Doze em seus colaboradores, a participarem do milagre da alimentação operada por meio dele. Acontece entre suas mãos a multiplicação do que têm recebido das mãos de Jesus. Os discípulos participaram da solução do problema, da necessidade de resolver o problema<sup>238</sup>.

<sup>235</sup> MESTERS e LOPES, 2003, Série A Palavra na Vida – 182/183 p. 108.

<sup>236</sup> É possível fazer um paralelismo com o Antigo Testamento na narrativa do livro do Êxodo. Foi Moisés quem por primeiro deu de comer ao povo de Israel faminto na sua caminhada pelo deserto (Ex 16,1-36) e também no livro dos Números. Pedir ao povo para se organizar em grupos *“de cem e quinhentos”* (Mc 6,40) nos recorda os grupos narrados no livro do Êxodo (Ex 18,21.25), que eram organizados *“de cem e de cinquenta”* sob a responsabilidade dos anciãos. Recordam também o recenseamento do povo no deserto, depois da saída do Egito (livro dos Números cap. 1 a 10).

<sup>237</sup> Um (1) denário era o salário de um dia de trabalho. Conforme o comentário CHOURAQUI, André, *A Bíblia. Marcos (O Evangelho segundo Marcos)*. Imago Editora LTDA, Rio de Janeiro – RJ, 1996 p. 117 diz *“Os duzentos denários do versículo 37 eram correspondentes ao salário de 200 diárias de trabalho”*.

<sup>238</sup> É possível fazer um paralelismo com o Antigo Testamento, em primeiro lugar com a narrativa do livro do Êxodo. Foi Moisés quem primeiro deu de comer ao povo de Israel faminto na sua caminhada pelo deserto (Ex 16,1-36). Em segundo lugar, no livro dos Números. Foi dito ao povo para organizar-se em grupos *de cem e de quinhentos”* ( Mc 6,40), e isso nos recorda o recenseamento do povo no deserto depois da saída do Egito (livro dos Números capítulos 1 a 10).

Jesus prepara o alimento e pronuncia uma oração: *“elevou ele os olhos ao céu, abençoou, partiu os pães e deu-os aos discípulos para que lhes distribuíssem. Repartiu também os dois peixes entre todos (Mc 6,41)”*<sup>239</sup>.

O gesto principal de Jesus nesta narrativa da primeira multiplicação dos pães está neste texto: *“E, tomando os cinco pães e os dois peixes, elevou os olhos ao céu, abençoou, repartiu os pães e deu-os aos discípulos, para que lhes distribuíssem. E repartiu também os dois peixes entre todos”* (Mc 6,41). Observa-se os diversos gestos de Jesus expressos através destes verbos: tomando; elevou; abençoou<sup>240</sup>; repartiu; deu; distribuiu; repartiu.

Jesus alimenta *“cinco mil homens”* (Mc 6,44). Assim o texto destaca a grandiosidade do número de pessoas alimentadas. Esta narrativa recebeu diversos direcionamentos. Uns apontam para a alimentação dada por Deus ao seu povo na caminhada pelo deserto, o maná (Ex 16,1-36). Outros apontam para o Reino de Deus como um banquete messiânico que o Messias irá presidir. Outros ainda apontam para a última ceia, a Eucaristia (Mc 14,22-25)

Quanto à função dos Doze, no texto (Mc 6,41) eles são apresentados como discípulos, como distribuidores do pão e do peixe. Esta função pode ser interpretada como uma antecipação da Eucaristia. O pano de fundo deste milagre é o banquete, a comida, o alimento, o pão. É o banquete da vida com a grande multidão faminta.

---

<sup>239</sup> Esta frase de (Mc 6,41) se assemelha à de (Mc 14,22), na última ceia. Isto indica que esta refeição no deserto foi entendida como uma antecipação da Eucaristia. Sem dúvida nenhuma nos faz pensar na Eucaristia. Estas mesmas palavras eram usadas na celebração da Ceia do Senhor.

<sup>240</sup> A bênção provavelmente deve ter sido a bênção judaica tradicional feita antes das refeições. CHOURAQUI, André, *A Bíblia. Marcos (O Evangelho segundo Marcos)* Rio de Janeiro, RJ, Imago Editora Ltda, 1996, p. 117 *“Para os hebreus, o pão designa o conjunto da refeição, que é sempre precedida de uma bênção. Tal bênção, habitual para os hebreus, atesta o caráter sagrado da refeição, considerada um sacrifício oferecido a Javé”*.

## 6. AS INCOMPREENSÕES DE “OS DOZE” (τοῦς δώδεκα) A PARTIR DA CURA DO CEGO DE BETSAIDA À CURA DO CEGO DE JERICÓ (Mc 8,22 – 10,52)<sup>241</sup>

### 1. Introdução

Podemos intitular esta seção (Mc 8,22 – 10,52) de diversos modos, por exemplo: O caminho de Jesus e dos Doze da GALILEIA para Jerusalém; A instrução de Jesus aos Doze sobre o tema da cruz no caminho para Jerusalém; As incompreensões dos Doze logo após o segundo anúncio da paixão (Mc 9,33-37) e no terceiro anúncio da paixão (Mc 10,32-34).

Esta seção (Mc 8,22 – 10,52) dá início à segunda parte do Evangelho de Marcos, que é o começo da história da paixão. Aqui serão apresentados os critérios fundamentais, sob uma nova luz, para o entendimento do sofrimento, da morte e ressurreição de Jesus. Esta seção, de modo particular, faz uma apresentação do caminho de Jesus. É o caminho do Filho do Homem para o sofrimento (Mc 8,31; 9,31; 10,33) e o seguimento dos Doze, no caminho da cruz.

Também nesta seção é necessário fazer a observação, na dimensão literária, sobre o cego de Betsaida (Mc 8,22-26), este texto tem como função resumir a primeira parte do Evangelho de Marco (Mc 1,14 - 8,21) e constituir uma espécie de gancho para a seção que vem logo a seguir.

Jesus procura iluminar o caminho dos seus discípulos (os Doze), convida-os a acompanhá-lo, sai da Galileia e começa a caminhada para Jerusalém. Os discípulos “seguem a Jesus” e enquanto caminham para o calvário, recebem uma longa instrução sobre o sofrimento – morte – ressurreição.

Nesta seção (Mc 8,22 – 10,52) o grupo constituído por Jesus é mencionado de diversos modos. A expressão “os Doze” só aparece duas vezes (Mc 9,35; 10,32). Há uma catequese de Jesus aos Doze sobre quem seria o maior (Mc 9,33-37) e no terceiro anúncio da paixão (Mc 10,32-34). O nome de alguns destes Doze aparece: “Pedro sozinho” na confissão de fé a Jesus (Mc 8,27-30), quando diz: “Tu és o Messias” (Mc 9,29). No primeiro anúncio da paixão (Mc 8,31-33), “Pedro chamando Jesus de lado, começou a adverti-lo” (Mc 8,32-33). O relato da transfiguração de Jesus (Mc 9,2-8) afirma: “Pedro

<sup>241</sup> São vários os autores que seguem esta estrutura do Evangelho de Marcos. BROWN, Raymond E. – FITZMYER, Joseph A. – MURPHY, Roland E. *Novo comentário Bíblico, São Jerônimo, Novo Testamento e artigos sistemáticos*, São Paulo, Paulus e Academia Cristã, 2011, p.99. Também LEVORATTI, Armando J. - TAMEZ, Elsa e RICHARD, Pablo. *Comentario bíblico latino-americano. Nuevo Testamento*. Estella (Navarra), Editorial Verbo Divino, 2003, página 435. Outro autor, MESTERS e LOPES, 2015 pp. 158-159. Também esta estrutura é seguida por MARCUS, Joel, *El vangelio Según Marcos*, Vol. II Ediciones Sígueme, Salamanca, 2011, p. 673.

tomando a palavra, diz a Jesus: *Rabi, é bom estarmos aqui. Façamos, pois, três tendas, uma para ti, outra para Moisés e outra para Elias*” (Mc 9,5). Na narrativa da recompensa prometida pelo desprendimento (Mc 10,28-31), outra vez Pedro fala: *“Pedro começou a dizer-lhe: eis que nós deixamos tudo e te seguimos”* (Mc 10,28). Grupo de três *“Pedro, Tiago e João* juntos aparecem nesta secção somente uma vez, na narrativa da transfiguração de Jesus (Mc 9,2). Outro nome dos Doze é João, que aparece sozinho apenas uma vez, em (Mc 9,38), quando se dirige ao Mestre Jesus. Outra narrativa é quando aparece o nome de dois dos Doze, Tiago e João, filhos de Zebedeu (Mc 10,35-45), quando se dirige a Jesus fazendo um pedido: *“um sentar à direita de Jesus e o outro à esquerda”* (Mc 10,37).

Neste bloco de (Mc 8,22 – 10,52) a expressão *“os dez”* aparece em (Mc 10,41). A expressão *“os seus discípulos”* (Mc 8,27.27; 8,33; 8,34; 9,14; 9,28; 9,31; 10,13; 10,23; 10,24; 10,46). O pronome *“eles”*, ou *“vós”* ou *“Ihes”* e *“os”*, referindo-se ora aos Doze ora aos seus discípulos: (Mc 8,22; 8,28; 8,29; 8,30; 8,31; 9,8; 9,9; 9,10; 9,11; 9,29; 9,32; 9,33; 9,34; 9,36; 10,26; 10,27; 10,32; 19,36; 10,37; 10,39; 10,43.43; 10,44). Os verbos estão no plural, referindo-se de forma indireta aos Doze: *“chegaram”* (Mc 8,22); *“atravessaram”* (Mc 9,30); *“tinham”* (Mc 9,32); *“discutíeis”* (Mc 9,33); *“calavam”* (Mc 9,34); *“ficaram”* (Mc 10,24); *“estavam espantados”* e *“estamos”* (Mc 10,32); *“pedis”* (Mc 10,38); *“disseram”* (Mc 10,39). Por tais dados estatísticos pode-se deduzir claramente que quem estava com Jesus eram os Doze e seus discípulos.

A partir de agora no Evangelho de Marcos o ambiente muda. Não aparece mais o entusiasmo do início do Evangelho. Jesus sai da Galileia e inicia a caminhada em direção a Jerusalém, onde será morto. O ministério de Jesus na Galileia aos poucos é deixado de lado, com isso termina a missão de Jesus nesta região (Mc 9,50). A partir de agora inicia-se a longa caminhada de Jesus com os seus discípulos e com os Doze da Galileia para Judeia (Mc 10,1). Eles partem de Betsaida (Mc 8,22), em seguida vão para Cesaréia de Filipe, no norte da Galileia, e depois para Jerusalém, onde Jesus será crucificado (Mc 8,27).

Outro ponto desta seção (Mc 8,22 – 10,52) começa com o milagre de cura da cegueira do cego em Betsaida (Mc 8,22-26)<sup>242</sup> e termina com um outro milagre de cura, agora do cego de Jericó (Mc 10,46-52)<sup>243</sup>. A presença de duas curas de cegos, no início desta seção e no final, e os três anúncios da paixão, têm um sentido profundo para o Evangelho de Marcos. O primeiro cego

<sup>242</sup> Este milagre está registrado exclusivamente no Evangelho de Marcos. Outra narrativa exclusiva do Evangelho de Marcos que podemos mencionar é a parábola da semente que cresce por si só (Mc 4,26-29). São poucos os relatos exclusivos de Marcos. A maior parte deles se encontra em Mateus e Lucas. Marcos serviu de fonte para Mateus e Lucas, na redação dos seus Evangelhos.

<sup>243</sup> Na dimensão literária, estes dois milagres de cura de cegueira, o de Betsaida e o de Jericó, chamam atenção para a importância estrutural do Evangelho de Marcos. Fazem o papel de ligação e inclusão. A narrativa começa e termina com um milagre de cura de cegueira. Talvez com isso Marcos queira ilustrar a atitude dos Doze e dos discípulos, nas suas incompreensões.

entra pouco a pouco na luz. Jesus o faz entrar. Vê de longe todas as coisas, pode ver tudo claramente. De modo semelhante, parece que Pedro entra na luz ao confessar Jesus *“Tu és o Messias”* (Mc 8,29), mas logo a seguir consegue ver somente um pouco, quando a sua esperança messiânica se reduziria a um messias humano e triunfador, e fica espantado diante da tranquilidade com que Jesus (Mc 8,31-32) fala do sofrimento da morte e da ressurreição. No final da secção, quando os Doze demonstraram que não entenderam quase nada do ministério de Jesus, e que continuam buscando a sua glória, aparece o segundo cego, Bartimeu, que com uma fé poderosa entra no caminho e na luz de uma vez para sempre.

Marcos pôs a cura de um cego no início. O cego anônimo de Betsaida na Galileia (Mc 8,22-26) não tem nome. No final, a cura do cego de Jericó na Judeia tem nome: Bartimeu (Mc 10,46-52). É possível que a cura desses dois cegos seja uma alusão ao discipulado. São dois símbolos do que se passava entre Jesus e os Doze, e os seus discípulos. Apesar de seguir a Jesus, e de esse discipulado ser tratado de modo diferente da multidão, eles receberam vários ensinamentos (Mc 8,34-38; 9,33-37; 10,41-45). Apesar disso, parece que não perceberam nitidamente a profundidade, as consequências do seguimento a Jesus. Eles continuam sem entender. A cruz não se encaixa nas ideias deles. Cresce o não-entender. Entre a primeira e a última cura, Marcos (Mc 8,27 – 10,45) inseriu uma longa instrução de Jesus aos Doze e aos seus discípulos. A presença destas duas curas de cegueira, no início e no final da secção, formam uma figura de linguagem chamada inclusão. Isto mostra um profundo sentido para o Evangelho de Marcos<sup>244</sup>.

Observa-se ainda que, na primeira parte do Evangelho de Marcos (Mc 1,14 – 8,21), os milagres de cura dominam a narrativa bíblica. Na segunda parte, a partir de (Mc 8,22), só há três milagres, e são todos de cura: a cura do cego de Betsaida (Mc 8,22-26), o exorcismo do possesso epilético (Mc 9,14-29) e ao cura do cego de Jericó (Mc 10,46-52). A partir do capítulo 11 em diante não há nenhum milagre até o final da narrativa de Marcos, no capítulo 16. Estes três milagres são significativos. Jesus cura dois cegos e as duas narrativas marcam toda a secção, que, por sua vez, é dominada pelos ensinamentos do Mestre aos Doze. Isto não é algo casual.

Através da narrativa de toda a secção, os Doze ou alguns dos Doze, cujo nome está indicado, mostram-se como cegos, pouco perspicazes e necessitados de esclarecimentos sobre os ensinamentos de Jesus. Vamos enumerar as dificuldades: 1) No início da secção, Pedro mostra um grande conhecimento de Jesus, que supera toda a ciência humana, quando diz: *“Tu és o Messias”* (Mc 8,29). Em seguida cai num erro satânico sobre o conteúdo deste conhecimento: *“Pedro, chamando Jesus de lado, começou a adverti-lo”*

<sup>244</sup> MESTERS e LOPES, 2015 p. 159 diz: *“Os discípulos e os Doze devem abandonar a ideologia que os impede de enxergar e devem aceitar Jesus na fé, do jeito que Ele é, e não do jeito que eles gostariam que Ele fosse.”*

(Mc 8,32). E “*Jesus repreende a Pedro*” (Mc 8,33); 2) Pedro faz comentários (Mc 9,5-6); 3) Eles formulam duas perguntas a Jesus (Mc 9,10-11) e voltam novamente a perguntar: “*e voltaram a interrogá-lo sobre este ponto*” (Mc 10,10); 4) Os Doze apegam-se ao poder temporal (Mc 9,33-34). Em (Mc 10,35-45) os dois filhos de Zebedeu, Tiago e João, “*disseram: que nos concedas, na tua glória, sentar um à tua direita, outro à tua esquerda*” (Mc 10,37); 5) Em (Mc 9,38), João não entende o sentido da natureza misericordiosa da missão de Jesus; 6) Este grupo, inúmeras vezes se mostra incapaz de perceber o único sentido do caminho pelo qual se manifesta o reino de Deus através do Mestre Jesus (Mc 8,31-33; 9,32; 10,13-14; 10,24; 10,26; 10,32). Apesar desses troços, os Doze vão caminhando com Jesus para Jerusalém.

Depois da confissão de fé de Pedro, que confessa Jesus: “*Tu és o Messias*” (Mc 8,29), há três seções, cada uma das quais contém um anúncio da paixão (Mc 8,31-32; 9,30-31; 10,32-34) e a incompreensão por parte de Pedro (Mc 8,32-33); por parte dos Doze (Mc 9,32-37); por parte dos dois filhos de Zebedeu, Tiago e João (Mc 10,35-45). Só há três milagres: a cura do cego em Betsaida (Mc 8,22-26); o exorcismo do possesso epilético (Mc 9,14-29), milagre que une dois temas importantes, a fé e a incredulidade (Mc 9,19.23-24.28-29); e a cura do cego em Jericó (Mc 10,46-52)<sup>245</sup>. A multidão quase desaparece na narrativa. Até agora Jesus se encontrava em contato direto com as multidões na GALILEIA, mas o que temos a partir de agora é Jesus com os Doze e os seus discípulos. Eles recebem longa instrução sobre o seguimento e o tema da cruz enquanto faziam a longa caminhada da Galileia para Jerusalém. O relato agora dá prioridade à formação do discipulado<sup>246</sup>.

Dos temas teológicos que brotam do texto bíblico nesta caminhada, dois se destacam. Um é o do caminho. As referências ao tema são muito insistentes pela inúmeras vezes que aparece, como: “*no caminho*” (Mc 8,27); “*no caminho*” (Mc 9,33); “*pelo caminho*” (Mc 9,34); “*o seu caminho*” (Mc 10,17); “*estavam no caminho*” (Mc 10,32); “*à beira do caminho*” (Mc 10,46); “*pelo caminho*” (Mc 10,52). Outro tema é a cruz, que já foi insinuado várias vezes (Mc 2,20; 3,6; 6,16), mas só agora aparece como ameaça real. Três vezes Jesus anuncia que vão matá-lo, mas no terceiro dia ressuscitará. Jesus ensina nestes textos, que, quando a cruz for vista e vivida a partir da ressurreição, se transformará em luz.

<sup>245</sup> Marcos caracteriza-se pela presença de grande quantidade de milagres. Em todo o Evangelho são 17. A maioria deles encontra-se na narrativa da pregação de Jesus na Galiláia (Mc 1,14 – 8,21). Deixando de lado os três milagres que se encontram em (Mc 8,22 – 10,52), agora o total é de 14, distribuídos da forma como vamos enumerar: 1) Três exorcismos (Mc 1,23-28; 5,1-20; 7,24-30); 2) Seis relatos de cura (Mc 1,29-31; 1,40-45; 2,1-12; 3,1-6; 5,25-34; 7,31-37); 3) Um relato de “ressurreição” (5,21-24.35-43); 4) Dois relatos de salvamento do mar (4,35-41; 6,45-52); 5) Dois relatos de multiplicação dos pães (6,35—44; 8,1-10).

<sup>246</sup> Nesta seção (Mc 8,22 – 10,52) aparecem três grandes temas que se entrelaçam na narrativa bíblica: Três relatos de cura e três anúncios da paixão (Mc 8,31-33; 9,30-32; 10,32-34).

Nesta seção (Mc 8,22 – 10,52), fazendo uma leitura do texto bíblico a partir do critério geográfico, encontramos várias indicações geográficas. Cada uma delas começa por um verbo que indica movimento: em 8,22 “*chegaram a Betsaida*” (Mc 8,22); “*Jesus partiu com os seus discípulos para as aldeias de Cesaréia de Filipe*” (Mc 8,27); “*E tendo partido dali, caminhavam através da Galileia*” (Mc 9,30); “*Partindo dali, ele foi para o território da Judeia*” (Mc 10,1); “*Ao retomar o caminho*” (Mc 10,17); “*Estavam no caminho, subindo para Jerusalém*” (Mc 10,32); “*Chegaram a Jericó*” (Mc 10,46); “*Ao se aproximarem de Jerusalém, diante de Betfagé e Betânia*” (Mc 11,1); “*Entrou no Templo em Jerusalém*” (Mc 11,11). Observa-se que em cada um dos versículos há um verbo de caminhada, de movimento, e a menção de um lugar geográfico: chegaram, partiu, tendo partido, partindo dali, retornou, estava a caminho, chegaram, aproximarem, entrou. Jesus e os Doze estão em viagem da GALILEIA para a Judeia.

Os verbos que expressam movimento são: “chegaram”(Mc 8,22); “partiu” (Mc 8,27); “tendo partido” (Mc 9,30); “partindo dali” (Mc 10,1); “ao retornar” (Mc 10,17); “estavam no caminho, subindo” (Mc 10,32); “chegaram” (Mc 10,46); “ao se aproximarem” (Mc 11,1). Estes verbos de movimento servem de introdução para cada um dos quatro grupos de textos. Isso se constata claramente pelo texto bíblico: a viagem pelos povoados de Cesaréia de Filipe, que tem como tema a messianidade e o sofrimento de Jesus (Mc 8,27 – 9,29); viagem através da Galileia (Mc 9,30-50); viagem através da Peréia e Judeia (Mc 10,1-31); aproxima-se de Jerusalém (Mc 10,32-52). “*Ao se aproximarem de Jerusalém*” (Mc 11,1) e “*Entrou no Templo em Jerusalém*” (Mc 11,11.15). A partir da narrativa do Evangelho de Marcos no capítulo 11 Jesus está em Jerusalém.

Pelo texto é possível deduzir que o movimento é contínuo. Não há volta atrás. Durante o ministério na Galileia toda a atenção é focalizada sobre o ensinamento recebido pelos interlocutores unidos que estão “no caminho” com Jesus em direção a Jerusalém. É o caminho da Galileia até a chegada em Jerusalém. Em Jerusalém é o ponto crucial, onde acontece a morte e a ressurreição de Jesus. Nesta caminhada, Jesus não se dedica tanto às multidões, que quase desaparecem do cenário. Os Doze e os discípulos são o seu centro de interesse. Aqui aparecem as duas grandes temáticas teológicas desta seção: o discipulado (os Doze) e a Cristologia. Estes dois temas são inseparáveis.

Agora, o ensinamento de Jesus deixa de ter como temática central o Reino de Deus e passa a ser sobre a identidade de Jesus e o seu destino final: sofrimento, morte e ressurreição. Os Doze devem aprender que o Filho de Deus se revelará na cruz. A sua existência autêntica se estende até este ponto. Coloca-se a ênfase no sofrimento, na morte e na ressurreição de Jesus. Isto aparece claro nos três anúncios da paixão, mas os Doze mostram incapacidade para compreender esta redefinição da messianidade de Jesus e na implicação da morte e ressurreição dele para um entendimento verdadeiro do discipulado.

Toda esta instrução de Jesus está situada entre duas curas de cegos. No início, a cura de um cego anônimo em Betsáida (Mc 8,22-26). No fim, a cura do cego Bartimeu (Mc 10,46-52). As duas curas são símbolo do que se passava entre Jesus e os Doze, há duas perguntas “*tendo olhos, não vedes? Tendo ouvidos, não ouviste?*” (Mc 8,18). Estes dois milagres ilustram a atitude dos Doze, ainda não entenderam completamente o alcance do “caminho” para Jerusalém. Jesus levou os Doze para fora da Galileia e fez todo o possível para romper o impasse e ajudá-los a compreender a sua missão.

Na proclamação do destino do Filho do Homem, em sua paixão, morte e ressurreição, está a construção de um horizonte que define a identidade dos que vão participar do caminho. Esta seção se caracteriza por duas possibilidades, para as quais converge. Uma é o caminho de Jesus num quadro geográfico. A outra é a vertente teológica determinada nos três anúncios da paixão, que falam do sofrimento, da morte e ressurreição de Jesus.

Durante a pregação do anúncio do Reino de Deus, na região da Galileia, Jesus já tinha recebido a visita dos fariseus e escribas que vieram de Jerusalém para investigar o seu comportamento: “*os fariseus e alguns dos escribas vindos de Jerusalém* (Mc 7,1)”<sup>247</sup>. Nos relatos dos anúncios da paixão, o texto bíblico do Evangelho de Marcos não faz referência aos fariseus<sup>248</sup>.

É possível deduzir que em muitos momentos, embora não sejam mencionados por Marcos, Jesus teria alertado os Doze sobre esta situação. Ao falar de Jerusalém, Jesus tinha certeza da resistência e da oposição por parte das autoridades judaicas.

## 2. Delimitação do texto bíblico da seção (Mc 8,22 – 10,52)

A seção começa e termina com a cura de dois cegos. No primeiro relato o cego é anônimo (Mc 8,22-26), e no segundo, que é o último, ele tem nome: Bartimeu (Mc 10,46-52). Em (Mc 8,22) começa uma nova narrativa e isto é expresso por dois dados. Um é a mudança de lugar geográfico: “*eles chegaram a Betsaida*”. O segundo dado é a temática. Antes tínhamos o fermento dos fariseus e de Herodes (Mc 8,14-21). Agora temos a cura de um

<sup>247</sup> CISTERNA, Felix Eduardo, *O Evangelho de Marcos. O relato. O ambiente. Os ensinamentos*. São Paulo, AM Edições, 2009, página 9, apresenta uma estatística da presença dos diversos grupos no Evangelho de Marcos. A presença dos fariseus na pregação na Galileia é relatada inúmeras vezes (Mc 2,18; 2,24; 3,6; 7,1; 8,11; 10,2; 12,13), como também a presença dos escribas (Mc 1,22; 2,6; 2,16; 3,22; 7,1; 7,5; 8,31; 9,11; 9,14; 10,33; 11,18; 11,27; 12,35; 12,38; 14,43; 14,53; 15,1; 15,31).

<sup>248</sup> BROWN, Raymond E.; FITZMYER, Joseph A.; MURPHY, Roland E. *Novo comentário Bíblico. São Jerônimo, Novo Testamento e artigos sistemáticos*, São Paulo, Paulus e Academia Cristã, p. 101, afirmam: “*Na narrativa da paixão de Marcos, os fariseus não desempenham nenhum papel explícito na condenação e na morte de Jesus*”.

cego que pede a Jesus que o toque, com a finalidade de ficar curado. Portanto, a narrativa da seção começa em (Mc 8,22).

No final da narrativa desta seção temos mais um milagre de cura de cegueira (Mc 10,46-52). No final do relato há a informação de que houve milagre: o cego recuperou a vista e segue a Jesus. A partir de (Mc 11,1) temos dois fatos novos: um é a mudança geográfica; o outro, mudança de temática: de milagre passa-se para a entrada messiânica de Jesus em Jerusalém. Jesus e os Doze se aproximam do monte das Oliveiras. A seção fica delimitada (Mc 8,22 – 10,52).

### **3. Uma possível estrutura a partir do critério dos três anúncios da paixão**

Os anúncios da paixão<sup>249</sup> encontram-se na segunda parte da narrativa do Evangelho de Marcos, logo após a cura do cego em Betsaida e da confissão de fé de Pedro. Há no texto de Marcos uma estrutura bem clara dos três anúncios da paixão que revelam o caminho de Jesus para Jerusalém como caminho de sofrimento e de cruz.

Nesta seção (Mc 8,22 – 10,52) o texto bíblico será estruturado a partir do critério dos três anúncios da paixão. Estes anúncios da paixão falam da iminente morte e ressurreição de Jesus. Cada um deles é seguido por uma nota sobre a não compreensão de Pedro no primeiro anúncio da paixão (Mc 8,32b-33). No segundo anúncio são “eles” (Mc 9,32). Este pronome representa “os seus discípulos” que aparecem em (Mc 9,31). No terceiro são os Doze (Mc 10,32).

É possível dividir esta seção em três partes, tendo cada uma delas o anúncio da paixão como tema central. Cada parte começa por um anúncio.

Na primeira parte (Mc 8,22 – 9,29), o ponto central é o primeiro anúncio da paixão (Mc 8,31-32a). O anúncio suscita oposição, na pessoa de Pedro (Mc 8,32b-33). Isto leva Jesus a falar sobre a natureza do discipulado (Mc 8,34 – 9,1). Há o relato da Transfiguração (Mc 9,2-8), que fala do papel de Elias (Mc 9,9-13) e termina com o milagere do exorcismo (Mc 9,14-29).

A segunda parte (Mc 9,30 – 10,31), após o segundo anúncio da paixão (Mc 9,30-32), é seguida pela incompreensão dos seus discípulos (Mc 9,32-34), que estavam discutindo sobre quem era o maior. Há um novo discurso

<sup>249</sup> Os anúncios da paixão, num total de três, encontram-se somente nos Evangelhos Sinóticos, não aparecendo no Evangelho de João. Onde aparecem no texto bíblico? Em Marcos (Mc 8,31-33; 9,30-32; 10,32-34). Fazendo uma análise comparativa entre os outros dois Evangelhos Sinóticos, percebe-se que em Marcos se encontram unidos, um seguido do outro, um em cada capítulo. Nos outros dois Sinóticos eles se encontram espalhados na narrativa. Por exemplo, em Mateus encontram-se em (Mt 16,21-23; 17,22-23; 20,17-19).

de Jesus sobre a natureza do verdadeiro discipulado (Mc 9,33-37). Nele, são apresentados diversos temas: a discussão entre os discípulos no relato do exorcista (Mc 9,38-41); severidade diante do mau exemplo (Mc 9,42-50); o capítulo 10 alarga a perspectiva, tratando de questões do matrimônio e do divórcio, do abandono às riquezas, do acolhimento às crianças (Mc 10,1-31), termina com o último diálogo sobre a paixão, o terceiro anúncio (Mc 10,32-34), e para concluir descreve a cura do cego, que depois de curado segue a Jesus (Mc 10,46-52).

A terceira parte (Mc 10,32-52) começa também com o anúncio da paixão. É o terceiro anúncio dela (Mc 10,32-34). Há um breve diálogo, que demonstra que os Doze, nas pessoas de Tiago e João, continuam sem entender (Mc 10,35-40). Diante disto Jesus começa a explicar o que significa ser seu discípulo (Mc 10,41-45). Após o milagre da cura do cego Bartimeu, Jesus está a caminho, e assim se conclui a terceira parte, e também a seção (Mc 10,22 – 10,52).

Cada anúncio da paixão segue esquema idêntico: a) o anúncio em si; b) a incompreensão de alguns dos Doze, e dos Doze; c) uma catequese (ensinamento) para os Doze, desta forma corrigindo a falsa compreensão e ensinando como deve ser o comportamento dos Doze.

A partir destes dados, vamos agrupá-los num quadro sinótico, em quatro colunas:

Anúncios da paixão	As incompreensões	Diversas catequeses	Complementos catequéticos
8,31-32a  Jesus se apresenta com o título Filho do Homem. Fala do seu sofrimento, morte e ressurreição. É rejeitado pelos anciãos, sumo-sacerdotes e escribas.	8,32b-33  Pedro não aceita o caminho do sofrimento.	8,34 - 9,1  O caminho para Jerusalém e a fidelidade ao projeto de Jesus são cheios de exigências e desafios: negar-se a si mesmo; tomar a sua cruz; segui-lo.	9,2-29  Pedro Tiago e João na narrativa da Transfiguração. O Pai confirma o caminho de Jesus. A voz do céu 9,7 repete a afirmação já feita no momento do batismo Mc 1,9-11.  No milagre do exorcismo do possesso epilético, são necessárias a fé e a oração para assumir o caminho de Jesus.
9,30-31	9,32-34	9,35-37	9,38 – 10,31

<p>Caminhavam através da GALILEIA a caminho para Jerusalém. Ensina aos seus discípulos. Jesus se apresenta com o título Filho do Homem. A morte de Jesus é o tema central: “eles o matarão”. No terceiro dia ressuscitará.</p>	<p>Os discípulos não compreendem o ensinamento de Jesus e têm medo de perguntar ao Mestre. Surge a discussão entre os discípulos sobre as relações de poder.</p>	<p>Jesus responde usando a analogia da criança. Acolher a criança esclarece o que significa ser o último, e ser servo de todos.</p>	<p>Há uma série de ensinamentos sobre comportamento. Ensinamentos sobre o matrimônio; o valor das crianças na comunidade; o desprendimento das riquezas. Estas são exigências para ser discípulo de Jesus.</p>
<p>10,32-34</p> <p>Está a caminho, subindo para Jerusalém. Duas vezes usa a mesma expressão “subindo para Jerusalém”. Em Mc 10,32 aparece a expressão “os Doze”. Expressam duas atitudes, espanto e medo. Fala da morte. Três dias depois ressuscitará.</p>	<p>10,35-40</p> <p>Aparece um pedido a Jesus feito pelos dois filhos de Zebedeu, Tiago e João: “concede-nos que, na tua glória, sentemos um à tua direita e o outro à esquerda” Mc 10,37.</p>	<p>10,41-45</p> <p>São Doze num total. Menciona os Dez que ficaram indignados com Tiago e João. Jesus exorta a um serviço igual ao seu, que consiste em doar a vida.</p>	<p>10,46-52</p> <p>Cura do cego em Jericó. Ele reconhece sua cegueira, chama a Jesus pelo título de “Filho de Davi”. Recupera a vista e “o segue pelo caminho”. A cura é um convite para acompanhar Jesus no caminho até Jerusalém.</p>

#### 4. As incompreensões dos Doze após o segundo anúncio da paixão (Mc 9,33-37) e no terceiro anúncio da paixão (Mc 10,32-34)

A confissão de fé de Pedro (Mc 8,27-30) é o ponto de chegada e ao mesmo tempo o ponto de partida na narrativa do Evangelho de Marcos. De chegada para o final da pregação de Jesus na Galileia, e de partida rumo a Jerusalém. Jesus inicia a sua caminhada para Jerusalém. É o centro para o qual converge toda a narrativa do Evangelho de Marcos. O que Marcos narra antes é a pregação sobre o Reino de Deus. A pergunta que esteve sempre presente durante toda a primeira parte do Evangelho é: quem é Jesus? Agora ela recebe uma primeira resposta nas palavras de Pedro “*Tu és o Messias*” (Mc 8,29). É o caminho para chegar ao ato de fé em Jesus professada por Pedro. O que vem depois é consequência deste ato de fé, que significa comprometer-se com Jesus e segui-Lo pelo caminho até a chegada em Jerusalém.

Agora Jesus está só com os seus discípulos e com os Doze: “*Jesus saiu com os seus discípulos*” (Mc 8,27). Dedicar a eles atenção especial. Há uma catequese dirigida a eles após cada anúncio da paixão. Ele anuncia as condições para segui-lo e convida “*a multidão juntamente com os seus discípulos*” (Mc 8,34); “*Ele se senta e chama os Doze*” (Mc 9,35); em Mc 10,42

“*chamando-os*” (a Tiago e a João). Todos eles são convidados para um compromisso maior com Jesus.

Jesus inicia uma abundância de ensinamentos sobre a sua missão, com o objetivo de explicar como é seu messianismo: de sofrimento – morte – ressurreição. As instruções acontecem após cada um dos três anúncios da paixão, e há uma série de ensinamentos que ajudam a entender Jesus como Messias, como Servo. Ele esclarece aos seus discípulos e aos Doze a conversão que deve ocorrer na vida deles para poderem conhecer, aceitar e caminhar com Jesus. O conjunto das instruções tem como objetivo central caminhar para Jerusalém, onde será preso e morto, mas ressuscitará no terceiro dia. O contexto é o tema do caminho da Cruz na vida de Jesus e na vida dos seus discípulos e aos Doze.

Jesus revela-se como Servo Sofredor na imagem dos quatro cânticos do Deutero-Isaías<sup>250</sup>. Caminha para a morte, não por acaso, mas como fidelidade ao projeto do Pai. O relato bíblico procura explicar o que significa dizer Jesus é o Messias e quais são as implicações disso para os seus discípulos e aos Doze<sup>251</sup>.

Geograficamente Jesus está para concluir a sua missão na Galileia, nas cidades ao redor do lago<sup>252</sup>. Jesus e os seus discípulos estão passando pelos povoados de Cesareia de Filipe rumo a Jerusalém (Mc 8,27), onde acontecerá o desfecho final de sua vida. Ali enfrenta o judaísmo em seu seu messianismo, e é ali que acontecerá a grande confissão de fé feita por um pagão: “*verdadeiramente, este homem era Filho de Deus*” (Mc 15,39).

Os três anúncios da paixão colocam os discípulos e os Doze de Jesus em crise. Revelam o que Jesus estava sentindo ao seu redor, neste momento do final da pregação na Galileia. Em cada um dos anúncios (Mc 8,31-32a; 9,30-32; 10,32-34) Jesus fala da sua paixão, da sua morte e da sua

<sup>250</sup> Os quatro cânticos encontram-se no Deutero-Isaías, nos capítulos de 40 a 55. O primeiro cântico (Is 42,1-9); o segundo (Is 49,1-6); o terceiro (Is 50,4-9) e o quarto (Is 52,13 – 53,12).

<sup>251</sup> A expressão “*os seus discípulos*” aparece nos três anúncios da paixão. Vamos enumerá-los: 1) No primeiro (Mc 8,31-33), aparece “*voltando-se e vendo os seus discípulos*” (Mc 8,33). Em (Mc 8,32-33), aparece o nome de Pedro duas vezes, e, de forma implícita, “*ensinar-lhes*” (Mc 8,31). 2) No segundo anúncio (Mc 9,30-32), “*ensinava aos seus discípulos*” (Mc 9,31). Aparece mais duas vezes de forma implícita: “*atravessaram*” (Mc 9,30) e “*tinham*” (Mc 9,32). Os verbos estão no plural, indicando que se trata de Jesus e seus discípulos. Em (Mc 9,32) é dito: “*eles*”. São os seus discípulos. 3) O terceiro anúncio (Mc 10,32-34) é o único que começa dizendo: “*eles estavam no caminho.....*”. Aparece a expressão “*os Doze*” (Mc 10,32), os pronomes “*eles*” e “*deles*”, e o verbo no plural “*estamos*”. É Jesus com os Doze e em seguida fala aos Doze “*de novo, tomando consigo os Doze*” (Mc 10,33). A expressão “*de novo*” ocorre outra vez, permitindo deduzir-se que os Doze estão presentes nos três anúncios da Paixão. Quando o texto fala de “*os seus discípulos*”, refere-se aos Doze.

<sup>252</sup> Evangelho de Marcos fala de “*mar da Galileia*” (Mc 1,16; 2,13; 3,7; 4,1; 4,35; 5,1; 5,21). O Evangelho de Lucas chama de “*lago de Genesaré*” (Lc 5,1). O Evangelho de São João denomina como “*mar de Tiberíades*” (Jo 6,1; 21,1). São diversos nomes para designar o mesmo lugar geográfico.

ressurreição como sendo parte do projeto de Deus. “O Filho do Homem<sup>253</sup> deve sofrer muito, ser rejeitado pelos anciãos, pelos sumos sacerdotes e pelos escribas, ser morto, e, após três dias ressuscitar” (Mc 8,31; 9,31; 10,33). Como resposta, cada um dos anúncios é acompanhado de gestos ou palavras de incompreensão por parte dos discípulos e dos Doze.

No primeiro anúncio, Pedro não quer a cruz e critica Jesus (Mc 8,32). No segundo anúncio, os discípulos não entendem, têm medo, e cada um quer ser o maior (Mc 9,32-34). No terceiro, são os Doze que estão assustados e com medo, e dois deles querem sentar um à direita e o outro à esquerda. No fundo o que eles pedem é uma promoção (Mc 10,32-37).

É possível, pela leitura do texto bíblico, montar um esquema de três desenvolvimentos, tendo como base o critério dos três anúncios da paixão. Cada anúncio é antecipado por uma ambientação geográfica: “Cesaréia de Filipe” (Mc 8,27); “através da Galileia” (Mc 9,30); e “subindo para Jerusalém” (Mc 10,32). Isto é seguido por uma cena que revela a incompreensão de Pedro: “chamando Jesus de lado, começou a recriminá-Lo (Mc 8,32-33); os Doze estavam discutindo quem era o maior (em Mc 9,33-34); Tiago e João queriam os primeiros lugares (Mc 10,35-40). Após o relato da incompreensão segue-se um relato de catequese. No texto bíblico há outros relatos de ensinamento de Jesus. Há três desenvolvimentos narrativos que contêm basicamente a mesma estrutura:

	Primeiro desenvolvimento Mc 8,31 - 9,29	Segundo desenvolvimento Mc 9,30 – 10,32	Terceiro desenvolvimento Mc 10,32-52
	Mc 8,27	Mc 9,30	Mc 10,32
Anúncio da paixão	Mc 8,31-32 <sup>a</sup>	Mc 9,31-32	Mc 10,33-34
Incompreensões	Mc 8,32b-33 Pedro questiona Jesus	Mc 9,33-34 os Doze quem é o maior	Mc 10,35-40, Tiago e João os primeiros lugares
Ensinamentos de Jesus	Mc 8,34 - 9,1 Sobre o seguimento	Mc 9,35-37 Sobre o serviço	Mc 10,41-45 Sobre o poder
Outros ensinamentos	Mc 9,2-29	Mc 9,38 – 110,31	Mc 10,46-52

Em cada anúncio da paixão Jesus apresenta palavras que seriam uma catequese e uma crítica, que corrige a falta de compreensão de Pedro, dos

<sup>253</sup> O título Filho do Homem aparece com ênfase na segunda parte do Evangelho de Marcos. Na primeira parte só aparece duas vezes (Mc 2,10.28). Na segunda parte aparece em (Mc 8,31.38; 9,9.12.31; 10,33.45; 12,31; 13,26; 14,21(2x). 41.62).

discípulos e dos Doze e ensina qual deve ser o comportamento deles. No primeiro anúncio, Jesus exige: “*negar-se a si mesmo, tomar a cruz e segui-lo*” (Mc 8,34-38). No segundo anúncio Jesus pede: “*fazer-se servo de todos*” (Mc 9,33-37). No terceiro, Ele exige; “*beber o cálice que Jesus vai beber*” (Mc 10,35-45).

Os três anúncios são marcados pelo conflito com os poderes que geram a morte<sup>254</sup>. Revelam que Jesus tem consciência da sua situação: que deve sofrer muito, vai ser morto e no terceiro dia ressuscitará.

### 5. Uma possível comparação nos três anúncios da paixão no Evangelho de Marcos

Tema	Primeiro anúncio da paixão Mc 8,31-33	Segundo anúncio da paixão Mc 9,30-32	Teceiro anúncio da paixão Mc 10,32-34
1. O início da cada anúncio	Mc 8,31 Jesus começa a ensinar	Mc 9,30 Parte dali, e caminhava através da Galileia	Mc 10,32 Estavam no caminho, subindo para Jerusalém (duas vezes Mc 10,32.33).
2. O verbo ensinar διδάσκειν	Mc 8,31	Mc 9,31	Mc 10,32 usa o verbo dizer λέγειν
3. O título que Jesus se dá	Mc 8,31 Filho do Homem	Mc 9,31 Filho do Homem	Mc 10,33 Filho do Homem
4. As incompreensões	Mc 8,32 Pedro, chama Jesus de lado	Mc 9,32 Eles não compreendiam essas palavras e tinham medo de perguntar (Os Doze)	Mc 10,32 Estavam assustados e acompanhavam-no com medo (os Doze).
5. Quem entregará Jesus	Mc 8,31 anciãos, sumos sacerdotes e escribas	Mc 9,31 nas mãos dos homens	Mc 10,33 chefes dos sacerdotes e escribas.
6. O que vai acontecer com Jesus	Mc 8,31 sofresse muito, rejeitado e morto.	Mc 9,31 matarão	Mc 10,33-34 condenarão à morte, entregarão aos gentios, zombarão, açoitarão, matarão.
7. O final de Jesus	Mc 8,31 depois de três dias ressuscitará	Mc 9,31 depois de três dias ressuscitará	Mc 10,34 três dias depois ele ressuscitará.

<sup>254</sup> O primeiro anúncio da paixão (Mc 8,31-32a) descreve quem são os adversários de Jesus. São três grupos: anciãos, sumo-sacerdotes e escribas. Eles são os atores que integram o grupo dos inimigos de Jesus. O segundo anúncio da paixão não menciona os grupos, mas diz: “*O Filho do Homem será entregue nas mãos dos homens e o matarão*” (Mc 9,31). O terceiro anúncio declara: “*O Filho do Homem será entregue aos sumos sacerdotes e aos escribas*” (Mc 10,33).

## 7. AS RELAÇÕES DOS DOZE APÓS O SEGUNDO ANÚNCIO DA PAIXÃO (Mc 9,33-37)

### 1. Introdução

Situamo-nos no contexto do segundo anúncio da paixão, em (Mc 9,30-32). Jesus está em viagem pela Galileia (Mc 9,30) e ali pronuncia o segundo anúncio da sua paixão, morte e ressurreição. Tanto o segundo anúncio da paixão quanto o primeiro e o terceiro são seguidos por pouca compreensão dos Doze. Cada um dos relatos da incompreensão é seguido de catequese. Jesus fala de si mesmo, de suas opções pessoais e, pouco a pouco, compreende-se o sentido da sua paixão. É um serviço, um entregar a vida pelos outros. É isto o que significa *“pois o Filho do Homem não veio para ser servido, mas para servir e dar a sua vida em resgate por muitos”* (Mc 10,45). Neste anúncio, Marcos descreve a terrível predição de Jesus (Mc 9,33) a respeito da entrega, da morte do Filho do Homem e da ressurreição, e em (Mc 9,34) eles (os Doze) discutem sobre o título de grandeza. O texto expõe a grande incoerência da parte dos discípulos de Jesus (Mc 9,31). Enquanto Ele anunciava (Mc 9,32) a sua paixão, morte e ressurreição no terceiro dia, os discípulos (os Doze) discutiam entre si quem deles era o maior (Mc 9,34). Jesus queria servir e eles pensavam em mandar.

Devemos observar na narrativa que Jesus está em movimento constante. Ele com e os doze estavam caminhando de Cesaréia de Filipe (Mc 8,27) para Jerusalém. Agora diz *“tendo partido dali, caminhavam através da Galileia”* (Mc 9,30)<sup>255</sup>. *“Chegaram a Cafarnaum”* em (Mc 9,33)<sup>256</sup>. Cafarnaum é o lugar dos começos, no caso o começo da vida pública de Jesus (Mc 1,21). O ensino acontece na casa em Cafarnaum.

Provavelmente esta casa na qual Jesus e os Doze entram é a residência de Pedro. Jesus foi para ali diretamente depois de chamar os quatro primeiros discípulos (Mc 1,16-20), e em seguida é narrada a cura da sogra de Pedro, a qual se levantou imediatamente e se pôs a servi-los (Mc 1,29-31). Cafarnaum aparece nos Evangelhos Sinóticos como o centro da atividade de Jesus. Em (Mt 4,13) lemos que Jesus estabeleceu a sua residência em Cafarnaum, diz *“foi morar em Cafarnaum”*. No Evangelho de Mateus esta

<sup>255</sup> O ministério público de Jesus termina na Galileia em (Mc 9,50). O Evangelho de Marcos narra que Ele parte *“partindo dali, ele foi para o território da Judeia”* (Mc 10,1). Chega na Judeia em (Mc 11,1.15).

<sup>256</sup> Jesus está em Cafarnaum, *“em casa”* (Mc 9,33). Há uma divergência de opiniões. Para BROWN, Raymond E. ; FITZMYER, Joseph A. ; MURPHY, Roland E. *Novo comentário Bíblico. São Jerônimo, Novo Testamento e artigos sistemáticos*, São Paulo, Paulus e Academia Cristã, p. 104 afirma que *“presumivelmente seria na casa de Pedro”*. A cidade de Cafarnaum é mencionada em (Mc 1,21; 2,1). Para SOARES, CORREA JUNIOR e OLIVA, 2013, p. 306 afirmam o contrário, diz *“Jesus está em casa, o que faz supor trata-se da casa dele, de Jesus. Pergunta aos seus discípulos sobre o que estavam discutindo no caminho.*

cidade é chamada “a sua cidade” (Mt 9,1). Os Evangelhos de Marcos e Lucas apresentam a mesma ideia. Jesus iniciou o seu ministério público ensinando na sinagoga em Cafarnaum em dia de sábado (Mc 1,21; Lc 4,31).

## 2. “Os seus discípulos” em (Mc 9,31) são os Doze em (Mc 9,35)?

Numa análise do texto bíblico de (Mc 9,30-32) com (Mc 9,33-37), constata-se a união dos dois versículos<sup>257</sup>. Jesus ensinava aos seus discípulos. O conteúdo do ensino é descrito em (Mc 9,31). O texto em (Mc 9,32) descreve duas atitudes dos seus discípulos. Primeira: não compreenderam o ensino. Segunda: tinham medo de interrogar.

Há um caminho através da Galileia (Mc 9,30): “e chegaram à cidade de Cafarnaum” (Mc 9,33). Agora estão em casa e Jesus faz a pergunta: “o que discutíeis no caminho”? (Mc 9,33). Em seguida o texto revela o assunto que vinham discutindo pelo caminho: qual era o maior (Mc 9,34). Jesus se senta, chama os Doze e começa a falar (Mc 9,35).

A respeito do ensino de Jesus aos seus discípulos, eles não entenderam e tinham medo de interrogar a Jesus. Pelo caminho eles discutiam qual era o maior. A postura de Jesus foi sentar-se e chamar os Doze para falar-lhes. É possível deduzir que “os seus discípulos” (Mc 9,31) são os Doze que aparecem em (Mc 9,35). Seria, portanto, o mesmo grupo.

## 3. Estrutura da perícopre (Mc 9,33-37)

Esta perícopre inicia em (Mc 9,33) com uma informação geográfica: “chegaram a Cafarnaum” e termina em (Mc 9,37) com um ensinamento. Em (Mc 9,38) começa uma nova perícopre, e entra em cena um novo personagem, João, quando apresenta uma pergunta a Jesus.

É possível estruturar esta perícopre em três partes, a partir das atitudes de Jesus<sup>258</sup>:

<sup>257</sup> Alguns autores nos seus comentários unem as duas perícopes, formando uma só (Mc 9,30-37). Os defensores desta ideia são: LAVAROTTI, Armando; RICHARD Pablo e TAMEZ, Elza. *Comentário Bíblico* Raymond E.; FITZMYER, Joseph A.; MURPHY, Roland E. *Novo Comentário Bíblico São Jerônimo. Novo Testamento e artigos sistemáticos*, São Paulo, Coedição Paulus e Academia Cristã, 2011, p. 104.

<sup>258</sup> LEGASSE, Simon, *Marcos*, Edizioni Borla, Roma 2000, na página 478 estrutura a perícopre em duas partes: a primeira em (Mc 9,33-35); a segunda, em (Mc 9,36-37). A segunda parte caracteriza-se por um gesto de Jesus. Esta mesma estrutura em duas partes é apresentada por MESTERS, e LOPES, 2015, p. 181.

Na primeira parte, “*chegaram a Cafarnaum*” (Mc 9,33-34). Muda o lugar em relação à perícopie anterior, que era o segundo anúncio da paixão. Eles estavam a caminho através da Galileia. A atitude de Jesus é fazer uma pergunta aos Doze: “*sobre o que discutíeis no caminho*”?

Na segunda parte (Mc 9,35), Jesus muda de comportamento. Ele se senta em atitude de mestre, chama os Doze e ensina.

Na terceira parte (Mc 9,36-37), Jesus muda de atitude outra vez. Em (Mc 9,36) temos outra ação de Jesus: Ele toma uma criança. Segue-se em (Mc 9,37) um ensino em que é integrado à ação demonstrativa anterior.

#### 4. Relações de Jesus com os Doze (Mc 9,33-37)

A perícopie começa com uma informação geográfica: “*chegaram a Cafarnaum*” (Mc 9,33). São apresentadas várias relações de Jesus. No começo há uma pergunta de Jesus (Mc 9,33), e em seguida uma ação dele: “Ele se senta” (Mc 9,35). No mesmo versículo há uma palavra do mestre, à qual se segue outra ação do mestre: Ele toma uma criança (Mc 9,36). Esta ação é desenvolvida por meio de uma dupla expressão (Mc 9,37).

A primeira relação de Jesus com os Doze dá-se através de uma pergunta sobre o tema da discussão. Jesus assume uma postura dos mestres rabinos, tomando a iniciativa de uma interrogação. Isto Jesus já fez por duas vezes em (Mc 8,27.29). “*O que discutíeis no caminho*”? (Mc 9,33). Jesus atua como mestre. Retoma o que observou no caminho quando ensinava.

Neste contexto há dois dados a serem observados: primeiro, a “*casa*”; segundo, o “*caminho*”, que tem como conotação simbólica seguimento. O assunto discutido pelos Doze no caminho é “*qual era o maior*” (Mc 9,34). Este problema é tão velho quanto a humanidade. Os Doze viviam com Jesus antes de sua páscoa e se sentiam comunidade. Ora, qualquer comunidade, tanto do passado quanto de hoje, não pode evitar o problema de quem deve presidir ou mandar.

O tema “*quem era o maior*” (Mc 9,34) aparece também em Mateus: “*quem é o maior no reino dos Céus*?” (Mt 18,1)<sup>259</sup>. O mesmo tema

---

<sup>259</sup> Sobre esta temática há o testemunho de GNILKA, Joachim, *El Evangelio segun San Marcos, Mc 8,27 – 16,20, Volume II*, Ediciones Sígueme, Salamanca, 1986, cuja p. 64 diz: “*A teologia rabínica da época dividiu os habitantes do paraíso celeste em sete classes e discutiam quem pertenceria à classe mais importante*”.

aparece quando os dois filhos de Zebedeu fazem o pedido a Jesus para sentar-se um à direita e o outro à esquerda de Jesus, na sua glória (Mt 10,35-40).

A segunda relação ocorre através de outra imagem de Jesus: “*Ele sentando-se, chamou os Doze e disse*” (Mc 9,35). Esta relação com os Doze se dá através da atitude do sentar-se. Observemos que, daqui até o final da secção, fala-se dos Doze (Mc 10,35), e são mencionados dois nomes dos Doze: Tiago e João. Fala-se dos dez mais Tiago e João (Mc 10,41)<sup>260</sup>. Neste ensinamento, destaca-se a observação de que Jesus se senta. Este gesto de Jesus sentar-se designa a ação característica de um Mestre. Inúmeras vezes, nos Evangelhos, Ele se senta. Era esta a postura característica dos mestres na antiguidade. O sentar-se de Jesus para ensinar aparece muitas vezes nos Evangelhos Sinóticos (Mc 4,1; 12,41; 13,3; Mt 5,1; 13,1; Lc 4,20-21; 5,3; Jo 8,2). É uma atitude solene, típica posição de um mestre que vai ensinar. Este ensinamento é feito por palavras, depois por um gesto, e por palavras cheias de autoridade. Mostra a consciência de que Jesus tem de ser “o Mestre”.

A terceira relação é de ensino. Jesus dá atenção especial aos Doze por meio de um ensinamento específico. Inicia-se uma profunda instrução ao grupo dos Doze. O ensino toca as raízes do seguimento. Ele corrige a falsa compreensão da morte e ressurreição do Filho do Homem. Jesus começa a ensinar: “*ensinava aos seus discípulos*” (Mc 9,31) que o plano divino de salvação deverá passar pela sua morte e ressurreição. E diz: “*será entregue nas mãos dos homens e eles o matarão*” (Mc 9,31). Toda prática que tem como objetivo ser superior aos outros ou dominar as pessoas – numa palavra, a ambição do poder – está em caminho errado, completamente fora da rota do projeto do Pai, portanto, do Reino de Deus.

O conteúdo do ensino está expresso: “*se alguém quiser ser o primeiro, seja o último e aquele que serve a todos*” (Mc 9,35). As três primeiras palavras do texto bíblico “*se alguém quiser*” recordam o grande convite decisivo que é o centro do Evangelho de Marcos: “*se alguém quiser*” (Mc 8,34). Esta frase indica o caminho de Jesus. Expressa a determinação de ser o primeiro.

Ser o primeiro é ser o último. É a inversão dos valores. É mudar de atitudes. A determinação do “primeiro”, do dirigente de um grupo ou de uma comunidade, regulamentava-se com muito esmero no judaísmo da época de Jesus e para toda a ação coletiva importante, quer seja na liturgia, quer no ensinamento, quer nos banquetes. Esta inversão, hoje, só foi assumida em palavras e não em atitudes.

---

<sup>260</sup> MARCUS, Joel, *El Evangelio Según Marcos*, Volume II, Ediciones Sígueme, Salamanca 2011, afirma na página 769 que o material que se encontra na narrativa do Evangelho de Marcos entre a entrada em Cafarnaum (Mc 9,33) até a saída para a Judeia (Mc 10,1) é de natureza catequética, e apresenta duas perícopes para esclarecer esta afirmativa (Mc 9,33-37 e Mc 9,38-40).

Ser o primeiro é ser servo, e ser servo de todos. Isto indica imitar aquele que fala, o próprio Jesus. Este princípio de “mudar as atitudes” proposta por Jesus põe em destaque que a partir do último, em termos de importância, ou daqueles que servem, deve-se reconhecer e fixar o comportamento do primeiro. Jesus quer ensinar a levar em consideração os demais, e buscar o encontro, o aproximar-se. O comportamento de um seguidor de Jesus nunca deve estar orientado para si mesmo. O negar-se, o tomar e seguir, enfim, o esquecer-se de si mesmo, é um imperativo (Mc 8,34). Todos devem orientar-se para o bem dos outros. É desta forma que o “serviço” se transforma no único critério para a verdadeira grandeza, para a verdadeira dignidade. Quem mais serve é o primeiro no sentido absoluto. O ministério a partir de agora é incluído como serviço. Todos devem colocar-se na situação de “últimos”, de servidores.

Jesus ensina, e são muitos os textos no Evangelho de Marcos em que aparece Jesus ensinando. O ensino é uma das características principais de Jesus. Em alguns textos é dito que Jesus ensinava, e nada mais. Há textos que dizem o que Jesus ensina e descrevem o conteúdo do ensino. Fazendo uma leitura de Marcos, de (1,14 – 10,52), é possível destacar vários pontos. O primeiro é que Jesus ensina nas sinagogas em dia de sábado (Mc 1,21; 6,2). Em segundo lugar, Jesus ensina no mar ou próximo dele (Mc 2,13; 4,1; 6,34). Em terceiro, Jesus ensina com autoridade (Mc 1,21-22.27; 6,1-2). Em quarto lugar, Jesus ensina aos Doze e aos discípulos (Mc 8,1; 9,31). Em quinto, Jesus é um mestre itinerante que ensina as pessoas (Mc 6,6).

A quarta relação de Jesus com os Doze dá-se através do exemplo de uma criança. O texto de Marcos Jesus coloca uma criança (Mc 9,36)<sup>261</sup> entre os Doze. Jesus mostra a eles, por meio de um gesto carinhoso, que esta criança deve ocupar o centro das atenções e da consideração deles. Jesus interpreta o gesto de tomar uma criança como elas são: sem importância social, sem direitos, sem autonomia, mas ainda assim são colocadas no centro de todas as relações da comunidade, do serviço, do afeto e das preocupações que devem nortear o caminho dos Doze. O ministério dos Doze deve ser entendido como serviço. Eles devem colocar-se na situação de “últimos”, de servidores. Esta ação dos Doze deve corresponder ao envio feito por Jesus.

## 5. Relações dos Doze para com Jesus (Mc 9,33-37)

Neste contexto, logo após o segundo anúncio da paixão surge a pergunta de Jesus: “sobre o que discutíeis no caminho”? (Mc 9,33). Esta é a

<sup>261</sup> Diante deste gesto de Jesus surge a pergunta: qual o significado de receber uma criança em nome de Jesus? MARCUS, Joel, *El Evangelio Según Marcos*, Volume II, Ediciones Sígueme, Salamanca 2011 p. 780 apresenta duas interpretações que apareceram no transcorrer da história. Na primeira a criança deve ser entendida literalmente. Através dela Jesus passa a exortar os Doze para receberem as crianças. Na segunda, deve ser entendida no sentido simbólico, como representante dos seguidores de Jesus, débeis como crianças a quem o mestre exorta.

primeira relação de Jesus para com os Doze. Trata-se de uma pergunta. Em seguida o texto bíblico revela o assunto da discussão entre os Doze. “*Quem é o maior?*” (Mc 9,34). É este o tema que os Doze discutiam pelo caminho, mas não discutiam com Jesus, e muito menos diante dele. Por isso, quando Jesus lhes perguntou de que falavam no caminho, não responderam. Preferiram ficar em silêncio, calados, talvez sentindo-se envergonhados. Lemos no texto: “*ficaram em silêncio*” (Mc 9,34). Eles silenciam diante da pergunta de Jesus a respeito do que tinham discutido no caminho, que era sobre quem seria o mais importante dentre eles. Discutiam sobre a verdadeira grandeza do discipulado. Sabiam que não estavam no mesmo caminho, na mesma perspectiva que Jesus.

A segunda relação é a do não entendimento. Corrige a ambição de poder, pois “*vinham discutindo sobre qual era o maior*” (Mc 9,34), ou seja, discutiam a falsa compreensão que os Doze tinham do seguimento a Jesus. Irrrompe aí o dinamismo que fecha o homem em sua própria ambição de poder. Esta instrução revela o não acontecimento do ajuste do caminho dos Doze com o caminho de Jesus. Mas eles estão a caminho com Jesus. A grandeza da nova sociedade que Deus quer, e que pode trazer felicidade para todos, realizar-se-á através de um caminho que, tanto para os Doze quanto para nós hoje, é considerado ingênuo, que é o serviço em prol de todas as pessoas. É isto o que Jesus exige dos Doze, quando toma uma criança e a coloca no meio deles.

A terceira relação dos Doze emerge da resposta de Jesus, que é de eles serem servos de todos. O verdadeiro seguidor de Jesus deve ser o último e o servo de todos. O ensinamento de Jesus exige fazerem-se servos de todos. Quem quiser ser o primeiro tem que ser o último e servidor de todos. A expressão “servidor de todos” recorda a importância de fazer-se algo pelos demais. Neste ensinamento Jesus apresenta a verdadeira grandeza e as condições necessárias para quem quiser ser o maior. Apresenta o valor do serviço como norma de conduta para quem quer segui-Lo. Jesus resolve a questão do poder e da supremacia na comunidade mediante gestos e expressões: “*tomou uma criança [e] colocou-a no meio deles*” (Mc 9,36). Usa a imagem da criança como se fosse ele mesmo. A verdadeira grandeza, a condição de ser o maior terá que ser nesta ordem: “*quem quer ser o primeiro tem que ser o último e servidor de todos*”.

## 8. AS RELAÇÕES DOS DOZE NO TERCEIRO ANÚNCIO DA PAIXÃO (Mc 10,32-34)

### 1. Introdução

Depois do encontro de Jesus com o homem rico (Mc 10,17-22) e do ensinamento sobre as riquezas (Mc 10,23-27), e do ensinamento a Pedro sobre o seguimento (Mc 10,28-31), Jesus agora retoma com os seus seguidores o caminho da subida para Jerusalém (Mc 10,32). Chegamos, portanto, ao terceiro anúncio da paixão (Mc 10,32-34). Na dimensão geográfica fica bem explícito que o destino final deste “caminho” é Jerusalém. Este anúncio se localiza na proclamação por Jesus na região da Judeia, para além do Jordão (Mc 10,1). Como nos dois anúncios anteriores, também nestes brota uma palavra de incompreensão proferida por algum dos Doze ou por todos. No primeiro anúncio, Pedro chama Jesus à parte e o critica por ter tais planos na sua vida e da paixão e da morte. Logo a seguir são os Doze que discutem quem é o maior. Agora Jesus está caminhando à frente e os Doze estavam assustados e com medo. Eles não falam. Jesus os chama e começa a falar o que vai acontecer.

Este terceiro anúncio é o que descreve mais detalhadamente o destino final<sup>262</sup> e o processo político do julgamento e a execução de Jesus em relação aos dois anúncios precedentes (Mc 8,31-33; 9,30-32)<sup>263</sup>. O texto bíblico informa a quem Jesus vai ser entregue: aos sumos sacerdotes e aos escribas<sup>264</sup>. Descreve o que estes dois grupos farão com Jesus. Há um elenco de seis ações que irão fazer para com Jesus<sup>265</sup>. É uma síntese da paixão de

<sup>262</sup> MARCUS, Joel, *El Evangelio Según Marcos*, Volume II, Ediciones Sígueme, Salamanca 2011, na página 856 apresenta duas razões possíveis para explicar o porquê de este anúncio da paixão descrever mais detalhadamente do que os dois anteriores. Um diz: “*provavelmente porque é o último dos anúncios da paixão*”. A outra diz: “*porque precede quase imediatamente a entrada de Jesus em Jerusalém Mc 11,1-11*”.

<sup>263</sup> Este terceiro anúncio da paixão pode ser lido como um programa escrito do drama da paixão. Há muitos detalhes mencionados. É uma antecipação do que vai acontecer com Jesus: será entregue aos sumos sacerdotes (Mc 14,43-50) e eles condenação à morte (Mc 14,53-64). Será entregue às autoridades pagãs (romanos) (Mc 15,1). Haverá zombaria: cuspirão nele e o açoitarão (Mc 15,15-20). Será executado (Mc 15,20.37) e, depois de três dias, ocorrerá a ressurreição Mc 16,1-8. A única omissão está na referência à crucificação como modo pelo qual Jesus morre.

<sup>264</sup> MARCUS, Joel, *El Evangelio Según Marcos*, Volume II, Ediciones Sígueme, Salamanca 2011, p. 856. Os atos da condenação e execução de Jesus ocupam a maior parte do terceiro anúncio da paixão (Mc 10,33-34). São dois versículos longos e cheios de detalhes. Diz MARCUS: “*os fatos se sucedem em duas etapas em ordem ascendente. Duas ações são realizadas pelos opositores judeus Mc 10,133c: condenarão à morte e o entregarão aos gentios. Quatro ações pelos Judeus Mc 10,34: zombarão, cuspirão, açoitarão e o matarão*”.

<sup>265</sup> São seis verbos, todos na voz ativa: κατακτινοῦσιν “condenarão”; παραδώσουσιν “entregarão”; ἐμπαίζουσιν “zombarão”; ἐμπτύσουσιν “cuspirão”; μαστιγώσουσιν “açoitarão”; e ἀποκτενοῦσιν “o matarão”.

Jesus que, nos capítulos 14 e 15, Marcos descreverá de forma clara, explícita, como o real objetivo da caminhada para Jerusalém<sup>266</sup>.

## **2. Delimitação e estrutura do terceiro anúncio da paixão (Mc 10,32-34)**

Em Marcos há um ensinamento de Jesus (Mc 10, 31) que começa afirmando: *“estavam no caminho, subindo para Jerusalém”* (Mc 10,32). Apresenta a informação da mudança geográfica, de lugar, está a caminho, e diz para onde: para Jerusalém. Em (Mc 10,34) termina o tema do anúncio da paixão. Começa mencionando o nome de dois dos Doze, Tiago e João, e mais, diz de quem são filhos: *“filhos de Zebedeu”* (Mc 10,35). A perícopes do terceiro anúncio da paixão fica clara: começa em (Mc 10,32) e termina em (Mc 10,34).

É possível estruturá-la em duas partes. A primeira parte (Mc 10,32ab) descreve a situação de espanto e de medo dos seguidores de Jesus. Na segunda (Mc 10,32c-34), Jesus fala aos Doze sobre o seu destino final.

## **3. Relações de Jesus com os Doze (Mc 10,32-34)**

Após cada um dos três anúncios da paixão, é introduzido um relato de ensino (Mc 8,34-38; 9,33-37; 10,35-40) como proposta para a compreensão, entendimento, a renúncia à aspiração ao poder, assumindo a prática do serviço.

Os anúncios da paixão não são profecias de Jesus sobre o seu futuro. Eles indicam o objetivo final da caminhada rumo a Jerusalém. Jesus prepara os Doze para não serem surpreendidos no momento em que isto venha a acontecer em Jerusalém, e os prepara de uma forma pedagógica.

Parece que há uma contradição: de um lado, os que estavam no caminho subindo para Jerusalém estão assustados e com medo; de outro lado, Jesus demonstra grande tranquilidade e firmeza. Jesus *“tomando os Doze novamente consigo, começou a dizer o que estava para lhe acontecer”* (Mc 10,32). Assim prepara os Doze para o desfecho final do seu ministério. Jesus será condenado à morte, será entregue aos gentios, zombarão dele, cuspirão nele, será açoitado e morto, e três dias depois ressuscitará..

O terceiro anúncio da paixão (Mc 10,32-34) descreve uma série de relações de Jesus. Uma dessas relações: *“estavam no caminho, subindo para*

<sup>266</sup> A meta do caminho de Jesus é Jerusalém. Agora se explica para onde vai o caminho: para Jerusalém, cidade santa, a capital histórica de Davi, o lugar do reino de Judá. Ali era o centro religioso de Israel. Situava-se a sede do Templo onde Deus habitava, e também a sede do Sinédrio. Mas Jerusalém era também a cidade pecadora, a esposa infiel que mata os profetas. É o que expressa o texto (Mc 12,1-12).

*Jerusalém*” (Mc 10,32). Eles estão a caminho de Jerusalém. Esta é a sua meta. Aparece no texto duas vezes a expressão “*subindo para Jerusalém*”. Uma vez é dita pelo autor do texto bíblico (Mc 10,32) e outra pelo próprio Jesus (Mc 10,32). Jesus ia adiante do grupo que o acompanhava atrás. Ele está decidido. É possível dizer que Jesus tem pressa. Com isso realça a determinação de Jesus, numa expectativa de dor e sabe que vão matá-lo<sup>267</sup>. Jesus vai confrontar-se definitivamente com o centro religioso judaico e com o centro político romano.

Uma segunda relação de Jesus: “*Jesus ia à frente deles*” (Mc 10,32). Esta frase indica que Ele aceita de forma consciente o seu destino. É possível comparar com o Evangelho de Lucas: “*Ele tomou resolutamente o caminho para Jerusalém*” (Lc 9,51).

Outra relação “*tomando os Doze novamente consigo, começou a dizer*” (Mc 10,32). De novo, πάλιν, toma os Doze e começa a dizer-lhes o que estava para acontecer. Ainda outra: Jesus começa a falar. Mais uma vez, fala do destino que O aguarda na cidade santa.

Os Doze continuam seguindo a Jesus: “*acompanhavam-no com medo*” (Mc 10,32). É possível comparar com (Mc 1,18), quando Simão e André seguem a Jesus. Temos o mesmo verbo grego seguir, ηκολούθησαν seguiram. São eles Simão e André (Mc 1,18). Está presente o mesmo verbo grego ακολουθοῦντες seguiam (Mc 10,32). Eles seguem a Jesus. Simão e André, que são discípulos, seguiram a Jesus. Também os Doze são discípulos que seguem a Jesus. Pensam que já conhecem, mas aos poucos descobrem que em Jesus havia um mistério maior. Ele fala, aconselha e decide diferentemente do que eles esperavam ou imaginavam. Nos três anúncios da paixão, há uma série de instruções que ajudam a entender Jesus como Messias. O conjunto das instruções tem como vertente a caminhada para Jerusalém. Jesus está a caminho. Indo para Jerusalém, onde irá sofrer, morrer e ressuscitar. O contexto é a cruz na vida de Jesus e na vida dos Doze. A ênfase no sofrimento e na morte é o que os Doze parecem incapazes de compreender.

#### **4. Relações dos Doze para com Jesus (Mc 10,32-34)**

A primeira relação é a postura dos Doze na caminhada com Jesus. Mostra que eles ainda não compreenderam o significado dos dois ensinamentos proferidos anteriormente por Jesus logo após os dois anúncios da paixão aos quais se segue uma catequese (Mc 8,34-38; 9,33-37). Os Doze demonstram espanto e medo. Os que seguem a Jesus não estão mais ao seu redor: eles preferem caminhar atrás de Jesus.

<sup>267</sup> MESTERS e LOPES, 2015 p. 200 diz: “*A morte de Jesus não é fruto de um destino cego ou de um plano já preestabelecido, mas é consequência do compromisso assumido com a missão que a recebeu do Pai*”.

A expressão “*estavam no caminho*” faz brotarem duas ideias. A primeira sugere que Jesus era seguido por um número maior de pessoas. A segunda é uma cena com imagem do seguimento. Trata-se de seguimento em uma situação especial, porque os acompanhantes de Jesus não estão ao seu redor. Eles não se aglomeraram, como de costume, mas agora estão atrás de Jesus<sup>268</sup>.

Apesar de todos os ensinamentos (Mc 8,31; 9,31; 10,33) sobre o Filho do Homem, os Doze não compreenderam as palavras de Jesus, estão espantados e acompanhavam a Jesus com medo. Neste grupo dos Doze predomina a expectativa de que Jesus iria para Jerusalém para tomar o poder. Esta expectativa implicava em insegurança, em estarem espantados, e disso resultou o clima de medo. Não compreendem o que está acontecendo. Demonstram não ter clareza sobre o destino final do movimento de Jesus. Permanece a incompreensão, e isto gera mais insegurança. O sofrimento não combina com a ideia que eles tinham do Messias.

O texto de (Mc 10,32) apresentam duas atitudes: na primeira, “*estavam assustados*” (Mc 10,32); na segunda, “*estavam com medo*” (Mc 10,32). Os Doze mostram que ainda não compreenderam o significado do ensinamento de Jesus. Os Doze demonstram insegurança e medo. Eles já não estão ao redor de Jesus: “*Jesus ia à frente deles*” (Mc 10,32). Preferem caminhar atrás de Jesus.

O espanto e o medo são sentimentos muito próximos um do outro. Estes sentimentos são atribuídos aos discípulos no transcórre do Evangelho de Marcos. “*Então ficaram com muito medo*” (Mc 4,41). É o relato da tempestade acalmada. Jesus caminha sobre as águas (Mc 6,45-52). Há uma reação: “*Vendo-o caminhar sobre o mar, julgaram que fosse um fantasma e começaram a gritar*” (Mc 6,49-50). Pedro, Tiago e João “*não sabiam o que dizer, porque estavam atemorizados*” (Mc 9,6). Em relação ao tema do perigo das riquezas, “*os discípulos ficaram admirados com estas palavras*” (Mc 10,24). Ainda quanto ao mesmo tema do perigo das riquezas, “*eles ficaram muito espantados* (Mc 10,26)<sup>269</sup>”.

Esta incompreensão tem raízes mais profundas, que poderiam ser: Jesus falara em sofrimento, morte, ressurreição. Isto permanecia incompreensível para os Doze e era motivo de insegurança: “*estavam no caminho, subindo a Jerusalém*” (Mc 10,32). Havia expectativa de que Jesus em Jerusalém tomaria o poder, como um messias davídico, e tal expectativa gerava insegurança por parte dos Doze em relação ao desfecho final do ato, que

<sup>268</sup> MARCUS, Joel, *El Evangelio Según Marcos*, Volume II, Ediciones Sígueme, Salamanca 2011 p. 855, distingue três grupos que estavam no caminho com Jesus: “*A gramática de Marcos parece distinguir três sub-conjuntos dentro deste grupo que acompanham Jesus: a) os que “sobem” com Jesus e estão assustados; b) “os que o seguem”, que têm medo; c) os Doze, aos quais Jesus ensina em particular.*

<sup>269</sup> MARCUS, 2011, p. 852, afirma: “*Muitas vezes parece que no Evangelho de Marcos “os discípulos” é sinônimo de “os Doze”.* Cita como exemplo Mc 6,7, em conjunção com Mc 6,30; 6,35”.

envolveria o querer o lugar de poder, que dá status, honras e prestígio social, tornando os outros subservientes, no desejo de ser o primeiro, o mais importante, o maior.

Chegamos ao final dos três anúncios da paixão no Evangelho de Marcos. Eles se encontram também em Mateus e Lucas, inspirados em Marcos. Numa análise comparativa dos três anúncios, percebe-se que há bastante semelhança entre si. Neles há uma tríplice afirmação do Filho do Homem (Mc 8,31; 9,31; 10,33). Ele se apresenta humilde, frágil e muito diferente de um messias poderoso, triunfalista. A imagem deste tipo de messias não condiz com a prática de Jesus.

O texto de Marcos recorda continuamente aos seus leitores não somente o sofrimento de Jesus, mas a necessidade de que eles participem com Ele na sua caminhada, cada um carregando a sua cruz e seguindo Jesus até a morte: *“se alguém quer vir após mim, negue-se a si mesmo, tome a sua cruz e siga-me”* (Mc 8,34). Mas não se deve aceitar este sofrimento pelo mero sofrimento em si mesmo. Perder a vida significa salvá-la: *“aquele que quer salvar a sua vida, vai perdê-la, mas quem perder a sua vida por causa de mim e do Evangelho, vai salvá-la”* (Mc 8,35). Esta vida não é somente como indivíduo particular, em si mesmo, mas como membro de uma comunidade que, segundo o livro do Apocalipse, *“segue o Cordeiro, onde quer que ele vá”* (Ap 14,4), e que recebe apoio e fortaleza da parte de Deus, dentro dessa comunidade itinerante, a saber: casa, irmãos, irmãs, mãe, filhos e terras, com muitas perseguições (Mc 10,29-30). Assim, os marcados pela cegueira, o cego de Betsaida e o cego de Jericó, caminham decididamente com Jesus. Ele se dirige para o sofrimento e a morte, em Jerusalém (Mc 10,52), e estarão também com Ele no caminho que conduz à ressurreição (Mc 8,31; 9,31; 10,34).

Estes três anúncios são importantes dentro do conjunto da narrativa de Marcos. Eles nos oferecem uma gama de atitudes que condicionam o conhecimento do messianismo. Sugerem que somente pode reconhecer o Cristo – o Messias que sofre, morre e ressuscita – quem aceita estes valores. Por outro lado, somente esses valores têm sentido para aqueles que aceitam o sofrimento, morte e ressurreição como formas concretas de ser seguidor de Jesus.

Entre as duas curas, a do cego em Betsaida (Mc 8,22-26) e a do cego Bartimeu de Jericó (Mc 10,46-52), encontra-se no Evangelho de Marcos uma longa instrução sobre a cruz, o sofrimento, a morte e a ressurreição, através das palavras de Jesus nos três anúncios da paixão. Com a cura de Bartimeu, o cego em Jericó, encerra-se esta longa caminhada para Jerusalém e os ensinamentos que aparecem após cada um dos três anúncios da paixão. Parece uma pequena cartilha, uma espécie de catecismo feito com frases do próprio Jesus. Estas duas curas são símbolo do que se passava entre Jesus em relação a Pedro, com os Doze e com os dois filhos de Zebedeu, Tiago e João.

## **TERCEIRO CAPÍTULO**

**AS RELAÇÕES DE JESUS COM ALGUNS DOS DOZE A  
PARTIR DA PREGAÇÃO, NA GALILEIA NO CAMINHO ATÉ A  
CHEGADA EM JERUSALÉM Mc 1,14 – 10,52**

## 1. INTRODUÇÃO

Este terceiro capítulo da tese tem como objetivo analisar as perícopes em que aparecem o nome de alguns dos “Doze” (τοῦς δώδεκα) na pregação de Jesus na Galileia até a chegada na Judeia, Jerusalém (Mc 1,14 – 10,52). Aparecem perícopes com o nome de um dos doze: Levi, Pedro ou João; com o nome de dois dos Doze, no caso os dois filhos de Zebedeu, Tiago e João (Mc 10,35-45); com o nome de três dos Doze Pedro, Tiago e João no milagre da ressurreição da filha de Jairo (Mc 5,35-43), sendo os mesmos que aparecem na perícopa da transfiguração de Jesus (Mc 9,2-8); e, finalmente, com quatro dos Doze, Simão e Andre, Tiago e João, chamados por Jesus (Mc 1,16-20).

Nesta caminhada da Galileia até a chegada na Judeia, em Jerusalém, aparecem preocupações, dúvidas e incertezas. Estas preocupações eram: como ser discípulos e seguidor de Jesus? Como anunciar a Boa-Nova de Deus que Jesus trouxe? Como andar pelo caminho que Jesus indicou?

Quais as relações de Jesus com estes, com alguns dos Doze, e deste ou destes para com Jesus?

Há uma finalidade pedagógica e catequética. Os textos que serão elencados e analisados logo a seguir contêm certa censura de Jesus, direta e indireta, uma crítica por parte de Jesus a alguns dos Doze. Há uma situação de incompreensão e de falta de fé. Tais situações de incompreensão ocorrem logo após a cura do cego em Betsaida (Mc 8,22-26). Incertezas aparecem em Pedro, João e nos dois filhos de Zebedeu, Tiago e João.

No desenvolvimento do tema das incompreensões, apresentam-se através dos textos do Evangelho de Marcos situações de ignorância, incompreensão, medo, espanto, falta de fé, conflitos e dúvidas por parte de alguns “dos Doze” (τοῦς δώδεκα). Em que consistem tais incompreensões, dúvidas, ignorância, falta de fé e crises? Como se apresentam na vida de alguns dos Doze, que são Pedro, João e os dois filhos de Zebedeu? Em que momento da pregação de Jesus e na vida dos Doze as incompreensões aparecem?

Serão analisadas as perícopes com o nome de alguns “dos Doze” (τοῦς δώδεκα), focalizando as relações de Jesus com eles e deles para com Jesus -- suas atitudes, comportamento, dificuldades, incompreensões e posturas de não entendimento. Tudo isto está localizado nos textos narrativos do Evangelho de Marcos. Quando for necessário, será feita comparação com os outros três Evangelhos: Mateus, Lucas e João.

A leitura do texto de Marcos dentro do parâmetro anunciado encontra o total de nove perícopes, assim apresentadas:

1. Introdução
2. Simão e André, Tiago e João. O chamado dos quatro primeiros discípulos para o seguimento (Mc 1,16-20).
3. Levi é chamado para o seguimento (Mc 2,13-17).
4. Pedro, Tiago e João estão presentes no milagre da ressurreição da filha de Jairo (Mc 5,35-43).
5. Pedro confessa: “*Tu és o Cristo*” ( Mc 8,27-30).
6. As incompreensões no primeiro anúncio da Paixão (Mc 8,31-33)
7. A transfiguração de Jesus (Mc 9,2-8).
8. João proíbe o uso do nome de Jesus (Mc 9,38-40).
9. Pedro faz o pedido sobre a recompensa no seguimento (Mc 10,28-31).
10. Tiago e João, filhos de Zebedeu, fazem um pedido a Jesus e o ensinamento de Jesus sobre o tema da autoridade como serviço (Mc 10,35-45).

Na leitura destas páginas do Evangelho de Marcos, percebe-se que há um interesse especial do Evangelista pelo discipulado. Em primeiro lugar os discípulos observam Jesus, procurando penetrar no segredo de sua pessoa, isto é, conhecer Jesus para entrar em sintonia com Ele. Não se trata somente saber quem é Jesus, mas de aprender uma forma de viver – a de Jesus. Isto significa ser discípulo: penetrar no segredo de sua pessoa, entrar em sintonia com Ele, aprender a forma de viver de Jesus.

A metodologia a ser adotada na análise de cada uma das perícopes segue o mesmo esquema quando o texto bíblico permitir: Introdução; Delimitação da perícopes; Estrutura; As relações de alguns dos Doze para com Jesus; As relações de Jesus para com eles.

## 2. SIMÃO E ANDRÉ, TIAGO E JOÃO. O CHAMADO DOS QUATRO PRIMEIROS DISCÍPULOS PARA O SEGUIMENTO (Mc 1,16-20)<sup>270</sup>

### 1. Introdução

É possível intitular como prólogo o texto que antecede a perícopes em estudo (Mc 1,1-15). A primeira secção de Marcos começa com o chamado de quatro homens para deixarem as suas redes de pesca e começarem uma nova vida de seguimento a Jesus. São dois grupos, sendo o primeiro representado por Simão e André e o segundo por Tiago e seu irmão João<sup>271</sup>.

Na leitura do Evangelho de Marcos percebe-se que os primeiros momentos da pregação<sup>272</sup> de Jesus foram de grande sucesso<sup>273</sup>. Aparece várias vezes uma profunda e favorável impressão. A fama de Jesus estende-se pela Galileia: *“imediatamente o seu renome se espalhou por toda a região, por toda a redondeza da Galileia”* (Mc 1,28). Toda a cidade de Cafarnaum se reuniu

<sup>270</sup> Este relato se encontra nos quatro Evangelhos, mas em contextos diferentes: (Mc 1,16-20; Mt 4,18-22; Lc 5,1-11; Jo 1,35-51). Fazendo uma análise comparativa, constata-se: 1) Mateus (4,18-22) segue o esquema de Marcos (1,16-20); 2) Lucas segue outro esquema, com outras conotações, e se afasta do estilo esquemático de Marcos. Lucas insere o relato da pesca milagrosa como pano de fundo para apresentar a vocação dos primeiros discípulos. Em Lucas há interação entre Jesus e Pedro. É narrado apenas o contato e o chamado de Pedro, sem apresentar André. O relato é centralizado em Pedro. Lucas assemelha-se ao relato da pesca milagrosa pós-pascal relatada no Evangelho de João (21,1-14). 3) No Evangelho de João (1,35-51) há uma ruptura radical com o esquema do Evangelho de Marcos. A narrativa do Evangelho de João se distancia e é bem diferente dos Evangelhos Sinóticos. Esta ruptura se dá, em primeiro lugar, na dimensão do lugar do chamamento. Não é o mar da Galileia. No quarto Evangelho não está claro o lugar. Pode-se deduzir que seria o rio Jordão, onde João Batista estava batizando (Jo 1,28). O Evangelho de João não narra a cena do batismo de Jesus como fazem os Evangelhos Sinóticos. No texto de (Jo 1,29-34), João Batista dá testemunho da missão e da filiação divina de Jesus. Outra ruptura é que dois discípulos de João Batista (Jo 1,35.37.38) seguem a Jesus para saber onde Ele mora (Jo 1,38). sendo um deles André (Jo 1,40) e o outro (Jo 1,41) Simão, que em (Jo 1,42) é identificado por Cefas. No Evangelho de João, Pedro não é chamado por Jesus, mas por informação de André, que tinha seguido o Mestre no dia anterior (Jo 1,41-42). É apresentado a Jesus (Jo 1,42). Os primeiros discípulos seguem a Jesus pelo testemunho de João Batista aponta: *“Eis o Cordeiro de Deus”* (Jo 1,36). Daqui desencadeia-se o processo do discipulado. O esquema deste processo é: 1) André (Jo 1,40) segue a Jesus pelo testemunho de João Batista; 2) André encontra Simão (Cefas) (Jo 1,41-42) e o apresenta a Jesus; 3) Jesus encontra Filipe (Jo 1,43) e o convida para o seguimento: *“segue-me”*; 4) Filipe encontra Natanael e o convida para ver Jesus: *“vem e vê”* (Jo 1,45-46).

<sup>271</sup> Com exceção de Mc 9,38, Tiago e João sempre aparecem citados juntos no Evangelho de Marcos. A eles junta-se Pedro, constituindo-se um grupo de três (Mc 5,37; 9,2; 14,33). Tiago e João são conhecidos como filhos de Zebedeu (Mc 3,17; 10,35), mas somente aqui aparece o nome de seu pai.

<sup>272</sup> Em (Mc 1,21) Jesus participa do culto sabático na sinagoga de Cafarnaum. Participa frequentemente, como qualquer judeu. Ele está junto ao povo. Ali ensinava. A qualidade deste ensino (Mc 1,22) é com autoridade (ἐξουσίαν). É *“um ensinamento novo”* (Mc 1,27). O novo (καινή) tem dois sentidos. Um é o de inaugurar uma realidade nova. Jesus tem algo novo a dizer, algo que não se ouvia antes, que é a chegada do Reino de Deus. O outro é que este ensino brota dele, sai do seu coração.

<sup>273</sup> No texto narrativo de Marcos Jesus aparece várias vezes como um grande sucesso: *“todos ficaram tão espantados que discutiam entre si, dizendo: Que é isto?”* (Mc 1,27); e *“a sua fama imediatamente se espalhou por toda a parte, na inteira redondeza da Galileia”* (Mc 1,28); *“E a cidade inteira estava reunida junto à porta”* (Mc 1,33). Há muitos outros textos (Mc 1,37; 1,45; 2,2; 2,15; 3,7-8; 3,20; 3,32, etc).

à porta: “a cidade inteira aglomerou-se à porta” (Mc 1,33). As pessoas iam até Jesus de todas as partes: “e de toda parte vinham procurá-lo” (Mc 1,45). Ele se tornou conhecido de todos. As pessoas correm atrás de Jesus<sup>274</sup>. Este entusiasmo pouco a pouco vai diminuindo. Em determinado momento da vida pública de Jesus, no anúncio do Reino de Deus, houve uma crescente dificuldade.

Neste momento se faz necessário apresentar uma série de perguntas, que serão trabalhadas no transcorrer da exposição da tese. Como se deu o encontro de Jesus com os quatro primeiros discípulos que foram chamados (Mc 1,16-20)? E, em seguida, o encontro com Levi (Mc 2,13-17)? Como explicar que Pedro confessou que Jesus é o Messias (Mc 8,29) e logo a seguir, no primeiro anúncio da paixão (Mc 8,31), quando Jesus fala que o Filho do Homem vai sofrer, ser rejeitado e morto, e no terceiro dia ressuscitará, Pedro não aceita este tipo de messianismo? E a atitude de João quando se queixa com Jesus de que alguém não está seguindo com eles, mas expulsa demônios? E os dois filhos de Zebedeu, Tiago e João? Como entender a atitude deles, após uma longa caminhada com Jesus, visto que foram os primeiros a serem chamados conforme a narrativa do Evangelho de Marcos (Mc 1,16-20)?

Como parte introdutória, faz-se necessário estudar a secção de (Mc 1,14 – 3,6). Fazendo estudo de conjunto, percebem-se alguns elementos que se sobressaem na narrativa bíblica. É possível enumerá-los. Em primeiro lugar Jesus ensina. Jesus atua através das palavras e das curas. Por outro lado, temos a resposta dos fariseus e dos escribas. Jesus tem autoridade no seu ensinamento: “Ele os ensinava como quem tem autoridade e não como os escribas”(Mc 1,22)<sup>275</sup>. Várias vezes Jesus aparece ensinando. O texto bíblico simplesmente afirma que Jesus ensina, mas nem sempre descreve o conteúdo do ensinamento dele<sup>276</sup>. O conteúdo de sua doutrina transparece várias vezes através da prática, do modo de agir, proceder e atuar de Jesus, provocando algo profundamente perturbador nas relações entre as pessoas.

Fazendo a leitura do Evangelho de Marcos é possível enumerar as reações: “Estavam espantados com o seu ensinamento” (Mc 1,22). “Todos se

<sup>274</sup> Nos primeiros capítulos do Evangelho de Marcos Jesus quase não para. Ele está sempre andando. Os discípulos (os Doze) vão atrás dele, por todo o canto: na praia (Mc 1,16-20; 2,13-14); na sinagoga (Mc 1,21-28); na casa (Mc 1,29-33; 2,1-12; 3,20s); nos povoados (Mc 1,32-34); no deserto (Mc 1,35-39); no barco (Mc 4,1-2).

<sup>275</sup> No Evangelho de Marcos, na pregação de Jesus na Galileia, frequentemente aparece ensinando: Mc 1,21-28 ensinava na sinagoga aos sábados. Mc 1,22 ensinava com autoridade e não como os escribas. Mc 2,13 todo o povo veio a ele e ensinava a beira mar. De novo começou a ensinar (Mc 4,1) junto ao mar e em parábolas (Mc 4,2). Em (Mc 6,2) percorria as aldeias ensinando. Em (Mc 6,30), vendo a multidão, sentiu compaixão e começou a ensinar. Em (Mc 8,31) começou a ensinar que o Filho do Homem deve sofrer e morrer. Em (Mc 9,31) ensinava aos seus discípulos. Em (Mc 10,1-10) foi para o território da Judeia, além do Jordão e como de costume ensina as multidões.

<sup>276</sup> SOARES e CORREA JUNIOR e OLIVA, 2013, p. 162 diz: “Marcos não explica o conteúdo dos ensinamentos de Jesus, salvo nas controvérsias com os escribas e os fariseus”.

*admiraram, perguntado uns aos outros: Que é isto? Um ensinamento novo com autoridade!*” (Mc 1,27). “... de modo que Jesus já não podia mais entrar abertamente numa cidade” (Mc 1,45). “Por que Ele fala assim? Está blasfemando! Quem pode perdoar pecados se não unicamente Deus?” (Mc 2,7). “Os escribas dos fariseus, vendo que Ele comia com os pecadores e coletores de impostos, diziam aos discípulos dele: Por que Ele come com os coletores de impostos e pecadores?” (Mc 2,16). “Os discípulos de João e os fariseus estavam jejuando. Vieram e lhe disseram: Mas por que os discípulos de João e os discípulos dos fariseus jejuam, mas os teus discípulos não jejuam?” (Mc 2,18). “Então, os fariseus lhe diziam: Olha! Por que eles fazem em dia de sábado o que não é permitido?” (Mc 2,24). Há uma nova prática de Jesus, uma prática cheia de dinamismo e de autoridade: “Ele disse ao homem que tinha a mão seca: Ergue-te para o meio. E disse a eles: É permitido, em dia de sábado, fazer o bem ou fazer o mal? Salvar ou matar uma vida?” (Mc 3,3-4).

Um segundo dado importante a ser mencionada é a geografia. É importante situar Jesus geograficamente. Aqui é mencionada a cidade de Cafarnaum<sup>277</sup>. Nos cinco relatos que aparecem no texto, quatro deles acontecem em Cafarnaum (Mc 1,21-28; 1,29-34) ou aos seus redores (Mc 1,16-20; 1,35-39). Estes relatos vinculados a Cafarnaum são caracterizados, na maioria deles, com a menção de Pedro com o sobrenome de Simão (Mc 1,16(2x).29.30.36). Há também uma unidade de tempo cronológico: “no sábado” (Mc 1,21). “Ao entardecer” (Mc 1,32). “De madrugada” (Mc 1,35). Através destas características é possível sugerir que (Mc 1,20-39) constituiu uma composição característica de Marcos, criada a partir de uma fonte anterior ao Evangelho, que descreve o dia de Cafarnaum<sup>278</sup> com vários milagres, um dia característico da missão de Jesus com a presença de seus quatro primeiros discípulos.

É neste lugar que Jesus inicia a sua prática libertadora. Fazendo uma leitura do Evangelho de João, há três testemunhos que nos ajudam a entender melhor a região da Galileia, que é um lugar desprezado, sem importância. No Evangelho de João, temos o testemunho de Natanael, que diz: “de Nazaré pode sair algo de bom”? (Jo 1,46) Geograficamente esta cidade de Nazaré se situa na Galileia (Jo 7,41). Outros diziam: “É este o Cristo! Mas outros diziam: Porventura pode o Cristo vir da Galileia? “Responderam-lhe (os

<sup>277</sup> O cenário descrito por Marcos é detalhista em afirmar vários lugares geográficos nesta primeira seção (Mc 1,16 – 3,6); o mar da Galileia (Mc 1,16; 2,13; 3,7); Cafarnaum (Mc 1,21; 2,1); a cidade de (Mc 1,33); a sinagoga (Mc 1,23; 3,1); os campos com plantações (Mc 2,23); a totalidade da Galileia com suas sinagogas (Mc 1,39). Este pequeno mundo, podemos denominá-los de provinciano é o lugar onde Jesus se revela, pela sua palavra e seus atos.

<sup>278</sup> PESCH, Rudolf, *Il Vangelo di Marco*, Paideia Editrice, Brescia, 1980, pp. 202-203, refere-se a esta seção como “o dia da ação poderosa de Jesus em Cafarnaum”. Descreve dizendo que ela contém uma “tradição fundadora da comunidade”. Pode-se afirmar que esta tradição foi escrita para responder as necessidades da comunidade cristã em Cafarnaum e de um modo específico explicar a origem da Igreja doméstica.

fariseus responderam a Nicodemos). “*És também Galileu? Estuda e verás que da Galileia não surge profeta*” (Jo 7,52).

Um terceiro dado importante nesta seção (Mc 1,16 – 3,6) aparece “*tinha sido entregue*” (Mc 1,14). O autor do Evangelho de Marcos<sup>279</sup> insere uma informação importante “*depois que João tinha sido entregue*” (Mc 1,14a). Com esta frase mostra o início da missão de Jesus em sequência à de João Batista. Esta expressão marca que chegou o momento final da atividade de João Batista, que assim concluiu a sua missão. Chegou o final da sua pregação, de sua atuação e de sua caminhada. Encerra a narrativa da descrição da missão de João Batista<sup>280</sup>. Depois<sup>281</sup>, descreve o martírio de João Batista por Herodes (Mc 6,14-29)<sup>282</sup>.

Para expressar o fim da atividade de João Batista, o texto usa uma expressão importante μετά δέ τό παραδοθηναι “*depois que foi entregue*” (Mc 1,14).<sup>283</sup> O texto não está claro: foi entregue para quem? Esta expressão aparece na vida de Jesus em dois momentos. O primeiro momento encontra-se no segundo anúncio da paixão; o outro, no terceiro. No segundo anúncio, “*o Filho do Homem será entregue nas mãos dos homens*” (Mc 9,31). No terceiro,

<sup>279</sup> Para FERNANDES, L. A. *A Bíblia e a sua mensagem*; Introdução à leitura e ao estudo da Bíblia. Rio de Janeiro / São Paulo: PUC / Reflexão, 2010 p. 126-129. Tanto o Evangelho de Marcos, como Mateus, Lucas e João procuram oferecer no seu texto aos interlocutores a resposta a três perguntas. São questões que se encontram na base do percurso de cada uma das narrativas dos quatro Evangelhos: 1) Quem é Jesus? 2) Qual a sua missão? 3) Como ser seu seguidor?

<sup>280</sup> A mesma ideia encontra-se no Evangelho de Lucas em (Lc 3,19-20). “*Lançou João na prisão*” (Lc 3,20). Aqui temos toda uma teologia lucana na sua obra em dois volumes, Evangelho de Lucas e Atos dos Apóstolos. Este autor divide a história em três grandes momentos: 1) História preparada, que vai do Antigo Testamento até João Batista, o último profeta na ótica lucana. Ao João Batista ser posto na prisão, encerra-se o tempo preparatório. 2) A História realizada com Jesus Cristo encontra-se no Evangelho de Lucas, por isso o autor narra em seguida ao Batismo de Jesus (Lc 3,21-22), e logo a genealogia de Jesus (Lc 2,23-38); 3) A História continua, através dos Apóstolos, a Igreja é narrada no livro dos Atos dos Apóstolos.

<sup>281</sup> João Batista termina a sua missão. Ele é vítima de um ato de violência decretado por Herodes. A narrativa deste fato é bem articulada em Mc 6,14-16, e descreve as respostas do povo e de Herodes à pergunta: Quem é Jesus? Em (Mc 6,17-20) consta a prisão de João Batista; em (Mc 6,21-29) aparecem Herodes e sua corte com um grupo de incrédulos, com algumas cenas: baquete, dança, promessa, pedido, decapitação de João Batista e sepultamento. É importante fazer duas observações. Uma é no contexto da morte de João Batista na narrativa de Marcos. Ela é inserida entre a missão dos Doze (Mc 6,6b-13) e o retorno dos Doze em missão (Mc 6,30-34). A outra é: o que sucedeu a João Batista faz transparecer a ideia de que isto se guardará para o futuro, pois poderá ocorrer com Jesus e os Doze.

<sup>282</sup> O Evangelho de Lucas não narra a execução de João Batista, embora seja citada: “*Mas Herodes disse: “João eu decapitei”*” (Lc 9,9).

<sup>283</sup> As diversas traduções da Bíblia em português não são unânimes na tradução desta expressão. A Bíblia TEB, São Paulo, Edições Loyola, diz: “*Depois que João foi preso*”. A Bíblia de Jerusalém, São Paulo, Paulus, diz: “*Depois que João foi preso*”. Evangelhos e Atos dos Apóstolos. A Novíssima tradução dos originais, Edições Loyola, diz: “*Depois que João tinha sido entregue*”. Novo Testamento, Paulinas, São Paulo, diz: “*Depois que João foi entregue*”.

“o Filho do Homem será entregue<sup>284</sup> aos sumos sacerdotes e aos escribas” (Mc 10,33).

O segundo momento é o processo da condenação e morte de Jesus, quando aparece várias vezes a expressão “Ele vai ser entregue”. “Judas Iscariotes, um dos Doze, foi até aos sumos sacerdotes, para entregá-lo a eles” (Mc 14,10). “Jesus disse: em verdade eu vos digo: um de vós, que come comigo, me entregará” (Mc 14,18). “Mas ai daquele homem por quem o Filho do Homem é entregue” (Mc 14,21). “Eis que o Filho do Homem é entregue nas mãos dos pecadores” (Mc 14,41). “Os sumos sacerdotes com os anciãos, os escribas e todo o Sinédrio chegaram a uma decisão: amarrando Jesus, arrastaram-no e o entregaram a Pilatos” (Mc 15,1). “De fato, ele compreendia que os sumos sacerdotes tinham entregado Jesus por inveja” (Mc 15,10). “Pilatos soltou-lhes Barrabás e entregou Jesus para que, depois de flagelado, fosse crucificado” (Mc 15,15). Aplicando esta expressão em relação a João Batista, Marcos nos lembra, no início da atividade de Jesus na GALILEIA, que isto acontecerá mais tarde com o próprio Jesus.

Retomando a expressão “depois de ter sido entregue” (Mc 1,14a): A partir de agora (Mc 1,14b) a narrativa centraliza-se na missão de Jesus na Galileia. Jesus entra em cena com duas características: primeira, veio para a Galileia<sup>285</sup>; segunda, a finalidade foi de proclamar o Evangelho de Deus. Temos aqui três dados importantes: primeiro, o termo Galileia Ταλιλαιαν<sup>286</sup>; segundo, o termo Evangelho εὐαγγέλιον<sup>287</sup>; e, finalmente, a expressão “Evangelho de Deus” εὐαγγέλιον τοῦ θεοῦ<sup>288</sup>.

Um quarto dado importante é a imagem de um Jesus que ordena. Encontramos nesta seção (Mc 1,16 – 3,6) dez verbos no imperativo: “Segui-me” (Mc 1,17); “Cala-te” (Mc 1,25); “Sai dele” (Mc 1,25); “Vamos” (Mc 1,38); “Sê

<sup>284</sup> Esta expressão se encontra no segundo e terceiro anúncios da paixão de Jesus em Marcos. No segundo (Mc 9,31); no terceiro (Mc 10,33). Quanto ao primeiro anúncio da paixão (Mc 8,31-33), aparece a ideia do sofrer e da rejeição, mas não aparece a expressão “foi entregue”.

<sup>285</sup> No início do Evangelho de Marcos consta o nome da Galileia (Mc 1,9), que aparece novamente no final do Evangelho. Mc 16,7. Com isso forma uma figura de linguagem bíblica a inclusão, início e fim aparece o mesmo termo geográfico, Galileia.

<sup>286</sup> Jesus aparece em Nazaré da Galileia (Mc 1,9), ali é a sua terra natal, Jesus inicia a sua vida pública. Duas vezes é mencionada a Galileia (Mc 1,14.16). Com isto se afirma a importância fundamental deste lugar geográfico, a Galileia, como lugar de pregação de Jesus até (Mc 1,14 – 9,50).

<sup>287</sup> O termo “Evangelho” ocorre maior número de vezes no Evangelhos de Marcos: oito vezes (Mc 1,1; 1,15; 8,35; 10,29; 13,10; 14,9.9; 16,15). Em Mateus, são quatro vezes (4,23; 9,35; 24,14; 26,13); em Lucas e João, não aparece. Em comparação com os Evangelhos, nas cartas paulinas a expressão aparece maior número de vezes. É um termo que apresenta diversas conotações. A partir do Antigo Testamento, passando pelo mundo grego e concluindo no Novo Testamento, Evangelho é a boa notícia anunciada por Jesus (Mc 1,15). Evangelho é o próprio Jesus. Jesus é o conteúdo do Evangelho (Mc 8,35). Evangelho é a pregação dos apóstolos sobre Jesus (At 28,31). Evangelho é a passagem do anúncio oral das Palavras e Fatos de Jesus para o livro que contém estas Palavras e Fatos, que são os Evangelhos.

<sup>288</sup> A expressão “Evangelho de Deus” é construída com um genitivo (de) que só aparece aqui em Marcos. É o único caso. Esta expressão está ligada à pregação missionária do início do cristianismo.

*purificado*” (Mc 1,41); *“Ergue-te*” (Mc 2,11); *“Toma o teu leito*” (Mc 2,11); *“Vai para casa*” (Mc 2,11); *“Segue-me*” (Mc 2,14); e *“Estende a tua mão*” (Mc 3,5).

O quinto dado importante é a estrutura da seção. Inicia em (Mc 1,14-15), quando, com a prisão de João Batista, Jesus vai para a Galileia e apresenta o seu programa missionário. Em seguida, Jesus chama os quatro primeiros discípulos para o seu seguimento (Mc 1,16-20). Segue-se o “dia de Cafarnaum” (Mc 1,21-34)<sup>289</sup>, no qual Jesus se manifesta poderoso em obras<sup>290</sup>. Jesus deixa Cafarnaum para rezar e para anunciar em outros lugares a sua mensagem (Mc 1,35-39). A narrativa segue apresentando a cura de um leproso (Mc 1,40-45). Este relato serve de introdução a cinco controvérsias (Mc 2,1 – 3,6).

Nestas cinco controvérsias, Jesus se revela de diversas formas a partir do texto do Evangelho de Marcos: a) *“O Filho do Homem tem autoridade para perdoar pecados na terra*” (Mc 2,10); b) *“Não vim chamar justos, mas pecadores*” (Mc 2,17); c) *“O noivo está com eles*” (Mc 2,19-20); d) *“O Filho do Homem é senhor também do sábado*” (Mc 2,28); e, por fim, e) *“Jesus cura na sinagoga em dia de sábado*” (Mc 3,1-6).

A imagem de Jesus aparece como quem dá sentido à existência humana; como um homem que cura as vidas que foram feridas fisicamente e psicologicamente; como alguém que capacita e dá vida aos que estão mortos, para poderem entrar novamente no mundo do qual foram expulsos. Em síntese, Ele se apresenta como aquele que restaura, fazendo voltar a vida plena e a paz do mundo que Deus criou.

## **2. Delimitação da perícopes de (Mc 1,16-20)**

O primeiro passo a ser dado na análise narrativa é definir os limites do texto, o seu começo e o seu fim<sup>291</sup>.

Agora vamos delimitar a perícopes (Mc 1,16-20) a partir do critério da dimensão geográfica. Em Marcos há um novo começo, iniciando-se uma nova etapa para Jesus: *“passando ao longo do mar da Galileia*” (Mc 1,16). O verbo passando *παράΥωv* está no participio presente do verbo *παράΥω*, que significa passar por ali, ir, andando. O lugar geográfico muda: *“passando ao longo do mar da Galileia*”. É o início da atividade pública de Jesus. Inicia-se

<sup>289</sup> Cafarnaum aparece nos Evangelhos Sinóticos como centro da atividade e da vida pública de Jesus na Galileia (Mc 1,21 e Lc 4,31). Jesus deu início ao seu ministério público, ensinando na Sinagoga de Cafarnaum aos sábados. Mateus (Mt 4,13) afirma que Jesus estabeleceu a sua residência em Cafarnaum (Mt 9,1), que é chamada “a sua cidade”.

<sup>290</sup> Constituição Dogmática Dei Verbum do Concílio Vaticano II. No número 19 aparecem duas vezes os mesmos verbos *“fez e ensinou*”, para sintetizar toda a atividade de Jesus.

<sup>291</sup> Os critérios para definir são: mudança de tempo, da geografia, dos personagens, do tema etc.. Estes são os itens que constitui uma narrativa bíblica.

uma nova etapa na vida dele. Antes “*Jesus veio para a Galileia*” (Mc 1,14b). Agora é dito em que lugar da Galileia Jesus está: ele se encontra no mar. Jesus caminha, vê e chama. São três verbos de conteúdo vocacional. Aqui acontece o início da perícopa (Mc 1,16).

A partir de (Mc 1,21) muda outra vez de cenário geográfico. Deixa o mar da Galileia e vai para Cafarnaum numa sinagoga<sup>292</sup>. Há também outra atividade de Jesus, que acontece na sinagoga: ali Ele realiza um milagre. Portanto, a delimitação da perícopa está clara em (Mc 1,16-20). Do relato de vocação, passa-se agora a um contexto de ensino  $\acute{\epsilon}\delta\acute{\iota}\delta\alpha\sigma\kappa\epsilon\nu$ <sup>293</sup> que é realizado mediante uma ação milagrosa.

### 2.1. Delimitação: o contexto anterior (Mc 1,14-15)

O contexto anterior situa-se em (Mc 1,14-15). É um texto programático. Ele se apresenta em três partes:

A primeira é a atividade de João Batista, que termina com seu encarceramento. Jesus inicia a sua missão somente depois deste fato (Mc 1,14). Há no texto um quadro de informações: “*João Batista tinha sido entregue*”; e “*Jesus veio para a Galileia*”. É dito o porquê: “*proclamar o Evangelho de Deus*”. Há aqui uma vinculação à atividade de Jesus, e agora apresenta Jesus na Galileia.

A segunda parte apresenta as características da nova situação: “*Completo-se o tempo oportuno*”; e: “*O Reino de Deus está próximo*” (Mc 1,15a).

Na terceira parte, há dupla indicação para a vida nova. A primeira: “*Convertei-vos*”; a segunda, “*crede no Evangelho*” (Mc 1,15b). O homem deve responder ao anúncio do reino com estas duas atitudes.

<sup>292</sup> Sobre a cidade de Cafarnaum há um desenvolvimento detalhado em PAGOLA, José Antônio, *Jesus. Aproximação histórica*, Rio de Janeiro, Editora Vozes, 2007 3ª. Edição, pp. 109-114.

<sup>293</sup> No Evangelho de Marcos encontramos Jesus continuamente ensinando. Jesus ensina na sinagoga aos sábados (Mc 1,21-28). Ensina com autoridade e não como os escritos (Mc 1,22). Todo o povo veio a Ele e Ele ensinava à beira mar (Mc 2,13). De novo começou a ensinar junto ao mar (Mc 4,1) e ensinava em parábolas (Mc 4,2). Percorria as aldeias ensinando (Mc 6,2). Vendo a multidão, sentiu compaixão e começou a ensinar (Mc 6,30). Começou a ensinar que o Filho do Homem sofreria muito, seria rejeitado, seria morto, e depois de três dias ressuscitasse (Mc 8,31). Para o território da Judeia, além do Jordão e como de costume ensinava as multidões (Mc 10,1-10). O escriba doutor reconheceu que Jesus ensinava a verdade do caminho de Deus (Mc 12,14). Jesus tinha consciência e confirmou com sua missão: “*É necessário que primeiro o Evangelho seja proclamado a todas as nações*” (Mc 13,10).

## 2. 2. Delimitação: o contexto posterior da narrativa (Mc 1,21-28)

Jesus está em dia de sábado na sinagoga de Cafarnaum ensinando *ἐδίδασκεν* (Mc 1,21). Do relato de vocação passa a um contexto de ensino. É um dia característico de Jesus nesta cidade (Mc 1,21-39), e é chamado “dia de Cafarnaum”. A perícopa (Mc 1,21-28) forma uma unidade, pois narra os acontecimentos na sinagoga.

Algumas características do ensinamento de Jesus são abordadas aqui: *“todos ficaram tão espantados que discutiam entre si, dizendo: que é isto? Um ensinamento novo com autoridade!”* (Mc 1,27). A reação do povo é de admiração, impressionado pelo ensinamento com autoridade.

Jesus realizou o milagre de um exorcismo (Mc 1,23-28). Esta realização demonstra a autoridade e o poder de Jesus. Repete-se a reação do povo em manifestação (Mc 1,22. 27). Finalmente (Mc 1,28) conclui-se a narrativa. A aceitação de Jesus é tão grande (Mc 1,28) que o povo divulga a sua fama por toda a região. A partir de (Mc 1,29) muda-se o lugar. Jesus sai da sinagoga e vai para a casa de Simão e André. Portanto, a perícopa do contexto posterior é (Mc 1,21-28).

## 3. Estrutura da perícopa (Mc 1,16-20)<sup>294</sup>

O texto é composto de duas partes, cada qual com uma dupla de irmãos. A primeira, com Simão e André: *“ele viu Simão e André, irmão de Simão, que...”* (Mc 1,16-18); a segunda, com Tiago e seu irmão João: *“viu Tiago... e seu irmão João”* (Mc 1,19-20). O relato do chamado é descrito da mesma forma nas duas partes, repetindo-se quase os mesmos elementos. Fazendo uma comparação:

Jesus caminha para a situação dos chamados (Mc 1,16.19): *“Passando ao longo do mar da Galiléia”* (Mc 1,16). *“Indo um pouco adiante”* (Mc 1,19). Em (Mc 1,17. 20) Jesus os chama no contexto do trabalho. Em (Mc 1,18. 20), a resposta: eles seguiram a Jesus. A resposta dos dois grupos é a mesma. O mesmo advérbio é repetido *εὐθύς*: *“Imediatamente”* ou *“em seguida”* ou *“logo”* (Mc 1,18.20). Percebe-se o convite *“vinde após mim”* e a missão *“eu vos farei pescadores de homens”* (Mc 1,17) do primeiro grupo, mas não aparece no caso do segundo.

<sup>294</sup> O relato se apresenta em duas cenas. A primeira, Jesus se dirige a Simão e André. O André será mencionado junto com os outros (Mc 1,29; 3,18; 13,3). Simão parece ser conhecido do leitor, ele aparece ainda em (Mc 1,29. 30. 36) e em seguida se torna o grande protagonista (Mc 3,16; 8,29; 8,32-33; 9,5-6; 14,66-72). Jesus convida os dois para segui-lo. A segunda cena, o Tiago é identificado como filho de Zebedeu e João é apresentado como seu irmão. Os dois aparecem juntos em passagens posteriores (Mc 1,29; 3,17; 9,2; 10,35; 10,41; 14,33).

O primeiro grupo (Mc 1,16-18) contém um esquema de sete ações. Eis a sua enumeração: 1) “*Passando ao longo do mar da GALILEIA*” (Mc 1,16); 2) Jesus “*viu Simão e André*” (Mc 1,16); 3) “*Eles lançavam a rede ao mar*” (Mc 1,16); 4) Jesus lhe disse: “*vinde após mim*” (Mc 1,17); 5) Jesus continua falando e apresenta a missão: “*eu vos farei pescadores de homens*” (Mc 1,17); 6) “*Imediatamente εὐθύς, deixaram as redes*” (Mc 1,18); 7) E a resposta do chamado ηκολούθησαν αὐτῷ: “*eles o seguiram*” (Mc 1,18).

O segundo grupo (Mc 1,19-20) contém um esquema de seis ações. Vamos enumerá-las: 1) “*Indo um pouco adiante*” (Mc 1,19); 2) Jesus “*viu Tiago e seu irmão João*” (Mc 1,19); 3) “*Eles estavam no barco consertando as redes*” (Mc 1,19); 4) “*Imediatamente os chamou*” (Mc 1,20); 5) “*Eles deixaram o pai no barco com os empregados*” (Mc 1,20); 6) e “*Foram atrás dele*” (Mc 1,20). O que está ausente no segundo grupo é o convite, “*vinde após mim*” (Mc 1,17), e a missão, καί ποιήσω ὑμας Υενέσαι ἀλιεῖς ἀνθρώπων: “*vos farei ser pescadores de homens*” (Mc 1,17).

#### 4. Aspectos literários da perícopre (Mc 1,16-20)

##### 4. 1. O gênero literário (Mc 1,16-20)

O gênero literário desta perícopre é uma narrativa de cunho vocacional<sup>295</sup>. Portanto, não pertence a outro gênero literário, como parábola, ensinamento, discurso, controvérsia<sup>296</sup>, etc. O gênero vocacional<sup>297</sup> tem a sua estrutura<sup>298</sup>. O conteúdo desta narrativa reduz-se ao essencial. Sem persuadir, sem prometer uma vida maravilhosa, chama os quatro primeiros seguidores, que passam a andar com Ele. Não há nenhuma notícia prévia. Jesus aparece

<sup>295</sup> Sobre este gênero, PESCH, 1980, p. 192, e LENTZEN-DEIS, 2003, p. 63. Sobre esta temática há o clássico. SELLIN, E. e FOHARER, G. *Introdução ao antigo testamento*. São Paulo, Academia Cristã e Paulus, 2012, pp. 33-143.

<sup>296</sup> Para desenvolvimento maior sobre os gêneros literários da Bíblia há uma obra recente: SILVANO, Zuleica, *Introdução à análise poética de textos bíblicos*. Coleção “Bíblia como literatura”, vol. 5. São Paulo, Edições Paulinas, 2014.

<sup>297</sup> GNILKA, Joachim, *El Evangelio según san Marcos, Mc 1,1 – 8,26, Vol 1*, Ediciones Sígueme, Salamanca, 1986 na página 87 afirma: “*O modelo Mc 1,16-20 permite qualificar claramente como relato de chamamento*”.

<sup>298</sup> Este relato pertence ao gênero de vocação. Os elementos que fazem parte deste gênero são: a) Jesus passando ao longo do mar da Galileia; b) Jesus vê alguém; c) Indicação da situação social do chamado: a atividade profissional; d) O chamamento por parte de Jesus; e) Ruptura com a situação social, no nosso caso com o trabalho e a família; f) O chamado deixa tudo para seguir a Jesus. É a resposta. Para maiores aprofundamentos desta temática consultar bibliografia: MARTINI, Carlos Maria e VANHOYE, Albert, *Bíblia e vocação*. São Paulo, Edições Loyola, 1987. FABRIS, Rinaldo, *O Deus que chama. Itinerário vocacional na Bíblia*. São Paulo, Edições Paulinas, 1990. FAVALE, Agostino, *Vocazione comune e vocazioni specifiche. Aspetti biblici, teologici e psico-pedagogico pastorali*. Libreria Ateneo Salesiano, Roma, 1981.

de repente: *caminha* (Mc 1,16); *vê* (Mc 1,16); e *chama* (Mc 1,17). Toda a iniciativa e toda a ação são de Jesus.

Numa análise literária percebem-se vários elementos, tais como: O centro da narrativa está na fala de Jesus: “*Disse-lhes Jesus*” (Mc 1,17); “*Logo os chamou*” (Mc 1,20); deixaram algo: “*As redes*” (Mc 1,18); “*O pai Zebedeu no barco com os empregados*” (Mc 1,20); duas vezes aparece o verbo seguir, uma em cada grupo. No primeiro: “*eles o seguiram*” (Mc 1,18); No segundo: “*foram atrás dele*” (Mc 1,20). Diante do chamado há uma resposta. Temos o mesmo advérbio para os dois grupos εὐθύς: “*Imediatamente*” ou “*em seguida*” ou “*logo*” (Mc 1,18.20). Há dois verbos centrais, são verbos de movimento, de ação, ἀφέντες “*deixando*” e “*seguir*” (Mc 1,18.20).

#### 4.2 Figura de linguagem. A inclusão no Evangelho de Marcos

Na leitura do texto do Evangelho de Marcos percebe-se o uso da figura de linguagem chamada inclusão, que aparece em vários momentos na narrativa do Evangelho de Marcos. Vejamos alguns exemplos:

O primeiro está em (Mc 1,16-20 e Mc 16,7): “*Ide dizer aos discípulos e a Pedro que ele vai à vossa frente para a GALILEIA. Lá o vereis, como ele vos disse*”<sup>299</sup>. Temos a presença de dois elementos: os discípulos e a pessoa de Pedro.

O segundo exemplo: “*Jesus lhes disse: vinde após mim, e eu vos farei pescadores de homens*” (Mc 1,17) e “*Disse-lhes: ide por todo o mundo, proclamai o Evangelho a toda criatura*” (Mc 16,15). Temos mais uma inclusão, a da missão aos discípulos, embora o texto (Mc 1,17) use de uma metáfora, mas o sentido é o mesmo, formando uma inclusão.

Simão (Pedro) vem em primeiro lugar (Mc 1,16) e seu nome reaparecerá no final do Evangelho: “*Ide dizer aos seus discípulos e a Pedro que Ele vai à vossa frente para a Galileia. Lá o vereis, como Ele vos disse*” (Mc 16,7). Assim, forma-se uma grande inclusão. A última atividade de Jesus está relacionada aos discípulos. Assim, o autor do Evangelho de Marcos quer construir um Evangelho para o discipulado, do início ao fim.

<sup>299</sup> Algumas observações sobre Simão (Pedro): 1) Nos quatro elencos dos Doze, Pedro aparece em primeiro lugar (Mt 3,16;10,2; Lc 6,12; At 1,13); 2) É Pedro que vai confessar, em nome do grupo, que Jesus é o Messias (Mc 8,29; Mt 16,16; Lc 9,20; Jo 6,68-69); 3) Por outro lado, Pedro tornou-se o tentador de Jesus (Mc 8,32-33); 4) Na Igreja Primitiva, ele se tornou uma pessoa de grande preeminência (At 1,15; 2,14; 3,1 etc.....).

### 4.3. O espaço geográfico onde se situa o chamado dos quatro primeiros discípulos (Mc 1,16-20)

O espaço geográfico onde se situa esta cena, a do chamado dos quatro primeiros discípulos, é o mar da Galileia<sup>300</sup>. Não se trata de um lugar genérico. É um lugar concreto: mar da Galileia. É o mar das vocações e dos contatos diretos de Jesus com as pessoas, em (Mc 1,16-20; 2,13-14; 3,7-12). É o lugar do ensinamento (Mc 4,1) e das revelações (Mc 4,35-41; 6,45-52). Já a partir de (Mc 3,7) todo o caminhar de Jesus, até (Mc 8,27), terá como referência o mar da Galileia<sup>301</sup>. No mar ocorre a primeira ação do ministério de Jesus. Nesta ação inicia-se a convocação de seus seguidores.

A caminhada de Jesus começa na Galileia (Mc 1,14.16) e termina também na Galileia (Mc 9,50). “*Jesus se levantou e foi dali para o território da Judeia e do outro lado do Jordão*” (Mc 10,1). Este termo Galileia é uma das palavras chave no Evangelho de Marcos, aparecendo em (Mc 1,9. 14. 28. 39; 3,7; 6,21; 7,31; 9,30; 15,41; 14,28; 16,7).

A primeira referência a este nome é lugar geográfico da Galileia, e está no contexto do batismo de Jesus: “*Jesus veio de Nazaré da Galileia e foi batizado no Jordão por João*” (Mc 1,9). Em seguida, “*imediatamente o Espírito moveu Jesus para o deserto*” (Mc 1,12). Afirma: “*Jesus veio para a Galileia proclamando o Evangelho de Deus*” (Mc 1,14b). Galileia é a terra de Jesus e de seus discípulos, e a do grupo dos Doze e de sua atividade. É nesta região da Galileia que Jesus exerceu a maior parte do seu ministério em Marcos ( Mc 1,14 – 9,50) e em Mateus (Mt 4,12 – 18,35)<sup>302</sup>.

É aqui, na Galileia, onde Jesus inicia a vida pública. “*Passando ao longo do mar da Galileia*” (Mc 1,16). Observa-se no texto bíblico que Jesus, saindo do deserto (Mc 1,12-13), não volta para Nazaré, onde fora batizado, e sim vai para a Galileia (Mc 1,14b)<sup>303</sup>, “*proclamando o Evangelho de Deus*”.

<sup>300</sup> Nos Evangelhos o mar é chamado com três nomes: mar da Galileia, mar de Tiberíades e lago de Genesaré (Mc 1,16-20; Mt 4,18-22; Lc 5,1-11; Jo 6,1-15; 21,1-21). Alguns textos dos livros do Antigo Testamento (Nm 34,11; Js 12,3; 13,27) falam de mar de Kineret ou lago de Genesaré. Fazendo uma análise comparativa entre os Evangelhos, constata-se: Marcos (Mc 1,16) e Mateus (Mt 4,18) falam do “*mar da Galileia*”, enquanto Lucas fala do “*lago de Genesaré*” (Lc 5,1), e o Evangelho de João fala de “*mar de Tiberíades*” (Jo 6,1; 21,1). A extensão das águas é de dimensão média para MAZZAROLO, 2012, que na p. 65 diz: “*As medidas aproximadas do lago (mar) de Kineret (Genesaré) são 18km de comprimento por 9 km de largura*”. Sobre o tema Galileia, há um excelente excuroso em GNILKA, 1986, pp. 80-81.

<sup>301</sup> AZEVEDO, Walmor Oliveira de. *Comunidade e missão no Evangelho de Marcos*, São Paulo, Edições Loyola, 20002, p. 94.

<sup>302</sup> TERRA, J. E. Martins, *Jesus de Nazaré nos Evangelhos Sinóticos*. São Paulo, Edições Loyola, 1991, pg. 16.

<sup>303</sup> Jesus começa aqui a sua prática libertadora. É neste lugar que inicia a sua atividade pública. Este dado é comum nos Evangelhos Sinóticos. A partir da leitura do Evangelho de João, há três testemunhos (Jo 1,46; 7,41; 7,52) que nos ajudam a entender que a Galileia era um lugar desprezado, sem importância. Para maior aprofundamento sobre o tema da Galileia no Evangelho de Marcos temos a obra FREYNE,

Há vários comentários feitos por estudiosos sobre o mar da Galileia, Segundo, DE LA CALLE, afirma: *“foi as margens deste mar, que o Jesus histórico exerceu o seu ministério, dos seus arredores provém os seus primeiros seguidores, de Nazaré, veio o próprio Jesus para ser batizado”*<sup>304</sup>. Para MATEOS e CAMACHO, *“o mar da Galileia é fronteira e, ao mesmo tempo, a conexão com o mundo pagão”*<sup>305</sup>. Também, segundo BATTAGLIA, *“o termo mar aparece também em Mateus e João. Lucas usa sempre o nome de ‘lago’”*<sup>306</sup>.

Marcos elabora toda uma teologia sobre a Galileia. Em primeiro lugar vem o fato de que na sua narrativa Marcos concentra a maior parte das tradições na Galileia (Mc 1,14 – 9,50). Em segundo lugar, as duas adições redacionais que Marcos insere depois da última ceia, na aparição final (Mc 14,28 e 16,7), passam-se na Galileia. Depois da última ceia, Jesus anuncia aos seus discípulos o reencontro na Galileia. Poderão vê-lo na Galileia (Mc 16,7). Esta temática é desenvolvida por alguns estudiosos<sup>307</sup>.

#### 4.4. Alguns problemas literários na perícopa (Mc 1,16-20)

A forma como Marcos narra o chamado dos quatro primeiros discípulos cria uma série de dificuldades, conforme a nossa lógica racional e os esquemas mentais da vida cotidiana. Na construção final do texto percebe-se o descuido de alguns elementos por parte do autor. Vamos enumerar alguns:

Primeiro, a narrativa situa o fato no mar da Galileia, mas não especifica em que lugar do mar acontece o chamado. A resposta que se pode dar é por razões de ordem biográfica. O Evangelho não visa a ser uma biografia de Jesus. O mesmo acontece com os outros dois Evangelhos sinóticos.

O segundo é a dimensão histórica. Será que Jesus, sendo ainda desconhecido, chamaria de improviso quatro homens e eles deixariam tudo para segui-lo sempre? De que modo esses quatro pescadores ficaram conhecendo Jesus? Qual o grau de conhecimento antecedente que os quatro tiveram de Jesus? Como é que um desconhecido lhes diz *“segue-me”* e eles deixam tudo e o seguem? Não há uma preparação ou algo para acostumar-se,

---

Sean, *A Galileia, Jesus e os Evangelhos*, São Paulo, Edições Loyola, 1996, pp. 37-66. Também GNILKA, 1986, pp. 80-81.

<sup>304</sup> CALLE, Francisco De La. *A Teologia de Marcos*. São Paulo, Edições Paulinas, 1978, p. 58

<sup>305</sup> MATEOS e CAMACHO, 1998, p. 90.

<sup>306</sup> BATTAGLIA, Oscar ; URICCHIO, Francisco e LANCELLOTTI, Angelo. *Comentário ao Evangelho de São Marcos*, Rio de Janeiro, Petrópolis. Editora Vozes, 1978, p. 28.

<sup>307</sup> DE LA CALLE, F. *Situación al servicio del kerigma (Cuadro geográfico del Evangelio de Marcos)*, Madri, 1975. LOHMEYER, E. *Das Evangelium nach Markus*, Gottingen 1963. MARXSEN, W. *El evangelista Marcos. Estudio sobre la Historia de la redacción del Evangelio*, Salamanca 1981. FREYNE, Sean, *A Galileia, Jesus e os Evangelhos*, São Paulo, Edições Loyola, 1996, pp. 37-66.

nem uma deliberação por parte dos discípulos com o fim de posteriormente assumirem um compromisso com entusiasmo, dando uma resposta para seguir Jesus<sup>308</sup>? Na resposta, eles não esboçaram nenhuma resistência ou dificuldade. Também não fizeram qualquer pergunta, e não pediram tempo para pensar nem para guardar os barcos e as redes, e nem para analisar o que fazer com os barcos e as redes? No caso dos dois filhos de Zebedeu, nem se despediram da família.

Terceiro: o primeiro ato do ministério de Jesus foi chamar quatro discípulos? É verossímil<sup>309</sup>? É bem provável que estes quatro pescadores tivessem conhecimento prévio (anterior) de Jesus. O evangelista Lucas sentiu esta dificuldade. Por isso, expõe o episódio mais tarde. No início Jesus apresenta-se ao povo (Lc 4,14) e vai à sinagoga de Nazaré, e então lê o texto do profeta Isaías (Lc 4,16-20), quando faz o comentário (Lc 4,21). Também realiza o milagre de exorcismo em Cafarnaum (Lc 4,33-37), além da cura da sogra de Pedro (Lc 4,38-39) e outras curas (Lc 4,40-41). Só depois Jesus chama os primeiros discípulos (Lc 5,1-11)<sup>310</sup>.

Deduz-se que o evangelista Marcos teve outras preocupações na ordem de sua narrativa<sup>311</sup>. A imagem de Jesus está na entrada em Cafarnaum (Mc 1,21ss). Ali apresenta Jesus já acompanhado de seus quatro discípulos, “*eles ingressaram em Cafarnaum*”. O verbo está no plural.

## **5. Uma possível análise pelo método da crítica literária em (Mc 1,16-20)**

Primeira observação: a perícopete pertence à tradição Sinótica (Mc 1,16-20; Mt 4,18-22; Lc 5,1-11). Utilizando o método da crítica literária, várias perguntas podem ser feitas ao texto. Vamos enumerá-las por questão pedagógica:

1) Qual o texto comum entre as três narrativas dos Evangelhos Sinóticos? 2) O que é próprio de cada um dos Evangelhos Sinóticos? 3) O que há de comum entre Marcos e Mateus? 4) O que há de comum entre Marcos e

<sup>308</sup> Era comum que os alunos dos rabinos procurassem o mestre com prestígio e seguissem a ele. Aqui é Jesus quem toma a iniciativa e os convoca para segui-lo.

<sup>309</sup> DELORME, 1985, pg. 37 diz: “*não é verossímil que o primeiro ato do ministério público de Jesus tenha sido o de chamar os quatro*”.

<sup>310</sup> Lucas, na sua narrativa (Lc 5,1-11), afasta-se do esquema de Marcos. Para apresentar a vocação dos primeiros discípulos, insere o fato na pesca milagrosa. Esta narrativa está centralizada na pessoa de Pedro, que tem o papel de levar consigo seus companheiros.

<sup>311</sup> MAZZAROLO, 2012, p. 67, diz: “*os comentários mais piedosos apostam de modo unilateral numa interpretação espiritualizada, afirmando que nesse chamado é preciso ver a autoridade de Jesus, a liderança desde o começo*”.

Lucas? 5) O que há de comum entre Mateus e Lucas? 6) O que há de particularidade em cada um dos Evangelhos Sinóticos?

Após ter apresentado estas perguntas através do método da crítica literária, outras perguntas emergem pela análise da pré-história do texto bíblico. Vamos enumerá-las:

1) Há dependência literária entre as três narrativas? 2) Qual das três narrativas é o texto mais antigo? E qual é o posterior? 3) Como explicar certas particularidades de cada um dos relatos? 4) Como se deu a evolução do texto no transcorrer da vida na comunidade primitiva até chegar à redação final por Marcos, ou Mateus ou Lucas do texto que está sendo analisado?

## **6. Relações de Jesus para com os quatro discípulos na perícopes de (Mc 1,16-20).**

No Evangelho de Marcos, a primeira cena apresentada é Jesus visto em contato com pessoas trabalhando na pesca. O chamado é feito em duplas. É o primeiro passo para a formação da comunidade. O texto não menciona os sentimentos humanos entre Jesus e as duas duplas de pessoas. E, também, entre si, nas duas duplas. O texto dá força ao elemento teológico e também à relação entre chamado e seguimento.

A primeira relação de Jesus com estes quatro pescadores é que Ele se apresenta no texto bíblico como agente principal da perícopes. Toda a ação é voltada em torno de Jesus, que é a figura dominante na perícopes<sup>312</sup>. Ele está “*caminhando*” (Mc 1,16); Ele “*viu*” (Mc 1,16); Ele “*disse*” (Mc 1,17) e “*os chamou*” (Mc 1,20). Marcos ressalta o olhar de Jesus. Ele vê os homens no seu trabalho. Ele aparece como alguém. Ele se encontra diante do mar e diante de duas pessoas, Simão e André, e logo a seguir mais duas, Tiago e João. Estão trabalhando, lançando as redes ao mar. Jesus dirige-se a eles com um verbo no imperativo, quando diz: “*seguime*” (Mc 1,17), isto é, venham comigo. É o olhar da escolha: “*viu Simão e André*” (Mc 1,16); e “*viu Tiago e João*” (Mc 1,19). Nos dois grupos aparece o olhar εἶδεν de Jesus, e o mesmo acontecerá mais tarde no chamado de Levi, “*viu Levi*” (Mc 2,14).

Na segunda relação de Jesus com os quatro. Ele é o sujeito da ação. É Ele quem chama. A iniciativa é de Jesus. Sua palavra é: “*vinde após mim, e eu vos farei...*” (Mc 1,17); e “*os chamou*” (Mc 1,20). É Jesus quem escolhe, chama, convida. O chamado está associado a uma missão, a um trabalho, a uma responsabilidade. A missão dada a eles é: “*farei pescadores*

<sup>312</sup> GNILKA, 1986, p. 85, diz: *Os verbos andar, ver, falar, ouvir, vir, são as funções básicas e elementares da atividade humana que determinam em grande medida a linguagem do Evangelho de Marcos.*

de homens” (Mc 1,17). Esta frase não coloca os discípulos num espaço reservado, separado das pessoas, mas os encaminha pelas estradas da humanidade e do discipulado.

Outra relação de Jesus é o seu convite. A proposta de Jesus não estabelece um limite de tempo ao seguimento. Aquele que é chamado não assume um compromisso temporário, não recebe um “diploma de fim de curso”. O caminho ou percurso que Jesus propõe dura toda a vida. A proposta de Jesus não consiste em uma série de conteúdos doutrinários, mas num seguimento. O seguimento teve como consequência o “deixar” para “ir atrás” ὀπίσω dele. Há um convite: “vinde após mim” (Mc 1,17). É dito o porquê do seguimento, que é a missão: “farei pescadores de homens” (Mc 1,17)<sup>313</sup>. Aos dois primeiros Ele diz qual é o projeto que eles têm pela frente.

Uma relação adicional está no ponto de partida, que é Jesus, sua autonomia, sua autoridade e sua iniciativa. Jesus não oferece aos chamados um programa bem definido. Não propõe argumentos convincentes e também não lhes oferece nada em troca. Somente os chama para O seguirem, e eles respondem com prontidão, deixando as redes, o pai e os empregados. Deste segundo grupo o texto diz: “foram atrás dele” (Mc 1,20).

A grande ação de Jesus é que contradiz o sistema formativo dos rabinos, ou seja, não são os discípulos que escolhem o mestre para segui-lo, mas é o mestre que os escolhe. Ele vai passando, vendo e chamando os que ele quer para formar um grupo, e lhes propõe o seguimento, que consiste em se tornarem seus companheiros de jornada, aceitando caminhar com Ele. Vale ressaltar que, desde o primeiro encontro, lá no mar da Galileia, Jesus tornou-se o centro da vida de cada um destes quatro homens, e não somente dos quatro, porque em seguida constituirão o grupo maior, os Doze (Mc 3,13-19).

As ações principais de Jesus são descritas pelos verbos εἶδεν “viu” (Mc 1,16), εἶπεν “disse” (Mc 1,17) e ἐκάλεσεν “chamou” (Mc 1,20). As ações dos discípulos são descritas através dos verbos e de suas correspondências anteriores, “deixar” (Mc 1,18.20), “seguir” (Mc 1,18) e “partiram atrás dele” (Mc 1,20). São verbos de movimento, de ação. Veja o quadro.

JESUS:	<b>viu</b> Simão e André εἶδεν	<b>e disse-lhes</b> καί εἶπεν
DISCÍPULOS:	<b>deixando</b> as redes ἀθέντες	<b>eles o seguiram</b> ἠκολούθησαν αὐτῷ

<sup>313</sup> GALIZZI, Mario, *Evangelio según Marcos. Comentario exegético-espiritual*. San Pablo, Madrid, 2007, na p. 34, fazendo um comentário da expressão (Mc 1,16) “lançavam as redes ao mar”, diz: “os peixes, quer dizer, os homens. Desde o mais profundo do mar, quer dizer, desde a infidelidade, são levados à luz. Esta pesca é admirável. Os peixes quando são capturados, morrem. Os homens, quando a Palavra da pregação os captura, recebem vida”.

JESUS:	<b>viu</b> Tiago e seu irmão João εἶδεν	os <b>chamou</b> ἐκάλεσεν αὐτούς
DISCÍPULOS	<b>deixando</b> o seu pai ἀθέντες	o <b>seguiram</b> ἀπήλθον ὀπίσω αὐτοῦ  (partiram atrás dele)

Há um perfeito paralelismo entre as ações das duas cenas do relato:

Primeira cena;	<b>ver</b>	<b>dizer</b>	<b>deixar</b>	<b>seguir</b>
Segunda cena:	<b>ver</b>	<b>chamar</b>	<b>deixar</b>	<b>seguir</b>

(partiram atrás dele)

O chamado acontece num dia normal da vida daquele homens, pois estavam trabalhando. Não é em um ambiente religioso particular que se dá o chamado, mas onde as pessoas verdadeiramente vivem, na sua vida cotidiana, no seu trabalho. Estes quatro são pescadores: “*Simão e André estavam jogando a rede ao mar*” (Mc 1,16); Tiago e João “*estavam na barca, consertando as redes*” (Mc 1,19). O evangelista frisa que os que foram chamados não estavam desocupados. Ao contrário, estavam entretidos com os seus afazeres e Jesus lhes propõe o seu convite<sup>314</sup>:

No texto aparecem outras relações, além das pessoais de Jesus com os quatro e dos quatro com Jesus. Por exemplo, temos relações familiares: as duas duplas são de irmãos, e o texto bíblico menciona o pai e os empregados. Temos também relações de trabalho: são as redes e o barco, o lançamento das redes ao mar, o conserto das redes. São as relações sociais de trabalho. Eles estão inseridos num processo produtivo, o trabalho, e consequentemente nas relações comerciais e econômicas.

<sup>314</sup> BALANCINI, Martins Euclides. *Como ler o Evangelho de Marcos. Quem é Jesus?* São Paulo, Edições Paulinas, 1991, p. 29 diz: *Aqueles que são chamados, convocados para aprender e exercer a prática que traz o Reino de Deus não são pessoas pertencentes a uma elite privilegiada e, como veremos, não irão encastelar-se em algum lugar protegido, mas acompanhar Jesus na insegurança que os obriga a correr riscos que nem eles próprios talvez imaginassem que teriam de enfrentar. Deixar as redes e o pai significa entrar no projeto de Jesus para um novo arranjo de toda a ordem social existente, a fim de criar laços diferentes daqueles que a sociedade considera intocáveis e definitivos”.*

No chamado de Jesus estão representadas duas duplas. Martins Euclides Balancini faz uma interpretação sociológica destes dois grupos. Nela, cada dupla representa um setor diferente da sociedade da Galileia. A primeira dupla tem uma relação de igualdade, não subordinada, e exprime desta forma a igualdade dos israelitas na partilha da terra. Isto significa que todos são chamados em pé de igualdade ao reinado de Deus e que não há privilégios. A segunda dupla pertence a um setor conservador, no qual, além do mais, há relações de desigualdade. Estão sujeitos ao pai, mas têm certos privilégios em relação aos empregados. Embora não sendo ainda ativos, estão desejosos de atividade (consertando as redes) e, em comparação com os dois primeiros, estão em um nível mais elevado economicamente. Diante do convite de Jesus, Simão e André abandonam a sua atividade. Tiago e João desvinculam-se da tradição (o pai) e do seu ambiente social, os empregados<sup>315</sup>.

### **7. Relações dos quatro discípulos para com Jesus em (Mc 1,16-20)**

Há uma relação negativa: falta diálogo. Não se estabelece um diálogo propriamente dito entre Jesus e os quatro pescadores. Jesus chama e os convocados respondem com prontidão, sem fazerem objeções, sem colocarem dificuldades ou perguntas. As ações dos dois grupos são apresentadas pelo mesmo advérbio repetido εὐθύς (Mc 1,18.20), que pode ser traduzido por “*imediatamente*”, “*em seguida*” ou “*logo*”. Jesus os chama, e os convocados respondem prontamente, sem hesitar.

Eles aceitam. Esse εὐθύς “imediatamente” mostra a imediatez de sua resposta e também a força de Jesus quando entra em uma vida humana. Tudo muda. Nada é como antes. Marcos usa de dois termos para expressar isso “imediatamente” e o verbo “abandonar”.

O chamado tem como efeito concreto um duplo movimento, expresso por dois verbos: “*deixar*” (Mc 1,18) e “*foram atrás dele*” (Mc 1,20). Eles deixaram o trabalho, isto é, a profissão que garantia segurança de vida e de sobrevivência e identidade social. Deixar a família, o pai, evoca as raízes da identidade da pessoa. Há uma progressão no objeto de deixar (desde as redes até a família, o pai e a situação social, e os empregados) para seguir.

A ruptura com o passado é radical. Trata-se de mudança aberta ao destino com Jesus. A partir de agora estão sempre juntos com Jesus. Suas vidas serão experiências de comunhão com Ele. Não será fácil formar estes quatro homens para o apostolado e torná-los verdadeiros “*pescadores de homens*” (Mc 1,17). No Evangelho de Marcos transparece nestas perícopes a atividade formadora de Jesus para o discipulado.

<sup>315</sup> BALANCINI, 1991, pp.. 90-91.

O seguimento leva os dois homens, Simão e André, a uma nova vocação, que é apresentada mediante alusão ao seu antigo trabalho “*vos tornarei pescadores de homens*” (Mc 1,17). Até agora o seu trabalho era de pescar peixes, no futuro ποιήσω. Agora deverão pescar homens. Seguimento significa não só para os dois Simão e André, mas também para Tiago e João, união pessoal com Jesus – participar de sua vida.

O caminho de Jesus requer fidelidade e compromisso. Segundo Colavecchio, Jesus não se afastará deste caminho. Assim, será por meio da total fidelidade ao Pai que Jesus ensinará os discípulos a serem “*pescadores de homens*”<sup>316</sup>. O mestre é quem precede, quem assinala o caminho, porque conhece o caminho e a meta. O discipulando é aquele que, fixando-se no mestre, vai atrás dele e aprende pouco a pouco o caminho.

A relação com o mar não é apenas lugar geográfico onde Jesus se encontra com estes quatro pescadores (Mc 1,16-20). O mar é também o lugar do chamado de Levi (Mc 2,14). É o lugar de ensinamento: “*Ele os ensinava*” (Mc 2,13). “*De novo começou a ensinar à beira-mar*” (Mc 4,1). “*Jesus se retirou com seus discípulos para o mar*” (Mc 3,7-10). Além de lugar de ensino, é também lugar de refúgio de Jesus frente à ameaça de uma grande multidão.

Para finalizar, fazendo uma análise comparativa do texto bíblico sobre os dois grupos e sobre o chamado, deduz-se, enumerando por motivo pedagógico, o que se segue: 1) Quanto ao gênero literário dos dois textos, é o mesmo: um relato de vocação. 2) A grande diferença está em que, no primeiro grupo, temos a missão: “*pescadores de homens*”, enquanto no segundo grupo não há missão. 3) Os elementos centrais da narrativa são a fala de Jesus: “*Disse-lhe Jesus*” (Mc 1,17); e “*Imediatamente os chamou*” (Mc 1,20). 4) Nos dois há o seguimento; no primeiro, “*imediatamente, deixando as redes, eles o seguiram*” (Mc 1,18); no segundo, “*partiram atrás dele*” (Mc 1,20). 5) Cada grupo deixou algo: o primeiro deixou “*as redes*” (Mc 1,18); o segundo, “*o pai Zebedeu no barco com os empregados*” (Mc 1,20). 6) A resposta, tanto do primeiro grupo como do segundo, é descrita com o mesmo advérbio *imediatamente* εὐθύς (Mc 1,18.20). No primeiro capítulo aparece várias vezes a expressão “*imediatamente*” εὐθύς<sup>317</sup>, e isto parece requerer uma urgência de resposta (Mc 1,21. 23. 29. 30.42.43).

<sup>316</sup> BALANCINI, 1991, p. 29, diz: *Jesus chama os quatro a segui-lo, da mesma forma que ele segue o caminho que seu Pai revelar, no decorrer da sua missão. Jesus está consciente de ser o Filho de Deus, mas isso não significa que o Homem de Nazaré reconhece de antemão todos os detalhes do plano de seu Pai. Muitas vezes, no Evangelho de Marcos, encontramos Jesus surpreso ou entristecido por acontecimentos que ele não esperava (Mc 3,6; 6,6; 8,17-21). Ele irá descobrir o seu caminho no próprio caminhar, ou seja, na fidelidade àquilo que o amor do seu Pai para com a humanidade pedir a ele, no encontro com cada pessoa e em cada situação”.*

<sup>317</sup> O termo εὐθύς, advérbio traduzido por “*imediatamente*” ou “*em seguida*”, aparece inúmeras vezes, perfazendo um total de onze vezes no primeiro capítulo (Mc 1,10. 12. 18. 20.21. 23. 28. 29. 30. 42. 43).

### **3. LEVI É CHAMADO PARA O SEGUIMENTO (Mc 2,13-17).**

#### **1. Introdução**

Faz-se necessário registrar algumas observações do texto que antecede ao chamado de Levi:

Uma das observações é o lugar geográfico. A ação é desenvolvida numa jornada chamada “dia de Cafarnaum”. No interior da narrativa há menção contínua sobre a geografia. Jesus está cheio de atividade e continuamente anda de um lugar para o outro. Lemos no texto bíblico do Evangelho de Marcos: *“Eles ingressaram em Cafarnaum”*; e *“tendo entrado na sinagoga”* (Mc 1,21). *“Eles foram à casa de Simão e André, com Tiago e João”* (Mc 1,29). *“E a cidade inteira estava reunida junto à porta”* (Mc 1,33). *“Jesus saiu e foi para um lugar deserto”* (Mc 1,35). *“Jesus disse: vamos a outros lugares, aos povos vizinhos”*(Mc 1,38). *“E foi pregando pelas sinagogas deles”* (Mc 1,39).

Neste texto de (Mc 1,21-45) percebe-se também que a narrativa procura abranger todo o espaço, religioso e profano, privado e público, para mostrar que a ação de Jesus interessa a todo o ser humano, em todas as suas dimensões. A cidade é o lugar da ação (Mc 1,21). A sinagoga é o lugar de oração pública (Mc 1,21.29). A casa (Mc 1,29) é o lugar da vida privada. Em Mc 1,33, a porta da cidade é o lugar da vida pública. O deserto é o lugar da solidão, de encontro com Deus (Mc 1,35). Através de todos estes textos, Marcos mostra que a ação de Jesus não tem exclusivismo, não se limita a determinado lugar geográfico, mas é para todos.

#### **2. Delimitação da perícope de (Mc 2,13-17)**

É necessário fazer algumas observações sobre a narrativa que antecede a do chamado de Levi. Temos a cura do parálítico (Mc 2,1-12), e aí sobressai o tema do perdão. Jesus ensina que a sua missão tem autoridade para perdoar os pecados. O perdão faz com que a pessoa seja incluída na comunidade. A partir de (Mc 2,13), que é o chamado de Levi, o perdão é a busca de quem está fora da comunidade.

Temos duas mudanças em relação à perícope anterior, a da cura do parálítico (Mc 2,1-12). A primeira é em relação ao conteúdo. Antes temos um milagre e agora temos um relato vocacional. A segunda mudança se dá no espaço geográfico. Antes Jesus estava em Cafarnaum (Mc 2,1) e agora se encontra à beira do mar (Mc 2,13).

Temos uma ação diferente de Jesus. O relato anterior (Mc 2,1-12) acontece em Cafarnaum: *“entrando ele de novo em Cafarnaum”* (Mc 2,1), realizou um milagre, a cura de um parálítico. A partir de (Mc 2,13) começa uma

nova ação de Jesus, e em outro lugar: Ele volta à beira do mar (Mc 2,13), e com isso retoma o lugar da escolha dos quatro primeiros discípulos. Estes dois relatos vocacionais (Mc 1,16-20 e 2,13-14) acontecem no mesmo lugar geográfico: à beira do mar da Galileia.

No final da perícopa há uma afirmação de Jesus. É um convite à conversão: *“não vim chamar os justos, mas os pecadores”* (Mc 2,17). Em (Mc 2,18) muda de cenário e de auditório. Antes eram os coletores de impostos e pecadores, agora são os discípulos de João Batista e os fariseus. Portanto, a perícopa está claramente delimitada em (Mc 2,13-17).

### 2.1. Delimitação: o contexto anterior de (Mc 2,1-12)

Na leitura do texto da narrativa de Marcos até este momento há três grupos de pessoas relacionadas com Jesus. Deste momento em diante as dificuldades de Jesus aumentam e as hostilidades são mais fortes.

Temática	Texto do Evangelho de Marcos
Jesus chama os quatro primeiros discípulos.	1,16-20
Os adversários de Jesus: escribas; escribas dos fariseus; os discípulos de João e os fariseus; os fariseus com os herodianos.  São as cinco controvérsias.	2,1 – 3,6
Os discípulos de Jesus	2.23-28
A presença da multidão	2,4; 2,13

O contexto em que se encontra a narrativa do chamado de Levi (Mc 2,13-17) está incluído no bloco das cinco controvérsias de Jesus com os grupos judaicos (Mc 2,1 – 3,6). Estas controvérsias acontecem com diversos grupos judaicos<sup>318</sup>. É possível fazer um quadro sinótico seguindo estes critérios:

<sup>318</sup> Fazendo uma análise comparativa destas cinco controvérsias, constata-se: 1) A primeira cura, a do paralítico (Mc 2,1-12), e a última, a cura do homem da mão atrofiada (Mc 3,1-6), são dois casos de cura de doenças. Nos dois casos os assistentes reagem, mas de forma contrária: no primeiro, positivamente (Mc 2,12); e, no segundo, negativamente (Mc 3,6). Nos dois casos temos a ordem de levantar-se ( Mc 2,1; 3,3). Nos dois casos há uma reação silenciosa dos adversários (no primeiro, os Escribas; no segundo, os fariseus com os herodianos), usando o termo coração (Mc 2,8; 3,5). 2) As outras três controvérsias, que se encontram no centro da narrativa do texto, são construídas em torno do comer, da mesa: (Mc 2,15-17), o banquete (refeição com os pecadores); o jejum (Mc 2,18-22); os pães tomados por Davi (Mc 2,23-28). Nestas três, mencionam-se os discípulos: *“Jesus e os seus discípulos”* (Mc 2,15), *“os teus discípulos”*

o tema; adversários; novidade apresentada por Jesus; reação dos adversários; e quem é Jesus (como Ele se apresenta).

<i>Temática</i>	<i>Adversários</i>	<i>Novidade apresentada por Jesus</i>	<i>Reação dos adversários</i>	<i>Quem é Jesus? Como se apresenta</i>	<i>Texto do Evangelho de Marcos</i>
Cura de um paralítico	Escribas Mc 2,6	“Filho, os teus pecados estão perdoados” Mc 2,5	Por que está falando assim? Ele blasfema. Quem pode perdoar pecados a não ser o Deus único? Mc 2,6-7	Tem poder de perdoar os pecados Mc 2,10	Mc 2,1-12
Jesus faz refeição com os pecadores	Escribas dos fariseus Mc 2,16	“Eu não vim chamar os justos, mas pecadores” e Mc 2,17	Por que ele come com os publicanos e pecadores? Mc 2,16	Jesus veio chamar não os justos, mas os pecadores. Mc 2,17	Mc 2,13-17
O jejum	Os discípulos de João e os fariseus Mc 2,18	“Podem os amigos do esposo jejuar enquanto o esposo está com eles?” Mc 2,19	Por que os discípulos de João e os dos fariseus jejuam, e os teus não? Mc 2,18	Jesus como esposo. Mc 2,19-20	Mc 2,18-22
Os discípulos colhem espigas em dia de sábado	Fariseus Mc 2,24	“O sábado foi feito para o homem, e não o homem para o sábado” Mc 2,27	Vê, como fazem eles o que não é permitido fazer no sábado Mc 2,24	Senhor do sábado. Mc 2,28	Mc 2,23-29
Jesus realiza uma cura de um homem com uma das	Os fariseus com os herodianos Mc 3,6	“É permitido no dia de sábado, fazer bem ou fazer o mal?”	E o observavam para ver se o curaria no sábado,	Senhor do sábado. Mc 3,4	Mc 3,1-6

(Mc 2,18), e “os seus discípulos” (Mc 2,23). 3) Duas destas controvérsias acontecem em dia de sábado: a quarta (Mc 2,23-28) e a quinta (Mc 3,1-6). 4) A primeira (Mc 2,1-12), a segunda (Mc 2,15-17) e a última (Mc 3,1-6) têm como ponto de partida a prática de Jesus. Na terceira (Mc 2,18-22) e na quarta (Mc 2,23-28) o que está presente são os discípulos na sua prática.

mãos ressequidas		Salvar uma vida ou matar? Mc 3,4	para o acusarem. Mc 3,2.		
------------------	--	----------------------------------	--------------------------	--	--

Na leitura do texto do Evangelho de Marcos, constata-se que a temática das controvérsias ocupa um grande espaço na narrativa. Além deste bloco, há outro bloco de controvérsias no Evangelho de Marcos<sup>319</sup>.

## 2..2. Delimitação: o contexto posterior de (Mc 2,18-22)

A partir de Mc 2,18 muda a temática do conflito. Antes, em Mc 2,15-17, a temática do conflito era a refeição com os pecadores e publicanos. A partir de agora o conflito é outro (Mc 2,18-22): é a prática do jejum<sup>320</sup>.

## 3. Estrutura da perícopa do chamado de Levi (Mc 2,13-17)

É possível apresentar uma estrutura dividida em duas partes<sup>321</sup>:

Os dois primeiros versículos (Mc 2,13-14) são um pequeno relato de vocação: o chamado de Levi. Jesus chama Levi enquanto está trabalhando, sem especificar para quê. Jesus ordena: *ακολούθει μοι* “*segue a mim*” (Mc 2,14). Neste relato vocacional (Mc 2,13-14) há uma série de dados muito semelhantes ao de (Mc 1,16-20)<sup>322</sup>.

<sup>319</sup> Quando Jesus chega em Jerusalém (Mc 11,1), há novamente um ciclo de controvérsias: 1) A autoridade de Jesus é questionada pelos sacerdotes, escribas e anciãos (Mc 11,27-33). 2) O imposto a César (Mc 12,13-17); 3) A ressurreição dos mortos (Mc 12,18-27). 4) O mandamento maior (Mc 12,28-34). 5) O Cristo, Filho de Davi (Mc 12,35-37).

<sup>320</sup> O conflito desta controvérsia é o tema do Jejum. Esta prática é muito antiga. Ela se encontra em muitas religiões antigas. O próprio Jesus praticou o jejum durante 40 dias (Mc 1,13; Mt 4,2; Lc 4,2). A novidade aqui é que Jesus deixa a liberdade. Não exige esta prática.

<sup>321</sup> LÉGASSE, 2000, na p. 149 apresenta uma estrutura dividida em três partes. A primeira é um sumário sobre o ensinamento de Jesus (Mc 2,13). A segunda é o chamado de Levi (Mc 2,14). A terceira é a controvérsia propriamente dita sobre o tema de Jesus fazer refeição com os pecadores (Mc 2,15-17).

<sup>322</sup> Este relato pertence ao gênero de vocação, e tem os seguintes elementos na narrativa: a) Jesus caminhando à beira-mar; b) Jesus vê alguém: “*viu*”; c) Indicação da situação social do chamado: a atividade profissional; d) O chamamento por parte de Jesus; e) Ruptura com a situação social, no caso, a ocupação na coletoria de impostos; f) O chamado deixa tudo para seguir a Jesus (é a resposta dele). Para maiores aprofundamentos desta temática, consultar bibliografia: MARTINI, Carlos Maria e VANHOYE, Albert, *Bíblia e vocação*. São Paulo, Edições Loyola, 1987. FABRIS, Rinaldo, *O Deus que chama. Itinerário vocacional na Bíblia*. São Paulo, Edições Paulinas, 1990. FAVALE, Agostino, *Vocazione comune e vocazioni specifiche. Aspetti biblici, teologici e psico-pedagogico pastorali*. Libreria Ateneo Salesiano, Roma, 1981.

A segunda parte (Mc 2,15-17) é um relato de controvérsia que explica como Jesus podia permitir que estas pessoas que exerciam este trabalho, a coletoria de impostos, o seguissem<sup>323</sup>. E, mais, Jesus faz refeição com coletores de impostos e pecadores. Os adversários de Jesus são os “*escribas dos fariseus*” (Mc 2,16)<sup>324</sup>.

#### 4. Possíveis análises do chamado de Levi (Mc 2,13-17)

##### 4.1. Fazendo uma análise pelo método da crítica literária da narrativa (Mc 2,13-17)

A primeira constatação é uma perícopé da tríplice tradição sinótica (Mc 2,13-17; Mt 9,9-13; Lc 5,27-32). Pela leitura do texto, há duas cenas: uma o chamado de Levi (Mc 2,13-14; Mt 9,9; Lc 5,27-28); a segunda cena é uma controvérsia (Mc 2,15-17; Mt 9,10-13; Lc 5,29-32) gerada por este chamado de Levi. Utilizando o método da crítica literária, várias perguntas podem ser feitas ao texto: a) Qual o texto comum entre as três narrativas dos Evangelhos Sinóticos? b) O que é próprio de cada um dos Evangelhos Sinóticos? c) O que há de comum entre Marcos e Mateus? d) O que há de comum entre Marcos e Lucas? e) O que há de comum entre Mateus e Lucas?

Após ter apresentado estas perguntas pelo método da crítica literária, outras perguntas emergem pela análise da pré-história do texto bíblico: a) Qual das três narrativas é o texto mais antigo? E qual é o posterior? b) Há dependências literárias entre as três narrativas? c) Como explicar certas particularidades de cada relato? d) Como se deu a evolução do texto no transcorrer na vida da comunidade primitiva até chegar à versão final escrita pelo autor de Marcos, pelo autor de Mateus e pelo autor de Lucas do texto que está diante de nós?

Utilizando o método da análise da crítica literária, descobre-se que o texto contém uma série de indícios que revelam um texto composto a partir de formas mais primitivas. Vamos indicá-las: 1) Temos um versículo claramente da composição redacional de Marcos que faz a transição entre a controvérsia anterior sobre o perdão dos pecados e a seguinte: o comer com os publicanos e pecadores. No centro temos o chamado de Levi (Mc 2,13). 2). É uma cena de vocação. Como forma literária é um paradigma. É uma forma pré-existente (Mc 2,14). 3) Inserem-se duas frases significativas: “*eram muitos*”, e “*e o seguiram*” (Mc 2,15). É uma forma redacional para unir as formas pré-existentes, que

<sup>323</sup> CHOURAQUI, André, *A Bíblia. Marcos (o Evangelho segundo Marcos)* Rio de Janeiro – RJ, Imago Editora LTDA, 1996, na pg. 63 diz: “Os coletores tinham a pior das reputações e é extraordinário ver esse homem se levantar imediatamente sob a injunção do rabi para segui-lo”.

<sup>324</sup> Para um aprofundamento sobre os adversários de Jesus, “os escribas dos fariseus” (Mc 2,16): BROWN, Raymond E. – FITZMYER, Joseph A. – MURPHY, Roland E. *Novo comentário Bíblico. São Jerônimo. Novo Testamento e artigos sistemáticos.* São Paulo, Paulus e Academia Cristã. 2011, p. 76.

constituem o cenário de vocação (Mc 2,14 e Mc 2,16-17). O texto de (Mc 2,15) prepara os (vv. 16-17). Por três vezes (Mc 2,15.16.17) aparece a expressão “*publicanos e pecadores*” 4) Finalmente, temos três formas tradicionais: o paradigma (Mc 2,14); a controvérsia (Mc 2,16-17a); e um dito isolado, que serve de conclusão da perícopé (Mc 2,17b)<sup>325</sup>.

Fazendo-se uma análise literária desta perícopé, aparecem alguns dados interessantes. Há vários termos repetidos, que vamos enumerar para fins pedagógicos: 1) O termo *τελώναι*, “publicanos”, aparece três vezes (Mc 2,15-16). 2) Aparece duas vezes o verbo *ἠκολούθησεν*, “seguiu” (Mc 2,14). 3) Duas vezes aparece *μαθηταῖς* “discípulos” (Mc 2,15-17). 4) Aparece três vezes *ἁμαρτωλοῦς* “pecadores” (Mc 2,15-17).

#### 4.2. Análise da perícopé do chamado de Levi (Mc 2,13-17)

Até este momento Jesus chamou quatro discípulos: Simão e André, Tiago e João. Agora há o chamado de mais um, que é o quinto: Levi. Temos três grupos de chamado. O primeiro (Mc 1,16-18), de Simão e André. O segundo (Mc 1,19-20), de Tiago e João. O terceiro, Levi (Mc 2,14). Nas duas narrativas (Mc 1,16-20 e 2,13-17) não aparece a expressão os Doze, mas estes cinco farão parte do elenco da Constituição do grupo maior “os Doze” (*τοῦς δώδεκα*) logo a seguir, na narrativa do Evangelho de Marcos (Mc 3,13-19) e, também farão parte das outras três listas que mencionam os Doze, em Mateus, Lucas e Atos dos Apóstolos<sup>326</sup>.

O chamado de Levi é narrado pelos três Evangelhos Sinóticos (Mc 2,14; Mt 9,9; Lc 5,27-28). Numa análise comparativa dos três textos, percebe-se que Marcos (Mc 2,14) e Lucas (Lc 5,27) o chamam de Levi, porém Mateus (Mt 9,9) o chama de Mateus.

Jesus está novamente saindo para a beira-mar (Mc 2,13), como apareceu em (Mc 1,16). Retoma-se o mesmo lugar geográfico, a multidão chega e Jesus começa a ensinar, transmitindo a Palavra de Deus. Até este momento na narrativa do Evangelho de Marcos, percebe-se que a atividade de Jesus é marcada por muitos ensinamentos e muita aceitação por parte do povo (a multidão), apesar dos conflitos com as autoridades religiosas judaicas. Isto aparece claramente nas controvérsias. Na atividade em Cafarnaum (Mc 1,21-45) Jesus estava acompanhado pelos quatro discípulos. Observa-se os verbos no plural: “*eles ingressaram em Cafarnaum* (Mc 1,21). Mencionam-se os quatro discípulos: “*Simão e André com Tiago e João*” (Mc 1,29). Registra-se também “*Simão e seus companheiros que foram atrás dele*” (Mc 1,36). O texto diz do

<sup>325</sup> Encontra-se mais detalhes em GNILKA, 1986, pp. 120-122.

<sup>326</sup> Esta lista está presente nos Evangelhos Sinóticos (Mc 3,13-19; Mt 10,2-4; Lc 6,12-16) e também no livro dos Atos dos Apóstolos (At 1,13).

paralítico: “*carregado por quatro homens*” (Mc 2,3). Por esses dados é possível deduzir que os quatro sempre estiveram junto com Jesus.

Segue (Mc 2,14) o mesmo esquema da narrativa do chamado dos quatro primeiros discípulos (Mc 1,16-20)<sup>327</sup>. Temos o chamado de Levi (Mc 2,14)<sup>328</sup>. Ele está trabalhando<sup>329</sup> na coleta de impostos<sup>330</sup>. Os três Sinóticos (Mc 2,14; Mt 9,9 e Lc 5,27) falam do trabalho, da profissão “*sentado na coleta de impostos*”. Os três Sinóticos falam também que estava sentado καθήμενον (Mc 2,14; Mt 9,9; Lc 5,27) na coleta de impostos, e usam o mesmo verbo grego. Levi abandona a sua situação anterior de trabalho e segue a Jesus. Os três Evangelhos Sinóticos coincidem: 1) quanto ao trabalho, dando detalhes: a posição em que estava, “*sentado na coleta de impostos*”; 2) quanto convite de Jesus, com uso da mesma expressão grega nos três Sinóticos: Ακολούθει μοι “*segue a mim*” (Mc 2,14; Mt 9,9; Lc 5,27). 3) quanto à resposta de Levi, que tanto por parte de Marcos quanto de Mateus é idêntica: “*levantando-se, ele o seguiu*”. Em Lucas há um detalhe a mais: “*e, deixando tudo, levantou-se e o seguia*”.

#### 4.3. Análise comparativa de (Mc 2,13-17) com (Mc 1,16-20)

A expressão temporal (Mc 2,13) πάλιν “*de novo*” nos reporta ao texto de (Mc 1,16), com vários dados semelhantes. Na análise comparativa entre os dois textos do relato do chamado percebe-se que há vários dados comuns:

Tema	Mc 1,16-20	Mc 2,13-17
Lugar geográfico é o mesmo	Mc 1,16 “mar da GALILEIA”	Mc 2,13 “a beira-mar”
Primeiro ato de Jesus	Mc 1,16.19 “viu”	Mc 2,14 “viu”
O convite de Jesus	Mc 1,17 “seguime” Mc 1,20 “logo os chamou”	Mc 2,14 “segue-me”

<sup>327</sup> Temos aqui, mais uma vez, um típico relato de vocação que tem como esquema: a) Jesus caminha (passa), vê e chama (Mc 1,16-17; 1,19-20; 2,14). b) A pessoa chamada demonstra disponibilidade e abandona a sua profissão (Mc 1,18.20; 2,14). c) Segue a Jesus (Mc 1,18.20; 2,14).

<sup>328</sup> Quem é este Levi? Marcos fala “*Levi, filho de Alfeu*” (Mc 2,14). Mateus só diz: “*um homem chamado Mateus*” (Mt 9,9). Lucas diz: “*coletor de impostos com o nome Levi* (Lc 5,27-28). O nome Levi não aparece no elenco do número dos Doze (Mc 3,16-19; Mt 10,2-4; Lc 6,12-16; At 1,13). Aparece o nome Mateus. Concluindo, Levi seria Mateus.

<sup>329</sup> Para aprofundamento, BROWN, Raymond E. – FITZMYER, Joseph A. – MURPHY, Roland E. *Novo comentário Bíblico. São Jerônimo. Novo Testamento e artigos sistemáticos*. São Paulo Paulus e Academia Cristã. 2011, p. 76.

<sup>330</sup> Levi está ligado ao mar. Ao dizer “*sentado na coleta de impostos*” (Mc 2,14), com isto o texto está afirmando o lugar no sistema social em que se encontra Levi. A arrecadação dos impostos era arrendada aos publicanos, que recebiam um excedente que era exigido por eles mesmo. Por isso, eram considerados abusivos, ladrões (Lc 18,11; 19,7). Eram considerados “*impuros*”, porque se mantinham em contato com os pagãos. Provavelmente está trabalhando no setor de comercialização do pescado no mar da Galileia.

A resposta dada por cada um dos grupos diante do chamado de Jesus.	Mc 1,18 “eles o seguiram” Mc 1,20 “o seguiram”	2,14 “ele se levantou e o seguiu”
Os que foram chamados estavam trabalhando, tinham uma profissão	Mc 1,16 “eram pescadores” Mc 1,19 “consertavam as redes no barco”	Mc 2,14 “sentado na coletoria de impostos”

Fazendo um desmembramento em três grupos de chamado, constata-se grande paralelismo entre os grupos. Estas três narrativas contêm a mesma sequência, para não dizer a mesma estrutura:

Tema	Mc 1,16-18	Mc 1,19-20	Mc 2,13-17
Um particípio, descrevendo o movimento de Jesus, seguido pelo verbo no finitivo εἶδεν “viu”	1,16ab	1,19 <sup>a</sup>	2,14a
Uma breve oração de particípio descrevendo as pessoas às quais Jesus vê. Elas são dedicados ao seu trabalho	1,16c	1,19b	2,14b
Jesus se dirige a eles e os convida	1,17	1,20b	2,14c
Eles abandonaram o seu trabalho para seguir a Jesus	1,18	1,20b	2,14d

### 5. Relações de Jesus para com Levi (Mc 2,13-17)

A primeira relação a ser mencionada é a de Jesus (Mc 2,13-14): Ele anda, sai, caminha à beira-mar, vê Levi sentado na coletoria de impostos, e lhe diz: ἀκολούθει μοι “*segue a mim*”. Portanto, toda a iniciativa é de Jesus. O chamado de Levi mostra como os pecadores, neste caso Levi, coletor de

impostos, são chamados por Jesus. Jesus oferece a salvação a todos: aos pecadores, aos marginalizados e aos necessitados.

A outra relação é de Jesus com o mar e com a multidão. O lugar em que se dá o chamado é a beira-mar. Mais uma vez é o mesmo lugar, no qual, Jesus chama os seus discípulos (Mc 1,16.19; 2,13). Agora temos duas novidades. Uma se deduz pelo texto bíblico: muitas pessoas estão presentes – a “*multidão*” (Mc 2,4) e “*toda a multidão ia até Ele*” (Mc 2,13). A outra é a atitude de Jesus: “*e ele os ensinava*” (Mc 2,13).

A outra relação de Jesus é o ensino para o povo. A multidão chega a Jesus e Jesus ensina. Transmite a Palavra de Deus. No Evangelho de Marcos, o início da atividade de Jesus é marcado por muito ensino: um ensinamento (Mc 1,22.27) como quem tem autoridade, diferente dos escribas. Jesus apresenta um ensinamento novo. Diante de tudo, isso há uma reação por parte do povo: “*todos ficaram tão espantados que discutiam entre si... um ensinamento novo com autoridade*” (Mc 1,27). Por outro lado, não está dito qual o conteúdo do ensinamento. Temos aqui uma clara evidência da aceitação por parte da multidão.

A relação com a refeição. O texto bíblico “*estando reclinado à mesa na casa dele*”. “*Casa dele*” (Mc 2,15). Esta expressão é indeterminada. Não é possível determinar o lugar. Casa de quem? De Levi<sup>331</sup>? De Jesus<sup>332</sup>? Pode ser a casa de Jesus ou a casa de Levi. Se o sentido for na casa de Jesus, é Jesus quem convida para comer na sua casa, a casa dele: “*muitos publicanos e pecadores*”<sup>333</sup> com “*os seus discípulos*”<sup>334</sup>.

A aceitação do convite a entrar na casa e partilhar da mesa é sinal de comunhão. O texto coloca em destaque Jesus, acompanhado pelos seus discípulos: “*à mesa com Jesus e os seus discípulos*” (Mc 2,15). Aqui estão também os quatro que chamou em (Mc 1,16-20). Eles (com Jesus) tomam parte de uma refeição junto com muitos coletores de impostos e pecadores.

<sup>331</sup> Esta é a tese de MAZZAROLO, 2012, pp. 97-98. A refeição deu-se na casa de Levi, Jesus foi para lá. A mesma tese é apresentada por FERNANDES e GRENZER 2012, p. 61. Também a mesma tese é apresentada por BROWN, – FITZMYER – MURPHY, 2011, p. 76.

<sup>332</sup> Esta é a tese de MESTERS e LOPES 2015, na p. 56, que diz: “*A tradução mais provável é que se trata da casa do próprio Jesus. Neste sentido é Jesus quem convidou todo o mundo para comer na casa dele, na sua casa: “muitos pecadores e publicanos, junto aos seus discípulos”*”. LÉGASSE, 2000, p. 151 diz “*na casa de Jesus*”.

<sup>333</sup> É possível fazer a pergunta: quem são os pecadores? MARCUS, Joel, *El Evangelio según Marcos, Vol, I, Mc 1,1 – 8,26*, Ediciones Sígueme, Salamanca, 2010, na página 250 diz: “*é o povo da terra, o povo comum, ritualmente impuro, com ele os membros da comunidade da mesa dos fariseus não comiam*”. Para SANDERS, E. P. *Jesus e o judaísmo* diz: “*os pecadores são aqueles que violam de um modo fragrante a lei de Moisés*”.

<sup>334</sup> No texto bíblico dos Evangelhos não há unanimidade. Marcos 2,15 “*estando à mesa na casa dele*”. É isto o que diz o texto grego. O texto não está claro. Casa dele é de quem? De Levi ou de Jesus? O mesmo acontece com Mateus: “*aconteceu que, quando ele estava recostado à mesa em casa*” (Mt 9,10). Portanto, Marcos e Mateus omitem “*a sua*” ou a “*dele*” ὅτι. Por outro lado, há uma precisão em Lucas: “*é a casa de Levi*” e “*Levi fez um grande banquete para Jesus em sua casa*” (Lc 5,29).

Este gesto de Jesus, ao sentar-se à mesa com “*muitos publicanos e pecadores*” (Mc 2,15), provocou a reação das autoridades, que são “*os escribas dos fariseus*” (Mc 2,16). A comunhão de mesa não era um fato privado de significado particular, mas impregnava entre eles a comensalidade. Esta comunhão de Jesus com os publicanos e pecadores é um escândalo para os “*escribas dos fariseus*”. “*Sentar-se à mesa com alguém era o mesmo que tratá-lo como irmãos*”<sup>335</sup>.

A atitude dos “*escribas dos fariseus*” segue a ideologia que divide as pessoas entre “*puros*” e “*impuros*”. Eles se escandalizaram ao ver Jesus sentar-se à mesa com publicanos e pecadores. Eles desprezam Jesus, que não é do grupo deles, ficam surdos ao chamado para a conversão e questionam os discípulos de Jesus. Vendo isto, Jesus dá uma resposta. É uma declaração de Jesus na primeira pessoa, e diz “*não são os que têm saúde que precisam de médico, mas os doentes. Eu não vim chamar justos, mas pecadores*” (Mc 2,17). Jesus veio chamar principalmente os pecadores à salvação. Jesus está sentado à mesa com as pessoas que os “*escribas dos fariseus*” marginalizam. Jesus com isto está manifestando o amor de Deus, do Pai com os pecadores. O Deus de Jesus está cheio de compaixão por eles e abre para eles o caminho da salvação que o Pai lhe oferece, através de Jesus.

## 6. Relações de Levi para com Jesus (Mc 2,13-17)

Os dois primeiros versículos (Mc 2,13-14) são um pequeno relato de vocação. Jesus chama Levi enquanto está trabalhando, sem especificar para quê. Levi está diante dele, Jesus, que lhe ordena: ἠκολούθει μοι “*segue-me*” (Mc 2,14). Levi levantou-se e seguiu a Jesus. A partir deste momento, será Jesus que dará sentido à vida de Levi. Como discípulo, ele vai aprender de Jesus uma nova forma de viver.

Ao seguir Jesus, Levi deixou o trabalho de coletor de impostos. Estava sentado, levantou-se e o seguiu<sup>336</sup>. Enfim, deixou tudo. O mesmo aconteceu com Simão e André: “*deixando as redes*” (Mc 1,18). Temos o mesmo com Tiago e João: “*deixando o pai Zebedeu no barco com os empregados*” (Mc 1,20). “*Levantando-se, ele o seguiu*” (Mc 2,14).

Aquele a quem Jesus chama é um cobrador de impostos. No ambiente judaico, esta pessoa era desprezada, impura, pecadora, e devia ser evitada. Jesus o chama e faz dele um discípulo seu.

<sup>335</sup> MESTERS e LOPES, 2015, p. 57.

<sup>336</sup> O verbo grego ἠκολούθησεν está no aoristo, (o seguiu), exprime uma resposta imediata ao chamado.

Até este momento, Jesus convidou para segui-lo homens integrados no povo de Israel. Agora convida uma pessoa, Levi, que, embora de origem judaica, é considerada (por causa de sua profissão de coletor de impostos) descrente da Lei, praticamente pagã, e, por isso excluída de Israel. A ruptura de Levi com o seu passado de injustiças exprime-se pela oposição entre estar sentado e levantar-se. Abandona o seu estilo de vida para seguir Jesus. Levi deixa muito mais, comparando com (Mc 1,16-20), quando foram deixados só os barcos e as redes. Ele deixa tudo.

A grande novidade deste relato está no fato de que Levi era considerado um pecador público (isto não aparece em Mc 1,16-20). Era alguém odiado pelos compatriotas, que trabalhava para o Império Romano, cobrando impostos. Estamos diante de um pecador, que não podia entrar e fazer parte da comunidade da salvação. Jesus desata Levi, para que ele possa andar.

Os fariseus pensavam que os publicanos, protótipo do que peca contra a justiça, não podiam ser redimidos, porque não sabiam quanto haviam roubado, nem quanto deviam restituir, mas, no caso de Zaqueu (Lc 19,1-10), este sabia quanto devia restituir. Jesus, por sua vez, convida o publicano Levi a deixar tudo para segui-Lo.

## 4. PEDRO, TIAGO E JOÃO ESTÃO PRESENTES NO MILAGRE DA RESSURREIÇÃO DA FILHA DE JAIRO (Mc 5,35-43)

### 1. Introdução

Logo após o discurso em parábolas (Mc 4,1-34), inicia-se mais um dia de atividade de Jesus. “*quando entardeceu*” (Mc 4,35). Mais um dia do ministério de Jesus terminou. Jesus faz uma proposta muito significativa: “*atrassemos para a outra margem*” (Mc 4,35), isto é, ir para outro lugar. Abre-se uma nova etapa. Jesus despede a multidão: “*despedindo a multidão*” (Mc 4,36), Assim se separa da multidão, termina o relato anterior, o do discurso em parábolas. A partir de agora (Mc 4,35 – 5,43), a narrativa se abre para uma nova etapa, referindo-se somente a Jesus e seus discípulos.

Fazendo uma recapitulação, o texto do Evangelho de Marcos se caracteriza pelos agrupamentos temáticos. Até este momento temos quatro<sup>337</sup>. O bloco em estudo caracteriza-se pelo agrupamento de quatro milagres (Mc 4,35 – 5,43)<sup>338</sup>. Estes milagres de intervenção na natureza, de exorcismos, de curas e de ressurreição comportam um esquema geral comum<sup>339</sup>. As ações se sucedem no decorrer de uma viagem, uma após outra. Elas se caracterizam por atos extraordinários realizados por Jesus.

É possível estruturar o bloco (Mc 4,35 – 5,43) desta forma: Jesus atravessa o lago com os discípulos (Mc 4,35-36) e há o milagre da tempestade acalmada (Mc 4,37-41). Há também o encontro com um endemoninhado e sua libertação, na região dos gerasenos (Mc 5,1-20). A filha de Jairo acaba de morrer e é ressuscitada (Mc 5,21-24. 35-43), e ainda a mulher que sofre de hemorragia é curada (Mc 5,25-34).

O Evangelho de Marcos afirma: “*eles o levaram, do modo como estava, no barco*” (Mc 4,36). Jesus está no barco. Ele estava ali desde (Mc 4,1): “*de modo que ele subiu e sentou-se num barco que estava no mar*”. Jesus sobe, senta-se e proclama o discurso em parábolas. Não saiu do barco<sup>340</sup>. A travessia agora é para o território dos gentios (Mc 5,1).

<sup>337</sup> Os agrupamentos são: dia de Cafarnaum (Mc 1,21-39); cinco controvérsias (Mc 2,1 – 3,6); o discurso em parábolas (Mc 4,1-34); e quatro milagres (Mc 4,35 – 5,43).

<sup>338</sup> A tempestade é acalmada (Mc 5,35-41). É feito o exorcismo do possesso geraseno (Mc 5,1-20). A filha de Jairo acaba de morrer e é resuscitada (Mc 5,21-24. 35-43). A mulher que sofre de hemorragia é curada (Mc 5,25-34).

<sup>339</sup> Auneau, J. – Bovon F. – Charpentier, E. – Gourgues, M – Radermakers, J. *Evangelhos Sinóticos e Atos dos Apóstolos*, São Paulo, Ediciones Paulinas, 1986, p. 31, apresenta a estrutura comum dos milagres, que consiste em: 1. Introdução, com apresentação da situação; 2. Súplica de intervenção, que manifesta a confiança do pedinte e dos que o cercam; 3. Intervenção de Jesus, por palavra ou por gesto; 4. Menção do efeito produzido; 5. Reação dos espectadores: temor, admiração, etc.

<sup>340</sup> Em (Mc 4,1) é mencionado o barco, que volta volta a ser mencionado em (Mc 4,36). Com isso, forma-se uma figura de linguagem chamada de inclusão. Repete-se no início e no fim o mesmo termo ou

As ações sucedem-se no decorrer de um dia de trabalho, uma após outra. Ao cair da tarde, Jesus vai para a região dos gerasenos e é necessário atravessar o lago. Então, durante a travessia, desencadeia-se a tempestade. Ao chegar “do outro lado do mar” (Mc 5,1), há o encontro com o endemoninhado, que Jesus liberta (Mc 5,1-20). Em seguida, “e de novo (Mc 5,21), *Jesus atravessando de barco para o outro lado*”. Ali encontra a multidão. Jairo, chefe da sinagoga, suplica a Jesus por sua filha, que está morrendo. Pede que a salve (Mc 5,21-24.35-43). Enquanto está a caminho, indo para a casa de Jairo, encontra uma mulher que sofre de hemorragia e a cura (Mc 5,25-34). Depois ressuscita a filha de Jairo (Mc 5,35-43).

O contexto deste bloco de milagres é o acúmulo de fatos durante uma viagem. Há um contínuo movimento, um vai e vem de uma margem para a outra do lago. Temos a impressão de que Jesus está continuamente apressado, sem um minuto a perder. Os quatro milagres acontecem no mesmo dia das parábolas. Em um só dia Jesus ensina através de parábolas e realiza quatro milagres: “Ao cair da tarde, disse-lhes: *passemos para a outra margem*” (Mc 4,35); e “*chegaram do outro lado do mar*” (Mc 5,1); e “*de novo, Jesus atravessando de barco para outro lado*” (Mc 5,21)...

É um contínuo movimento<sup>341</sup>.

A finalidade deste conjunto de milagres, fazendo uma leitura cristológica, é esclarecer a identidade de Jesus. Procuram responder a pergunta que se encontra em “*ficaram com muito medo, e diziam uns aos outros: Quem é este, a quem até o vento e o mar obedecem?*” (Mc 4,41). O poder de Jesus está num crescendo contínuo. Estende-se desde os elementos da natureza até a morte. Jesus se revela primeiro sobre o poder caótico, depois sobre o adversário, Satanás, em seguida sobre a doença, primeiro da mulher com hemorragia e finalmente sobre a morte, no caso da filha de Jairo. Enfim, o poder de Jesus liberta o homem do grande medo, que é a morte.

Nesta coleção de milagres não aparecem nem a expressão “os Doze” nem o termo “apóstolos” nem “discípulos”. A última vez que este texto menciona os Doze foi em (Mc 4,10). Em (Mc 4,34) o texto fala dos discípulos, e assim conclui o discurso em parábolas. Já o versículo seguinte (Mc 4,35) usa o verbo no plural: {nós} “passemos”. O que se deduz é que os discípulos estão presentes na realização destes quatro milagres. Em (Mc 4,36) Jesus despede a multidão.

---

expressão ou ideia. Assim o discurso em parábolas serve de transição ou momento de avaliação para uma nova etapa que vai abrir-se no trabalho de Jesus, que são os milagres (Mc 4,35 – 5,43).

<sup>341</sup> Em Marcos há inúmeros textos que evidenciam o ir e vir de Jesus, num contínuo movimento, tanto em Cafarnaum, quanto na Galileia e na Judeia (Jerusalém) (Mc 1,16.21.35; 2,1.13.23; 3,1.7.13.20; 4,1.35; 5,1.21; 6,1.45; 7,24.31; 8,10.22.27; 9,2.9.28.30.33; 10,1.17.32.46.52; 11,1.11.15.20.27; 13,1.3; 14,3.17.26.32).

## 2. Delimitação da perícopes do milagre da ressurreição da filha de Jairo (Mc 5,35-43)

A perícopes inicia-se no versículo (Mc 5,35). No (v. 34) temos a fala de Jesus à mulher com hemorragia. O conteúdo desta fala é a realização do milagre, quando diz *“minha filha, a tua fé te curou; vai em paz e fica curada desse teu mal”*. Assim se conclui o relato. No (v.35) volta a história de Jairo. Chegam outras pessoas dando a Jairo a notícia de que sua filha tinha morrido.

A perícopes termina em (Mc 5,43), quando há uma determinação de Jesus para que não divulgassem o fato acontecido. Em (Mc 6,1) Jesus vai para outro lugar: *“saindo dali”*. Portanto, a delimitação (5,35-43) segue dois critérios: o do conteúdo da narrativa e o da mudança de lugar geográfico.

## 3. Estrutura da perícopes do milagre da ressurreição da filha de Jairo (Mc 5,35-43)

Entre os estudiosos do Evangelho de Marcos não há um consenso quanto à estrutura<sup>342</sup>. Será adotada, neste ponto, a estrutura em três partes<sup>343</sup>:

Primeira: em (Mc 5,35-37), o texto está unido ao episódio anterior. Jesus ainda falava quando chegaram pessoas anunciando a Jairo que sua filha tinha morrido. Ante a notícia, Jesus se dirige ao chefe da Sinagoga e diz: *“não temas, crê somente”* (Mc 5,36). A seguir Jesus determina quem deve estar com Ele.

Segunda: em (Mc 5,38-40ab), ao chegar na casa de Jairo, há muito choro e lamento. Ao entrar, Jesus pergunta: *“por que esse alvoroço e esse pranto?”* (Mc 5,39). Em seguida faz uma grande afirmação: *“a criança não morreu; está dormindo”*<sup>344</sup>. Ao dizer que a menina dorme, Jesus não vê a morte como realidade definitiva. Ao falar do sono, está dizendo que não está morta.

Terceira: em (Mc 5,40c-43) temos duas ideias: primeira, a ressurreição da menina através de um gesto; e segunda, por uma palavra de Jesus. O gesto de Jesus: *“segurou a mão da menina”* (Mc 5,41). A palavra de Jesus: *“disse: Talita Kúmi”* (Mc 5,41). Milagre realizado. A menina se levantou e se pôs a caminhar.

<sup>342</sup> LENTZEN-DEIS, 2003, pp. 201-202 apresenta uma estrutura em quatro partes: Mc 5,35-36; 5,37-40a; 5,40b-41; 5,42-43.

<sup>343</sup> Esta estrutura em três partes se encontra em LÉGASSE, Simon, *Marco*, Edizioni Borla, Roma, 2000, pp. 290-291

<sup>344</sup> O mesmo dado (que a pessoa está dormindo) aparece no milagre da ressurreição de Lázaro narrado pelo Evangelho de João: *“o nosso amigo Lázaro dorme, mas vou despertá-lo”* (Jo 1,11).

#### 4. Atitudes de Jesus na perícopre de (Mc 5,35-43)

A primeira atitude de Jesus é a fala. Ele diz a Jairo: “*não temas, cré somente*” (Mc 5,36). Jesus é o grande protagonista. Está em primeiro plano. Tudo se centraliza nele. Agora Ele atua como Senhor. Esta fala revela que a fé é capaz de realizar o que a pessoa acredita. “*Não temas, cré somente*” (Mc 5,36). A fé é o único antídoto contra o desespero.

A segunda atitude de Jesus é separar-se da multidão, só permitindo estarem com Ele Jairo, a mãe da menina e os três dos Doze preferidos: Pedro, Tiago e João. São no total cinco pessoas que seguiram a Jesus onde se encontrava a menina: o pai, a mãe, e três dos Doze (Mc 5,37.40). Então vão à casa de Jairo. Ele entra com poder e autoridade, fazendo calar os que se lamentavam pela morte da menina.

Outra atitude de Jesus, novamente temos uma outra fala de Jesus diante do alvoroço das pessoas, chorando pela morte da menina. Diante desta situação Jesus disse “*a criança não morreu, está dormindo*” (Mc 5,39). Há uma reação negativa por parte dos que estão presente, *caçoavam dele*” (Mc 5,40). Isto é possível ser entendido porquê o povo sabe quando uma pessoa está dormindo e quando está morta.

A quarta atitude de Jesus é um gesto: “*toma a mão da criança*” (Mc 5,41), o mesmo que fez com a sogra de Pedro (Mc 1,30). Em seguida é uma fala: “*Talitha kúmi*”. É uma expressão aramaica<sup>345</sup> que significa: “*menina eu te digo, levanta-te*”<sup>346</sup>. Então faz um convite amigo: “*mandou que dessem de comer à menina*” (Mc 5,43)<sup>347</sup>. A vida não suporta os sinais da morte. Jesus se revelou diante de poucos (cinco pessoas) como vencedor da morte e doador da vida, portanto, o verdadeiro Salvador. Este detalhe confirma o fato de que houve cura, e também indica a compaixão de Jesus.

A imagem do Jesus que aparece na narrativa é um Jesus humano. Não pronunciou nenhuma palavra estranha e incompreensível, como fazem os mágicos. Somente diz: “*menina, eu te digo, levanta-te*” (Mc 5,41). Jesus não é um mágico. Ele atua com normalidade. em seguida, a frase que diz em (Mc 5,43) é o que diz um pai ou uma mãe quando de manhã entra no quarto de uma criança. São gestos e palavras pronunciadas pelo pai ou pela mãe de uma criança. Ao pedir (Mc 5,43) que lhe dessem de comer, mostra-se um Jesus humano.

<sup>345</sup> Esta expressão aramaica aparece várias vezes no Evangelho de Marcos, por exemplo, em (Mc 3,17; 7,11.34; 11,9-10; 14,36; 15,22.34). BROWN – FITZMYER – MURPHY, . 2011, p. 88 diz: “*A ocorrência desta expressão é interpretada como uma indicação da antiguidade do Evangelho de Marcos*”.

<sup>346</sup> O verbo ἐγειρε que aparece em (Mc 5,41). “*Levanta-te*” é usado frequentemente no Novo Testamento para designar a ressurreição de Jesus. Desta forma, a perícopre tematiza a ressurreição da menina.

<sup>347</sup> Temos nesta seção (Mc 4,35 – 5,43) quatro milagres. Duas mulheres são curadas. Uma estava doze anos doente (Mc 5,25), ou seja, com doze anos de exclusão, e a outra tinha doze anos de idade (Mc 5,42).

### 5. A presença de três dos doze na perícopa de (Mc 5,35-43)

Jesus deixa a multidão para trás quando entra com Jairo onde está a menina morta e só toma consigo três dos Doze: Pedro e os dois filhos de Zebedeu, Tiago e João. Estes são os três primeiros discípulos chamados por Jesus (Mc 1,16-20)<sup>348</sup>. Falta um, André. Estes três são as testemunhas autorizadas do que vai ocorrer. Eles formam um círculo íntimo de Jesus, sendo sempre testemunhas dos grandes acontecimentos e de momentos especiais e decisivos da vida de Jesus, como por exemplo o momento da transfiguração (Mc 9,2) e da agonia no Getsemani (Mc 14,33). Desta forma, a ressurreição da filha de Jairo está implicitamente relacionada com a morte e ressurreição do mesmo Jesus. Trata-se do mistério da morte que se transforma em vida. Mais tarde, estes três se tornarão “as colunas” da nascente comunidade cristã (Gl 2,9).

A narrativa do texto bíblico não diz nada sobre eles. Apenas presenciam de perto o fato de a menina morta voltar à vida. Na narrativa do Evangelho de Marcos, os três são testemunhas do poder de Jesus sobre a morte. Mais tarde, na mesma narrativa, eles nem podem imaginar o que acontecerá nos anúncios da paixão, quando Jesus vai dizer que sofrerá muito, será morto e no terceiro dia ressuscitará.

Após ter ensinado por palavras, Jesus passa a ensinar com autoridade através de ações que são os milagres. No transcorrer das páginas do Evangelho, Marcos vai aumentando as informações sobre quem é Jesus. Jesus aparece nesta coleção de milagres como aquele que tem poder sobre a natureza, os demônios, as doenças, e mais ainda, sobre a morte. Na sua narrativa, Marcos mostra como o mistério do Reino transparece no poder que Jesus exerce em favor dos excluídos, marginalizados e doentes.

Fala de Jesus à menina “*menina, eu te digo, levanta-te*” (Mc 5,41). Em (Mc 5,42), as duas atitudes da menina (“*se levantou e andava*”) confirma a realização do milagre. Estas palavras de Jesus têm um significado muito mais profundo. Numa interpretação mais ampla, no contexto das comunidades de Marcos, pode-se afirmar que é um chamamento de atenção às comunidades a que o Evangelho é destinado, para que “acordem”. Deixem a sua situação de morte e despertem e vivam o Evangelho.

---

<sup>348</sup> No elenco da Constituição dos Doze, no Evangelho de Marcos, estes três são os três primeiros que aparecem no elenco dos Doze (Mc 3,16-17).

## 5. PEDRO CONFESSA “TU ÉS O CRISTO” (Mc 8,27-30)

### 1. Introdução

A narrativa começa descrevendo Jesus com os seus discípulos, mas a priori são os Doze. Eles estão a caminho para “as aldeias de Cesareia de Filipe” (Mc 8,27). Eles estão fora e longe da influência dos fariseus. Jesus está necessitado de conhecer a posição dos Doze, sobre a sua identidade. Qual a concepção que eles têm de Jesus? Tudo isto antes de começar o longo caminho para Jerusalém, o caminho da morte.

Esta narrativa faz parte e é o início da grande seção de (Mc 8,22 – 10,52). Jesus dá início a uma longa viagem com as pessoas que o seguem no discipulado. Tudo começa aqui nas aldeias de Cesaréia de Filipe e terá o seu desfecho final no coração do centro religioso Judaico, em Jerusalém. No caminho Jesus vai ensinando, no sentido de conscientização e no sentido do discipulado.

Esta secção apresenta algumas características. Primeira: é unificada por meio dos “três anúncios da paixão e ressurreição” (Mc 8,31; 9,30-32; 10,33-34). Segunda: relata poucos milagres, e são bem menos que na primeira parte do Evangelho de Marcos. Há somente três milagres em Betsaida: a cura do cego de Betsaida (Mc 8,22-26); a cura de um epilético endemoninhado (Mc 9,14-29); a cura do cego de Jericó (Mc 10,46-52). São três milagres de cura, sendo dois de cegueira<sup>349</sup>. O terceiro dado a respeito do conteúdo da narrativa é que Jesus dá prioridade para a formação dos seus discípulos. É um reiterado movimento de instrução. Em (Mc 8,34-38) é a multidão e os seus discípulos, e aqui está incluído também Pedro, quando Ele apresenta as condições para segui-lo (Mc 8,34). Em (Mc 9,33-37) a instrução tem como destinatário o grupo dos Doze (Mc 9,35). Em (Mc 10,35-45) o ensino é dirigido aos Doze.

O quarto aspecto ou característica são as indicações topográficas. São inúmeras vezes em que aparece. Há uma ideia de movimento: “Jesus partiu com seus discípulos” (Mc 8,27). E “tendo partido dali” (Mc 9,30). E “subiam para Jerusalém” (Mc 10,32). Por outro lado menciona os lugares geográficos: aldeias de Cesareia de Filipe” (Mc 8,27); “Lugar retirado num alto monte” (Mc 9,2); “Desce do monte” (Mc 9,9); “Caminhavam através da Galileia” (Mc 9,30); “Chegaram a Cafarnaum” (Mc 9,33); “Território da Judeia, além do Jordão (Mc 10,1); “Subindo para Jerusalém” (Mc 10,32); “Chegaram a Jericó” (Mc 10,46); “Aproximaram-se de Jerusalém, diante de Betfagé e de Betânia” (Mc 11,1).

<sup>349</sup> SOARES e CORREIA JUNIOR e OLIVA, 2013, p. 261 diz: “A cura destes dois cegos pode ser uma alusão ao discipulado que, apesar de seguir Jesus e ser tatado por ele de modo diferente da multidão, parece não ver nitidamente e em profundidade as consequências do seguimento de Jesus.

A quinta característica é a presença do tema “caminho”. A expressão “estar a caminho” aparece inúmeras vezes (Mc 8,27; 9,33.34; 10,17.32.33.46.52). Jesus está a caminho “*com os seus discípulos*” (Mc 8,27), que são os Doze; e com “*Pedro*” (Mc 8,32); e “*os seus discípulos*” (Mc 9,31); com “*os Doze*” (Mc 9,35); e com “*os Doze*” (Mc 10,32); e com “*os dois filhos de Zebedeu, Tiago e João*” (Mc 10,35)

A confissão de fé de Pedro constitui o ápice do Evangelho de Marcos. Este fato é narrado pelos três Evangelhos Sinóticos (Mc 8,27-30; Mt 16,13-20; Lc 9,18-21). No Evangelho de João 6,68 encontra-se uma confissão de fé de Pedro, que neste Evangelho aparece como baliza decisiva do caminho de Jesus. O contexto, em (Jo 6,66), revela um dado importante: que os discípulos voltaram atrás e não andavam mais com Jesus. É um momento de crise. Jesus dirige-se aos Doze e faz a pergunta: “*não quereis também partir?*” (Jo 6,67) Então Pedro responde em nome dos Doze (Jo 6,68-69). Esta confissão de Pedro confere ao grupo dos Doze todo um peso e valor. Pedro faz uma pergunta sobre o seu caminhar: “*Senhor a quem iremos?*” (Jo 6,68). Em seguida faz uma afirmação positiva sobre Jesus: “*tens palavras de vida eterna*” (Mc 6,68), e na sequência outra sobre a posição dos Doze em Jesus: “*nós cremos e reconhecemos*” (Jo 6,69). Finalmente atribui a Jesus o título: “*És o Santo de Deus*” (Mc 6,69)<sup>350</sup>.

Fazendo uma análise comparativa dos Evangelhos Sinóticos percebem-se alguns pontos em comum. Primeiro, é Pedro quem responde em nome dos discípulos (os Doze), com uma confissão que se distingue claramente da opinião das pessoas. Em segundo lugar, Jesus anuncia logo a seguir o seu sofrimento, a sua paixão e morte, sendo este o primeiro anúncio da paixão. Em terceiro lugar, Jesus anuncia o seu próprio destino com um ensinamento sobre o caminho do discipulado, o seguimento dos seus passos. Após cada anúncio, há uma catequese proclamada por Jesus. Em quarto lugar, este seguimento exige um caminho de renúncia. Em quinto, é interessante observar que, nos três Sinóticos, a narrativa do relato da transfiguração de Jesus se aproxima<sup>351</sup>. A confissão de Pedro (Mt 16,13-20; Mc 8,27-30; Lc 9,18-21) e a transfiguração (Mt 17,1-8; Mc 9,2-8; Lc 9,28-36).

Esta perícopa põe nos lábios dos discípulos (os Doze) as perguntas que brotaram a respeito da pessoa e da missão de Jesus<sup>352</sup>. São duas perguntas: primeira, “*Quem dizem os homens que eu sou?*” (Mc 8,27); segunda, “*e vós, perguntou ele, quem dizeis que eu sou?*” (Mc 8,29).

<sup>350</sup> RATZINGER, Joseph, Bento XVI, *Jesus de Nazaré*, São Paulo, Planeta, 2007, na p. 248 diz: “*Na contemplação da confissão de Pedro nos Evangelhos Sinóticos, havemos de incluir também este texto, Jo 6,68-70, o qual, apesar das diferenças, mostra elementos comuns fundamentais com a tradição sinótica*”.

<sup>351</sup> RATZINGER, 2007 p. 247, diz “*o relato da transfiguração de Jesus explica e aprofunda a confissão de Pedro e ao mesmo tempo faz a sua ligação com a morte e ressurreição de Jesus*”.

<sup>352</sup> Esta confissão messiânica de Pedro é correta, mas também perigosa, por motivo de uma possível interpretação nacionalista, que seria uma interpretação errada.

## 2. Delimitação da perícopre (Mc 8,27-30).

Em (Mc 8,27) há uma mudança em relação à perícopre anterior (Mc 8,22-26). É uma mudança em relação ao conteúdo. Antes há um milagre e agora há duas perguntas feitas pelo próprio Jesus sobre a identidade. Também há mudança de geografia: “e chegaram a Betsaida” (Mc 8,22). Agora estão nas aldeias de Cesareia de Filipe.

No final há uma recomendação “severa” de Jesus sobre o fato acontecido (Mc 8,30). Jesus começa a ensinar. É o primeiro anúncio da paixão (Mc 8,31).

Portanto, a nossa perícopre começa em (Mc 8,27), com dois argumentos diferentes da perícopre anterior: o conteúdo e a geografia. Ela termina em (Mc 8,30), concluindo com pedido de Jesus por segredo. É o segredo messiânico, tema muito forte na narrativa do Evangelho de Marcos.

## 3. Estrutura da perícopre (Mc 8,27-30)

Esta perícopre é inserida num conjunto maior no Evangelho de Marcos, que seria (Mc 8,27-33), onde Pedro desempenha um papel central na narrativa. Pedro é apresentado com duas atitudes: a primeira afirma que Jesus é o Cristo: “*tu és o Cristo*” (Mc 8,28); na segunda, chama Jesus de lado e o adverte (Mc 8,32).

O texto de (Mc 8,27-33) forma uma unidade literária. Há três elementos que compõem o relato em forma circular, através de uma figura de linguagem chamada quiasmo. Tem como centro o anúncio da paixão. Na primeira e na terceira parte, intervém a pessoa de Pedro. O primeiro desenvolvimento é positivo: “*tu és o Messias*”; o terceiro, negativo: Pedro chama Jesus de lado e começa adverti-lo.

Esquemmatizando, seria desta forma:

A confissão de fé de Pedro (Mc 8,27-30);

O primeiro anúncio da paixão e ressurreição (Mc 8,31-32a).

Pedro não aceita que Jesus fale do seu destino final (Mc 8,32b-33). Jesus censura Pedro e, com um gesto, revela que a sua resposta se estende a todos os discípulos (os Doze) que parece terem a mesma opinião de Pedro.

Fazendo uma análise da perícopre (Mc 8,27-30), é possível estruturá-la em três partes:

Primeira parte (Mc 8,27a): Jesus com os seus discípulos (os Doze) está em viagem para “as aldeias de Cesareia de Filipe”.

Segunda (Mc 8,27b-29): há um diálogo de Jesus com os Doze, no qual Ele faz duas perguntas e obtém duas respostas, uma pelos discípulos (os Doze) e outra por Pedro. A primeira pergunta feita por Jesus é: “*quem dizem os homens que eu sou?*” (Mc 8,27b). A resposta dos discípulos é: João Batista, Elias, um dos profetas (Mc 8,28). A segunda pergunta feita por Jesus é: “*E vós, quem dizeis que eu sou?*” (Mc 8,29) Resposta de Pedro: “*tu és o Cristo*” (Mc 8,29).

Terceira parte (Mc 8,30): é pronunciada uma proibição “severa” de falar a respeito de Jesus.

#### 4. Relações de Jesus para com os Doze (Mc 8,27-30)

A primeira relação de Jesus com os Doze” é de caminhar com eles, deslocar-se de um lugar para outro. Inicia uma nova viagem. E “*chegaram a Betsaida*” (Mc 8,22). O verbo está no plural, portanto trata de Jesus com mais alguém. Em (Mc 8,27) Jesus e os seus discípulos deixaram Betsaida e vão em direção às aldeias de Cesaréia de Filipe<sup>353</sup>. Jesus deteve-se com seus discípulos, sem a presença da multidão. É daqui que inicia o seu “caminho” para Jerusalém. Ele não está sozinho, e sim com os discípulos, que são os Doze.

A segunda relação de Jesus com os discípulos (os Doze): Ele quer saber o que o povo pensa a respeito dele. É a primeira pergunta (Mc 8,27). O próprio Jesus faz a pergunta aos discípulos (os Doze): “*que dizem os homens que eu sou?*” É a pergunta pela identidade de Jesus. Esta pergunta pela identidade já apareceu antes, várias vezes na narrativa de Marcos, em vários contextos (Mc 4,41; 6,3; 6,15; 6,50; 7,37; 8,4; 8,11).

A terceira relação é a segunda pergunta e é feita diretamente aos Doze, usa o tratamento “vós”. “*E vós quem dizeis que eu sou?*” (Mc 8,29). A pergunta contrapõe a opinião geral que o povo tinha de Jesus: “*quem dizem os homens?*” (Mc 8,27). Esta pergunta de Jesus (Mc 8,29) é o ponto crucial de todo o Evangelho. Os seguidores de Jesus são questionados sobre o aspecto messiânico atribuído a Jesus. Na resposta da pergunta anterior, Jesus não se

<sup>353</sup> Jesus é um pregador itinerante. Torna-se impossível reconstruir a rota desta viagem. Este roteiro é mais literário-teológico. Jesus se desloca do extremo norte da Palestina, na região de Cesaréia de Filipe (Mc 8,27) para Jerusalém, que é o centro religioso do judaísmo (Mc 10,32), e passa por Cafarnaum. (Mc 9,33).

enquadrava em nenhuma destas três categorias. Ele era mais que um profeta, e também muito diferente de um profeta. Eles não foram capazes de articular tudo numa resposta acabada.

A dupla pergunta, a primeira sobre a opinião dos outros e a segunda sobre a convicção dos Doze, pressupõe que há um conhecimento exterior de Jesus que não é simplesmente falso, mas que, no entanto, é insuficiente. Ele se contrapõe ao conhecimento profundo que está ligado ao discipulado.

A segunda pergunta feita por Jesus, substitui “os *homens*” pelo “vós”. A resposta é dada por Pedro, em nome dos Doze, já que a pergunta foi feita ao grupo dos Doze, todos juntos. Aqui Pedro exerce pela primeira vez no Evangelho de Marcos o papel de porta-voz dos Doze. Pedro aparece como porta-voz do grupo dos Doze diversas vezes (Mc 8,32; 9,5; 10,28; 11,21). Esta declaração de Pedro é análoga a outras declarações sobre a identidade de Jesus (Mc 1,11; 3,11; 14,61-62; 15,2).

A quarta relação é o pedido do segredo: “*proibiu-lhes severamente de falar a alguém a seu respeito*” (Mc 8,30). É o “vós”. A todos. Jesus reage com a imposição de silêncio. As ordens de silêncio impostas por Jesus são tema específico do evangelista Marcos. Foi a partir de W. Wrede que apareceu o famoso “segredo messiânico”. W. Wrede interpreta como “uma retrospectiva literária da comunidade apresentar a figura messiânica de Jesus a partir da experiência pascal”<sup>354</sup>.

## 5. Relações de Pedro para com Jesus em (Mc 8,27-30)

Resposta da primeira pergunta formulada por Jesus, que é: “*quem dizem os homens que eu sou?*” (Mc 8,27). Os discípulos (os Doze) estão informados do que as pessoas dizem a respeito de Jesus. Eles repetem as opiniões já existentes e desde quando o rei Herodes se inteira da fama e da honra de Jesus (Mc 6,14-15). Eles dão três respostas, em torno de três personagens: João Batista, Elias e um dos profetas<sup>355</sup>.

<sup>354</sup> MARTINEZ ALDANA, Hugo Orlando, *Discipulado no Evangelho de Marcos*, Paulina e Paulus, 2005 p. 56 afirma “no meu ponto de vista, esta teoria de W. Wrede é contra a lógica narrativa que se encontra no Evangelho, pois a composição de silêncio corresponde antes a uma falta de compreensão da identidade de Jesus, que se vê claramente no episódio de Mc 8,30-33 na discussão com Pedro.

<sup>355</sup> Estes três personagens, João Batista, Elias, e um dos profetas, já apareceram em (Mc 6,14-15). Os três têm as suas características. Elias foi um profeta arrebatado ao céu num carro de fogo. Por isso, como não morreu, esperava-se a sua volta. João Batista fora decapitado por Herodes (Mc 6,17-29), e acreditava-se que tivesse ressuscitado com os poderes que tinha Jesus. O terceiro personagem, profeta, era esperado pelo povo, uma vez que o próprio Deus prometera um profeta como Moisés: “*Eu vou suscitar para eles um profeta como tu, do meio dos seus irmãos. Colocarei as minhas palavras em sua boca e ele lhes comunicará tudo o que eu lhes ordenar*”(Dt 18,18).

A resposta de Pedro não corresponde à resposta que Jesus esperava, pelo que (Mc 8,31) Jesus apresenta um novo ensinamento que fala da paixão, morte e ressurreição. Esta concepção por Pedro pela identidade de Jesus é de que não é possível conceber um Cristo que sofresse e morresse. Estas diversas opiniões que o povo tem a respeito de Jesus são as mesmas de Herodes (Mc 6,14-15). Esta era a opinião geral. Não se acreditava que Jesus fosse o Messias, mas simplesmente profeta. Ele pertence ao elenco dos profetas. Com estas respostas, fica claro que não conseguiam captar o essencial da mensagem e da proposta missionária apresentada por Jesus. As três representações têm em comum que elas classificam Jesus na linha e na categoria de profeta, mas Jesus não se enquadra em nenhuma de tais categorias. Jesus era mais que um mero profeta, e muito diferente.

As três opiniões referidas não são simplesmente erradas. Elas não alcançam o autêntico Jesus na sua novidade. Elas explicam o que ouviram a partir do passado, do ocorrido, do possível, não a partir de si mesmo, não na sua unicidade. Não o encontraram na sua autêntica alteridade.

A resposta da segunda pergunta feita por Jesus é dada por Pedro, que responde em nome do grupo dos Doze *“tu és o Cristo”* (Mc 8,29). Fazendo uma comparação nos quatro Evangelhos, estamos diante de um mosaico de textos representados pelos seguintes: em Marcos, *“tu és o Cristo”* (Mc 8,29); em Lucas, *“o Cristo de Deus”* (Lc 9,20); em Mateus, *“tu és o Cristo, o Filho do Deus vivo”* (Mc 16,16); em João, *“tu és o Santo de Deus”* (Jo 6,69). Comparando os Evangelhos Sinóticos, deduz-se que a resposta é formulada de modo diferente por cada um, e de modo especial no Evangelho de João.

No Evangelho de Marcos Jesus assume o título de Messias, uma só vez. Foi durante o seu interrogatório, em Jerusalém: *“o Sumo Sacerdote o interrogou de novo: És tu o Messias, o Filho do Deus Bendito?”* Jesus respondeu: *“Eu sou (Mc 14,61-62)”*<sup>356</sup>. É o primeiro ato de fé que um homem pronuncia no Evangelho de Marcos. O caminho para chegar a isto não foi fácil e nem curto, e ocorreu pelo dom da graça.

O evangelista Marcos diz que Jesus fez esta pergunta *“no caminho”* (Mc 8,27). Está claro que o caminho do qual Ele fala conduz a Jerusalém. Estar a caminho significa o começo da subida para Jerusalém, para o centro histórico da salvação, para o lugar em que deveria consumir-se o destino final de Jesus na cruz e na ressurreição. Depois destes acontecimentos, a Igreja teve o seu início. As palavras da confissão de Pedro estão no início deste caminho.

---

<sup>356</sup> SOARES, CORREIA JUNIOR e OLIVA, 2013, p. 272 diz: *contudo pode-se pensar em uma elaboração cristológica, pós-pascal, das comunidades primitivas oriundas do judaísmo*. Isto aparece em vários lugares (Jo 20,31; At 5,42; 9,22; 17,3; 18,5,22; 1Jo 2,22; 5,1).

Jesus depois de um longo tempo na pregação na Galileia, agora parte para o caminho da cruz é um convite de decisão. Como diz Pedro: *“Senhor, a quem iremos? Só tu tens palavras de vida eterna”* (Jo 6,68). Agora se distingue claramente entre o seguidor, o discípulo, e aqueles que simplesmente ouvem os ensinamentos de Jesus, mas não caminham e não O seguem, antes o abandonam pelo caminho. Aqui se marca especificamente, de uma forma concreta, o início da nova família de Jesus. Ela se caracteriza por “estar a caminho” com Jesus. Em segundo lugar, esta decisão de caminhar se apoia em conhecimento, no conhecer a Jesus. Este conhecer a Jesus nos oferece um novo conhecimento de Deus, do Deus único, no qual os Israelitas acreditam.

A confissão de fé de Pedro, em nome dos Doze, é uma experiência humana de Deus que reflete a realidade infinita no finito e limitado espírito humano. O que isso significa sempre exige uma interpretação, uma tradução parcial do divino determinada pelo contexto de tempo e espaço. Quando falamos da experiência aludimos, por um lado, a um real contato com o divino, mas também aos limites do sujeito que recebe. Cada sujeito humano pode captar apenas uma determinada parte da realidade perceptível, mas que precisa de explicação e de atualização.

## 6. AS INCOMPREENSÕES NO PRIMEIRO ANÚNCIO DA PAIXÃO (Mc 8,31-33).

### 1. Introdução

Esta perícopé, o primeiro anúncio da paixão de Jesus, está unida à perícopé precedente, que foi a confissão de fé de Pedro (Mc 8,27-30). Fazendo-se uma análise comparativa no aspecto literal entre as duas perícopes percebe-se que há um grande contraste. Antes Jesus é proclamado como “*tu és o Cristo*” (Mc 8,29). Agora Jesus apresenta-se como “*Filho do Homem*” (Mc 8,31). São dois títulos totalmente diferentes. O primeiro expressa a expectativa de poder, de triunfo, enquanto no segundo se destaca simplesmente a condição humana. Antes a proclamação de Jesus “*tu és o Cristo*” foi censurada, “*proibiu-lhe severamente de falar*” (Mc 8,30), *mas*, a partir de agora, Jesus fala da sua paixão “*abertamente*” (Mc 8,32).

A censura (Mc 8,30) é uma atitude “severa”, e tal imposição de silêncio ocorre porque a resposta que Jesus esperava não correspondia à esperança que esperava. A resposta dada por Pedro suscita um ensinamento de Jesus que se refere (Mc 8,31) à sua paixão: que ele vai ser morto e três dias depois ressuscitará.

Em (Mc 8,32) afirma-se que a instrução de Jesus é apresentada “abertamente”, isto é, com toda a franqueza. A concepção da identidade de Jesus apresentada da parte de Pedro (Mc 8,29) não permite conceber um Jesus que sofresse e fosse morto<sup>357</sup>

Jesus começa a partir de agora falar abertamente da sua missão e do seu destino. No ensinamento sobre o Filho do Homem, fica claro que o caminho percorrido por Jesus passa por muito sofrimento, pela rejeição e pela condenação à morte.

### 2. Delimitação da perícopé do primeiro anúncio da paixão (Mc 8,31-33)

A perícopé se insere dentro de uma secção maior no Evangelho de Marcos (Mc 8,27-33) em que a pessoa de Pedro predomina a narrativa.

---

<sup>357</sup> Esta concepção, e depois a rejeição de Pedro, pode ser entendida como algo normal. É difícil um líder que antes prediz que vai sofrer e morrer. Em vez de augurar um triunfo definitivo sobre os inimigos, que era o que se esperava do Messias na linha davídica, o que Jesus está prevendo é uma derrota total diante da perspectiva de poder e de triunfo.

A perícopé inicia no versículo (v. 31). Há um novo começo e um novo conteúdo. Diz: “*começou*”. É algo de novo; inicia-se algo; ήρξατο começou. Em seguida diz-se o que começou a fazer: começou a ensinar. Há um ensinamento totalmente diferente da perícopé anterior.

O texto de (Mc 8,33) termina com uma crítica de Jesus a Pedro e começa um novo tema: “*Jesus chama a multidão*” (Mc 8,34). Portanto, a perícopé começa no versículo (v. 31) e termina no versículo (v.33).

### 3. Estrutura do primeiro anúncio da paixão (Mc 8,31-33)

É possível estruturá-la em duas partes. A primeira (Mc 8,31-32a) é o anúncio da paixão. Na segunda (Mc 8,32b-33) Pedro intervém de forma negativa. São três versículos de conteúdo denso. Em (Mc 8,31) há o resumo de uma instrução minuciosa, na qual Jesus prediz que não será reconhecido pelos membros do Sinédrio<sup>358</sup>

Este ensino de Jesus (Mc 8,31) é composto por uma série de temáticas, que vamos enumerar: a) Jesus apresenta-se com o título de Filho do Homem; b) Fala do sofrimento<sup>359</sup>. No Antigo Testamento os sofrimentos são mencionados nos textos que se referem à morte violenta que experimentavam os justos sofredores e profetas.

### 4. Relações de Jesus no primeiro anúncio da paixão (Mc 8,31-33)

Unindo o relato do anúncio com as condições para segui-lo, há várias atitudes de Jesus: a) O ensino do sofrimento do Filho do Homem pelas autoridades judaicas (Mc 8,31). b) A repreensão a Pedro (Mc 8,33). c) o ensino às multidões e aos seus discípulos sobre as condições para segui-lo.

Jesus começa a falar e não usa o título confessado por Pedro “*tu és o Cristo*” (Mc 8,29), mas usa o título de Filho do Homem<sup>360</sup>, referindo-se a si

<sup>358</sup> O Sinédrio era o conselho que governava os judeus nesta época, sob o poderio Romano. O Sinédrio era formado pelo Sumo Sacerdote, pelos anciãos e pelos doutores da Lei.

<sup>359</sup> LENTZEN-DEIS, 2003, na p. 286 diz: *A expressão “Filho do Homem” é empregada para unir de uma nova maneira e em uma única figura, tanto as tarefas “celestiais” como também a atividade terrena de Jesus, o Messias e Filho de Deus do final dos tempos. Talvez o próprio Jesus o tenha usado por esta razão”*.

<sup>360</sup> Este título procede do Antigo Testamento, principalmente nos profetas Ezequiel e Daniel, como sinônimo de homem, membro da raça humana, simplesmente homem. Em (Dn 7,13) o sentido do título é messiânico, significando homem rei, centro da humanidade e da história. Este título no Evangelho de Marcos reflete a atuação terrena de Jesus e está associado ao poder e à autoridade de Jesus: “*para que saibais que o Filho do Homem tem autoridade para perdoar pecados na terra*” (Mc 2,10). E “*o Filho do*

mesmo. Irá defrontar-se com três grupos de poderes: “*anciãos, sumos sacerdotes e escribas, e deve ser morto*” (Mc 8,31). O ensinamento e a prática de Jesus contrastam frontalmente com o projeto destes três grupos. Jesus tem consciência de que será morto, e fala disso abertamente<sup>361</sup>. No entanto, as instituições de morte não terão a última palavra, porque depois de três dias “*Ele ressurgirá*” (Mc 8,31b).

Dois fatos chamam imediatamente a atenção. O primeiro é a recriminação mútua. Pedro critica Jesus: “*Pedro levando-o à parte começou a repreendê-lo*” (Mc 8,32). Por outro lado, Jesus repreende severamente Pedro: Ὑπάγε ὀπίσω μου Σατανά “*vai para trás de mim, Satanás*” (Mc 8,33)<sup>362</sup>, chamando-o de Satanás, isto é, aquele que o desvia do caminho de Deus. Quem negar a paixão, a morte e a ressurreição de Jesus posiciona-se a favor de Satanás<sup>363</sup>.

No versículo (Mc 8,33) aparecem as palavras mais duras de Jesus dirigidas nos Evangelhos a uma pessoa. Pedro é chamado de Satanás: “*sai da minha frente, Satanás*”. Ele é identificado como adversário por não aceitar o sofrimento, a rejeição e a morte do Cristo (Messias). Assim Jesus indica que a falsa concepção de sua messianidade é uma tentação. Ele não se coloca na perspectiva do projeto de Deus que define a missão de Cristo. Quem negar a paixão, a morte e a ressurreição posiciona-se ao lado de Satanás.

## **5. Relações de Pedro no primeiro anúncio da paixão (Mc 8,31-33)**

Enquanto Jesus quer associar os seus discípulos (os Doze) ao seu destino, eles permanecem confusos. Quem reage neste primeiro anúncio

*Homem é senhor também do sábado*” (Mc 2,28). E “*e vereis o Filho do Homem sentado à direita do poder*” (Mc 14,62). No transcórre do Evangelho de Marcos, este título sempre aparece na boca de Jesus e nunca em frases próprias do evangelista. É Jesus que se designa como Filho do Homem, e usa a expressão em referência a si mesmo. Como estatística temos (Mc 2,10.28; 8,31.38; 9,9.12.31; 10,33.45; 12,26; 14,21 (2x). 41.62). A partir destes dados percebe-se a predominância e a frequência, na segunda parte do Evangelho, quando começam os anúncios da paixão.

<sup>361</sup> Abertamente παραρησία de Jesus recorda a coragem, a sorte do servo de Javé e o fim trágico dos profetas. Nos outros dois anúncios da paixão não aparece claramente este advérbio.

<sup>362</sup> As traduções desta conjuração de Jesus sobre Pedro nas bíblias são muito diferentes entre si. A melhor tradução seria “*põe-te atrás de mim*”. Jesus identifica Pedro como Satanás, o tentador, o inimigo. Com esta frase, Jesus está indicando que a falsa concepção de sua messianidade é uma tentação. Dois messianismos se enfrentam, um o do Messias, que se entrega, que se doa pela humanidade, e outro que seria o messianismo vitorioso, triunfalista, de ordem política e restaurador de Israel.

<sup>363</sup> Outra interpretação desta conjuração de Jesus sobre Pedro que pode ser “*vai para trás de mim*” ou “*põe-te atrás de mim*”. Está dizendo: seja o meu discípulo. Ser discípulo de Jesus é ir atrás dele. Esta ideia aparece em “*vinde após mim*”(Mc 1,17). Ser discípulo de Jesus (Mc 8,34) é negar-se a si mesmo, tomar a sua cruz e segui-lo.

da paixão é Pedro<sup>364</sup>. Ele não aceita o caminho do sofrimento e quer fazer com que Jesus desista de sua missão de sofrimento, morte e ressurreição no terceiro dia. Esta reação de Pedro expressa a compreensão errônea da messianidade de Jesus. Pedro pode expressar também o medo de ficar envolvido com o destino trágico de Jesus. Esta rejeição impetuosa seria um contraste diante da insistência de Jesus sobre o sofrimento, morte e ressurreição<sup>365</sup>.

No relato Pedro<sup>366</sup> e Jesus trocam palavras fortes. Pedro reepreende Jesus, e este, por sua vez, reepreende a Pedro, o discípulo, um dos Doze. A linguagem sugere que Pedro vê loucura na afirmação de Jesus sobre a morte violenta. Jesus considera a resistência de Pedro como um desvio do caminho de Deus e lhe diz: *“afasta-te de mim, Satanás, porque não pensas as coisas de Deus, mas as dos homens”* (Mc 8,33).

Pedro entendia por Cristo o que acabara de confessar: *“tu és o Cristo”* (Mc 8,29). Reconhecia em Jesus o Cristo o Messias, mas sem a cruz (Mc 8,32), o que era algo completamente diferente da própria concepção de Jesus. Jesus corrige a visão que Pedro tinha dele. Apresenta a instrução sobre o Cristo que deve sofrer, e sobre o discípulo que deve carregar a cruz: *“se alguém quer seguir após mim, renegue a si mesmo, tome a sua cruz e siga-me”* (Mc 8,34). O Cristo (Messias) não era um profeta, mas era para Pedro a figura que viria estabelecer os objetivos políticos, sociais e econômicos de Israel. Ele pensava na revolução que estava prestes a acontecer.

Jesus não aceita o título de Messias e sim o de Filho do Homem<sup>367</sup>, o humano, tomado da visão apocalíptica. Ele deve sofrer muito e ser

<sup>364</sup> É possível fazer uma comparação de Pedro com o cego de Betsaida (Mc 8,22-26). Tanto Pedro quanto o cego reconheciam Jesus. Pedro diz: *“tu és o Cristo”* (Mc 8,29); e o cego grita: *“Filho de Davi, Jesus, tem piedade de mim”* (Mc 10,47). Outra comparação é que no cego há duas curas: na primeira (Mc 8,24), não enxergou logo tudo; só na segunda vez Jesus o curou (Mc 8,25). O mesmo aconteceu com Pedro: confessa a Jesus: *“tu és o Cristo”* (Mc 8,29). No entanto, permanece como cego de meia visão. Reconhecia em Jesus o Cristo, o Messias, mas um Messias sem a cruz. Outra comparação de Pedro com o cego Bartimeu é que este não se agarrou ao título dado a Jesus, mas à fé em Jesus: *“vai, tua fé te salvou”* (Mc 10,52). No mesmo instante recuperou a vista e seguiu a Jesus no caminho: *“e o seguia no caminho”* (Mc 10,52). Bartimeu não faz exigências. Soube entregar a vida aceitando Jesus sem impor exigências nem condições. Por outro lado, Pedro faz exigências: *“Pedro começou a dizer-lhe: eis que nós deixamos tudo e te seguimos”* (Mc 10,38). A pergunta que Pedro faz a Jesus se encontra em (Mc 10,28; Mt 19,27; Lc 18,28).

<sup>365</sup> BROWN, FITZMYER, MURPHY 2002, p. 101 afirma: *“A ação impetuosa de Pedro se encaixa no perfil de seu caráter na tradição dos Evangelhos”*.

<sup>366</sup> No Evangelho de Marcos Pedro ocupa um lugar de destaque: (Mc 1,29-31; 1,36; 3,16; 5,35-37; 8,29; 8,32; 9,2; 9,5; 10,28; 11,21; 13,3; 14,29; 14,33; 14,37; 14,54; 14,66; 14,67; 14,70; 14,72; 16,7). Destes dados estatísticos se deduz que é a segunda parte do Evangelho de Marcos que aparece com maior insistência. Fica uma questão em aberto: fazer uma análise entre os quatro Evangelhos sobre a pessoa de Pedro, a respeito de semelhanças e diferenças.

<sup>367</sup> Este título no Evangelho de Marcos está associado ao título do “Servo sofredor”, que indica a missão sofredora e expiatória. Os três anúncios da paixão tem como sujeito o Filho do Homem, e é protagonista no seu destino de sofrimento – morte – ressurreição. Algumas vezes este título remete ao projeto divino *“era necessário que o Filho do Homem”* (Mc 8,31). Fazendo uma análise deste título, três dimensões

rejeitado. Não há outro caminho a não ser assumir a cruz. Para ser seguidor do Cristo, faz-se necessário carregar a cruz, segui-lo, perder a vida por causa do Evangelho, e não ter vergonha diante dele e de sua Palavra (Mc 8,34-38). Somente a cruz faz com que Jesus seja o Cristo. Jesus não se assume como o Messias triunfalista que pretende restabelecer a realeza de Israel, mas como o humano sofredor, na perspectiva do servo de Javé, descrito nos quatro cânticos do Deutero-Isaías .

O Cristo (Messias) que eles esperavam é humano, e eles o veem com olhos de homens, isto é, a ideia de um Messias rico, poderoso e triunfalista no estilo dos poderes deste mundo. Esta concepção é o maior obstáculo que se pode apresentar contra Jesus e o Evangelho. O que está em jogo é a correta interpretação da missão de Jesus.

São duas Cristologias que estão em jogo. Uma, a Cristologia da cruz, do sofrimento, morte e ressurreição, que é de Deus, e a outra, uma cristologia sem a cruz, que é de poder e de inspiração satânica. Estas duas cristologias são opostas. Se anteriormente os discípulos não entenderam que Jesus era o Cristo, agora o entendem mal, porque não reconhecem que a cruz é constitutiva do ser do Cristo.

Para finalizar, é possível apresentar algumas orientações para ser discípulo de Jesus. O discípulo não pode ir adiante daquele que o chama. O seguimento comporta humildade e aceitação do mestre. O discípulo deve estar atento, com a mente aberta, ao certificar-se dos planos de Deus, para não se opor a eles. Quando não se conhece o que Deus quer, e não estarmos abertos ao seu plano, podemos tornar-nos pedras de tropeço em vez de sermos seus colaboradores. Ser discípulo significa colocar-se a favor de Jesus, a uma participação total no seu destino. Jesus exige do seguidor um conhecimento pleno e um testemunho total de sua pessoa.

---

aparecem: a) A sua atividade terrena, do anúncio do Reino de Deus (Mc 2,10,28; 10,45). b) O seu caminho de sofrimento, morte e ressurreição (Mc 8,31; 9,12; 9,31; 10,33; 14,21; 14,41). c) A sua vinda futura cheia de poder (Mc 8,38; 9,9; 13,26; 14,62).

## 7. A PERÍCOPE DA TRANSFIGURAÇÃO DE JESUS (Mc 9,2-8)

A narrativa da transfiguração constitui uma unidade literária bem definida. Ela proporciona uma perspectiva do plano de Deus sobre Jesus. Ela está situada entre o primeiro e o segundo anúncio da paixão.

Esta narrativa, a da transfiguração, é descrita também por Mateus (17,1-8) e por Lucas (9,28-36). É um relato da tríplice tradição. É uma narrativa central no Evangelho de Marcos. Ela é necessária para revelar melhor a identidade de Jesus por parte do Pai aos seus destinatários privilegiados, que se pode dizer imediatos: Pedro, Tiago e João (Mc 9,2).

A perícopé é sobre uma experiência mística, de revelação divina. Inúmeras vezes se tem perguntado quem é Jesus. A cada resposta que foi dada, percebeu-se a necessidade de continuar buscando novas respostas. Quando Pedro, com fé, confessou: “*tu és o Cristo*” (Mc 8,27), Jesus se apressou a ensinar que ao título Cristo (Messias) se deveria acrescentar algo: que é um Cristo (Messias) sofredor. Mas isto não é suficiente, pois se precisa de algo a mais. Agora o convite é ir além, subir a um alto monte para encontrar Aquele que nos abrirá mais o olhos para ver e perceber mais e melhor o seu mistério: “*este é o meu Filho amado*” (Mc 9,7).

### 1. Delimitação da perícopé da transfiguração (Mc 9,2-8)

Em (Mc 9,1) conclui o ensinamento de Jesus à multidão que foi iniciado em (Mc 8,34). A partir de (Mc 9,2) inicia-se a menção de tempo “*seis dias depois*”. Sem dúvida alguma é uma nota cronológica. Fala de um novo lugar geográfico: “*num alto monte*”. Aqui começa a narrativa da transfiguração. O início da perícopé ocorre pela menção de tempo e pela mudança de lugar geográfico, e termina em (Mc 9,8), com a informação: “*Jesus estava sozinho com eles*”. Não consta o nome de “*eles*”. Quem são? Mas, a partir do texto (Mc 9,2), é possível afirmar que são Pedro, Tiago e João, os quais estavam junto com Jesus no momento da transfiguração.

Há nesta perícopé uma figura de linguagem bíblica chamada de inclusão, μόνους “*sozinhos*” (Mc 9,2), que, no final, apresenta ἰησοῦν μόνον μεθ ἑαυτῶν “*Jesus somente com eles*” (Mc 9,8). Isso faz da perícopé uma unidade em si mesma. As duas expressões são semelhantes, mas a situação final e a inicial são distintas. A palavra “*sós*” aparece na abertura e na conclusão da narrativa.

Há mudança de lugar geográfico: “*desceram do monte*” (Mc 9,9) e há uma ordem dada por Jesus para “*que ninguém contasse o que tinham*”

visto<sup>368</sup>. Concluindo, a perícopé em estudo, que tem como tema a transfiguração de Jesus, inicia-se em (Mc 9,2) e termina em (Mc 9,8).<sup>369</sup>

Por outro lado, há outra forma de delimitação, que seria (Mc 9,2-13). Os argumentos são dois. O primeiro é a menção de Elias várias vezes (Mc 9,4.5.11.13). Ele está presente na narrativa após a transfiguração. O texto fala da volta de Elias. O segundo argumento é a menção do lugar geográfico: em (Mc 9,2), Jesus vai para um alto monte e desce do monte (Mc 9,9). Há um diálogo sob a forma de perguntas e respostas de Jesus. O texto não diz com quem dialoga, mas, pela sequência da narrativa, seriam três dos Doze: Pedro, Tiago e João. Não fala de discípulos: mas “ordenou-lhes (Mc 9,9); e “eles guardaram a palavra” (Mc 9,10); e “perguntaram-lhe” (Mc 9,11). A construção gramatical está no plural. Por estes dados<sup>370</sup> a delimitação da narrativa seria em (Mc 9,2-13).

## 2. Estrutura da perícopé da transfiguração (Mc 9,2-8)

A melhor forma de estruturar esta perícopé é a forma quiasmática, sob o aspecto de paralelismo literários<sup>371</sup>.

- A** – Jesus com os três: Pedro, Tiago e João vão a um alto monte (Mc 9,1-2a).
- B** – A transfiguração de Jesus (Mc 9, 2b-3).
- C** – Aparecem Elias e Moisés, que conversam com Jesus (Mc 9,4).
- D** – Afirmação de Pedro: “Rabi, é bom estarmos aqui” (Mc 9,5a).
- C'** – Pedro sugere fazer três tendas: uma para Jesus, outra para Moisés e outra para Elias (Mc 9,5b-6).
- B'** – Voz do céu que interpreta a transfiguração (Mc 9,7).
- A'** – Jesus sozinho com os três dos Doze (Mc 9,8).

<sup>368</sup> Temos aqui um dos temas muito presentes no Evangelho de Marcos: o tema do segredo messiânico.

<sup>369</sup> Esta delimitação (Mc 9,2-8) é apresentada por vários comentaristas. Alguns deles: BROWN – FITZMYER – MURPHY, 2011, p. 437. Também LÉGASSE, 2000, p. 442. GALIZZI, 2007, p. 177. FOCANT, 2015 p. 358.

<sup>370</sup> Esta delimitação (Mc 9,2-13) é apresentada por vários comentaristas do Evangelho de Marcos, entre eles LENTZEN-DEIS, 2013, p. 297, e também BROWN, FITZMYER, MURPHY, 2013, p. 102, além de MESTERS e LOPES, 2015, pp. 169-170.

<sup>371</sup> A estrutura sob a forma de quiasmo é apresentada por MARCUS, Joel, *El Evangelio Según Marcos*, (Mc 8 – 16), Ediciones Sígueme, Salamanca, 2011, página 727, e também é apresentada por SOARES, CORREA JUNIOR e OLIVA, 2013, p. 282.

Fazendo uma análise desta estrutura, percebe-se que há vários paralelismos entre as partes e eles têm como centro a afirmação de Pedro, que é o centro dos personagens, quando diz: *“Rabi, é bom estarmos aqui”* (Mc 9,5). Os paralelismos seriam:

A com A' = Temos os personagens: Jesus, Pedro, Tiago e João.

B com B' = Descrevem a transfiguração.

C com C' = Presença dos dois personagens do Antigo Testamento, Elias e Moisés.

A transfiguração de Jesus e a sua crucificação formam duas faces da identidade complexa, divina e humana, de Jesus, o Filho de Deus. Fazendo-se um paralelismo entre estas duas faces, há vários elementos paralelos e, por outro lado, há um grande contraste. Os paralelismos seriam: por motivo da revelação divina e por temor humano. Vamos enumerá-los para melhor compreensão:

Em primeiro lugar, Pedro aparece unido aos demais do grupo dos Doze: *“não sabiam o que dizer, porque estavam atemorizados”* (Mc 9,6); e *“ide dizer aos seus discípulos e a Pedro”* (Mc 16,7).

Em segundo lugar, Jesus é identificado como Filho de Deus num momento revelador: *“e uma voz, que saiu da nuvem disse: Este é o meu Filho amado”* (Mc 9,7); e *“de fato, esse homem era filho de Deus”* (Mc 15,39).

Finamente, o medo das testemunhas: *“não sabiam o que dizer, porque estavam atemorizados”* (Mc 9,6); e *“nada contaram a ninguém, pois tinham medo”* (Mc 16,8).

Por outro lado, há um contraste entre as duas faces, a transfiguração e a crucificação. Os mais chamativos seriam:

Fala-se de uma luz sobrenatural em (Mc 9,2-3), e em (Mc 15,33) há uma obscuridade sobrenatural.

As vestes de Jesus são maravilhosamente luminosas, numa transformação que anuncia o poder messiânico (Mc 9,2-3). Em (Mc 15,24.26) a sua roupa é tirada, numa ação que tira a sua pretensão de ser rei dos Judeus.

Quanto aos dois personagens do Antigo Testamento, um deles é Elias. Eles falam com Jesus, demonstrando assim a sua identificação (Mc 9,4). Em (Mc 15,32.35-36) os dois são criminosos, alheios a Jesus. Fazem referência sarcástica a uma intenção de Elias que não acontece.

Em (Mc 9,5) Pedro diz: “*é bom estarmos aqui*”. Em (Mc 14,50) os outros discípulos fogem. Em (Mc 14,54.66-72) Pedro segue a Jesus à distância e termina por negar a Jesus.

Em (Mc 9,7) a voz de Deus demonstra compromisso com o seu “Filho amado”. Em (Mc 15,34) Deus permanece silencioso, e uma pergunta angustiante sai da boca do seu Filho: “*por que me abandonaste*”?

### 3. Relações de Jesus com Pedro, Tiago e João (Mc 9,2-8)

A primeira relação de Jesus é de escolha. Ele escolhe três do grupo dos Doze, Pedro, Tiago e João, para uma revelação especial, e os conduz para um alto monte. Estes três escolhidos são convidados a receber a graça de ver a realidade fundamental que se manifesta em Jesus.

Estes três são discípulos prediletos. Eles aparecem pela primeira vez no chamado no mar da Galileia, quando estavam trabalhando na pesca (Mc 1,16-20). Em seguida, Jesus vai para a casa da sogra de Simão (Pedro), que estava de cama com febre, e lá estão estes três discípulos (Mc 1,29-31). Em seguida eles aparecem no elenco da Constituição dos Doze (Mc 3,16-17). Somente estes três, Jesus permite que estejam presentes com Ele na ressurreição da filha de Jairo (Mc 5,37). Os mesmos estão presentes na transfiguração de Jesus (Mc 9,2). No monte das Oliveiras, frente ao Templo, estão juntos com Jesus (Mc 13,3). Finalmente, no Getsemani, Jesus vai rezar e começou apavorar-se e angustiar-se, e ali estão presentes os mesmos três dos Doze: Pedro, Tiago e João (Mc 14,32-33).

A partir da narrativa da transfiguração, e até o final da secção<sup>372</sup>, o evangelista Marcos narra uma série de ensinamentos de Jesus que vão ajudar os discípulos (os Doze) a corrigirem suas ideias erradas sobre Ele<sup>373</sup>. O seguimento do Cristo realiza-se através do caminho da cruz. Jesus caminha para a morte e quem quer tornar-se discípulo, seguidor, deve subir com Ele a Jerusalém. Jesus toma consigo os três discípulos prediletos, Pedro, Tiago e João, para subirem a um alto monte. O monte tem um qualificativo: “alto”. O monte ou montanha são lugares privilegiados do encontro com Deus. Acentua-

<sup>372</sup> Estes ensinamentos têm como cunho o relacionamento humano, as relações com o que temos diante dos nossos olhos. É possível enumerá-las: a) O relacionamento com os que não são da comunidade (Mc 9,38-40); b) O relacionamento com os pequenos e os excluídos (Mc 9,41-50); c) O relacionamento entre marido e mulher (Mc 10,1-12); d) O relacionamento com as crianças (Mc 10,13-16); e) O relacionamento com os bens materiais (Mc 10,17-27); f) O relacionamento entre os discípulos (Mc 10,28-31).

<sup>373</sup> MESTERS e LOPES, 2015, na p. 171 enumera dois grupos de ensinamentos. Grupo um (Mc 9,2-29): instruções sobre a conversão que deve ocorrer no relacionamento das pessoas com Deus e com o Messias. Grupo dois (Mc 9,38 – 10,31): instruções sobre a conversão que deve ocorrer nos relacionamentos entre as pessoas nos outros níveis de vida.

se o fato de Ele estar a sós com esses três, que presenciam uma manifestação especial.

O monte aparece com uma característica: ele é “alto” (Mc 9,2). É lugar da especial proximidade com Deus. Aqui é possível pensar em conjunto sobre os diversos montes na vida de Jesus: em Lucas é o monte da tentação (Lc 4,5); em Mateus é o monte de sua grande pregação (Mt 5,1-12); em Mateus é o monte da oração (Mt 6,7-15); em Marcos é o monte da transfiguração (Mc 9,2-8); em Lucas é o monte da agonia (Lc 22,39-46); em Mateus é o monte da cruz (Mt 27.32-37); e, por fim, é o monte do ressuscitado (Mt 28,16-20)<sup>374</sup>.

Outra relação é a voz da nuvem que diz “ouvi-o” (Mc 9,7). A partir dessa experiência na transfiguração, pede-se uma escuta contínua à pessoa de Jesus. Isto implica em compreensão e obediência à Palavra de Jesus sem levar em conta as consequências. O discípulo seguidor de Jesus deve pôr a própria vida à disposição dele: *“aquele que quiser salvar a sua própria vida, vai perdê-la; mas o que perder a sua vida por causa de mim e do Evangelho, vai salvá-la”* (Mc 8,5).

Outra relação de Jesus com os três dos Doze está expressa nos dois verbos παραλαμβάνει “tomou consigo” e ἀναφέρει “conduziu” (levou). São verbos de ação. Em seguida Marcos descreve o que ocorreu e o impacto que teve sobre os três. A descrição começa com um verbo em passivo reflexivo μετεμορφώθη “transfigurou-se”. Em seguida usa dados característicos de uma teofania: fala do resplendor, da nuvem, da sombra e de uma voz que fala da nuvem.

#### **4. Relações dos três, Pedro, Tiago e João, para com Jesus (Mc 9,2-8)**

Uma relação é de medo e insegurança: *“não sabiam o que dizer, porque estavam atemorizados”* (Mc 9,6). O tema do medo não lhes permite a compreensão da identidade de Jesus. Várias vezes já apareceu a ideia do temor, do medo (Mc 4,41; 5,42; 9,6) daqueles que se encontram na presença do Mistério Divino. São convidados a fazer uma experiência profunda de Jesus, de sua união para com Deus, de ser visto sob a perspectiva divina. Estes três são convidados a experimentar e compreender a vontade de Deus.

A proposta de Pedro diante da experiência de estar com Jesus transfigurado é boa, manifesta alegria e o entusiasmo e deve ser eternizada. Ele sugere (Mc 9,5) que sejam montadas três tendas: uma para Jesus, outra para Moisés e uma terceira para Elias. Com esta sugestão Pedro quer

<sup>374</sup> Aqui se faz necessário mencionar os montes da revelação do Antigo Testamento: o Sinai; o Horeb; o Moriah; e o monte do Templo, no qual a revelação se torna liturgia.

assegurar a presença do Cristo glorioso no monte. Embora um pouco antes, Pedro confessou (Mc 8,29) Jesus “o Cristo”, o Messias, mas em seguida (em Mc 8,32) recusa a ideia de um Messias que iria sofrer, morrer e ressuscitar no terceiro dia.

A relação destes três diante da revelação da identidade de Jesus pela voz vinda da nuvem é “*ouvi-o*” (Mc 9,7). Esta deve ser a atitude dos três, alargando-se mais aos discípulos, seguidores de Jesus.

A fala de Pedro é: “*façamos, pois, três tendas, uma para ti, outra para Moisés e outra para Elias*” (Mc 9,5). O sentido desta frase é ambíguo. Esta atitude de Pedro pode ser interpretada de diversos modos. Vamos enumerá-los para melhor compreensão:

Um sentido se relaciona com a incompreensão de Pedro. Em (Mc 9,6) é dito abertamente que Pedro não sabia o que dizia, porque todos tinham medo e é esta a informação: “*estavam atemorizados*” (Mc 9,6). Pedro fala em nome dos três dos Doze. O verbo é *façamos*” (Mc 9,5). Os verbos estão no plural – nós. Não é possível estarem cheios de medo e, ao mesmo tempo, dizerem que é bom estarem ali. Sobre esta interpretação, são bastante significativas as palavras de Klemens Stock, que diz: “*no que procede do mundo celeste Mc 9,2b-4 insere-se uma atividade humana equivocada*”<sup>375</sup>.

Outra interpretação desta proposta de Pedro é como sendo uma reação ou ato humano, pois deseja acolher da melhor maneira possível a Jesus com os dois interlocutores, Moisés e Elias. A presença dos três, Pedro, Tiago e João, é boa, porque a experiência é única e maravilhosa. É um momento importante porque dá oportunidade de mostrar-se aos três discípulos serviais diante de Jesus e diante de seus dois hóspedes celestiais<sup>376</sup>.

Como terceira interpretação da sugestão de construir três tendas, Pedro coloca Jesus no mesmo nível dos personagens do Antigo Testamento. Esta atitude não é correta, tanto que é corrigida pela voz da nuvem “*este é meu Filho amado*” (Mc 9,7). A partir de agora a vontade de Deus é revelada e transmitida por seu Filho. A vontade de Jesus já fora manifestada no primeiro anúncio da Paixão (Mc 8,31) e Pedro se opôs fortemente a ela (Mc 8,32).

Como quarta interpretação, referindo-se aos três dos Doze e à fala de Pedro, “*façamos*”, ele fala em nome dos três. Eles sempre tiveram uma vida itinerante e nunca se diz que tiveram uma moradia. Pedro, por outro lado, teve oportunidade de acolher Jesus em sua casa em Cafarnaum (Mc 1,29), por ocasião do estado febril da sogra (Mc 1,30-31).

<sup>375</sup> STOCK, 1996, .p. 77. Esta mesma interpretação é apresentada por GNILKA, 1986, p. 39.

<sup>376</sup> Esta interpretação é apresentada por TAYLOR, 1977, p. 453.

Os três dos Doze, ao presenciarem a solene proclamação da filiação, receberam uma ordem imperativo: “ouvi-o” (Mc 9,7). Através dele, receberam uma missão. “Devemos escutá-Lo”<sup>377</sup>. Eles são os destinatários de tudo o que aconteceu na montanha. Eles devem descer (“*ao descerem do monte*”, Mc 9,9) e aprender sempre com Ele. É a Ele que devem ouvir.

Os três ficaram έκθοβοι “assutados” ou “apavorados” por causa da grandeza da aparição (Mc 9,6). O susto se apodera deles. Diante da proximidade de Deus em Jesus, eles sentiram a própria miséria. Diante disto, Pedro fala, embora “*não sabia o que devia dizer*” (Mc 9,6). A sua fala foi: “*Rabi, é bom estarmos aqui*” (Mc 9,5). As palavras de Pedro são pronunciadas no meio do mesmo e ao mesmo tempo na alegria da proximidade de Deus.

Na subida ao alto monte, os três acompanhantes de Jesus, Pedro, Tiago e João, fizeram a experiência do Reino de Deus. No monte viram aparecer a glória, a manifestação e a revelação de Deus no seu Filho Jesus. No monte no diálogo de Jesus transfigurado com a Lei (Moisés) e com os profetas (Elias), eles tomaram consciência, conhecimento e experimentaram toda a Palavra de Deus, testemunhando que o Reino de Deus chegou por meio de seu Filho Jesus.

Neste encontro assustador de três dos Doze com a glória de Deus em Jesus, eles devem ter aprendido o caminho do sofrimento como discípulos de Jesus. Foram introduzidos ao mistério de Jesus em toda a sua profundidade. Desta forma, como seguidores de Jesus devem anunciar o que Paulo diz: “*anunciamos o Cristo crucificado, que é escândalo para os Judeus e loucura para os gentios, mas para os eleitos, tanto Judeus como gentios, é Cristo, poder e sabedoria de Deus*” (1Cor 1,23-24).

A transfiguração aponta-nos e indica qual deve ser a missão das pessoas que querem seguir Jesus. Seguir alguém como discípulo implica necessariamente em assumir o destino desse alguém. Este seguimento não é simplesmente contemplação do maravilhoso, nem o modo que paralisa em face do divino, mas é adesão plena e comprometida a Jesus. O compromisso é com a sua Palavra, o seu ensinamento e o seu exemplo de vida. Tudo isto deve ser acolhido no caminho da cruz.

---

<sup>377</sup> No Antigo Testamento devia-se escutar a Moisés. Agora é preciso escutar a Jesus. A lei de Moisés aqui alcançou o seu objetivo. Jesus é o novo legislador “*de modo que o Filho do Homem é senhor até do sábado*” (Mc 2,28).

## 8. JOÃO PROIBE O USO DO NOME DE JESUS (Mc 9,38-40)

### 1. Introdução

Fazendo uma retrospectiva, e retomando a sequência da narrativa do Evangelho de Marcos, situamo-nos no contexto do segundo anúncio da Paixão (Mc 9,30-32). Jesus está caminhando através da GALILEIA, está ocupado com a formação dos Doze. Conversa com eles sobre o tema da cruz e afirma, neste ensinamento, que o Filho do Homem deve ser entregue e morto. Os Doze escutam Jesus, mas não entendem o ensinamento sobre a cruz. Não pedem esclarecimentos e têm medo de interrogá-Lo. Assim eles têm medo de deixar transparecer a sua ignorância.

Jesus fala do anúncio da cruz. Os Doze estão preocupados em quem seria o maior. A mentalidade é de disputa e competição. Depois que chegaram a Cafarnaum (Mc 9,33), já em casa, Jesus fez uma pergunta: “*sobre o que discutíeis no caminho?*”. Os Doze não respondem. É silêncio. O silêncio revela quem se sente culpado. Eles expressam a mentalidade de competição e de busca por prestígio. Enquanto Jesus expressa a preocupação em ser o Messias sofredor, na imagem dos quatro cânticos do Servo Sofredor do profeta Isaías, os Doze só pensam em querer ser o maior.

Em seguida Jesus começa a ensinar. Ele se senta e chama os Doze e diz: “*se alguém quiser ser o primeiro, seja o último e aquele que serve a todos*” (Mc 9,35). Fica evidente que o ensino de Jesus é: “o poder deve ser usado não para subir e dominar, mas para descer e servir. Jesus procura descer. Eles querem subir”<sup>378</sup>.

Depois de dar a resposta sobre o que estavam “*discutindo no caminho*” (Mc 9,33) os Doze, o assunto era sobre o conceito de grandeza. Os Doze não compreenderam o que se refere ao exercício do poder como serviço dentro da comunidade. Antes Jesus os exortara a receber as crianças e a seguir o seu caminho de humildade. Agora Jesus responde ao problema apresentado por João sobre a pretensão de restringir o exercício do exorcismo em nome de Jesus ao grupo que não segue a Jesus: “*não nos segue*” (Mc 9,38). Os Doze demonstram a pretensão de ter, na condição de grupo, o projeto que Jesus veio inaugurar é outro.

Esta perícopé expõe o problema da ação libertadora fora da comunidade cristã, na existência de pessoas que não fazem parte do grupo dos Doze e que também não são adversárias, pois invocam o nome de Jesus no exercício de sua prática.

---

<sup>378</sup> MESTERS e LOPES, 2015, p. 181

É diante deste contexto que se situa o nosso texto de estudo das relações, em que aparece João para com Jesus. Ele se situa no meio de dois exemplos de acolhimento, o da criança (Mc 9,36-37) e do discípulo (Mc 9,41)

## 2. Delimitação da perícópe (Mc 9,38-40)

Não é fácil delimitar esta perícópe. Há dois problemas literários que fazem com que ela se estenda até o (v. 41). O primeiro é a conjunção γάρ “pois”, que aparece nos versículos (Mc 9, 39.40.41). O segundo a expressão ἐν ὀνόματι “em nome de” (vv. 38.41). Por estes dois dados literários, a perícópe se estenderia até o (v. 41).

Agora, ao iniciar, a narrativa muda de personagem. Antes Jesus ensina os Doze (Mc 9,35-37). João fala em primeira pessoa do plural “*vimos*” (Mc 9,38), e termina com uma fala de Jesus usando o “nós”. Inicia com a primeira pessoa do plural “nós” e termina também na primeira pessoa do plural, “nós”<sup>379</sup>. Temos uma figura de linguagem denominada inclusão. Portanto, é uma breve perícópe (Mc 9,38-40)<sup>380</sup>. É uma unidade independente, que Marcos conservou e inseriu neste contexto do Evangelho<sup>381</sup>.

## 3. Estrutura da perícópe (Mc 9,38-40)

Na leitura do texto percebem-se algumas características do texto bíblico. A alternância de pronomes pessoais para referir-se a Jesus, por um lado, e aos discípulos, por outro lado, é reveladora. João começa vinculando a si mesmo com Jesus, ao relatar como assumiram a sua autoridade para impedir que um estranho ao grupo usasse o nome de Jesus, “*pois não nos seguia*” (Mc 9,38). No princípio Jesus parece distanciar-se da presunção de João em relação ao nexos com Ele. Dirigindo-se a eles (os Doze) em segunda pessoa do plural, Jesus mostra desaprovação pelo como “resolveram” o problema apresentado: “*não o impeçais*” (Mc 9,39). No final Ele restabeleceu novamente o vínculo de união com Ele, empregando novamente a primeira pessoa do plural: “*quem não é contra nós está a nosso favor*” (Mc 9,30).

<sup>379</sup> FOCANT, Camille, *Il Vangelo Secondo Marco*, Assisi, Cittadella Editrice, 2015, p. 389 diz: “*Esta prática escandaliza “os Doze”, quando alguém atua que Mc 9,38 “não nos seguia”. O pronome “nós” é estranho, porque nos Evangelhos nunca se usa para dizer seguidor dos discípulos, mas somente de seguir a Jesus*”.

<sup>380</sup> Esta delimitação (Mc 9,38-40) é apresentada por vários estudiosos do Evangelho de Marcos, conforme citado por: LÉGASSE 2000, p. 484. FOCANT, 2015 p. 387. MARCUS, 2010 p. 782.

<sup>381</sup> Há estudiosos do Evangelho de Marcos que inserem na perícópe o versículo 41 (Mc 9,38-41). Os defensores desta tese são: GNILKA, 1986, p. 68. LENTZEN-DEIS, 2003, p. 317. PESCH, Rudolf, *Il vangelo di Marco, Volume II*, Paideia Editrice Brescia 1980, p. 107

A partir destas observações feitas sobre o texto, a perícopé é breve. São três versículos, e é possível estruturá-la em três partes<sup>382</sup>:

1) Em (Mc 9,38) João relata a Jesus sobre o modo como ele e os outros discípulos “*vimos*” e trataram ao exorcista estrangeiro: “*o impedimos*”. Duas vezes aparece a mesma expressão οὐκ ἠκολούθει ἡμῖν “*não nos segue*” e “*não nos seguia*”.

2) Jesus rejeita este assunto (Mc 9,39).

3) Enunciação por parte de Jesus da forma de um princípio geral sobre o trato com pessoas alheias ao grupo (Mc 9,40).

#### 4. Relações de João para com Jesus (Mc 9,38-40)

A perícopé começa com João, que é sem dúvida (Mc 3,17) um dos Doze. É filho de Zebedeu (Mc 10,35) e é membro do grupo íntimo dos três, Pedro, Tiago e João. Ele apresenta a Jesus um problema. João apresenta como alguém intransigente<sup>383</sup>. No Evangelho de Marcos é a única narrativa em que João, um dos Doze, desempenha algo de destaque. Ele, aqui, é o porta-voz dos Doze.

João esperava de Jesus gratidão e apoio para esta ação. Tinha observado “*vimos*” um exorcista desconhecido expulsava demônios em nome de Jesus. Viu que as ações de um exorcista que cura não é “*dos nossos*”, pois é um desconhecido, no entanto invoca o nome de Jesus para relizar os exorcismos<sup>384</sup>.

João ao colocar este problema, é o único caso no Evangelho de Marcos. O porta-voz dos Doze é sempre Pedro. João aparece aqui como o porta-voz dos discípulos εἰδομέν “*vimos*” (Mc 9,38), e ὁ ἐκωλύμεν “*e o impedimos*” (Mc 9,39). Ele informa a Jesus de um exorcista desconhecido, que, invocando o nome de Jesus, expulsava demônios: τῷ ὀνόματί “*em teu nome*” (Mc 9,38). Os Doze quiseram impedir a sua atividade porque não pertencia aos seguidores de Jesus: οὐκ ἠκολούθει ἡμῖν “*não nos seguia*” (Mc 9,38). Para esta formulação “*não nos seguia*” (Mc 9,38), o esperado seria “*te segue*”, o que apresenta os Doze como um grupo fechado.

<sup>382</sup> MARCUS, 2010 p. 785

<sup>383</sup> João diz, em nome dos Doze: “*vimos*” e “*o impedimos*”. Eles procuravam impedir a um exorcista que libertasse a um endemoniado porque não pertencia ao grupo dos seguidores de Jesus.

<sup>384</sup> MARCUS, 2010 p. 785 afirma sobre a historicidade do fato: “*É difícil afirmar se esta história reflete um episódio da vida pública do Jesus histórico, ou se porventura é um produto da teologia da Igreja Primitiva*”.

Na concepção de João, o critério para que uma pessoa possa praticar um exorcismo em nome de Jesus é que siga o grupo dos Doze (Mc 9,32.35), o “nós”, “vimos”, “impedimos”, “não nos seguia”. (Mc 9,38). João vê e proíbe. Em nome da comunidade (“vimos”), impede (“impedimos”) que outro possa fazer uma ação boa (Mc 9,38). É a mentalidade do fechamento, de quem se considera dono de tudo. João pensava que para ser discípulo e realizar exorcismos precisava estar no grupo que o seguia, não bastando realizar no nome de Jesus.

O critério que João apresenta a Jesus para realizar a expulsão de demônios em (Mc 9,38) é o seguimento, o seguir a Jesus. Duas vezes aparece neste versículo a expressão οὐκ ἠκολούθει ἡμῖν “*não nos segue*” e “*não nos seguia*”. Isto é, não fazia parte do grupo dos Doze.

### 5. Relações de Jesus para com João (Mc 9,38-40)

Jesus responde ao problema apresentado por João com duas respostas diferentes, mas nas duas utiliza a primeira pessoa do plural, o nós, que considera o grupo dos Doze como um grupo fechado.

A primeira pergunta a ser colocada por João, como é que alguém, sem ser discípulo, sem fazer parte dos Doze, age em nome de Jesus? Os Doze tomam a iniciativa de impedir a atuação desse exorcista. A justificativa apresentada, de impedir que alguém expulse demônios em nome de Jesus, aparece duas vezes em “*não nos segue*” e “*não nos seguia*” (Mc 9,38). Chamamos a atenção aqui o fato de não terem dito “*não te seguia*”, como era de se esperar, numa referência a Jesus.

Jesus se opõe ao modo de ver e pensar de João. O critério que Jesus usa encontra-se em “*não falar mal dele*” (Mc 9,34). Jesus recusa-se a impedir a atividade do homem. Apresenta de forma correta o argumento de que quem faz milagres em nome de Jesus segue com Ele o mesmo caminho, e não anunciará nada contrário a Jesus<sup>385</sup>.

Jesus motiva a sua atitude aberta e compreensiva. Jesus se fundamenta na ideia de quem exercesse a função de exorcista em nome de Jesus para fazer o bem não iria falar mal dele. É uma atitude tolerante.

Jesus deu a entender a João que ele não se havia comportado corretamente: “*não o impeçais*” (Mc 9,39). O que está em jogo é o bem, uma ação boa. O primeiro dever de quem tem poder na comunidade, ou dos que pertencem à comunidade, é não impedir o bem. Com a frase “*ninguém que faça*

<sup>385</sup> Este exemplo de tolerância apresentado por Jesus talvez possa ter sido usado para criticar tendências de exclusivismo e partidarismo na Igreja Primitiva.

*um milagre em meu nome e logo depois possa falar mal de mim*” (Mc 9,39), Jesus se mantém numa linha ainda mais positiva. É evidente que semelhante exorcista faz o bem.

Jesus se solidariza totalmente com os Doze quando diz: *“quem não é contra nós está a nosso favor”* (Mc 9,40). Quem não atua como inimigo da comunidade na qual Jesus vive, de certo modo faz parte da comunidade. Se faz o bem invocando o nome de Jesus, isto significa que Jesus já está atuando neles.

Esta perícópe aborda diversos aspectos sobre a missão. Jesus opõe-se à concepção errada do seguimento. Com “vimos” e “o impedimos”, os Doze raciocinam como se isso, e somente isso, desse a eles o direito de dividir o poder de Jesus na luta contra o poder do mal.

O comportamento dos Doze (Mc 9,33-37), e depois o de João, apresenta um novo exemplo de comportamento falso e merecedor de correção que era compartilhado pelo Doze. Eles não somente discutem sobre o primeiro lugar, mas agora pretendem assegurar-se de alguns privilégios.

Se por hipótese Jesus aceitasse o seu modo de ver, o resultado seria o de reduzir a possibilidade da luta contra o mal. Esta perícópe tem como objetivo a formação dos Doze para maior abertura em vista de um bem maior.

Jesus é o primeiro construtor da comunidade. Ele é livre para atuar e de fato Ele atua inclusive fora dos limites visíveis da comunidade. Jesus não é monopólio da comunidade, mas construtor da comunidade mediante o Espírito.

No Novo Testamento há relatos de milagres usando o nome de Jesus no livro dos Atos dos Apóstolos. Encontra-se nos relatos referentes a Pedro (At 3,6; 4,10; 9,34). Há, também, o caso de um hebreu exorcista que utiliza o nome de Jesus para expulsar espíritos impuros (At 19,13). A prática do exorcismo de outra pessoa não se encontra no resto do Novo Testamento.

## 9. PEDRO FAZ O PEDIDO SOBRE A RECOMPENSA PELO SEGUIMENTO (Mc 10,28-31)

Esta perícopie da recompensa prometida pertence à tríplice tradição em (Mc 10,28-31, Mt 19,27-30 e Lc 18,28-30). Ao longo da estrada que levava do norte da Galileia ao coração da Judeia, que era Jerusalém, Jesus foi instruindo os discípulos sobre as condições para seu seguimento. No capítulo 10 do Evangelho de Marcos, Jesus ensina aos seus discípulos enquanto vão subindo para Jerusalém. Para entender todo o alcance das instruções de Jesus, é bom olhar o contexto mais amplo em que Marcos posiciona esta perícopie. Jesus está subindo para Jerusalém, onde será crucificado (Mc 8,27; 9,30.33; 10,1.17.32). Ele está entregando a sua vida. Sabe que vão matá-lo, mas não volta atrás. Está a caminho, *“ao retomar o caminho”* (Mc 10,17). O caminho era para Jerusalém, que, para o Evangelho de Marcos significa, através dos três anúncios da paixão, o sofrimento e a morte na cruz.

### 1. Delimitação da perícopie (Mc 10,28-31)

Faz-se necessária melhor compreensão, a partir do texto de (Mc 10,17-31). Há três cenas bem definidas, sendo que a primeira delas motiva a segunda. A primeira (Mc 10,17-22) é o encontro de um jovem rico com Jesus. Ele pergunta a Jesus pelo caminho da vida eterna: *“Bom Mestre, que farei para herdar a vida eterna?”* (Mc 10,17). Na segunda (Mc 10,23-27), Jesus ensina a seus discípulos sobre o tema das riquezas. Neste ensinamento, chama a atenção para o perigo das riquezas. Por três vezes aparece a expressão βασιλείαν τοῦ θεοῦ “Reino de Deus” (Mc 10,23.24.25). A terceira cena (Mc 28-31) é a resposta de Jesus à pergunta de Pedro sobre a recompensa pelo desprendimento: *“deixamos tudo e te seguimos”* (Mc 10,28)..

A perícopie inicia em (Mc 10,28) com a menção de Pedro, que fala com Jesus, e termina em (Mc 10,31), com um dito de encorajamento aos discípulos. Mc 10,32 começa mencionando o fato de estarem a caminho e menciona o lugar geográfico: “subindo para Jerusalém”. Por estes dados, a perícopie fica delimitada em (Mc 10,28-31).

### 2. Estrutura da perícopie (Mc 10,28-31)

Esta perícopie tem o seu ponto de partida no que é uma afirmação e ao mesmo tempo um questionamento por parte de Pedro: *“nós deixamos tudo e te seguimos”* (Mc 10,28). Pedro e os Doze já fizeram tudo o que o homem rico não tinha decidido finalmente cumprir, isto é, deixar tudo para seguir a Jesus.

Jesus responde com duas sentenças longas, formando uma grande simetria (Mc 10,29-30)<sup>386</sup>.

Não há quem tenha deixado

casa  
     irmãos  
         irmãs  
             mãe  
                 pai  
                     filhos  
                         terras  
                             por minha causa e do Evangelho

que não receba cem vezes mais desde agora, neste tempo,

casas  
     irmãos  
         e irmãs  
             e mãe  
                 e filhos  
                     e terras  
                         com perseguições.

A simetria acima merece destaque: na primeira lista “casa” está no singular e, na segunda, está no plural. Falta, na segunda lista, a menção do pai. A primeira termina “por minha causa (de Jesus) e do Evangelho”, enquanto a segunda termina com perseguições. Os dados “irmãos”, “irmãs”, “mãe”, “filhos” e “terras” são iguais na sua apresentação.

Deve-se afirmar ainda que não se perderá nada importante por causa do seguimento. Os elementos abandonados serão substituídos cem por um. A recompensa garantida pela vida futura é mais valiosa do que todas as vantagens da vida presente.

A estrutura seria dividida em três partes:

Pedro, porta-voz, coloca o problema para Jesus (Mc 10,28);

Duas sentenças que formam uma simetria (Mc 10,29-30);

Conclui-se com um dito de Jesus (Mc 10,31).

<sup>386</sup> Esta estrutura em duas sentenças em forma de simetria se encontra em MARCUS, 2010 p. 847.

### 3. Relações de Pedro para com Jesus (Mc 10,28-31)

Outra vez Pedro intervém em nome dos Doze, como seu porta-voz (Mc 8,29; 8,32; 9,5). Agora pergunta pelo futuro que espera a ele e aos Doze: “deixamos” e “seguimos”. O verbo está no pronome nós, da primeira pessoa do plural, por terem deixado tudo para seguir a Jesus. Este abandono das coisas e o seguir a Jesus aparecem no chamado dos quatro dos Doze (Mc 1,18.20).

O ensinamento de Jesus sobre as riquezas causa admiração aos discípulos: “os discípulos ficaram admirados com essas palavras” (Mc 10,24). Diante disto, em nome dos Doze Pedro diz: “nós deixamos” e “te seguimos”, apresentando o problema a Jesus: “eis que nós deixamos tudo e te seguimos” (Mc 10,28). Em outras palavras: o que é que vamos ter? O que nos espera? Qual a recompensa por aceitar o desafio do discipulado? Ele e os Doze continuam mantendo a mentalidade anterior, demonstrando não entender o sentido do seguimento, do serviço e da gratuidade. Abandonaram tudo para ter algo em troca.

### 4. Relações de Jesus para com Pedro (Mc 10,28-31)

Jesus começa por responder uma pergunta implícita ao questionamento de Pedro com a promessa para todos os que deixam algo por causa de Jesus. Aqueles que o seguem receberão nesta vida o cêntuplo daquilo que deixaram, e a vida eterna, a vida em plenitude. Foi isto que o homem rico, protagonista da história (Mc 10,17-22), não compreendeu.

A resposta de Jesus à constatação de Pedro “eis que deixamos tudo e te seguimos” (Mc 10,28) encerra três momentos. O primeiro diz que este desapego e este ensinamento livremente assumidos serão largamente recompensados, “e no futuro a vida eterna” (Mc 10,30). Em segunda instância, a resposta reparte esta recompensa divina sobre dois tempos, o presente, no aquí, e o futuro, no além. A terceira é esta: quem segue Jesus encontra a felicidade já aqui na terra, apesar das perseguições<sup>387</sup>. Jesus não oculta que este cem por um que se receberá neste mundo estará acompanhado de perseguições: “os sofrimentos da vida presente não têm proporção alguma com a glória futura” (Rm 8,18). As recompensas do discipulado vão muito além dos sacrifícios, tanto agora quanto no futuro.

Na resposta a Pedro, Jesus realça um tipo de vida que se torna possível com a vinculação à sua pessoa. Àqueles que não buscam a vinculação

---

<sup>387</sup> BROWN – FITZMYER – MURPHY, 2011 p. 108 diz: *A expressão “com perseguições” parece ser uma peculiaridade redacional de Marcos sugerindo que o discipulado implica necessariamente em perseguições e sofrimentos”.*

exclusiva aos seus bens e à sua família, abre-se, com a vinculação a Jesus, um horizonte mais amplo de relações. Assim, na família dos que se uniram a Jesus, encontram nele seus bens e sua família, ganhando, portanto, uma vida nova e mais rica. Situam-se ao mesmo tempo no caminho seguro para a vida eterna. Também esta é dada por meio da comunhão com Jesus e com sua família. A vinculação com Jesus não fica destruída com a morte. É indestrutível e torna possível a vida eterna.

O desenlace final da narrativa do Evangelho de Marcos dá a Jesus a oportunidade de instruir os seus discípulos sobre a necessidade de desprendimento dos bens terrenos para alcançar o Reino de Deus. Esta é a ideia central da pregação de Jesus. O Reino é a sua pessoa presente entre nós. É o modo de vivermos a presença de Deus.

A resposta de Jesus destaca que, por meio de sua pessoa, é possível uma vida completamente nova, que tem valor imperecível. Jesus estabelece o contraste entre o que se deixa e o que se obtém, e deixa entrever que não se deve esperar vantagens, nem segurança nem promoção de nada. Prevê perseguições já nesta vida, antes da entrada na vida eterna. Tudo isto causa aos discípulos perplexidade e medo, e Jesus aproveita a ocasião para anunciar pela terceira vez a sua paixão. É o terceiro anúncio (Mc 10,33-34).

A última frase, *“muitos dos primeiros serão últimos, e os últimos serão primeiros”* (Mc 10,31), encontra-se também em (Mt 20,16 e Lc 13,30). É a última advertência. A frase presta-se a diversas interpretações e pode ser compreendida em diversos níveis. Jesus conclui o seu ensinamento retomando o binômio “primeiro” e “último”. O que regula a comunidade é que os primeiros se considerem últimos e servos para poder serem os primeiros no dia da recompensa final.

Um nível, dirige-se aos seguidores de Jesus, os discípulos. É a eles que ela diz serem os últimos aos olhos da hierarquia romana e da sociedade dos Judeus. Mas é, também, uma resposta às rivalidades existentes entre eles, como se verá logo a seguir, no pedido pelos lugares (Mc 10,35-37).

Para Jesus, o Reino tem duas fases: uma é atual, neste mundo; a outra, futura, é a glória eterna. A segunda depende da primeira. A vida do ser humano sobre a terra foi muito valorizada por Jesus na sua pregação. Esta vida já é parte da eternidade. Já nesta vida vivemos a vida divina.

## 10. TIAGO E JOÃO, FILHOS DE ZEBEDEU, FAZEM UM PEDIDO A JESUS: O ENSINAMENTO DE JESUS SOBRE O TEMA DA AUTORIDADE COMO SERVIÇO (Mc 10,35-45)

O estudo da nossa perícopa (Mc 10,35-45), sobre o pedido dos filhos de Zebedeu, Tiago e João<sup>388</sup> e o ensino de Jesus, situa-se no Evangelho de Marcos, no meio de duas grandes perícopes. O que antecede (Mc 10,32-34) é o terceiro anúncio da paixão<sup>389</sup>. Os três anúncios da paixão (Mc 8,31-33; 9,30-32; 10,32-34) revelam que a verdadeira missão de Jesus não correspondia às expectativas messiânicas tradicionais, que eram triunfalistas e hostis à ideia de sofrimento. O que vem depois é a cura do cego Bartimeu (Mc 10,46-52). Com este milagre, encerra-se o longo ensino de Jesus sobre o tema do seu sofrimento, morte e ressurreição.

No início deste caminho para Jerusalém e do ensino de Jesus sobre a cruz, Marcos narra a cura de um cego anônimo em Betsaida (Mc 8,22-26) e termina com a cura de outro cego, em Jericó. Este tem nome e se chama Bartimeu (Mc 10,46-52). A respeito da cura dos dois cegos, pode-se dizer que é símbolo do que se passava entre Jesus e alguns dos Doze: Pedro (Mc 8,32; João Mc 9,38), dois dos Doze, Tiago (Mc 10,35), e finalmente os Doze (Mc 9,33-35; 10,41).

Anteriormente (Mc 10,28), Pedro diz: *“eis que nós deixamos tudo e te seguimos”*. Pedro está dizendo: o que nos espera? Como resposta, Jesus estabelece o contraste entre o que se deixa e o que se obtém, mas prevê as perseguições. Este ensino de Jesus causa medo e perplexidade aos discípulos, e Jesus aproveita o momento para ensinar pela terceira vez, fazendo o terceiro anúncio da paixão.

### 1. Delimitação da perícopa (Mc 10,35-45)

O que antecede o nosso texto de estudo (Mc 10,35-45) é o terceiro anúncio da paixão (Mc 10,32-34). O texto (Mc 10,33-34) é um ensino de Jesus para os Doze. A partir de (Mc 10,35), o texto começa mencionando Tiago e João, que vão até Jesus e fazem um pedido.

<sup>388</sup> Tiago e João sempre aparecem nesta ordem em (Mc 1,19; 1,29; 3,17; 5,37; 9,2; 10,35; 13,3; 14,33). Eles aparecem como os mais íntimos de Jesus (Mc 5,37; 9,2; 13,3; 14,33). Aparecem com precisão como de “filhos de Zebedeu” (Mc 1,19; 3,17; 10,35).

<sup>389</sup> MESTERS e LOPES, 2015 p. 200 diz: *“A morte de Jesus não é fruto de um destino cego ou de um plano já pré-estabelecido, mas é consequência do compromisso assumido com a missão que recebeu do Pai, junto aos excluídos do seu tempo”*.

A perícopete termina em (Mc 10,45) com um ensinamento de Jesus. A partir de (Mc 10,46) há mudança de lugar geográfico. Eles chegaram a Jericó Jesus com seus discípulos, que são os Doze<sup>390</sup>, e aí há o milagre da cura do cego Bartimeu.

## 2. Estrutura da perícopete (Mc 10,35-45)

A nossa perícopete em estudo das relações de Jesus com alguém dos Doze (Mc 10,35-45) é possível dividi-la em duas partes. A primeira está em (Mc 10,35-40) e a segunda em (Mc 10,41-45)<sup>391</sup>:

Primeira (Mc 10,35-40): esta primeira parte pode ser dividida em duas, sendo uma o pedido (Mc 10,35-37) e outra a resposta (Mc 10,38-40). Trata-se do pedido de Tiago e João a Jesus pelos lugares de honra junto dele e da resposta de Jesus aos dois irmãos, em forma de diálogo.

Segunda (Mc 10,41-45): diante da indignação dos outros dez, Jesus ensina aos Doze sobre o tema do serviço como nova forma de exercer autoridade, isto é, a autoridade como serviço.

## 3. Relações de Tiago e João para com Jesus (Mc 10,35-45)

Esta intervenção de Tiago e João manifesta a incompreensão do ensino de Jesus a Pedro (Mc 10,28-31). João já havia mostrado esta atitude quando chama a atenção de Jesus pela expulsão de demônios por parte de pessoas que não os seguem (Mc 9,38-40). Ali João se manifesta como exclusivista (“*não nos segue*”) e autoritário (“*procuramos impedi-lo*”).

É possível afirmar que o pedido dos dois irmãos, Tiago e João, tem a sua origem na experiência que tiveram com Jesus no monte da transfiguração (Mc 9,2-8). No monte da transfiguração, eles observaram que à direita e à esquerda de Jesus estavam Moisés e Elias. É possível dizer que isto lhes chama a atenção e, por isso, pedem para si os lugares um à direita e o outro à esquerda. A resposta de Jesus deixa bem claro quanto eles estavam equivocados: “*não sabeis o que estais pedindo*” (Mc 10,38).

<sup>390</sup> RHOADS, David e DEWEY Joanna e MICHIE Donald, *Marcos como relato*. Salamanca, Ediciones Sígueme, 2002 na página 169 diz: “No relato de Marcos o termo “discípulos” se refere aos Doze homens que Jesus escolheu para que o sigam. No início Jesus chama duas duplas de homens e em seguida constitui o grupo dos Doze. Cada um deles é identificado pelo nome. A partir deste momento, o termo “discípulos” se refere basicamente a estes Doze Mc 6,7; 6,30; 6,35; 10,46”.

<sup>391</sup> Esta mesma estrutura é apresentada por SOARES e CORREA JUNIOR e OLIVA, 2013, p. 332 e 338. GNILKA, 1986, p. 114. GALIZZI, 2007, p. 214. FOCANT, 2015 p. 426. LÉGASSE, 2000, p. 533.

Os dois irmãos, Tiago e João, dirigem-se a Jesus com o título Διδάσκαλε “Mestre”. O mesmo título dado a Jesus é usado em (Mc 4,38) pelos discípulos, na tempestade acalmada: “*Mestre, não te importas que pereçamos?*” João aplica este título a Jesus: “*Mestre, vimos alguém...*” (Mc 9,38). O homem rico por duas vezes aplica a Jesus este título: “*Bom Mestre, que farei...*” (Mc 10,17). E ele (o rico) replicou “*Mestre tudo isto...*” (Mc 10,20).

Os dois filhos de Zebedeu se aproximam de Jesus com uma intenção muito forte. O seu pedido a Jesus supõe uma confiança ilimitada. Através do pedido “*queremos que nos conceda o que vamos pedir*” (Mc 10,35). O que eles pedem é poder sentar-se em sua glória, um à direita e o outro à esquerda. Eles demonstram pretensões egoístas de poder. O pedido de sentar-se pode ser interpretado de dois modos. Um seria a glória no reino dos Céus. O outro seria a glória terrena. No entanto, os dois discípulos não conseguiram entender o sentido do messianismo de Jesus.

Estes são os dois do primeiro chamado (Mc 1,19-20) e fazem parte do grupo dos Doze (Mc 3,17). As pretensões de Tiago e João fundamentam-se em uma compreensão errônea dos três anúncios da paixão e ressurreição apresentados por Jesus (Mc 8,31-33; 9,30-32; 10,32-34). O pedido pelos primeiros lugares, conforme diz Carlos Mesters, “*é sinal de que a ideologia dominante da época tinha penetrado profundamente na mentalidade dos Doze*”<sup>392</sup>. Apesar da convivência de vários anos com Jesus, eles não conseguiram renovar a maneira de ver as coisas. Eles olhavam para Jesus com o olhar de quem quer o poder. Queriam retribuição pelo fato de O seguirem. Eles associam a missão de Jesus com poderes terrenos e têm pretensões que revelam uma compreensão errada do Reino, incompatível com o caminho e o seguimento a Jesus.

Comparando as incompreensões, percebe-se que a constatação de Pedro diz respeito à primeira parte dos anúncios de Jesus, aquele que fala da paixão e morte de Jesus. O pedido dos filhos de Zebedeu liga-se, por sua vez, ao anúncio de Jesus, isto é, o da ressurreição. Os dois dos Doze querem segurar para si, e já, as melhores posições na glória de Jesus. Os filhos de Zebedeu pedem a Jesus que faça a vontade deles: “*Mestre, queremos que nos conceda o que vamos pedir*” (Mc 10,35).

Jesus dá como resposta aos dois irmãos que não cabe a Ele dar, mas tem que ser conforme a vontade de Deus. Eles serão verdadeiros discípulos, mas é somente Deus quem dá o prêmio. Diante da indignação dos dez contra Tiago e João, Jesus desenvolve uma catequese sobre o tema do serviço. Jesus opõe-se à mentalidade que está neles, ao poder deste mundo, com o ensinamento e o exemplo do Mestre. Para ser o primeiro é preciso ser servo e escravo de todos. Esta é a condição de Jesus. Não só ser servo e

<sup>392</sup> MESTERS e LOPES, 2015 p. 199.

escravo, mas dar a vida em resgate por muitos: “*é preciso servir e dar a vida em resgate por muitos*” (Mc 10,45).

Por este ensinamento de Jesus percebe-se claramente o contraste entre o que Jesus quer ensinar e o que compreendem os discípulos (os Doze). A atitude do grupo, até este momento, quando estamos no final da caminhada para Jerusalém, mostra que os Doze se comportam como cegos, para não verem o que realmente o seguimento do Mestre exige.

É possível notar o convite de Jesus aos Doze, que acolheram o serviço como norma de vida. Isto aparece depois do segundo anúncio da paixão, quando Jesus se dirige a eles: “*chamou os Doze e disse: se alguém quiser ser o primeiro, seja o último, aquele que serve a todos*” (Mc 9,35). Depois o mesmo tema aparece no terceiro anúncio da paixão (Mc 10,45). Este argumento de Jesus sobre o tema do serviço aparece duas vezes.

É um ensinamento completamente oposto ao que acontece normalmente, entre os grandes, que dominam: “*entre vós não deverá ser assim*” (Mc 10,43). O que deve ficar claro para os Doze é que sem serviço não há comunhão de vida com Jesus, porque Ele entregou a sua vida a serviço do ser humano.

#### **4. Relações de Jesus para com Tiago e João (Mc 10,35-45)**

O pedido dos dois filhos recebe por parte de Jesus duas respostas. Na primeira parte da resposta (Mc 10,38), Jesus destaca a falta de entendimento deles. Ele quer saber se eles ouviram com atenção o compromisso do seguimento, inclusive do sofrimento em vez de lugar de honra, em intensidade tal que aceitem entregar a vida até a morte.

Jesus adverte a Tiago e João que eles não têm nenhum direito a lugares de honra como recompensa pelo seu seguimento. Não podem atribuir-se os méritos de um sentar à direita e outro à esquerda. Pelo contrário, a missão das testemunhas será cumprida sob o sinal da cruz. O caminho que conduz os discípulos à glória é igual ao caminho que levou Jesus à glória. Tanto o Mestre Jesus quanto os Doze hão de passar pelo caminho da cruz, aqui simbolizado pelo cálice e pelo batismo<sup>393</sup>.

A segunda resposta de Jesus (Mc 10,39-40) anuncia o martírio dos dois irmãos. A eles é dada a promessa do martírio, do intenso sofrimento

---

<sup>393</sup> O cálice é símbolo do maior sofrimento imposto por Deus como Julagamento Sl 74,9. LEVORATTI, Armando e TAMEZ, Elsa e RICHARD, Pablo, *Comentário Bíblico Latinoamericano*, Estella (navarra), Editorial Verbo Divino, 2003, p. 447, diz: “*a imagem do cálice usado na Bíblia é para expressar a participação numa mesma situação e, também, para expressar o sofrimento ou a sorte que toca a cada um. Outras vezes pode ter a tonalidade apocalíptica, em referência ao sofrimento dos últimos dias*”.

relacionado com os seus próprios sofrimentos. Quando os dois dizem “podemos” (Mc 10,39), Jesus não rejeita, mas explica que eles têm de assumir o seguimento sob difíceis tribulações.

Pela resposta dada por Jesus percebe-se que Ele usou de vários argumentos, enumerando-os: a) O lugar no Reino exige trabalho, luta e serviço (Mc 10,38-39). b) Não é prerrogativa de Jesus determinar o status, o sentar-se à esquerda ou à direita, no Reino futuro (Mc 10,40). c) A liderança na comunidade para Jesus exige serviço (Mc 10,41-45). Os que querem governar devem aprender primeiro a servir.

A solicitação feita por Tiago e João “concede-nos que, na tua glória, sentemos um à tua direita e um à esquerda” (Mc 10,37)<sup>394</sup>, provocou indignação nos outros discípulos (os Dez), quando ficaram conhecendo o desejo destes dois (Mc 10,41). Os Dez não ficam atrás em sua incompreensão, porque começam a indignar-se contra Tiago e João. Estes Dez mostram-se pretendentes ao posto que os filhos de Zebedeu pedem. A indignação dos Dez mostra claramente que também eles estão dominados pela mesma ambição. Todos se sentem enciumados entre si e ambicionam os lugares privilegiados. O perigo desta atitude ameaça todo o grupo, os Doze. A reação deles mostra que havia uma disputa para saber quem ocuparia o lugar de honra.

No momento da constituição dos Doze “estivessem com ele” (Mc 3,14), todos foram convocados de modo igual, não há privilégios. O pedido por parte de Tiago e João constitui uma gravidade muito grande. Este pedido revela uma ruptura no grupo dos Doze, denota um espírito contrário aos diversos ensinamentos de Jesus presentes nos três anúncios da paixão. No terceiro a resposta insensata sai da boca de Tiago e João, os filhos de Zebedeu, eles estão dispostos a passar por cima dos seus dez companheiros para conseguir seus lugares de honra. Em cada uma das três repostas serve para Jesus propor um ensinamento.

A grande definição da missão de Jesus aparece quando Ele diz: “O Filho do Homem não veio para ser servido, mas para servir e dar a sua vida em resgate de muitos” (Mc 10,35). Esta é uma das mais importantes afirmações de Jesus sobre si mesmo. Ao conhecer a missão de Jesus, descobre-se a identidade dele: o Jesus divino-humano.

Esta perícopa (Mc 10,35-45) faz eco na discussão que os doze tiveram logo após o segundo anúncio da paixão. O assunto era: qual deles seria

---

<sup>394</sup> Os três Pedro, Tiago e João, formam um círculo muito íntimo de Jesus. Eles gozam de uma posição de destaque, de privilégio entre os Doze. Estão presentes na cura da Sogra de Pedro (Mc 1,29). Novamente estão presente na ressurreição da filha de Jairo (Mc 5,37). No monte da transfiguração estão os três juntos com Jesus (Mc 9,2). Estão sentados no monte das Oliveiras (Mc 13,3). No Getsêmani (Mc 14,33) Jesus os leva consigo. É possível deduzir que eles deveriam ter conhecimento suficiente para não fazer esta solicitação a Jesus.

o maior (Mc 9,33-34). Agora, outra vez, depois do terceiro anúncio da paixão (Mc 10,32-34) surge o tema do desejo dos primeiros lugares, apresentados através do pedido feito por Tiago e João *“um sentar à tua direita, outro à tua esquerda”* (Mc 10,37). Este pedido dos dois irmãos suscita indignação dos outros dez: *“ouvindo isto, os dez começaram a indignar-se contra Tiago e João”* (Mc 10,41).

O tema do não entendimento é um dos temas fundamentais e muito presentes no Evangelho de Marcos. É possível afirmar que ninguém entende nada, nem sequer no momento da ressurreição de Jesus. Jesus não quer ser proclamado messias no sentido humano. Ele quer dar a vida e pretende realizar uma redenção eterna. Os dois, Tiago e João, antes Pedro (Mc 8,32), e depois ainda João (Mc 9,38-40), e finalmente os Doze (Mc 10,41-45) querem os bens deste mundo. Querem ser ministros privilegiados do reino que supostamente Jesus estaria para implantar. Talvez eles imaginavam triunfos como guerreiros, com vitória sobre os opressores romanos, um novo reino do filho de Davi, e eles sentados um à direita e o outro à esquerda, nos principais lugares.

Além do não entendimento, o texto nos faz refletir sobre o tema da autoridade. Há dois estilos de autoridade. Um tem o sentido de mandar e dominar; o outro, o sentido de servir. O primeiro estilo era a ideia dos Doze, que era o modelo habitual da sociedade civil. O segundo é o modelo de autoridade que Jesus quer e que Ele próprio praticou.

O exercício da autoridade que os Doze imaginavam era o poder. A motivação real deles é a ambição, o proveito próprio, o poderio. Mas esta realidade não deve ser o modelo para a comunidade que Jesus quer. Em (Mc 9,35; 10,45), ao invés disso, Jesus impõe uma nova ordem das coisas. Quem quer exercer a autoridade como serviço deve colocar-se no lugar daqueles para quem exerce. Somente deste modo poderá realizar o seu serviço. A razão ou motivo é que o modelo decisivo de toda a autoridade é a vida de Jesus. A vida e a morte de Jesus devem ser entendidas como serviço.

## CONCLUSÃO DA TESE

Ao chegar no final da nossa pesquisa sobre as relações de Jesus com “os Doze” (τοῦς δώδεκα) no Evangelho de Marcos, e à análise mais específica das perícopes em que aparece a expressão “os Doze” (τοῦς δώδεκα) e às perícopes em que aparece o nome de alguns dos Doze, podemos perguntar-nos se os objetivos propostos na introdução da Tese foram atingidos. Nossa resposta é afirmativa. Vamos elencar estas conclusões nos seguintes tópicos:

### 1. O Evangelho de Marcos

No conjunto dos quatro Evangelhos, Marcos é o Evangelho mais breve, com menos capítulos em relação aos outros três. Isto não diminui em nada as suas três grandes dimensões: literária, teológica e histórica. Não diminui a força do seu anúncio ao responder as três grandes perguntas: 1) Quem é Jesus? 2) Qual a missão de Jesus? 3) Como tornar-se discípulo de Jesus?

Na atualidade há um consenso entre os estudiosos da Sagrada Escritura de que o Evangelho de Marcos foi o primeiro texto deste gênero a ser escrito. Marcos é apontado como o mais antigo, isto é, o primeiro a ser escrito entre os quatro Evangelhos. Em outros termos é o mais próximo do Jesus palestinese, do Jesus histórico, do Jesus que anunciou o Reino de Deus nos anos de 30 a 33. Marcos inaugurou na literatura neotestamentária o gênero literário “evangelho”.

Jesus inaugura a presença do Reino de Deus na história humana, graças aos encontros decisivos com “os doze” e com a multidão, com os seguidores. Eles fazem surgir relações novas entre os personagens. O encontro inicial de Jesus com os pescadores no mar da GALILEIA dá início a uma nova comunidade. É o espaço histórico da manifestação do Reino de Deus e da proximidade de Deus. A constituição do grupo de “os Doze” (τοῦς δώδεκα) teve um objetivo: “*para que estivessem com ele, para enviá-los a pregar*” Mc 3,14). “Os Doze” são enviados em missão (Mc 6,7).

### 2. Da revisão bibliográfica

Constatou-se nesta pesquisa que há uma enorme bibliografia sobre o tema “os Doze”, mas não há sobre as relações de Jesus com os Doze e estes para com Jesus. Nesta revisão bibliográfica, sobressaem três enfoques:

Um, na linha da historicidade dos Doze e o nome de um por um deste grupo. Em determinado momento de sua vida pública Jesus constituiu um

grupo de Doze (Mc 3,13-19) para que o acompanhasse e estivesse com Ele para depois enviá-lo a pregar (Mc 6,6b-13). Jesus realmente constituiu um grupo de Doze homens. É a linha da historicidade, pois demonstra a existência histórica do grupo dos Doze. Esta é a tese defendida por estes autores: PUIG, Armando, no livro *Jesus, uma biografia*, Lisboa, Paulus editora, 2006, pp. 269-271; BAUCKHAM, Richard, no livro *Jesus e as testemunhas oculares. Os Evangelhos como testemunhos de testemunhas oculares*, Paulo, Paulus, 2011, pp 135-149; MEIER, John P. em *Um Judeu marginal. Repensando o Jesus histórico, Volume três livro Um*, Rio de Janeiro, Editora Imago, pp 208-267; e LATOURELLE, René, em *Jesus existiu? História e Hermenêutica*, Editora Santuário, Aparecida, São Paulo, 1989.

A segunda linha são os manuais do comentário do Evangelho de Marcos em que são analisadas de uma forma exegética perícopes por perícopes do texto bíblico do Evangelho de Marcos. São os estudiosos que fazem a sua pesquisa numa linha na análise exegética do texto bíblico do Evangelho de Marcos, sem dar ênfase ao grupo “dos Doze”. É o comentário do texto bíblico analisando as perícopes. Nesta linha situa-se o grupo: GAMELEIRA SOARES, Sebastião Armando; CORREIA JUNIOR, João Luiz e OLIVA, José Raimundo, que escreveram um comentário ao Evangelho de Marcos na linha bíblica latinoamericana, que tem como título *Marcos*. Outros da mesma linha: GNILKA, Joaquim, no livro *El Evangelio según san Marcos*; TAYLOR, Vicent, no livro *Evangelio según San Marcos*; PESCH, R., *Il Vangelo di Marco*; E. SCHNACKEBUR, R., em *O Evangelho segundo Marcos*, da coleção Novo Testamento: comentário e mensagem; LEVORATTI, Armando, TAMEZ, Elsa e RICHARD, Pablo, em *Comentário Bíblico Latinoamericano*, Estella (navarra), Editorial Verbo Divino, 2003; MARCUS, Joel, em *El Evangelio según Marcos, Vol, I, Mc 1,1 – 8,26*, Ediciones Sígueme, Salamanca, 2010; FOCANT, Camille, em *Il Vangelo Secondo Marco*, Assisi, Cittadella Editrice, 2015; e LÉGASSE, Simon, *Marcos*, Edizioni Borla, Roma, 2000.

A terceira linha de estudo são os artigos publicados em revistas e estudos separados em forma de apostila sobre os Doze. Cita-se, por exemplo, o estudo feito por STOCK, Klemens. Ele fez um estudo sobre “os Doze” no Evangelho de Marcos, com o título *Le pericopi sui dodici nel vangelo di san Marco*. Analisou todas as vezes em que aparece a expressão “os Doze” no Evangelho de Marcos, num total de onze vezes (3,14.16; 4,10; 6,7; 9,35; 10,32; 11,11; 14,10.17.20.43). Neste estudo STOCK deu ênfase a duas perícopes que foram analisadas exegeticamente: a Constituição dos Doze (Mc 3,13-19) e o envio em missão dos Doze (Mc 6,6b-13).

### **3 Da análise literária: a estatística sobre “os Doze” (τοῦς δώδεκα) No Novo Testamento**

A análise das perícopes demonstraram a habilidade de Marcos como escritor que soube dar forma final e ambientar o texto bíblico com o

objetivo de tornar acessível a mensagem a ser transmitida e de tal modo que esta seja bem acolhida pelos leitores e ouvintes deste Evangelho. Marcos utiliza um estilo próprio, adaptando-o ao ambiente dos seus leitores para tornar o texto mais atraente e significativo.

Foi estudada nesta Tese a expressão “os Doze” (τοῦς δώδεκα) em todos os livros do Novo Testamento. Numa análise comparativa, constata-se que o Evangelho de Marcos apresenta maior número de vezes, num total de onze vezes (3,14.16; 4,10; 6,7; 9,35; 10,32; 11,11; 14,10. 17. 20. 43). Os outros Evangelhos apresentam em menor proporção: em Mateus, oito vezes (10,1. 2. 5; 11,1; 20,17; 26,14.20.47); em Lucas, sete vezes (6,13; 8,1; 9,1. 12; 18,31; 22,3. 47); no Evangelho de João, quatro vezes (6,67. 70. 71; 20,24); duas vezes no livro dos Atos dos Apóstolos (1,26; 6,2); uma em Paulo, na primeira Carta aos Coríntios (15,5); e uma vez no livro do Apocalipse (21,14). Portanto, é no Evangelho de Marcos que aparece maior número de vezes.

#### **4. Da análise literária: a estatística sobre “os Doze” (τοῦς δώδεκα) e o nome de alguns deles no Evangelho de Marcos**

Nesta Tese foi apresentada uma análise do texto bíblico do Evangelho de Marcos na secção (Mc 1,14 – 10,52), sobre a presença dos Doze, e quando aparece o nome de alguns deles ou outras expressões que se referem aos Doze. Assim, temos: 1) A expressão “os Doze” (Mc 3,14.16; 4,10; 6,7; 9,35; 10,32); 2) A expressão os Dez (Mc 10,41); 3) O nome de alguns dos Doze: Simão e André (Mc 1,16); Tiago e João (1,19); Simão e André com Tiago e João (Mc 1,29); Levi (Mateus) (Mc 2,14); Pedro, Tiago e João, o irmão de Tiago (Mc 5,37); Pedro (Mc 8,29. 32. 33); Pedro, Tiago e João (Mc 9,2); Pedro (Mc 9,5); João (Mc 9,38); Pedro (Mc 10,28); Tiago e João (Mc 10,35); Tiago e João (Mc 10,41). 4) A expressão “os seus discípulos” (Mc 2,15; 2,18; 2,23; 3,7; 4,34; 5,31; 6,1; 6,35; 6,41; 6,45; 7,2; 7,5; 7,17; 8,1; 8,4; 8,6; 8,10; 8,27 (2x); 8,33; 8,34; 9,14; 9,28; 9,31; 10,13; 10,23; 10,46).

Há uma grande importância do grupo dos Doze. Faz-se necessário integrar na vida de Jesus o papel dos Doze. Diante da estatística apresentada sobre “os Doze” no Novo Testamento, fica claro que eles desempenharam papel fundamental, por assim dizer central, na narrativa do Evangelho de Marcos, e também nos outros livros do Novo Testamento, como o Evangelho de Mateus, de Lucas e de João, bem como no livro dos Atos dos Apóstolos, na Primeira Carta aos Coríntios e no Livro do Apocalipse.

#### **5. As relações de Jesus com os quatro primeiros discípulos**

O ponto de partida está em (Mc 1,16-20), em que está registrado o chamado dos quatro primeiros discípulos, e depois aparece o nome destes quatro na Constituição dos Doze (Mc 3,13-19). Estes quatro discípulos

surpreendem na sua decisão. Seguem εὐθύς *“imediatamente”* a Jesus após o chamado (Mc 1,18. 20). Assim os pescadores deixaram as redes, os barcos, os empregados, os companheiros de pesca, e o Pai, e seguem a Jesus. Parece que não lhes custa nada. Deixaram tudo.

Eles aceitaram o convite de Jesus, e não há hesitação. Pode-se deduzir que eles já tivessem algum conhecimento prévio de Jesus, pois, caso contrário, seria impensável, tanto psicológica quanto historicamente. Comparando com o Evangelho de Lucas (5,1-11 e Jo 1,35-51), percebe-se que os discípulos já conheciam a Jesus. Já tiveram oportunidade de conviver com Ele, de ter algum contato, de ver Jesus ajudando o povo, de escutá-lo a pregar na sinagoga (Lc 4,16-20) e de ver realizando uma série de milagres (Lc 4,31-41). As multidões procuram a Jesus (Lc 4,42-44).

Estas duas duplas (Mc 1,16-20) deram o seu sim ao convite do seguimento a Jesus. Esta aceitação não é aceitação intelectual, de doutrinas, e sim um novo agir concreto, que aceita deixar as seguranças estabelecidas para entrar numa prática transformadora. Assim, *“eles imediatamente deixaram as redes e seguiram Jesus”... “E eles deixaram seu pai Zebedeu na barca com os empregados e partiram, seguindo a Jesus”* (Mc 1,18.20). Como resposta a este chamado é preciso seguir Jesus, deixar o que se estava fazendo, redefinir a vida, romper com o modo de vida e de convivência anterior, romper com a convivência social anterior, abandonando o tipo de trabalho, o que se estava fazendo. É abandonar o pai, o passado, e partir para o novo.

A resposta destes quatro discípulos tem como consequência algumas atitudes fundamentais: completa disponibilidade e desapego diante da novidade; renúncia ao tipo de vida que se estava vivendo; processo contínuo de seguimento a Jesus em comunidade. O discípulo associa-se a Jesus num seguimento incondicional e cria uma nova comunidade.

Caminhar com Jesus é iniciar o seguimento. Jesus chama e aqueles que são chamados aceitam o convite. A partir de agora deverão percorrer o caminho que o próprio mestre percorreu. Percorrer esse caminho significa mudar de vida, ou seja, converter-se, fazer uma mudança no caminho de sua vida, porque o seguimento requer uma atitude de desprendimento e de liberdade, no deixar tudo e seguir.

Eles acompanharam Jesus sempre e por todos os lugares. Entraram com na sinagoga: *“Eles entraram em Cafarnaum e imediatamente<sup>395</sup>, no dia de sábado tendo entrado na sinagoga”* (Mc 1,21). Vão para a casa da sogra de Pedro: *“E logo ao sair da sinagoga, eles foram à casa de Simão e*

---

<sup>395</sup> O termo εὐθύς, advérbio traduzido por *“imediatamente”* ou *“em seguida”*, aparece inúmeras vezes no primeiro capítulo do Evangelho de Marcos. Somente neste capítulo aparece num total de onze vezes: 1,10. 12. 18. 20.21. 23. 28. 29. 30. 42. 43.

*André, com Tiago e João” (Mc 1,29). “Simão e seus companheiros foram atrás de Jesus” (Mc 1,36). Ele estava num lugar deserto rezando.*

Jesus dirigiu-se à casa de Levi e fez uma refeição: “*estando à mesa”* Mc 2,15). Ali está com seus quatro seguidores, com os publicanos e com os pecadores. Agora se apresentam os adversários de Jesus, que são os “*escribas dos fariseus”* (Mc 2,15). Estes adversários questionam o comportamento de Jesus: “*por que Ele (Jesus) come com publicanos e pecadores?”* (Mc 2,16). Este pequeno grupo de seguidores de Jesus aparece solidário ao mestre.

A resposta de Levi: “*levantando-se, ele o seguiu”* (Mc 2,14). Nos textos paralelos, em Mateus, diz-se: “*levantando-se, ele o seguiu* (Mt 9,9); em Lucas, “*E, deixando tudo, levantou-se e o seguia”* (Lc 5,28). Quanto à postura de Levi, em primeiro lugar está sentado na “*coletoria de impostos”*, e Jesus faz um convite, usando o verbo no imperativo: “*segue-me”*. Temos a relação de Levi para com Jesus, “*ele, se levantando, seguiu Jesus”*. Ao levantar-se, deixa a posição anterior para assumir uma nova posição. Antes estava sentado, esperava que os outros viessem até ele. Agora se levanta, rompe com o passado e assume a coragem de partir para o novo, um novo trabalho, com Jesus. Levi larga tudo e segue a Jesus. A partir de agora faz parte do grupo dos discípulos de Jesus.

A solidariedade deste pequeno grupo em relação ao mestre Jesus o leva a acompanhá-lo e estar ao seu lado. Outra vez eles aparecem em (Mc 2,23), quando, num dia de sábado, começam a arrancar espigas. Seguindo a narrativa de Marcos em (Mc 3,7), Jesus e eles se retiraram a caminho do mar.

Tanto os quatro primeiros discípulos (Mc 1,16-20) quanto Levi, ao ser chamado e ao dar a resposta, “*levantou-se ele e o seguiu”* (Mc 2,14). Não há uma fala por parte deste grupo dos quatro nem de Levi. Não há interrogações e nem questionamentos. Começam fazer parte com Jesus. Levi é o quinto a ser chamado por Jesus, na sequência da narrativa do Evangelho de Marcos.

## **6. As relações de Jesus com “os Doze” (τοῦς δώδεκα)**

Os Doze foram Constituídos por Jesus e estão ao seu redor (Mc 3,13-19). Estão voltados para com Ele. As suas atenções devem estar direcionadas para com Jesus, que os constituiu. Aqui é expressa toda uma dinâmica, do falar e ouvir, de ensinar e praticar, de orientar e ser orientado.

O primeiro objetivo desta convocação é estar com Ele, à sua disposição. Estar junto, do seu lado. A grande diferença entre os discípulos de Jesus em relação aos discípulos dos rabinos, entre inúmeras outras, era a sua declaração em relação à pessoa de Jesus, e não simplesmente ao seu

ensinamento. Ele é para os discípulos não um rabino “didáskalos”, mas o seu Senhor.

No envio em missão, em (Mc 6,6b-13), aparece a fórmula: “*convocou a si os Doze*”. Ela não deve ser entendida na ideia de que constituiu agora pela primeira vez o grupo dos Doze ou de querer constituir de novo. mas quer destacar a iniciativa soberana de Jesus, que aparece várias vezes com a expressão “*convocou junto de si*” (Mc 3,23; 7,14; 8,1; 8,34; 10,42; 12,43). É importante no conjunto do Evangelho de Marcos que os Doze foram enviados em missão. A expressão “os Doze” é mencionada pela primeira vez em (Mc 3,14.16) e depois aparece em (Mc 4,10), e agora em (Mc 6,7).

A vocação e a missão são dois temas inter-relacionados. Nos quatro primeiros discípulos (Mc 1,16-20) temos um relato de gênero vocacional. O mesmo pode-se dizer de Levi (Mc 2,13-14). Na constituição dos Doze, temos o envio: “*enviá-los a pregar*” (Mc 3,14). Isto nos leva a refletir sobre a opção pessoal de cada escolha na vida. Em primeiro lugar, a busca pela realização pessoal exige abertura e comprometimento com cada escolha que fizermos na vida. Em segundo lugar, faz-nos refletir o papel que a Igreja deve exercer na sociedade, realizando grandes mudanças.

## 7. As incompreensões de “os doze” (τοῦς δώδεκα)

Na análise dos textos do Evangelho de Marcos na relação “*dos Doze*” (τοῦς δώδεκα) para com Jesus, houve momentos difíceis, incompreensões, dificuldades, dúvidas, questionamentos.

As incompreensões aparecem pela primeira vez em (Mc 4,10), no ensino em parábolas. Elas se tornam mais evidentes e intensas logo após a confissão de fé de Pedro em Jesus (Mc 8,27-30), e no transcorrer da paixão. Em seguida o texto bíblico nos informa que Jesus está a caminho: “partiu” (Mc 8,27): e “tendo partido” (Mc 9,30 “chegaram a Cafarnaum” (Mc 9,33). Este é um dos temas principais que aparece na seção (Mc 8,22 – 10,52). Os seus discípulos (os Doze) seguem Jesus nesta caminhada para Jerusalém. É o caminho da entrega, do abandono, do serviço, da disponibilidade, da aceitação do conflito, sabendo que no final haverá a ressurreição. O sofrimento e a cruz fazem parte deste caminho.

Em cada um dos três anúncios da paixão, Jesus fala da sua paixão – morte – ressurreição, como sendo parte do projeto de Deus (Mc 8,31-32a; 9,30-32; 10,32-34). Em cada um dos relatos dos anúncios da paixão há uma estrutura bem determinada no texto bíblico do Evangelho de Marcos: a) Anúncio da paixão proclamado por Jesus (Mc 8,31-32a; 9,30-31; 10,32-34); b) Incompreensões de Pedro e dos Doze diante dos anúncios da paixão (Mc 8,32b-33; 9,32-34; 10,35-45); c) Reação de Jesus diante das incompreensões

de Pedro e dos Doze com um ensino (Mc 8,34 - 9,1; 9,35-37; 10,41-45); d) Outros ensinamentos complementares (Mc 9,2-29; 9,38 – 10,31; 10,46-52).

A compreensão plena do seguimento de Jesus só será obtida no compromisso prático, caminhando com Ele. Quem insiste em manter a ideia de Pedro, isto é, a do Cristo (Messias) glorioso sem a cruz, nunca chegará a ser verdadeiro discípulo, mas sim quem souber fazer da sua vida uma entrega por causa de Jesus e do Evangelho, isto é, *“quem aceitar”* (Mc 8,35) *“ser o último”* (Mc 9,35); quem assumir *“beber o cálice e carregar a cruz”* (Mc 10,38). Esse será como um Bartimeu: *“seguirá Jesus no caminho”* (Mc 10,52).

Nas comunidades para as quais Marcos escreveu o Evangelho havia pessoas como Pedro, que não queriam a cruz. Eram como os Doze, que no caminho discutim qual era o maior. Eram como João, que não aceita outros: *“Mestre, vimos alguém que não nos segue, expulsando demônios em teu nome, e o impedimos, porque não nos seguia”*. Eram como os filhos de Zebedeu, que pedem para sentar-se um à direita e outro à esquerda. Eram como os seus discípulos, que não entendiam a cruz ou queriam ser o maior; que viviam assustados; que queriam a promoção dos primeiros lugares. O povo não tinha condições de aceitar um condenado à cruz como o Cristo (Messias), pois a ideologia dominante só divulgava a imagem de um Cristo (Messias) glorioso, rei e juiz. Só o seguimento poderia abrir o entendimento da mensagem sobre a cruz.

A cura do cego em Jericó (Mc 10,46-52), o Bartimeu, esclarece o ponto de chegada da instrução nos três anúncios da paixão. Ele é pobre e cego – um excluído. Não pode participar da procissão daqueles que acompanhavam Jesus. Ele grita e incomoda os que vão na procissão: *“muitos o repreendiam para que se calasse, mas ele gritava mais ainda”* (Mc 10,48). Jesus escuta o grito de Bartimeu: *“parando, Jesus disse: chamai-o”* (Mc 10,48). Ele larga tudo o que tem (tinha apenas o manto) e vai até Jesus: *“ele jogou fora o manto, deu um pulo e foi até Jesus”* (Mc 10,50). Largou tudo e seguiu Jesus no caminho para o Calvário, *“e o seguiu no caminho”* (Mc 10,52). Nesta certeza de caminhar com Jesus, a cruz é a fonte da coragem e a semente da vitória. A cruz não é uma fatalidade, nem uma exigência de Deus. Ela é a consequência do compromisso assumido por e com Deus de servir aos irmãos e de recusar o privilégio.

## 8. Questões abertas

Algumas questões são necessárias para serem estudadas posteriormente, com o fim de maior aprofundamento sobre “os Doze” (τοῦς δώδεκα) ou sobre o nome de alguns dos Doze, no Evangelho de Marcos. É possível enumerá-las para fins de metodologia:

1) No tema das incompreensões, dificuldades, questionamentos e momentos difíceis de “os Doze” (τοῦς δώδεκα): fazer um quadro comparativo, tendo como marco divisório a confissão de fé de Pedro (Mc 8,27-30). Analisar os textos em que aparece a expressão “os Doze” antes da confissão de fé de Pedro (Mc 3,13-19; 4,10-12; 6,6b-13), comparando com os textos em que aparecem os Doze depois da confissão de fé de Pedro, até a chegada em Jerusalém (Mc 9,33-37; 10,32-34). Nesta análise comparativa, mostrar semelhanças e diferenças.

2) O tema do segredo messiânico no seu conjunto no Evangelho de Marcos, a quem Jesus impõe o segredo de não revelar quem ele é, a sua identidade de Filho de Deus. São vários os textos do Evangelho de Marcos. A quem impõe o silêncio? Este silêncio foi respeitado? Em relação ao grupo de um dos Doze, temos dois textos: no primeiro (Mc 8,27-30), Jesus aceita o título confessado por Pedro, mas proíbe a sua divulgação. O segundo texto está no final da transfiguração (Mc 9,9): quando eles desceram da montanha, Jesus ordenou que a ninguém contassem o que tinham visto, e diz até quando: até que o Filho do Homem tivesse ressuscitado dos mortos.

Ampliando mais, e indo além da delimitação da Tese, poderíamos trabalhar mais duas questões em aberto:

1) Estudar o tema “os Doze” no Evangelho de Marcos nas suas relações internas, entre eles mesmos (os Doze), e as relações com Jesus a partir da chegada em Jerusalém até os relatos das aparições. São cinco as vezes em que aparece a expressão “os doze” (τοῦς δώδεκα), neste contexto do Evangelho Marcos (Mc 11,11; 14,10.17.20.23).

2) Alargando um pouco a compreensão, fazer estudo comparativo dos textos que mencionam “os Doze” (τοῦς δώδεκα) nos quatro Evangelhos, a partir do momento em que Jesus chega a Jerusalém até a narrativa das aparições, mostrando semelhanças e diferenças. Procurar encontrar uma explicação (Mc 11,11; 14,10.17.20.23; Mt 26,14.20.47; Lc 22,23.47; Jo 20,24)

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

### 1. FONTES. SINOPSES. CONCORDÂNCIAS.

ALAND, K.; BLACK, M.; MARTINI, C.; METZGER, B. M. **The Greek New Testament.** Stuttgart, 1994.

ALAND, B. **The text of the New Testament.** Grand Rapids: Eerdmans, 1995.

ALAND, B. **Synopsis Quattuor Evangeliorum.** Stuttgart, 1985.

BALZ, H., SCHNEIDER, G. **Dicionario exegético del Nuevo Testamento (DENT), Vol. I.II, Salamanca. 1996**

BLASS, F., DEBRUNNER, A. **Grammatica del greco del Nuovo Testamento.** Brescia, 1982.

BENOIT, P.; BOISMARD, M. E. **Synopsis des quatre évangiles. Tomo II.** Paris, Du Cerf, 1972.

FRIBER, Barbara e FRIBER Timothy. **O Novo Testamento Grego Analítico.** Sociedade Religiosa, Edições Vida Nova, São Paulo, SP, 2006.

KITTEL, G., FRIEDRICH, G. **Grande lessico del Nuovo Testamento (GLNT).** Brescia, 1984.

KONINGS, Johan. **Sinopse dos Evangelhos de Mateus, Marcos e Lucas e da “Fonte Q”.** São Paulo, Edições Loyola, 2005

GHIBERTI, Giuseppe e PACOMIO, Luciano. **Le concordanze del Nuovo Testamento.** Torino, Casa Editrice Marietti, 1978.

GRIEESBACH, J. J. **Novum Testamentum graece.** 2.ed. Halle: Halae Saxonum, 1976, v. I.

LOUW, J., NILDA, E. **Léxico grego-português do Novo Testamento.** Barueri, Sociedade Bíblica do Brasil, 2013.

MENDONÇA, J. T. **Leitura infinita: a Bíblia e a sua interpretação.** Lisboa, Paulinas, 2014.

NESTLE, E., ALAND, K. – **Novum Testamentum graece.** 27 ed. rev. Stuttgart, Deutsche Bibelgesellschaft, 2009.

NESTLE, E., ALAND, B.; ALAND K.; KARAVIDOPOULOS, J; MARTINI, C. M. ; METZGER, B. M. **Novum Testamentum Graece, 28 ed.** Stuttgart: Deutsche Bibelgesellschaft, 2012.

NESTLE, E. ALAND, K. **Synopsis Quattuor Evangeliorum.** Stuttgart, Deutsche Bibelgesellschaft, 14<sup>a</sup> ed. rev., 1995.

PASSELECQ, G. E. POSWICK, F. **Concordanza pastorale della Bibbia.** EDB, Bologna, 1979.

RUSCONI, C. **Vocabolario del Greco del Nuovo Testamento.** Bologna, 1996.

SWETNAM, J. **Gramática do grego do Novo Testamento.** São Paulo, Paulus, 2002.

ZERWICK, M. (Org.). **Biblical Greek.** Roma, Pontificum Institutum Biblicum, 1994.

WEGNER, Uwe. **Exegese do Novo Testamento. Manual de Metodologia.** São Leopoldo, Sinodal, 2009.

## **2. DICIONÁRIOS E MANUAIS**

BAUER, Johannes B. **Dicionário de teologia bíblica, Vol. 1 e 2.** São Paulo, Edições Loyola, 1988.

BECKER, U. **Dicionário de Símbolos.** São Paulo, Paulus, 1999.

BERGER, Klaus. **Hermenêutica do Novo Testamento,** São Leopoldo, Sinodal, 1999.

BERGER, Klaus. **As formas literárias do Novo Testamento.** São Paulo, Loyola, 1998. (Bíblica, 23).

BERLEJUNG, Angelika e FREVEL, Christian, **Dicionário de termos teológicos fundamentais do Antigo Testamento e do Novo Testamento.** Co-edição, São Paulo, Paulus e Edições Loyola, 2011

BOCIAN, M. **Dizionario dei Personaggi Biblici.** Casale Monferrato, Piemme, 1991.

BORN, A. van den (Org.). **Dicionário enciclopédico da Bíblia.** 6. Ed. Petrópolis, Editora Vozes, 2004.

BROWN, Colin e LOTHAR, C. **Dicionário Internacional de Teologia do Novo Testamento**. São Paulo, Vida Nova, 2000.

BULTMANN, R. **Historia de la tradición sinóptica**. Salamanca. Sígueme, 2000.

BUZZETTI, C. **Dizionario base del Nuovo Testamento Grego-Italiano (com estatística-base)**. Roma, Società Biblica Britannica & Forestiera, 1994.

CHEVALIER, Jean; GHEERBRANT, A. **Dicionário de símbolos**. Rio de Janeiro, José Olympio, 2009.

COENEN, L – BEYREUTHER, E. – BIETENHARD. **Dizionario dei concetti biblici del Nuovo Testamento**. Bologna, Edizioni Dehoniane, 1996.

COENEN, L. e BROWN, C. **Dicionário Internacional de Teologia do Novo Testamento**. São Paulo, Vida Nova, 2000.

CRÜSEMANN, Frank. **A Torá, Teologia e História Social da Lei do Antigo Testamento**. Petrópolis, Editora Vozes, 2002.

DAVIS, John D. **Dicionário da Bíblia**. Rio de Janeiro, JUERP, 1987.

DENZINGER-HÜNERMANN. **Compêndio dos símbolos, definições e declaração de fé e moral**. São Paulo, Paulinas e Loyola, 2005.

EGGER, W. **Metodologia do Novo Testamento**. São Paulo, Loyola, 1994 (Bíblica Loyola, 12).

EICHER, Peter, **Dicionário de conceitos fundamentais de Teologia**. São Paulo, Paulus, 1993.

EISENBERG, Josy e STEINSALTZ, A. **O alfabeto sagrado**. São Paulo. São Paulo, Edições Loyola, 2014

GANCHO, C. V. **Como analisar narrativas**. São Paulo, Ática, 2003.

GIRARD, Marc. **Os símbolos na Bíblia**. São Paulo, Paulus, 1997.

GRELOT, P. **Il Linguaggio simbolico nella Bibbia. Ricerca di semântica e di esegesi**. Borla, Roma, 2004.

GREIMAS, A. J. **La semantica strutturale, ricerca di método**, Roma, Meltemi, 2000.

HOLTZ, T., “dodeka”, In H. Balz G. Schneider (a cura di) **Dizionario esegetico del Nuovo Testamento**. Paideia, Brescia 1995, Vol. I, Coll. 959-965.

JENNI, Ernst, e WESTERMANN, Claus. **Diccionario teológico manual del Antiguo Testamento, Vol. 1 e 2 Madrid**. Madrid, Ediciones Cristandad, 1985.

JEREMIAS, J. **Teologia del Nuevo Testamento**. Salamanca, Sígueme, 1974, v. 1 (Biblioteca de Estudios Bíblicos, 2).

JEREMIAS, J. **Teologia do Novo Testamento**, São Paulo, Paulinas, 1997.

LACOSTE, Jean-Yves. **Dicionário Crítico de Teologia**. São Paulo, Paulinas e Loyola, 2004.

LATOURELLE, René e FISICHELLA, Rino. **Dicionário de Teologia fundamental**. Coedição, Petrópolis, Editora Vozes e Aparecida, São Paulo, Editora Santuário, 1994.

LEON-DUFOUR, Xavier, **Vocabulário de Teologia Bíblica**. Rio de Janeiro, Editora Vozes, 1972.

LEON-DUFOUR, Xavier. **Vocabulário de Teologia Bíblica**. Petrópolis, Editora Vozes, 1987.

LIMA, M. L. C. **Exegese Bíblica, teoria e prática**. São Paulo, Paulinas, 2014 (Col. Exegese).

LOPES, Augustus Nicodemus. **A Bíblia e seus intérpretes: uma breve história da interpretação**. São Paulo, Cultura Cristã, 2007.

LURKER, Manfred. **Dicionário de figuras e símbolos bíblicos**. São Paulo, Paulus, 1993.

KÖRTNER, Ulrich H. J. **Introdução à hermenêutica teológica**. São Leopoldo, Sinodal EST, 2009.

MARGUERAT, D.; BOURQUIN, Y. **Para ler as narrativas bíblicas. Iniciação à análise narrativa**. São Paulo, Loyola, 2009.

MASSAUD, M. **Dicionário de termos literários**. 12. ed. São Paulo, Cultrix, 2004.

MCKENZIE, John, L. **Dicionário Bíblico**. São Paulo, Paulus, 2003.

MONLOUBOU, L e DU BUIT, F. M.. **Dizionario Biblico Storico-critico**. Roma, Edizioni Borla, 1987.

OPORTO, S. G.; GARCIA, M. S. **Comentário ao Novo Testamento**. São Paulo. Ave-Maria, 2006.

PONTIFÍCIA COMISSÃO BÍBLICA. **A Interpretação da Bíblia na Igreja**. São Paulo, Paulinas, 2002 (Documento da Igreja, 123).

RUSACONI, C. **Dicionário do grego do Novo Testamento**. 2. ed. São Paulo, Paulus, 2005.

SAMANES, Cassiano Floristán e ACOSTA, Juan José Tamayo. **Dicionário de conceitos fundamentais do cristianismo**. São Paulo, Paulus, 1999.

SCHNELLE, U. **Introdução à exegese do Novo Testamento**. São Paulo, Loyola, 2004 (Bíblica Loyola, 43)

SILVA, C. M. A. **Metodologia de exegese bíblica**, São Paulo, Paulinas, 2000.

VILLA, Mariano Moreno. **Dicionário de pensamento contemporâneo**. São Paulo, Paulus, 2000.

VINCENT, Albert. **Dicionário Bíblico**. São Paulo, Edições Paulinas, 1969.

REID, Daniel G., Editor. **Dicionário Teológico do Novo Testamento**. São Paulo, Editora Vida Nova e Edições Loyola, 2012.

ROSSANO, Pietro; RAVASI, Gianfranco; GIRLANDA, Antônio. **Nuovo Dizionario di Teologia Biblica**. Roma, Edizioni, Torino, 1989.

SILVA, Cássio Murilo Dias da. **Metodologia da exegese bíblica**. São Paulo, Paulinas, 2000.

STRECKER, G. **Dizionario Esegético del Nuovo Testamento**. Brescia, Paideia, 2004.

YOUNGBLOOD, R. F. (Ed.). **Dicionário ilustrado da Bíblia**. São Paulo, Vida Nova, 2004.

WEGNER, Uwe. **Exegese do Novo Testamento – Manual de Metodologia**. 7. ed. São Leopoldo e São Paulo, Sinodal e Paulus, 2012.

### **3. COMENTÁRIOS AO EVANGELHO DE MARCOS**

AA. VV. **Una comunità legge il vangelo di Marco**. EDB, Centro Editoriale Dehoniano, Bologna, 1978.

ACHTEMEIER, Paul J. **Invitation to Mark**. Garden City, NY Image Books, 1978.

ALONSO Díaz J. **Vangelo secondo Marco**. Città Nuova, Roma, 1970.

ANDERSON, H. **The Gospel of Mark**. London, 1976.

AZEVEDO DE, Walmor Oliveira. **Evangelho de Marcos**. São Paulo, Edições Loyola, 2002.

BALANCINI, Martins Euclides. **Como ler o Evangelho de Marcos. Quem é Jesus?** São Paulo, Paulus, 1991.

BARBAGLIO, Giuseppe e FABRIS, Rinaldo e MAGGIONI, Bruno. **Os Evangelhos I**. São Paulo, Edições Loyola, 1990.

BARTOLOMÉ, J. J. **El evangelio de Marcos: un manual de formación para seguidores de Jesus**. Barcelona, Phase, 1990.

BATTAGLIA, Oscar, URICCHIO, Francesco e LANCELLOTTI, Angelo. **Comentário ao Evangelho de Marcos**. Rio de Janeiro, Petrópolis, Editora Vozes, 1978.

BECK, T. **Una comunità legge il vangelo di Marco**, Bologna, 1999.

BLINZLER, J. **La prédication de Jésus dans l'évangile de Marc**. Paris, 1971.

BOISMARD, M. É. **L'évangile de Marc. Préhistoire**. Paris. Gabalda, 1994.

BONNARD, P. **Evangelio según San Marco**. Madrid. Cristiandad, 1983.

BONNEAU, G. **San Marcos. Nuevas Lecturas, CB 117.** Estella, Verbo Divino, 2003.

BONNEAU, G. **O leão ruger. O impacto do Evangelho de Marcos.** São Paulo, Edições Paulinas, 2002.

BOWMAN, J. **The Gospel of Mark. The New Christian Jewish Passover Hagaddah** Studia Post-Bíblica 8, Leiden, 1965.

BRAVO, Gallardo Carlos. **Jesus – Homem em conflito. O relato de Marcos na América Latina.** São Paulo, Paulinas 1997.

BUARKILL, T. A. **New Light on the Earliest Gospel. Seven Markan Studies.** Ithaca – London, 1972.

BURGOS NUÑEZ, M. **El Evangelio de San Marcos como “Theologia Crucis”! La Teología de la Cruz como instancia crítica de la cristología y la eclesiología según el evangelio de San Marcos.** Sevilla, 1977.

CAMACHO, Fernando; MATEOS, Juan. **Marcos. Texto e Comentário.** Paulus, São Paulo, 1998.

CARRINGTON, P. **According to Mark.** Cambridge, UP, 1960.

CHOURAQUI, André. **A Bíblia. Marcos (o Evangelho segundo Marcos).** Rio de Janeiro, Imago Editora Ltda, 1996.

CHURCH, I. F. **A study of the Marcan Gospel.** New York, Vantage, 1976.

CILIA, L. **Marco e il suo Vangelo.** Milano, 1997

CIRIGNANO, G. MONTUSCHI, F. **Marco, un vangelo di paura e di gioia.** Bologna, 2000.

COLAVECCHIO, Ronaldo L. **O caminho do Filho de Deus. Contemplando Jesus no evangelho de Marcos.** São Paulo, Paulinas, 2005.

COLE, R. A. **The Gospel according to St Mark.** Maryknoll, Orbisa, 1985.

CNBB. **Caminhamos na estrada de Jesus: O Evangelho de Marcos.** Conferência Nacional dos Bispos do Brasil, São Paulo, Edições Paulinas, 1996.

CUVILLIER, E. **L'Évangile de Marc.** Genève-Paris, 2002

DE LA CALLE, Francisco. **A teologia de Marcos. 2ª. Edição.** São Paulo, Edições paulinas, 1984.

DE LA CALLE, F. **Situación al Servicio del Kerigma. Cuadro geográfico del Evangelio de Marcos.** Salamanca, 1975.

DELORME, J. **Aspects doctrinaux du second Evangile. Études récentes de la rédaction de Marc.** Paris, 1967.

DELORME, J. **Leitura do Evangelho segundo Marcos.** São Paulo, Paulinas, 1982.

DEWEY, J. **Disciples of the Way: Mark on Discipleship.** Cincinnati, 1976.

DONAHUE, J. R. **Are You the Christ? The Trial Narrative in the Gospel of Mark.** Missoula-Montana, 1973.

DONAHUE, J. R. **The Teology of Discipleship in the Gospel of Mark.** Milwaukee – Wisconsin, 1983.

EDWARDS, J. R. **The Gospel according to Mark.** Grand Rapids. Eerdmans, 2002.

ERNST, J. **Il vangelo secondo Marco.** 2 vol., Morcelliana, Brescia, 1991.

FABRIS, R. **O Evangelho de Marcos.** In Os Evangelhos, v. 1, São Paulo, Loyola, 1990

FERNANDES, Leonardo Agostini e GRENZER, Matthias. **Evangelho segundo Marcos: eleição, partilha e amor.** São Paulo, Paulinas, 2012.

FOCANT Camille. **L'évangile selon Marc,** Cerf, Paris 2004. Tradução em Italiano. **Il vangelo secondo Marco, Cittadeella Editrice, 2015**

FONSECA, Adolfo M. Castaño. **Evangelio de Marcos e Evangelio de Mateus.** Estella (Navarra), Editorial Verbo Divino, 2010.

FRANCE, R. T. **The gospel of Mark: a commentary on the Greek text.** Grand Rapids, Eerdmans, 2002.

GALLAND, C. C. **O Evangelho segundo Marcos.** In MARGUERAT, D. (Org.) **Novo Testamento: história, escritura e teologia.** São Paulo, Loyola, 2009. Pp. 45-80.

GALLARDO, Carlos Bravo. **Jesus, Homem em Conflitos: o relato de Marcos na América Latina.** São Paulo, Edições Paulinas, 1997.

GALIZZI, Mario. **Evangelio según Marcos. Comentario exegetico espiritual.** San Pablo, Madrid, 2007

GNILKA, Joachim, **El Evangelio según san Marcos Vol. I e II.** Salamanca, Ediciones Sígueme, 1992.

GONZÁLEZ R. J. M. **Evangelio según Marcos: Introducción, traducción, comentário.** Estella, Verbo Divino, 1988.

GRANFIELD. F. E. B. **The gospel according to Saint Mark.** Cambridge, University Press, 1972.

GUIJARRO, Santiago. **Los cuatro Evangelios.** Ediciones Sígueme, Salamanca, 2010, páginas 205-282

GRUNDMANN, W. **Das Evangelium nach Markus.** Berlin, 1973.

GUNDRY, Robert, H. **Mark: a commentary on his apology for the cross.** Grand Rapids, Eerdmans, 1992.

KELBER, W. H. **Mark's story of Jesus.** Philadelphia, Fortress, 1979.

KEE, H. C. **Community of the New Age. Studies in Mark's Gospel.** London, 1977.

KEENAN, J. **The Gospel of Mark.** New York, 1955

KINGSBURY, J. D. **Conflicto en Marcos. Jesús, autoridades, discípulos.** Córdoba, El Almendro. 1991.

KINGSBURY, J. D. **The christology of Mark's Gospel.** Philadelphia, Fortress, 1983.

KONINGS, Johan. **Marcos.** Coleção. A Bíblia passo a passo, São Paulo, Loyola, 1994.

HARRINGTON, Daniel. **The Gospel according to Mark.** The New Jerome Biblical Commentary, Englewood Cliffs, NJ. Prentice Hall, 1990.

HAHN, Scott e MITCH, Curtis. **O Evangelho de São Marcos. Cadernos de estudo bíblico.** São Paulo, Ecclesiae, 2014.

HENDRIKSEN, Guilherme. **El Evangelio Según San Marcos**. Grand Rapides, SLC, 1987.

HENGEL, M. **Studies in the gospel of Mark**. Philadelphia, Fortress, 1985.

HOOKER, M. D. **The Gospel according to St. Mark**. London, 1992.

HURTADO, Larry, W. **Novo Comentário Bíblico Contemporâneo – Marcos**. São Paulo, Ed. Vida, 1995.

LAGRANGE, M. J. **Évangile selon Saint Marc**. Gabalda, Paris, 1966.

LAMARCHE, P. **Évangile de Marc**. Paris, 1996

LEAL, G. **El seguimiento de Jesús según Marcos 10: 17-31. Implicaciones pastorales**. Málaga, 1994.

LÉGASSE, Simon. **Marco**. Edizioni Borla, Roma, 2000

LENTZEN-DEIS, Fritzeo. **Comentário ao Evangelho de Marcos. Modelo de nova Evangelização**. São Paulo, Editora Ave-Maria, 2003.

LOHMEYER, E. **Das Evangelium nach Markus**. Göttingen, 1967.

LOISY, A. **L'Évangile selon Marc**. Paris, 1912.

MAGGIONI, B. **El relato de Marcos**. Madrid, San Pablo, 1988.

MALBON, E. S. **Narrative space and mythic meaning in Mark**. São Francisco, Harper & Row, 1986. Análise estrutural.

MALLEY, Edward. **The Gospel of St. Mark**. The Jerome Biblical Commentary, Englewood Cliffs, NJ. Prentice Hall, 1968.

MANICARDI, E. **Il cammino di Gesù nel vangelo di Marco: schema narrativo e tema cristologico**. Roma, Biblical Institute Press. 1981.

MARCUS, Joel **El Evangelio según Marcos, Mc 1,1 – 8,21** Ediciones sígueme, Salamanca, 2010 e **Mc 8,22 – 16,8**. Ediciones sígueme, Salamanca, 2011.

MARSHALL, J. H. **Das Markus-Evangelium**. Wuppertal, 1972.

MARTINEZ ALDANA, H. O. **O discipulado no Evangelho de Marcos.** São Paulo, Paulinas / Paulus, 2007.

MARTÍNEZ, H. **“Y todos se huyeron” Mc 14,50. La Incomprensión de los discípulos en el Evangelio de Marcos.** Roma, 2001.

MARTINI, C. Maria. **O itinerário espiritual dos Doze.** São Paulo, Edições Loyola, 1997.

MARTINI, C. Maria. **Evangelio y comunidad cristiana. El discípulo de Jesús según el evangelio de Marcos.** Bogotá, Paulinas, 1986.

MARTINI, C. Maria. **Introduzione al Vangelo di Marco.** IN VVAA. **Il Messaggio della Salvezza.** Matteo, Marco e Opera Lucana, Torino, Elle di Ci, 1988.

MARXSEN, W. **El evangelista Marcos. Estudio sobre la historia de la redacción del Evangelio.** Salamanca, Sígueme, 1981.

MATEOS, Juan e CAMACHO, Fernando. **Marcos: texto e Comentário.** São Paulo, Editora Paulus, 1998.

MARXSEN, W. **Mark the evangelist.** Nashville, Abingdon, 1969. Crítica da redação.

MAZZAROLO, I. **Evangelho de Marcos: estar ou não com Jesus.** Rio de Janeiro, Mazzarolo Editor, 2004.

MESTERS, Carlos. **Entre nós está e não o conhecemos.** Círculos Bíblicos, São Paulo e São Leopoldo, Paulus e Cebi, 1996.

MESTERS, Carlos e LOPES Mercedes. **Caminhando com Jesus. Círculos Bíblicos sobre o Evangelho de Marcos.** São Leopoldo, RS, Cebi, 2015.

MYERS, Ched. **O Evangelho de São Marcos, Grande comentário Bíblico.** São Paulo, Edições Paulinas, 1992.

MYERS, Ched. **O Evangelho de São Marcos.** São Paulo, Edições Paulinas, 1992

MYERS, Ched. **Binding the strong man. A political reading of Mark's story of Jesus.** Maryknoll, Orbis, 1988, Exegese.

MONLOUBOU, L. **Leer y predicar el Evangelio de Marcos.** Santander, Sal Terrae, 1981.

MOULE, C. F. D. **The Gospel According to Mark**. New York-Cambridge, 1965.

MULHOLLAND, Dewey, M. **Marcos – Introdução e Comentário**, São Paulo, Ed. Vida Nova, 1999.

NAVARRO PUERTO, M. **Marcos**. Estella, Editorial Verbo Divino, 2006.

NINEHAM, D. F. **The Gospel of St Mark**. Harmondsworth, 1976.

ORSATTI, M. **Marco. Il primo Vangelo**. Milano, San Paolo, 1988.

PAGOLA, José Antônio. **O caminho aberto por Jesus. Marcos**. Petrópolis, Editora Vozes, 2014.

PALLARES, José Cardenas. **O poder do carpinteiro Jesus no Evangelho de Marcos**. São Paulo, Aparecida, Editora Santuário, 2002

PARSIS, G. **Jesús, Marcos y nosotros**. Madrid, 1987.

PESCH, R. **Il Vangelo di Marco. 2 Vol.** Brescia, Paideia Editrice, 1980. 1982.

PERINI, G. **Le domande di Gesù nel Vangelo di Marco**. Roma, 1998

PIKAZA, Xabier. **Pan, Casa, Palavra – La Iglesia em Marcos**. Ediciones Sígueme, Salamanca, 1998.

PIKAZA, Xabier. **O Evangelho, Leitura de Marcos**. Estella (Navarra), Editorial Verbo Divino, 1996.

PRONZATO, Alessandro. **Un cristiano comienza a leer el Evangelio de Marcos - I**. Salamanca, Sígueme, 1982-1984, 3 volumes.

RADERMAKERS, Jean. **Il Vangelo di Gesù secondo Marco (Lettura pastorale della bíblia)**. Bologna, Edizioni Dehoniane, 1975.

RADERMAKERS, Jean. **Evangelhos Sinóticos e Atos dos Apóstolos, 2. Edição**. São Paulo, Paulinas, 1985, pp. 57-134.

REIMER, I. Richter. **Compaixão, cruz e esperança. Teologia de Marcos**. São Paulo, Paulinas, 2012.

RHOADS, D.; DEWEY, J.; MICHIE, D. **Marcos como relato: Introducción a la narrativa de um Evangelho**. Salamanca, Sigue-me, 2002

RIGAUX, B. **Testimonianza del Vangelo di Marco. Per una Storia di Gesù.** Padova, 1968.

ROBINSON, J. M. **The problem of history in Mark.** London, 1965,

RUIZ, José Maria. **Evangelio según Marcos.** Navarra, Editorial Verbo Divino, 1988.

RUSSEL, Champlin. **O Novo Testamento interpretado versículo por versículo. Vol. I.** São Paulo, Editora São Paulo, 1987.

SAN JERÓNIMO, **Comentário al Evangelio de San Marcos.** Biblioteca de patrística, Madrid, Editorial Ciudad Nueva, 1995.

SCHMID J. **El Evangelio según San Marcos.** Barcelona, Herder, 1976.

SCHNACKENBURG, R. **O Evangelho Segundo Marcos.** Petrópolis, Editora Vozes, 1º. Volume, 1983, 2º. Volume em 1985.

SCHNAKEENBURG, R. **Jesus Cristo nos Quatros Evangelhos.** São Leopoldo, Unisinos, 2001. (Coleção Theologia Publica, 2).

SCHNIEEWIND, Julius. **O evangelho segundo Marcos.** São Bento do Sul, União Cristã, 1989.

SCHWEIZER, E. **Il vangelo secondo Marco.** Paideia, Brescia, 1971.

SISTI, A. **Marco.** Roma, 1975.

SOARES, S. A. G.; CORREIA JUNIOR, J. L.; OLIVA, J. R. **Marcos. Comentário Bíblico Latinoamericano.** São Paulo, Editora Santuário, 2013.

STANDAERT, Benoît. **Marcos: Vangelo di una notte, vangelo per la vita.** Commentario, Bologna: Dehoniane Bologna, 2012.

STOCK, Klemens. **Le pericopi sui dodici nel Vangelo di San Marco.** Roma. Pont. Ist. Bíblico, 1975.

STOCK, Klemens. **Il Cammino di Gesù verso Gerusalemme.** Roma, 1996.

STOCK, Klemens. **I discepoli nel vangelo di san Marco.** In CILIA L. (Org), Marco e il suo vangelo, Turim, 1997.

STOCK, Klemens. **Alcuni Aspetti della Cristologia Marciana.** Roma, 1996.

TAYLOR, Vicent. **Evangelio según san Marcos.** Madrid, Cristiandad, 1979.

TELFORD, S. R. (Org.). **The interpretation of Mark.** Edinburg, T&T Clark, 1995.

TELLO, Carlos Castro. **Lineas de fuerza en el evangelio de Marcos.** Lima, 1981.

TROCMÉ, E. **La formation de l'Évangile selon Marc.** Paris, 1963.

TUYA, M. de. **Evangelio de San Marcos.** In BAC, v. 5 Madrid, Herder, 1964.

URICCHIO, Francesco M. e STANO Gaetano, M. **Vangelo Secondo San Marco.** Roma, Marietti, 1966.

VAN CANGH, J. M. **La multiplication des pains dans l'Ev. de Marc. Essai d'exégèse globale.** Lovain, 1974.

VILLAR, Evaristo; e PEREIRA, Nancy Cardoso. **Família. As alternativas de Jesus e do Evangelho de Marcos.** São Leopoldo, RS, Cebi, 2015.

WENZEL, João Inácio. **Pedagogia de Jesus segundo Marcos.** São Paulo, Edições Loyola, 1997.

#### **4. TEMÁTICAS GERAIS SOBRE OS EVANGELHOS**

ANTHONY SAMY, J. **The Gentile Mission in the Gospel of Mark. A Redactional Critical Study of Passages with a Gentile Tendency.** Roma, 1973.

AUNEAU, J. BOBON, F. CHARPENTIER, E. GOURGUES, M. – RADERMAKERS, J. **Evangelhos Sinóticos e Atos dos Apóstolos.** São Paulo, Edições Paulinas, 1986.

BARBAGLIO, G. **Emozioni e sentimenti di Gesù.** Bologna, EDB, 2009.

BATTAGLIA, Oscar. **Introdução aos Evangelhos**. Petrópolis, Vozes, 1984.

BAUDLER, Georg. **A figura de Jesus nas parábolas: a obra narrativa da vida de Jesus – um acesso à fé**. São Paulo, Aparecida, Santuário, 1990.

BENTO XVI. **Os Apóstolos: uma introdução às origens da fé cristã**. São Paulo, Pensamento, 2008.

BENTO XVI. **Jesus de Nazaré**. São Paulo, Planeta, 2007.

BEST, E. **Disciples and discipleship**. Studies in the Gospel according to Mark, Edimburg, 1986.

BETTENCOURT, E. e LIMA, M. L. C. **Curso Bíblico Mater Ecclesiae**. Rio de Janeiro, Letra Capital, 2011.

BONHOEFFER, Dietrich. **Discipulado**. São Leopoldo, Sinodal, 2004.

BORNKAMM, G. **Estudios sobre el Nuevo Testamento**. Salamanca, Sígueme, 1983.

BRAVO, Arturo. **O estilo pedagógico do Mestre Jesus**. São Paulo, Paulinas e Paulus, 2007.

BROWN, R. E. **Introdução ao Novo Testamento**. São Paulo, Paulinas, 2004 (Coleção Bíblia e história. Série Maior).

BRUCE, F. F. **The secret gospel of Mark. Ethel M. Wood Lecture**. London, Athlone, 1974.

CERFAUX, L. **O tesouro das parábolas**. São Paulo, Paulinas, 1973.

CROSSAN, John Dominic. **Jesus: uma biografia revolucionária**. Rio de Janeiro, Editora Imago, 1995.

COMBLIN, José. **O caminho: ensaio sobre o seguimento de Jesus**. São Paulo, Paulus, 2005.

DODD, C. H. **As parábolas do reino**. São Paulo, Fonte Editorial, 2010.

EDERSHEIM, Alfred. **Usos y Costumbres de los Judios em los Tiempos de Cristo**. Terrassa, Ed. CLIE, 1990.

FABRIS, Rinaldo. **Introduzione Alla lettura dei Vangeli Sinottici e degli Atti degli Apostoli.** Roma, Instituto Superiore di Scienze Religiose all'Apollinare, 1995.

FORTE, Bruno. **Exercícios Espirituais no Vaticano, Seguindo a Ti, Luz da Vida.** Petropolis, Editora Vozes, 2005, "A caminho da cruz, Jesus, o Evangelho dos sofrimentos", páginas 58-65.

FREYNE, Sean. **A GALILEIA, Jesus e os Evangelhos.** São Paulo, Edições Loyola, 1996.

GALIZZI, M. **Um hombre que sabe escoger. Ustedes lo mataron: Evangelio según San Marcos. I e II.** Santiago de Chile, 1977.

GEOARGE, A. y GRELOT P. **Introducción crítica al Nuevo Testamento.** Barcelona, Herder, 1983.

GONZAALZ ECHEGARAY, J. **Jesús en Galilea. Aproximación desde la Arqueologia.** Estella, 1999.

GRENIER, Brian. **Jesus, o Mestre.** São Paulo, Paulus, 1998.

HARNACK A. von. **Mission et expansion du christianisme aux trois premiers siècles.** Cerf, Paris 2004.

HORSLEY, R. A. **Arqueologia, história e sociedade na GALILEIA. Contexto social de Jesus e dos Rabis.** São Paulo, Paulus, 2000.

HORSLEY, R. A. **Bandidos, profetas e messias; movimentos populares no tempo de Jesus.** São Paulo, Paulus, 1995.

JEREMIAS, Joachim. **As parábolas de Jesus.** São Paulo, Paulus, 2007.

JEREMIAS, Joachim. **Jerusalém no tempo de Jesus.** São Paulo, Paulinas, 1986.

JOSSA, G. **Gesù e i movimenti di Liberazione della Palestina.** Brescia, 1980.

LAMOUR, E. **En barque vers l'autre rive: la géographie dans l'évangile de Marc.** Méolans-Revel, Ed. Grégoriennes, 2001.

LATOURELLE, René. **Jesus existiu? História e Hermenêutica.** São Paulo, Aparecida, Editora Santuário 1989.

LÉON-DUFOUR, Xavier. **Os Evangelhos e a História de Jesus**. São Paulo, Edições Paulinas, 1972.

LOHFINK, Gerhard. **Jesus de Nazaré. O que Ele queria? Quem Ele era?** Petrópolis, Editora Vozes, 2015.

LOHSE, Eduard. **Contexto e ambiente do Novo Testamento**. São Paulo, Paulinas, 2000.

LUCIANI, Rafael. **Retornar a Jesus de Nazaré. Conhecer Deus e o ser humano através da vida de Jesus**. Petrópolis, Editora Vozes, 2017

KINGSBURY, J. D. **The Christology of Mark's Gospel**. Filadelfia, 1983.

KINGSBURY, J. D. **Conflicto en Marcos. Jesús, autoridad, discípulos**. Córdoba, El Almendro, 1991.

KUNZ, Claiton André. **Ações parabólicas: uma análise do ensino de Jesus através de suas ações**. São Leopoldo, EST, Sinodal, 2007.

MALINA, Bruce J. **O evangelho social de Jesus. O Reino de Deus em perspectiva mediterrânea**. São Paulo, Paulus, 2004

MANICARDI, E. **Il Cammino di Gesù nel Vangelo di Marcos**. Roma, 1981.

MARCONCINI, Benito, **Os Evangelhos Sinóticos: Formação. Redação. Teologia**. São Paulo. Paulinas, 2001.

MATEOS, J. & CAMACHO, F. **Jesus e a sociedade do seu tempo**. São Paulo, Paulus, 2003.

MATEOS, J. & CAMACHO, F. **Evangelio. Figuras y símbolos**. Córdoba, Ediciones El Amendro, 1989.

MATEOS, Juan. **Los “Doce” y outros seguidores de Jesús en el Evangelio de Marcos**. Madrid, Ediciones Cristianda, 1982.

MESTERS, Carlos. **Jesus Formando e Formador**. São Leopoldo, Cebi, 2012.

MONASTERIO, Rafael Aguirre e CARMONA, Antonio Rodriguez. **Evangelhos Sinóticos e Atos dos Apóstolos**. São Paulo, AM Edições, 4ª. Edição, 2006. (Introdução ao Estudo da Bíblia, 6).

MORACHO, Felix. **Como ler os Evangelhos – para entender o que Jesus fazia e dizia.** São Paulo, Paulus, 1997.

MORIN, Émile. **Jesus e as estruturas do seu tempo.** São Paulo, Paulus, 1988.

PAGOLA, José António. **Grupos de Jesus.** Petrópolis, Editora Vozes, 2016.

PESCE, Mauro. **De Jesus ao cristianismo.** São Paulo, Edições Loyola, 2017

PIKASA, Xabier. **A figura de Jesus: profeta, taumaturgo, rabino e messias.** Petrópolis, Editora Vozes, 1995.

PIXLEY, Jorge. **O reino de Deus.** São Paulo, Paulinas, 1986.

RATZINGER, Joseph, Bento XVI. **Jesus de Nazaré.** Editora Planeta do Brasil Ltda, 2007, “Os discípulos”, páginas 153-163.

RETAMALES, Santiago Silva. **Os discípulos de Jesus. Relatos e imagens de vocação e missão na Bíblia.** São Paulo, Paulinas e Paulus, 2007.

SALDARINI, A. **Fariseus, escribas e saduceus na sociedade palestinese. Uma abordagem sociológica.** São Paulo, Paulinas, 2005.

SCHAMS, C. **Jewish Scribes in the Second-Temple Period.** Sheffield, Academic Press, 1998.

SCHILLEBEECKX, E. **Jesus, a história de um vivente.** São Paulo, Paulinas, 2008.

SCHWEIZER, E. **La Comunità e il suo ordenamento nel Nuovo Testamento.** Torino, 1971.

SCHLOSSER, Jacques. **Il grupo dei dodici, Ritorno alle origini.** Torino, Edizioni San Paolo, 2013

SCHOTROFF, Louise. **As parábolas de Jesus: uma nova hermenêutica.** São Leopoldo, Sinodal, 2007.

SEGALA, G. **A cristologia do Novo Testamento.** São Paulo, Edições Loyola, 1992.

SERENTHÁ, Mario. **Jesus Cristo, ontem, hoje e sempre.** Ensaio de Cristologia, São Paulo, Salesiana, 1986.

SICRE, José Luis. **Um encontro fascinante com Jesus. Introdução aos Evangelhos. Volume I.** São Paulo, Paulinas, 1992.

THEISSEN, Gerd. **O movimento de Jesus: história social de uma revolução de valores.** São Paulo, Edições Loyola, 2008.

VAMOSH, M. F. **A vida diária no tempo de Jesus.** Braga, Franciscana, 2003.

VILLAMAN, Marcos. **Messianismo y poder en el evangelio de Marcos.** México, Centro Antonio de Montesinos, 1988.

VOIGT, Emilio. **Contexto e surgimento do Movimento de Jesus. As razões do seguimento.** São Paulo, Edições Loyola, 2014

## **5. INTRODUÇÕES GERAIS E COMENTÁRIOS DO NOVO TESTAMENTO**

BARBAGLIO, Giuseppe. **Jesus, Hebreu da GALILEIA. Pesquisa histórica.** São Paulo, Paulinas, 2011, pp. 362-407.

BAUCKHAM, Richard. **Jesus e as testemunhas oculares. Os evangelhos como testemunhos de testemunhas oculares.** São Paulo, Paulus, 2011, pgs. 125-150.

BROWN, Raymond, E. **Introdução ao Novo Testamento.** São Paulo, Paulinas, 2004.

BROWN, Raymond E.; FITZMYER, Joseph A.; MURPHY, Roland E. **Novo Comentário Bíblico São Jeronimo. Novo Testamento e artigos sistemáticos.** São Paulo, Academia Cristã e Paulus, 2011.

DEBERGÉ, P. **La Costituzione del Nuovo Testamento.** In. DEBERGÉ, P.; NIEUVIARTS, J. **Guida di Lettura del Nuovo Testamento.** Bologna, EDB, 2006.

FARMER, William R.; LEVORATTI, Armando J.; MCEVENUE, Sean e DUNGAN, David L. **Comentario Bíblico Internacional.** Estella (Navarra), Editorial Verbo Divino, 1999.

GEOARGE, Augustin e GRELOT, Pierre. **Introduzione al Nuovo Testamento. L'anuncio del Vangelo.** Roma, Borla, 1976.

HARRISON, Everett F. **Introducción al Nuevo Testamento**. Grand Rapids, SLC, 1980.

LÀCONI, M. **Come sono scritti i Vangeli Sinottici. Vangeli Sinottici e Atti degli Apostoli**. Torino, Elledici, 1999. (LOGOS – Corso di Studiu Biblici 5).

LEVORATTI, Armando J. **Comentario Bíblico Latinoamericano, Antigo Testamento, Vol, 1 e 2**. Estella (Navarra), Editorial Verbo Divino, 2005 e 2007.

LEVORATTI, Armando, J. **Comentario Bíblico Latinoamericano. Novo Testamento**. Estella (Navarra), Editorial Verbo Divino, 2003.

KÜMMEL, Werner Georg, **Introdução ao Novo Testamento**. São Paulo, Paulus, 4ª. Edição, 2009.

MATERA, Frank J. **Cristologia narrativa do Novo Testamento**. Petrópolis, Editora Vozes, 2003.

MOXNES, H. **Poner a Jesús em su lugar. Uma visión radical del grupo familiar y del reino de Dios**. Estella, 2005.

OPORTO, Santiago Guijarro, GARCIA, Miguel Salvador **et. al. Comentário ao Novo Testamento. Volume 3**. São Paulo, AM Edições, 2006.

PAGOLA, José Antônio. **Jesus, aproximação histórica**. Petrópolis, Editora Vozes, 2007.

PUIG, Armand. **Jesus: Uma biografia**. Lisboa, Paulus, 2006.

REEED, J. L. **El Jesús de Galilea. Aportaciones desde la Arqueologia**. Salamanca, 2006.

SCHILLEBEECKX, Edward. **Jesus. A história de um vivente**. São Paulo, Paulus, 2008.

SCHNACKENBURG, Rudolf. **Jesus Cristo nos Quatro Evangelhos**. São Leopoldo, Editora Unisinos, 2001.

SCHLOSSER, J. **Jesús, el profeta de Galilea**. Salamanca, 2005.

SEGALLA, Giuseppe. **A pesquisa do Jesus histórico**. São Paulo, Edições Loyola, 2013.

THEISSEN, Gerd; MERZ, Annette. **O Jesus histórico**. São Paulo, Edições Loyola, 2004.

VALDIVIESO, P. O. **Introducción a los Evangelios**, 2 ed. Bogotá, Centro Editorial Javeriano, 1995.

ZUURMOND, Rochus. **Procurais o Jesus histórico?** São Paulo, Edições Loyola, 2002.

## **6. TEOLOGIAS DO ANTIGO TESTAMENTO E DO NOVO TESTAMENTO.**

BULTMANN, R. **Teologia do Novo Testamento**. Santo André – São Paulo, Academia Cristã, 2008.

EICHRODT, Walther. **Teologia do Antigo Testamento**. São Paulo, Hagnos, 2004.

FABRIS, Rinaldo. **O Deus que chama. Itinerário vocacional na Bíblia**. São Paulo, Edições Paulinas, 1990.

FAVALE, Agostino. **Vocazione comune e vocazioni specifiche. Aspetti biblici, teologici e psico-pedagogico pastorali**. Libreria Ateneo, Salesiano, Roma, 1981.

HASEL, Gerhard. **Teologia do Antigo e Novo Testamento. Questões básicas no debate atual**. Coedição, São Paulo, Edições Loyola e Academia Cristã, 2008.

JEREMIAS, J. **Jerusalém no tempo de Jesus. Pesquisa de história econômica social no período neotestamentário**. São Paulo, Paulinas, 1983.

JEREMIAS, J. **Teologia do Novo Testamento**. São Paulo, Edições Paulinas, 1977.

GNILKA, Joachim. **Teología Del Nuevo Testamento**. Madrid, Editorial Trotta, S. A. 1998.

GOPPELT, Leonhard. **Teologia do Novo Testamento, volumes 1 e 2, Coedição**. São Leopoldo, Sinodal e Petrópolis, Vozes, 1983.

KÜMMEL, Werner Georg. **Síntese Teológica do Novo Testamento**. Coedição, São Paulo, Paulus e Editora Teológica Ltda, 2003.

MARSHALL, Howard. **Teologia do Novo Testamento: diversos testemunhos, um só evangelho**. São Paulo, Vida Nova, 2007.

MARTINI, Carlos Maria e VANHOYE, Albert. **Bíblia e vocação**. São Paulo, Edições Loyola, 1987.

MORRIS, Leon. **Teologia do Novo Testamento**. São Paulo, Vida Nova, 2003

RAD, G. von. **Teologia do Antigo Testamento, Volumes 1 e 2**, São Paulo, Aste e Targumim, 2006.

SCHNELLE, U. **Teologia do Novo Testamento**. Santo André, Academia Cristã, São Paulo, Paulusa, 2010.

## **7. ARTIGOS DE REVISTAS**

ALEGRE, X., TUÑI, L. **Los milagros en Marcos. Crítica a una religiosidad triunfalista?** Em SalTer 62, pp.443-449.

ALONSO DIAZ, J. **Historicidad del Evangelio de Marcos em la Presentación de la muerte de Jesús como muerte redentora**. In EstBib, 1962, 21 pp. 23-36.

ARTUSO, Vicente. **Autoridade de João Batista e de Jesus: para servir o Reino de Deus**. 2011, Pistis & Praxis, v. 3, n.1, pp. 43-59.

AU, W. **Discipleship in Mark**. 1973, In BibTod 67. pp. 12249-1251

BARRERA, Pablo. **Hacer un banquete en el desierto. Una arelectura de Marcos 6,30-34**. 1994, In Vida y Pensamiento, v. 14, n. 2, pp. 41-49. San José..

BARROS, Marcelo. **Jesus em conflito com os discípulos**. 2017, In Revista Estudos Bíblicos, Petrópolis, Editora Vozes, Vol. 34, N.135, Jul/Set, pp. 292-303

BARTOLOME, J. **El evangelio de Marcos: um manual de formación para seguidores de Jesus**. PHASE, 30 (1990), pp. 397-411.

BARTOLOME, J. **El discipulado de Jesus em Marcos, Motivo y Metodología de um modelo evangélico de vida Cristiana**. EstBib, 51, 1993, pp. 511-530.

DE LA POTTERIE, I. **Sectio Panum in Evangelio Marci (6,6 – 8,33)**. 1971-1972, PIB.

BERGES, U. **La lingüística pragmática como método de la exégesis bíblica**. 1993, In Revista Teológica Limense XXVIII, pp. 64-76.

BEST, E. **Discipleship in Mk 8,27 – 10,52**. 1970 In ScotJT 23, pp. 223-237.

BEST, E. **The Role of the Disciples in Mark**. 1976, in NTS 23, pp. 377-401.

BIGUZZI, G. **“Witnessing Two by Two in the Acts os the Apostles”**. In Biblica 92 (2011) pp. 1-20.

BROWN, Sch. **The Secret of the Kingdom of God**. 1973, JBL 92, pp. 60-74

BRUNI, G. **La Comunità nell’evangelo di Marco**. 1973, em Serv 7, pp. 133-136.

BUBY, BERTRAN. **A Christology of Relationship in Mark**. 1980, In BibTB 10, pp. 149-156.

CASTRO TELLO, C. **Estrutura literária y teologia del Ev. de S. Marcos**. 1976, em RTLim 10, pp. 31-47

CELADAS, B. **Problemas a cerca de la riqueza y seguimiento de Jesús em Mc 10,17-31**. 1969, em CuBib, pp. 218-22.

CERFAUX, L. **La mission apóstolique des Douze et sa portée eschatolique**. 1964, Studi e Testim 231.

CERFAUX, L. **La mission de Galilée dans la tradition synoptique**. 1952, In ETL, pp. 629-647.

CLAVIER, H. **La multiplication des pains dasn le ministère de Jésus**. 1959, In Studia Evangélica I, TU 73, pp. 441-457.

COMBLIN, José. **A cristologia do Evangelho segundo Marcos**. 1999, In Estudos Bíblicos, Petrópolis, Editora Vozes, n. 64 pp. 36-42.

COOK, Guilherme. **La familia del reino la nueva comunidade de Jesús eeu Marcos**. 1994, In Pastoralia, Guatemala, v. 5, n. 29, pg. 22-37.

CORREIA Jr., LUIZ João. **O poder de Deus em Jesus: um estudo de duas narrativas de milagres em Mc 5,21-43**. 2000, São Paulo, Paulinas.

COSTA, P. C. **A determinação cristológica do ser humano.** 2011, ATeo, 39, pp. 503-511.

CROSSAN, J. D. **A Form for Absence: the Marcan creation of Gospel.** 1978, em Semeia 12, pp. 41-56.

DA SILVA, V. **Os poderes do mal e as máscaras do diabo.** 2011, Pistis & Praxis, v. 3, n.1, pp. 121-135.

DE LA POTTERIE, I. **De compositione evangelii Marci.** 1966, em VD, pp. 135-141.

DENIS, A. M. **La section des pains selon S. Marc (6,30 – 8,26), une théologie de l'’Eucharistie’.** 1968, em Studia Evangelic IV, TU 102, pp. 171-179.

DEWEY, Joanna. **Oral method of structuring narrative in Mark.** 1989, in Interpretation, 43, pp. 32-44

DI PINTO, L. **Seguitemi, vi faró diventare pescatori di uomini (Mc 1,16-20).** 1980, em ParSpir V 2, pp. 83-104.

DIVERSOS AUTOARES. **Ele caminha à vossa frente: o seguimento de Jesus pelo Evangelho de Marcos.** 1989, In Estudos Bíblicos, número 22, Petrópolis, Editora Vozes.

DIVERSOS AUTORES. **Evangelho de Marcos: Boas-Novas para o novo milênio.** 1989, In Estudos Bíblicos, número 40, Petrópolis. Vozes.

EDWARDS, James R. **Markan sandwiches: the significance of interpolations in Markan narratives.** 1989, In Novum Testamentum, n. 31, pp. 32-44.

ESTRADA DÍAZ, J. A. **La relaciones Jesús-Pueblo-Discípulos em el Evangelio de Marcos.** 1979, em EstEcl 54, pp. 151-70.

FÉLIX, Paulo de Matos. **Títulos de Jesus no Evangelho de Marcos.** 1997, Revista de Cultura Bíblica, São Paulo, Agir, v. 21, n. 81-82, pp. 110-116.

FERNANDES, L. A. **A Palavra de Deus e a Missão Continental na vida do Sacerdote.** 2009, ATeo, XII.32, pp. 211-214

GAMBA, G. G. **Il tema dela barca-Chiesa nel vangelo di Marco.** 1977, em Ecclesia, pp. 39-86.

- GODOY, Daniel. **Roma, Palestina e a GALILEIA do século I.** 2002 In Revista de Interpretação Bíblica Latino-Americana (Ribla), Petrópolis, Editora Vozes, número 47, pp. 44-57.
- GORGULHO, Gilberto. **O caminho e o seguimento de Jesus.** 1984, In Estudos Bíblicos, Petrópolis, Editora Vozes, n. 02, pp 25-37.
- GRILLI, M. **Autore e lettore: il problema dela comunicazione nell'ambito dell'esegesi bíblica.** 1993, In Gregorianum 74, pp. 447-459.
- LEONAREDI, G. **Rapporti tra la folla, idiscepoli e i dodici nella redazione evangélica di Mc.** 1970, ParVi 15,3. pp. 191-216
- MAGGIONI, B. **Cisto e Satana nel Vangelo di Marco.** 1979, In CommStru, pp. 5-21.
- MARANGON, A. **Il lado di Tiberiade e la formulazione dela fede dei discípoli,** 1972, In ParVi 17, pp. 257-266.
- MARCUS, Joel. **Mark, 4:10-12 and Marcan Epistemology,** JBL 103/4, 1984, Pp. 557-574.
- MARTINI, C. M. **La confessione messiânica di Pietro a Cesarea e l'início del Nuvo Popolo di Dio, segundo il Vangelo di Marco.** 1980, In AnBib 93, pp. 224-231.
- MAZZAROLO, Isidoro. **Vocação ao discipulado e o sono do getsemani (Mc 3,13; 14,32-42).** 2003, In Revista Eclesiástica Brasileira – REB, Petrópolis, Editora Vozes, v. 63, número 252, pp. 829-850.
- MERLI, D. **Lo Scopo dei miracoli nell'Ev. Di Marco.** 1970, In BibOr, pp. 184-198.
- MOSCONI, Luís. **La buena noticia de Jesús segun San Marcos.** 1993, In Biblia e Vida, n. 9. México Dabar.
- NAKANOSE, Schigeyuki e MARQUES, Maria Antônia. **Jesus e seus opositores.** 2004, In Revista de Interpretação Bíblica Latino-Americana, RIBLA, Petrópolis, Editora Vozes, Número 47, pp. 93-107.
- NASCIMENTO, Ademar L. **Esquema cristológico de Marcos.** 1997, Revista de Cultura Bíblia, São Paulo, Agir, v. 21, n. 81-82, pp. 124-132.
- NEUDECKER, R. **Il rapporto maestro-discepolo nal giudaismo rabínico.** IN Dizionario di Spiritualità Bíblico-Patristica, 4, 1993, pp. 57-73.

OLIVEIRA LIMA, Anderson. **Roma e os camponeses da GALILEIA: Os motivos que proporcionaram nascimento do movimento de Jesus de Nazaré.** In Ciberteologia. Revista de Teologia & cultura, ano VI, n.32, pp. 1-13

PANIMOLLE, S. (Org.) **Apostolo Discepolo Missione.** IN Dizionario di Spiritualità Bíblico-Patristica, 4, 1993, Roma.

PENNA R. **Le prime comunità cristiane. Persone, tempi, luoghi, forme, tendenze.** Carocci, Roma 2011.

PERRIN, N. **The Christology of Mark.** 1974, In BiblEtl, pp. 471-485.

PESCE, M. **Discepolato gesuano e discepolato rabbinico: problem e prospettive della comparazione.** ANRW II 25.1 , 1982, pp. 351-389.

RABUSKE, Irineu J. **Movidos pela inveja: os adversários de Jesus e suas motivações em Mc 2,1 – 3,6.** 2006, In Estudos Teológicos, v. 46, número 1, pp.94-108

RENGSTORE, K. F. **δώδεκα.** In KITTEL, Gerhard (Org.) **Theologisches Wörterbuch zum Neuen Testament.** Stuttgart, Kohlhammer, 1979, v. 2, pp. 323-328.

RIGAUX, B. **Les douze Apôtres.** 1968, In Con. 4,34, pp. 11-18

RODRIGUES, Francisco Cornélio Freire e PEDROSA DO NASCIMENTO, Zélia C. **Ambição: o mal que ameaça a comunidade (Mc 10,35-45).** 2017, In Revista de Estudos Bíblicos, Petrópolis, Editora Vozes, Vol. 34, N. 135, Jul/Set, pp. 224- 234.

SCHLOSSER, J. **“Rigueur et intuition dans la recherche historique sur Jésus”.** in Théophilyson 13 (2008), pp.35-80.

SCHMITZ, E. D. **δώδεκα.** In COENEN, Lothar; BROWN, Colin (Org.) **Dicionário de teologia do Novo Testamento.** São Paulo, Vida Nova, 2000, pp 1414-1420.

TAYOR, J. **“Apostoli”.** in R. Penna – G. Perego – G. Ravasi (a cura di) **Temi teologici della Bibbia,** São Paulo, Cinisello Balsamo 2010, pp. 85-89.

TERRA, João Evangelista Martins. **Cristologia de Marcos e segredo messiânico.** 1985, Revista de Cultura Bíblia, São Paulo, Agir, v. 9, n. 35-36, pp. 93-113.

URICCHIO, Francesco. **La fede nel Vangelo di Marco**. 1993, In *Miscellanea Francescana*, n. 93. pp. 589-621.

VAN CANGH, J. M. **La Galilée dans l'Ev. de Marc: un lieu theologique?** 1972, In *RB* 79, pp. 59-75.

VENA, Osvaldo. **La expectativa escatológica en el Evangelio de Marcos**. 1994, In *Revista Bíblica*, n. 54. pp. 85-101.

ZABATIERO, Júlio Paulo Tavares. **Construindo a identidade messiânica de Jesus: uma leitura sócio-semiótica de Marcos 1,1 – 2,35**. 2006, In *Perspectiva Teológica*, v. 38, número 104, pp. 65-87.

WANDSCHER, Aodomar José; MALLMANN, Jonison; AUZANI, Mário Benachio, **Comparação Sinótica e Exegese de Mateus 10,1-4 e Marcos 3,13-19**. 2009 In *Revista Eletrônica Theologia*. Faculdade Palotina – PAPAS, Volume 3, número 1, pp. 1-15.

WILLIAMSON, I. Jr. **An Exposition of Mark 6,30-44**. 1976. *Interpretation* 30. pp. 169-173.

WOODRUFF, Archibald Mulford. **O Povo da terra e o movimento de Jesus – reflexão sobre a geografia de Marcos**. 1994, In *Estudos Bíblicos*, Petrópolis, Editora Vozes, N. 44, pp. 72-74.